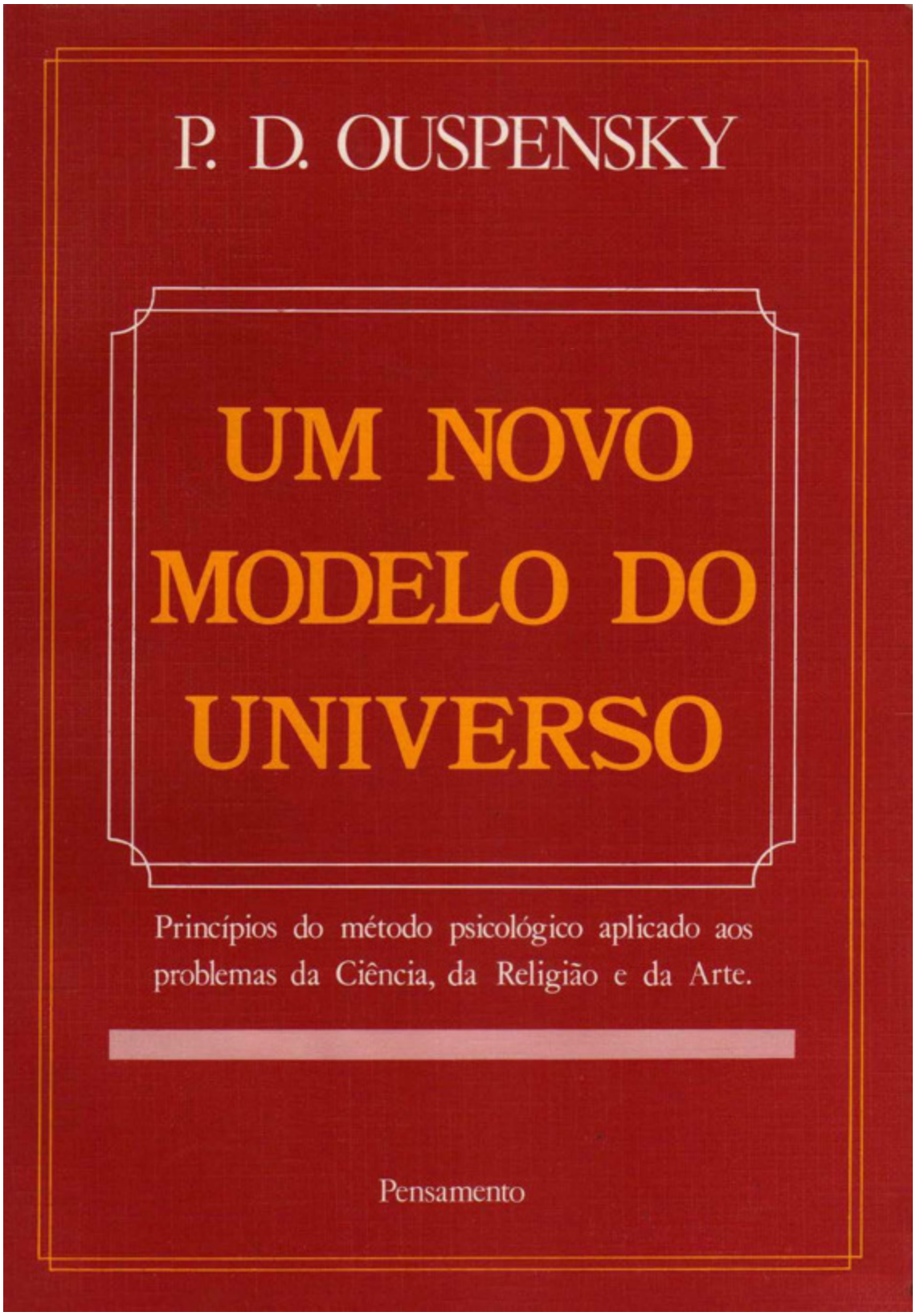
P. D. OUSPENSKY

UM NOVO MODELO DO UNIVERSO

Princípios do método psicológico aplicado aos problemas da Ciência, da Religião e da Arte.

Pensamento



ovo Modelo do Universo

UM NOVO MODELO DO UNIVERSO

P. D. Ouspensky

Em Um novo modelo do universo, P. D. Ouspensky analisa algumas das escolas
mais antigas de pensamento, tanto orientais como ocidentais, e estabelece as ligações
dessas escolas com as idéias modernas, explicando-as à luz das mais recentes
descobertas e especulações nos domínios da física e da filosofia.
O autor discorre ainda a respeito da relatividade, da quarta dimensão, da simbologia
cristã, do tarô, da ioga, dos sonhos, do hipnotismo, do eterno retorno e de várias teorias
psicológicas. O livro termina com algumas considerações sobre o problema do sexo de
um ponto de vista inteiramente novo: o do sexo em relação à evolução do homem para
super-homem.
Ouspensky mostra com clareza por que o conhecimento comum não tem solidez
suficiente para levar a efeito essa transformação do homem num novo homem, pois o
conhecimento só é conhecimento quando a parte tem relação com o todo.
As idéias contidas neste livro servem para abrir a mente do leitor e inspirá-lo a
procurar a companhia dos que se reúnem com vistas a descobrir a verdade — como fez o
próprio Ouspensky — e buscar um ensinamento oral numa escola para o
desenvolvimento humano, pois não basta ler a respeito dessas idéias e discuti-las — elas

têm de ser postas em prática, têm de ser vividas.

Editora Pensamento

ovo Modelo do Universo

P. D. Ouspensky
UM NOVO MODELO DO UNIVERSO
Princípios do método psicológico aplicado aos problemas da Ciência, da Religião e da
Arte
Tradução Daniel Camarinha

Editora Pensamento
São Paulo
ovo Modelo do Universo

Título do originai inglês: A New Model of the Universe
Copyright © by Tatiana M. Nagro
Edição

Ano
2-3-4-5-6-7-8-9-10
90-91-92-93-94-95
Direitos reservados
Editora Pensamento Ltda.
Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270 - São Paulo, SP
Impresso em nossas oficinas gráficas.
ovo Modelo do Universo

SUMARIO
Prefácio à segunda edição [1]
Nota preliminar [7]

Agradecimentos [8]
Introdução [9]

Capítulo I: O Esoterismo e o Pensamento Moderno [16]
A idéia de conhecimento oculto — Pobreza da imaginação humana — Dificuldade de
formular desejos — Um conto indiano — A lenda de Salomão — A lenda do Santo Graal
— A idéia do tesouro enterrado — Relação diferente com o Desconhecido — Extensão
dos limites do Conhecimento — Conhecimento "mágico" — O nível do conhecimento
comum — Valor cognitivo dos estados "místicos" — Identidade das experiências místicas
— Misticismo e conhecimento oculto — Circulo interno da humanidade — Analogia entre
a humanidade e o homem — Células cerebrais — A idéia de evolução no pensamento
moderno — Hipótese que se transformou em teoria — Confusão da evolução das
subespécies com a evolução das espécies — Várias significações possíveis da evolução
— Evolução e transformação — Religião dos Mistérios — O que foi dado por iniciação —
O drama de Cristo como um Mistério — A idéia do círculo interior e o pensamento
moderno — Época "pré-histórica" — "Selvagens" — Preservação do conhecimento —
Teor da idéia de esoterismo — Escolas — Cultivo artificial das civilizações — Abordagem
do círculo esotérico — Religião, filosofia, ciência e arte — Pseudocaminhos e
pseudoverdades — Níveis diferentes de homens — Civilizações sucessivas — Princípio
do barbarismo e princípio da civilização — Cultura moderna — Crescimento paralelo do

barbarismo e da cultura — Vitória do barbarismo — Posição do círculo interno -"Plano" na
Natureza — Mimetismo — "Semelhança protetora" — A antiga teoria do mimetismo —
Explicações mais recentes do mimetismo — Incongruência das teorias científicas —
"Teatralidade" — "A moda" na Natureza — O "Grande Laboratório" — Formas auto-evolutivas — A Humanidade inicial; Adão e Eva — Animais e homens — Primeiras culturas — Experiência dos erros — Organismos sociais — Plantas animais — O
indivíduo e as massas — Mito do Grande Dilúvio — A Torre de Babel — Sodoma e
Gomorra e os dez homens justos — Mitos das raças não humanas — As formigas e as
abelhas e a sua "evolução" — Causada queda das antigas raças de seres auto-evolutivos
— Realização da ordem socialista — Perda de ligação com as leis naturais —
Automatismo — Civilização das térmitas — Sacrifício da inteligência — A "Evolução" e o
dogmatismo moderno — O método psicológico.

Capítulo II: A Quarta Dimensão [59]
A idéia de conhecimento oculto — O problema do mundo invisível e o problema da
morte — O mundo invisível na religião, na filosofia, na ciência — O problema da morte e
várias interpretações dele — A idéia de quarta dimensão — Várias abordagens dela — A
nossa posição quanto ao "território da quarta dimensão" — Métodos de estudo da quarta
dimensão — Idéias de Hinton — Geometria e a quarta dimensão — Artigo de Morosoff —
Um mundo imaginário de duas dimensões - O mundo do milagre perpétuo — O fenômeno

da vida — A ciência e os fenômenos não mensuráveis — Vida e pensamento —
Percepção dos seres planos — Estágios diferentes de compreensão do mundo dos seres
ovo Modelo do Universo
planos — Hipótese da terceira dimensão — A nossa relação com o "invisível" — O mundo
do incomensurável ao nosso redor — Irrealidade dos corpos de três dimensões — A
nossa própria quarta dimensão — Deficiência da nossa percepção — Propriedades da
percepção na quarta dimensão — Fenômenos inexplicáveis do nosso mundo — O mundo
psíquico e tentativas para interpretá-lo — O pensamento e a quarta dimensão —
Expansão e contração dos corpos — O crescimento — Os fenômenos de simetria —
Diagramas de quarta dimensão na Natureza — Movimentos do centro ao longo dos raios
— As leis da simetria — Estados da matéria — A relação de tempo e espaço na matéria
— Teoria dos agentes dinâmicos — A quarta dimensão dentro de nós — A "esfera astral"
— A hipótese dos estados sutis da matéria — A transformação dos metais — A Alquimia
— A Magia — A materialização e a desmaterialização — Predominância de teorias e
ausência de fatos nas hipóteses astrais — Necessidade de uma nova compreensão do
"espaço" e do "tempo".

Capítulo III: O Super-homem [95]
Permanência da idéia do super-homem na história do pensamento — Novidade
imaginária da idéia do super-homem — O super-homem no passado — O super-homem

no presente — O super-homem e a idéia de evolução — O super-homem segundo
Nietzsche — Pode o super-homem ser um ser complicado e contraditório? — O homem
como uma forma de transição — Dualidade da alma do homem — Conflito entre passado
e futuro — Duas espécies de concepção do homem — A sociologia e o super-homem —
O homem "mediano" — O super-homem como o objetivo da história — A impossibilidade
da evolução das massas — Concepção ingênua do super-homem — Propriedades que
podem se desenvolver fora do super-homem — O super-homem e a idéia do milagroso —
A atração no sentido do misterioso — O super-homem e o conhecimento oculto — O "tipo
zoológico superior" — A suposta amoralidade do super-homem — Incompreensão da
idéia de Nietzsche — Cristo segundo Nietzsche e Renan — Nietzsche e o ocultismo — O
demonismo — O diabo de Dostoievski — Pilatos — Judas — O homem sob o controle
das influências externas — A mudança constante dos "eus" — Falta de unidade — O que
é a "vontade" — Êxtase — O mundo interior do super-homem — O caráter remoto da
idéia de super-homem — Os mistérios antigos — Iniciação gradual — A idéia de ritual na
magia — O mago que invocou um espírito mais forte do que ele mesmo — A face de
Deus — A Esfinge e o seu enigma — Diferentes ordens de idéias — Abordagem inábil
das idéias — O problema do tempo — Eternidade — O mundo das possibilidades infinitas
— Compreensão interior e exterior do super-homem — O problema do tempo e o

mecanismo psíquico — O "Homem Perfeito" de Gichtel — O super-homem como o "Eu"
superior — O conhecimento real — Compreensão externa da idéia de super-homem —
Forma correta de pensar — A lenda do Talmude acerca de Moisés.

Capítulo IV: O Cristianismo e o Novo Testamento [123]
O esoterismo nos Evangelhos — Necessidade de separar os Evangelhos dos Atos
dos Apóstolos e das Epístolas — Complexidade do conteúdo dos Evangelhos — O
caminho da sabedoria oculta — Idéia da exclusividade da salvação — História dos
Evangelhos — O elemento emocional nos Evangelhos — Psicologia das distorções dos
textos evangélicos — O abstrato que é tomado concreto — A idéia do diabo — "Afasta-te,
Satanás" em vez de "siga-me" — O "pão de cada dia" — Lenda e doutrina nos
Evangelhos — O "drama de Cristo" — Origem de certas lendas evangélicas — Cristo
como filho de Deus — Ele mentos dos mitos gregos — Elementos dos Mistérios — A idéia
de redenção — Significação do Reino do Céu — Éliphas Lévi e o Reino do Céu — O
Reino do Céu na vida — Duas linhas de pensamento — "Os que têm ouvidos de ouvir" —
Variedade de significados de passagens e palavras — Dificuldade de aproximar-se do
Reino do Céu — O "pobre em espírito" — Aqueles que são perseguidos por causa da
ovo Modelo do Universo
justiça — Inacessibilidade do esoterismo para a maioria — Diferença de valores — A

salvaguarda das idéias do esoterismo — Dificuldades do caminho — Atitude do círculo
interior para com o círculo exterior — Ajuda do círculo interior — Resultados da prédica do
esoterismo — O "apego" — Parábola do semeador — Diferença entre os discípulos e os
demais homens — Idéia das parábolas — Renan e as parábolas - Parábola do joio e do
trigo — O "grão" nos Mistérios — O "grão" e a "palha" — Parábolas curtas sobre o Reino do Céu — A idéia de escolha — O poder da vida — Os homens "ricos" — A atitude dos
homens para com o esoterismo — Parábola dos lavradores – Parábola da festa de
casamento — Parábola dos talentos — Parábola da semente que cresce secretamente —
Idéia de "colheita" — Oposição da vida ao esoterismo — O novo nascimento — O hino de
Páscoa — O "cego" e "os que podem ver" — Milagres — Idéia do milagre interior — A linha de trabalho da escola — Preparação das pessoas para o trabalho esotérico — Trabalho de "pescadores de homens" — As regras para os discípulos — "Justiça dos
fariseus" — A vigilância — Parábola das dez virgens — Mestre e discípulo — Capacidade
de guardar silêncio — Idéia da conservação da energia — A mão esquerda e a mão
direita — Parábola dos trabalhadores — Espera de recompensa — Relação de Cristo com
a Lei — Verdade exterior e interior — Observância das leis e disciplina — A não—
resistência ao mal — O Pai-Nosso — A oração de Sócrates — Origem do Pai-Nosso —
Regras sobre as relações mútuas dos discípulos — A "misericórdia" e o "sacrifício" — Os
"filhos" — "Quem é o maior" — O "próximo" — Parábola do bom Samaritano - Sobre a pseudo-religião — O

"escândalo" — Parábola do mordomo infiel — O perdão dos
pecados — A blasfêmia contra o Espírito Santo — A calúnia — O ensinamento de Cristo
não para a morte mas para a vida — Aplicação das idéias de Cristo.

Capítulo V: O Simbolismo do Tarô [169]
O baralho de cartas do Tarô - Os vinte e dois Arcanos Maiores - História do Tarô —
Conteúdo interno do Tarô — Divisão do Tarô e sua representação simbólica — O
significado do Tarô — O Tarô como sistema e sinopse das ciências "herméticas" —
Simbolismo da Alquimia, Astrologia, Cabala e Magia — Compreensão simbólica e
compreensão vulgar da Alquimia — Oswald Wirth e a linguagem dos símbolos — O nome
de Deus e os quatro princípios da Cabala — O mundo em si mesmo — Paralelismo dos
quatros princípios na Alquimia, Magia, Astrologia e Revelações — Os quatro princípios
nos Arcanos Maior e Menor do Tarô — Significação numérica e simbólica dos Arcanos
Maiores — Literatura sobre o Tarô — Defeitos gerais dos comentários sobre o Tarô —
Éliphas Lévi e o Tarô — Origem do Tarô segundo Christian — Ausência de restos dos
Arcanos Maiores do Tarô no Egito e na índia — Natureza e valor do simbolismo —
Filosofia hermética — Necessidade de uma linguagem figurada para expressar a verdade
— Disposição das cartas do Tarô em pares — Unidade na dualidade — Significação de
cada uma das vinte e duas cartas numeradas — Caráter subjeávo das descrições do Tarô

— Os Arcanos Maiores divididos em três grupos de sete — Seu significado — Outros
jogos que têm origem no Tarô — "Lenda" sobre a invenção do Tarô — A ressurreição dos
mortos — Cana 4,0 Imperador — Carta 19, O Sol — Cana 5, O Hierofante — Carta 18, A
Lua — Cartão, A Tentação — Carta 17, A Estrela-Carta 7, A Carroça-Carta 16, A Torre —
Carta 8, A Verdade — Carta 15,0 Diabo — Carta 9,0 Eremita — Carta 14, A Temperança
— Carta 10, A Roda da Vida — Carta 13, A Morte — Carta 11, A Força — Cana 12, O
Enforcado.

Capítulo VI: O que é a loga? [196]
As doutrinas secretas da índia — O que significa a palavra "loga"? — A diferença
entre ioguins e faquires — O homem segundo o ensinamento da ioga — Partes teórica e
prática da ioga — Escolas de loguins — Chelas e gurus — O que é dado peia loga —
Cinco sistemas de loga — Razões dessa divisão — Impossibilidade de definir o conteúdo
ovo Modelo do Universo
da loga — Criação de um "eu" permanente — Necessidade de afastamento temporário da
vida — O homem como material — Obtenção de uma consciência superior.
Hatha-loga — Um corpo saudável como primeiro objetivo — Equilíbrio da atividade
dos vários órgãos — Obtenção de controle sobre as várias consciências do corpo —
Necessidade de um mestre — "Asanas" — Sequência das Asanas — A superação da dor
— Diferença entre os faquires e os Hatha-ioguins.

Raja-Ioga — A superação das ilusões — A "colocação" da consciência — Quatro
estados de consciência — Capacidade de não pensar — Concentração — Meditação —
Contemplação — Liberação.
Kanna-Ioga — A mudança do destino — O êxito e o fracasso — O desapego.
Bhakti-Ioga — O loguim Ramakrishna — A unidade das religiões — O exercício
emocional — A prática religiosa no Ocidente — O perigo da clarividência — Os métodos
da "Dobrotolubiye" — "As narrações de um peregrino" — Os mosteiros do Monte Atos —
A diferença entre monasticismo e Bhakti-Ioga.
Jnana-Ioga — O significado da palavra "Jnana" — Avidya e Brahma-vidya — O
pensar correio — O estudo dos símbolos — A idéia do Dharma.
Origem comum de todos os sistemas de Ioga.

Capítulo VII: Sobre o Estudo dos Sonhos e Sobre o Hipnotismo [219]
A estranha vida dos sonhos — A "Psicanálise" — Impossibilidade de observar pelos
meios comuns — Os "estados de semi-sonho" — Os sonhos que se repetem — A sua
natureza simples — Sonhos em que se voa — Sonhos com escadas — Observações
falsas — Diferentes graus de sono — Os sonhos cerebrais — Impossibilidade de
pronunciar o próprio nome no sono — Diferentes categorias de sonhos — Personalização
— Os sonhos imitativos — O sonho de Maury - Desenvolvimento dos sonhos do fim para
o princípio — Sonhos emocionais — Sonho de Lcrmontoff — A construção de imagens

visuais — Um homem em dois aspectos — Material dos sonhos — O princípio da
"compensação" — "O princípio dos tons complementares — Possibilidade de observar os
sonhos no estado de vigília — A sensação de "isto aconteceu antes".
Hipnotismo — O hipnotismo como meio de conduzir ao estado de sugestionabilidade
máxima — O controle da consciência comum e da lógica e a impossibilidade do
desaparecimento completo delas — Fenômenos de "mediunidade" — Aplicação da
hipnose na medicina — Hipnose de massa — O "truque da corda" — Auto-hipnose —
Sugestão — Necessidade de estudar esses dois fenômenos separadamente —
Sugestionabilidade e sugestão — Como se cria a dualidade no homem — Dois tipos de
auto-sugestão — Impossibilidade de auto-sugestão voluntária.

Capítulo VIII: Misticismo Experimental [248]
Magia e misticismo — Proposições básicas — Métodos das operações mágicas —
Propósito de minhas experiências — O começo das experiências — Primeiras
observações — Sensação de dualidade — Um mundo desconhecido-Ausência de
separação — Número infinito de novas impressões — Mudança de relação entre o
subjetivo e o objetivo — O mundo de relações matemáticas complexas — Formação de
um desenho — Tentativas para expressar em palavras impressões visuais — Tentativas
de conversar durante a experiência — Sentimento de alargamento do tempo — Tentativas

de tomar notas durante as experiências — Conexão entre a respiração e as batidas do
coração — Momento da segunda transição — As "vozes" do estado de transição — Papel
da imaginação nos estados de transição — O mundo novo para além do segundo Limiar
— O infinito — O mundo mental "Arupa" — A sensação do perigo — Caráter emocional
ovo Modelo do Universo
das experiências — O número três — Outro mundo dentro do mundo habitual — Relação
de todas as coisas — As casas velhas — Um cavalo na Nevski — Tentativas para
formular — O "pensamento noutras categorias" — Entrando em contato consigo mesmo
— "Eu" e "ele" — O "cinzeiro" — "Tudo vive" — O símbolo do mundo — Os sinais móveis das coisas ou símbolos — Possibilidade de influir no destino de outro homem -
Consciência do corpo físico — Tentativas de ver à distancia — Dois casos de
fortalecimento da capacidade de percepção — Erro fundamental do nosso pensamento —
Idéias não-existentes — Idéia da tríade — Sensação comum do "eu" — Três cognições
diferentes – Interesse pessoal — Magia — Cognição baseada no cálculo — Sensações
relacionadas com a morte — O "longo corpo da vida" — Responsabilidade pelos
acontecimentos da vida de outro homem — Conexão com o passado e com outros
homens — Dois aspectos dos fenômenos do mundo — Retorno ao estado comum —
Mundo morto em lugar de mundo vivo — Resultados das experiências.

Capítulo IX: Em Busca do Milagroso [276]

Quadros:
Notre Dame de Paris — O Egito e as pirâmides — A Esfinge — O Buda com os
Olhos de Safira — A alma da imperatriz Mumtaz-i-Mahal — Os Dervixes Mevlevi.

Capítulo X: Um Novo Modelo do Universo [309]
I
A questão da forma do Universo — História da questão — Espaço geométrico e
físico — A dúvida sobre a identidade deles — A quarta coordenada do espaço físico —
Relação das ciências físicas com as matemáticas — Velha Física e nova Física — Os
princípios básicos da velha Física — O espaço considerado separado do tempo — O
princípio da unidade das leis — O princípio de Aristdteles — Quantidades indefinidas da
velha Física — O método da divisão utilizado em lugar da definição — Matéria organizada
e matéria não organizada — Elementos — Movimento molecular — Movimento Browniano
— O princípio da conservação da matéria — Relatividade do movimento — Medição das
quantidades — Unidades de medida absolutas — Lei da gravitação universal — A ação à
distancia — Éter — As hipóteses sobre a luz — Experiência de Michelson-Morley —
Velocidade da luz como velocidade limite — Conclusões de Lorentz — A teoria do
quaraum — Ponderabilidade da luz — A Ffsica-matemática — A teoria de Einstein —
Contração dos corpos em movimento — Os princípios geral e especial da relatividade —
O continuum tetradimensional — A geometria corrigida e compiementada segundo

Einstein — Relação da teoria da relatividade com a experiência — O "molusco" do Prof.
Einstein — Espaço finito — O espaço esférico bidimensional — O Prof. Eddington e o
espaço — Sobre o estudo da estrutura da energia radiante — A velha Física — A nova
Física.
II
A insuficiência das quatro coordenadas para a construção de um modelo do
Universo — Ausência de abordagens do problema a partir das matemáticas —
Artificialidade da designação das dimensões por potências — Limitação necessária do
Universo em relação com as dimensões — Tridimensionalidade do movimento — O
tempo como uma espiral — Três dimensões do tempo — Espaço hexadimensional — O
"período de seis dimensões" — Intersecção de dois triângulos ou uma estreia de seis
pontas — O sólido de tempo — "Tempo histórico" como a quarta dimensão — Quinta
dimensão — O "tecido" e a "trama" — Número limitado de possibilidades em cada
momento — O Eterno Agora — Atualização de todas as possibilidades — As linhas retas
— Limitação do universo infinito — A dimensão zero — A linha das impossibilidades — A
ovo Modelo do Universo
sétima dimensão — O movimento — Quatro espécies de movimento — Divisão das
velocidades — Percepção pelos animais da terceira dimensão — A velocidade como um
ângulo — A velocidade limite — O espaço — Heterogeneidade do espaço —

Dependência das dimensões no tamanho — Variabilidade tio espaço — Mate rialidade e
seus graus — O mundo dentro da molécula — "Atração" — Massa — Espaço celestial —
Vazio e plenitude do espaço — Marcas do movimento — Gradações na estrutura da
matéria — Impossibilidade de descrever a matéria como formada de átomos ou elétrons
— O mundo das espirais entrelaçadas — O princípio de simetria — Infinito — Infinito nas
matemáticas e na geometria — Incomensurabilidade — Diferentes significados do infinito
matemático, geométrico e físico — Função e tamanho — Transição dos fenômenos
espaciais em fenômenos temporais — Do movimento à extensão — Quantidades zero e
quantidades negativas — Extensões interatômicas — Análise do raio de luz — O eléctron
— Teoria das vibrações e teoria das emissões — Duração da existência das unidades
pequenas — Duração da existência do elétron.

Capítulo XI: O Eterno Retomo e as Leis de Manu [366]
Os enigmas do nascimento e da morte — Sua conexão com a idéia do tempo —
"Tempo" no pensamento comum — As idéias da reencamação — Transmigração das
almas — A idéia do eterno retorno — Nietzsche—A idéia da repetição entre os pitagóricos
— Jesus—O apóstolo Paulo — Orígenes — A idéia da repetição na literatura moderna —
A curva do tempo — A linha da eternidade — A figura da vida — Maneiras habituais de
compreender a vida futura — Duas formas de compreender a eternidade — Repetição da

vida — A sensação de "isto aconteceu antes" — Impossibilidade de comprovar a
recorrência — Insuficiência das teorias comuns que explicam o mundo interior do homem
— Tipos diferentes de vidas — O tipo de absoluta repetição — Os homens de byt —
Personagens históricas — Personalidades "fracas" e "fortes" — Os heróis e a multidão —
O tipo de tendência descendente — Diferentes espécies de mortes das almas — A regra
dos Mistérios — Tipo triunfador — Êxito na vida — Caminhos da evolução — Evolução e
lembrança — Compreensão diferente da idéia de reencamação — Idéia de fcarma —
Reencamação em diferentes direções da eternidade — A morte como o fim do tempo —
O Eterno Agora — Analogia de Brahma com um rio — O movimento no sentido do futuro
— O movimento ao presente — Movimento no sentido do passado — Alusões à
reencamação no Velho Testamento — Movimento no sentido do princípio do tempo — O
mal e a violência no passado — "História do Crime" — A luta com as causas do mal —
Reencamação no passado — O movimento evolutivo na corrente da vida — Dificuldade
da reencarnação no futuro — "Abertura de espaços vazios" — "Papéis" naturais e
conscientes — Impossibilidade dos papéis conscientes contraditórios — Impossibilidade
do mal consciente — Os papéis conscientes e inconscientes no "drama de Cristo" —A
multidão —O Judeu Errante — O Cristianismo como escola de preparação de atares para
o "drama de Cristo" — Formas corrompidas de Cristianismo — O Budismo como uma

escola — Existem teorias "sociais" no Esoterismo? — Divisão em castas — As Leis de
Manu — As castas e as suas funções — A passagem de uma casta interior para ama
casta superior — As leis do casamento — As castas como uma divisão natural da
sociedade — As castas na história — As épocas de cultura máxima como épocas de
divisão em castas — O que é a intelligentsia? — A crença nas teorias — O círculo vicioso
— Impossibilidade de reconstruir a sociedade a partir de baixo — "Guia cego dos cegos"
— Onde está a saída?

Capitulo XII: O Sexo e a Evolução [405]
Morte e nascimento — Nascimento e amor — A morte e o nascimento nos
ensinamentos antigos — A essência da idéia dos Mistérios — O homem como uma
semente — O novo nascimento — O significado da vida em nosso plano — A vida
ovo Modelo do Universo
"eterna" — Os objetivos da sexualidade — A enorme energia do sexo - O sexo e a
"preservação das espécies — Os caracteres sexuais secundários — "Sexo intermediário"
— A evolução do sexo em si — O sexo normal — O infra-sexo — A degeneração evidente
e a oculta — Ausência de coordenação entre o sexo e as outras funções como sinal de
degeneração-Anormalidades sexuais — A condenação do sexo — Pseudomoralidaoe —
A regra das formas patológicas — Psicologia do lupanar e a busca do sujo no sexo —
Ausência de comicidade no sexo — A pornografia como busca da comicidade no sexo —

Desperdício de energia como consequência da sexualidade anormal — Emoções
mórbidas — Fenômenos patológicos tomados como expressão de nobreza de espírito —
As características da sexualidade normal — Sentimento da inevitabilidade relacionado
com o sexo — Diferença de tipos — "O caráter estranho do amor" — Casamento e papel
do "iniciado" no casamento — Alegoria de Platão no "Simpósio" — O supra-sexo — O
infra-sexo tomado como supra-sexo — Vestígios do ensinamento sobre o sexo nas
doutrinas esotéricas —Transmutação — Transmutação e ascetismo — Budismo — O
ponto de vista cristão sobre o sexo — Passagens sobre os eunucos por amor do Reino do
Céu, sobre a mão cortada e o olho arrancado — Pontos de vista opostos aos dos budistas
e cristãos — Endocrínologia — Compreensão do papel dual do sexo na ciência moderna
— Buda e Cristo — Os trinta e dois sinais de Buda — Buda como um tipo endocrinológico — A evolução do sexo — O aspecto psicológico da abordagem do supra-sexo —
Sexo e misticismo — O sexo como fruição antecipada das sensações místicas —
Contradições da teoria da transmutação — Impossibilidade de contradição nas idéias
esotéricas — Diferentes caminhos para o supra-sexo para diferentes tipos — Insuficiência
do conhecimento científico moderno para determinar os caminhos da verdadeira evolução
— Necessidade de um novo estudo do homem.
ovo Modelo do Universo

PREFACIO À SEGUNDA EDIÇÃO

*

Um dos críticos americanos da primeira edição do Um novo modelo do universo
observa que duas idéias deste livro apresentavam para ele dificuldades especiais: a do
esoterismo e a do método psicológico.
Não se pode negar que, de modo geral, essas idéias estão muito distantes do
pensamento moderno.
Mas, como não há nenhum sentido em ler o meu livro sem ter alguma noção do
significado dessas duas idéias, tentarei mostrar aqui maneiras de abordá-las.
Ambas exigem, antes de tudo, o reconhecimento do fato de que o pensamento
humano pode funcionar em níveis muito diferentes.
A idéia do esoterismo é sobretudo a idéia de uma inteligência superior. Para ver
claramente o que isso quer dizer, devemos nos dar conta, antes de tudo, de que a nossa
inteligência comum (incluindo a dos gênios) não é a categoria mais alta da inteligência
humana. Esta pode ascender a um nível quase inconcebível para nós, e podemos ver os
resultados do trabalho de uma inteligência superior, aqueles que nos são mais acessíveis,
nos Evangelhos e, em seguida, nas Escrituras do Oriente — Upanishads, Mahabharata —
, em obras de arte, como a Grande Esfinge de Gizeh, e nas crônicas, embora eles sejam
poucos na literatura e na arte. A verdadeira avaliação do significado dessas crônicas, e de
outras similares, e a compreensão da diferença entre elas e outras, criadas pelo homem
comum ou até mesmo por um gênio, exigem experiência, conhecimento e um treinamento

especial da inteligência e do discernimento e, talvez, faculdades especiais que ninguém
possui. Seja como for, não se pode provar nada.
De modo que, o primeiro passo para compreender a idéia de esoterismo é dar-se
conta de que existe uma mente superior, isto é, uma mente humana, mas que difere da
mente comum tanto quanto, digamos, a mente de um adulto inteligente e educado difere
da mente de uma criança de seis anos. Um gênio é apenas um "Wunderkind". (1) O
homem de mente superior é dotado de um novo conhecimento, que o homem comum, por
mais inteligente e sagaz que seja, não pode ter. Este é o conhecimento esotérico.
É irrelevante se existem atualmente ou se sempre existiram pessoas de mente
superior ou se elas surgem na Terra somente a grandes intervalos. O ponto importante é
que elas existem e que podemos entrar em contato com as suas idéias e, através destas,
com o conhecimento esotérico. Essa é a essência da idéia do esoterismo.
Para compreender o que quero dizer com a expressão "método psicológico", é
necessário entender primeiramente que a mente do homem comum, a única que
conhecemos, também pode trabalhar em níveis muito diferentes e, em seguida, encontrar
a relação do "método psicológico" com o "método esotérico". [1]

1 Em alemão no original; significa menino prodígio. (N. T.)

Podemos ver diferentes níveis de pensamento na vida comum. A mente mais
comum, que chamaremos de mente lógica, é suficiente para todos os problemas simples
da vida. Podemos construir uma casa com essa mente, obter comida, saber que dois e
dois fazem quatro, que o "rio Voiga deságua no mar Cáspio" e que "os cavalos comem
aveia e feno". Assim, colocada no seu devido lugar, a mente lógica é perfeita e muito útil.
Mas, quando ela se depara com problemas grandes demais e não se detém diante deles,
mas se mete a resolvê-los, inevitavelmente fracassa, perde o contato com a realidade e
se torna, de fato, "imperfeita". A humanidade deve a essa "mente imperfeita" e a esse "método imperfeito" de observação e raciocínio todas as superstições e falsas teorias, que
começam com a idéia do "demônio com pés de pato" e terminam no marxismo e na
psicanálise.
No entanto, uma mente lógica, que conhece a sua limitação e é bastante forte para
resistir à tentação de se aventurar por problemas que estão além do seu poder e das suas
capacidades, torna-se uma "mente psicológica". O método que ela utiliza, isto é, o método
psicológico, é, antes de mais nada, um método para distinguir as diferenças entre os
níveis de pensamento e para dar-se conta do fato de que as percepções mudam de
acordo com os poderes e propriedades do aparato perceptor. A mente psicológica pode
ver as limitações da "mente lógica" e os absurdos da "mente imperfeita", pode

compreender a realidade da existência de uma mente superior e de um conhecimento
esotérico, e vê-los nas suas manifestações. Isto é impossível para uma mente apenas
lógica.
Se um homem de mente lógica ouve falar de esoterismo, quererá imediatamente
saber onde estão as pessoas que pertencem ao círculo esotérico, quem as viu, e quando
e como ele próprio as poderá encontrar. E se ouvir dizer que para ele isso não é possível,
dirá então que tudo não passa de ura contra-senso e não existe absolutamente nenhum
círculo esotérico. Logicamente ele estará completamente certo, mas psicologicamente é
claro que, com tais exigências, não irá longe nas suas relações com o esoterismo. Um
homem deve estar preparado, deve dar-se conta da limitação de sua própria mente e da
existência de outra mente melhor.
As idéias esotéricas, isto é, as que provêm de uma mente superior, tampouco dirão
muito a um homem lógico. Ele perguntará, por exemplo: onde estão as provas de que os
Evangelhos foram escritos por pessoas de mente superior?
Onde, realmente, estão as provas? Elas estão ali, por toda parte, em cada linha e
em cada palavra, mas só para os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir. Mas a
mente lógica não pode ver nem ouvir além de uma distância muito pequena ou das coisas
mais elementares.
A limitação da mente lógica a toma impotente, mesmo diante de problemas muito

simples da vida corrente, desde que ultrapassem os limites de sua escala habitual.

O homem de mente lógica que exige provas de tudo, na época atual, por exemplo,

procura a causa da crise econômica e política mundial em toda parte, exceto onde ela

efetivamente está.

E mesmo que lhe dissessem que as causas da crise estão no governo soviético

russo e no reconhecimento e sustentação desse governo por outros governos, ele jamais

o compreenderia. Está acostumado a pensar de um certo modo e é incapaz de pensar

diferentemente. Para ele, os bolchevistas são um "partido político" como outro qualquer e

o Governo Soviético é um "governo" como qualquer outro. Ele é incapaz de ver que este é

um fenômeno novo, diferente de tudo o que viu antes. [2]

Onde estão as provas disso? perguntaria ele.

E jamais perceberá que isso não necessita de prova alguma. Exatamente do mesmo

modo que não haverá nenhuma necessidade de provas para o inevitável aparecimento da

peste na sua casa, quando há peste na casa defronte, contra a qual não tenha sido

tomada de imediato nenhuma providência. Mas um homem de mente lógica não pode ver

que a Rússia Soviética é uma casa empestada. Prefere acreditar na "maior experiência

social da história" ou na "evolução do bolchevismo" ou nos "bolchevistas abrindo mão da

propaganda"; como se a peste pudesse "abrir mão" da propagação e fosse possível fazer

negociações, tratados e "pactos" com ela. Nesse caso específico, é claro, o homem de

mente lógica erra quase conscientemente, porque não pode resistir à tentação de tirar
vantagem da oportunidade de extrair um lucro da casa empestada. O resultado inevitável
é que a peste aparece na sua casa. Contudo, mesmo quando ela surge, ele ainda não
quer compreender de onde ela vem e exige "provas".
Mas as "provas" nem sempre são, de forma alguma, necessárias para se aceitar ou
negar uma dada proposição. Há "provas psicológicas" que têm muito mais significação do
que os fatos, porque estes podem enganar e as provas psicológicas não. Mas devemos
ser capazes de reconhecê-las.
A expressão "método psicológico" deriva de "provas psicológicas". Com base
nestas, é possível ver as falhas do pensamento lógico em áreas inacessíveis a ele ou em
questões demasiado grandes para ele, e, de uma forma exatamente igual, é muitas vezes
possível perceber a direção em que estão as soluções prováveis para problemas que
parecem ser insolúveis ou que dão mostras disso. Não quer dizer, porém, que, com o
auxílio do método psicológico, sempre será possível encontrar soluções para problemas
difíceis ou grandes demais para a mente lógica. As soluções verdadeiras só podem vir de
uma mente superior que possua um conhecimento superior, isto é, do esoterismo. É esta
a diferença entre o método psicológico e o método esotérico.
Tentemos imaginar os quatro métodos de observação e raciocínio em relação ao
cômodo onde estou escrevendo estas coisas. O método defeituoso baseia-se numa

olhadela do cômodo feita através do buraco da fechadura ou de uma estreita fenda; sua principal característica é a certeza de que o que se vê através do buraco ou da fenda representa tudo o que há no cômodo e que não há nem pode haver nada mais nele, salvo o que é visível dessa maneira. Em virtude de certa imaginação e de uma tendência à superstição, o método defeituoso pode transformar um cômodo comum em algo muito estranho ou prodigioso.

O método lógico é baseado numa olhadela do cômodo realizada de um ponto, um ângulo definido, e geralmente sem iluminação suficiente. Uma confiança excessiva nele e a defesa desse ângulo de visão tomam o método lógico deficiente.

Comparado aos dois primeiros, o método psicológico seria uma visão do cômodo à luz do dia, percorrendo-o em várias direções, conhecendo os objetos que existem nele, e assim por diante. É bem evidente que, dessa maneira, é possível aprender mais sobre o cômodo do que pelo método lógico e encontrar muitos equívocos e conclusões erradas do método defeituoso.

O método esotérico de abordagem do estudo do cômodo abrangeria não só todo o cômodo, com tudo o que encerra, mas toda a casa, todas as pessoas dentro dela, com todas as suas relações e ocupações; e, posteriormente, a posição da casa na rua, desta na cidade, desta no país, deste na Terra, desta no sistema solar, *etc.* O método [3] todo esotérico não é limitado por coisa alguma, e relaciona sempre cada coisa, por mais

insignificante que seja, com o todo.

Exemplos de pensamento "psicológico", "lógico" e "defeituoso" abundam à nossa volta. Ocasionalmente, nos deparamos, na ciência, com o método psicológico. Na própria

Psicologia, o "método psicológico" leva, de maneira inevitável, ao reconhecimento do fato

de que a consciência humana é simplesmente um exemplo particular da consciência e de

que existe uma inteligência muitas vezes superior à inteligência do homem comum. E só

ovo Modelo do Universo

uma psicologia que parte dessa proposição e a tem como seu fundamento pode ser

chamada científica. Noutras esferas de conhecimento, o pensamento psicológico está na

raiz de todas as descobertas autênticas, mss este não dura muito tempo. Quero dizer

que, assim que as idéias encontradas e estabelecidas pelo método psicológico se tomam

propriedade de todos e começam a ser consideradas permanentes e aceitas, tomam-se

lógicas e, na sua aplicação a fenômenos de maior porte, defeituosas. Darwin, por

exemplo; suas descobertas e idéias foram produto de um pensamento psicológico de

qualidade muito elevada. Mas seus seguidores as tornaram lógicas e, mais tarde, elas se

tornaram indubitavelmente defeituosas, porque se plantaram no caminho do livre

desenvolvimento do pensamento.

É exatamente isso que o Dr. Stockmann, de Ibsen, quer dizer ao falar das verdades

que envelhecem.

"Há verdades", diz ele, "que alcançaram uma idade tal, que realmente sobreviveram

a si mesmas. E, quando se tornam velhas assim, estão a caminho de se transformar em
mentira... Sim, é verdade, acredite ou não em mim, mas as verdades não vivem tanto
quanto Matusalém, como imaginam as pessoas. Uma verdade normalmente elaborada
vive, em regra, digamos, de quinze a dezesseis anos; no melhor dos casos, vinte,
raramente mais do que isso. Mas essas verdades que envelhecem se tornam murchas e
rijas. E a maioria das pessoas, criadas, antes de tudo, por elas, posteriormente as
recomendam à humanidade como um alimento espiritual sadio. Podemos, no entanto,
assegurar que não há nenhum valor nutritivo nesse alimento. Posso falar disso como um
médico. Todas as verdades pertencentes à maioria são como toucinho velho e rançoso,
ou presunto cru estragado, e deles deriva todo o escorbuto moral que grassa na vida das
pessoas que nos cercam".
Não se pode expressar melhor a idéia da degenerescência das verdades aceitai. As
verdades que envelhecem tomam-se decrépitas e duvidosas. Podem às vezes ser
utilizadas artificialmente, mas não têm vida. Isso explica por que, quando as pessoas
ficam desapontadas com as novas idéias, o retorno às velhas não ajuda muito. As idéias
podem ser velhas demais.
Noutros casos, porém, as idéias velhas podem ser mais psicológicas do que as
novas. As novas idéias podem ser lógicas demais e, por isso, defeituosas.
Podemos ver, em várias reformas "intelectuais" dos velhos hábitos e costumes,

muitos exemplos curiosos do conflito entre o pensamento psicológico e o lógico, que se
toma então necessariamente defeituoso. Considerem, por exemplo, as reformas dos
pesos e medidas. Estes foram criados através dos séculos e diferem de país para país;
parecem, à primeira vista, ter adquirido uma ou outra forma por acaso e serem
demasiadamente complicados. Mas, na realidade, baseiam-se sempre num princípio
definido. Em cada classe separada de coisas ou materiais a medir, usa-se um divisor (ou
multiplicador) diferente, às vezes muito complexo, como no sistema inglês de pesos — 16
onças por libra, 14 libras por stone para pesos comparativamente pequenos, e, para os
maiores, 28 libras por um quarto, 112 libras por quintal, 20 quintais [4] por tonelada; ou, por
exemplo, um simples multiplicador, como 8, na medida russa para grãos, que nunca se
repete em relação a qualquer outra coisa. Trata-se de um autêntico método psicológico
criado pela vida e pela experiência, porque, graças a coeficientes diferentes em situações
diversas, uma pessoa, fazendo cálculos mentais envolvendo a medição de materiais
diferentes, não pode confundir objetos de denominações diferentes ou as medidas de
países diferentes (se tiver de lidar com medidas de outras nações), porque cada categoria
de multiplicador lhe indica por si mesma o que está sendo medido e com que medida.
Quem não gosta desses antigos e complicados sistemas são os professores primários
que, como sabemos bem, são as pessoas mais lógicas do mundo. Os pesos e medidas

diferentes parecem a eles desnecessariamente confusos.

Em 1793, a Convenção Nacional decidiu substituir as medidas francesas existentes

por uma medida "natural". Após longas e complexas atividades e pesquisas científicas,

reconheceu-se essa medida — que foi chamada metro — como sendo a décima

milionésima porção da quarta parte do meridiano terrestre.

Não existe prova direta disto, mas estou certo de que a idéia de uma medida

"natural" e o sistema métrico nasceram da cabeça dos professores de aritmética, porque

é muitíssimo mais fácil dividir e multiplicar tudo por dez, tendo abolido todos os outros

divisores e multiplicadores. Todavia, para todas as necessidades da vida quotidiana, o

sistema métrico de pesos e medidas é muito menos prático do que os antigos sistemas, e

debilita, num grau considerável, a capacidade humana de efetuar cálculos mentais

simples, fato muito observado em países que adotaram o sistema métrico. Todos os que

estiveram alguma vez na Franca se recordam do lápis e do papel dos lojistas, no qual

muitas vezes se escrevia

, mas pouquíssimos sabem que esta é uma das conquistas

da Grande Revolução Francesa.

Ocorre exatamente a mesma coisa, nas tentativas de modificar a antiga ortografia.

Todas as grafias devem, sem dúvida, se adaptar às novas exigências, digamos, uma vez

em cada cem anos, e isso se dá por si mesmo, de modo natural. Mas as reformas violentas e a introdução da chamada ortografia "fonética" (apenas chamada, porque a ortografia fonética autêntica é impossível em qualquer língua) transtorna geralmente o rumo total do desenvolvimento normal de uma língua e, em pouco tempo, as pessoas começam a escrever de maneiras diferentes e, em seguida, a pronunciar de modos diversos, isto é, a adaptar a pronúncia à nova ortografia. Este é o resultado da aplicação do método lógico a um problema que vai além dos limites da sua ação possível. E a razão disso é muito evidente: o processo de ler e escrever não é um processo de ler e escrever letras. É um processo de ler e escrever palavras e sentenças. Conseqúentemente, quanto mais as palavras diferem na sua forma e aparência, tanto mais fácil é o processo de ler e escrever, e quanto mais se assemelham uma a outra (como é inevitável na ortografia "fonética"), tanto mais lento e difícil é o processo de ler e escrever. É bem possível que seja mais fácil ensinar a ortografia "fonética" do que a normal, mas, para o resto da sua vida, o homem que foi ensinado desse modo fica com um instrumento muito insatisfatório para conhecer as idéias dos outros e expressar as suas.

É justamente isto o que está acontecendo hoje na Rússia. Pouco antes da revolução, uma comissão de professores (nesse caso, não há dúvida alguma quanto a isso), sob a presidência do reitor da Universidade de Moscou, foi formada para investigar

os meios de reformar a ortografia. Essa comissão elaborou uma "nova ortografia" [5] muito
absurda, absolutamente incompatível com a língua russa, violando todos os princípios de
gramática e contrariando todas as leis do desenvolvimento natural da língua. Tal
"ortografia" jamais teria sido aceita, se a Academia e os círculos literários tivessem tido
tempo para expressar a sua opinião sobre ela, isto é, se não tivesse ocorrido a revolução
justamente nessa ocasião. Mas, assumindo o poder, os boichevistas instituíram essa
nova "ortografia". E, sob a sua influência, a língua imediatamente começou a se deteriorar
e a perder a sua força e clareza. Se a ortografia "fonética" tivesse sido introduzida nos
países que falam o inglês, essa língua teria muito rapidamente desaparecido e vinte ou
trinta variedades de inglês corrompido teriam ocupado o seu lugar.

Outro exemplo interessante do método lógico em oposição ao psicológico, exemplo
aceito hoje de forma quase geral em vários países, é a co-educação de meninos e
meninas. Logicamente, a co-educação se afigura inteiramente correta, mas, do ponto de
vista psicológico, é completamente errada, porque, por esse sistema, tanto os meninos
quanto as meninas perdem igualmente os seus traços característicos, especialmente os
que deveriam ser desenvolvidos neles, e adquirem outras características que nunca
deveriam ter. E, além disso, ambos aprendem a mentir infinitamente mais do que
poderiam fazê-lo mesmo nas melhores escolas do estilo antigo.

ovo Modelo do Universo

Vejamos outros exemplos. Que coisa poderia ser mais lógica do que a Santa

Inquisição, com as suas torturas e queima de hereges: ou o bolchevismo, que começa por

destruir escolas, universidades e institutos técnicos, cortando as verbas destinadas à

preparação dos especialistas necessários à nova industrialização tão apregoada? Se isso

não é assim, por que então os bolchevisias precisam de engenheiros estrangeiros? Nesse

aspecto, a Rússia, durante um largo período, viveu à base dos seus próprios recursos. E,

além disso, o que pode ser mais lógico e, ao mesmo tempo, mais infrutífero do que todas

as possíveis proibições, como a experiência americana de proibir as bebidas alcoólicas?

E o que pode ser mais fácil? Qualquer louco, tendo o poder nas mãos, pode encontrar

algo que proibir e, dessa forma, revelar a sua vigilância e boas intenções. Tudo isso é o

resultado do método lógico. O perigo deste método, em todas as esferas possíveis da

vida, reside no fato de que, à primeira vista, é o método mais fácil e eficaz.

O método psicológico é muito mais difícil e, ademais, muitas vezes muito

decepcionante, porque, servindo-se dele, percebemos que não compreendemos nada e

não sabemos o que fazer. Ao passo que, com o método lógico, sempre compreendemos

tudo e sempre sabemos o que fazer.

1934

[6]

ovo Modelo do Universo

NOTA PRELIMINAR

*

Aquilo que o autor encontrou, no curso das viagens que menciona na. Introdução e,

posteriormente, sobretudo no período de 1915 a 1919, será descrito noutro livro. (2) Este

foi iniciado e concluído praticamente antes de 1914. Mas tudo, mesmo o que já foi

publicado em separado (The Fourth Dimension — A quarta dimensão, Superman — O

super-homem, The Symbolism of the Tarot — O simbolismo do Tarô e What is Yoga? - O

que é Yoga?) foi, desde então, revisto e mais estreitamente correlacionado. O autor só

pôde acrescentar muito pouco ao Capítulo X ("Um novo modelo do universo"), apesar de

tudo o que apareceu, nos últimos anos, no domínio da "nova física". Neste livro, o capítulo

começa com um esboço geral do desenvolvimento das novas idéias em Física, que

constitui a sua primeira parte. Esse esboço não visa, naturalmente, o objetivo

independente de familiarizar os leitores com todas as teorias existentes e com a literatura

sobre os assuntos referidos. Da mesma maneira, nos outros capítulos em que teve que se

reportar à literatura relacionada com as questões que aborda, o autor nunca teve a

intenção de esgotá-la completamente, nem de indicar as suas correntes mais importantes,

nem os principais trabalhos ou as idéias mais recentes. Tudo que pretendeu, nesses

casos, foi apresentar exemplos de uma ou outra tendência do pensamento.

A ordem dos capítulos da presente obra nem sempre corresponde à ordem em que

foram escritos originariamente, porque muitas coisas foram redigidas simultaneamente e
servem de explicação recíproca. Cada capítulo, no entanto, traz o ano em que foi iniciado
e o em que foi revisto ou terminado.
Londres, 1930
[7]

2 Fragmentos de um ensinamento desconhecido, Ed. Pensamento, São Paulo, 1982.
ovo Modelo do Universo

AGRADECIMENTOS

Os Editores se sentem na obrigação de agradecer às seguintes editoras pela
autorização que deram para citações que integram o presente trabalho:
. The Cambridge University Press, pela permissão de utilizar trechos do livro do Prof.
A. S. Eddington, Space, Time and Gravitation (Espaço, tempo e gravitação);
. Allen & Unwin, Ltd. pelos trechos da sua tradução de The Life ofthe White Ant (A
vida da formiga branca), de Maeterlinck;
. The Oxford University Press por um trecho de Alexis Tolstoi publicado em The
Oxford Book of Russian Verse, e pela permissão de utilizar o seu texto para a
citação de Rossetti e Methuen & Co. Ltd. pelas citações extraídas da tradução do
livro Relativity (A relatividade), do Dr. Einstein.
[8]
ovo Modelo do Universo

INTRODUÇÃO

*

Há momentos na vida, separados por longos intervalos de tempo, mas ligados pelo
seu conteúdo interior e por determinada sensação singular que lhes é peculiar. Alguns
desses momentos sempre me vêm à mente juntos e sinto então que foram eles que
determinaram o rumo fundamental da minha vida.
O ano é 1890 ou 1891. Uma turma notuma de preparação no Segundo "Ginásio" (3)
de Moscou. Uma sala de aula grande, iluminada por lâmpadas de querosene de largas
pantalhas. Armários amarelos ao longo das paredes. Alunos internos com blusas de
holanda, manchadas de tinta, encurvados sobre as carteiras. Alguns imersos em suas
lições, outros lendo, por baixo das carteiras, um romance proibido de Dumas ou Gaboriau,
outros ainda sussurrando para o vizinho. Mas, exteriormente, todos eles se assemelham.
Sentado à sua mesa, o professor da matéria, um alemão alto e esguio, o "Gigante
Pernalonga", com seu uniforme — uma casaca azul com botões dourados. Por uma porta
aberta, vê-se outra turma de preparação na sala contígua.
Sou um aluno do segundo ou terceiro ano. Mas, em vez da gramática latina de
Zeifert, composta inteiramente de exceções, que vejo às vezes ainda em meus sonhos,
ou dos Problemas, de Evtushevski, com o camponês que vai à cidade vender feno e a
cisterna que é abastecida por três canos, tenho à minha frente a Física de Malinin e
Bourenin. Pedi emprestado esse livro a um dos colegas mais antigos e estou lendo voraz

e entusiasticamente, dominado ora pelo encantamento, ora pelo terror, diante dos
mistérios que se desvelam diante de mim. Todas as paredes ao meu redor se
desmoronam, e horizontes infinitamente longínquos e incrivelmente belos se revelam. É
como se fios antes desconhecidos e insuspeitados começassem a se estender e a
entrelaçar as coisas. Pela primeira vez na minha vida, o meu mundo emerge do caos.
Tudo se relaciona, formando um todo ordenado e harmonioso. Eu compreendo, encadeio
séries de fenômenos que eram desconexos e pareciam nada ter em comum. Mas o que é
que estou lendo?
É o capítulo sobre alavancas. E, imediatamente, toda uma porção de coisas simples
que eu conhecia como independentes e nada tendo em comum se ligou e uniu num
grande todo. Uma vara metida debaixo de uma pedra, um canivete, uma pá, uma
gangorra, todas essas coisas são uma e a mesma coisa, são todas "alavancas". Nessa
idéia há algo ao mesmo tempo terrível e sedutor. Como é que eu não sabia disso? Por
que ninguém me falou disso? Por que me fizeram aprender milhares de coisas inúteis e
não me falaram "disso"? Tudo o que estou descobrindo é tão maravilhoso e miraculoso
que cada vez fico mais extasiado, dominado por um certo pressentimento de que outras
revelações me aguardam. É como se sentisse já a unidade de todas as coisas e fosse
subjugado por essa sensação. [9]
Não posso mais guardar para mim todas as emoções que me excitam. Quero tratar

de partilhá-las com o meu vizinho de carteira, grande amigo meu, com quem tenho muitas
vezes conversas cheias de ansiedade. Num sussurro, começo a contar-lhe as minhas
descobertas. Sinto, entretanto, que as minhas palavras não lhe dizem nada e que não
posso exprimir o que sinto. O meu amigo me escuta distraidamente, ouvindo sem dúvida
apenas a metade do que digo. Percebo isso e fico ofendido; quero parar de lhe falar. Mas
o alemão grandalhão, da mesa do professor, já percebeu que estamos "conversando" e
que estou mostrando ao meu colega alguma coisa por baixo da carteira. Precipita-se
sobre nós e, no momento seguinte, a minha querida Física está nas suas estúpidas mãos

3 Os "Ginásios" são escolas "clássicas" do governo, com sete séries, isto é, classes, para alunos de dez a dezoito anos.

indiferentes.
"Quem lhe deu este livro? Você não pode, de forma alguma, compreender nada do
que está nele. E estou certo de que não preparou as suas lições." A minha Física está na
mesa do professor.
Ouço ao meu redor sussurros irónicos. Comenta-se que Ouspenski lê Física. Mas
não me importo. Terei a minha Física de novo amanhã e o alemão comprido é feito de
alavancas grandes e pequenas! Passam-se os anos.
Estamos em 1906 ou 1907. O departamento editorial do diário A Manhã, de Moscou.
Acabei de receber os jornais estrangeiros e tenho que escrever um artigo sobre a próxima

Conferência de Haia. Jornais franceses, alemães, ingleses e italianos. Frases e mais
frases, de simpatia, de crítica, irônicas, retumbantes, pomposas, cheias de mentiras e,
pior que tudo, totalmente automáticas; frases que foram usadas milhares de vezes e que
o serão de novo em ocasiões completamente diferentes, talvez contraditórias. Devo
passar em revista todas essas palavras e opiniões, aparentando levá-las a sério e, em
seguida, com igual seriedade, escrever algo por minha própria conta e risco. Mas o que
posso dizer? Tudo é tão tedioso. Diplomatas e todos os tipos de estadistas se reunirão e
discutirão, os jornais aprovarão ou não, se mostrarão simpáticos ou não. Tudo voltará a
ser então como era ou ainda ficará pior.

Ainda é cedo, digo para mim mesmo; talvez algo me venha mais tarde à cabeça.

Pondo os jornais à parte, abro uma gaveta da minha escrivaninha, abarrotada de livros
com títulos estranhos: Mundo oculto, A vida depois da morte, A Atlântida e a Lemúria,
Dogma e ritual da alta magia, (4) O templo de Satã, As narrativas de um peregrino e outros
mais. Esses livros e eu temos sido companheiros inseparáveis durante todo um mês, e o
mundo das Conferências de Haia e os editoriais a respeito se tornam cada vez mais
obscuros, estranhos e irreais para mim.

Abro ao acaso um dos livros, sentindo que o meu artigo não será escrito naquele
dia. Ora! Que vá para o inferno! Se houver um artigo a menos sobre a Conferência de
Haia, a humanidade não perderá grande coisa.

Toda essa conversa sobre a paz universal não passa de sonhos de Maniloff de
construir uma ponte sobre o lago. (5) Nada poderá resultar disso, porque, antes de mais
nada, os que começam essas conferências e os que irão discutir sobre a paz cedo ou
tarde darão início a uma guerra. As guerras não começam por si mesmas, nem são as
"pessoas" que as iniciam, por mais que sejam acusadas disso. São justamente esses
homens, com as suas boas intenções, que constituem o obstáculo para a paz. Mas será
[10] possível esperar que compreendam alguma vez isso? Terá alguém alguma vez
compreendido a sua própria inutilidade?
Ocorrem-me muitos pensamentos negativos sobre a Conferência de Haia, mas me
dou conta de que nenhum deles é publicável. A idéia dessa conferência vem de esferas
muito elevadas; portanto, se se vai escrever sobre ela, deve-se ser simpático,
especialmente porque mesmo os nossos jornais que geralmente são mais desconfiados e
críticos de tudo que vem do governo só desaprovam a atitude da Alemanha em relação à
Conferência. O editor não deixaria passar, portanto, o que eu pudesse escrever, se
dissesse tudo que penso. E se, por algum milagre, o fizesse, nunca o leriam. O jornal será
apreendido nas ruas pela polícia e tanto o editor como eu teríamos que fazer uma viagem
muito longa. Tal perspectiva não me atrai de nenhum modo. De que serve tentar
desmascarar mentiras, se as pessoas gostam delas e vivem nelas? Isso é coisa delas.

Mas eu estou cansado de mentir. Há mentiras suficientes sem as minhas.

Mas aqui, nestes livros, há um estranho gosto de verdade. Sinto-o com especial

4 Publicados pela Editora Pensamento, São Paulo.

5 Maniloff, um sentimental proprietário de terras do romance Almas mortas, de Gogol.

força agora, porque, durante muito tempo, me mantive dentro dos limites artificiais do

"materialismo", negando-me todos os sonhos sobre as coisas que não podiam ser

admitidas dentro desses limites. Estivera vivendo num mundo ressecado e estéril, com

um número infinito de tabus impostos ao meu pensamento. E, subitamente, esses livros

estranhos puseram abaixo todas as paredes que me cercavam e me fizeram pensar e

sonhar em coisas sobre as quais, por muito tempo, tivera medo de pensar e sonhar. De

repente, comecei a encontrar um sentido desconhecido nos velhos contos de fadas;

bosques, rios, montanhas se tornaram seres vivos; uma vida misteriosa encheu a noite;

com novos interesses e novas esperanças, comecei a sonhar novamente com viagens

longínquas e me lembrei de muitas coisas extraordinárias que tinha ouvido sobre antigos

mosteiros. Idéias e sentimentos que há muito tinham deixado de me interessar

começaram subitamente a adquirir significado e interesse. Um profundo sentido e muitas

alegorias sutis surgiram do que parecia ontem apenas uma fantasia popular ingênua ou

superstição grosseira. E o maior mistério e maior milagre foi que se tornou possível o
pensamento de que a morte pode não existir, de que os que partiram podem não se ter
desvanecido inteiramente, mas existir em algum lugar e de alguma forma, e de que talvez
eu possa vê-los de novo. Acostumei-me de tal modo a pensar "cientificamente", que tenho
medo só de pensar que possa haver algo mais por trás da camada exterior da vida. Sinto—
me como um homem condenado à morte, cujos companheiros foram enforcados e que já
se resignou com a idéia de que o mesmo destino o espera; e, de repente, vê que os seus
companheiros estão vivos, que escaparam e que há esperança também para ele. E ele
tem medo de acreditar nisso, porque seria tão terrível se fosse falso e não restaria mais
do que a prisão e a espera da execução.
Sim, sei que todos esses livros sobre a "vida depois da morte" são muito ingênuos.
Mas levam a alguma parte; há algo por detrás deles, alguma coisa de que me aproximara
antes; mas, na ocasião, me causara medo e fugi dela para o deserto vazio e árido do
"materialismo". A "Quarta Dimensão"!
Esta é a realidade que faz tempo senti vagamente, mas que me escapou então.
Agora vejo o meu caminho, vejo o meu trabalho e aonde pode me levar.
A Conferência de Haia, os jornais, tudo está tão longe de mim! Por que as pessoas
não compreendem que são apenas sombras, apenas imagens de si mesmas, e que a
vida inteira é somente uma sombra, uma imagem de uma outra vida? Passam-se os anos.

[11]

Livros, livros, livros. Leio, acho, perco, volto a achar e torno a perder. Finalmente, um certo todo toma forma em minha mente. Vejo a linha ininterrupta do pensamento e do saber que passa de um século a outro, de uma época a outra, de um país a outro, de uma raça a outra, uma linha profundamente escondida sob as camadas das religiões e filosofias, que são, de fato, apenas distorções e deturpações das idéias que pertencem a essa linha. Vejo uma extensa literatura cheia de significação, que eu desconhecia inteiramente até então, mas que, como agora se tomou claro para mim, alimenta a filosofia que conhecemos, ainda que raramente seja mencionada nos manuais de história da filosofia. Espanto-me agora por não ter sabido disso antes, por haver tão poucos que mal tenham ouvido falar disso. Quem sabe, por exemplo, que um baralho de cartas contém um sistema filosófico profundo e harmonioso? Isso está tão completamente esquecido, que parece quase novo.

Decido escrever, falar de tudo o que descobri e, ao mesmo tempo, vejo que é perfeitamente possível fazer concordar as idéias desse pensamento oculto com os dados do conhecimento exato, e me dou conta de que a "quarta dimensão" é a ponte que pode ser estendida entre o velho e o novo conhecimento. E verifico e encontro idéias da quarta dimensão nos símbolos antigos, nas cartas do Tarô, nas imagens dos deuses indianos, nos ramos de uma árvore e nas linhas do corpo humano.

Reúno material, seleciono citações, preparo resumos, com a idéia de mostrar a
ovo Modelo do Universo
peculiar ligação interna que agora vejo entre métodos de pensamento que geralmente
parecem separados e independentes. Mas, no decorrer desse trabalho, quando tudo está
pronto e toma forma, começo a sentir subitamente um calafrio de dúvida e o cansaço se
apoderando de mim. Bem, um livro a mais será escrito, mas, mesmo agora, quando estou
apenas começando a escrevê-lo, sei como terminará. Sei o limite além do qual é
impossível ir. O trabalho pára. Não posso me obrigar a escrever sobre as possibilidades
ilimitadas do conhecimento, quando eu próprio já vi o limite. Os velhos métodos não
servem para nada, são necessários outros. As pessoas que pensam poder alcançar
alguma coisa por seus próprios esforços são tão cegas quanto as que ignoram
completamente as possibilidades do novo conhecimento.
Deixo de escrever o livro.
Passam-se meses e me absorvo inteiramente em estranhas experiências que me
levam muito além dos limites do conhecimento e do possível.
Assustadoras e fascinantes sensações. Tudo adquire vida! Não há nada morto ou
inanimado. Sinto as batidas da pulsação da vida. "Vejo" o Infinito. Depois, tudo
desaparece. Mas, todas as vezes, digo depois a mim mesmo que isto foi e, portanto,
existem coisas que são diferentes das coisas comuns. O que fica, no entanto, é tão

pouco; lembro-me de maneira tão vaga do que experimentei; posso apenas me recordar
de uma parte infinitesimal do que se passou. Não posso controlar nada, dirigir nada.
Algumas vezes isto "vem", outras não. Por vezes, só vem o horror, outras, uma luz que
cega. Às vezes, resta pouco na memória, outras, não sobra nada. Às vezes, muita coisa é
compreendida, abrem-se novos horizontes, mas só por um instante. E esses instantes
são tão breves, que nunca posso estar certo de ter visto algo ou não. A luz se acende e
se apaga antes que eu tenha tempo de dizer a mim mesmo o que vi. E todo dia, a cada
momento, torna-se mais difícil acender essa luz. Muitas vezes parece que a primeira
experiência me deu tudo, que depois não houve nada a não ser uma repetição das
mesmas coisas na minha consciência, apenas um reflexo. Sei que isso não é verdade e
que recebo, a cada vez, alguma coisa nova. Mas é difícil livrar-me dessa idéia. E cresce a
sensação de impotência que sinto diante da parede por trás da qual posso olhar por [12]
um momento, mas nunca o bastante para me dar conta do que vejo. Outras experiências
apenas acentuam a minha incapacidade de apreender o mistério. O pensamento não
capta, não transmite o que às vezes é claramente sentido. O pensamento é lento demais,
tem alcance demasiadamente limitado. Não existem palavras nem maneiras de expressar
o que se vê e conhece nesses momentos. E é impossível fixá-los, retê-los, prolongá-los,
torná-los mais obedientes à vontade. Não há qualquer possibilidade de lembrar o que foi

encontrado e compreendido e depois repeti-lo para si mesmo. Desaparece como os

sonhos desaparecem. Talvez tudo não passe de um sonho.

Contudo, ao mesmo tempo, isso não é assim. Sei que não se trata de um sonho.

Nessas experiências há um sabor de realidade que não se pode imitar e sobre o qual não

nos podemos equivocar. Sei que tudo isso está ali. Convenci-me disso. A unidade existe.

E já sei que é infinita, ordenada, animada e consciente. Mas como ligar "o que está em

cima" ao "que está embaixo"?

Sinto que é necessário um método. Há algo que devemos conhecer antes de

começar as experiências. E cada vez com mais frequência começo a pensar que esse

método só pode ser dado por aquelas escolas orientais de ioguins e sufis sobre os quais

lemos e ouvimos falar, se tais escolas existem e podem ser penetradas. O meu

pensamento se concentra nisso. A questão das escolas e de um método adquire uma

significação predominante para mim, embora ainda não esteja clara e se ligue a uma

porção de fantasias e idéias baseadas em teorias muito duvidosas. Uma coisa, no

entanto, percebo com clareza: que sozinho, por mim mesmo, não posso fazer nada.

Decido iniciar uma longa viagem, com a idéia de procurar essas escolas ou as

pessoas que possam me indicar o caminho para chegar a elas.

ovo Modelo do Universo

1912

*

*

O meu caminho apontava na direção do Oriente. As viagens que fiz antes me haviam convencido de que ainda havia muito no Oriente que fazia muito tempo deixara de existir na Europa. Ao mesmo tempo, não estava de modo algum certo de que encontraria precisamente o que queria encontrar. E, acima de tudo, não podia dizer com certeza "o que" exatamente devia buscar. A questão das "escolas" (falo, é claro, das escolas "esotéricas" ou "ocultas") abrangia muita coisa que ainda não estava clara. Não punha em dúvida a existência delas, mas não podia dizer se era necessário admitir a existência física das escolas na Terra. Algumas vezes me parecia que as escolas verdadeiras só poderiam existir num outro piano e que só podíamos estabelecer contato com elas em estados especiais de consciência, sem uma mudança concreta de lugar ou condições.

Nesse caso, a minha viagem se tornava inútil. Entretanto, parecia-me que deveria haver métodos tradicionais de entrar em contato com o esoterismo, ainda preservados no Oriente.

A questão das escolas coincidia com a questão da sucessão esotérica. Parecia-me, às vezes, possível admitir uma sucessão histórica ininterrupta. Outras vezes me parecia que só era possível uma sucessão "mística", isto é, que a linha de sucessão se rompe na Terra, sai do nosso campo de visão. Restam apenas vestígios dela: obras de arte, crônicas literárias, mitos, religiões. Então, talvez só depois de um longo intervalo de

tempo, as mesmas causas que uma vez deram origem ao pensamento esotérico
começam a agir uma vez mais, e de novo começa o processo de "recolher
conhecimentos", [13] criam-se "escolas" e o ensinamento antigo emerge da sua forma
oculta. Isso significa que, durante o período intermediário, não poderia haver escolas
plena e corretamente organizadas, mas apenas escolas imitativas ou escolas que
preservam a letra da antiga lei, petrificada em formas fixas.

Esse fato, no entanto, não me fez desistir. Eu estava preparado para aceitar o que
os fatos que esperava encontrar me mostrassem.

Havia ainda outra questão que me ocupava antes da minha viagem e durante a sua
primeira parte.

Poderia e deveria alguém tentar fazer algo, aqui e agora, com um conhecimento
nitidamente insuficiente dos métodos, caminhos e resultados possíveis?

Ao fazer essa pergunta, tinha em mente vários métodos de respiração, dieta, jejum,
exercícios de atenção e imaginação e, acima de tudo, de domínio de si mesmo em
momentos de passividade ou lassidão.

Em resposta a essa pergunta, as minhas vozes interiores estavam divididas:

"Não importa o que se faca, o que é preciso é fazer algo", dizia uma voz; "mas não
se deve sentar e ficar esperando que algo venha por si mesmo".

"Tudo está justamente em não fazer nada", dizia outra voz, "até que se conheça com

certeza e de modo definitivo o que deve ser feito para alcançar uma meta definida. Se
alguém começar a fazer algo sem saber exatamente o que é necessário e para que fim,
esse conhecimento nunca chegará. O resultado será o 'trabalho sobre si mesmo' de que
falam os vários livros 'ocultos' e 'teosóficos', isto é, um simulacro".
Ouvindo essas duas vozes dentro de mim, eu não podia decidir qual celas estava
certa.
Deveria tentar ou esperar? Eu compreendia que, em muitos casos, era inútil tentar.
ovo Modelo do Universo
Como pode alguém tentar pintar um quadro? Como se pode tentar ler chinês? Deve-se
primeiro estudar e ter conhecimentos, isto é, ser capaz de fazé-lo. Dei-me conta, ao
mesmo tempo, de que nesses últimos argumentos havia muito desejo de fugir das
dificuldades ou, pelo menos, de adiá-las. No entanto, o receio de fazer tentativas
amadorísticas de "trabalho sobre si mesmo" prevaleceu sobre o restante. Disse para mim
mesmo que, na direção que eu queria ir, era impossível caminhar às cegas, que devemos
ver ou saber para onde estamos indo. Além do mais, nem sequer pretendia mudanças em
mim. Ia em busca de algo e, se no meio desse processo de busca, eu próprio começasse
a mudar, ficaria talvez satisfeito com algo completamente diferente do que queria buscar.
Parecia-me então que é justamente isso que acontece muitas vezes às pessoas no
caminho da busca do "oculto". Principiam tentando vários métodos em si mesmas e

depositam tanta esperança, fazem tanto trabalho e aplicam tanto esforço nessas
tentativas, que, no fim das contas, recebem os resultados subjetivos de seus esforços
como consequência da sua busca. Eu queria evitar isso a qualquer preço.
Mas uma meta completamente diferente e quase inesperada em minha viagem
começou a se esboçar desde os primeiros meses.
Em quase todos os lugares a que chegava, e mesmo durante a viagem, encontrei
pessoas que estavam interessadas nas mesmas idéias que eu, que falavam a mesma
língua que eu, pessoas entre as quais e eu havia instantaneamente uma compreensão
inteiramente singular. Até onde levaria essa compreensão especial eu era incapaz de
dizer naquela época, mas nas condições e com a bagagem de idéias que eu tinha então,
até mesmo tal compreensão parecia quase miraculosa. Algumas dessas pessoas se
conheciam mutuamente, outras não. E senti que estava estabelecendo um vínculo entre
elas, estendendo, por assim dizer, um fio que, de acordo com o plano original [14] da
minha viagem, daria a volta ao mundo. Havia algo que me atraía e que estava cheio de
significação nesses encontros. A cada nova pessoa que encontrava, eu falava das outras
que encontrara antes, e as vezes sabia de antemão quem eu haveria de conhecer depois.
São Petersburgo, Londres, Paris, Gênova, Cairo, Colombo, Galle, Madrasta,
Benares, Calcutá, estavam ligadas por fios invisíveis de esperanças e expectativas

comuns. E quanto mais gente eu encontrava, mais esse lado da viagem me atraía. Era
como se brotasse disso uma sociedade secreta, sem nome, forma ou leis convencionais,
mas estreitamente ligada pela comunidade das idéias e da língua. Muitas vezes pensei no
que eu próprio tinha escrito no Tertium Organum sobre os elementos de uma "nova raça".
Parecia-me que não tinha estado longe da verdade e que há realmente em pleno
andamento a formação, se não de uma nova raça, pelo menos de alguma categoria nova
de homens, para a qual existem valores diferentes dos das outras pessoas.
Em relação com esses pensamentos, voltei novamente à necessidade de pôr em
ordem e de estruturar de modo sistemático o que, dentro da totalidade do nosso
conhecimento, leva a "novos fatos". Decidi que, depois do meu regresso, retomaria o
trabalho interrompido do meu livro, mas com novas metas e novas intenções.
Comecei, ao mesmo tempo, a fazer certas conexões na índia e no Ceilão, e me
pareceu que, em pouco tempo, poderia dizer que havia encontrado fatos concretos.
Mas chegou uma luminosa manhã ensolarada, na qual, regressando da índia, estava
no convés do vapor que vai de Madrasta, contornando o Ceilão pelo sul. Era a terceira
vez que me aproximava do Ceilão, nesse período, cada vez de uma direção diferente. A
praia rasa com colinas azuis ao longe mostrava simultaneamente o que nunca se poderia
ver estando lá. Através de meu binóculo pude ver o trenzinho de brinquedo a caminho do

Sul e, ao mesmo tempo, várias estações de brinquedo, que pareciam estar quase uma ao
lado da outra. Eu sabia até os seus nomes: Kollupitiya, Bambalapitiya. Weilawatta e
outras.
A aproximação de Colombo me comovia. Ia saber ali: primeiro, se encontraria
ovo Modelo do Universo
novamente o homem que conhecera antes da última viagem à índia e se ele repetiria a
proposta que me fizera para encontrar certos ioguins, e, em segundo lugar, aonde iria
depois: deveria voltar para a Rússia ou seguiria para Burma, Sião, Japão e América.
Mas não esperava o que. na realidade, encontrei.
A primeira palavra que ouvi ao desembarcar foi: Guerra.

Começaram então os dias estranhos e confusos. Todas as coisas foram lançadas na
confusão. Mas eu já sentia que a minha busca, num certo sentido, estava terminada e
compreendi então por que sentira o tempo todo que era necessário me apressar. Um
novo ciclo estava começando. Era ainda impossível dizer como ele seria e a que levaria.
Só uma coisa estava clara desde o início: o que foi possível ontem tornou-se impossível
hoje. Toda a lama estava se levantando desde a base da vida. Todas as cartas se
misturavam. Todos os fios estavam cortados.
Só restava o que eu estabelecera para num mesmo. Ninguém podia tirar isso de
mim. E só isso poderia me levar adiante.
1914-1930

Capítulo l - O Esoterismo e o Pensamento Moderno

*

A idéia de um conhecimento que ultrapassa todo o conhecimento humano comum e que é inacessível às pessoas comuns, mas que existe em algum lugar e pertence a alguém, permeia toda a história do pensamento da humanidade desde as épocas mais remotas. E, de acordo com determinados vestígios do passado, um conhecimento completamente diferente do nosso formava a essência e o conteúdo do pensamento humano nessas épocas em que, segundo outras opiniões, o homem diferia muito pouco, ou não diferia em absoluto, dos animais.

O "conhecimento oculto" é, por isso, chamado algumas vezes "conhecimento antigo". Mas isto, é claro, não explica nada. Deve-se notar, no entanto, que todas as religiões, mitos, crenças, lendas heróicas populares de todos os povos e países se baseiam no reconhecimento da existência, alguma vez e em algum lugar, de um conhecimento muito superior ao que possuíamos ou podemos possuir. E, num grau considerável, o conteúdo de todas as religiões e mitos consiste em formas simbólicas, que representam tentativas de transmitir a idéia desse conhecimento oculto.

Por outro lado, nada demonstra tão claramente a fraqueza do pensamento ou da imaginação humanos como as idéias existentes a respeito do conteúdo do conhecimento oculto. A palavra, o conceito, a idéia, a expectativa, existem, mas não há formas

concretas definidas de percepção ligadas a esta idéia. E mesmo esta, com muita
frequência, tem que ser desencavada com grande dificuldade do fundo de montanhas de
mentiras, intencionais ou não, do engano e auto-engano e das ingênuas tentativas de
apresentar em formas inteligíveis, tiradas da vida comum, o que, pela sua própria
natureza, não pode ter semelhança alguma com elas.
O trabalho de encontrar vestígios do conhecimento antigo ou oculto, ou até mesmo
indícios da sua existência, se assemelha ao trabalho dos arqueólogos que buscam restos
de uma esquecida civilização antiga e os encontram enterrados debaixo de várias
camadas de cemitérios deixados por povos que desde então viveram nesse lugar,
possivelmente separados por milhares de anos e ignorando a existência uns dos outros.
No entanto, cada vez que um investigador se depara com as tentativas de
expressar, de uma forma ou outra, o conteúdo do conhecimento oculto, vê
invariavelmente a mesma coisa, a saber, a impressionante pobreza da imaginação
humana diante dessa idéia.
A humanidade, diante da idéia do conhecimento oculto, nos faz pensar naquelas
pessoas dos contos de fadas a quem uma fada, uma deusa ou um mago prometem dar o
que quiserem, com a condição de que digam exatameme o que querem. E geralmente
nesses contos as pessoas não sabem o que pedir. Em alguns casos, a fada ou [16] o mago
se propõem atender até três pedidos, mas mesmo isso não adianta. Em todos os contos

de fadas de todas as épocas e povos, os homens se sentem irremediavelmente perdidos,
quando enfrentam a pergunta sobre o que querem e o que gostariam de ter. São
absolutamente incapazes de definir e formular os seus desejos. Num determinado
momento, lembram-se apenas de algum pequeno desejo sem importância, ou expressam
vários desejos contraditórios, que se anulam mutuamente, ou, então, como no conto "O
Pescador e o Peixe", (6) são incapazes de se manter dentro dos limites das coisas
possíveis e, desejando sempre mais, acabam tentando subjugar forças superiores, sem
se dar conta da pobreza de seus próprios poderes e capacidades. E assim caem

6 Um conto em versos de Pushkin, muito popular na Rússia e baseado numa antiga história de fadas.

novamente, de novo perdem tudo que tinham adquirido, porque eles mesmos não sabem
claramente o que querem.
Numa forma jocosa, essa idéia da dificuldade de formular desejos e do raro êxito dos
homens nisso é descrita numa história indiana:

"Um mendigo, que nascera cego e levava uma vida solitária sustentada pela
caridade dos seus vizinhos, acossava longa e incessantemente certa divindade com as
suas súplicas. Finalmente, esta se comoveu com a sua contínua devoção, mas com
receio de que o adorador não se satisfizesse com facilidade, cuidou de obrigá-lo por
juramento a pedir não mais do que uma só graça.

"Isso deixou o mendigo perplexo por um longo tempo, mas a sua inventividade
profissional veio, afinal, em seu socorro.
'Apresso-me em obedecer a ordem, generoso Senhor', disse ele, 'e esta Única
dádiva é tudo que peço de tuas mãos, a saber, que eu viva para ver o neto do meu neto
brincando num palácio de sete andares, atendido por um séquito de servidores na hora da
sua refeição de leite e arroz, servida numa taça de ouro.' E concluiu expressando a sua
esperança de não ter excedido o limite de um só desejo a ele concedido.
"A divindade viu que fora completamente surpreendida, porque, embora una em sua
forma, a graça pedida abarcava as múltiplas dádivas da saúde, riqueza, vida longa,
restauração da visão, casamento e descendência. Pela muita admiração que sentiu pela
astúcia e perfeito tato de seu adorador, se não em cumprimento da palavra empenhada, a
divindade se viu obrigada a conceder-lhe tudo que havia pedido." (7)

Na lenda de Salomão (I Reis, 35-15), encontramos uma explicação desses contos,
uma explicação do que os homens podem receber só por saberem o que querem.

"Em Gabaon, o Senhor apareceu a Salomão num sonho à noite, dizendo: 'Pede-me
o que queres que te dê.' E Salomão lhe respondeu (...) mas eu sou um menino
pequenino, c que não sei por onde hei de sair, nem por onde hei de entrar. E o teu servo
se acha no meio de um povo...

"Tu, pois, darás a teu servo um coração dócil, para poder julgar o teu povo, e
discernir entre o bem e o mal! [...]
"Agradou, pois, ao Senhor, esta oração, por ter Salomão pedido uma tal coisa. E o
Senhor disse a Salomão: Pois que esta foi a petição que me fizeste, e não pediste para ti
nem muitos dias, nem riquezas, nem a morte dos teus inimigos, mas pediste para ti a
sabedoria [...]
"Eis, pois, te fiz o que me pediste, e te dei um coração tão cheio de sabedoria e de
inteligência, que nenhum antes de ti te foi semelhante, nem se levantará tal depois de ti.
Mas eu te dei também o que tu não me pediste, a saber, riquezas, e glória [...] e
prolongarei os teus dias." (8) [17]
A idéia do conhecimento oculto e da possibilidade de encontrá-lo após uma longa e
árdua busca é o conteúdo da lenda do Santo Graal.
O Santo Graal, a taça da qual Cristo bebeu (ou a travessa de que Cristo comeu) na
Última Ceia e na qual José de Arimatéia recolheu o sangue de Cristo foi levada, segundo
uma lenda medieval, para a Inglaterra. Aos que o viam, o Santo Graal proporcionava

7 184 Indian Tales, publicados por G. A. Natesan and Co. (Madrasta. 1920), pág. 134.
8 Segundo a tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. (N.T.)
ovo Modelo do Universo
imortalidade e etema juventude. Mas tinha de ser guardado só por pessoas perfeitamente
puras de coração. Se alguém que não fosse bastante puro se aproximasse dele, o Graal

desaparecia. Daí surgiu a lenda da busca do Santo Graal por cavaleiros castos. Somente
os três cavaleiros do Rei Arthur conseguiram ver o Graal.
Muitas histórias e mitos, como a do Velocino de Ouro, a do Pássaro de Fogo (do
folclore russo), a da Lâmpada de Aladim e os relacionados com riquezas e tesouros
escondidos, guardados por dragões e outros monstros, servem para expressar a relação
do homem com. o conhecimento oculto.
A "Pedra Filosofal" dos alquimistas simboliza também o conhecimento oculto.
Todas as idéias sobre a vida se dividem, nessa questão, em duas categorias. Há
concepções do mundo que se baseiam inteiramente na idéia de que vivemos numa casa
na qual existe um segredo, um tesouro enterrado, um depósito oculto de coisas preciosas,
que alguém pode encontrar alguma vez e que, de fato, foi ocasionalmente encontrado. E,
então, desse ponto de vista, toda a finalidade da vida e o seu significado consistem na
busca desse tesouro, porque, sem ele, o restante não tem nenhum valor. E há outras
teorias e sistemas nos quais não há nenhum "tesouro a encontrar"; para eles tudo é
igualmente visível e claro ou tudo é igualmente invisível e obscuro.
Se, nos nossos dias, as teorias da segunda espécie, isto é, as que negam a
possibilidade do conhecimento oculto, se tornaram predominantes, não nos devemos
esquecer de que isso ocorreu só muito recentemente e apenas numa pequena, embora
muito ruidosa, pane da humanidade. A grande maioria das pessoas ainda acredita em

"contos de fadas" e crê que há momentos em que estes se tornam realidade.

Mas é uma infelicidade para o homem que, nos momentos em que algo novo e

desconhecido se toma possível, ele não saiba o que quer e a oportunidade que surge de

repente desaparece também de modo repentino.

O homem tem consciência de que está cercado pelo muro do Desconhecido e, ao

mesmo tempo, acredita que pode atravessar esse muro e que outros o atravessaram;

mas não pode imaginar, ou imagina muito vagamente, o que pode haver por trás desse

muro. Não sabe o que gostaria de encontrar lá ou o que significa possuir conhecimento.

Nem mesmo lhe ocorre que um homem pode estar em diferentes relações com o

Desconhecido.

O Desconhecido não é conhecido. Mas o Desconhecido pode ser de tipos diferentes,

exatamente como ocorre na vida corrente. Um homem pode não ter um conhecimento

preciso de uma determinada coisa, mas pode pensar e fazer juízos e suposições a

respeito dela, pode conjecturar e anteve-la com tal grau de correção e exatidão, que as

suas ações e expectativas em relação ao que é desconhecido, num caso específico,

podem ser quase corretas. Exatamente da mesma forma, em relação ao Grande

Desconhecido, um homem pode estar em relações diferentes com ele; ele pode fazer

suposições mais ou menos corretas a respeito dele ou pode não fazer nenhuma

suposição ou pode até esquecer-se inteiramente da própria existência do Desconhecido.

Nesses últimos casos, quando ele não faz suposições ou se esquece da existência do
Desconhecido, então, o que era possível noutros casos, isto é, a [18] coincidência acidental
das conjecturas ou especulações com a realidade desconhecida, se toma impossível.
Nessa incapacidade do homem de imaginar o que existe para lá do muro do
conhecido e do possível reside a sua principal tragédia, e nesta, como já se disse, está a
razão por que tantas coisas permanecem ocultas para ele e por que há tantas perguntas
para as quais nunca encontra resposta.

Na história do pensamento humano, há muitas tentativas para definir os limites do
conhecimento possível. Não existem, no entanto, tentativas interessantes para conceber
ovo Modelo do Universo
qual a extensão desses limites e aonde ela nos leva.
Tal afirmação pode parecer um paradoxo intencional. As pessoas apregoam em
altos brados e com muita frequência as possibilidades ilimitadas de conhecimento, os
imensos horizontes que se abrem diante da ciência, etc., mas, na realidade, todas essas
"possibilidades ilimitadas" estão limitadas pelos cinco sentidos — visão, audição, olfato,
tato e paladar — além da capacidade de raciocinar e comparar —, além dos quais um
homem nunca pode ir.
Não levamos na devida conta ou esquecemos essa circunstância, e isso explica por
que ficamos sem saber o que fazer quando queremos definir "conhecimento comum",

"conhecimento possível" e "conhecimento oculto", ou as diferenças entre eles.

Em todos os mitos e contos de fadas de todos os tempos, encontramos a idéia de

"magia", "feitiçaria" e "bruxaria", que, à medida que nos aproximamos de nossa própria época, assumem a forma de "espiritismo", "ocultismo" e outras mais. Entretanto, mesmo

as pessoas que acreditam nessas palavras compreendem de maneira muito imperfeita o

que elas realmente querem dizer e em que sentido o conhecimento de um "mago" ou

"ocultista" difere do conhecimento de um homem comum; por isso, todas as tentativas de

criar uma teoria do conhecimento mágico terminam fracassando. O resultado é sempre

algo indefinido, mas, embora impossível, não fantástico, porque o "mago" geralmente se

apresenta como um homem comum dotado de algumas faculdades exageradas num

sentido. E a exageração de qualquer coisa sobre linhas já bem-conhecidas não pode criar

nada fantástico.

Ainda que o conhecimento "miraculoso" seja um caminho para o conhecimento do

Desconhecido, as pessoas não sabem como abordar o milagroso. Nisso encontram um

grande obstáculo na interferência da literatura "pseudo-ocultista'', que muitas vezes se

empenha em abolir as divisões acima mencionadas e em provar a unidade do

conhecimento científico e do "oculto". Assim, em tal literatura, frequentemente

encontramos afirmações de que o conhecimento "mágico" nada mais é do que o

conhecimento que se antecipa ao seu tempo. Por exemplo, diz-se que alguns monges

medievais podem ter tido algum conhecimento da eletricidade. Para o tempo deles isso
era "magia". Para nós, deixou de sê-lo. E o que pode parecer mágico para nós deixaria de
sê-lo para as gerações futuras.
Essa afirmação é inteiramente arbitrária, e, destruindo as necessárias divisões, nos
impede de encontrar e estabelecer uma atitude correta em relação aos fatos. O
conhecimento oculto ou mágico é um conhecimento baseado em percepções que
ultrapassam os cinco sentidos e numa capacidade de pensar que vai além do
pensamento comum, mas é um conhecimento traduzido na linguagem lógica comum, se
isso for possível ou na medida em que possa ser. [19]
Falando do conhecimento comum, é necessário repetir uma vez mais que, embora o
conteúdo do conhecimento não seja constante, isto é, embora mude e cresça, sempre
cresce dentro de limites definidos e estritos. Todos os métodos científicos, todos os
aparelhos, todos os instrumentos e utensílios, nada mais são do que um aprimoramento e
ampliação dos "cinco sentidos", enquanto as matemáticas e todos os cálculos possíveis
não passam de uma ampliação da capacidade comum de comparação, raciocínio e
obtenção de conclusões. Mas, ao mesmo tempo, algumas construções matemáticas vão
tão além dos domínios do conhecimento comum, que perdem o contato com ele. As
matemáticas encontram tais relações de grandezas ou relações de relações que não
encontram equivalentes no mundo físico que observamos. Mas somos incapazes de fazer

uso desses conhecimentos matemáticos porque, em todos os nossos raciocínios e
observações, estamos presos aos "cinco sentidos" e as leis da lógica. Em cada período
histórico, o conhecimento humano, quer dizer, o conhecimento "comum" ou o
conhecimento "conhecido" e "aceito", abarcou um ciclo definido de observações e as
deduções tiradas a partir delas. Com o passar do tempo, esse ciclo cresceu, mas, se se
ovo Modelo do Universo
pode dizer assim, permaneceu sempre no mesmo plano. Nunca se elevou acima dele.
Acreditando na possibilidade e existência do "conhecimento oculto", as pessoas
sempre lhe atribuíram novas propriedades, sempre o consideraram ultrapassando o plano
do conhecimento comum e indo além dos limites dos "cinco sentidos". É esse o
verdadeiro significado do "conhecimento oculto", do conhecimento mágico, milagroso, *etc.*
Se subtrairmos do conhecimento oculto a idéia de que ele transcende os cinco sentidos,
ele perderá toda a significação e importância.
Se, levando tudo isso em conta, fizermos um estudo da história do pensamento
humano em sua relação com o Milagroso, poderemos encontrar material para determinar
o possível conteúdo do Desconhecido. Isso deveria ser possível, porque, a despeito de
toda a pobreza da sua imaginação e variedade de suas tentativas, a humanidade tem
acertado em algumas coisas.
Tal resumo das aspirações da humanidade em penetrar no domínio do

incompreensível e do misterioso é especialmente interessante nos nossos dias, quando o
estudo psicológico do homem reconheceu a realidade dos estados de consciência que,
por muito tempo, foram tidos como patológicos, e admitiu seu valor cognitivo, quer dizer, o
fato de que, nesses estados de consciência, o homem é capaz de conhecer o que não
pode conhecer nos estados comuns. Mas esse estudo parou num certo ponto e não foi
adiante.
Reconheceu-se que, permanecendo no terreno científico, é impossível considerar o
estado comum de consciência, no qual podemos pensar logicamente, como o único
possível e o mais claro. Ao contrário, tinha-se estabelecido que, noutros estados de
consciência, que são raros e foram muito pouco estudados, podemos aprender e
compreender o que não podemos compreender no nosso estado comum de consciência.
Isso, por seu turno, serviu para estabelecer o fato de que o estado "comum" de
consciência é apenas um aspecto particular da consciência, e que a nossa concepção
"comum" do mundo é apenas um aspecto particular da concepção do mundo.
O estudo desses estados incomuns, raros e excepcionais do homem estabeleceu,
além disso, uma certa unidade, uma certa concatenação e sucessão, e uma "logicidade''
inteiramente ilógica no conteúdo dos chamados estados "místicos" de consciência. [20]
Nesse ponto, no entanto, o estudo dos "estados místicos de consciência" chegaram
a um limite e nunca mais progrediram.

É muito difícil definir um estado místico de consciência mediante a terminologia
psicológica corrente. Julgando pelas manifestações exteriores, esse estado tem muito em
comum com os estados sonambulísticos e psicopatológicos. Não há nada novo em torno
do estabelecimento do valor cognitivo dos estados "místicos" de consciência. Esse fato só
é novo para a "ciência". A realidade e o valor dos estados místicos de consciência foram e
são reconhecidos por todas as religiões que existiram ou existem, sem exceção. De
acordo com a definição dos teólogos da Igreja Ortodoxa, os estados místicos de
consciência não podem descobrir ou acrescentar novos dogmas, mas descobrem e
explicam o conteúdo dos dogmas que já são conhecidos por revelação. É evidente, a
partir disso, que os estados místicos de consciência não se opõem à revelação
fundamental, mas são, por assim dizer, considerados fenômenos da mesma natureza,
mas de menor poder. Podem explicar os dogmas dados por revelação, mas não podem
acrescentar novos dogmas. Infelizmente, as interpretações teológicas sempre se mantêm
dentro dos limites dos dogmas e das regras canónicas de uma religião específica; não
podem transpor esses limites em virtude da sua própria natureza.
Quanto à ciência, já disse que mostrou pouco interesse pelo misticismo, relegando-o
à esfera da patologia ou, na melhor das hipóteses, à esfera da imaginação.
A palavra "misticismo" é empregada com sentidos muito diferentes, por exemplo, no

ovo Modelo do Universo
sentido de um certo tipo de teoria ou ensinamento. De acordo com uma interpretação
muito generalizada de dicionário, a palavra "misticismo" abrange todos os ensinamentos e
crenças relacionados com a vida de além-túmulo, com a alma, os espíritos, as forças
ocultas do homem, a Divindade, que não entram nos ensinamentos religiosos comuns e
reconhecidos.
Mas o uso dessa palavra em tal sentido é completamente errado, visto que o seu
significado fundamental é, desse modo, destruído. Conseqiientemente, neste livro, a
palavra "misticismo" será usada daqui em diante somente no seu significado psicológico,
isto é, no sentido de estados especiais de consciência, e idéias e concepções do mundo
diretamente resultantes deles. E, se for mencionada com outra significação, isto é, no
sentido de determinadas teorias, esse fato será especialmente assinalado.
Um exame do que se conhece do misticismo e dos estados místicos de consciência
é de grande interesse em relação com a idéia do conhecimento oculto. Se não seguirmos
nem o ponto de vista religioso nem o científico, mas tentarmos comparar as descrições
das experiências místicas de pessoas de raças totalmente diferentes, de épocas e
religiões diferentes, encontraremos uma semelhança surpreendente entre elas,
semelhança que não pode, de modo algum, ser explicada pela similaridade da
preparação ou das formas de pensar e sentir. Nos estados místicos, pessoas totalmente

diferentes, em condições completamente diversas, aprendem uma só e mesma coisa e, o
que é mais surpreendente, nos estados místicos não existe nenhuma diferença de
religiões. Todas as experiências são absolutamente idênticas; a diferença pode residir
somente na linguagem e na forma da descrição. No misticismo de diferentes países e
povos, as mesmas imagens, as mesmas descobertas, invariavelmente se repetem. Em
verdade, pode haver suficiente material dessa espécie para construir uma nova religião
sintética. As religiões, no entanto, não são construídas pela razão. [21] As experiências
místicas são inteligíveis apenas nos estados místicos. Tudo que pudermos extrair de um
estudo intelectual dos estados místicos será simplesmente uma aproximação, um indício,
de uma determinada compreensão. O misticismo é totalmente emocional, formado de
sensações sutís e incomunicáveis, que são menos suscetíveis ainda de expressão verbal
e definição lógica do que coisas como o som, a cor e a linha.
Em relação com a idéia do conhecimento oculto, o misticismo pode ser encarado
como a penetração do conhecimento oculto em nossa consciência. Isso não significa,
porém, que todos os místicos invariavelmente reconheçam a existência do conhecimento
oculto e a possibilidade de adquiri-lo pelo estudo e pelo trabalho. Para muitos místicos, as
suas experiências são um ato de graça, um dom de Deus, e, do ponto de vista deles,
nenhum conhecimento pode jamais conduzir as pessoas a essa graça ou tomar mais fácil

a sua obtenção.

Assim, de um ponto de vista, o misticismo não poderia existir sem o conhecimento

oculto e a idéia desse conhecimento não poderia ser conhecida sem o misticismo. De

outro ponto de vista, a idéia do conhecimento oculto que é possuído por um ou outro e

pode ser encontrado por meios intelectuais não é necessária para o misticismo, porque

todo o conhecimento está contido na alma do homem, e o misticismo é o caminho para

esse conhecimento e para Deus.

Em vista dessa dupla atitude do misticismo para com o conhecimento, é necessário

fazer uma distinção entre essas duas idéias.

O conhecimento oculto é uma idéia que não se encaixa em nenhuma outra idéia. Se

admitirmos a existência do conhecimento oculto, admiti-la-emos como pertencendo a

determinadas pessoas, mas a pessoas que não conhecemos, a um círculo interno da

humanidade.

De acordo com essa idéia, a humanidade é considerada como dois círculos

concêntricos. Toda a humanidade que conhecemos e a que pertencemos forma o círculo

ovo Modelo do Universo

exterior. Toda a história da humanidade que conhecemos é a história do círculo exterior.

Mas, dentro deste círculo, há outro, do qual os homens do círculo exterior não conhecem

nada e de cuja existência eles, somente algumas vezes, suspeitam de maneira vaga,

embora a vida do círculo exterior, nas suas manifestações mais importantes, e

especialmente em sua evolução, seja efetivamente guiada pelo círculo interior. O círculo
interior ou esotérico constitui, por assim dizer, uma vida dentro da vida, um mistério, um
segredo na vida da humanidade.
A humanidade exterior ou exotérica, à qual pertencemos, é como as folhas de uma
árvore, que mudam todos os anos. Apesar disso, se considera o centro da vida, não
compreendendo que a árvore tem um tronco e raízes e que, além das folhas, sustém as
flores e os frutos.
O círculo esotérico é, por assim dizer, uma humanidade dentro da humanidade, e é
o cérebro, ou melhor, a alma imortal da humanidade, onde se conservam todos os
conhecimentos, culturas e civilizações.
Podemos considerar a questão de outro ângulo e tentar encontrar no próprio homem
uma analogia com a relação entre os círculos esotérico e exotérico da humanidade.
Essa analogia pode ser encontrada no homem; consiste na relação do ''cérebro"
com o resto do corpo humano. Se tomarmos o organismo humano e examinarmos a
relação entre os tecidos "superiores" ou "mais nobres", isto é, principalmente a [22] matéria
nervosa e cerebral e os outros tecidos do organismo, como o muscular, o conjuntivo, as
células da pele e assim por diante, encontraremos uma analogia quase perfeita com a
relação do círculo interior com o exterior.
Um dos fenômenos mais misteriosos da vida do organismo humano é a história da
vida das células cerebrais. Está mais ou menos estabelecido pela ciência e podemos

aceitar como um fato que as células cerebrais não se multiplicam como as células dos
outros tecidos. Segundo uma teoria, todas as células cerebrais aparecem numa idade
muito tenra; de acordo com outra, elas aumentam em número até o organismo alcançar a
idade de aproximadamente doze anos. Mas como crescem e de onde nascem é algo que
permanece desconhecido.
Raciocinando logicamente, a ciência deveria ter reconhecido as células cerebrais
como imortais em comparação com as outras células.
Isso é quase tudo que se pode dizer sobre as células cerebrais, se permanecermos
no terreno científico. Mas o que é aceito está longe de ser suficiente para compreender a
natureza da vida das células cerebrais. Demasiados fatos terão que ser ignorados antes
que se torne possível aceitar a teoria de um estoque permanente de células cerebrais que
só diminui e diminui. Essa teoria de um estoque permanente difere completamente de
outra teoria segundo a qual as células cerebrais morrem ou são queimadas em grande
número em cada processo de pensamento, especialmente durante um trabalho mental
intenso. Se assim fosse, não importa quantas elas fossem, não durariam por muito tempo!
E, levando isso em conta, somos forçados a admitir que a vida das células cerebrais
continua inexplicada e muito misteriosa.
Na verdade, ainda que a ciência não o reconheça, a vida das células é muito curta e
a substituição de células velhas por novas, num organismo normal, ocorre continuamente

e pode até aumentar. Não entra no escopo do presente livro mostrar como se pode
demonstrar essa afirmação. Para os métodos científicos existentes, qualquer observação
da vida das células individuais, no organismo humano, apresenta dificuldades quase
intransponíveis. Contudo, raciocinando por analogia, se supusermos que as células
cerebrais devam nascer de algo semelhante a elas e se, ao mesmo tempo,
considerarmos como provado que não se multiplicam, deveremos então presumir que
evoluem a partir de outras células.
ovo Modelo do Universo
A possibilidade da regeneração, evolução ou transformação de um tipo de célula em
outro está definitivamente estabelecida, visto que, afinal de contas, todas as células do
organismo se desenvolvem a partir de uma célula-mãe. A única dúvida é: de que tipo de
células podem provir as células cerebrais? A ciência não pode responder a essa
pergunta.
Podemos dizer apenas que, se as células de certo tipo se transformam em células
cerebrais, por esse simples fato desaparecem do seu plano anterior, deixam o mundo do
seu parentesco, morrem num plano e nascem noutro, exatamente do mesmo modo que o
ovo de uma borboleta, ao se transformar numa lagarta, morre como ovo, deixa de ser ovo;
como a lagarta, transformando-se numa crisálida, deixa de ser lagarta e como uma
crisálida, tornando-se borboleta, morre como crisálida, deixa de ser crisálida, isto é, deixa

o mundo de sua própria parentela e passa a outro plano de ser. De modo semelhante, as
futuras células cerebrais, passando a outro plano de ser, deixam de ser o que eram antes,
morrem em seu plano de ser anterior e começam a viver num novo plano de ser. Neste,
embora permanecendo invisíveis e desconhecidas, dirigem a vida das outras células, quer
no seu próprio interesse, quer no de todo [23] o organismo. E parte da sua atividade
consiste em encontrar, entre os tecidos mais evoluídos, células que sejam capazes de se
converter em células cerebrais, porque estas não se multiplicam por si mesmas.
Desse modo, encontramos no organismo humano, na relação das células cerebrais
com outras células, uma analogia com a relação do círculo interior com os círculos
exteriores da humanidade.

Antes de ir mais adiante, é necessário estabelecer o significado exato de certos
conceitos que encontraremos constantemente em seguida.
O primeiro deles é o da "evolução".
A idáia da evolução ocupou um lugar predominante no pensamento ocidental.
Duvidar da evolução foi considerado por muito tempo um sinal decisivo de retrocesso. A
evolução se tornou uma espécie de chave universal que abre todas as fechaduras.
Essa aceitação geral de uma idéia muito hipotética em si mesma suscita dúvidas. A
idéia da evolução é comparativamente nova. Darwin viu na "selecão natural" uma prova

da evolução no sentido biológico. Mas a popularização da idéia da evolução num sentido
geral deve-se sobretudo a Herbert Spencer, que foi o primeiro a explicar os processos
cósmicos, biológicos, psicológicos, morais e sociológicos do ponto de vista de um
princípio geral. Contudo, tentativas individuais de considerar os processos do mundo
como resultado da evolução mecânica existiram antes de Spencer. A filosofia
astronômica, por um lado, e as ciências biológicas, por outro, criaram a moderna
concepção da evolução, que hoje é aplicada literalmente a todas as coisas do mundo,
desde as formas sociais até os sinais de pontuação, com base no princípio geral, aceito
de antemão, de que tudo evolui. Para sustentar esse princípio, selecionam-se os "fatos".
O que não se coaduna com o princípio da evolução é rejeitado.
De acordo com a definição comum do dicionário, a palavra "evolução" significa "um
desenvolvimento ordenado e progressivo" dirigido por determinadas leis exatas, mas
desconhecidas.
Para compreender a idéia, deve-se observar que, no conceito de evolução, é
importante não apenas o que se inclui nessa palavra, mas também o que se exclui dela.
Antes de tudo, a idéia da evolução exclui a idéia de um "plano" e de um cérebro diretor. A
evolução é um processo independente e mecânico. Além disso, a evolução exclui o
"acidente", isto é, a introdução de novos fatos nos processos mecânicos, que mudam

constantemente a sua direção. Segundo a idéia da evolução tudo caminha sempre na
mesma direção. Um "acidente" corresponde a outro. E, de mais a mais, a palavra
ovo Modelo do Universo
"evolução" não tem antítese, ainda que, por exemplo, a dissolução e a degenerescência
não possam se chamar evolução.
O significado dogmático que a palavra evolução carrega constitui o seu traço mais
característico. Mas esse dogmatismo não tem nenhum fundamento. Pelo contrário, não
há idéia mais artificial e frágil do que a da evolução geral de tudo que existe.
As bases científicas da evolução são: teorias nebulosas da origem dos mundos, com
todas as adições, restrições e alterações que realmente não mudam nada na concepção
original errada do processo mecânico de construção e, em segundo lugar, a teoria da
origem das espécies de Darwin, também com todas as alterações e acréscimos
posteriores.
Mas as teorias nebulosas, não importa que nomes tenham, pertencem ao domínio
da pura especulação. É, de fato, apenas uma classificação de supostos fenômenos que,
devido a um mal-entendido e na falta de algo melhor, é considerada como [24] uma teoria
do processo do mundo. Como teoria, não se baseia em nenhum fato ou leis observáveis.
A evolução das formas orgânicas, no sentido do desenvolvimento de novas espécies
e classes em todos os reinos da Natureza, está "cientificamente" baseada numa série

completa de fatos, que supomos confirmá-la com base na anatomia comparada, na
morfologia, na embriologia, na paleontologia, etc.; mas, na verdade, todos esses "fatos"
foram selecionados artificialmente para comprovar a teoria. Cada década nega os fatos
da década anterior e os substitui por novos fatos, rnas a teoria permanece inabalável.
Logo no início, ao introduzir a idéia da evolução nas concepções biológicas, fez-se
uma audaciosa suposição, porque, sem ela, não se podia elaborar nenhuma teoria. Mais
tarde, esqueceu-se de que era apenas uma suposição. Refiro-me à famosa "origem das
espécies".
A questão é que, dentro do terreno estrito dos fatos, é possível aceitar a evolução
baseada na seleção, adaptação e eliminação, apenas no sentido da "conservação das
espécies", porque só isso pode ser observado. Na realidade, o aparecimento de novas
espécies, a sua formação e transição das formas inferiores para as superiores, nunca
foram observados em parte alguma. A evolução no sentido de "desenvolvimento" de
espécies sempre foi apenas uma hipótese, que se converteu em teoria simplesmente
devido a um mal-entendido. O único fato aqui é a "conservação das espécies". Como é
que elas aparecem não sabemos e não nos devemos enganar nesse ponto.
Nesta altura, a ciência, por um estratagema, substituiu uma carta por outra, isto é,
tendo estabelecido a evolução de variedades ou raças, aplicou a mesma evolução às

espécies, utilizando o método analógico. Essa analogia é inteiramente ilegítima e, ao
chamá-la substituição por estratagema, não exagero por pouco que seja.
A evolução das variedades é um fato estabelecido, mas todas as variedades
permanecem dentro dos limites das espécies particulares e são muito instáveis, isto é,
com a alteração das condições, se modificam após várias gerações ou retornam ao tipo
original. A espécie é um tipo firmemente estabelecido e, como já disse, nunca se
observou uma mudança nas espécies.
Naturalmente isso não significa que tudo aquilo que é chamado de espécie seja um
tipo firmemente estabelecido. A espécie só é um tipo firmemente estabelecido em
comparação com a variedade ou a raça, que é um tipo que muda quase diante dos
nossos olhos.
Em virtude da enorme diferença entre variedades e espécies, aplicar às espécies o
que foi estabelecido apenas em relação às variedades é pelo menos um "erro deliberado".
Mas a magnitude desse erro deliberado e a aceitação quase geral dele como verdade não
nos obrigam, de forma alguma, a levá-lo em conta ou a admitir por trás dele uma
possibilidade oculta.
ovo Modelo do Universo
Além disso, os dados da paleontologia, longe de confirmarem a idéia de uma
mudança ordenada das espécies, descartam inteiramente a idéia das próprias espécies
como algo definido, e estabelecem a realidade de saltos, retardamentos, reversões, o

aparecimento repentino de formas totalmente novas, etc., que são inexplicáveis do ponto
de vista de uma evolução ordenada. Os dados da anatomia comparativa, aos quais os
"evolucionistas" gostam muito de se reportar, começam igualmente a se voltar contra
eles; por exemplo, constatou-se que é totalmente impossível estabelecer [25] uma
evolução no caso de órgãos separados, como os olhos ou os órgãos do olfato e outros
semelhantes.
A isso deve-se aduzir que o conceito de evolução, no seu sentido estritamente
científico, já sofreu uma modificação considerável e há hoje uma grande diferença entre o
significado popular da palavra nos "ensaios" e "esboços" pretensameme científicos e a sua significação realmente científica.
A evolução ainda não é negada pela ciência. Mas já se admite que a própria palavra
não teve muito sucesso, e fizeram-se tentativas de encontrar outra palavra que
expressasse uma idéia menos artificial e que incluísse não apenas o processo de
"integração", mas lambem o processo de dissolução.
Essa última idéia se tomará clara se compreendermos o fato assinalado antes de
que a palavra evolução não tem antítese. O significado disso adquire nitidez nas
tentativas de aplicação da palavra evolução à descrição dos fenômenos sociais e
políticos, onde os resultados da degenerescência ou desintegração são constantemente
tomados como evolução, e onde a evolução, que, pela significação da palavra, não pode

ser dependente da vontade de ninguém, é constantemente confundida com resultados de
processos voluntários, que são também reconhecidos como possíveis. Na realidade, o
aparecimento de novas formas sociais ou políticas não depende nem da vontade nem da
evolução, e, em muitos casos, são apenas realizações fracassadas, incompletas e
contraditórias, ou, dizendo melhor, uma não-realização de programas teóricos, atrás dos
quais estão interesses pessoais.

A confusão de idéias em relação à evolução depende em grande parte da
compreensão, que não se pode suprimir da mente dos homens, do fato de que, na vida,
não há um só processo, mas muitos, que se entrecruzam. se interpenetram e introduzem
um no outro novos fatos.

De modo muito geral, esses processos podem dividir-se em duas categorias:
processos criativos e processos destrutivos. Ambos os tipos são igualmente importantes,
porque.se não houvesse processos destrutivos, não haveria processos criativos. Os
processos destrutivos fornecem material aos processos criativos. E todos os processos
criativos, sem exceção, se transformam, mais cedo ou mais tarde, em processos
destrutivos. Mas isso não quer dizer que, juntos, os processos criativos e os processos
destrutivos constituam o que se pode chamar evolução.

Ao criar a teoria da evolução, o pensamento ocidental esqueceu os processos
destrutivos. A razão disso está no campo de visão artificialmente reduzido dos últimos

séculos da cultura europeia. Devido a isso, as teorias são elaboradas com um número
insuficiente de fatos, nenhum dos processos observados é considerado na sua totalidade
e, observando apenas parte do processo, os homens dizem que ele consiste em
mudanças progressivas ou em evolução. É curioso que os homens do nosso tempo não
possam conceber o processo inverso numa grande escala. A destruição,
degenerescência ou dissolução em grande escala lhes parecem inevitavelmente uma
mudança progressiva ou evolução.
Apesar de tudo que se afirmou, o termo "evolução" pode ser muito útil e, aplicado a
fatos que existem realmente, ajuda a elucidar o conteúdo deles e sua dependência interna
de outros fatos.
ovo Modelo do Universo
Por exemplo, o desenvolvimento de todas as células de um organismo a partir de
uma célula-mãe pode se chamar evolução da célula-mãe. O desenvolvimento [26] contínuo
das células dos tecidos superiores a partir das células de tecidos inferiores pode ser
chamado evolução das células.
Falando estritamente, todos os processos de transformação podem ser chamados
evolutivos. O desenvolvimento de uma galinha a partir do ovo, o desenvolvimento de um
carvalho a partir de uma glande, o desenvolvimento do trigo a partir da semente, o
desenvolvimento de uma borboleta a partir de um ovo, uma lagarta e uma crisálida; tudo
isso são exemplos de evolução que existem realmente no mundo.

A idéia de evolução (no sentido de transformação) no pensamento comum difere da
idéia de evolução no pensamento esotérico no fato de que o pensamento esotérico
reconhece a possibilidade de transformação ou evolução onde o pensamento científico
não vê nem admite tal possibilidade. Isto é, o pensamento esotérico aceita a possibilidade
da transformação do homem em super-homem, que é o mais elevado sentido da palavra
"evolução".
Com exceção desse significado, a palavra "evolução" pode ser utilizada para
designar os processos que favorecem a melhoria da raça e a conservação das espécies,
em oposição aos processos que as degradam e levam à degenerescência das espécies.

Voltando à idéia do esoterismo em si mesmo, é preciso compreender que em muitos
países antigos, como o Egito e a Grécia, por exemplo, existiram lado a lado duas
religiões, uma dogmática e cerimonial, e outra mística e esotérica. A primeira consistia em
cultos populares, representando as formas parcialmente esquecidas dos antigos mitos
místicos e esotéricos, enquanto a outra era a religião dos Mistérios. Esta ia muito além
dos cultos populares, explicando a significação alegórica e simbólica dos mitos e unindo
aqueles que estavam ligados ao círculo esotérico ou se esforçavam para chegar a ele.
Sabe-se relativamente muito pouco a respeito dos Mistérios. O seu papel na vida
das comunidades antigas, a parte que desempenhavam na criação das antigas culturas,

são coisas que desconhecemos inteiramente. Contudo, são precisamente os "Mistérios"
que explicam muitos enigmas históricos e, entre outros, talvez o maior enigma histórico de
todos — o súbito aparecimento da cultura grega no século VII, seguindo-se depois os
séculos VIII e IX, completamente obscuros.
Na Grécia histórica, os Mistérios pertenciam às sociedades secretas de um tipo
especial. Essas sociedades secretas de sacerdotes e iniciados estabeleciam, a cada ano,
ou a intervalos definidos, festas especiais, acompanhadas de representações teatrais
alegóricas. Essas representações, a que se deu, em particular, o nome de Mistérios, eram
realizadas em diferentes lugares — as mais conhecidas eram realizadas em Delfos e
Elêusis, na Grécia, e na ilha de File, no Egito. O carater das apresentações teatrais e dos
dramas alegóricos ali representados era mais ou menos constante. Tanto na Grécia como
no Egito, a idéia era sempre uma e a mesma, isto é, a morte do deus e a sua
ressurreição. O fio dessa idéia atravessava todos os Mistérios. A sua significação pode
ser interpretada de várias maneiras. Provavelmente o mais correio é pensar que os
Mistérios representavam a viagem dos mundos ou da alma, o nascimento da alma na
matéria, a sua morte e ressurreição, isto é, o seu retomo à vida anterior. Mas as
representações teatrais, que constituíam para as pessoas todo o conteúdo dos Mistérios,
era, na verdade, de importância secundária. Por trás dessas representações estavam as

escolas, que eram a essência de tudo. O objetivo de tais escolas era a preparação [27] dos
homens para a iniciação. Só os que eram iniciados em certos segredos podiam tomar
parte nos Mistérios. A iniciação era acompanhada de cerimônias complicadas, algumas
das quais eram públicas, e de várias provas pelas quais o candidato à iniciação tinha que
passar. Para a multidão, as massas, isso constituía o conteúdo da iniciação, mas as
ovo Modelo do Universo
cerimônias de iniciação não passavam, na realidade, de cerimônias. As provas
verdadeiras tinham lugar não no momento imediatamente anterior à iniciação formal, mas
durante um curso inteiro, em alguns casos muito, longo, de estudo e preparação. E a
iniciação não era, naturalmente, um milagre instantâneo, mas uma introdução consecutiva
e gradual num novo ciclo de pensamento e sentimento, como ocorre com a iniciação em
qualquer ciência ou ramo de conhecimento.
Há várias suposições sobre que idéias prevaleciam entre as pessoas no período
imediatamente ligado aos Mistérios, sobre o que a iniciação dava ou podia dar.
Uma delas é que a iniciação dava imortalidade. Os gregos, e também os egípcios,
tinham uma idéia muito sombria da vida do além-túmulo — assim era o Hades de Homero
e as idéias egípcias sobre a vida do além. A iniciação liberava dessas trevas,
proporcionava um caminho de fuga para a interminável angústia das "moradas da morte",
dava uma espécie de vida na morte.

Mais do que em qualquer outro lugar, essa idéia é expressa no Hino de Páscoa da
Igreja Ortodoxa, que indubitavelmente vem de uma antiguidade pré-cristã muito remota e
liga a idéia cristã à idéia dos Mistérios.

Cristo ressuscitou;
Conquistou a morte com a morte,
E deu vida aos que estavam na tumba.

Há uma notável analogia entre o conteúdo dos Mistérios e a vida terrena de Cristo. A
vida de Cristo, como a conhecemos a partir dos Evangelhos, representa o mesmo
Mistério que os que eram representados no Egito, na ilha de File, na Grécia, em Elêusis, e
noutros lugares. A idéia era a mesma, a saber, a morte do deus e a sua ressurreição. A
única diferença entre os Mistérios, como eram apresentados no Egito e na Grécia, e o
Mistério que se representava na Palestina reside no fato de que o último se passava na
vida real, não no palco, mas em meio à natureza real, nas ruas e praças públicas de
cidades reais, num campo real, com o céu, as montanhas, lagos e árvores como cenário,
com uma multidão verdadeira, com emoções reais de amor, malícia e ódio, com cravos
reais, com sofrimentos reais. Todos os atores desse drama conneciam os seus papéis e
aluavam segundo um plano geral, segundo a finalidade e o propósito da peça. Não havia,
nesse drama, nada espontâneo, inconsciente ou acidental. Cada ator sabia que palavras
devia dizer e em que momento; e, de fato, dizia exatamente o que devia dizer, e do modo

como devia fazê-lo. Era um drama que tinha como plateia o mundo inteiro por centenas e
milhares de anos. E o drama foi representado sem o menor erro, sem a menor inexatidão,
segundo a idéia do autor e o plano do produtor, visto que, de acordo com a idéia do
esoterismo, deve ter havido, sem dúvida, tanto um autor como um produtor. (9) [28]
A idéia e a finalidade dos Mistérios, do mesmo modo que a substância da iniciação,
estavam ocultas. Para aqueles que sabiam da existência do conhecimento oculto, os
Mistérios abriam a porta para esse conhecimento. Era esta a meta dos Mistérios, a sua
idéia.

9 Encontrei uma certa coincidência com esta ideia na obra de John M. Robertson, Pagan Christs, publicada pela Rationalist Press Association Ltd., no capitulo The Cospel Mystery-Flay.

O autor chega muito perto da ideia do "drama de Cristo" como uma representação teatral semelhante aos Mistérios. E a primeira impressão que esse capitulo dá é que o autor diz exatamente a mesma coisa que expusemos acima. Na realidade, porém, a coincidência não é completa, ainda que seja muito curiosa. O autor de Pagan Christs, através do estudo dos Mistérios antigos, de um lado, e dos textos dos Evangelhos, de outro, chega à conclusão de que estes últimos não descrevem ocorrências históricas, mas um drama, que é representado com um propósito específico, e que, a seu ver. é análogo aos Mistérios medievais posteriores. Ele relaciona a ideia dos Mistérios antigos com a dos Mistérios medievais, que consistiam em episódios da vida de Cristo, e afirma que a lenda do Cristo histórico se baseava justamente nesse mistério, constituído de cinco atos: A Oltima Ceia, A Oração no Jardim de Getsêmani, A

Paixão, O Julgamento e A Crucificação, aos quais mais tarde se acrescentou a Ressurreição da Morte, drama que foi representado ninguém sabe onde nem quando, e descrito nos Evangelhos como um acontecimento real, ocorrido em Jerusalém.

ovo Modelo do Universo

Quando os Mistérios desapareceram da vida dos povos, o elo que existia entre a humanidade terrena e o conhecimento oculto se rompeu. A própria idéia desse conhecimento se tornou gradativamente cada vez mais fantástica e se afastou cada vez mais da visão da vida, comum e realista. Nos dias atuais, a idéia do Esoterismo se opõe a todos os pontos de vista comuns da vida.

Do ponto de vista das opiniões científicas psicológica e histórica modernas, a idéia do círculo interior é, sem dúvida, totalmente absurda, fantástica e sem fundamento. Ela também parece fantástica do ponto de vista da filosofia idealista, uma vez que esta admite o oculto e o incompreensível como existindo somente fora da vida física, fora do mundo dos fenômenos.

Do ponto de vista das doutrinas menos intelectuais, como o cristianismo dogmático da Igreja ou o espiritismo e outras, a idéia do esoterismo em sua forma pura é igualmente inadmissível, porque, por um lado, contradiz a autoridade da Igreja e muitos dos dogmas aceitos, e, por outro, expõe vulgares teorias animistas com a denominação geral de espiritualismo ou espiritismo e "milagres" com mesas e cadeiras. E, ao mesmo tempo, a idéia do esoterismo leva o misterioso e o milagroso para a vida real, a vida diária, e faz

com que as pessoas se dêem conta de que a vida não é o que parece na superfície, na
qual a maioria dos homens se vê.

Para compreender a substância da idéia do esoterismo, deve-se compreender
inicialmente que a história da humanidade é muito mais longa do que geralmente se
supõe. Mas deve-se observar que a idéia comum dos manuais e dos "sumários de
história" populares, que contêm um período histórico muito curto e uma época mais ou
menos obscura antes dele, está, na verdade, muito distante das mais recentes idéias
científicas. A ciência histórica atual começa a considerar o período "pré-histórico" e a
"Idade da Pedra" de modo completamente diferente de como o fazia cinquenta ou
sessenta anos atrás. Não pode encarar o período pré-histórico como uma etapa de
barbarismo, porque contra esse ponto de vista falam o estudo dos remanescentes das
culturas pré-históricas, os documentos da arte e literatura antigas, o estudo dos costumes
e ritos religiosos dos diferentes povos, o estudo comparativo das religiões e, em especial,
o estudo da língua, isto é, os dados da filologia comparada, que mostram a surpreendente
riqueza psicológica das línguas antigas. Pelo contrário, em oposição [29] ao velho ponto de
vista, já existem muitas teorias e surgem muitas novas teorias sobre a possibilidade de
antigas civilizações pré-históricas. Assim, a "Idade da Pedra" é tida, com mais
probabilidade, como um período não dos começos, mas de queda e de degeneração de

civilizações que existiram antes.

Em relação a isso, é muito característico que todos os "selvagens" atuais, sem

exceção, isto é, os povos que a nossa cultura encontrou num estado selvagem ou semi-selvagem, são descendentes degenerados de povos mais cultos. Esse fato tão

interessante geralmente é omitido em silêncio. No entanto, nem uma só raça selvagem

que conhecemos, isto é, nenhum povo selvagem ou semi-selvagem encontrado até agora

pela nossa cultura, mostrou qualquer indício de processo de evolução, em qualquer

aspecto que seja. Ao contrário, em todos os casos, sem exceção, têm sido observadas

marcas de degenerescência. Não falo da degenerescência como consequência do

contato com a nossa cultura, mas da que vem se processando há séculos, antes do

contato com a nossa cultura e que é, em muitos casos, perfeitamente clara e evidente.

Todos os povos selvagens ou semi-selvagens têm histórias e tradições de uma idade de

ouro, ou de uma época heróica; mas, na realidade, essas histórias e tradições falam do

seu próprio passado, de sua própria civilização antiga. As línguas de todos os povos

contém palavras e idéias para as quais não há mais lugar na vida atual. Todos os povos

tiveram antes melhores armas, melhores embarcações, melhores cidades e formas

superiores de religião. O mesmo fato explica a superioridade dos desenhos paleolíticos,

ovo Modelo do Universo

isto é, dos mais antigos encontrados nas cavernas, em relação aos desenhos neolíticos,

isto é, os mais recentes. Isto também é um fato que geralmente se omite totalmente ou
fica sem explicação.
De acordo com as idéias esotéricas, muitas civilizações desconhecidas para a nossa
ciência histórica se sucederam na Terra, e algumas delas chegaram a um nível superior
ao da nossa civilização, que julgamos ser amais alta ejamais atingida pela raça humana.
De muitas dessas antigas civilizações não restaram quaisquer vestígios, mas as
conquistas da ciência dessas épocas remotas nunca foram literalmente perdidas. O
conhecimento adquirido foi conservado através dos séculos, das idades, e tem sido
transmitido de uma civilização a outra. Escolas de um tipo especial eram as guardiães do
conhecimento, que por elas era protegido das pessoas que podiam mutilá-lo e deturpá-lo
e transmitido apenas de um mestre a um discípulo, que se submetera a uma longa e difícil
preparação.
O termo "ocultismo", que se usa frequentemente em relação ao conteúdo dos
ensinamentos "esotéricos", tem um dupio sentido. É tanto o conhecimento secreto no
sentido do conhecimento que é mantido em segredo, como o conhecimento do segredo,
isto é, dos segredos escondidos da humanidade pela Natureza.
Essa definição é a definição da "Sabedoria Divina", ou, se levarmos em conta as
palavras dos filósofos alexandrinos do século III, é a definição da "Sabedoria dos Deuses"
ou "Teosofia" no mais amplo sentido da palavra, ou do Brahma Vidya da filosofia hindu.

A idéia do círculo interior da humanidade ou a idéia do esoterismo tem muitos aspectos diferentes:

a) A existência histórica do esoterismo, isto é, do círculo interior da humanidade mesmo, e a história e origem do conhecimento que ele possui.

b) A idéia da aquisição desse conhecimento pelos homens, isto é, a iniciação e as "escolas". [30]

c) A possibilidade psicológica ligada a essa idéia, isto é, a possibilidade de modificar as formas de percepção, de ampliar a capacidade de conhecer e compreender, uma vez que os meios intelectuais são considerados inadequados para a aquisição do conhecimento esotérico.

Antes de tudo, a idéia do esoterismo nos fala do conhecimento que foi acumulado durante dezenas de milhares de anos e tem sido transmitido através das gerações, dentro de pequenos círculos de iniciados; esse conhecimento muitas vezes se refere a esferas que não foram sequer tocadas pela ciência. Para adquirir esse conhecimento e o poder que ele confere, um homem deve passar por difíceis preparações preliminares e provas e um longo trabalho, sem o qual é impossível assimilar esse conhecimento e aprender como utilizá-lo. Esse trabalho para dominar o conhecimento esotérico e os métodos que correspondem a ele, constituem, por si mesmos, um ciclo separado de conhecimento, desconhecido para nós.

É necessário, além do mais, compreender que, de acordo com a idéia do
esoterismo, as pessoas não nascem no círculo esotérico, e uma das tarefas dos membros
desse círculo é preparar os seus sucessores, a quem possam transmitir o seu
conhecimento e tudo que está ligado a ele.
Para esse fim, pessoas pertencentes às escolas esotéricas surgem, a intervalos
definidos, na nossa vida, como condutores e mestres dos homens. Criam e deixam depois
deles uma nova religião, um novo tipo de escola filosófica ou um novo sistema de
pensamento, que indicam as pessoas de determinada época ou país, numa forma
inteligível para ela, o caminho que devem seguir para se aproximarem do círculo interior.
Uma só e mesma idéia passa invariavelmente através dos ensinamentos que têm origem
ovo Modelo do Universo
nessas pessoas, a saber, a idéia de que muito poucos podem penetrar no círculo
esotérico, ainda que muitos o possam desejar e até fazer uma tentativa.
As escolas esotéricas que preservam o antigo conhecimento, transmitindo-o
sucessivamente de uma a outra escola, e as pessoas que pertencem a elas permanecem
à parte, por assim dizer, da humanidade geral a que pertencemos. Ao mesmo tempo,
desempenham importante papel na vida da humanidade; mas não sabemos nada desse
papel e. se ouvirmos falar a respeito, compreenderemos de maneira imperfeita em que
consiste e relutaremos em crer na possibilidade de algo dessa ordem.

Deve-se isso ao fato de que, para compreender a possibilidade da existência do círculo interior e o papel desempenhado pelas escolas esotéricas na vida da humanidade, é necessário estar na posse de um conhecimento da natureza essencial do homem e do seu destino, que a ciência moderna não possui, nem, por conseguinte, o homem comum.

Certas raças têm tradições e lendas muito significativas, construídas sobre a idéia do círculo interior, como, por exemplo, as lendas mongol-tibetanas do "Reino Subterrâneo", do "Rei do Mundo", a Cidade dos Mistérios de Agarta etc., desde que essas idéias existam realmente na Mongólia e no Tibete e não sejam invenção dos viajantes ou "ocultistas" europeus.

De acordo com a idéia do Esoterismo, como se aplica à história da humanidade, nenhuma civilização jamais começa por si mesma. Não há nenhuma evolução que principie acidentalmente e prossiga de forma mecânica. Só a degenerescência e a decadência podem ocorrer mecanicamente. A civilização nunca se inicia por um crescimento natural, mas só através de um cultivo artificial. [31]

As escolas esotéricas estão ocultas dos olhos da humanidade comum, mas a influência delas persiste sem interrupção na história e tem por fim, até onde podemos compreender esse objetivo, ajudar, quando isso parece possível, as raças que tenham mergulhado num estado de barbárie de um ou outro tipo, a emergir dele e dar início a uma nova civilização ou a uma nova vida.

Um povo selvagem ou semi-selvagem ou um país inteiro é tomado a cargo de um
homem possuidor de força e conhecimento, que começa a educar e instruir as pessoas,
dando-lhes uma religião, ditando leis, construindo templos, introduzindo a escrita,
iniciando-as na arte e nas ciências, fazendo-as emigrar, se necessário, para outro país e
assim por diante. O governo teocrático é uma forma desse desenvolvimento artificial. A
história bíblica, desde Abraão, e possivelmente até muito antes, até Salomão, é um
exemplo do processo de civilização de um povo selvagem por membros do círculo
interior.
Segundo a tradição, os seguintes personagens históricos pertenceram a escolas
esotéricas: Moisés, Gautama, o Buda, João Batista, Jesus Cristo, Pitágoras. Sócrates e
Platão; também os mais míticos — Orfeu, Hermes Trismegisto, Krishna, Rama e alguns
outros profetas e mestres da humanidade. Às escolas esotéricas pertenceram também os
construtores das Pirâmides e da Esfinge, os sacerdotes dos Mistérios do Egito e da
Grécia, muitos artistas egípcios e de outros países antigos, os alquimistas, os arquitetos
que construíram as catedrais "góticas" medievais, os fundadores de certas escolas e
ordens sufis e dervixes e também determinadas pessoas que surgiram na história por
breves momentos e permanecem como enigmas históricos.
Diz-se que atualmente alguns membros das escolas esotéricas vivem em longínquas

paragens do globo, como o Himalaia e o Tibete, ou em algumas regiões montanhosas da
África. Enquanto outras, de acordo com semelhantes histórias, vivem entre as pessoas
comuns, não diferindo em nada delas exteriormente, pertencendo muitas vezes as
classes incultas e dedicadas a atividades profissionais insignificantes e, até mesmo, do
ponto de vista costumeiro, vulgares. Assim, um autor ocultista francês afirmava ter
aprendido muito de um oriental que vendia papagaios em Bordéus. E tem sido sempre
ovo Modelo do Universo
assim desde as épocas mais distantes. Os homens que pertencem ao círculo esotérico,
quando aparecem entre as pessoas comuns, usam sempre uma máscara através da qual
muito poucos conseguem penetrar.
O Esoterismo é distante e inacessível, mas todo homem que saiba ou suspeite da
sua existência tem a oportunidade de ter acesso a uma escola ou pode esperar encontrar
pessoas que o ajudem e lhe ensinem o caminho. O conhecimento esotérico se baseia no
ensinamento oral direto, mas antes que um homem possa adquirir a possibilidade do
estudo direto das idéias do esoterismo, deve aprender tudo que seja possível sobre o
esoterismo, da forma comum, isto é, através do estudo da história, da filosofia e da
religião. E deve buscar, visto que as portas do mundo do miraculoso só podem ser
abertas para o que busca:

Bate e te será aberto; pede e te será dado.

Com muita frequência se faz a pergunta: "Por que, se o círculo esotérico realmente existe, não faz nada para ajudar o homem comum a sair do caos de contradições em que vive e a chegar ao verdadeiro conhecimento e compreensão? Por que o círculo esotérico não ajuda o homem a regular a sua vida na Terra e por que permite a violência, a injustiça, a crueldade, as guerras e tudo mais?" [32]

A resposta a todas essas perguntas se encontra em tudo que acaba de ser dito. O conhecimento esotérico só pode ser dado aos que buscam, só aos que vêm buscando esse conhecimento com certa dose de consciência, isto é, com uma compreensão de como ele difere do conhecimento comum e de como pode ser encontrado. Esse conhecimento preliminar pode ser obtido pelos meios comuns, a partir da literatura existente e conhecida, facilmente acessível a todos. E a aquisição desse conhecimento preliminar pode ser encarada como a primeira prova. Só os que passam por esta prova, isto é, os que adquirem o necessário conhecimento a partir do material acessível a todos, podem esperar passar à etapa seguinte, na qual lhes será dada uma ajuda individual direta. Um homem pode esperar ter acesso ao esoterismo, se adquiriu uma compreensão correta do conhecimento comum, isto é, se puder encontrar o seu caminho através do labirinto de sistemas, teorias e hipóteses contraditórias, e compreender a sua significação e importância gerais. Essa prova é algo assim como um concurso aberto a toda a raça

humana, e a idéia de um concurso por si só explica por que o círculo esotérico parece
relutante em ajudar a humanidade. Ele não é relutante. Tudo que é possível é feito para
ajudar os homens, mas estes não fazem ou não podem fazer por sua conta os esforços
necessários. E não podem ser ajudados à força. A história bíblica do Velocino de Ouro é
uma ilustração da atitude das pessoas do círculo exterior para com os esforços do círculo
interior e de como as pessoas do círculo exterior se comportam no momento preciso em
que os elementos do círculo interior tentam ajudá-las.
Assim, do ponto de vista da idéia do Esoterismo, o primeiro passo na direção do
conhecimento oculto tem que ser dado numa esfera de ação aberta a. todos. Noutras
palavras, as primeiras indicações do caminho para o conhecimento verdadeiro podem ser
encontradas por todos no conhecimento comum acessível a qualquer um. A religião, a
filosofia, as lendas, os contos de fadas, abundam em informações sobre o Esoterismo.
Mas é preciso ter olhos para ver e ouvidos para ouvir.
As pessoas do nosso tempo possuem quatro caminhos que levam ao Desconhecido,
quatro formas de concepção do mundo — a religião, a filosofia, a ciência e a arte. Há
muito esses caminhos divergiram e o próprio fato da sua divergência mostra o seu
afastamento da fonte da sua origem, isto é, do esoterismo. No antigo Egito, na Grécia e
na índia, houve períodos em que os quatro caminhos constituíam um todo.
ovo Modelo do Universo

Se aplicarmos o princípio de Awa Dorotheos, que citei no Tertium Organum, (10) ao
exame geral da religião, da filosofia, da ciência e da arte, veremos claramente por que as
nossas formas de conceber o mundo não podem servir como um caminho para a
verdade. Sempre estiveram dissociadas, divididas e em contradição umas com as outras.
Evidentemente, quanto mais dissociadas e separadas umas das outras, mais se afastam
da verdade. A verdade está no centro para onde os caminhos convergem. Por
conseguinte, quanto mais próximos estiverem uns dos outros, mais perto estarão da
verdade; quanto mais distantes uns dos outros, mais longe estarão da verdade. Além
disso, a divisão de cada um desses caminhos dentro de si mesmos, isto é, a subdivisão
em sistemas, escolas, igrejas e doutrinas, indica um grande afastamento da verdade; e
vemos, de fato, que o número de divisões, longe de diminuir, aumenta [33] em cada
domínio a esfera da atividade humana. Isso, por sua vez, nos mostra, desde que sejamos
capazes de percebê-lo, que o rumo geral da atividade humana conduz, não na direção da
verdade, mas na direção inteiramente oposta.
Se tentarmos definir o significado dos quatro caminhos da vida espiritual da
humanidade, veremos, antes de tudo, que se dividem em duas categorias. A filosofia e a
ciência são caminhos intelectuais; a religião e a arte são caminhos emocionais. Além do
mais, cada um desses caminhos corresponde a um tipo intelectual ou emocional de ser

humano definido. Mas essa divisão não explica tudo que nos pode parecer ininteligível ou
enigmático na esfera da religião, da arte e do conhecimento, visto que, em cada uma
dessas esferas da atividade humana, há fenômenos e aspectos que são completamente
incomensuráveis e que não se fundem. E, no entanto, só quando se reúnem num todo é
que deixam de desfigurar a verdade e de afastar o homem do verdadeiro caminho.
Muitos naturalmente protestarão com veemência e até se rebelarão diante da
sugestão de que a religião, a filosofia, a ciência e a arte representam caminhos
semelhantes e igualmente imperfeitos de busca da verdade.
A um homem religioso a idéia parecerá desrespeitosa à religião. A um homem de
ciência parecerá um insulto à ciência. A um artista parecerá uma chacota à arte e a um
filósofo uma ingenuidade baseada na falta de compreensão do que a filosofia é.
Tentemos agora definir a base da divisão dos "quatro caminhos" no momento atual.
A religião se fundamenta na revelação.
A revelação é algo que procede imediatamente da consciência superior ou dos
poderes superiores. Se não houver idéia de revelação, não haverá religião. E, na religião,
sempre há algo que a mente e o pensamento comuns não podem conhecer. Por essa
razão, nenhuma tentativa de criar uma religião sintética, artificial, por métodos
intelectuais, nunca levou nem poderá levar a lugar algum. O resultado não é uma religião,

mas uma filosofia de má qualidade. Todas as reformas e tentativas de simplificar ou
racionalizar uma religião acarretam resultados igualmente negativos. Por outro lado, a
"revelação", ou o que é tido por revelação, deve ultrapassar todos os outros
conhecimentos. E, quando vemos, ao contrário, que a religião está séculos, ou mesmo,
como ocorre em muitos casos, milhares de anos atrás da ciência e da filosofia, o que se
deduz especialmente é que não se trata de uma religião, mas apenas de uma pseudo-religião, cadáver definhado do que certa vez foi ou pode ter sido uma religião.
Infelizmente, todas as religiões que nos são conhecidas em suas formas de igrejas são
apenas "pseudo-religiões".
A filosofia se baseia na especulação, na lógica, no pensamento, na síntese do que
sabemos e na análise do que não sabemos. Pode incluir dentro dos seus limites o
conteúdo da ciência, da religião e da arte. Mas onde podemos encontrar esta filosofia?
Tudo que conhecemos nos nossos dias com o nome de filosofia não é filosofia, mas
simplesmente "literatura crítica" ou a expressão de opiniões pessoais, principalmente com

10 Routledge & Kegan Paul, Londres, 1973, p. 259.

a finalidade de vencer e destruir outras opiniões pessoais. Ora, o que é ainda pior, a
filosofia não passa de uma dialética que se satisfaz a si mesma cercando-se de uma
barreira impenetrável de terminologia ininteligível ao não-iniciado e resolvendo para si

mesma todos os problemas do Universo, sem qualquer possibilidade de provar essas
explicações ou de torná-las inteligíveis ao comum dos mortais. [34]
A ciência é baseada na experiência e na observação. Não deve conhecer o temor,
não deve ter dogmas, não deve criar para si mesma nenhum "tabu". Mas a ciência
contemporânea, pelo simples fato de ter repentinamente cortado suas relações com a
religião e o "misticismo", isto é, por ter criado para si mesma um "tabu" definido, converteu-se num instrumento acidental e inseguro do pensamento. A presença constante
desse "tabu" a obriga a fechar os olhos a toda uma série de fenômenos inexplicáveis e
ininteligíveis, priva-a da totalidade e da unidade e, como consequência, somos levados à
situação de "não ter uma ciência, mas várias ciências". (11)
A arte se baseia na compreensão emocional, no sentimento do Desconhecido que
está por trás do visível e do tangível, e no poder criador, isto é, o poder de reconstruir em
formas audíveis ou visíveis as sensações, sentimentos, visões e os estados de ânimo do
artista, e principalmente uma determinada sensação fugidia, que é, de fato, o sentimento
de uma harmoniosa interconexão e unidade de todas as coisas e o sentimento da "alma"
das coisas e dos fenômenos. Como a ciência e a filosofia, a arte é um caminho de
conhecimento definido. Ao criar, o artista aprende muita coisa que não conhecia antes.
Mas uma arte que não revele mistérios, que não conduza à esfera do Desconhecido, que

não produza um novo conhecimento, é uma paródia da arte, e, ainda, com mais
frequência, não é sequer uma paródia, mas simplesmente um comércio ou uma indústria.
A pseudo-religião, a pseudofilosofía, a pseudociéncia e a pseudo-ane são
praticamente tudo o que conhecemos. Somos alimentados por substitutos, por
"margarina", em todos os aspectos e formas. Muito poucos de nós conhecem o sabor das
coisas genuínas.
Mas entre a religião genuína, a arte genuína, a ciência genuína, por um lado, e os
"substitutos" que chamamos religião, arte e ciência, por outro, há muitos estágios
intermediários, que correspondem a diferentes níveis de desenvolvimento do homem,
com uma compreensão diferente em cada nível. A causa da existência desses diferentes
níveis reside na desigualdade profunda e radical existente entre os homens. É muito difícil
definir essa diferença entre os homens, mas ela existe, e as religiões, como tudo mais, se
dividem de acordo com ela.
Não se pode dizer, por exemplo, que o paganismo existe e que o Cristianismo
existe. No entanto, pode-se dizer que há pagãos e que há cristãos. Um Cristianismo pode
ser paganismo e um paganismo pode ser Cristianismo. Noutros termos, há muitas
pessoas para quem o Cristianismo é paganismo, isto é, aquelas pessoas que
transformam o Cristianismo em paganismo, exatamente do mesmo modo como
transformariam qualquer religião em paganismo. Em cada religião, há níveis diferentes de

compreensão; toda religião pode ser compreendida de uma forma ou de outra. A
compreensão literal, a deificação da palavra, da forma, do ritual, convertem em
paganismo a religião mais sublime e sutil. A capacidade de discernimento emocional, de
compreensão da essência, do espírito, do simbolismo, a manifestação de sentimentos
místicos, podem converter em sublime religião o que externamente pode parecer um culto
primitivo de selvagens ou semi-selvagens.
A diferença não está nas idéias, mas nos homens que recebem e reproduzem as
idéias, seja na arte, na filosofia e na ciência. Uma só e mesma idéia é compreendida [35]
de maneiras diferentes por homens de diversos níveis, e ocorre frequentemente que a
sua compreensão difere completamente. Se nos dermos conta disso, tornar-se-á claro

11 Palavras de Bazaroff, herói do romance Pais e filhos, de Turguenieff.

para nós que não podemos falar de religião, arte ou ciência, *etc.* Pessoas diferentes têm
ciências diferentes, artes diferentes, *etc.* Se soubéssemos como e em que os homens
diferem entre si, compreenderíamos como e em que as várias religiões, artes e ciências
diferem umas das outras.
Essa idéia pode ser expressa de modo mais preciso (tomando o exemplo da
religião), dizendo que todas as divisões comuns, como Cristianismo, Budismo, Islamismo,
Judaísmo, assim como as divisões dentro do Cristianismo, como a Igreja Ortodoxa, o

Catolicismo, o Protestantismo, e as demais subdivisões dentro de cada credo, tais como
as seitas etc., são, por assim dizer, divisões num plano. Deve-se compreender que, além
dessas divisões, há divisões de níveis, isto é, há o cristianismo de um nível de
compreensão e sentimento e há o cristianismo de outro nível de compreensão e
sentimento, que começa num ritual exterior muito elementar, ou hipócrita, que se
transforma em perseguição de todo pensamento heterodoxo, até o nível mais alto do
próprio Jesus Cristo. Ora, essas divisões e níveis não nos são conhecidos e só podemos
compreender a sua idéia e princípio através das idéias do círculo interior. Significa que, se
admitirmos que há verdade na origem de tudo e que há diferentes graus de deformação
da verdade, veremos que, dessa forma, a verdade se acerca de modo graduai do nosso
nível, embora naturalmente de uma forma inteiramente irreconhecível.
A idéia do Esoterismo chega também às pessoas na forma de pseudo-esoterismo,
pseudo-ocultismo. A causa disso está igualmente na diferença que mencionamos acima
de níveis dos próprios homens. A maioria das pessoas só pode aceitar a verdade na
forma de uma mentira. No entanto, embora umas se satisfaçam com a mentira, outras
começam a buscar e podem, por fim, chegar à verdade. A Igreja cristã deturpou
completamente as idéias de Cristo, mas, começando pela forma da Igreja, alguns que são
"puros de coração" podem, pelo sentimento, chegar à compreensão da verdade original.

É difícil para nós perceber que estamos rodeados por deturpações e perversões e que,
excetuando estas, nada podemos recebei de fora.
Temos dificuldade de compreender isso, porque a tendência fundamental do
pensamento contemporâneo consiste justamente em examinar os fenômenos na ordem
contrária à que acabamos de mencionar. Estamos habituados a conceber cada idéia,
cada fenômeno, quer no domínio da religião, da arte ou da vida pública, como aparecendo
inicialmente numa forma rude e primitiva, na forma de uma mera adaptação às condições
orgânicas e aos rudes e selvagens instintos do medo, do desejo ou a memória de algo
ainda mais elementar, primitivo, animal, vegetal ou embrionário, e se desenvolvendo
gradativamente, tomando-se mais refinado e complexo, afetando cada vez mais aspectos
da vida e aproximando-se, dessa maneira, da forma ideal.
Naturalmente, essa tendência do pensamento é completamente oposta à idéia do
Esoterismo, que sustenta ser a grande maioria das nossas idéias, não o produto da
evolução, mas da degeneração das idéias que existiram num certo momento ou ainda
existem em algum lugar em formas muito superiores, mais puras e completas.
Isso para o pensamento moderno é um mero absurdo. Estamos tão certos de que
nós somos o produto mais elevado da evolução, de que sabemos tudo, tão certos de que
não pode haver na Terra nenhum fenômeno importante como escolas, grupos ou
sistemas que não tenham até aqui sido conhecidos, reconhecidos ou descobertos, que

temos até dificuldade em admitir a possibilidade lógica de tal idéia. [36]

Se quisermos dominar ao menos os elementos da idéia, devemos compreender que

eles são incompatíveis com a idéia de evolução no sentido corrente dessa palavra. É

impossível encarar a nossa civilização, a nossa cultura, como a única e a mais elevada;

ela deve ser considerada como uma das muitas culturas que se sucederam na Terra.

Além disso, essas culturas, cada qual ao seu modo, deturparam a idéia do esoterismo

que estava na sua base, e nenhuma delas jamais se elevou, ainda que aproximadamente,

ao nível da sua fonte de origem.

ovo Modelo do Universo

Tal ponto de vista seria, no entanto, revolucionário demais, porque abalaria os

fundamentos de todo o pensamento moderno, implicaria uma revisão de todas as

filosofias científicas do mundo e tornaria inteiramente inúteis, e até ridículas, todas as

bibliotecas de livros escritos com base na teoria da evolução. E, sobretudo, exigiria a

retirada de cena de toda uma série de "grandes homens" do passado, presente e futuro.

Esse ponto de vista, portanto, não pode se tornar jamais popular, não sendo provável que

encontre um lugar ao lado de outros pontos de vista.

Mas, se tentarmos prosseguir com essa idéia de civilizações sucessivas, veremos

que cada grande cultura do grande ciclo de toda a humanidade consiste de uma série

completa de culturas separadas, pertencentes a raças e povos separados. Todas essas

culturas separadas procedem em ondas; surgem, chegam ao ponto de desenvolvimento
mais alto e caem. Uma raça ou um povo que chegou a um nível muito alto de cultura pode
começar a perdê-la e a passar gradativamente a um estado de absoluta barbárie. Os
selvagens dos nossos dias, como se disse antes, podem ser descendentes de raças que
tiveram uma vez uma alta cultura. Uma série completa dessas culturas raciais e
nacionais, consideradas num longo período de tempo, constituem o que se pode chamar
uma grande cultura ou a cultura de um grande ciclo. A cultura de um grande ciclo é
também uma onda formada, como toda onda, de um certo número de ondas menores; e
essa cultura, do mesmo modo que as culturas isoladas, raciais ou nacionais, alcança o
seu ponto mais alto e mergulha, por fim, na barbárie.
É evidente que a divisão em períodos de barbárie e períodos de cultura não deve ser
entendida literalmente. A cultura pode desaparecer totalmente num continente e ser
parcialmente preservada em outro que não mantenha nenhuma comunicação com o
primeiro. Podemos pensar precisamente dessa maneira sobre a nossa própria cultura,
porque épocas de profunda e indubitável barbárie na Europa podem ter sido épocas de
determinada cultura em partes da América Central ou do Sul, talvez em alguns países da
África, Ásia e Polinésia. A possibilidade de que uma cultura seja preservada em algumas
partes do mundo, num período de decadência geral, não afeta o princípio fundamental de

que a cultura procede em grandes ondas, separadas por longos períodos de barbárie
mais ou menos completa. É bem possível que ocorram períodos, especialmente se
coincidem com cataclismos geológicos, com modificações do estado da crosta terrestre,
nos quais toda a aparência de cultura desaparece e os remanescentes de toda a
humanidade primitiva comecem uma cultura nova a partir do início, da Idade da Pedra.
Segundo a idéia do Esoterismo, nem todas as coisas valiosas que a humanidade
obteve nos períodos de cultura se perdem nas épocas de barbárie. A substância
fundamental do que a humanidade adquiriu num período de cultura é preservada em
centros esotéricos num período de barbárie e serve posteriormente para o princípio de
uma nova cultura.
Todas as culturas se erguem e caem. A razão disso é que em cada cultura, como [37]
se pode observar, por exemplo, na nossa, se desenvolvem princípios completamente
antagônicos, o de civilização e o da barbárie, que evoluem simultaneamente.
O começo da cultura vem do círculo interior da humanidade e muitas vezes ele se dá
por meios que são violentos. Os missionários do círculo interior civilizam as raças
selvagens às vezes pelo fogo e pela espada, porque não pode haver outro meio senão a
violência para lidar com os povos selvagens. Depois, os princípios de civilização se
desenvolvem, criando aos poucos as formas de manifestação espiritual do homem

chamadas religião, filosofia, ciência e arte, e também as formas de vida social que criam
para o indivíduo certa liberdade, os lazeres, a segurança e a possibilidade de sua
manifestação em esferas superiores de atividade.
Isso é a civilização. Como dissemos, o seu início, isto é, o princípio de todas as suas
idéias e do seu conhecimento, vem do círculo esotérico.
ovo Modelo do Universo
Entretanto, simultaneamente com o começo da civilização, admitiu-se a violência, e
o resultado é que, lado a lado com a civilização, cresce também a barbárie. Isso significa
que paralelamente ao crescimento das idéias que vêm do círculo esotérico se
desenvolvem outros aspectos da vida que se originam no estado de barbárie da
humanidade. A barbárie carrega consigo os princípios da violência e da destruição. Estes
não existem nem podem existir na civilização.
Em nossa cultura é muito fácil seguir essas duas linhas, a da civilização e a da
barbárie.
O selvagem matava o seu inimigo com uma clava. O homem culto tem à sua
disposição toda sorte de recursos técnicos, explosivos de grande potência, a eletricidade,
aeroplanos, submarinos, gases venenosos, *etc.* Todos esses meios e instrumentos de
destruição e extermínio são apenas formas evoluídas da clava. E diferem dela apenas em
seu poder de ação. A cultura dos meios de destruição e a dos métodos de violência são a
cultura da barbárie.
Além disso, uma parte essencial da nossa cultura consiste na escravidão e em todas

as formas possíveis de violência em nome do Estado, da religião, das idéias, da moral e

de tudo que se possa imaginar.

A vida interior da sociedade moderna, os seus gostos e interesses, estão cheios de

traços bárbaros. A paixão pelos espetáculos e diversões, pelas competições, os esportes,

o jogo de azar, a grande sugestionabilidade, a propensão a submeter-se a todos os tipos
de influências, ao pânico, à desconfiança, todas essas coisas são facetas da barbárie. E
todas elas florescem em nossa vida, utilizando todos os meios e instrumentos da cultura
técnica, como a imprensa, o telégrafo, a telegrafia sem fio, os meios rápidos de
comunicação, *etc.*

A cultura busca estabelecer uma fronteira entre ela e a barbárie. As manifestações
de barbárie são denominadas "crimes". Mas a criminologia existente é insuficiente para
isolar a barbárie, porque a idéia de "crime" na atual criminologia é artificial, pois o que se
chama de crime é, na realidade, a infringência das "leis existentes", sendo que as "leis"
são muitas vezes uma manifestação de barbárie e violência. Tais são as leis proibitivas de
diversos tipos que abundam na vida moderna. O número dessas leis está constantemente
crescendo em todos os países e, devido a isso, o que se chama crime é com frequência
não um crime em absoluto, porque não encerra nenhum elemento de violência ou dano.

Por outro lado, crimes indiscutíveis escapam ao campo visual da criminologia, quer
porque não são reconhecidos como crime, quer porque ultrapassam determinada medida.

Na criminologia atual há [38] conceitos: criminoso, profissão criminosa, sociedade
criminosa, seita criminosa, casta criminosa, tribo criminosa, mas não há qualquer conceito
de Estado criminoso, ou de governo ou legislação criminosa. Conseqúentemente, os
maiores crimes escapam de serem chamados crimes.

Essa limitação do campo visual da criminologia, ao lado da falta de uma definição
exata e permanente do conceito de crime, é uma das características fundamentais da
nossa cultura.
A cultura da barbárie cresce simultaneamente com a da civilização. Mas o ponto
importante é o fato de que as duas não podem se desenvolver indefinidamente em linhas
paralelas. Chega inevitavelmente o momento em que a cultura da barbárie interrompe o
desenvolvimento da civilização e gradualmente, ou possivelmente com muita rapidez, a
destrói completamente.
Pode-se perguntar por que a barbárie deve inevitavelmente destruir a civilização e a
civilização não pode destruir a barbárie.
É fácil responder. Antes de tudo, tal coisa nunca se soube que tenha acontecido em
toda a história que conhecemos, enquanto o fenômeno contrário, isto é, a destruição da

civilização pela barbárie, a vitória desta sobre a civilização, tem ocorrido seguidas vezes e
está ocorrendo hoje. E, como se mencionou anteriormente, podemos julgar o destino de
uma grande onda de cultura pelo destino das ondas de cultura menores das raças e
povos individuais.
A causa radical da evolução da barbárie está no próprio homem; nele são inatos os
princípios que promovem o crescimento da barbárie. Para destruir esta, é necessário
destruir esses princípios. Mas podemos ver que nunca, desde o princípio da história que

conhecemos, a civilização foi capaz de destruir esses princípios de barbárie na alma
humana; e, por isso, a barbárie sempre se desenvolve paralelamente à civilização. Além
disso, a barbárie geralmente se desenvolve mais depressa do que a civilização e, em
muitos casos, detém o desenvolvimento da civilização desde o princípio. É possível
encontrar muitos exemplos históricos da civilização de uma nação impedida pelo
desenvolvimento da barbárie nessa mesma nação.

É bem possível que, em casos isolados de pequenas ou mesmo regularmente
grandes mas isoladas culturas, a civilização possa temporariamente impor-se à barbárie,
mas noutras culturas existentes, ao mesmo tempo, foi a barbárie que sobrepujou a
civilização e, com o tempo, invadiu e se impôs à civilização daquelas outras culturas
isoladas, que em seus próprios países haviam triunfado sobre a barbárie.

A segunda razão da vitória da barbárie sobre a civilização, que se pode ver sempre,
é o fato de que as formas originais da civilização cultivaram certas formas de barbárie
para proteger a sua própria existência, a sua própria defesa, o seu próprio isolamento,
como a organização do poder militar, o incremento da técnica e da psicologia militares, o
estímulo e a legalização de várias formas de escravidão, a codificação de costumes
bárbaros, *etc.*

Essas formas de barbárie em pouco tempo se desenvolvem mais do que a
civilização, começam a ver a finalidade da sua existência em si mesmas. A sua força

reside no fato de que podem existir por si mesmas, sem ajuda exterior. A civilização, ao
contrário, tendo vindo de fora, só pode existir e se desenvolver recebendo ajuda exterior,
isto é, a ajuda do círculo esotérico. Mas as formas desenvolvidas da barbárie isolam
imediatamente a civilização da sua ongem, e esta, então, perdendo a confiança na razão
da sua existência, começa a servir às formas desenvolvidas da barbárie, na [39] crença de
que nisso está seu fim e destino. Todas as formas criadas pela civilização sofrem um
processo de modificação e se adaptam à nova ordem de coisas, isto é, tornam-se
subservientes à barbárie.
O governo teocrático se transforma em despotismo. As castas, se foram
reconhecidas, passam a ser hereditárias. A religião, assumindo a forma de "igreja", torna-se um instrumento nas mãos do despotismo ou das castas hereditárias. A ciência,
transformada em técnica, favorece os propósitos de destruição e extermínio. A arte
degenera e se converte num meio de manter as massas no nível da imbecilidade.
Essa é a civilização a serviço da barbárie, escravizada à barbárie. Pode-se observar
essa relação entre a civilização e a barbárie através de toda a vida histórica, mas tal
relação não pode existir indefinidamente. O crescimento da civilização se detém. A
civilização se incorpora, por assim dizer, à cultura da barbárie. Por fim, morre
definitivamente. Em consequência, a barbárie, sem receber um influxo de força da
civilização, começa a descer a formas cada vez mais elementares, voltando aos poucos

ao seu estado primitivo, até tomar-se o que realmente é e foi durante todo o período em
que se disfarçou com os vistosos adornos que a civilização lhe emprestou.
Barbárie e civilização podem coexistir nesta relação recíproca, que observamos em
nossa vida histórica, apenas por um período de tempo comparativamente curto. Virá uma
época em que o crescimento da técnica de destruição começará a ser tão rápido que
destruirá a fonte em que se originou, a saber, a civilização.
ovo Modelo do Universo
Quando examinamos a vida moderna, vemos quão pequeno e sem importância é o
lugar ocupado nela pelos princípios de civilização que não estão a serviço da barbárie.
Que pequeno lugar de fato ocupa na vida do homem médio o pensamento ou a busca da
verdade! Mas os princípios da civilização numa forma falsificada já são utilizados para os
propósitos da barbárie como meios para subjugar as massas e mante-las em submissão,
e nessas formas florescem.
E somente essas formas falsificadas é que são toleradas na vida. A religião, a
filosofia, a ciência e a arte, que não estão a serviço imediato da barbárie, não são
admitidas na vida, exceto em débeis formas limitadas. Qualquer tentativa da parte delas
de sair dos estreitos limites que lhes são impostos, é imediatamente refreada.
O interesse dos homens comuns nessa direção é excessivamente débil e impotente.
O homem vive da satisfação dos seus apetites, nos seus temores, nas lutas, na

vaidade, nas distrações e divertimentos, nos esportes estúpidos, era jogos de habilidade e
sorte, em ânsias de ganho, na sensualidade, no trabalho diário rotineiro, nos cuidados e
preocupações do dia-a-dia e, mais do que tudo, na obediência e no prazer que a
obediência lhe proporciona; se deixa de obedecer a um poder, imediatamente passa a
obedecer a outro. Está infinitamente distante de tudo que não esteja ligado diretamente
aos interesses do dia-a-dia ou às preocupações que isto lhe traz, distante de tudo que
esteja um pouco acima do nível material da sua vida. Se não fecharmos os olhos a tudo
isso, nos daremos conta de que não podemos, na melhor das hipóteses, nos chamar de
outra coisa que não bárbaros civilizados, isto é, bárbaros que possuem certo grau de
cultura.

A civilização da nossa época é um produto pálido e doentio, que mal pode se manter
vivo em meio à escuridão de um profundo barbarismo. As invenções técnicas, os meios
apurados de comunicação e os métodos de produção, os crescentes poderes [40] na luta
com a Natureza, tiram provavelmente da civilização mais do que dão.

A verdadeira civilização só existe no esoterismo. É o círculo interior que é, de fato, a
parte verdadeiramente civilizada da humanidade, e os membros do círculo interior são
homens civilizados que vivem num país de bárbaros, entre selvagens.

Isso esclarece, de outro ponto de vista, a questão que se formula com frequência e a

que já aludi: por que os membros do círculo interior não ajudam os homens na sua vida,
por que não tomam partido ao lado da verdade, por que não são ávidos em defender a
justiça, ajudar os fracos, fazer desaparecer as causas da violência e do mal?
Mas, se imaginarmos um pequeno número de homens civilizados vivendo num
grande país povoado por selvagens e tribos bárbaras em eterna hostilidade e guerra entre
si, mesmo que imaginemos que essas pessoas civilizadas vivam ali como missionários
cheios de desejo de levar a luz às massas selvagens, veremos que eles, com certeza,
não interferirão na luta das diferentes tribos ou tomarão partido nos conflitos que possam
surgir. Suponhamos que os escravos iniciem uma revolta nesse país; isso não significa
que os homens civilizados devam ajudar os escravos, porque a única intenção dos
escravos é subjugar os seus senhores e fazer deles seus escravos, quando se tomarem
senhores. A escravidão, em suas mais variadas formas, é uma das características desse
país selvagem, e os missionários não podem fazer nada contra isso; só podem oferecer,
aos que desejem, a oportunidade de que entrem em escolas e nelas estudem para se
tomarem livres. Para os que não ingressem nas escolas, as condições da vida não podem
ser alteradas.
Essa é uma descrição exata da nossa vida e da nossa relação com o Esoterismo, se
é que o Esoterismo existe.
Se considerarmos agora a vida da raça humana como uma série de ondas que se

levantam e caem, seremos levados à questão da origem do homem, do início e origem
ovo Modelo do Universo
das culturas que se levantam e caem, da origem da raça humana. Como já foi dito, o que
geralmente se chama de "teoria da evolução" em relação ao homem, isto é, todas as
teorias do darwinismo ingênuo, parecem ser improváveis e completamente sem
fundamento, do modo como são formuladas hoje. Ainda menos verdadeiras são diversas
teorias sociológicas, isto é, tentativas de explicar determinadas qualidades e traços
individuais do homem pela influência do seu meio ou pelas exigências da sociedade em
cujo seio ele vive.
Se examinarmos agora o aspecto biológico, então, na origem e variação das
espécies aparecem muitas circunstâncias que até para uma mente científica são
completamente inexplicáveis por meio do acidente ou da adaptação. Essas circunstâncias
nos induzem a supor a existência de um plano nos trabalhos do que chamamos Natureza.
E desde que supomos ou admitimos a existência do plano, temos que admitir a existência
de algum tipo de inteligência, isto é, a existência de certos seres que trabalham neste
plano e velam pela realização dele.
Para compreender as leis da possível evolução ou transformação do homem, é
necessário compreender as leis da atividade da Natureza e os métodos do Grande
Laboratório que controla a totalidade da vida e que o pensamento científico procura

substituir pelo "acidente", que ocorre sempre na mesma direção.

Às vezes, para compreender os grandes fenômenos, é útil encontrar fenômenos menores, nos quais se manifestem as mesmas causas que operam nos fenômenos maiores. Às vezes, para compreender a complexidade dos princípios que estão na base [41] dos grandes fenômenos, é necessário dar-se conta da complexidade dos fenômenos que parecem pequenos e insignificantes.

Há muitos fenômenos da Natureza que jamais foram inteiramente analisados e que, apresentados erroneamente, formam uma base para várias teorias e hipóteses falsas. Ao mesmo tempo, vistos de forma correta e devidamente compreendidos, tais fenômenos explicam muitas coisas dos princípios e métodos da atívidade da Natureza.

Como ilustração das asserções acima, tomarei os chamados fenômenos de mimetismo e, em geral, de parecença e semelhança nos mundos vegetal e animal. De acordo com as mais recentes definições científicas, a palavra "mimetismo" se refere apenas aos fenômenos de imitação de umas formas vivas por outras; além disso, atribuem-se a ele certas finalidades e limitações. Noutras palavras, só os fenômenos de certas espécies e classes definidas se referem ao mimetismo, por serem diferentes da classe mais extensa da "semelhança protetora".

Na realidade, os dois fenômenos pertencem à mesma ordem e é impossível separá-

los. De mais a mais, a expressão "semelhança protetora" é anticientífica, porque
pressupõe uma explicação a príori do fenômeno da semelhança, que, de fato, é
inteiramente inexplicável e contém muitos aspectos que contradizem a definição de
protetor.
Em vista disso, a palavra "mimetismo" é tomada daqui em diante no seu significado
pleno, isto é, no sentido de qualquer imitação ou cópia por algumas formas vivas, quer de
outras formas, quer das condições naturais que as cercam.
Os fenômenos de mimetismo se manifestam mais claramente no mundo dos insetos.
Alguns países são particularmente ricos em insetos que incorporam à sua estrutura
ou ao seu colorido as várias condições do seu meio ambiente, das plantas em que vivem
ou de outros insetos. Há insetos-folhas, insetos-ramos, insetos-pedras, insetos-musgos e
insetos-estrelas (vagalumes). Mesmo um estudo geral e fortuito desses insetos revela
todo um mundo de milagres. Borboletas, cujas asas fechadas representam uma grande
folha morta, com orlas serrilhadas, manchas simétricas, nervuras e intrincados desenhos,
ovo Modelo do Universo
pousadas numa árvore ou flutuando no ar; besouros que imitam musgo cinzento;
maravilhosos insetos, cujos corpos são cópias exatas de pequenos ramos verdes, às
vezes com uma grande folha na ponta. Estes últimos são encontrados, por exemplo, nas
margens caucasianas do Mar Negro. No Ceilão há um grande inseto verde que vive em

certo tipo de arbusto e copia a forma exata, a cor e as dimensões das folhas desta árvore.

(Phyllium siccifolium.)

À distância de pouco mais de um metro é inteiramente impossível distinguir o inseto

de uma folha verdadeira. As folhas são quase de forma redonda, de três ou quatro

centímetros de diâmetro, com uma ponta bastante grossa, com nervuras e bordas

dentadas e com um pedúnculo vermelho embaixo. E exatamente as mesmas nervuras e

bordas dentadas são fielmente reproduzidas na parte superior do inseto. Embaixo, onde o

pedúnculo começa na folha verdadeira, há um pequeno corpo vermelho com patas

delgadas e uma cabeça com antenas; ele é inteiramente invisível, visto de cima; a "folha"

o cobre e protege dos olhares curiosos.

O mimetismo foi por muito tempo "cientificamente" explicado como o resultado da

sobrevivência do mais apto, que possui melhores meios de proteção. Assim, dizia-se, por

exemplo: um dos insetos pode ter nascido "acidentalmente" de cor [42] verde. Graças a

isso, pôde se esconder entre as folhas verdes, sendo mais capaz de escapar aos seus

inimigos e ter maior oportunidade de deixar descendência. Os espécimens descendentes

que tinham essa cor sobreviveram mais facilmente e tiveram uma oportunidade maior de

continuar a sua espécie. Gradativamente, após milhares de gerações, surgiu um inseto

completamente verde. Um destes era "acidentalmente" mais plano do que os outros e,

graças a isso, era menos notado entre as folhas, podendo se esconder melhor dos seus

inimigos e ter uma oportunidade maior de deixar descendência. Gradativamente,
novamente após milhares de gerações, surgiu uma variedade verde e plana. Um desses
insetos de variedade plana se assemelhava a uma folha e, graças a isso, podia se
esconder entre as folhas, com maior oportunidade de deixar descendência e assim
sucessivamente.
Essa teoria, repetida tantas vezes e de várias formas pelos cientistas, acabou se
tomando quase universalmente aceita, embora, na realidade, fosse, é claro, a mais
ingênua das explicações.
Se examinarmos um inseto que se assemelha a uma folha verde, ou uma borboleta
cujas asas fechadas são como uma folha seca, ou o inseto que imita um ramo verde com
uma folha, veremos em cada um deles não um aspecto que o toma semelhante a uma
planta, não dois ou três desses aspectos, mas milhares, cada um dos quais, segundo a
velha teoria "científica", deve ter-se formado isoladamente, independentemente dos
outros, porque é completamente impossível supor que um inseto. "acidentalmente", tenha
se tornado semelhante a uma folha verde em todos os seus pormenores. Pode-se admitir
o "acidente" numa direção, mas é totalmente impossível admiti-lo em milhares de direções
ao mesmo tempo. Devemos supor, quer que todos os mínimos detalhes se formaram
independentemente uns dos outros, quer que algum tipo de "plano" existia. A ciência não
pôde admitir um "plano". O "plano" não é, em absoluto, uma idéia científica. Restou apenas o "acidente". Nesse

caso, cada veia no dorso do inseto, cada pata verde, o
pescoço vermelho, a cabeça verde com as antenas, tudo isso, cada mínimo detalhe, cada
característica mais insignificante, deve ter-se formado independentemente de todos os
outros. Para a formação de um inseto igual a uma folha da planta em que ele vive, teriam
sido necessários não apenas uns poucos, mas milhares, talvez dezenas de milhares de
acidentes repetidos.
Aqueles que inventaram as explicações "científicas" do mimetismo não levaram em
conta a impossibilidade matemática dessa espécie de série "acidental" de combinações e
repetições.
Se reconstituirmos a quantidade de trabalho intencional e, até certo grau,
ovo Modelo do Universo
consciente, necessário para transformar um pedaço de feno num canivete comum, nunca
pensaremos que este pudesse se formar "acidentalmente".
Seria uma idéia totalmente amicientífica esperar encontrar na Terra lâminas prontas
com a marca Sheffield ou Solingen impressa nelas. Mas a teoria do mimetismo espera
muito mais. Com base nessa teoria ou em outras semelhantes, poder-se-ia esperar
encontrar, em alguma camada rochosa, uma máquina de escrever, formada naturalmente
e totalmente pronta para ser utilizada.
A impossibilidade de acidentes combinados é justamente o que, durante muito
tempo, não foi levada em consideração pelo pensamento "científico".

Quando uma característica torna um animal invisível no seu ambiente, como uma
lebre branca na neve ou uma rã verde na grama, isso pode, forçando-se um [43] pouco, ser
explicado "cientificamente". Mas, quando o número de tais características se torna quase
incalculável, essa explicação perde toda possibilidade lógica.
Além do que foi dito, o inseto-folha tem outra característica que atrai a atenção. Se
acharmos um inseto desses morto, veremos que se parece com uma folha enrolada, seca
e desbotada.
Surge esta pergunta: "Por que é que, se um inseto vivo se parece com uma folha
viva. um inseto morto se assemelha a uma folha morta? Um não resulta do outro. A
despeito da semelhança exterior, a estrutura histológica de um e de outro deve ser muito
diferente. Dessa forma, a semelhança do inseto morto com a folha morta é também uma
peculiaridade que deve ter-se formado de maneira isolada e independente. Como a
ciência explica tal coisa?"
O que podia dizer a ciência? Que, a princípio, um inseto morto se pareceu
ligeiramente com uma folha seca. Devido a isso, ele teve uma oportunidade maior de
ocultar-se dos seus inimigos, de gerar uma descendência mais numerosa e, assim, por
diante. A ciência não podia dizer mais nada, porque esta é uma dedução necessária do
princípio das semelhanças protetoras ou utilitárias.
A ciência moderna não pode seguir inteiramente essas linhas e, apesar disso, ainda

conserva a terminologia darwiniana ou pós-darwiniana de "proteção", de "amigos" e
"inimigos"; não pode encarar os fenômenos de semelhança e mimetismo somente do
ponto de vista utilitário.
Muitos fatos estranhos foram estabelecidos; por exemplo, conhecem-se muitos
casos em que uma mudança de cor e forma torna o inseto ou animal mais aparente,
sujeito a um perigo maior, o faz mais atrativo e convidativo aos seus inimigos.
O princípio do utilitarismo teve que ser abandonado. E, nos trabalhos científicos
modernos, podemos nos deparar hoje com explicações difusas e sem sentido de que o
fenômeno do mimetismo deve a sua origem à "influência do meio ambiente amando do
mesmo modo em diferentes espécies" ou a uma "resposta fisiológica a experiências
mentais constantes, tais como a sensação de cor".
(12)
É claro que esta não é de modo algum uma explicação.
Para compreender os fenômenos de mimetismo e de semelhança em geral, nos
mundos animal e vegetal, é necessário se adotar um ponto de vista mais amplo, e só
então será possível ter êxito em obter o seu princípio fundamental.
O pensamento científico, devido aos seus limites fixos, não pode compreender esse
princípio.
Este princípio é a tendência geral da Natureza no sentido do decorativo, "do teatral",
a tendência a ser ou parecer diferente do que na realidade é, num dado momento ou

12 Encyclopaedia Britannica, 14ª ed., vol. 15, "Mimetismo".

ovo Modelo do Universo

lugar.

A Natureza tenta sempre se adornar e não ser ela mesma. Essa é a tendência

fundamental da sua vida. Todo o tempo ela está se vestindo, mudando as suas

roupagens, mirando-se no espelho, admirando-se por todos os lados e novamente se

despindo e se vestindo.

As suas ações surgem muitas vezes aos nossos olhos como se fossem acidentais e

sem finalidade, porque sempre tentamos atribuir-lhes um sentido utilitário. Na verdade,

entretanto, nada pode estar mais distante das intenções da Natureza do que trabalhar no

sentido da "utilidade". Esta só é obtida por acidente, casualmente. O que [44] se pode

considerar permanente e intencional é a tendência ao decorativo, ao interminável disfarce,

à eterna mascarada, em que vive a Natureza.

De fato, todos esses pequenos insetos de que falamos estão vestidos e disfarçados;

todos eles usam máscaras e fantasias. A vida inteira deles se passa no palco. A

tendência da sua vida não é serem eies mesmos, mas se parecerem com outra coisa,

com uma folha verde, um musgo ou pedra brilhante.

Ao mesmo tempo, só se pode imitar o que realmente se vê. Mesmo o homem é

incapaz de desenhar ou inventar novas formas. Um inseto ou animal é forçado a toma-las

emprestadas do seu ambiente, a imitar alguma coisa nas condições em cujo meio vive.

Um pavão se veste com redondas manchas de sol, que caem no chão dos raios que
atravessam a folhagem. Uma zebra se cobre com sombras dos ramos das árvores. Um
peixe que vive no fundo arenoso do mar imita a areia em seu colorido. O mesmo peixe,
vivendo num fundo limoso escuro, imitará o limo em seu colorido. Um inseto que viva
entre as folhas verdes de um determinado arbusto do Ceilão se disfarçará como uma de
suas folhas. Ele não pode se disfarçar de outra coisa. Se sente uma tendência ao
decorativo e ao teatral, uma tendência a vestir uma roupagem estranha e carnavalesca,
será forçado a imitar as folhas verdes em meio das quais vive. Essas folhas são tudo que
conhece e vê, e ele não pode inventar outra coisa. Está cercado por folhas verdes e se
veste como uma folha verde, pretende ser uma folha verde, desempenhar o papel de uma
folha verde. Nisso só podemos ver uma coisa: uma tendência a não ser o que é, mas a
parecer alguma coisa que ele não é. (13)
É claro que se trata de um milagre, um milagre que encerra não um, mas muitos
enigmas.
Antes de tudo, quem ou o que se disfarça; quem ou o que trata de ser ou de se
parecer com algo que não é?
É evidente que não é o inseto ou animal individualmente. Um inseto, considerado
individualmente, é apenas uma vestimenta.
Há alguém ou algo por trás disso.
No fenômeno da decoração, nas formas e no colorido das criaturas vivas, no

fenômeno do mimetismo, mesmo na "proteção", pode-se ver um plano definido, uma
intenção e uma finalidade. E, com muita frequência, esse plano não é, de forma alguma,
utilitário. Ao contrário, o disfarce muitas vezes tem muito de perigoso, desnecessário e
inoportuno.
Que pode ser então?
É a moda, a moda na Natureza?
Ora, o que é "a moda" no mundo humano? Quem a cria, quem a governa, quais são
os seus princípios básicos e onde reside o segredo de seu caráter imperativo? Ela contém
um elemento de decoração, embora este seja muitas vezes erroneamente compreendido,

13 Essa tendência a não ser o que se é e a tendência ao teatral (na vida humana) são descritas, de maneira interessante, no livro The Theatre in Life, de N. N. Evreinov (São Petersbuigo, 1915. G. G. Harrap & Co., Londres).

um elemento de proteção, um elemento de enfatização dos caracteres secundários, um
elemento de desejo de não parecer ou ser o que se é, e também um elemento de
imitação do que mais atrai a imaginação. [45]
Por que, no século XIX, com o início do império das máquinas, os europeus cultos,
com suas cartolas, calças pretas e sobrecasacas pretas, se transformaram em chaminés
estilizadas?
Que era aquilo? "Semelhança protetora"?
O mimetismo é uma manifestação dessa mesma "moda" no mundo animal. Toda
imitação, toda cópia, toda dissimulação, é "moda". As rãs que são verdes no meio da

verdura, amarelas na areia, quase negras na terra preta, isto não é simplesmente
"proteção". Podemos descobrir aqui um elemento do que é "feito", do que é respeitável, do que todo mundo faz. Na areia, uma rã verde atrairia muito mais a atenção, se
destacaria muito mais, seria um "borrão". Evidentemente, por alguma razão, isso não é
permitido; é considerado contrário ao bom gosto da Natureza.

Os fenômenos de mimetismo estabelecem dois princípios para compreensão do
trabalho da Natureza: o princípio da existência de um plano em tudo que a Natureza faz, e
o princípio da ausência de um simples utilitarismo nesse plano.

Isso nos leva à questão dos métodos, à questão de como isso se faz. E essa
questão, por seu turno, leva imediatamente a outra: como se faz, não só isto, mas tudo
em geral?

O pensamento científico é forçado a admitir a possibilidade de estranhos "saltos" na
formação de novos tipos biológicos. A tranquila e bem equilibrada teoria da origem das
espécies dos bons tempos passados foi abandonada há muito tempo e não há hoje
nenhuma possibilidade de defendê-la. Os "saltos" são evidentes e derrubam toda a teoria.

De acordo com as teorias biológicas que se tornaram "clássicas" na segunda metade do
século XIX, os traços característicos só se tomaram permanentes após repetições
acidentais em muitas gerações. Na realidade, entretanto, novas características são muitas
vezes transmitidas imediatamente e num grau muito intenso. Só esse fato destrói todo o

sistema antigo e nos obriga a presumir a existência de algum tipo de poder que dirige o
aparecimento e o estabelecimento de novos caracteres.
Desse ponto de vista, é possível supor que o que é chamado de reino animal e
vegetal seja o resultado de um complexo trabalho realizado por um Grande Laboratório.
Olhando para os mundos animal e vegetal, podemos pensar que, em algum imenso e
incompreensível laboratório da Natureza, se produzem, uma após outra, séries de
experiências. O resultado de cada experiência é posto, em separado, num tubo de ensaio,
selado e rotulado, e assim penetra no nosso mundo. Nós o vemos e dizemos "mosca". À
experiência seguinte, ao tubo, dizemos "abelha"; aos seguintes: "cobra", "elefante", "cavalo", *etc.* Todos eles são experiências do Grande Laboratório. No fim de tudo, vem a
mais difícil e complexa das experiências, o "homem".
No início, não vemos nenhuma ordem nem finalidade nessas experiências. E
algumas delas, como os insetos daninhos ou as cobras venenosas, nos parecem uma
brincadeira malévola da Natureza a expensas do homem.
Mas, aos poucos, começamos a ver um sistema e uma direção definida no trabalho
do Grande Laboratório. Começamos a compreender que o Laboratório faz experiências
apenas com o homem. A tarefa do Laboratório é criar uma forma que "evolua" por si
mesma, isto é, com a condição de que seja ajudada e apoiada, mas com as suas próprias
forças. Essa forma auto-evolutiva é o homem.
Todas as outras formas são experiências preliminares para produzir material para

alimentar formas mais complexas, ou experiências para produzir propriedades [46]
definidas ou partes da máquina, ou então experiências fracassadas, refugo da produção
ovo Modelo do Universo
ou do material utilizado.
O resultado de todo esse complexo trabalho é a humanidade inicial: Adão e Eva.
Mas o Laboratório começou a trabalhar muito antes do aparecimento do homem.
Uma grande quantidade de formas foi criada, cada uma delas destinada ao
aperfeiçoamento de uma ou outra característica, de uma ou outra peça. E cada uma
dessas formas, para poder viver, incluía em si mesma e expressava algumas das leis
cósmicas fundamentais, aparecendo como seu símbolo ou hieróglifo. Devido a isso, as
formas uma vez criadas não desapareciam após ter servido ao seu propósito, mas
continuavam a viver enquanto duraram as condições favoráveis ou elas não foram
destruídas por formas semelhantes, porém mais aperfeiçoadas. As "experiências", por
assim dizer, escaparam do Laboratório e começaram a viver por si mesmas. Mais tarde, a
teoria da evolução foi inventada para elas. A Natureza, naturalmente, não tinha em mira
qualquer evolução para essas "experiências" que escaparam. Às vezes, ao criar essas
formas experimentais, a Natureza empregou material que já fora utilizado no homem, que
era inútil para ele e que era incapaz de transformação nele.
Dessa forma, todo o trabalho do Grande Laboratório tinha um fim em vista: a criação

do Homem. Das experiências preliminares e do refugo da produção foram formados os
animais.
Os animais, que são nossos "ancestrais", segundo Darwin, são, na realidade, não os
nossos ancestrais, mas muitas vezes "descendentes", como nós, de raças humanas há
muito tempo extintas. Somos descendentes delas, assim como também os animais. Em
nós estão encarnadas as suas qualidades de um tipo e nos animais, as qualidades de
outro tipo. Os animais são os nossos primos. A diferença entre nós e os animais é que
nós, bem ou mal, nos adaptamos às condições variáveis, ou, de certo modo, temos a
faculdade de adaptação. Os animais, entretanto, se detiveram numa só característica,
uma qualidade que expressam e não vão além. Se as condições se modificam, os
animais morrem, são incapazes de se adaptarem. Neles estão encarnadas propriedades
que não podem mudar. Os animais são a encarnação daquelas características humanas
que se tomaram inúteis e inviáveis no homem.
É por isso que com tanta frequência os animais parecem ser caricaturas dos
homens.
Todo o mundo animal é uma contínua caricatura da vida humana. Há muita coisa
nos homens que deve ser rejeitada, antes que eles possam se tomar homens
verdadeiros. E as pessoas têm medo disso, porque não sabem o que terão que manter.
Talvez algo fique, mas muito pouco. E haverá quem tenha a coragem de fazer tal

experiência? Talvez alguns se atrevam. Mas onde estão eles?

As propriedades que cedo ou tarde estão destinadas ao jardim zoológico ainda

dirigem a nossa vida, e as pessoas têm medo de renunciar a elas, mesmo em

pensamento, porque sentem que, se as perderem, não restará nada. E o pior disso é que,

na maioria dos casos, estão absolutamente certas.

Voltemos, porém, ao momento em que o primeiro homem, "Adão e Eva", saiu do

Laboratório e surgiu na Terra. A primeira humanidade não podia iniciar nenhuma cultura.

Ainda não havia nenhum círculo interior para ajudá-la, para guiar os seus primeiros

passos. E o homem teve que receber ajuda dos poderes que o criaram. Esses poderes

tiveram que fazer o papel que mais tarde seria desempenhado pelo círculo interior. [47]

A cultura teve início e. como o primeiro homem ainda não tinha o hábito de errar,

nem a prática das maldades, nem a lembrança da barbárie, a cultura se desenvolveu com

extraordinária rapidez. Além disso, essa cultura não desenvolveu aspectos negativos,

mas apenas aspectos positivos. O homem vivia em plena comunhão com a Natureza, via

as propriedades internas de todas as coisas e seres, compreendia essas propriedades e

ovo Modelo do Universo

dava nomes a tudo, de acordo com as suas propriedades. Os animais lhe obedeciam; ele

estava em constante contato com os poderes superiores que o tinham criado. E o homem

ascendeu a grandes alturas e o fez com grande rapidez, porque, na sua ascensão, não

cometeu nenhum erro. Mas a sua incapacidade de errar e a falta da prática disso, se por
um lado acelerava o seu progresso, por outro o expunha a grandes perigos, porque
acarretava a incapacidade de evitar os resultados dos erros, que, apesar de tudo,
continuavam a ser possíveis.
Finalmente, o homem cometeu um erro. E cometeu-o quando já havia alcançado
uma grande altura.
Esse erro consistiu em começar a considerar que se achava mais alto do que
realmente estava. Pensou que já sabia o que era bom e o que era mau; acreditou que por
si mesmo podia dirigir e guiar a sua vida sem a ajuda do exterior.
Esse erro podia possivelmente não ter sido tão grande, os seus resultados podiam
ter sido corrigidos ou alterados, se o homem tivesse sabido lidar com as consequências
do seu erro. Este começou a crescer, a assumir proporções gigantescas, até começar a
se manifestar em todos os aspectos da vida do homem. O homem começou a cair. A
onda baixou. O homem rapidamente desceu ao nível de onde partira, com o pecado
original a mais.
E, depois de um período estacionário, mais ou menos longo, a penosa ascensão
com a ajuda cos poderes superiores novamente começou. A única diferença era que,
dessa vez, o homem tinha a capacidade de cometer erros, tinha um pecado. E a segunda
onda de cultura começou com um fratricídio, com o crime de Caim, que se colocou como
uma pedra angular da nova cultura.

Contudo, ao lado do "karma" do pecado, o homem tinha adquirido uma certa
experiência pelos seus erros iniciais e quando, portanto, o momento do erro fatal se
repetiu, nem toda a humanidade o cometeu. Houve um certo número de pessoas que não
cometeu o crime de Caim, que não se colocou de acordo com ele de forma alguma ou
dele tirou algum proveito. A partir daí, os caminhos dos homens divergiram. Os que
cometeram o erro começaram a cair até chegar ao nível mais baixo. Mas, no momento
em que começaram a precisar de ajuda, aqueles que não caíram, isto é, os que não
cometeram o erro, puderam então dar essa ajuda.

É este, em resumo, o esquema das primeiras culturas. O mito de Adão e Eva é a
história da primeira cultura. A vida no Jardim do Paraíso foi a forma de civilização
alcançada pela primeira cultura. A Queda do Homem foi o resultado dessa tentativa de se
livrar dos poderes superiores que guiavam a sua evolução e principiar uma vida por conta
própria, confiando apenas no seu próprio julgamento. Cada cultura comete, à sua
maneira, esse erro fundamental. Cada nova cultura desenvolve alguns aspectos novos,
chega a novos resultados e então perde tudo. Mas tudo que é de real valor é preservado
por aqueles que não cometem erros, e serve como material para o início de uma cultura
posterior.

Na primeira cultura, o homem não tinha experiência dos erros. Sua ascensão foi
muito rápida, não foi suficientemente complexa nem variada. O homem não desenvolveu

[48] em si todas as possibilidades que havia nele, porque muitas coisas ele obteve com
muita facilidade. Mas, após uma série de quedas, com toda a sua bagagem de erros e
crimes, o homem precisou desenvolver outras possibilidades, que eram inerentes a ele,
para contrabalançar o resultado desses erros. Mostraremos, mais adiante, que o
desenvolvimento de todas as possibilidades inerentes em cada ponto da criação constitui
o objeto do progresso do Universo, e a vida da humanidade deve ser estudada em
conexão com esse princípio.
Na vida posterior da raça humana e nas suas culturas posteriores, o
desenvolvimento dessas possibilidades se efetua com a ajuda do círculo interno. Desse
ovo Modelo do Universo
ponto de vista, toda a evolução possível à humanidade consiste na evolução de um
pequeno número de indivíduos, distribuídos possivelmente através de um longo período
de tempo. A massa da humanidade inteira não evolui; simplesmente varia um pouco,
adaptando-se às mudanças das condições ambientes. A humanidade, como um
organismo, evolui por meio da progressão de um certo número, muito pequeno, de células
que o formam. As células que evoluem passam, por assim dizer, a tecidos superiores do
organismo e, assim, estes tecidos superiores se nutrem pela absorção das células que
evoluem.
A idéia dos tecidos superiores é a idéia do círculo interior.
Como mencionei antes, a idéia do círculo interior contradiz todas as teorias

sociológicas admitidas referentes à estrutura da sociedade humana, mas essa idéia nos
leva a outras teorias que estão hoje esquecidas e que não receberam a devida atenção
na sua época.
Assim, de vez em quando, surgiu em Sociologia a questão de saber se a
humanidade poderia ser encarada como um organismo e as comunidades humanas como
organismos menores, isto é, será possível um ponto de vista biológico dos fenômenos
sociais? O pensamento sociológico contemporâneo adota uma atitude negativa em
relação a essa idéia, e tem sido há muito considerado anticientífico encarar uma
comunidade como um organismo. O erro, no entanto, está no modo como o problema é
formulado. O conceito de "organismo" é tomado num sentido muito restrito e só como
uma idéia preconcebida. Isto é, se uma comunidade humana — uma nação, povo ou
raça. — é tomada como um organismo, ela é considerada como um organismo, análogo
ao organismo humano, ou superior a este. De fato, porém, essa idéia só pode ser correta
em relação à humanidade toda. Grupos humanos isolados, não importa qual seja a sua
amplitude, jamais podem ser análogos ao homem e menos ainda superiores a ele. A
biologia conhece e estabeleceu a existência de classes completamente diferentes de
organismos. E se, examinando os fenômenos da vida social, tivermos em mente a
diferença entre os organismos nos diferentes degraus da escada biológica, o ponto de

vista biológico dos fenômenos sociais se tornará muito mais possível. Mas isto apenas
com a condição de que nos demos conta de que toda comunidade humana, tais como
uma raça, um povo, uma tribo, é um organismo inferior em comparação como um homem
considerado individualmente.
Uma raça ou nação considerada como um organismo nada tem em comum com o
organismo complexo e altamente desenvolvido de um homem tomado individualmente.
Este tem para cada função um órgão especial e uma capacidade muito grande de
adaptação, possui movimento livre, *etc.* Em comparação com um homem, uma raça ou
nação considerada como organismo fica num nível muito baixo, o de "plantas-animais".
Esses organismos são amorfos, imóveis na sua maioria, massas, seres [49] que não têm
órgãos especiais para qualquer uma de suas funções e sem a capacidade de se moverem
livremente, mas fixos num lugar definido. Prpjetam alguma coisa como antenas em
diferentes direções e, por meio delas, capturam outros seres iguais a eles e os comem. A
vida inteira desses organismos consiste em se comerem mutuamente. Há alguns
organismos com a capacidade de absorver uma quantidade de organismos menores e,
assim, temporariamente, se tomam muito grandes e fortes. Em seguida, dois desses
organismos grandes se encontram e começam uma luta entre si, na qual um deles ou
ambos são destruídos ou debilitados. Toda a história externa da humanidade, a história

das lutas entre povos e raças, consiste apenas no processo, que acaba de ser descrito,
de "plantas-animais" que se comem mutuamente.
Mas, no meio de tudo isso, por debaixo de tudo, por assim dizer, prossegue a vida e
a atividade do homem, considerado individualmente, isto é, das células individuais que
formam esses organismos. A atividade desses homens produz o que chamamos cultura
ou civilização. A atividade das massas é sempre hostil a essa cultura, sempre a destrói.
ovo Modelo do Universo
Os povos não criam nada. Só destroem. É o homem, considerado como indivíduo, que
cria. Todas as invenções, descobertas, aprimoramentos, todo o progresso técnico, o
progresso da ciência, da arte, da arquitetura e da engenharia, todos os sistemas
filosóficos, todos os ensinamentos religiosos, tudo isso é resultado da atividade dos
homens como indivíduos. A destruição dos resultados dessa atividade, a sua deturpação,
aniquilação e extinção da face da Terra, é atividade das massas humanas.
Isso não quer dizer que os homens, considerados individualmente, não sirvam à
destruição. Pelo contrário, a iniciativa da destruição em larga escala pertence sempre aos
homens como indivíduos, e as massas são simplesmente os agentes de execução. As
massas, porém, jamais podem criar coisa alguma, embora possam destruir por sua
própria conta.
Se compreendermos que as massas da humanidade, isto é, os povos e raças, são

seres inferiores comparados ao homem como indivíduo, veremos que os povos e as raças
não podem evoluir na mesma medida que o homem como indivíduo.
Não temos sequer idéia da evolução possível a um povo ou raça, embora com
frequência falemos dessa evolução. Na verdade, todos os povos e nações, dentro dos
limites da nossa observação histórica, seguem um único e mesmo curso. Crescem, se
desenvolvem, alcançam certo grau de tamanho e poder, e começam então a se
desintegrar, declinam e caem. Finalmente, desaparecem completamente e se tornam
partes componentes de um outro ser igual a eles. As raças e as nações morrem da
mesma maneira que um homem. Mas os indivíduos têm certas outras possibilidades além
da morte, que os grandes organismos das massas humanas não têm, porque as almas
destas são tão amorfas quanto os seus corpos.
A tragédia do homem como indivíduo reside no fato de que ele vive, por assim dizer,
dentro da massa densa desse ser inferior, e toda a sua atividade está a serviço das
funções puramente vegetativas desse cego organismo gelatinoso. Ao mesmo tempo, a
atividade individual consciente do homem, os seus esforços no domínio do pensamento e
do trabalho criativo, caminham em direção contrária a estes grandes organismos, a
despeito deles e em desobediência a eles. É claro, contudo, que não seria verdadeiro
dizer que toda a atividade individual do homem consiste numa luta consciente contra

esses grandes organismos. O homem é conquistado e feito escravo. E ocorre muitas
vezes que ele pensa estar servindo e dever servir a esses grandes seres [50] mediante a
sua atividade individual. Mas as manifestações superiores do espírito humano, as
atividades superiores do homem, são totalmente desnecessárias aos grandes
organismos; na maioria dos casos, para dizer a verdade, elas são desagradáveis a eles,
hostis e até mesmo perigosas, uma vez que desviam para os trabalhos individuais as
forças que poderiam, de outro modo, ser absorvidas no torvelinho da vida do grande
organismo. De um modo inconsciente, meramente fisiológico, o grande organismo se
esforça para se apropriar de todos os poderes das células individuais que o compõem,
utilizando-os no seu próprio interesse, isto é, principalmente para lutar contra outros
organismos semelhantes. Mas, quando nos lembramos de que as células individuais, isto
é, os homens, são seres muito mais organizados do que os grandes organismos, e que as
atividades das primeiras vão muito mais longe do que as dos segundos, compreendemos
esse eterno conflito entre o homem e os aglomerados humanos, compreendemos que o
que se chama progresso ou evolução é o que resta das atividades individuais, depois que
a luta entre as massas amorfas e essa atividade individual ocorreu. Os organismos cegos
das massas lutam contra a manifestação do espírito evolutivo, o aniquilam e sufocam,
destruindo o que foi criado por ele. Mas mesmo assim não podem aniquilá-lo

completamente. Algo permanece, e é isso que chamamos progresso ou civilização.

A idéia da evolução, tanto do indivíduo como das comunidades humanas, a idéia do

esoterismo, o nascimento e crescimento das culturas e civilizações, as possibilidades do

homem considerado individualmente ligadas a períodos de ascensão e queda, tudo isso e

ovo Modelo do Universo

muitas outras coisas estão expressas em três mitos bíblicos.

Esses três mitos não se encontram unidos na Bíblia e estão separados, mas, na

realidade, expressam uma só e mesma idéia e se completam mutuamente.

O primeiro é a história do Grande Dilúvio e da Arca de Noé; o segundo é a história

da Torre de Babel, da sua destruição e da confusão das línguas; e o terceiro é a história

da destruição de Sodoma e Gomorra, da visão de Abraão e dos dez homens justos, por

amor de quem Deus concordou em poupar as duas cidades, mas que não puderam ser

encontrados lá.

O Grande Dilúvio é uma alegoria da queda da civilização, da destruição da cultura.

Essa queda deve ter sido acompanhada da aniquilação da maior parte da raça humana,

em consequência de cataclismos geológicos, ou de guerras, de migração de massas

humanas, epidemias, revoluções e causas semelhantes. Muitas vezes todas essas

causas coincidem. A idéia da alegoria é que, no momento da aparente destruição de tudo,

o que era realmente de valor é salvo, de acordo com um plano previamente preparado e

pensado. Um pequeno grupo de homens escapa da lei geral e salva todas as idéias e
conquistas mais importantes da cultura dada.
A lenda da Arca de Noé é um mito que se refere ao esoterismo. A construção da
"Arca" é a "Escola", a preparação dos homens para a iniciação, para transição para uma
nova vida, para um novo nascimento. A "Arca de Noé", que se salva do Dilúvio, é o círculo
interior da humanidade.
O segundo significado da alegoria se refere ao homem como indivíduo. O Dilúvio é a
morte, inevitável, inexorável. Mas o homem pode construir dentro de si uma "Arca" e nela
reunir espécimens de tudo que é valioso nele. Em tal caso, esses espécimes não
perecerão. Sobreviverão à morte e nascerão de novo. Do mesmo modo que a
humanidade pode se salvar somente graças à sua ligação com o círculo interior, o homem
pode alcançar a "salvação" pessoal apenas por meio de uma união [51] com o seu próprio
círculo interno, isto é, mediante a sua ligação com as formas superiores de consciência. E
isso não se pode fazer sem a ajuda externa, isto é, sem a ajuda do "círculo interior".
O segundo mito, o da Torre de Babel, é outra versão do primeiro; este, porém, fala
de salvação, isto é, dos que serão salvos, ao passo que o segundo fala apenas de
destruição, isto é, dos que perecerão.
A Torre de Babel representa a cultura. Os homens sonham construir uma torre de
pedra "cujo teto chegue até o céu", criar uma vida ideal na Terra. Crêem nos métodos

intelectuais, nos procedimentos técnicos, nas instituições formais. Durante muito tempo a
torre sobe cada vez mais na superfície da Terra. Mas chega infalivelmente o momento em
que os homens deixam de se compreender mutuamente, ou melhor, percebem que nunca
o fizeram. Cada um deles compreende ao seu modo a vida ideal na Terra. Cada qual quer
levar a cabo as suas próprias idéias. Cada um quer realizar o seu próprio ideal. Este é o
momento em que começa a confusão das línguas. Os homens deixam de se
compreender mutuamente, mesmo nas coisas mais simples; a falta de compreensão
provoca discórdias, hostilidade, luta. Os homens que constróem a torre começam a se
matar reciprocamente e a destruir o que construíram. A torre cai em ruínas.
Exatamente o mesmo ocorre na vida de toda a humanidade, na vida dos povos e
das nações, e na vida do homem como indivíduo. Cada homem constrói uma Torre de
Babel na sua própria vida. Os seus esforços, as suas metas na vida, as suas conquistas,
tudo isso é a sua Torre de Babel.
Mas é inevitável o momento em que a torre cairá. Um pequeno choque, um acidente
infeliz, uma doença, um pequeno erro de cálculo, e não sobra nada da sua torre. O
homem vê isso, mas já é tarde demais para corrigi-lo ou alterá-lo.
Ou então chega um momento, durante a construção da torre, era que os "eus"

diferentes da personalidade de um homem perdem a confiança uns nos outros, vêem

todas as contradições das suas metas e desejos, vêem que não têm nenhuma meta
comum, deixam de se compreender mutuamente, ou mais exatamente, deixam de pensar
que compreendem. Então a torre deve cair, a meta ilusória deve desaparecer, e o homem
deve sentir que tudo que fez foi infrutífero, que não o conduziu a nada e não podia levar a
nada e que diante dele há apenas um fato real — a morte.
A vida inteira do homem, o acúmulo de riquezas, poder, conhecimento, é a
construção de uma Torre de Babel, porque deve terminar em catástrofe, a saber, em
morte, que é o destino de tudo que não pode passar a um novo plano de ser.
O terceiro mito — o da destruição de Sodoma e Gomorra — mostra ainda mais
claramente do que os dois primeiros o momento da interferência das forças superiores e
as causas dessa interferência. Deus concordou em poupar Sodoma e Gomorra graças a
cinquenta homens justos, graças a quarenta e cinco, a trinta, a vinte, finalmente a dez.
Mas não puderam ser encontrados dez homens justos e as duas cidades foram
destruídas. A possibilidade de evolução fora perdida. O "Grande Laboratório" pôs fim à
experiência fracassada. Mas Lot e a sua família foram salvos. A idéia é a mesma dos
outros dois mitos, mas enfatiza, de modo especial, a disposição da vontade diretora de
fazer todas as concessões possíveis, enquanto houver a esperança de realização dos
objetivos fixados para os seres humanos. Desaparecida essa esperança, a vontade

orientadora deverá intervir inevitavelmente, salvando o que merece salvação e destruindo
o resto.[52]
A expulsão de Adão e Eva do Jardim do Paraíso, a queda da Torre de Babel, o
Grande Dilúvio, a destruição de Sodorna e Gomorra, são todas lendas e alegorias
relativas à história da humanidade, à evolução humana. Além dessas lendas e de muitas
outras semelhantes, quase todas as raças têm lendas, contos e mitos de estranhos seres
não-humanos, que passaram pelo mesmo caminho, antes do homem. A queda dos anjos,
dos Titãs, dos deuses que tentaram desafiar outros deuses mais poderosos, a queda de
Lúcifer, o demônio ou Satã, são todas quedas que antecederam a queda do homem. E é
um fato indubitável que a significação de todos esses mitos está profundamente oculta
para nós. É perfeitamente claro que as interpretações teológicas e teosófícas comuns não
explicam nada, porque estabelecem a necessidade do reconhecimento da existência de
raças ou espíritos invisíveis, que são, ao mesmo tempo, semelhantes ao homem nas
relações que têm com as forças superiores. A insuficiência de tal explicação "mediante a
introdução de cinco novas quantidades desconhecidas para a definição de uma
quantidade desconhecida" é evidente. Mas, ao mesmo tempo, seria um erro deixar todos
esses mitos sem tentar explicá-los, porque, devido à sua persistência e repetição, entre
os diferentes povos e raças, parecem atrair a nossa atenção para certos fenômenos que
não conhecemos, mas devemos conhecer.

As lendas e os cantos épicos de todos os países encerram muito material referente
aos seres não-humanos que precederam o homem ou que até existiram ao mesmo tempo
que ele, mas diferiam do homem em muitos aspectos. Esse material é tão abundante e
significativo, que não tentar explicar esses mitos seria fechar intencionalmente os olhos a
algo que deveríamos ver. Tais são, por exemplo, as lendas de gigantes e das chamadas
estruturas "ciclópicas" que involuntariamente associamos a essas lendas.
A menos que queiramos ignorar muitos fatos ou crer em espíritos tridimensionais,
capazes de construir edifícios de pedra, devemos supor que as raças pré-humanas eram
tão físicas quanto o homem, e vieram, como este, do Grande Laboratório da Natureza;
que a Natureza fez tentativas para criar seres auto-evolutivos antes do homem. E, além
disso, devemos supor que tais seres foram lançados na vida pelo Grande Laboratório,
mas não conseguiram satisfazer a Natureza em seu desenvolvimento posterior e, em
lugar de realizar os desígnios da Natureza, se voltaram contra ela. A Natureza então
abandonou a sua experiência com eles e deu início a uma nova experiência.
ovo Modelo do Universo
Falando estritamente, não temos base para considerar o homem a primeira e única
experiência de ser auto-evolutivo. Pelo contrário, os mitos acima mencionados nos dão a
possibilidade de presumir que existiram tais seres antes do homem.

Se for assim, se tivermos razões para supor a existência de raças físicas de seres
pré-humanos auto-evolutivos, onde então devemos buscar os descendentes dessas
raças, e estaremos justificados, de algum modo, em supor a existência de tais
descendentes?
Devemos partir da idéia de que, em toda a sua atividade, a Natureza objetiva a
criação de um ser auto-evolutivo.
Pode-se, porém, supor que a totalidade do reino animal seja o resíduo de uma linha
de trabalho — a criação do homem?
Isso pode ser admitido em relação aos mamíferos; podemos até mesmo incluir todos
os vertebrados, podemos considerar muitas formas inferiores como formas preparatórias,
e assim por diante. Mas que lugar daremos, nesse sistema, aos insetos, [53] que
representam um mundo em si mesmos e um mundo não menos complexo do que o dos
vertebrados?
Não se poderia supor que os insetos representam outra linha no trabalho da
Natureza, uma linha não relacionada com a que resultou na criação do homem, mas que
talvez a preceda?
Passando aos fatos, devemos admitir que os insetos não são, de forma alguma, uma
etapa preparatória para a formação do homem, nem poderiam ser considerados um
subproduto da evolução humana. Ao contrário, os insetos revelam, em sua estrutura e na
estrutura de suas partes e órgãos separados, formas que são muitas vezes mais perfeitas

do que as do homern ou dos animais. E não podemos deixar de ver que, para certas
formas de vida dos insetos que observamos não há explicação sem hipóteses muito
complicadas, que requerem o reconhecimento de um passado muito rico para eles, e nos
obrigam a considerar as formas atuais que observamos como formas degeneradas.
Essa última consideração se refere principalmente às comunidades organizadas de
formigas e abelhas. É impossível se familiarizar com a sua vida sem se deixar vencer
pelas impressões emocionais de surpresa e perplexidade. As formigas, como as abelhas,
despertam a nossa admiração pela maravilhosa perfeição da sua organização e, ao
mesmo tempo, nos repugnam e assustam, provocando um sentimento indefinido de
aversão ao raciocínio invariavelmente frio que domina as suas vidas e à absoluta
impossibilidade de uma fuga individual da roda da vida do formigueiro ou da colmeia.
Ficamos aterrorizados à idéia de que possamos nos parecer com elas.
Na realidade, que lugar ocupam as comunidades de formigas e abelhas no esquema
geral das coisas na nossa Terra? Como puderam chegar a se constituir na forma em que
as observamos? Todas as observações que façamos das suas vidas e organizações nos
levam inevitavelmente a uma conclusão. A organização original das "colmeias" e dos
"formigueiros", no passado remoto, exigiu sem dúvida raciocínio e inteligência lógica de
grande potência, embora, ao mesmo tempo, a existência posterior, tanto da colmeia como

do formigueiro, não necessitou em absoluto de nenhuma inteligência ou raciocínio.

Como pôde acontecer tal coisa?

Só pode ter acontecido de um modo. Se as formigas ou as abelhas, ou ambas —

naturalmente em épocas diferentes — foram seres inteligentes e evolutivos e depois

perderam a sua inteligência e capacidade de evoluir, isso só pode ter acontecido porque a

sua "inteligência" voltou-se contra a sua "evolução"; noutros termos, porque, ao pensar que estavam ajudando a sua evolução, acabaram, de algum modo, por impedi-la.

Podemos supor que tanto as formigas como as abelhas saíram do Grande

Laboratório e foram enviadas à Terra com o privilégio e a possibilidade de evoluir. Mas,

ovo Modelo do Universo

depois de um longo período de luta e esforços, tanto umas como outras renunciaram ao

seu privilégio e deixaram de evoluir, ou, para ser mais exato, deixaram de difundir uma

corrente evolutiva. Depois disso, a Natureza teve que tomar suas próprias medidas e,

após isolá-las de certa maneira, deu início a uma nova experiência.

Se admitirmos a possibilidade disso, não poderemos supor que as antigas lendas,

que precederam a queda do homem, têm algo que ver com as formigas e as abelhas?

Podemos nos sentir desconcertados pelo seu pequeno tamanho em comparação com o

nosso. No entanto, o tamanho dos seres vivos é, antes de tudo, uma coisa relativa, [54] e,

em segundo lugar, muda muito facilmente em certos casos. No caso de certas categorias

de seres, os peixes, por exemplo, os animais anfíbios e os insetos, a Natureza mantém
nas suas mãos os fios que regulam o seu tamanho e nunca os deixa escapar. Noutras
palavras, a Natureza tem o poder de alterar o tamanho desses seres vivos sem mudar
nada neles, e fazer essa alteração em uma geração, isto é, imediatamente, simplesmente
detendo o seu desenvolvimento, numa determinada etapa. Todo mundo viu peixes de
pequeno tamanho exatamente iguais a peixes grandes, rãs pequenas, *etc.* Isso é ainda
mais patente no mundo vegetal. Mas, é claro, não é uma regra universal, e alguns seres,
como o homem, e a maioria dos mamíferos superiores, alcançam quase o maior tamanho
que lhes é possível. Quanto aos insetos, as formigas e as abelhas muito provavelmente
poderiam ser bem maiores do que são hoje, embora esse ponto possa ser discutido; e é
possível que a mudança de tamanho das formigas ou das abelhas necessitasse de uma
considerável alteração da sua organização interna.
É interessante chamar a atenção aqui para as lendas das formigas gigantes do
Tibete, registradas por Heródoto e Plínio (Heródoto, História, livro XI; Plínio, História
Natural, livro III).
Naturalmente, será difícil, de início, imaginar Lúcifer como uma abelha, ou os Titãs
como formigas. Mas, se renunciarmos, no momento, à idéia da necessidade da forma
humana, a maior parte da dificuldade desaparecerá.
O erro desses seres não-humanos, isto é, a causa da sua queda, deve ter sido

inevitavelmente da mesma natureza do erro cometido por Adão. Eles devem ter-se
convencido de que sabiam o que era o bem e o mal, e devem ter acreditado que eles
próprios podiam atuar de acordo com a sua compreensão. Renunciaram à idéia do
conhecimento, nos seus próprios poderes e na sua própria compreensão dos fins e
propósitos da sua existência. Mas a sua compreensão era provavelmente muito mais
equivocada e o seu erro muito menos ingênuo do que o de Adão; e os resultados desse
erro foram provavelmente tão consideráveis, que as formigas e as abelhas não só
detiveram a sua evolução em um ciclo, mas também a tomaram completamente
impossível pela alteração de seu próprio ser.

A ordenação da vida das formigas e das abelhas, a sua organização comunista
ideal, indicam o caráter e a forma da sua queda. Pode-se imaginar que, em diferentes
épocas, as abelhas e as formigas tinham alcançado uma cultura muito avançada, embora
muito parcial, baseada inteiramente em considerações intelectuais de lucro e utilidade,
sem nenhuma margem de imaginação, sem qualquer esoterismo ou misticismo.

Organizaram toda a sua vida com base nos princípios de um tipo de "marxismo", que lhes
parecia muito exato e científico. Realizaram a ordem socialista das coisas, subordinando
completamente o indivíduo aos interesses da comunidade, de acordo com a sua
compreensão desses interesses. E, assim, destruíram toda possibilidade de um indivíduo
se desenvolver e se separar das massas.

E, na realidade, era justamente esse desenvolvimento do indivíduo e a sua
separação das massas que constituíam a meta da Natureza e a base sobre a qual se
assentava a possibilidade da evolução. Nem as abelhas nem as formigas quiseram
reconhecer isso. Viram a sua meta em outra coisa, lutaram para submeter a Natureza. E,
de um modo ou outro, alteraram o plano da Natureza, tornaram impossível a sua
ovo Modelo do Universo
execução.
Devemos ter em mente que, como se disse antes, cada "experiência" da Natureza,
isto é, cada ser vivo, cada organismo vivo, representa a expressão de leis cósmicas, [55]
um símbolo ou hieróglifo complexos. Tendo começado a alterar o seu ser, a sua vida e a
sua forma, as abelhas e as formigas, tomadas individualmente, romperam a sua ligação
com as leis da Natureza, deixaram de expressar essas leis individualmente e começaram
a expressá-las apenas coletivamente. E então a Natureza levantou a sua vara mágica e
os converteu em pequenos insetos, incapazes de causar algum dano a ela.
Com o correr do tempo, as suas capacidades de pensar, absolutamente
desnecessárias numa bem organizada colmeia ou num formigueiro, se atrofiaram; os
hábitos automáticos começaram a se transmitir através das gerações, e as formigas se
converteram nos "insetos" como os conhecemos; as abelhas até se tomaram úteis.
(14)

Na realidade, quando observamos um formigueiro ou uma colmeia, sempre ficamos perplexos com duas coisas: primeiro, a quantidade de inteligência e de cálculo postos na sua organização primária, e segundo, a completa ausência de inteligência em suas aíividades. A inteligência posta nessa organização foi muito estreita e rigidamente utilitária; calculou corretamente dentro das condições dadas e não viu nada fora dessas condições. No entanto, mesmo essa inteligência só foi necessária para o cálculo e a avaliação originais. Uma vez iniciado, o mecanismo da colmeia ou do formigueiro não exigiu nenhuma inteligência; os hábitos e costumes automáticos foram aprendidos e transmitidos automaticamente, e isso assegurou a sua permanente imutabilidade. A "inteligência" não só é inútil numa colmeia ou num formigueiro, mas seria até perigosa e prejudicial. A inteligência não poderia transmitir todas as leis, regras e métodos de trabalho com a mesma exatidão através das gerações. Poderia esquecer, deturpar, acrescentar algo novo. A inteligência poderia conduzir novamente ao "misticismo", à idéia de uma inteligência superior, à idéia do esoterismo. Era, portanto, necessário banir a inteligência de uma colmeia ou formigueiro socialista ideal, como um elemento prejudicial à comunidade, o que de fato é.

Naturalmente, pode ter havido uma luta, um período em que os antepassados das formigas ou abelhas que ainda não tinham perdido a capacidade de pensar viram

claramente a situação, viram o início inevitável da degenerescência e se esforçaram para
se opor a ela, tentando livrar o indivíduo da sua incondicional submissão à comunidade.
Mas a luta foi perdida e não podia ter nenhum resultado. As leis férreas do formigueiro e
da colmeia em pouco tempo se ocuparam com o elemento ativo e, após algumas poucas
gerações, esses recalcitrantes provavelmente deixaram de nascer, e a colmeia e o
formigueiro aos poucos se converteram em estados comunistas ideais.
Em sua obra A vida da formiga branca, Maurice Maeterlinck recolheu muito material
interessante sobre a vida desses insetos, que são ainda mais surpreendentes do que as
formigas e as abelhas.
Em suas primeiras tentativas de estudo da vida das formigas brancas, Maeterlinck
experimenta a mesma emoção estranha de que falei anteriormente.

"... os torna quase nossos irmãos, e de certos pontos de vista, converte esses
míseros insetos, mais do que as abelhas ou qualquer outra criatura viva da Terra. nos
heraldos, talvez nos precursores do nosso próprio destino." [56]
Mais adiante, Maeterlinck se alonga sobre a antiguidade das térmitas, que são muito
mais antigas do que o homem, e sobre o número e a grande variedade de suas espécies.

14 A natureza do automatismo que rege a vida de uma colmeia ou de um formigueiro não pode ser explicada com as concepções psicológicas existentes na literatura

europeia. Falarei dela num outro livro em conexão com a exposição dos princípios do ensinamento mencionado na Introdução.

ovo Modelo do Universo

Depois disso, Maeterlinck passa ao que chama "a civilização das térmitas".

"A sua civilização, que é a mais antiga de todas, é a mais curiosa, a mais complexa,

a mais inteligente, e, num certo sentido, a mais lógica e a mais adaptada às dificuldades

da existência, que jamais surgiu sobre o globo antes da nossa. De diversos pontos de

vista, essa civilização, embora feroz, sinistra e muitas vezes repulsiva, é superior á das

abelhas, das formigas e até mesmo do próprio homem.

"No termiteiro, os deuses do comunismo se convertem em insaciáveis Molochs.

Quanto mais se lhes dá, mais exigem; e persistem em suas exigências até que o

indivíduo seja aniquilado e a sua miséria completa. Essa espantosa tirania não tem

paralelo na humanidade, pois, enquanto, entre nós, ela ao menos beneficia uns poucos,

no termiteiro ninguém lucra.

"A disciplina é mais feroz do que a dos carmelitas ou dos trapistas; e a submissão

voluntária às leis ou regulamentos que procedem não se sabe de onde, é sem igual em

qualquer sociedade humana. Uma forma nova de fatalidade, talvez a mais cruel de todas,

a fatalidade social para a qual nós mesmos estamos caminhando, foi acrescentada às

que já conhecíamos e tanto já nos têm preocupado. Não há descanso, exceto no último

de todos os sonos: não se tolera a doença e a debilidade carrega consigo a sua própria
sentença de morte. O comunismo é levado aos limites do canibalismo e da coprofagia.
"... obrigando ao sacrifício e à miséria da maioria para o benefício de ninguém — e
tudo isso para que uma espécie de desespero universal possa se manter, se renovar, se
multiplicar, en-quando o mundo viver. Essas cidades de insetos que apareceram antes de
nós poderiam servir como uma caricatura de nós mesmos, uma grosseira imitação do
paraíso terreno para o qual a maior parte dos povos civilizados tende."

Maeterlinck mostra com que sacrifícios é adquirido esse regime ideal.

"Elas costumavam ter asas, não as têm mais. Tinham olhos a que renunciaram.
Tinham um sexo; sacrificaram-no. (15)

A única coisa que ele omite é que, antes de sacrificar as asas, os olhos e o sexo, as
térmitas tiveram que sacrificar a inteligência.
Apesar disso, o processo pelo qual passam as térmitas é chamado evolução por
Maeterlinck. Isso ocorre, porque, como disse antes, toda mudança de forma que se
verifica durante um longo período é chamada de evolução pelo pensamento moderno. O
poder desse estereótipo compulsório de pensamento pseudocientífico é verdadeiramente
assombroso. Na Idade Média, os filósofos e os homens de ciência tinham que ajustar

todas as suas teorias e exposições aos dogmas da Igreja, e, nos nossos dias, o papel
desses dogmas é desempenhado pela "evolução". É perfeitamente claro que o
pensamento não pode se desenvolver livremente dentro dessas condições.
A idéia do esoterismo tem uma significação particularmente importante, na presente
etapa do desenvolvimento do pensamento da humanidade, porque torna completamente
desnecessária a idéia de evolução no sentido corrente dessa palavra. Dissemos antes o
que a palavra "evolução" pode significar no sentido esotérico, isto é, a transformação dos
indivíduos. E nesse único sentido a evolução não pode ser confundida [57] com a
degeneração, como faz constantemente o pensamento "científico", que considera até

15 The Life of the White Ant (A vida da formiga branca), de Maurice Maeterlinck, George Allen & Unwin, Londres, 1927, págs. 17,152, 163.

mesmo a sua degenerescência como evolução.
O único caminho para todos os becos sem saída criados tanto pelo pensamento
"materialista" como pelo metafísico reside no método psicológico. Este método é nada
mais do que a reavaliação de todos os valores a partir do ponto de vista do seu próprio
significado psicológico e independentemente dos fatos externos ou anexos sobre cuja
base são geralmente julgados. Os fatos podem mentir. A significação psicológica de uma
coisa ou de uma idéia não pode mentir. É claro que ela também pode ser compreendida

erroneamente. Mas pode-se combater isso mediante o estudo e a observação da mente,
isto é, do nosso mecanismo cognitivo. De um modo geral, a mente é considerada de uma
forma simples demais, sem levar em conta que os limites da ação útil da mente são, em
primeiro lugar, muito bem conhecidos e, em segundo lugar, muito restritos. O método
psicológico leva em conta essas limitações, do mesmo modo que o faz, em todas as
circunstâncias comuns da vida, com as máquinas e instrumentos com que tem que
trabalhar. Se examinarmos algo empregando o microscópio, consideramos o poder do
microscópio; se fizermos algum trabalho com um instrumento especial, consideraremos
as peculiaridades e qualidades do instrumento — o seu peso, a sua agudeza. O método
psicológico objetiva fazer o mesmo em relação à nossa mente, isto é, visa conservar a
própria mente constan temente no seu campo de visão, e considerar todas as conclusões
e descobertas relativamente ao estado ou tipo de mente. Do ponto de vista do método
psicológico não há bases para pensar que a nossa mente, isto é, o nosso instrumento de
cognição, seja o único possível ou o melhor que existe. Não há igualmente base para
pensar que todas as verdades descobertas e estabelecidas sempre permanecerão como
verdades. Ao contrário, do ponto de vista psicológico, não pode haver dúvida de que
teremos que descobrir muitas verdades novas, quer sejam verdades totalmente
incompreensíveis, de cuja própria existência nunca suspeitamos, quer sejam verdades

que contrariem fundamentalmente as que até então aceitamos. É evidente que nada é
mais terrível e mais inadmissível a todos os tipos de dogmatismo. O método psicológico
destrói todos os velhos e novos preconceitos e superstições; não permite que o
pensamento pare e fique contente com os resultados alcançados, não importa quão
tentadores e agradáveis esses resultados possam parecer e quão simétricas e fáceis as
deduções tiradas deles possam ser. O método psicológico proporciona a oportunidade de
reexaminar muitos princípios considerados final e firmemente estabelecidos, e encontrar
neles novos e inesperados significados. O método psicológico toma possível, em muitos
casos, desprezar fatos ou o que é tomado como fato, e nos permite ver para além dos
fatos. Embora seja apenas um método, ele nos leva, contudo, numa direção definida, a
saber, na direção do método esotérico, que é, na realidade, um método psicológico
ampliado, embora ampliado num sentido em que não podemos ampliá-lo com o nosso
próprio esforço.
1912-1929
[58]
ovo Modelo do Universo

Capítulo II - A Quarta Dimensão

*

A idéia da existência de um conhecimento oculto, que supera todo o conhecimento
que o homem pode alcançar pelos seus próprios esforços, deve surgir e se fortalecer na

mente das pessoas a partir da percepção da insolubilidade de muitas questões e
problemas com que elas se defrontam.
Podemos nos iludir, pensando que o nosso conhecimento cresce e se desenvolve e
que sabemos e compreendemos mais do que sabíamos e compreendíamos antes, mas,
às vezes, podemos ser sinceros conosco e ver que, em relação aos problemas
fundamentais da vida, estamos tão desamparados como um selvagem ou uma criança,
embora tenhamos inventado muitas máquinas e instrumentos engenhosos que
complicaram a nossa vida sem toma-la mais compreensível.
Falando ainda com mais sinceridade a nós mesmos, podemos reconhecer que todos
os nossos sistemas e teorias científicos e filosóficos são semelhantes a essas máquinas e
instrumentos, pois só servem para tomar os problemas mais complicados, sem nada
explicar.
Entre os problemas insolúveis que cercam o homem, dois ocupam uma posição
especial: o problema do mundo invisível e o problema da morte.
Em toda a história do pensamento humano, em todas as formas, sem exceção, que
esse pensamento assumiu, as pessoas sempre dividiram o mundo em visível e invisível e
sempre compreenderam que o mundo visível, acessível à observação e estudo direto,
representa algo muito pequeno, talvez até uma coisa inexistente, em comparação com o
enorme mundo invisível que existe.

Tal afirmativa, isto é, que a divisão do mundo em visível e invisível existiu sempre e
por toda parte, pode parecer, à primeira vista, estranha, mas, na realidade, todos os
esquemas gerais do mundo que existem, desde os mais primitivos até os mais sutis e
elaborados, o dividem em visível e invisível e nunca podem se eximir dessa divisão. Essa
divisão do mundo em visível e invisível é o fundamento do pensamento humano sobre o
mundo, não importa como ele chame ou defina essa divisão.
O fato dessa divisão se tomará evidente, se tentarmos enumerar os vários sistemas
de pensamento sobre o mundo.
Antes de tudo, dividamos todos os sistemas de pensamento sobre o mundo em três
categorias:
1. Sistemas religiosos.
2. Sistemas filosóficos.
3. Sistemas científicos.

Todos os sistemas religiosos, sem excecão, desde os elaborados teologicamente e
que descem aos mínimos detalhes, como o Cristianismo, o Budismo, o Judaísmo, [59] até
as religiões inteiramente degeneradas dos "selvagens", que o conhecimento moderno vê
como "primitivas", invariavelmente dividem o mundo em visível e invisível. No
Cristianismo: Deus, os anjos, os demônios, as almas dos vivos e dos mortos, o céu ou o
inferno. No paganismo: os deuses que personificam as forças da Natureza, o trovão, o
Sol, o fogo, os espíritos das montanhas, florestas, lagos, os espíritos das águas, os

espíritos domésticos — tudo isso é o mundo invisível.
Na filosofia, há o mundo dos acontecimentos e o mundo das causas, o mundo das
coisas e o mundo das idéias, o mundo dos fenômenos e o mundo dos númenos. Na
filosofia indiana, sobretudo em cenas escolas, o mundo visível ou fenomenal, isto é, Maya
ou ilusão, que significa uma concepção errônea do mundo invisível, não existe em
absoluto.
Na ciência, o mundo invisível é o mundo das pequenas grandezas e, por estranho
que pareça, também o mundo das grandes quantidades. A visibilidade do mundo é
determinada pela escala. O mundo invisível é, por um lado, o mundo dos
microorganismos, das células, do mundo microscópico e ultramicroscópico; além disso,
há ainda o mundo das moléculas, dos átomos, dos elétrons, das "vibrações", e, por outro
lado, o mundo das estrelas invisíveis, dos outros sistemas solares, dos universos
desconhecidos. O microscópio expande os limites da nossa visão numa direção, o
telescópio noutra. Mas ambos aumentam muito pouco a visibilidade em comparação com
o que permanece invisível. A Física e a Química nos mostram a possibilidade de
investigar os fenômenos em quantidades tão pequenas e em mundos tão distantes, que
nunca serão visíveis para nós. Mas isso apenas fortalece a idéia da existência de um
enorme mundo invisível em redor do nosso pequeno e visível mundo.

A Matemática vai ainda mais longe. Como já se indicou anteriormente, ela calcula
relações entre as grandezas e relações entre essas relações de tal ordem como não
temos nada semelhante no mundo que nos cerca. E somos obrigados a admitir que o
mundo invisível difere do mundo visível não apenas em tamanho, mas em algumas
propriedades que não podemos nem definir nem compreender e que só nos mostram que
as leis, inferidas por nós para o mundo visível, não podem ser aplicadas ao mundo
invisível.
Desse modo, os mundos invisíveis, o filosófico, o religioso e o científico, estão, afinal
de contas, muito mais estreitamente relacionados uns com os outros do que pode parecer
à primeira vista. E esses mundos invisíveis de diferentes categorias possuem
propriedades idênticas comuns a todos eles. Essas propriedades são: em primeiro lugar,
a incompreensibilidade por nós, isto é, a incompreensibilidade do ponto de vista comum,
ou para os meios habituais de conhecimento; e, em segundo lugar, o fato de que eles
contêm as causas dos fenômenos do mundo visível.
Essa idéia de causas está sempre associada ao mundo invisível. No mundo invisível
dos sistemas religiosos, forças invisíveis dirigem as pessoas e os fenômenos visíveis. No
mundo científico invisível, as causas dos fenômenos visíveis sempre vêm do mundo
invisível das pequenas quantidades e "vibrações". Nos sistemas filosóficos, o fenômeno é
apenas a nossa concepção do númeno, isto é, uma ilusão, cuja causa real permanece

oculta e inacessível a nós.

Isso mostra que, em todos os níveis do seu desenvolvimento, o homem sempre

compreendeu que as causas dos fenômenos visíveis e observáveis estão situadas além

da esfera de sua observação. Ele constatou que, entre os fenômenos observáveis, certos

fatos podem ser considerados como causas de outros fatos, mas essas deduções [60]

eram insuficientes para explicar tudo que ocorria nele e à sua volta. Por isso, a fim de

poder explicar as causas, era necessário que ele tivesse um mundo invisível, constituído

de "espíritos", "idéias" ou "vibrações".

O outro problema que atraiu a atenção dos homens devido à sua insolubilidade e

que, pela forma de sua solução aproximada, determinou a direção e o desenvolvimento

do pensamento humano, foi o problema da morte, isto é, a explicação da morte, a idéia da

vida futura, da alma imortal ou a ausência da alma imortal, e assim sucessivamente.

O homem jamais pôde se conformar com a idéia da morte como um

desaparecimento. Muitíssimas coisas contrariavam isso. Havia nele demasiados vestígios

ovo Modelo do Universo

do morto, seu rosto, suas palavras, gestos, opiniões, promessas, ameaças, os

sentimentos que eles despertaram, o medo, o ciúme, o desejo. Tudo isso continuava a

viver nele, e o fato da sua morte era cada vez mais esquecido. Um homem viu em sonhos

o seu amigo ou inimigo mono. Ele surgia exatamente como era antes. Evidentemente

estava vivendo em algum lugar e podia vir de algum lugar durante a noite.

Dessa forma, era muito difícil acreditar na morte e o homem sempre necessitou de

teorias para explicar a existência depois da morte.

Por outro lado. ecos de ensinamentos esotéricos sobre a vida e a morte às vezes

chegavam até o homem. Ele pôde tomar conhecimento de que a vida terrena, visível e

observável do homem é apenas uma pequena parte da vida que lhe pertence. E,

naturalmente, o homem entendeu à sua própria maneira esses fragmentos que chegavam

até ele, amoldou-os ao seu gosto e os adaptou ao seu próprio nível e compreensão, e

construiu alguma teoria da existência futura, semelhante à sua existência na Terra.

A maioria dos ensinamentos religiosos sobre a vida futura liga essa vida à idéia de

recompensa ou punição, às vezes de forma ostensiva, outras de forma velada. Céu e

inferno, transmigração das almas, reencarnação, a roda das vidas — todas essas teorias

encerram a idéia de recompensa ou punição.

Mas as teorias religiosas muitas vezes não satisfazem ao homem e, além das idéias

ortodoxas reconhecidas sobre a vida depois da morte, existem geralmente outras, por

assim dizer ilegítimas, idéias do mundo de além-túmulo ou do mundo espiritual, que dão

margem a uma liberdade maior de imaginação.

Nenhum ensinamento ou sistema religioso pode por si só satisfazer as pessoas. Há

sempre algum outro sistema mais antigo de crença popular subjacente nele ou oculto por

trás dele. Por trás do Cristianismo exterior ou do Budismo aparente, permanecem os
remanescentes de antigos credos pagãos (no Cristianismo, os restos das crenças e
costumes pagãos; no Budismo, "o culto do diabo"), que às vezes deixam uma profunda
marca na religião exterior. Nos modernos países protestantes, por exemplo, onde os
remanescentes do antigo paganismo já estão inteiramente extintos, apareceram,
mascarados de um Cristianismo lógico e moral, sistemas de idéias primitivas do mundo
do além-túmulo, tais como o espiritismo e ensinamentos análogos.
E as teorias da existência após a morte estão sempre relacionadas com teorias do
mundo invisível; as primeiras estão sempre baseadas nas últimas.
Tudo isso tem relação com a religião e a "pseudo-religião". Não existem teorias
filosóficas sobre a existência após a morte. Todas as teorias sobre a vida após a morte
podem ser chamadas religiosas ou, mais corretamente, pseudo-religiosas. [61]
Por isso, é difícil considerar a filosofia como um todo, tão diversos e contraditórios
são os vários sistemas especulativos. Contudo, numa certa medida, é possível aceitar
como um padrão de pensamento filosófico a concepção que pode admitir a irrealidade do
mundo fenomenal e a irrealidade da existência humana no mundo das coisas e dos
eventos, a irrealidade da existência separada do homem e a incompreensibilidade para
nós das formas de existência real, embora essa concepção possa se basear em

fundamentos muito diferentes, quer materialistas, quer idealistas. Em ambos os casos, a
questão da vida e da morte adquire um caráter novo e não pode ser reduzida às
categorias ingênuas do pensamento comum. Para tal concepção, não há nenhuma
diferença especial entre a vida e a morte, porque, falando de forma estrita, para ela não
há provas de uma existência separada, de vidas independentes.
Não há nem pode haver teorias científicas da vida depois da morte, porque não
existem fatos que favoreçam a realidade dessa existência, ao passo que a ciência, com
êxito ou não, quer tratar de fatos. No caso da morte, o ponto mais importante para a
ciência é uma determinada mudança no estado do organismo, que pára todas as funções
ovo Modelo do Universo
vitais, e a decomposição do corpo que ocorre em seguida. A ciência não vê no homem
uma vida psíquica independente das funções vitais, e todas as teorias sobre a vida depois
da morte, do ponto de vista científico, são pura ficção.
As modernas tentativas de investigação "científica" dos fenômenos espíritas e coisas
semelhantes não levam a nada, porque, aqui, há um equívoco na própria colocação do
problema.

A despeito da diferença entre as várias teorias sobre a vida futura, todas têrn um
traço comum. Ou pintam a vida após a morte como semelhante à vida terrena ou a negam
totalmente. Não tentam nem podem tentar conceber a vida depois da morte em formas ou

categorias novas. E é justamente isso que toma todas as teorias correntes sobre a vida
depois da morte insatisfatórias. O pensamento filosófico e o pensamento estritamente
científico nos mostram a necessidade de reexaminar o problema de pontos de vista
completamente novos. Umas poucas indicações vindas do ensinamento esotérico,
parcialmente conhecido por nós, indicam a mesma coisa.
Já é evidente que, se o problema da morte e da vida após a morte pode ser
abordado de certa maneira, essa abordagem deve ser feita de um ângulo inteiramente
novo. Do mesmo modo, a questão do mundo invisível deve também ser abordada de um
novo ângulo. Tudo o que sabemos, tudo o que pensamos até hoje, nos mostra a realidade
e a importância vital desses problemas. Enquanto não tiver respondido, de uma forma ou
outra, as questões sobre o mundo invisível e a vida depois da morte, o homem não
poderá pensar em mais nada sem criar uma série completa de contradições. Ele deve
construir para si mesmo algum tipo de explicação, certa ou errada. E deve basear o seu
tratamento do problema da morte ou na ciência, ou na religião ou na filosofia.
Mas, para um homem que pensa, tanto a negação "científica" da possibilidade de
vida após a morte como a sua admissão pelas pseudo-religiões (pois só conhecemos
pseudo-religíões), assim como as diferentes teorias espiritualistas, teosóficas e
semelhantes, parecem, com inteira justiça, igualmente ingênuas.

Nem mesmo a concepção filosófica abstrata satisfaz o homem. Está distante demais
da vida, das sensações diretas e verdadeiras. Não podemos viver baseados nela. Em
relação aos fenômenos da vida e suas causas possíveis, que ignoramos, a [62] filosofia é
muito parecida com a Astronomia na sua relação com as estreias distantes. A Astronomia
calcula o movimento das estrelas que estão a distâncias espantosas de nós. Mas todos
os corpos celestes são semelhantes para ela. Nada mais são do que pontos móveis.
Assim, a filosofia está afastada demais dos problemas concretos, como o problema
da vida futura. A ciência não conhece o mundo do além-túmulo; a pseudo-religião cria o
outro mundo à imagem do mundo terreno.
Essa incapacidade do homem diante dos problemas do mundo invisível e da morte
toma-se evidente, quando ele começa a perceber que o mundo é muito maior e mais
complexo do que pensava até então e que aquilo que pensávamos conhecer ocupa
apenas um lugar muito insignificante no meio do que não conhecemos.
A nossa concepção básica do mundo deve ser ampliada. Já sentimos e sabemos
que não podemos confiar mais nos olhos com que vemos ou nas mãos com que tocamos.
O mundo real nos escapa a cada tentativa que fazemos para nos certificar da sua
existência. Temos necessidade de um método mais sutil, de meios mais eficazes.
As idéias da "quarta dimensão" e do "espaço multidimensional" mostram o caminho

através do qual podemos chegar à ampliação da nossa concepção do mundo.

Na linguagem coloquial e na literatura, deparamos muitas vezes com a expressão

"quarta dimensão", mas é muito raro que alguém tenha uma idéia clara do que ela

significa. Geralmente, usa-se a quarta dimensão como sinónimo de misterioso,

ovo Modelo do Universo

miraculoso, "supranatural", incompreensível e incognoscível, como uma espécie de

definição geral dos fenômenos do mundo "suprafísico".

Os "espiritualistas" e os "ocultistas" de várias escolas fazem uso frequente dessa

expressão na sua literatura, atribuindo à esfera da quarta dimensão todos os fenômenos

do "mundo do além" ou do "plano astral". Mas não explicam o que isso quer dizer, e, a partir do que dizem, só se pode compreender que a propriedade fundamental que

atribuem à quarta dimensão é a "incognoscibilidade".

A ligação da idéia da quarta dimensão com as teorias existentes sobre o mundo

invisível ou o mundo do além é, sem dúvida, completamente fantástica, pois, como já se

disse, todas as teorias religiosas, espiritistas, teosóficas e outras relativas ao mundo

invisível, fazem-no, antes de tudo, semelhante ao mundo visível e, por conseguinte, ao

mundo "tridimensional".

Por isso, a Matemática, com toda a razão, opõe-se à concepção estabelecida da

quarta dimensão como algo pertencente ao "outro mundo".

A idéia mesma da quarta dimensão deve ter surgido em íntima relação com a

Matemática ou, melhor dizendo, em estreita ligação com a idéia da medição do mundo.

Ela deve ter se originado na suposição de que, além das três dimensões conhecidas do

espaço — comprimento, largura e altura —, poderia existir também uma quarta dimensão,

inacessível à nossa percepção.

Logicamente, a suposição da existência da quarta dimensão pode se basear na

observação daquelas coisas e acontecimentos do mundo que nos cerca, para cuja

medição o comprimento, a largura e a altura, não são suficientes, e que escapam a todas

as medidas, porque há coisas e eventos cuja existência não deixam qualquer dúvida e

que não podem ser expressos em termos de medida. São, por exemplo, vários efeitos dos

processos vitais e psíquicos, tais como todas as idéias, imagens mentais, memórias e

sonhos. Se os considerarmos como existindo no sentido real e [63] objetivo, podemos

supor que têm alguma outra dimensão, além das que nos são acessíveis, isto é, alguma

extensão imensurável para nós.

Há tentativas de definição puramente matemática da quarta dimensão. Diz-se, por

exemplo: "Em muitos problemas de matemática pura e aplicada, encontram-se fórmulas e

expressões matemáticas que contêm quatro ou mais quantidades variáveis, cada uma

das quais, independentemente das outras, pode ser positiva ou negativa e estar entre +

e -

. E como toda fórmula matemática, toda equação, pode ter uma expressão

dimensional, deduz-se disso uma idéia de espaço que tem quatro ou mais dimensões." (16)

O ponto fraco dessa definição é a proposição aceita como inquestionável de que

toda fórmula ou equação matemática pode ter uma expressão dimensional. Na verdade,

essa proposição é inteiramente sem fundamento e isso priva a definição de toda

significação.

Raciocinando por analogia com as dimensões existentes, devemos supor que, se a

quarta dimensão existisse, isso significaria que lado a lado conosco existe outro espaço

que não conhecemos, não vemos, e ao qual não podemos passar. Seria então possível

traçar uma linha de qualquer ponto do nosso espaço a esse "domínio da quarta

dimensão" numa direção desconhecida para nós e impossível não só de definir como de

compreender. Se pudéssemos visualizar a direção dessa linha que sai do nosso espaço,

então veríamos o "domínio da quarta dimensão".

Geometricamente, essa proposição tem o seguinte significado: podemos conceber

simultaneamente três linhas perpendiculares e não paralelas entre si. Essas três linhas

são utilizadas por nós para medir a totalidade do nosso espaço, que, por essa razão, é

chamado tridimensional. Se o "domínio da quarta dimensão", que está fora do nosso

16 Artigo "Espaço quadridimensional", na Enciclopédia Russa de Brockhaus e Efron.

espaço, existir, isso significará que, além das três perpendiculares que conhecemos, e

que determinam o comprimento, a largura e a altura dos sólidos, deverá também existir
uma quarta perpendicular que determine alguma nova extensão que desconhecemos.
Então o espaço mensurável por essas quatro perpendiculares poderia ser chamado
quadridimensional.
Não podemos definir geometricamente ou conceber essa quarta perpendicular, e a
quarta dimensão permanece ainda extremamente enigmática. Encontramos às vezes a
opinião de que os matemáticos sabem algo a respeito da quarta dimensão que é
inacessível ao comum dos mortais. Diz-se por vezes, e podemos até encontrar tais
afirmações na literatura, que Lobatchevsky "descobriu" a quarta dimensão. Durante os
últimos vinte anos, a descoberta da "quarta dimensão" tem sido com frequência atribuída
a Einstein ou Minkovsky.
Na realidade, as matemáticas podem dizer muito pouco a respeito da quarta
dimensão. Não há nada na hipótese da quarta dimensão que a possa tomar inadmissível
do ponto de vista matemático. Essa hipótese não contradiz nenhum dos axiomas aceitos
e, devido a isso, não encontra particular oposição da parte da Matemática. Os próprios
matemáticos admitem a possibilidade de estabelecer a relação que possa existir entre o
espaço quadridimensional e o tridimensional, isto é, certas propriedades da quarta
dimensão. Mas todos eles fazem isso de uma forma muito geral e bastante indefinida.
Não há, nas matemáticas, nenhuma definição exata da quarta dimensão. [64]

Lobatchevsky tratou, na realidade, a geometria euclidiana, isto é, a geometria do espaço tridimensional, como um caso particular da geometria, que devia se aplicar a um espaço com qualquer número de dimensões. Mas isso não é matemática no sentido estrito da palavra, é apenas metafísica sobre temas matemáticos; e as deduções obtidas dela não podem ser formuladas matematicamente ou podem ser formuladas apenas em expressões condicionais especialmente construídas.

Outros matemáticos consideraram os axiomas aceitos na geometria euclidiana como artificiais e incorretos e trataram de invalidá-los, valendo-se, principalmente, de certas deduções da geometria esférica de Lobatchevsky, e de provar, por exemplo, que as linhas paralelas se encontram. Sustentavam que os axiomas aceitos são corretos apenas para o espaço tridimensional e, com base em seus argumentos, que refutavam esses axiomas, construíram uma nova geometria de muitas dimensões.

Mas tudo isso não é geometria de quatro dimensões.

A quarta dimensão só podia ser considerada como geometricamente provada, quando a direção da linha desconhecida que partisse de qualquer ponto do nosso espaço e fosse na direção da região da quarta dimensão pudesse ser determinada, isto é, quando se encontrasse um meio de construir uma quarta perpendicular.

É difícil descrever, mesmo aproximadamente, a significação que teria para o nosso conhecimento a descoberta da quarta perpendicular em nosso Universo. A conquista do

ar, a possibilidade de ouvir e ver à distância, o estabelecimento de um contato com outros
planetas ou outros sistemas solares, tudo isso não é nada em comparação com a
descoberta de uma nova dimensão. Porém, até agora, isso não foi feito. Temos que
reconhecer que somos impotentes diante do enigma da quarta dimensão, e devemos
tentar examinar o problema dentro dos limites que nos são acessíveis.
Depois de uma investigação mais íntima e mais exata do próprio problema,
chegamos à conclusão de que ele não pode ser resolvido nas condições existentes. O
problema da quarta dimensão, embora à primeira vista seja puramente geométrico, não
pode ser solucionado por meios geométricos. A nossa geometria de três dimensões é tão
insuficiente para a investigação da questão da quarta dimensão como a planimetria
sozinha é insuficiente para a investigação das questões de estereometria. Devemos
encontrar a quarta dimensão, se ela existir, de uma forma puramente experimental, e
ovo Modelo do Universo
também encontrar os meios para uma representação projetiva dela no espaço
tridimensional. Só então poderemos criar uma geometria de quatro dimensões.
Até o conhecimento mais superficial do problema da quarta dimensão mostra a
necessidade de estudá-lo do ponto de vista psicológico e físico.
A quarta dimensão é incognoscível. Se ela existe e se, ao mesmo tempo, não a

podemos conhecer, isso evidentemente significa que algo está faltando no nosso
mecanismo psíquico, nas nossas faculdades de percepção. Noutras palavras, os
fenômenos da região da quarta dimensão não se reiletem em nossos órgãos dos
sentidos. Devemos investigar por que isso deve ser assim, quais são as deficiências de
que essa nossa não-receptividade depende, e descobrir as condições (mesmo que seja
apenas teoricamente) que podem tornar a quarta dimensão compreensível e acessível a
nós. Todas essas questões estão relacionadas com a Psicologia ou, possivelmente, com
a teoria do conhecimento.
Sabemos, além do mais, que a região da quarta dimensão (outra vez, se existir) não
é apenas incognoscível para o nosso mecanismo psíquico, mas inacessível num sentido
puramente físico. Isso deve depender não das nossas deficiências, mas das [65]
propriedades e condições especiais da região da quaria dimensão em si mesma. É
necessário examinar quais são essas condições que tornam a região da quarta dimensão
inacessível para nós e encontrar a relação entre as condições físicas dessa região e a
condição física do nosso mundo. E, tendo estabelecido isso, é necessário ver se, no
mundo que nos cerca, há algo que se assemelhe a essas condições, isto é, se há
algumas relações análogas às que existem entre a região de três dimensões e a de
quatro dimensões.
Falando de modo geral, antes de tentar construir uma geometria de quatro

dimensões, é preciso criar uma Física de quatro dimensões, isto é, encontrar e definir as
leis e as condições físicas que possam existir no espaço de quatro dimensões.

Muitas pessoas têm trabalhado no problema da quarta dimensão.
Fechner escreveu muito sobre ela. De seus estudos sobre os mundos de uma, duas,
três e quatro dimensões resulta um método muito interessante de investigação da quarta
dimensão por meio da construção de analogias entre mundos de diferentes dimensões,
isto é, entre um mundo imaginário num plano e o mundo tridimensional, e entre o mundo
tridimensional e o mundo de quatro dimensões. Esse método é usado por quase todos
aqueles que alguma vez estudaram o problema das dimensões superiores, com o qual
iremos nos deparar mais adiante.
O professor Zöllner desenvolveu a teoria da quarta dimensão a partir de
observações de fenômenos "mediúnicos", principalmente dos fenômenos da chamada
"materialização". As suas observações foram durante muito tempo consideradas
duvidosas devido ao fato comprovado da insuficiência de rigor na organização das suas
experiências (Podmore e Hislop).
Um resumo muito interessante de tudo que se escreveu a respeito da quarta
dimensão até os fins do século passado pode ser encontrado nos livros de C. H. Hinton.
Esses livros contém também muitas das próprias idéias de Hinton, mas, infelizmente, ao

lado de idéias valiosas há uma porção de dialética desnecessária, como a que sempre se
acumula em redor da questão da quarta dimensão.
Hinton faz várias tentativas para definir a quarta dimensão do ponto de vista físico,
assim como do psicológico. Um espaço considerável de seus livros se destina à descrição
de um método, de sua invenção, para acostumar a mente ao conhecimento da quarta
dimensão. Esse método consiste numa longa série de exercícios para o mecanismo da
percepção e da visualização, com jogos de cubos de cores diferentes, que devem ser
ovo Modelo do Universo
memorizados, primeiro numa posição, depois noutra, em seguida numa terceira, e, depois
disso, para serem visualizados em diferentes combinações.
A idéia fundamental que orientou Hinton na criação desse método de exercícios é
que o despertar da "consciência superior" requer a "expulsão do eu próprio" na
visualização e conhecimento do mundo, isto é, o ato de acostumar-se a conhecer e
conceber o mundo, não de um ponto de vista pessoal (como geralmente o conhecemos e
concebemos), mas como ele é. Para isso, é preciso, antes de mais nada, aprender a
visualizar as coisas não como aparecem diante de nós, mas como elas são, mesmo que
apenas num sentido geométrico; a partir disso, deve desenvolver a capacidade de
conhecê-las, isto é, vê-las tal como são, também de outros pontos de vista, além do
geométrico.

O primeiro exercício que Hinton sugere consiste no estudo de um cubo composto de
27 cubos menores, de cores diferentes e cada um com um nome. Depois de [66] haver
aprendido inteiramente o cubo formado de cubos menores, deve-se virar o cubo e
aprender e memorizar a ordem inversa. Em seguida, a posição dos cubos menores tem
que ser mudada e memorizada nessa ordem, e assim sucessivamente. Como resultado,
de acordo com Hinton, é possível excluir do cubo estudado os conceitos de "em cima e
embaixo", "direita e esquerda", etc., e conhecê-lo independentemente da posição na
relação recíproca dos pequenos cubos que o compõem, isto é, provavelmente visualizá-lo
simultaneamente em diferentes combinações. Esse seria o primeiro passo para a
exclusão dos elementos subjetivos na concepção do cubo. Mais adiante se descreve um
elaborado sistema de exercícios com séries de cubos de diferentes cores e números, com
os quais são formadas várias figuras. Tudo isso tem o mesmo propósito, excluir os
elementos subjetivos nas percepções e, dessa forma, desenvolver a consciência superior.
A exclusão dos elementos subjetivos nas percepções, de acordo com a idéia de
Hinton, é o primeiro passo para o desenvolvimento da consciência superior e o
conhecimento da quarta dimensão.
Hinton diz que, se existir a capacidade de ver na quarta dimensão, isto é, se
pudermos ver os objetos do nosso mundo como se fossem da quarta dimensão, então

poderemos vê-los, não como os vemos de forma comum, mas de forma completamente
diferente.
Vemos geralmente os objetos ou acima ou abaixo de nós, à nossa direita ou à nossa
esquerda, atrás ou na nossa frente, e sempre apenas de um lado — o que está voltado
para nós — e em perspectiva. Os nossos olhos são instrumentos extremamente
imperfeitos, nos dão uma representação totalmente incorrera do mundo. O que
chamamos perspectiva é, na realidade, uma distorção dos objetos visíveis, produzida por
um instrumento ótico mal construído — os olhos. Vemos todos os objetos distorcidos. E
os visualizamos do mesmo modo. Mas os visualizamos dessa maneira devido
exclusivamente ao hábito de vê-los distorcidos, isto é, devido ao hábito criado pela nossa
visão defeituosa, que debilitou a capacidade de visualização.
Mas, segundo Hinton, não há nenhuma necessidade de visualizar os objetos do
mundo exterior de maneira distorcida. O poder de visualização não é limitado pelo poder
da visão. Vemos os objetos distorcidos, mas os conhecemos como são. E podemos nos
livrar do hábito de visualizar os objetos como os vemos, e podemos aprender a visualizá-
los como sabemos que são realmente. A idéia de Hinton é justamente a de que, antes de
pensar no desenvolvimento da capacidade de ver na quarta dimensão, devemos aprender
a visualizar os objetos como eles seriam vistos a partir da quarta dimensão, isto é, antes

de tudo, não em perspectiva, mas de todos os lados a um só tempo, como eles são
conhecidos pela nossa "consciência". É justamente essa capacidade que deve se
desenvolver por meio dos exercícios de Hinton. O desenvolvimento dessa capacidade de
visualizar os objetos simultaneamente por todos os lados constituirá a expulsão dos
elementos subjetivos nas imagens mentais. De acordo com Hinton, "a expulsão dos

elementos subjetivos nas imagens mentais deve levar à expulsão dos elementos
subjetivos nas percepções". Desse modo, o desenvolvimento da capacidade de visualizar
os objetos por todos os lados será o primeiro passo para o desenvolvimento da
capacidade de ver os objetos tais como são num sentido geométrico, isto é, o
desenvolvimento do que Hinton denomina a "consciência superior".
Em tudo isso há uma grande parte de verdade, mas também muito de arbitrário e
artificial. Antes de tudo, Hinton não leva em conta a diferença entre os vários [67] tipos
psíquicos de homens. Um método que pode ser satisfatório para ele pode não dar
resultado algum, ou mesmo resultados contrários, noutras pessoas. Em segundo lugar, o
próprio fundamento psicológico do seu sistema de exercícios é extremamente instável.
Geralmente Hinton não sabe quando parar, leva as suas analogias longe demais e, dessa
forma, priva de todo valor muitas das suas conclusões.

Do ponto de vista da geometria, segundo Hinton, a questão da quarta dimensão
pode ser examinada do seguinte modo.
Conhecemos figuras geométricas de três tipos:
Figuras de uma dimensão — as linhas.
Figuras de duas dimensões — os planos.
Figuras de três dimensões — os sólidos.
Uma linha é considerada aqui como o rastro de um ponto que se move no espaço.
Um plano, como o rastro de uma linha que se move no espaço. Um sólido, como o rastro
de um plano que se move no espaço.
Imaginemos uma linha reta limitada por dois pontos, e designemos essa linha com a
letra a. Imaginemos essa linha a movendo-se no espaço numa direção perpendicular a si
mesma e deixando um rastro do seu movimento. Quando ela tiver percorrido uma
distância igual ao seu comprimento, o traço deixado por ela terá a forma de um quadrado,
cujos lados são iguais à linha a, isto é, a2.
Imaginemos esse quadrado se movendo no espaço numa direção perpendicular a
dois dos seus lados adjacentes e deixando um rastro do seu movimento. Quando ele tiver
percorrido uma distância igual ao comprimento de um dos lados do quadrado, seu rastro
terá a forma de um cubo, isto é, a3.
Se imaginarmos agora o movimento de um cubo no espaço, que forma terá o rastro
deixado por tal movimento, isto é, figura a4?
Examinando as correlações das figuras de uma, duas e três dimensões, isto é, as
linhas, os planos e os sólidos, podemos deduzir a regra de que uma figura de dimensão

superior pode ser considerada como o rastro do movimento de uma dimensão menor.

Com base nessa regra, podemos considerar a figura a4 como o rastro do movimento

de um cubo no espaço.

Mas qual é esse movimento de um cubo no espaço, cujo rastro dá origem a uma

figura de quatro dimensões?

Se examinarmos o modo como as figuras de dimensões superiores são construídas

pelo movimento de figuras de dimensões inferiores, descobriremos diversas propriedades

comuns e várias leis comuns nessas formações.

De fato, quando consideramos um quadrado como o rastro do movimento de uma

linha, sabemos que todos os pontos dessa linha se deslocaram no espaço; quando

consideramos um cubo como o rastro do movimento de um quadrado, sabemos que todos

os pontos do quadrado se deslocaram. Ademais, a linha se move numa direção

ovo Modelo do Universo

perpendicular a si mesma; o quadrado, numa direção perpendicular a duas de suas

dimensões.

Conseqiientemente, se considerarmos a figura a4 como o rastro do movimento de

um cubo no espaço, deveremos nos lembrar de que todos os pontos do cubo se

deslocaram no espaço. Além disso, podemos deduzir, por analogia com o que se disse

acima, que o cubo se movimentou no espaço numa direção não contida no próprio [68]

cubo, isto é, uma direção perpendicular às suas três dimensões. Essa direçao seria,

então, a quarta perpendicular desconhecida para nós em nosso espaço e em nossa
geometria de três dimensões.
Ademais, podemos definir uma linha como um número infinito de pontos, um
quadrado como um número infinito de linhas, um cubo como um número infinito de
quadrados. Por analogia, podemos definir a figura a4 como um número infinito de cubos.
Além disso, olhando para o quadrado, nada mais vemos do que linhas; olhando para
o cubo, vemos as suas superfícies, ou possivelmente apenas uma das suas superfícies.
É bem possível que a figura a4 apareça aos nossos olhos como um cubo. Dizendo
doutra forma, o cubo é o que vemos da figura a4.
Um ponto pode, além disso, ser definido como uma secção transversal de uma linha;
uma linha como uma secção transversal de uma superfície, e esta como uma secção
transversal de um sólido; um corpo tridimensional pode, portanto, ser definido como uma
secção transversal de um corpo tetradimensional.
Falando em geral, em todo corpo quadridimensional, podemos ver sua projecão ou
secção tridimensional. Um cubo, uma esfera, uma pirâmide, um cone, um cilindro, podem
ser projeções ou secções transversais de corpos quadridimensionais desconhecidos para
nós.

Em 1908, deparei-me com um curioso artigo sobre a quarta dimensão, escrito em
russo e publicado na revista Sovremenny Mir.
Era uma carta de N. A. Morosoff, (17) escrita em 1891, aos seus companheiros de

prisão na Fortaleza de Schlüsselburg. É interessante, principalmente porque contém uma
exposição muito pitoresca da proposição fundamental do método de raciocínio por
analogias sobre a quarta dimensão, a que nos referimos anteriormente.
A primeira parte do artigo é muito interessante, mas, nas suas conclusões finais
sobre o que pode existir no domínio da quarta dimensão, Morosoff se afasta do método
de analogias e atribui à quarta dimensão os "espíritos" que os espíritas evocam nas suas
sessões. E, em seguida, após negar a existência dos espíritos, nega também o
significado objetivo da quarta dimensão. [69]
Supõe-se geralmente que, na quarta dimensão, não haja muros de fortaleza e foi
essa provavelmente a razão pela qual a quarta dimensão era um dos temas favoritos das
conversas mantidas por meio de batidas nas paredes em Schlüsselburg.
A carta de N. A. Morosoff é uma resposta às perguntas que lhe foram feitas numa

17 N. A. Morosoff, cientista por educação, pertenceu aos partidos revolucionários das décadas 70 e 80 do século passado. Foi detido em consequência de ligações com o assassinato do Imperador Alexandre II e passou vinte e três anos em diferentes prisões, sobretudo na fortaleza de Schlüselburg. Libertado em 1905, escreveu vários livros - um sobre a Revelação de São João, outro sobre Alquimia, Magia, *etc.* - que contaram com um grupo bastante numeroso de leitores, no período que antecedeu a I Guerra Mundial. É
muito curioso que o público apreciava nos livros de Morosoff, não o que ele realmente escrevia, mas aquilo sobre

que escrevia. As suas verdadeiras intenções eram muito limitadas e estavam em estreita concordância com as ideias científicas dos anos 70. Ele tentou apresentar racionalmente "temas místicos"; por exemplo, explicava a Revelação como uma descrição de uma tormenta. Sendo, porém, bom escritor, dava uma exposição muito viva desses temas e por vezes acrescentava material pouco conhecido. Desse modo, os seus livros causaram um resultado inteiramente inesperado e muitas pessoas se interessaram pelos assuntos místicos e pela literatura mística após a leitura dos livros de Morosoff. Depois da Revolução, Morosoff se juntou aos bolchevistas e permaneceu na Rússia, embora, tanto quanto se saiba, não tenha tomado pane no trabalho destrutivo, nem escrito mais nada e, em ocasiões solenes, expressasse sua admiração oficial pelo regime bolchevista.

ovo Modelo do Universo

dessas conversas. Diz ele:

"Meus queridos amigos, nosso breve verão de Schlüsselburg está chegando ao fim

e as noites escuras do outono estão chegando. Nessas noites, estendendo-se como um

manto negro sobre o teto da nossa prisão e envolvendo com impenetrável escuridão a

nossa pequena ilha com as suas velhas torres e bastiões, poderia parecer que as

sombras dos nossos amigos e predecessores que aqui pereceram flutuam invisíveis em

redor dessas paredes, nos olham através das janelas e entram em misteriosa

comunicação conosco que ainda vivemos. E nós mesmos, não seremos apenas sombras

do que costumávamos ser? Não nos transformamos em algo como espíritos que se

comunicam, conversando sem ser vistos uns pelos outros através das paredes pétreas

que nos separam, como aqueles que atuam nas sessões espíritas?

"Pensei o dia todo a respeito da vossa discussão de hoje sobre a quarta, a quinta e

outras dimensões do espaço do Universo, que nos são inacessíveis. Com todas as

minhas forças, tentei imaginar ao menos a quarta dimensão do mundo, aquela na qual,

como afirmam os metafísicos, tudo que está fechado à chave pode de repente se abrir, e

na qual todos os espaços confinados podem ser penetrados por seres capazes de se

moverem não só em nossas três dimensões, mas também na quarta, à qual não estamos

acostumados.

"Vós me pedis um exame científico do problema. Falemos primeiro do mundo de

apenas duas dimensões e depois veremos se ele pode nos oferecer a possibilidade de

tirar cenas conclusões sobre mundos diferentes.

"Tomemos um certo plano, por exemplo, o que separa a superfície do lago Ladoga,

que nos cerca, da atmosfera que o cobre, nessa tranquila noite outonal. Vamos supor que

esse plano seja um mundo separado de duas dimensões, habitado por seus próprios

seres, que só se podem mover nesse plano, como as sombras das andorinhas e gaivotas

que voam em todas as direções sobre a suave superfície das águas que nos rodeiam,

mas que sempre fica oculta de nós por trás desses muros.

"Suponhamos que, escapando das muralhas da nossa Schlüsselburg, fôssemos nos

banhar no lago.

"Como seres de três dimensões, temos também as duas dimensões que formam a

superfície da água. Ocuparíamos um lugar definido no mundo dos seres-sombras. Todas
as panes do nosso corpo que estejam acima ou abaixo do nível da água serão
imperceptíveis para eles e eles não perceberão nada a não ser o nosso contorno, que é
delineado pela superfície do lago. O nosso contorno deve parecer a eles como um objeto
do seu próprio mundo, só que surpreendente e miraculoso. O primeiro milagre, do ponto
de vista desses seres, será a nossa repentina aparição no seu meio. Pode-se dizer, com
plena convicção, que o efeito que produziríamos não seria, de modo algum, inferior ao
inesperado aparecimento entre nós de um espírito do mundo desconhecido. O segundo
milagre seria a surpreendente mutabilidade da nossa forma exterior. Quando
estivéssemos imersos até a cintura, a nossa forma seria para eles quase elíptica, porque
só a linha da superfície que rodeia a nossa cintura e é impenetrável para eles lhes seria
imperceptível. Quando começássemos a nadar, assumiríamos a seus olhos a forma de
um homem. Quando avançássemos para um local raso, de modo que a superfície na qual
vivem envolvesse as nossas pernas, pareceríamos a eles transformados em dois seres
de forma circular. Se, desejosos de nos prender, eles nos envolverem por todos os lados,
podemos passar por cima deles e nos livramos de um modo completamente inconcebível
para eles. Aos seus olhos seríamos seres onipotentes, habitantes de um mundo superior,
semelhantes àqueles seres sobrenaturais de que nos falam os teólogos e metafísicos.

"Se supusermos agora que à parte desses dois mundos, o mundo plano e o mundo
em que vivemos, existe um mundo de quatro dimensões, superior ao nosso, se tomará
ovo Modelo do Universo
claro que, em relação a nós, os seus habitantes devem ser exatamente como somos em
relação aos habitantes de um plano. Devem aparecer em nosso meio do mesmo modo
inesperado e desaparecerão do nosso mundo à sua vontade, movimentando-se na quarta
dimensão ou em alguma outra dimensão superior. [70]
"Numa palavra, até aqui a analogia é completa. Posteriormente, encontraremos, na
mesma analogia, uma refutação completa de todas as nossas hipóteses.
"Se, de fato, os seres do mundo quadridimensional não fossem simplesmente
invenção nossa, o seu aparecimento no nosso meio seria uma ocorrência comum e
diária."

Mais adiante Morosoff examina se temos qualquer razão para supor que os "seres
sobrenaturais" existem realmente e chega à conclusão de que não temos nenhuma base
para tal hipótese, a menos que estejamos preparados para acreditar em contos de fadas.
A única indicação digna de confiança da existência desses seres pode ser
encontrada, segundo Morosoff, nos ensinamentos do Espiritismo. Mas a sua própria
experiência do "espiritismo" o convenceu de que, apesar dos estranhos fenômenos que
indubitavelmente ocorrem nas sessões espíritas, os "espíritos" nlo têm nenhuma

participação nelas. A "escrita automática", comumente citada como prova da cooperação
de forças inteligentes de outro mundo nessas sessões, é, de acordo com as suas
observações, um resultado da leitura de pensamento. Consciente ou inconscientemente,
um "médium" "lê" os pensamentos dos presentes e destes pensamentos obtém as
respostas às perguntas deles. Morosoff assistiu a muitas sessões, mas nunca encontrou
um caso em que houvesse, nas respostas recebidas, algo que não fosse conhecido para
algumas pessoas presentes, ou em que as respostas estivessem numa linguagem
desconhecida para alguma delas. Por conseguinte, embora não duvidando da sinceridade
da maioria dos espíritas, Morosoff concluiu que os "espíritos" nada têm que ver com os
fenômenos das sessões.
A sua experiência do espiritismo, diz ele, o havia finalmente convencido, muitos anos
antes, de que os fenômenos que ele atribuía à quarta dimensão realmente não existem.
Ele afirma que nas sessões espíritas as respostas são dadas inconscientemente pelas
pessoas que estão de fato presentes e que, portanto, todas as suposições concernentes à
existência da quarta dimensão são pura imaginação.

Essas conclusões de Morosoff são inteiramente inesperadas, e é difícil compreender
como ele chegou a elas. Não se pode dizer nada contra a sua opinião sobre o espiritismo.
O aspecto psíquico dos fenômenos espiritas é inegavelmente de todo "subjetivo". Mas é

absolutamente incompreensível a razão pela qual Morosoff vê a "quarta dimensão"
somente nos fenômenos espíritas e, negando os "espíritos", nega a quarta dimensão. Isso
se assemelha a uma solução batida do "positivismo" oficial ao qual Morosoff aderiu e de
que foi incapaz de escapar. Os seus argumentos anteriores levam a uma direção
totalmente diversa. Além dos "espíritos", há um número de fenômenos absolutamente
reais para nós, isto é, que ocorrem comumente e todos os dias, mas completamente
inexplicáveis sem o auxílio de hipóteses que relacionem esses fenômenos ao mundo da
quarta dimensão. Estamos, no entanto, acostumados demais a esses fenômenos e não
notamos o seu "caráter miraculoso", não nos damos conta de que vivemos num mundo de
contínuo milagre, num mundo do misterioso, do inexplicável e, acima de tudo, do
imensurável.
Morosoff descreve quão miraculosos pareceriam os nossos corpos tridimensionais
aos seres planos, como estes não saberiam de onde vêm os nossos corpos e para onde
vão como espíritos provindos de um mundo desconhecido. [71]
ovo Modelo do Universo
Mas, na realidade, não somos seres tão fantásticos e mutáveis na nossa aparência
para qualquer objeto fixo, como uma pedra ou uma árvore? Além disso, não possuímos
propriedades de "seres superiores" para os animais? E não há para nós fenômenos,
como, por exemplo, todas as manifestações de vida, dos quais não sabemos a origem

nem o destino, fenômenos como o aparecimento de uma planta a partir de uma semente,
o nascimento dos seres vivos e coisas semelhantes, e, além do mais, os fenômenos da
Natureza, as tempestades, a chuva, a primavera, o outono, e que não podemos explicar
nem interpretar? Não é cada um desses fenômenos da Natureza, tomado
separadamente, algo de que só podemos sentir um pouco, tocar apenas uma parte, como
os cegos da velha fábula oriental que definiam um elefante cada um a seu modo: um
pelas patas, outro pelas suas orelhas e um terceiro pela sua cauda?
Prosseguindo os raciocínios de Morosoff sobre as relações entre o mundo de três
dimensões e o mundo de quatro dimensões, não há fundamento para buscar o último
apenas no domínio do "espiritismo".
Tomemos uma célula viva. Ela pode ser exatamente igual em comprimento, largura
e altura a outra, uma célula morta. E ainda há algo na célula viva que falta à célula morta,
uma coisa que não podemos medir.
Dissemos que é a "força vital", tratamos de explicar a força vital como uma espécie
de movimento. Mas, na verdade, desse modo não explicamos nada, só damos um nome
a um fenômeno que permanece inexplicável.
De acordo com algumas teorias científicas, a força vital deve ser redutível a
elementos físico-químicos, a forças mais simples. Nenhuma dessas teorias, contudo,
pode explicar como uma se converte na outra e que relação há entre ambas. Somos

incapazes de expressar numa fórmula físico-química as manifestações mais simples da
energia vital. E, enquanto formos incapazes de fazer isso, não teremos direito, num
sentido estritamente lógico, de considerar os processos vitais idênticos aos processos
físico-químicos.
Podemos aceitar o "monismo" filosófico, mas não há razão para aceitar o monismo
físico-químico que de vez em quando nos impõem, o qual identifica os processos
psíquicos e vitais com os processos físico-químicos. Nossa mente pode chegar de forma
abstrata à conclusão da unidade dos processos físico-químicos, vitais e psíquicos, mas,
para a ciência, para o conhecimento exato e concreto, essas três classes de fenômenos
estão completamente separadas umas das outras.
Para a ciência, três categorias de fenômenos: a força mecânica, a força vital e a
força psíquica, se convertem uma na outra só parcialmente a aparentemente sem
proporções fixas ou calculáveis. Por conseguinte, os homens de ciência estarão
justificados ao explicar os processos vitais e psíquicos como uma espécie de movimento,
apenas quando tenham encontrado meio de transformar o movimento em energia vital e
psíquica e vice-versa, e de calcular essa transformação. Significa que tal afirmação só
será possível quando se souber qual o número de calorias contidas numa quantidade
definida de carvão é necessária para iniciar a vida de uma célula ou quantas atmosferas
de pressão são necessárias para a formação de um pensamento ou de uma dedução

lógica. Enquanto não se souber isso, os fenômenos físicos, biológicos e psíquicos, do
modo como a ciência os estuda, ocorrerão em planos diferentes. A sua unidade poderá
ser presumida, mas nada se poderá afirmar de maneira definitiva.
Se uma e mesma força atua em processos físico-químicos, vitais e psíquicos,
podemos supor que atua em esferas diferentes só parcialmente contíguas entre si. [72]
Se a ciência realmente tivesse o conhecimento da unidade, pelo menos dos
fenômenos vitais e físico-químicos, seria capaz de criar organismos vivos. Não há nada
de extravagante nessa expectativa. O homem constrói máquinas e instrumentos que são
muitíssimo mais complicados exteriormente do que um organismo unicelular. E, no
ovo Modelo do Universo
entanto, é incapaz de construir esse organismo. Isso quer dizer que há algo num
organismo vivo que não existe numa máquina inerte. Uma célula viva contém algo que
falta numa célula morta. E temos todo o direito de considerar esse algo igualmente
inexplicável e não suscetível de ser medido. E, estudando o homem, temos boas razões
para nos fazermos essa pergunta: que parte é maior nele, a que pode ser medida ou a
que não pode?

"Como posso responder a sua pergunta (sobre a quarta dimensão)", escreve
Morosoff na sua carta aos companheiros de prisão, "quando eu próprio não tenho uma
dimensão na direção que vocês me indicam?"

Mas que base real tem Morosoff para afirmar, de maneira tão peremptória, que não
tem essa dimensão?
Pode ele medir tudo que existe no seu interior? Duas das principais funções do
homem, a vida e o pensamento, se encontram no domínio do imensurável.
Sabemos de modo tão vago e imperfeito o que o homem realmente é, e temos em
nós tanta coisa que, do ponto de vista da geometria de três dimensões, é enigmática e
incompreensível, que não temos razão para negar a quarta dimensão ao negar os
"espíritos". Pelo contrário, temos amplos fundamentos para buscar a quarta dimensão
justamente em nós mesmos.
E temos que confessar a nós mesmos, de modo claro e definitivo, que não sabemos
sequer um pouco o que o homem realmente é. Para nós, ele é um enigma e devemos
aceitar esse enigma como tal,
A "quarta dimensão" promete explicar algo desse enigma. Tratemos de ver o que a
"quarta dimensão" pode nos dar, se a abordarmos com os velhos métodos, mas sem os
velhos preconceitos a favor ou contra o Espiritismo. Imaginemos novamente um mundo
de seres planos, que tenham apenas duas dimensões — comprimento e largura — e
vivam numa superfície plana. (18)
Imaginemos, nessa superfície, seres vivos com a forma de figuras geométricas e
capazes de se moverem em duas direções.
Logo desde o começo do exame das condições de vida desses seres planos, nos
defrontamos com um fato muito interessante.

Esses seres serão capazes de se mover somente em duas direções no plano. Não
poderão alçar-se desse plano ou deixá-lo. Da mesma forma, não poderão ver ou sentir
nada que esteja fora do seu plano. Se um desses seres sair do plano, deixará
completamente o mundo dos outros seres semelhantes a si, se desvanecerá,
desaparecerá, ninguém sabe para onde.
Se supusermos que os órgãos de visão desses seres estão situados nas suas
bordas, no seu perímetro, então eles não poderão ver o mundo que está fora do seu
plano, de forma alguma. Verão apenas as linhas que estão no seu plano. Ver-se-ão uns
[73] aos outros não como são de fato, isto é, na forma de figuras geométricas, mas como
linhas. Do mesmo modo, todos os objetos do seu mundo surgirão diante dos seus olhos
como linhas. E, o que é mais importante, todas as linhas — as curvas, as retas, as
quebradas ou as que se encontrem em ângulos diferentes em relação à linha da sua
borda — lhes parecerão iguais; não poderão ver qualquer diferença nas próprias linhas.
Mas, ao mesmo tempo, se diferenciarão para eles por estranhas propriedades que eles
provavelmente chamarão o movimento ou a vibração das linhas.
O centro de um círculo será totalmente inacessível a eles. Eles não poderão vê-lo de

18 Nesses raciocínios acerca dos mundos imaginários, seguirei em parte o plano de Hinton, mas isso não significa que partilhe de rodas as suas opiniões.

nenhum modo. Para chegar ao centro de um círculo, um ser bidimensional terá que abrir
ou cortar o seu caminho através da massa da figura plana que tem a espessura de um
átomo. O processo de penetração lhe parecerá uma alteração da linha da circunferência.
Se, nesse plano, for colocado um cubo, este lhe aparecerá com a forma de quatro
linhas limítrofes do quadrado que toca o seu plano. Só esse quadrado, de todo o cubo,
existirá para ele. Ele não poderá sequer imaginar o resto do cubo. O cubo não existirá
para ele.
Se vários corpos entram em contato com o seu plano, para um ser plano só existirá
em cada um deles uma superfície que se pôs em contato com o seu plano. Essa
superfície, isto é, as linhas que a limitam, aparecerão diante dele como um objeto do seu
próprio mundo.
Se através do seu espaço, isto é, através do seu plano, passa um cubo de muitas
cores, a passagem do cubo aparecerá diante dele como uma mudança gradual da cor das
linhas que delimitam o quadrado que se encontra no seu plano.
Se supusermos que o ser plano pode ver com o seu lado plano, o que está voltado
para o nosso mundo, será fácil imaginar a falsa concepção que receberá do nosso
mundo.
O Universo inteiro lhe aparecerá com a forma de um plano e é muito provável que
chame esse plano de éter. Consequentemente, ou negará completamente todos os

fenômenos que ocorram fora do seu plano ou os considerará como se acontecessem no
seu próprio plano, no seu éter. Incapaz de explicar em seu plano todos os fenômenos
observados por ele, pode chamá-los milagrosos, fora da sua compreensão, para além do
seu espaço, na "terceira dimensão".
Tendo observado que os eventos inexplicáveis ocorrem numa certa ordem de
sucessão, numa certa dependência uns dos outros, e também provavelmente numa
dependência de certas leis, o ser plano deixará de considerá-los miraculosos e tentará
explicá-los por meio de hipóteses mais ou menos complicadas.
O surgimento da vaga idéia de outro plano paralelo será para um ser plano o
primeiro passo no sentido da compreensão justa do Universo. Imaginará então todos os
fenômenos que não pode explicar em seu próprio plano como se ocorressem nesse plano
paralelo. Nessa etapa de desenvolvimento, o nosso mundo inteiro lhe parecerá um plano
paralelo ao seu próprio plano. Nem o relevo nem a perspectiva existirão ainda para ele.
Uma paisagem montanhosa lhe parecerá uma fotografia plana. A sua concepção do
mundo será, sem dúvida, muito pobre e cheia de erros. Tomará as coisas grandes como
pequenas e estas como grandes, e tudo junto, esteja perto ou longe, lhe parecerá
igualmente distante e inacessível.
Quando houver reconhecido que há um mundo paralelo ao seu mundo plano, o ser
bidimensional dirá que não sabe nada sobre a verdadeira natureza das relações entre

esses dois mundos. [74]

No mundo paralelo, haverá muito que parecerá inexplicável a um ser bidimensional.

Por exemplo, uma alavanca ou um par de rodas num eixo. O movimento delas será

inteiramente inconcebível para o ser plano, cuja concepção das leis do movimento está

limitada pelo movimento num plano. É muito possível que esse fenômeno seja

considerado sobrenatural e mais tarde seja chamado, de uma forma mais científica,

"superfísico".

Ao estudar esses fenômenos superfísicos, o ser plano pode tropeçar na idéia de que

a alavanca ou as rodas contêm algo imensurável, mas que, apesar de tudo, existe.

Disso à hipótese da terceira dimensão há apenas um passo. O ser plano baseará

essa hipótese justamente em fatos inexplicáveis, tais como a rotação das rodas. Pode se

perguntar se o inexplicável não pode realmente ser o imensurável, e então começar

ovo Modelo do Universo

gradualmente a elucidar para si mesmo as leis físicas do espaço tridimensional. Mas

nunca poderá provar matematicamente a existência dessa terceira dimensão, porque

todas as suas especulações geométricas corresponderão apenas a um plano, a duas

dimensões e, portanto, projetará num plano os resultados de suas conclusões

matemáticas, destruindo assim todo o seu significado.

O ser plano poderá obter a sua primeira noção da natureza da terceira dimensão

simplesmente por meio de raciocínios e comparações lógicos. Isso significa que, ao

examinar o que há de inexplicável na fotografia plana (que representa para ele o nosso
mundo), o ser plano chegará à conclusão de que muitos fenômenos são inexplicáveis
para ele, porque, nos objetos que produzem esses fenômenos, haverá uma certa
diferença que ele não compreende nem pode medir.
Além disso, chegará à conclusão de que um corpo real deve diferenciar-se de
alguma forma de um imaginário. E, uma vez admitida a hipótese da terceira dimensão,
terá que dizer que o corpo real, contrariamente ao corpo imaginário, deve possuir ao
menos uma pequena terceira dimensão.
Do mesmo modo, o ser plano pode chegar a reconhecer que deve necessariamente
possuir a terceira dimensão.
Depois de chegar à conclusão de que um corpo real de duas dimensões não pode
existir, de que este é apenas uma figura imaginária, o ser plano terá que dizer a si mesmo
que, já que a terceira dimensão existe, ele próprio deve possuir essa terceira dimensão,
porque, do contrário, tendo apenas duas dimensões, ele seria apenas uma figura
imaginária, isto é, existiria apenas na mente de alguém.
O ser plano raciocinará da seguinte maneira: "Se a terceira dimensão existe, eu sou
ou um ser de três dimensões ou não existo realmente a não ser apenas na imaginação de
alguém."
Ao refletir na razão por que não vê a sua terceira dimensão, o ser plano pensará que
a sua extensão dentro da terceira dimensão, tal como a extensão dos outros corpos

dentro da terceira dimensão, é muito pequena. Essas reflexões levarão o ser plano à
conclusão de que, para ele, a questão da terceira dimensão está ligada ao problema das
pequenas magnitudes.
Ao estudar o mundo de um modo filosófico, o ser plano duvidará, de vez em quando,
da realidade de tudo que o cerca, assim como da sua própria realidade.
Pensará, então, que a sua concepção do mundo está errada e que nem mesmo vê a
si mesmo como realmente é. Raciocínios a respeito das coisas, tais como aparecem, e a
respeito das coisas, tais como são, poderão resultar disso. O ser plano pensara [75] que,
na terceira dimensão, as coisas devem aparecer tais como são, isto é, que ele verá nas
mesmas coisas mais do que viu em duas dimensões.
Comparando todos esses raciocínios a partir do nosso ponto de vista, isto é, do
ponto de vista dos seres de três dimensões, devemos reconhecer que todas as
conclusões dos seres planos são perfeitamente corretas e os levam a uma compreensão
justa do mundo e ao conhecimento, ainda que, a princípio, teórico, da terceira dimensão.
Podemos aproveitar a experiência do ser plano e tentar verificar se há algo no
mundo em relação ao qual estamos na mesma situação que um ser plano em relação à
terceira dimensão.
Ao examinar as condições físicas da vida do homem, encontramos nelas uma
analogia quase completa com as condições de vida do ser plano que começa a se dar
conta da terceira dimensão.

Começaremos analisando a nossa relação com o "invisível".

No princípio, o homem considera o invisível como miraculoso e sobrenatural.

ovo Modelo do Universo

Gradativamente, com a evolução do conhecimento, a idéia do miraculoso se torna cada

vez menos necessária. Tudo que está dentro da esfera acessível à observação (e

infelizmente muito fora dela) é considerado como se existisse de acordo com cenas leis

determinadas, como resultados de certas causas definidas. Mas as causas de muitos

fenômenos permanecem ocultas, e a ciência é obrigada a se limitar a uma classificação

desses fenômenos inexplicáveis.

Ao estudar o caráter e as propriedades do "inexplicável" em diferentes ramos do

nosso conhecimento — na Física e na Química, na Biologia e na Psicologia —, podemos

chegar a certas conclusões gerais sobre o caráter do inexplicável. Isso quer dizer que

podemos formular o problema da seguinte forma: não será o inexplicável o resultado de

algo "imensurável" para nós, que existe primeiro nessas coisas que, segundo nos parece,

não podem ter nenhuma medida?

Podemos pensar que essa mesma inexplicabilidade pode ser o resultado do fato de

que examinamos e tentamos explicar, dentro dos limites das três dimensões, fenômenos

que entram no domínio de uma dimensão superior. Dizendo doutro modo: não estamos

na posição do ser plano que tenta explicar, como se sucedessem num plano, fenômenos

que ocorrem no espaço tridimensional?

Há muitas coisas que confirmam a probabilidade dessa suposição.

É bem possível que muitos fenômenos inexplicáveis o são apenas porque queremos

explicá-los no nosso plano, isto é, dentro do nosso espaço tridimensional, quando, na

verdade, eles ocorrem fora do nosso espaço, no domínio das dimensões superiores.

Tendo chegado à conclusão de que estamos cercados pelo mundo do imensurável,

devemos admitir que, até agora, tivemos uma concepção totalmente errada dos objetos

do nosso mundo.

Sabíamos, antes, que vemos as coisas e as representamos para nós não como

realmente são. Podemos dizer agora, de maneira mais precisa, que não vemos nas

coisas essa parte delas que é imensurável para nós e que se encontra na quarta

dimensão.

Essa última conclusão nos leva à idéia da diferença entre o imaginário e o real.

Vimos que o ser plano, tendo chegado à idéia da terceira dimensão, teve que

concluir que, se há três dimensões, um corpo real de duas dimensões não pode existir. [76]

Um corpo bidimensional seria apenas uma figura imaginária, uma secção de um corpo de

três dimensões ou a sua projeção no espace bidimensional.

Admitindo a existência da quarta dimensão, devemos reconhecer, do mesmo modo,

que, se há quatro dimensões, um corpo real de três dimensões não pode existir. Um

corpo real deve possuir pelo menos uma extensão muito pequena dentro da quarta

dimensão, do contrário será apenas uma figura imaginária, a projeção de um corpo de
quatro dimensões num espaço tridimensional, como um "cubo" desenhado no papel.
Dessa forma, devemos chegar à conclusão de que pode existir um cubo de três
dimensões e um cubo de quatro dimensões e de que só o cubo de quatro dimensões
existirá realmente, de fato.
Estudando o homem desse ponto de vista chegamos a deduções muito
interessantes.
Se a quarta dimensão existe, uma de duas coisas é possível: ou nós próprios
possuímos a quarta dimensão, isto é, somos seres de quatro dimensões, ou possuímos
apenas três dimensões e, nesse caso, não existimos de modo algum.
Se a quarta dimensão existe e nós só possuímos três, isso significa que não temos
existência real, que existimos apenas na imaginação de alguém, e que todos os nossos
pensamentos, sentimentos e experiências ocorrem na mente de algum outro ser superior,
ovo Modelo do Universo
que nos representa mentalmente. Somos apenas produtos da sua mente e todo o nosso
Universo não passa de um mundo artificial criado pela sua fantasia.
Se não queremos concordar com isso, devemos admitir que somos seres de quatro
dimensões.
Ao mesmo tempo, devemos admitir que a nossa própria quarta dimensão, assim
como a quarta dimensão dos corpos que nos cercam, só nos é conhecida e sentida por

nós em proporção muito pequena e que só presumimos a sua existência mediante a
observação dos fenômenos inexplicáveis.
Tal cegueira em relação à quarta dimensão pode ser causada pelo fato de que a
quarta dimensão dos nossos próprios corpos e dos outros objetos do nosso mundo é
pequena demais e inacessível aos nossos órgãos dos sentidos ou ao mecanismo que
amplia a esfera da nossa observação, exatamente do mesmo modo como as moléculas
dos nossos corpos e muitas outras coisas são inacessíveis à observação imediata. Em
relação aos objetos de maior extensão na quarta dimensão, às vezes os sentimos em
certas circunstâncias, mas recusamos reconhecê-los como realmente existentes.
Essas últimas considerações nos dão suficientes bases para crer que, peio menos
no nosso mundo físico, a quarta dimensão deve corresponder ao domínio das pequenas
magnitudes.
O fato de não vermos nas coisas a sua quarta dimensão nos leva novamente ao
problema da imperfeição das nossas percepções em geral.
Mesmo que deixemos de lado outros defeitos da nossa percepção e consideremos a
sua atividade apenas em relação à geometria, teremos que admitir que vemos tudo de
forma diferente de como realmente é.
Não vemos corpos, vemos apenas superfícies, lados e linhas. Nunca vemos um
cubo, mas somente uma parte dele; nunca o vemos por todos os lados ao mesmo tempo.

Da quarta dimensão deve ser possível ver o cubo por todos os lados ao mesmo
tempo e por dentro, como se fosse a partir do seu centro. [77]
O centro de uma esfera nos é inacessível. Para chegar a ele, devemos abrir
caminho ou cortar a massa da esfera, isto é, agir exatamente do mesmo modo que o ser
plano em relação ao circulo. O processo da nossa penetração nos parecerá, neste caso,
como uma mudança gradativa na superfície da esfera.
A analogia completa da nossa relação com a esfera e a relação do ser plano com o
círculo nos dá base para pensar que, na quarta dimensão ou dentro dela, o centro da
esfera é tão facilmente acessível como o centro do círculo na terceira dimensão. Noutros
termos, temos direito de supor que, na quarta dimensão, é possível chegar ao centro da
esfera a partir de alguma região desconhecida para nós, por alguma direção
incompreensível, permanecendo intacta a própria esfera. Essa última circunstância nos
pareceria uma espécie de milagre, mas igualmente milagrosa ao ser plano deve parecer a
possibilidade de chegar ao centro do círculo, sem alterar a linha da sua circunferência e
sem romper o círculo.
Continuando ainda a imaginar as propriedades de visão ou percepção na quarta
dimensão, teremos que admitir que. não só no sentido geométrico, mas também em
muitos outros sentidos, é possível, da quarta dimensão, ver, nos objetos do nosso mundo,
muito mais do que vemos de fato.

O professor Helmholtz disse uma vez, dos nossos olhos, que se um fabricante de
instrumentos de óptica lhe mandasse um instrumento tão mal feito, não o aceitaria.
Sem dúvida, nossos olhos não vêem muitas das coisas que existem. Mas se, na
quarta dimensão, vemos sem a ajuda desse instrumento imperfeito, teríamos a
possibilidade de ver muito mais, isto é, ver o que é invisível para nós agora e ver tudo
ovo Modelo do Universo
sem essa malha de ilusões que cobre o mundo inteiro e toma o seu aspecto exterior muito
diferente do que realmente é.
Surge então a questão de saber por que veríamos na quarta dimensão sem a ajuda
dos olhos e o que isso significa.
Será possível responder a essas questões definitivamente apenas quando se souber
definitivamente que a quarta dimensão existe e o que ela realmente é. Entretanto, até
agora só é possível considerar o que poderia suceder na quarta dimensão, e, portanto,
não pode haver nenhuma resposta para essas questões. A visão na quarta dimensão
deve se realizar sem a ajuda dos olhos. Os limites da vista são conhecidos e sabe-se que
o olho humano nunca pode alcançar a perfeição mesmo do microscópio ou do telescópio.
Mas esses instrumentos, com toda a ampliação da capacidade de visão que nos dão, não
nos aproximam o mínimo da quarta dimensão. De modo que podemos concluir que a
visão na quarta dimensão deve ser algo completamente diferente da visão comum. Mas o

que pode ser na realidade? Será provavelmente algo análogo à "visão" pela qual um
pássaro que voa sobre o norte da Rússia "vê" o Egito, para onde emigra durante o
inverno; ou a visão de um pombo-correio, que "vê", a centenas de milhas de distância, o
seu pombal, do qual foi tirado e levado numa cesta fechada; ou à visão de um engenheiro
que faz os primeiros cálculos e os primeiros desenhos toscos de uma ponte, que "vê" a
ponte e os trens que passam por ela; ou à visão de um homem que, consultando um
horário de trens, "vê" a si mesmo chegando à estação de partida e o seu trem chegando
ao seu destino.

Agora, após ter esboçado certos aspectos das propriedades que deve possuir a
visão na quarta dimensão, devemos tentar definir cora mais exatidão o que sabemos
sobre os fenômenos desse mundo. [78]

Fazendo novamente uso da experiência do ser bidimensional, devemos nos fazer a
seguinte pergunta: serão todos os "fenômenos" do nosso mundo explicáveis do ponto de
vista das leis físicas?

Há tantos fenômenos inexplicáveis à nossa volta, que simplesmente pelo fato de
estarmos tão familiarizados com eles deixamos de notar a sua inexplicabilidade e,
esquecendo-nos disso, começamos a classificar esses fenômenos, a dar-lhes nomes, a
incluí-los em diferentes sistemas e, finalmente, até mesmo a começar a negar a sua
inexplicabilidade.

Estritamente falando, tudo é igualmente inexplicável. Mas estamos habituados a

considerar algumas categorias de fenômenos como mais explicáveis e outras como
menos explicáveis. Colocamos os menos explicáveis num grupo especial e criamos com
eles um mundo separado, que consideramos paralelo ao "explicável".
Isso se refere, em primeiro lugar, ao chamado "mundo psíquico", isto é, ao mundo
das idéias, imagens e conceitos, que consideramos paralelo ao mundo físico.
A nossa relação com o psíquico, a diferença que existe para nós entre o físico e o
psíquico, nos mostra que os fenômenos psíquicos deviam ser incluídos no domínio da
quarta dimensão. (19) Na história do pensamento humano, a relação com o psíquico é muito
semelhante à relação do ser plano com a terceira dimensão. Os fenômenos psíquicos são
inexplicáveis no "plano físico", portanto são considerados opostos aos físicos. Contudo, a
unidade de ambos é vagamente percebida e fazem-se constantemente tentativas de
interpretar os fenômenos psíquicos como uma espécie de fenômenos físicos ou estes
como uma espécie de fenômenos psíquicos. A divisão de conceitos se reconhece como
fracassada, mas não há meios para fazer a sua unificação.

19 A expressão fenômenos "psíquicos" é usada aqui em seu único sentido possível de fenômenos psicológicos ou mentais, isto é, os que constituem o objeto da Psicologia. Menciono isso porque, na literatura espírita e teosófica, a palavra "psíquico" é usada para designar os fenômenos supnnormais ou suprafísicos.

Em primeiro lugar, o psíquico é encarado como totalmente separado do corpo, como
uma função da "alma", não sujeito a nenhuma lei física. A alma vive por si mesma, e o
corpo também, e a primeira não pode ser medida pelo segundo. Essa é a teoria do
dualismo ou espiritualismo ingênuo. A primeira tentativa de um monismo igualmente
ingênuo encara a alma como uma função direta do corpo. Diz-se então que "o
pensamento é um movimento da matéria". Tal foi a famosa fórmula de Moleschott. Ambos
os pontos de vista levam a um beco sem saída. O primeiro, devido à óbvia
interdependência que não se pode deixar de considerar entre os processos fisiológicos e
os psíquicos: a segunda, porque o movimento ainda continua a ser movimento e o
pensamento permanece pensamento.
O primeiro ponto de vista é análogo à negação, pelo ser bidimensional, de qualquer
realidade física nos fenômenos que ocorrem fora do seu plano. O segundo se assemelha
à tentativa de considerar como se acontecessem num plano fenômenos que se dão acima
ou fora dele.
O passo seguinte é a hipótese de um piano paralelo, no qual todos os fenômenos
inexplicáveis ocorrem. Mas a teoria do paralelismo é uma coisa muito perigosa.
O ser plano começa a compreender a terceira dimensão, quando começa a ver que
aquilo que ele considerava paralelo ao seu plano pode, na verdade, estar a diferentes [79]
distâncias dele. A idéia de relevo e perspectiva aparecerá então na sua mente e o mundo

e as coisas adquirirão para ele a mesma forma que têm para nós.

Compreenderemos mais corretamente a relação entre os fenômenos físicos e os

fenômenos psíquicos, quando compreendermos claramente que o psíquico nem sempre é

paralelo ao físico e pode ser completamente independente dele. E as linhas paralelas,

que nem sempre são paralelas, estão evidentemente sujeitas a leis incompreensíveis

para nós, a leis do mundo de quatro dimensões.

Nos nossos dias, diz-se muitas vezes: não sabemos nada sobre a natureza exata

das relações entre os fenômenos físicos e psíquicos; a única coisa que podemos afirmar

e que está mais ou menos estabelecida é que, para cada processo psíquico, pensamento

ou sensação, há um processo fisiológico correspondente, que se manifesta, quando

muito, numa ligeira vibração dos nervos e das fibras nervosas e numa alteração química

de diferentes tecidos. A sensação é definida como uma modificação nos órgãos dos

sentidos. Essa modificação se constitui em um certo movimento que é transmitido aos

centros cerebrais, mas a forma como o movimento é transformado num sentimento ou

num pensamento não é conhecida.

Levanta-se a questão: não seria possível supor que o físico está separado do

psíquico pelo espaço de quatro dimensões, isto é, que o processo fisiológico, entrando no

domínio da quarta dimensão, produza aí efeitos que chamamos sentimentos ou

pensamentos?

No nosso plano, isto é, no mundo do movimento e das vibrações acessíveis as
nossas observações, somos incapazes de compreender ou de determinar o pensamento,
do mesmo modo que o ser bidimensional, no seu plano, é Incapaz de compreender ou
determinar a ação de uma alavanca ou o movimento de um par de rodas presas a um
eixo.
Durante algum tempo, as idéias de E. Mach, expostas principalmente no seu livro
Analysis of Semations and Relations of the Physical to the Psychic, estiveram em grande
voga. Mach nega, de modo absoluto, qualquer diferença entre o físico e o psíquico. Na
sua opinião, todo dualismo da usual visão do mundo resultou da concepção metafísica da
"coisa em si" e da concepção (errônea, segundo Mach), do caráter ilusório do nosso
conhecimento das coisas. Na opinião de Mach, não podemos perceber nada
equivocadamente. As coisas são exatamente o que parecem ser. O conceito de ilusão
deve desaparecer inteiramente. Os elementos das sensações são elementos físicos. Os
ovo Modelo do Universo
chamados "corpos" são apenas complexos de elementos de sensações: sensações de
luz, sensações de sons, sensações de pressão, *etc.* As imagens mentais são complexos
semelhantes de sensações. Não há diferença alguma entre o físico e o psíquico; tanto um
como outro são formados pelos mesmos elementos (de sensações). A estrutura molecular
dos corpos e a teoria atômica são aceitas apenas como símbolos por Mach, que lhes

nega toda realidade.

Desse modo, segundo a teoria de Mach, o nosso mecanismo psíquico constrói o

mundo físico. Uma "coisa" é apenas um complexo de sensações.

Mas, falando das teorias de Mach, é necessário lembrar que o mecanismo psíquico

constrói somente as "formas" do mundo (isto é, faz o mundo tal qual o percebemos) de

algo mais que nunca conheceremos. O azul do céu é irreal, o verde dos prados é também

irreal; essas "cores" pertencem aos raios refletidos. Mas, evidentemente, há algo no "céu",

istoé.noar da nossa atmosfera, que o faz parecer azul, do mesmo modo que há algo no

capim do prado que o faz parecer verde. [80]

Sem essa última aquisição, um homem poderia facilmente ter dito, com base nas

idéias de Mach: essa maçã é um complexo de minhas sensações; portanto, parece existir,

mas não existe na realidade.

Isso seria falso. A maçã existe. E um homem pode, de uma forma mais real, chegar

a se convencer disso. Mas não é o que parece ser no mundo tridimensional.

O psíquico, visto como o oposto do físico ou do tridimensional, é muito semelhante

ao que pode existir na quarta dimensão, e temos todo o direito de dizer que o pensamento

se move dentro da quarta dimensão.

Não há obstáculos ou distâncias para ele. Ele penetra nos objetos impenetráveis,

visualiza a estrutura dos átomos, calcula a composição química das estrelas, estuda a

vida no fundo do oceano, os costumes e instituições de uma raça desaparecida há

dezenas de milhares de anos...

Não há fronteiras nem condições físicas que limitem a nossa fantasia, a nossa imaginação.

Morosoff e seus companheiros não voaram, na sua imaginação, muito além das muralhas de Schlüsselburg?

Em seu livro Revelation in Tempest and Thunderstorm, o próprio Morosoff não viajou através do espaço e do tempo, quando, enquanto lia as Revelações no revelim Alexeivski da Fortaleza de Petropaviovski, viu nuvens tormentosas correndo velozes sobre a ilha de Patmos, no arquipélago grego, às cinco da tarde de 30 de setembro do ano 395?

Não vivemos em sonho num fantástico reino encantado, onde tudo é suscetível de transformação, onde não há a estabilidade do mundo físico, onde um homem pode converter-se em outro ou em dois homens ao mesmo tempo, onde as coisas mais importantes parecem simples e naturais, onde os acontecimentos ocorrem com frequência na ordem inversa, do fim para o princípio, onde vemos as imagens simbólicas das idéias e os pensamentos, onde falamos com os mortos, voamos pelo ar, atravessamos paredes, nos afogamos ou nos queimamos, morremos e permanecemos vivos?

Tudo isso nos mostra que não é necessário pensar que os espíritos que aparecem ou deixam de aparecer nas sessões espíritas devam ser os únicos seres possíveis de quatro dimensões. Podemos ter muito boas razões para dizer que nós mesmos somos

seres de quatro dimensões e estamos colocados na terceira dimensão com apenas um
dos nossos lados, isto é, com apenas uma pequena parte do nosso ser. Somente essa
nossa parte vive em três dimensões e só consideramos essa parte como nosso corpo. A
maior parte do nosso ser vive na quarta dimensão, mas não nos damos conta dessa
maior pane de nós mesmos. Poderíamos dizer, ainda mais corretamente, que vivemos
ovo Modelo do Universo
num mundo de quatro dimensões, mas só temos consciência de nós mesmos num mundo
tridimensional. Significa que vivemos numa categoria de condições, mas nos imaginamos
estar em outra.
As conclusões da Psicologia nos levam à mesma idéia, mas por um caminho
diferente. A Psicologia chega, ainda que muito lentamente, ao reconhecimento da
possibilidade do despertar da nossa consciência, isto é, a possibilidade de um estado
particular dela, em que ela veja e sinta a si mesma num mundo real que nada tenha em
comum com esse mundo das coisas e dos fenômenos, num mundo de pensamentos,
imagens mentais e idéias. [81]
Ao discutir um pouco antes as propriedades da quarta dimensão, referi-me ao fato
de que o tessaracto, isto é, o a4, pode ser obtido pelo movimento de um cubo no espaço,
com a condição de que todos os pontos do cubo se movam.
Por conseguinte, se supusermos que, de cada ponto do cubo, há uma linha traçada

que esse movimento deverá seguir, a combinação dessas linhas formará então a projeção
de um corpo de quatro dimensões. Esse corpo, quer dizer, o tessaracto, como se viu
anteriormente, pode ser considerado como um número infinito de cubos originados, por
assim dizer, do primeiro cubo.
Vejamos agora se conhecemos algum exemplo de tal movimento, que implique o
movimento de todos os pontos do cubo dado.
O movimento molecular, isto é, o movimento das diminutas partículas de matéria,
que aumenta com o calor e diminui com o frio, é o exemplo mais apropriado do
movimento na quarta dimensão, apesar de todas as idéias errôneas dos físicos em
relação a esse movimento.
Num artigo intitulado "Veremos alguma vez as moléculas?", (20) o professor
Goldgammer escreve que. segundo os modernos pontos de vista, as moléculas são
corpos cuja secção linear é algo entre uma milionésima e uma décima milionésima parte
de um milímetro. Calculou-se que uma bilionésima parte de um milímetro cúbico, isto é,
um mícron cúbico, à temperatura de 0°C e à pressão normal, contém 30 milhões de
moléculas de oxigênio. "As moléculas se movem muito rapidamente; portanto, em
condições normais, a maioria das moléculas de oxigênio tem a velocidade de cerca de
450 metros por segundo. As moléculas não se dispersam em todas as direções
instantaneamente, apesar da sua grande velocidade, só porque colidem, a cada

momento, umas com as outras, e porque isso modifica a direção do seu movimento. Por
causa disso, a trajetória de uma molécula tem o aspecto de um ziguezague muito
complicado, e uma molécula realmente "marca passo", por assim dizer, num só lugar.
Deixando de lado, no momento, o complicado ziguezague e a teoria das moléculas
que colidem (movimento browniano), devemos tratar de ver que resultados o movimento
molecular produz no mundo visível.
Para encontrar um exemplo de movimento na quarta dimensão, temos que achar um
movimento pelo qual o corpo considerado se mova realmente e não permaneça em um
lugar (ou num estado).
Examinando todas as espécies observáveis de movimento, devemos admitir que a
expansão e a contração dos corpos se aproximam das condições indicadas.
A expansão dos gases, líquidos e sólidos significa que as moléculas se afastam
umas das outras. A contração dos sólidos, líquidos e gases significa que as moléculas se
aproximam umas das outras. A distância entre elas diminui. Aqui há espaço e distâncias.
Não seria possível que esse espaço se encontrasse na quarta dimensão?

20 Na revista Naoutchnoye Slovo. fevereiro, 1903.

Um movimento nesse espaço significa que todos os pontos do corpo geométrico
dado, isto é, todas as moléculas do corpo físico dado se movem.

A figura resultante do movimento de um cubo no espaço, quando o cubo se expande

ou se contrai, terá a forma de um cubo, e podemos imaginá-lo como um número infinito

de cubos. [82]

É correio supor que a reunião de linhas traçadas a partir de cada ponto de um cubo,

tanto interiores como exteriores, as linhas ao longo das quais os pontos se aproximam
entre si ou se afastam uns dos outros, constitui a projeçao de um corpo
quadridimensional?
Para responder à pergunta, é necessário determinar quais são essas linhas e qual é
essa direção.
Essas linhas ligam todos os pontos do corpo dado com o seu centro. Por
conseguinte, a direção do movimento indicado será do centro ao longo dos raios.
Ao investigar as trajetórias dos movimentos dos pontos (ou moléculas) de um corpo,
no caso de expansão e contração, encontramos neles muitos aspectos interessantes.
Não podemos ver a distância entre as moléculas. Não podemos vê-la no caso dos
sólidos, líquidos e gases, porque ela é extremamente pequena, e, no caso da matéria
altamente rarefeita, como, por exemplo, a dos tubos de Crookes, onde essa distância
provavelmente seja aumentada até proporções perceptíveis por nós ou por nossos
aparelhos, não podemos vê-la, porque as próprias partículas, as moléculas, são
pequenas demais para que se tornem acessíveis à nossa observação. No artigo citado
anteriormente, o professor Goldgammer afirma que, dadas certas condições, as
moléculas poderiam ser fotografadas, se pudessem se tomar luminosas. Ele diz que,
quando a pressão é reduzida, nos tubos de Crookes, a uma milionésima parte de uma
atmosfera, um mícron conterá apenas 30 moléculas de oxigênio. Se essas moléculas

fossem luminosas, poderiam ser fotografadas com um filtro.

Até que ponto essa fotografia é realmente possível é outra questão. Para o

argumento que estamos expondo, uma molécula, como uma quantidade real em relação a

um corpo físico, pode representar um ponto em sua relação com um corpo geométrico.

Todos os corpos devem necessariamente consistir de moléculas; por conseguinte,

devem possuir uma certa dimensão, ainda que muito pequena, de espaço intermolecular.

Sem isso, não podemos conceber um corpo real e só podemos conceber corpos

geométricos imaginários. Um corpo real é formado de moléculas e possui um determinado

espaço intermolecular.

Isso quer dizer que a diferença entre um cubo de três dimensões, a3, e um cubo de

quatro dimensões, a4, será que um cubo de quatro dimensões é formado de moléculas,

ao passo que um cubo de apenas três dimensões não existe na realidade e é somente a

projeçao de um corpo tetradimensional no espaço de três dimensões.

Ao se dilatar ou contrair, isto é, ao mover-se na quarta dimensão, se admitirmos os

argumentos anteriores, um cubo ou esfera contínua sendo para nós um cubo ou uma

esfera, que mudam apenas de tamanho. Hinton observou, com muito acerto, num dos

seus livros, que a passagem de um cubo de uma dimensão superior transversalmente

para o nosso espaço nos pareceria como se fosse uma mudança das propriedades da

matéria do cubo diante de nós. Diz também que aidéia da quarta dimensão devia ter
surgido a partir da observação de uma série de cubos ou esferas que aumentassem ou
diminuíssem progressivamente. Essa última idéia leva bem próximo da definição correta
do movimento na quarta dimensão.
Uma das formas mais claras e compreensíveis do movimento na quarta dimensão
nesse sentido é o crescimento, cujo princípio se encontra na expansão. Não é difícil [83]
explicar por que isso é assim. Todo movimento dentro dos limites do espaço
ovo Modelo do Universo
tridimensional é, ao mesmo tempo, um movimento no tempo. As moléculas ou pontos de
um cubo que se dilata não voltam à sua posição inicial na contração. Traçam uma
determinada curva, voltando, não ao ponto do tempo de que partiram, mas a outro. E, se
supusermos que geralmente não voltam, a distância entre eles e o ponto original de
tempo aumentará continuamente. Imaginemos o movimento interno de um corpo, no
curso do qual as suas moléculas, tendo-se afastado uma das outras, não se aproximam
novamente, mas a distância entre elas é ocupada por novas moléculas, que, por sua vez,
se movem separadas e abrem espaço para novas moléculas. Tal movimento interno de
um corpo seria o seu crescimento, pelo menos uma forma geométrica de crescimento. Se
compararmos uma pequena maçã verde recém-formada do ovário com uma fruta
inteiramente madura, perceberemos que as moléculas que compõem o ovário não podiam

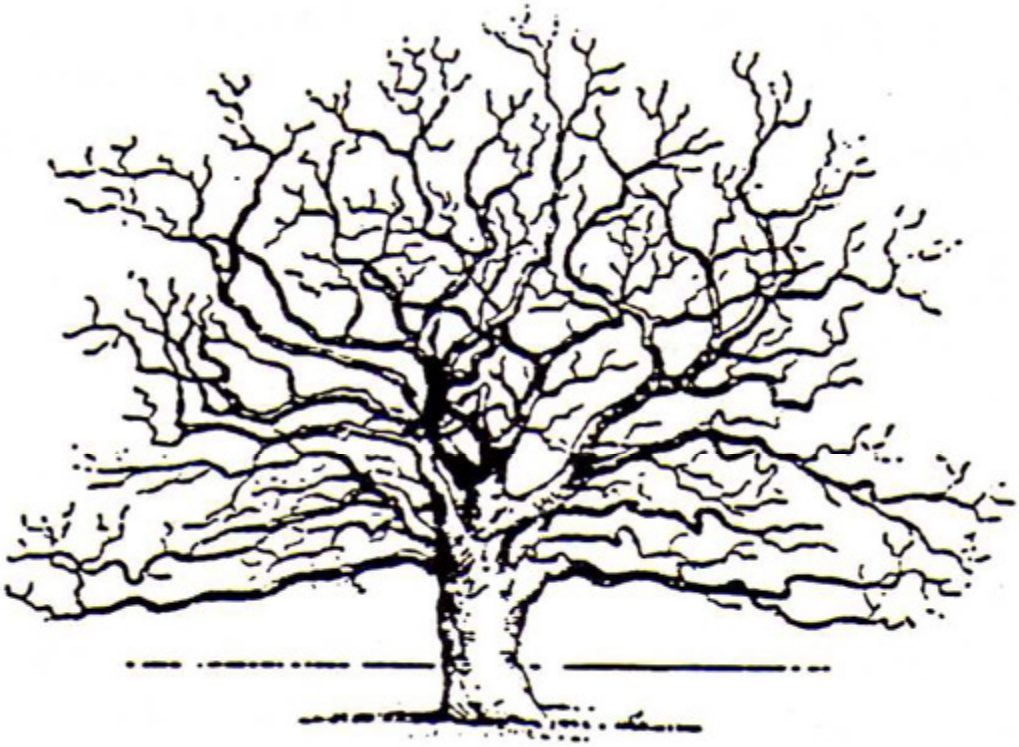
criar a maçã ao mover-se apenas no espaço tridimensional. Elas necessitam, além disso,
um continuo movimento no tempo, um desvio contúiuo dentro do espaço que está fora da
esfera tridimensional. A maçã está separada do ovário pelo tempo. Desse ponto de vista,
a maçã representa o movimento de três ou quatro meses das moléculas na quarta
dimensão. Se imaginarmos todo o caminho do ovário à maçã, veremos a direção da
quarta dimensão, isto é, a misteriosa quarta perpendicular, a linha perpendicular às três
perpendiculares do nosso espaço e que não é paralela a nenhuma delas.

Em geral, Hinton se encontra tão perto da solução correta do problema da quarta
dimensão, que, algumas vezes, adivinha o lugar da "quarta dimensão" na vida, embora
não possa determinar exatamente esse lugar. Assim, ele diz que a simetria da estrutura
dos organismos vivos pode ser explicada somente pelo movimento das suas partículas na
quarta dimensão.
Todo mundo sabe, diz Hinton, (21) como podemos obter no papel figuras parecidas
com insetos vivos. Salpicam-se umas poucas gotas de tinta num pedaço de papel e
dobra-se a folha em duas. Obtém-se assim uma complicada figura simétrica, que se
assemelha a um inseto fantástico. Se um homem absolutamente ignorante do método de
sua produção visse toda uma série dessas figuras, teria que concluir, pensando de forma
puramente lógica, que elas teriam se originado do ato de dobrar o papel em dois, isto é,

que os seus pontos dispostos simetricamente tinham sido postos em contato. Do mesmo
modo, ao examinar e estudar as formas estruturais dos seres organizados que têm
grande semelhança com as figuras obtidas no papel pelo método acima descrito,
podemos concluir que essas formas simétricas dos insetos, folhas, pássaros e outros
animais são produzidas mediante um processo semelhante a essa dobradura. E podemos
explicar a estrutura simétrica dos seres organizados, se não pelo dobramento em dois no
espaço quadridimensional, de todo modo por uma disposição de modo semelhante à
dobradura das menores partículas de que são formados.
Há, de fato, na Natureza um fenômeno muito interessante, que nos fornece
diagramas perfeitamente correios da quarta dimensão. Só é necessário saber como ler
esses diagramas. Eles são encontrados nas formas fantasticamente variadas, mas
sempre simétricas, dos flocos de neve e também nas figuras de flores, estrelas,
samambaias e no rendilhado que a geada faz nas vidraças da janela. Gotas d'água
caindo do [84] ar numa vidraça fria ou no gelo já formado nela, começam instantaneamente
a se congelar e estender, deixando marcas do seu movimento na quarta dimensão na
forma de intrincados desenhos. Essas figuras rendadas feitas nas vidraças das janelas,
do mesmo modo que as figuras de flocos de neve, são formas da quarta dimensão, a
misteriosa a4. O movimento de uma figura mais simples para a obtenção de uma mais

complicada, como se imagina em geometria, é aqui realmente efetuado, e a figura
resultante representa, com efeito, o vestígio deixado pelo movimento da figura mais
simples, porque a geada conserva todas as etapas da expansão das gotas d'água

21 The Fourth Dimension, 2ª ed., 1921, págs. 18, 19.



ovo Modelo do Universo
congeladas.
As formas dos corpos vivos, das flores vivas, das samambaias vivas, são criadas de
acordo com os mesmos princípios, embora numa ordem mais complexa. O contorno de
uma árvore que aos poucos vai se expandindo em ramos e rebentos é, por assim dizer,
um diagrama da quarta dimensão, a4.

Fig. 1 - Um Diagrama da Quarta Dimensão na Natureza.

As árvores desfolhadas do inverno ou do começo da primavera apresentam muitas
vezes diagramas da quarta dimensão, muito complicados e extraordinariamente
interessantes. Passamos diante deles sem notá-los, porque pensamos que uma árvore
existe no espaço tridimensional. Diagramas igualmente maravilhosos podem ser vistos
nas formas das algas-marinhas, das flores, dos rebentos das árvores, de certas
sementes, *etc.* Às vezes basta aumentá-las um pouco para ver os segredos do "Grande
Laboratório", ocultos aos nossos olhos.
Alguns exemplos muito notáveis do que dissemos podem ser encontrados pelo leitor
no livro do professor K. Blossfeldt sobre as formas artísticas da Natureza. (22)
Os organismos vivos, os corpos dos animais e dos seres humanos, são construídos
com base nos princípios do movimento simétrico. Para compreender esses princípios,
tomemos um simples exemplo esquemático do movimento simétrico. Imaginemos um
cubo composto de 27 pequenos cubos, e imaginemos esse cubo dilatando-se e
contraindo-se. Durante o processo de dilatação, todos os 26 cubos que se encontram em
volta do cubo central se separarão dele e, na contração, novamente se [85] aproximarão
dele. Para poder raciocinar melhor e aumentar a semelhança do cubo com um corpo
formado de moléculas, vamos supor que os cubos não tenham nenhuma dimensão, que
não passam de pontos. Noutros termos, tomemos apenas os centros dos 27 cubos e

22 Art Forms in Nature, do professor Karl Blossfeldt, com uma introdução de Karl Nierendorf, Londres, A. Zwemmer, 1929.

ovo Modelo do Universo

imaginemo-los ligados por linhas, tanto ao centro como entre si.

Visualizando a expansão desse cubo composto de 27 cubos, podemos dizer que,

para evitar o choque dos cubos entre si e impedir o seu movimento, cada um desses

cubos deve se afastar do centro, isto é, ao longo da linha que liga o seu centro ao centro

do cubo central.

A primeira regra é esta:

No curso da dilatação e da contração, as moléculas se movem ao longo das linhas

que as ligam ao centro.

Vemos, além disso, em nosso cubo, que as linhas que ligam os 26 pontos ao centro

não são todas iguais. As linhas que vão do centro aos centros dos cubos situados nos

vértices são mais compridas que as linhas que vão do centro aos centros dos cubos que

se encontram na metade dos lados do cubo grande.

Se supusermos que o espaço intermolecular se duplica com a dilatação, então todas

as linhas que ligam os 26 pontos ao centro são, ao mesmo tempo, duplicadas em

comprimento. As linhas não são iguais; portanto, as moléculas se movem com velocidade

desigual, algumas mais rápidas e outras mais lentas; as que se encontram mais longe do

centro se movem mais rapidamente, as mais próximas se movem mais lentamente.

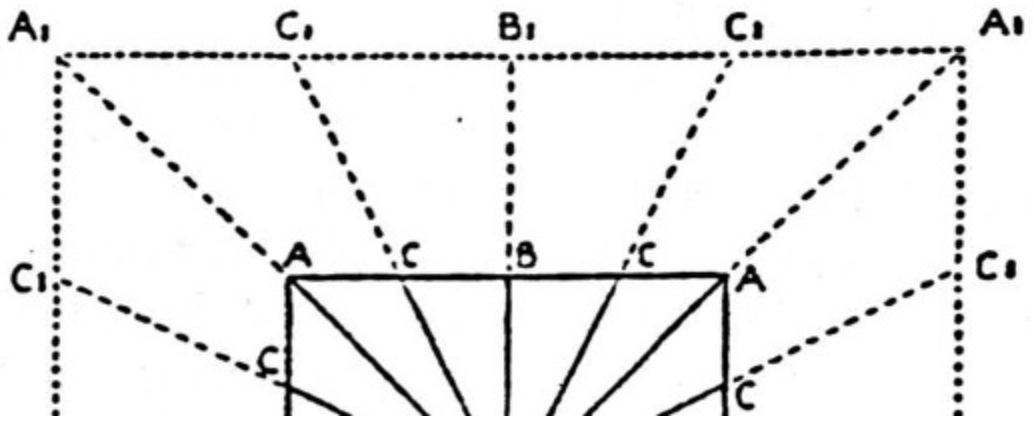
Disso podemos deduzir a segunda regra:

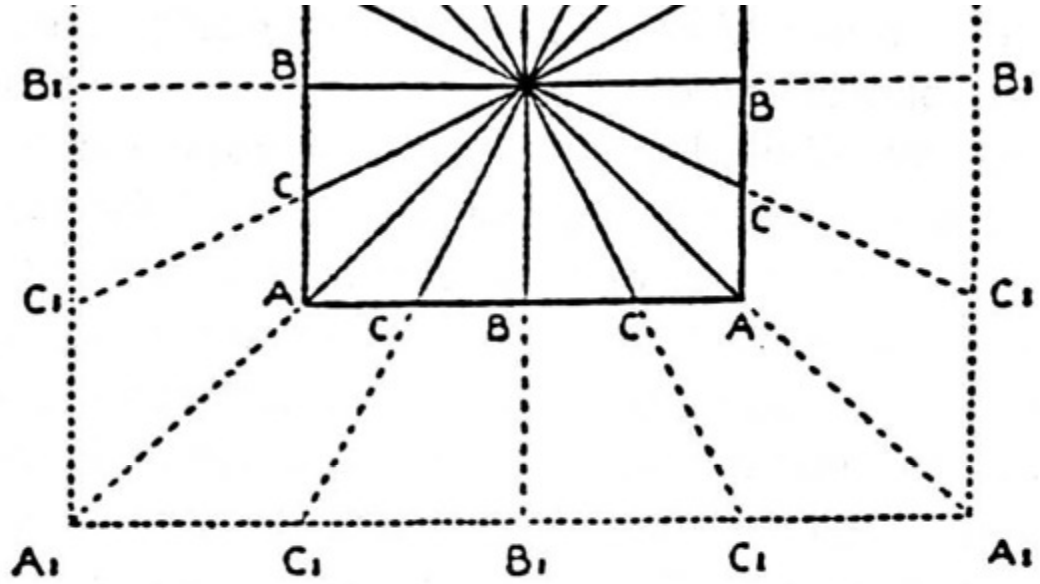
A velocidade do movimento das moléculas na dilatação e na contração de um corpo
é proporcional ao comprimento das linhas que ligam essas moléculas ao centro.
Observando a dilatação do cubo grande, vemos que as distâncias entre todos os 27
cubos aumentam proporcionalmente às distâncias originais.
Se designarmos com a letra a as linhas que ligam os 26 pontos ao centro, e com a
letra b as linhas que ligam os mesmos pontos entre si, veremos que, tendo construído
vários triângulos dentro do cubo que se dilata e se contrai, as linhas 6 aumentam em
comprimento proporcionalmente ao aumento de comprimento das linhas a.
Disso deduzimos uma terceira regra:
No processo de dilatação, a distância entre as moléculas aumenta
proporcionalmente ao aumento da sua distância do centro.
Isso significa, portanto, que os pontos que estavam a igual distância do centro
permanecerão a uma distância igual dele, e os dois pontos que estavam a igual distância
de um terceiro ponto permanecerão a igual distância deste.
Além disso, se observarmos esse movimento, não a partir do centro, mas de
qualquer um dos pontos, teremos a impressão de que esse ponto é o centro de que a
dilatação se origina, isto é, que todos os outros pontos se afastam ou se aproximam
desse ponto, conservando a sua relação original com ele e com todos os demais,

enquanto esse ponto, na verdade, permanece no mesmo lugar. "O centro está em todas
as partes!"

As leis de simetria na estrutura dos organismos vivos se baseiam nessa última regra.

Mas os organismos vivos não são construídos apenas por dilatação. O elemento de
movimento no tempo faz parte disso. Durante o crescimento, cada molécula traça uma
curva, que resulta da combinação de dois movimentos: o movimento no espaço e o
movimento no tempo. O crescimento se realiza na mesma direção, dentro das mesmas [86]
linhas que a expansão. Por conseguinte, as leis do crescimento devem ser análogas às
leis da expansão. As condições da expansão, isto é, a terceira regra, asseguram a mais
rigorosa simetria nos corpos que se expandem livremente, porque, se os pontos que
estavam originariamente a igual distância do centro continuarem a manter igual distância
dele, o corpo crescerá simetricamente.





ovo Modelo do Universo

Na figura formada pela tinta salpicada numa folha de papel dobrada em dois, a simetria de todos os pontos foi obtida, porque os pontos de um lado entraram em contato com os pontos do outro lado. A cada ponto de um lado correspondia um ponto do outro lado e, quando o papel foi dobrado, esses pontos se tocaram mutuamente. Da terceira regra formulada acima deve resultar que entre os pontos opostos de um corpo tetradimensional há alguma relação, alguma afinidade, de que não nos demos conta até aqui. A cada ponto corresponde, por assim dizer, um ou mais pontos ligados a ele de alguma forma ininteligível para nós. Isto é, esse ponto é incapaz de se mover independentemente, o seu movimento está relacionado com o movimento de outros pontos correspondentes, que ocupam posições análogas à sua no corpo que se dilata ou se contrai. E esses pontos são justamente os pontos opostos a ele. Esse ponto está, por

assim dizer, ligado a eles, ligado na quarta dimensão. Um corpo que se dilata parece
estar dobrado de diferentes modos e isso estabelece certa conexão estranha entre os
seus pontos opostos.
Examinemos o modo como se efetua a expansão da figura mais simples.
Consideraremos essa figura não propriamente no espaço, mas num plano. Escolheremos
um quadrado. Ligaremos os quatro pontos de seus ângulos ao centro. Em seguida,
uniremos ao centro os pontos situados na metade dos lados, e depois os pontos que
ficam a meio caminho entre eles. Os primeiros quatro pontos, isto é, os que estão
situados nos ângulos, serão chamados A; os quatro pontos na metade dos lados do
quadrado, serão B, e, finalmente, os pontos situados também nos lados do quadrado
entre A e B (haverá oito desses pontos) serão chamados C.

Fig. 2 - Movimento a Partir do Centro ao Longo dos Raios. [87]

Os pontos A, B e C estão situados a diferentes distâncias do centro e, portanto, na
expansão, se moverão com velocidade desigual, conservando o tempo todo a sua relação
com o centro. Ao mesmo tempo, todos os pontos A estão ligados entre si, assim como
acontece com os pontos B e C. Entre os pontos de cada grupo, há uma estranha conexão
interna. Eles devem permanecer a iguais distâncias do centro.
ovo Modelo do Universo

Vamos supor agora que o quadrado se dilata, ou dito de outro modo, que todos os pontos A, B e C se afastam do centro ao longo dos raios. Visto que a expansão da figura se efetua sem impedimento, o movimento dos pontos se realizará de acordo com as regras acima mencionadas, e a figura continuará sendo um quadrado e conservará a simetria mais exata. Mas vamos supor que de repente apareça um obstáculo na trajetória do movimento de um dos pontos C, obrigando-o a deter-se. Nesse caso, há duas alternativas possíveis. Ou todos os outros pontos C continuarão a se mover como se nada houvesse acontecido, ou eles também se deterão. Se continuarem a se mover, a simetria da figura se romperá. Se se detiverem, isso significará que observam estritamente a dedução da terceira regra, segundo a qual os pontos a igual distância do centro devem, na expansão, permanecer a igual distância dele. De fato, se todos os pontos C1, obedecendo à misteriosa afinidade que existe entre eles e o ponto C que se deparou com um obstáculo, se detiverem, enquanto os pontos A e B continuam a se mover, então o quadrado se transformará numa estrela regular, perfeitamente simétrica. É bem possível que ocorra algo semelhante no processo do crescimento das plantas e dos organismos vivos. Tomemos uma figura mais complicada, na qual o centro de que parte a expansão não seja um ponto, mas uma linha, e na qual os pontos que se afastam do centro, na expansão, estejam colocados de ambos os lados dessa linha. Uma expansão semelhante

produzirá, nesse caso, não uma estrela, mas algo parecido com uma folha denteada. Se considerarmos essa figura como se estivesse colocada no espaço tridimensional em vez de um plano e supusermos que os centros a partir dos quais a expansão se desenvolve estão não em um único eixo, mas em vários, obteremos, na expansão, uma figura que poderá parecer um corpo vivo com membros simétricos, etc.; e se supusermos um movimento dos átomos dessa figura no tempo, obteremos o "crescimento" de um corpo vivo.

As leis de crescimento, isto é, do movimento que se origina no centro e se realiza ao longo dos raios, na expansão e na contração, estabelecem uma teoria que pode explicar as causas da estrutura simétrica dos corpos vivos.

A definição dos estados da matéria, na Física, tomou-se cada vez mais condicional.

Alguma vez tentou-se acrescentar aos três estados geralmente conhecidos — sólido, líquido e gasoso — um quarto, a "matéria radiante", como foram chamados os gases muito rarefeitos nos tubos de Crookes. Em seguida, apareceu uma teoria que considera o estado coloidal (gelatinoso) da matéria como um estado independente de matéria, diferente do sólido, líquido e gasoso. A matéria organizada, do ponto de vista dessa teoria, é uma espécie de matéria coloidal ou é formada de matéria coloidal. O conceito de matéria, nesses estados, opunha-se ao conceito de energia. Surgiu depois a teoria eletrônica, na qual o conceito de matéria se tornou muito pouco diferente do conceito de

energia; posteriormente, apareceram várias teorias da estrutura do átomo, que
introduziram muitas novas idéias no conceito de matéria.
Nesse terreno, no entanto, mais do que noutros, as teorias científicas diferem das
concepções comuns da vida. Para uma orientação direta, no mundo dos fenômenos, é
necessário que diferenciemos a matéria da energia e é necessário distinguir [88] os três
estados da matéria — o sólido, o líquido e o gasoso. Devemos reconhecer, ao mesmo
tempo, que mesmo esses três estados da matéria que conhecemos podem ser
distinguidos por nós clara e inquestionavelmente apenas em suas formas mais
"clássicas", tais como um pedaço de ferro, a água de um rio, o ar que respiramos. Mas as
formas de transição se intercalam e não são claras. Portanto, com muita frequência, não
sabemos exatamente quando um estado passa a outro, não podemos traçar uma linha
demarcatória definida entre os estados da matéria, não podemos dizer quando um sólido
se transforma num líquido, quando um líquido se transforma em gás. Supomos que os
diferentes estados da matéria dependem de uma coesão molecular diferente, da
velocidade e das propriedades do movimento molecular, mas distinguimos esses estados
apenas por suas feições exteriores, que são muito inconstantes e muitas vezes se
ovo Modelo do Universo
misturam umas com as outras.
Pode-se dizer com certeza que, quanto mais sutíl for o estado da matéria, tanto mais

energético será considerado, isto é, como se contivesse, por assim dizer, menos
substância e mais movimento. Se a matéria é o oposto do tempo, será possível dizer que
cada estado mais sutil contém mais tempo e menos matéria do que um estado mais
grosseiro.
Há mais "tempo" num líquido do que num sólido; há mais "tempo" num gás do que
num líquido.
Se aceitamos a possibilidade de que existem estados de matéria ainda mais sutís,
eles terão mais energia do que os reconhecidos pela Física; eles teriam que conter, de
acordo com o que se disse antes, mais tempo e menos espaço, ainda mais movimento e
menos substância.
A necessidade lógica de estados energéticos de matéria foi há muito tempo aceita
pela Física e é provada por um raciocínio muito claro.

...Afinal de contas, o que é a substância?... (23) A definição de substância nunca foi
muito clara e tornou-se ainda menos clara a partir das descobertas da ciência moderna. É
possível, por exemplo, definir como uma substância o misterioso agente a que os físicos
recorreram para a explicação dos fenômenos do calor e da luz? Esse agente, esse meio,
esse mecanismo — seja qual for o nome que lhe demos —, no entanto, existe, pois se
manifesta indiscutivelmente em ação. Além disso, ele carece das qualidades sem as
quais é difícil imaginar uma substância. Não tem peso e possivelmente não tenha massa;

não produz nenhuma impressão direta em nenhum dos nossos órgãos sensoriais: numa
palavra, não possui uma só qualidade que possa indicar o que se chamava antes
"material". Por outro lado, não é um espírito; pelo menos ninguém pensou alguma vez em
chamá-lo assim. Mas isso significa que é necessário negar a sua realidade só porque não
pode ser classificado como substância?
Será necessário, do mesmo modo e pela mesma razão, negar a realidade do
mecanismo por meio do qual a gravidade se transmite até às profundezas do espaço com
uma velocidade infinitamente maior do que a velocidade da luz, (24) que Laplace
considerava instantânea? O grande Newton considerava impossível fazer isso sem esse
agente. Ele, a quem se deve a descoberta da gravitação universal, escreveu a Bentley:
"Que a Gravidade seja inata, inerente e essencial à Matéria, de modo que um Corpo
possa atuar sobre outro a uma Distância através do Vácuo, sem a Mediação de algo
mais, pelo qual e através do qual a sua Ação e Força possam se transmitir de um a outro,
é para mim um Absurdo tão grande, que creio que nenhum Homem que tenha, em
Questões filosóficas, uma competente Faculdade de pensar, possa cair nele. A Gravidade
deve ser causada por um Agente que atue constantemente de acordo com determinadas
Leis; mas se esse Agente é [89] material ou imaterial é coisa que deixo à Consideração
dos meus Leitores" (Terceira Carta a Bentley, em 25 de fevereiro de 1692).

A dificuldade de conferir um lugar a esses agentes é tão grande, que alguns físicos,

Hirn, por exemplo, que desenvolveu essa idéia em seu livro Structure of Celestial Space,

considera possível imaginar uma categoria nova de agentes que ocupem uma posição,

por assim dizer, na metade, entre a ordem material e a espiritual, e sirvam como uma

causa importante das forças da Natureza. Essa categoria de agentes, chamados

dinâmicos por Hirn, de cuja concepção ele exclui toda a idéia de massa e peso, serve, por

assim dizer, para estabelecer relações, para provocar ações a cena distância entre as

diferentes partes da matéria.

23 Essais sur Ia philosophie des sciences, C. de Freycinet, Gauthier Villard & Fils, editores. Paris, 1896.págs. 300-2.

24 Isso foi escrito na década de noventa do século passado.

ovo Modelo do Universo

A teoria dos agentes dinâmicos de Hirn baseia-se no seguinte: até agora nunca

pudemos determinar o que eram realmente a matéria e a força, mas, de qualquer modo,

sempre as consideramos opostas uma à outra, isto é, pudemos definir a matéria apenas

como algo contrário à força, e esta como algo oposto à matéria. Mas, hoje, as antigas

perspectivas da matéria como algo sólido e contrário à energia mudou consideravelmente.

Um átomo físico, anteriormente considerado como indivisível, é aceito hoje como um

complexo formado de elétrons. Os elétrons, no entanto, não são partículas materiais do

sentido comum da palavra. São mais bem definidos como momentos de manifestação da
energia, momentos ou elementos de força. Dizendo de outro modo, os elétrons,
representando as menores divisões possíveis de matéria, são, ao mesmo tempo, as
menores divisões da força. Os elétrons podem ser positivos ou negativos. É possível
pensar que a diferença entre a matéria e a força consiste simplesmente em combinações
diferentes de elétrons positivos e negativos. Numa combinação, eles produzem em nós a
impressão de matéria; noutra, a impressão de força. Desse ponto de vista, a diferença
entre matéria e força, que constitui até agora a base do nosso ponto de vista da Natureza,
não existe. Matéria e força são uma e mesma coisa, ou melhor, manifestações diferentes
de uma e mesma coisa. De qualquer forma, não há nenhuma diferença essencial entre
matéria e força, e uma deve converter-se na outra. Desse ponto de vista, a matéria nada
mais é do que energia condensada. E se isso é assim, então é muito natural que os graus
de condensação possam ser diferentes. Essa teoria explica como Hirn não pôde conceber
agentes semi-materiais e simi-energéticos. Estados de matéria finamente rarefeitos
devem, de fato, ocupar uma posição média entre a matéria e a força.
Em seu livro Unknow Forces of Nature, C. Flammarion escreveu: "A matéria não é,
de modo algum, aquilo que surge diante dos nossos sentidos, aquilo que tocamos ou
vemos... Representa um só todo com energia e é a manifestação do movimento de

elementos invisíveis e imponderáveis. O Universo tem um caráíer dinâmico. Guillaume de
Fontenay dá a seguinte explicação da teoria dinâmica. Na sua opinião, a matéria não é
em absoluto a substância inerte que geralmente se pensava que era:
Tomemos uma roda de carro e a coloquemos horizontalmente no eixo. A roda não
se move. Tomemos uma bola de borracha e façamo-la cair entre os raios. Agora
movimentemos ligeiramente a roda. A bola com muita frequência baterá no eixo e
rebotará. Se aumentarmos a rotação da roda, a bola não a atravessará de maneira
nenhuma; a roda se converterá num disco impenetrável. Podemos fazer uma experiência
semelhante, colocando a roda verticalmente e enfiando uma varinha através dela. Uma
roda de bicicleta será muito útil nesse caso, uma vez que seus raios são finos. Quando a
roda está parada, a varinha passará através dela nove em dez vezes: quando ela está em
movimento, repele cada vez com mais frequência a varinha. Quando se aumenta a
velocidade de seu movimento, ela se tornará impenetrável e todos os esforços para
atravessá-la esbarrarão numa muralha de aço. (25) [90]
Tendo examinado, no mundo que nos cerca, tudo que responde às condições físicas
de um espaço dimensional superior, podemos fazer a pergunta de uma forma mais
precisa: o que é a quarta dimensão?
Vimos que é impossível provar matematicamente a sua existência ou determinar as
suas propriedades e, acima de tudo, definir a sua posição em relação ao nosso inundo.

As matemáticas apenas admitem a possibilidade da existência de dimensões superiores.

Logo no início, ao definir a idéia da quarta dimensão, fiz ver que, se ela existisse,

isso significaria que, além das três perpendiculares que conhecemos, deveria existir uma

quarta. E isso, por seu turno, significaria que, de qualquer ponto do nosso espaço, pode

ser traçada uma linha numa direção que não conhecemos nem podemos conhecer, e que

bem próximo, lado a lado conosco, mas numa direção desconhecida, há outro espaço que

25 Camille Flammarion, Les forces naturelles inconnues, Paris, 1927, E. Flammarion editor, pág. 568.

não podemos ver e no qual não podemos penetrar.

Expliquei posteriormente por que não podemos ver esse espaço e cheguei à

conclusão de que ele deve se encontrar não lado a lado conosco numa direção

desconhecida, mas dentro de nós, dos objetos do nosso mundo, dentro da nossa

atmosfera, do nosso espaço. No entanto, essa não é a solução de todo o problema,

embora seja uma etapa necessária no caminho dessa solução, porque a quarta dimensão

não está só dentro de nós, mas nós mesmos estamos dentro dela, isto é, no espaço de

quatro dimensões.

Disse antes que os "espiritualistas" e "ocultistas" de diferentes escolas usam com

frequência a expressão "quarta dimensão" na sua literatura, atribuindo à quarta dimensão

todos os fenômenos da "esfera astral".

A "esfera astral" dos ocultistas, que permeia o nosso espaço, é uma tentativa para
encontrar um lugar para os fenômenos que não se encaixam no nosso espaço. Ela é, por
conseguinte, até certo ponto, essa continuação do nosso mundo para dentro da qual
sentimos necessidade de ir.
A "esfera astral", de um ponto de vista comum, pode ser definida como o mundo
subjetivo, projetado para fora de nós e considerado como o mundo objetivo. Se alguém
conseguisse realmente estabelecer a existência objetiva de ao menos uma parte do que é
chamado "astral", encontraria o mundo da quarta dimensão.
Mas o próprio conceito da "esfera astral" ou "matéria astral" mudou muitas vezes nos
ensinamentos ocultistas.
Se, de modo geral, levarmos em conta os pontos de vista dos "ocultistas" de
diferentes escolas sobre a Natureza, veremos que são baseados no reconhecimento da
possibilidade de estudar as condições de existência diferentes das nossas condições
físicas, e de usar o conhecimento dessas outras condições de existência com o propósito
de influir nas nossas condições físicas. As teorias "ocultistas" geralmente partem do
reconhecimento de uma substância básica, cujo conhecimento proporciona uma chave
para o conhecimento dos mistérios da Natureza. Mas o conceito dessa substância não é
definido. Algumas vezes é compreendido como um princípio, como uma condição de
existência, e outras como matéria. No primeiro caso, a substância básica contém em si

mesma as raízes e as causas das coisas e dos acontecimentos; no segundo, a
substância básica é a matéria-prima da qual tudo é obtido. O primeiro conceito é
naturalmente muito mais sutil e é o resultado de um pensamento filosófico mais
elaborado. O segundo conceito é mais tosco e, na maioria dos casos, um sinal [91] de
decadência do pensamento, uma demonstração de uma forma ignorante de manejar
idéias difíceis e profundas.
Os fílósofos-alquimistas chamaram esta substância fundamental de Spiritus Mundi, o
espírito do mundo. Mas os alquimistas — buscadores de ouro — consideravam possível
pôr o espírito do mundo num crisol e sujeitá-lo a manipulações químicas.
Isso deve ser levado em conta a fim de compreender as "hipóteses astrais" dos
teósofos e ocultistas modernos. Saint-Martin e posteriormente Éliphas Lévi ainda
compreendiam a "luz astral" como um principio, como condições de existência diferentes
das nossas condições físicas. Mas, no caso dos espíritas e teósofos modernos, a "luz
astral" se transformou em "matéria astral", que pode ser vista e até fotografada. A teoria
da "matéria astral" se baseia na hipótese dos "estados mais sutis da matéria". A hipótese
dos estados sutis de matéria ainda era possível nas últimas décadas da Física, antiga,
mas é difícil encontrar um lugar para ela no pensamento físico-químico moderno. Por
outro lado, a fisiologia moderna se afasta cada vez mais das explicações físico-químicas

dos processos vitais e chega ao reconhecimento da enorme influência dos vestígios de
matéria, isto é, das matérias imponderáveis e quimicamente indefiníveis que, no entanto,
são claramente percebidas pelos resultados da sua presença, tais como os "hormônios",
ovo Modelo do Universo
as "vitaminas", as "secreções internas", *etc.* Portanto, apesar do fato de que a hipótese dos estados sutis de matéria não está em nenhuma relação com a nova física, tentarei
dar aqui uma breve exposição da "teoria astral".
De acordo com essa teoria, as partículas que resultam da divisão dos átomos físicos
dão origem a um tipo especial de matéria sutil — que não está sujeita à ação da maioria
das forças físicas, mas sujeita à ação de forças que não afetam a matéria física. Assim,
essa "matéria astral" está sujeita à ação da energia psíquica, à vontade, aos sentimentos
e desejos, que são forças reais na esfera astral. Isso quer dizer que a vontade do homem,
e também as reações dos seus sentidos e os impulsos emocionais, atuam sobre a
"matéria astral" do mesmo modo como a energia física atua sobre os corpos físicos.
Além disso, a transformação em estado astral da matéria física de que são formados
os corpos e objetos visíveis é reconhecida como possível. Essa é a desmaterialização,
isto é, do ponto de vista físico, um desaparecimento completo de objetos físicos, ninguém
sabe para onde, que não deixa traços nem restos. Também se aceita como possível o
processo inverso, isto é, a transformação de matéria astral em estado ou matéria físicos.

Trata-se de materialização, isto é, o aparecimento de coisas, objetos e até seres vivos,
ninguém sabe de onde.
Além disso, aceita-se como possível que a matéria que entra na composição do
corpo físico, após ter-se transformado em estado astral, possa "voltar" ao estado físico
noutra forma. Assim, um metal que tenha sido transformado no estado astral, pode
"voltar" na forma de outro metal. Dessa forma, os processos alquímicos podem ser
explicados pela transferência temporária de algum corpo, geralmente de algum metal,
para um estado astral em que a matéria está sujeita à ação da vontade (ou dos espíritos)
e pode se modificar inteiramente sob a influência dessa vontade e tornar a aparecer no
mundo físico como outro metal; assim, o ferro pode se converter em ouro. Aceita-se como
possível realizar essa transformação da matéria de um estado para outro e a
transformação de um corpo em outro por meio de influência menta, [92] acompanhada de
certos rituais, *etc.* Considera-se, além disso, possível ver na esfera astral acontecimentos
que ainda não ocorreram na esfera física, mas que devem ocorrer e influenciar tanto o
passado como o futuro.
Tudo isso junto forma o conteúdo do que se chama magia.
A magia, na acepção usual dessa palavra, significa a capacidade de realizar o que
não se pode realizar pelos meios comuns. Tal seria, por exemplo, o poder de influenciar
psiquicamente as pessoas e os objetos à distância, a capacidade de ver as ações das

pessoas e conhecer os seus pensamentos, de fazê-los desaparecer do nosso mundo e
aparecer em lugares inesperados; a capacidade de mudar a própria aparência e até
mesmo a própria natureza física, trasladar-se, de algum modo inconcebível, para lugares
distantes, atravessar paredes, *etc.*
Os "ocultistas" explicam todos esses atos mediante o conhecimento das
propriedades da "esfera astral" que os magos possuem e a sua capacidade de agir
mentalmente sobre a matéria astral e, através dela, sobre a matéria física. Certos tipos de
"feitiçaria" podem ser explicados pelas propriedades especiais que são concedidas a
objetos inanimados. Consegue-se tal coisa influindo psiquicamente na sua "matéria astral"
por meio de um tipo especial de magnetização psíquica deles; dessa forma os magos
podiam transmitir aos objetos as propriedades que quisessem, fazê-los executar a sua
vontade, dar sorte ou azar às pessoas, pô-las de sobreaviso quanto a desastres
iminentes, dar-lhes forças ou tirá-las. A práticas mágicas dessa espécie pertence, por
exemplo, a "bênção das águas", que se converteu hoje apenas num rito dos serviços
religiosos cristãos e budistas. Na sua origem, era uma operação que se realizava com o
propósito de saturar a água psiquicamente com certas radiações e emanações a fim de
dotá-la das qualidades desejadas, curativas ou de outra ordem.
ovo Modelo do Universo

Na literatura teosófica e na literatura ocultista moderna, há muitas descrições
pitorescas da esfera astral. Mas em lugar nenhum são dadas provas da existência
objetiva da esfera astral.
As provas "espíritas", isto é, os fenômenos das sessões ou os fenômenos
"mediúnicos" em geral, as "comunicações", etc., que se atribuem às almas, não são, de forma alguma, provas, porque todos esses fenômenos podem ser explicados de modo
muito mais simples. No capítulo sobre os sonhos, indico o possível significado dos
fenômenos espíritas como resultados da personificação. As explicações teosóficas
baseadas na "clarividência" requerem, antes de tudo, a prova da existência da
"clarividência", que permanece não provada, apesar do número de livros em que os
autores descreveram o que conseguiram ou que encontraram por meio da clarividência.
Ignora-se geralmente que existe na França um prémio, instituído há muitos anos,
que oferece uma soma considerável para a pessoa que possa ler uma carta num
envelope fechado. Até agora o prémio não foi reclamado.
Tanto as teorias espíritas como as teosóficas padecem de um defeito comum e que
explica por que as hipóteses "astrais" permanecem sempre as mesmas e não recebem
quaisquer provas. O "espaço" e o "tempo", nas teorias astrais, tanto espíritas como teosóficas, são consideradas exatamente do mesmo modo que na Física antiga, isto é,
separadamente um do outro. Os "espíritos desencarnados" ou os "seres astrais" ou as formas de

pensamento são consideradas espacialmente como corpos da quarta
dimensão, mas no tempo como corpos físicos. E é justamente isso que é impossível. Se
os "estados sutis da matéria" produzem corpos de existência espacial [93] diferente, esses
corpos devem ter uma existência temporal diferente. Mas essa idéia não entra no
pensamento teosófico ou espírita.

Neste capítulo, reuniu-se apenas o material histórico referente ao estudo da "quarta
dimensão", ou melhor, aquela parte do material histórico que nos aproxima da solução do
problema ou pelo menos da sua mais exata formulação.
Neste livro, no capítulo "Um novo modelo do universo", mostro como os problemas
de "espaço-tempo" estão ligados aos problemas da estrutura da matéria e
consequentemente da estrutura do mundo, e como esses problemas levam a uma correta
compreensão do mundo real, evitando toda uma série de hipóteses desnecessárias, tanto
pseudo-ocultistas como pseudocientíficas.
1908-1929
[94]
ovo Modelo do Universo

Capítulo III -O Super-Homem

*

Lado a lado com a idéia do conhecimento oculto, a idéia do super-homem atravessa
toda a história do pensamento humano.
A idéia do super-homem é tão antiga quanto o mundo. Através de todos os séculos,

por centenas de séculos da sua história, a humanidade viveu com a idéia do super-homem. Os ditos e lendas de todos os povos antigos estão cheios de imagens do super-homem. Os heróis dos mitos, os Titãs, os semideuses, Prometeu, que trouxe o fogo do céu: os profetas, os messias e os santos de todas as religiões; os heróis dos contos de fada e dos cantos épicos; os cavaleiros que salvam princesas cativas, que despertam as belas adormecidas e vencem dragões, que lutam contra gigantes e ogros — todas essas são imagens de um super-homem.

A sabedoria popular de todos os tempos e povos sempre compreendeu que o homem, tal como é, não pode ordenar a sua própria vida por si mesmo; a sabedoria popular nunca considerou o homem como a realização cabal da criação. Sempre compreendeu o lugar do homem e sempre aceitou e admitiu o pensamento de que pode e deve haver seres que, embora sendo também humanos, são muito superiores, mais fortes, mais complexos, mais "miraculosos", do que o homem comum. Só o pensamento opaco e esterilizado dos últimos séculos da cultura europeia é que perdeu o contato com a idéia do super-homem e colocou como seu objetivo o homem tal como é, como sempre foi e sempre será. E, nesse espaço de tempo, relativamente curto, o pensamento europeu havia esquecido tão completamente a idéia do super-homem, que, quando Nietzsche mostrou essa idéia ao Ocidente, ela pareceu nova, original e inesperada. Na realidade, essa idéia existiu desde o primeiro instante do pensamento humano que conhecemos.

Afinal de contas, o super-homem nunca desapareceu do pensamento ocidental
moderno. Que são, por exemplo, a lenda napoleônica e todas as lendas semelhantes
senão tentativas de criar um novo mito do super-homem? À sua maneira, as massas
vivem ainda com a idéia do super-homem; nunca se satisfazem com o homem tal qual é,
e a literatura que lhe é oferecida invariavelmente lhe dá um super-homem. Que são, em
realidade, o conde de Monte Cristo ou Rocambole, Sherlock Holmes, senão uma
expressão moderna da mesma idéia de um ser forte, poderoso, contra o qual os homens
comuns não podem lutar, que os supera em força, valentia e astúcia, e cujo poder sempre
tem algo de misterioso, mágico, miraculoso?
Se tratarmos de examinar as formas nas quais a idéia do super-homem tem sido
expressa no pensamento humano de diferentes períodos da história, veremos que ela se
divide em várias categorias diferentes. [95]
A primeira idéia do super-homem o descreveu no passado ligado à legendária Idade
de Ouro. A idéia sempre foi uma só e a mesma. As pessoas sonharam ou se lembraram
de que muito tempo atrás a sua vida fora governada por super-homens, que lutaram
contra o mal, defenderam a justiça e aluaram como mediadores entre os homens e a
Divindade, govemando-os de acordo com a vontade desta, dando-lhes leis, comunicando—
lhes ordens. A idéia da teocracia está sempre ligada à idéia do super-homem. Deus ou os
deuses, como quer que tenham sido chamados, governaram sempre os homens com a

ajuda e a mediação dos super-homens — profetas, chefes, reis, de origem super-humana
misteriosa. Os deuses nunca puderam tratar diretamente com os homens. O homem
nunca foi e nunca se considerou suficientemente forte para olhar de frente a divindade e
receber as leis diretamente. Todas as religiões começam com o advento de um super—
ovo Modelo do Universo
homem. A "revelação" sempre chega através de um super-homem. O homem jamais
acreditou ser capaz de algo de significação verdadeira.
Mas os sonhos do passado não podiam satisfazer o homem, que começou a sonhar
com o futuro, com o tempo em que chegaria outra vez um super-homem. A partir daí,
surgiu uma concepção nova de super-homem.
As pessoas começaram a esperar o super-homem. Ele teria que vir para harmonizar
as suas discórdias, dirigir os homens, ensiná-los a obedecer à lei ou trazer-lhes uma nova
lei, um novo ensinamento, um novo conhecimento, uma nova verdade, uma nova
revelação. O super-homem teria que vir para salvar os homens de si mesmos, assim
como para libertá-los das forças do mal que os rodeavam. Quase todas as religiões
contêm essa expectativa de um super-homem, de um profeta, de um messias.
No Budismo, a idéia do super-homem substitui completamente a idéia da divindade,
porque Buda não é Deus, é apenas um super-homem.
A idéia do super-homem nunca se ausentou da consciência da humanidade. A
imagem do super-homem era formada de elementos muito variados. Às vezes,

comportava uma forte mistura de fantasia popular, que a concebia como a personificação
da Natureza, do fogo, do trovão, da floresta, do mar; a mesma fantasia, por vezes, unia
numa única imagem vagos rumores de alguns povos distantes, quer mais selvagens,
quer, ao contrário, mais civilizados.
Assim, os relatos sobre os canibais, feitos pelos viajantes, juntavam-se, na
imaginação dos gregos antigos, à imagem dos Ciclopes Polifemus, que devoraram os
companheiros de Ulisses. Um povo desconhecido, uma raça desconhecida, era muito
facilmente transformado num mitológico e singular ser super-humano.
Assim, a idéia do super-homem no passado, ou no presente de certos países
desconhecidos, sempre teve um conteúdo vívido e rico. Mas a idéia do super-homem
como um profeta ou messias, do super-homem que o homem esperava, sempre foi muito
obscura. O homem sempre teve uma concepção pouco clara do super-homem, não
compreendeu de que forma o super-homem deve se diferenciar do homem comum.
E, quando o super-homem chegou, o homem o apedrejou ou crucificou, porque ele
não correspondia à sua expectativa. Mas, apesar disso, e mesmo de uma forma vaga e
confusa, isso serviu como uma medida com a qual se avaliava a insignificância do
homem. E a idéia foi sendo aos poucos esquecida, quando o homem começou a perder a
consciência da sua insignificância.
Para o ponto de vista moderno do mundo, a idéia do super-homem se mantém à

parte, como uma espécie de curiosidade filosófica, sem relação com tudo mais. [96] O
pensamento ocidental moderno não sabe como expressar a idéia do super-homem de
forma adequada. Sempre deturpa essa idéia, sempre tem medo das deduções finais que
dela decorrem e, nas suas teorias sobre o futuro, nega toda conexão com ela.
Essa atitude para com a idéia do super-homem baseia-se numa compreensão
errônea das idéias da evolução. Os principais defeitos da moderna compreensão da
evolução foram assinalados num capitulo anterior.
Se alguma vez se fala do "super-homem" no pensamento científico, ele é
considerado como o produto da evolução do homem, embora, de modo geral, esse termo
não seja usado em absoluto, sendo substituído pela expressão "um tipo superior de
homem". Em relação a isso, as teorias evolucionistas se tomaram a base de uma visão
ingênua e otimista da vida e do homem. É como se as pessoas dissessem a si mesmas:
agora que a evolução existe e que a ciência a aceita, isso quer dizer que tudo está bem e
deve se tornar ainda melhor no futuro. Na imaginação do homem moderno que raciocine
do ponto de vista das idéias da evolução, tudo deve ter um final feliz. Uma estória deve
necessariamente terminar num casamento. É justamente aqui que está o principal eno
ovo Modelo do Universo
com relação às idéias da evolução. A evolução, seja qual for a forma como a entendamos,
não é certa para ninguém ou para nada. A teoria da evolução significa apenas que nada

permanece estacionário, nada é hoje igual ao que foi ontem, tudo inevitavelmente
melhora ou piora, mas de nenhum modo todas as coisas necessariamente melhoram;
pensar que tudo necessariamente melhora é a concepção mais fantástica das
possibilidades de evolução.
Todas as formas de vida que conhecemos são o resultado da evolução ou da
degeneração. Contudo, não podemos distinguir entre si esses dois processos e, com
muita frequência, confundimos os resultados da degeneração com os resultados da
evolução. Só com respeito a uma coisa não nos equivocamos: sabemos que nada
permanece o que era antes. Tudo "vive", tudo se transforma.
O homem também se transforma, mas se está melhorando ou piorando é uma
grande questão. Ademais, a evolução no verdadeiro sentido da palavra nada tem de
comum com a mudança antropológica do tipo, mesmo se considerarmos essa mudança
de tipo como confirmada. A evolução tampouco tem algo em comum com a modificação
das formas sociais, dos costumes e das leis, nem com a modificação e "evolução" das
formas de escravidão ou dos recursos bélicos. A evolução no sentido do super-homem é
a criação de novas formas de pensar e sentir e o abandono das velhas formas.
Além disso, devemos nos lembrar de que o desenvolvimento de um novo tipo é
efetuado às custas do tipo velho, que é chamado a desaparecer pelo mesmo processo. O

novo tipo criado a partir do velho o supera, por assim dizer, o conquista, ocupa o seu
lugar.
Zaratustra, de Nietzsche, fala disso da seguinte maneira:

"Eu vos apresento o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. O que
tendes feito paxá superar o homem?
"O que é o macaco para o homem? Um objeto de riso ou uma dolorosa desgraça! E
exatamente a mesma coisa serão homem para o super-homem: uma irrisão ou uma
dolorosa desgraça.
"Mesmo o mais sábio dentre vós não passa de uma contradição e uma mistura
híbrida de planta e fantasma.
"O homem é uma corda sobre um abismo. Uma perigosa travessia, uma perigosa
jornada, um perigoso olhar para trás, um perigoso tremer e parar. [97]
"O que é grande no homem é que ele é uma ponte e não uma meta; o que é digno
de amor no homem é que ele é um caminho de subida e um caminho de descida." (26)

Essas palavras de Zaratustra não foram levadas em conta em nosso modo habitual
de pensar. E, quando imaginamos um super-homem, aceitamos e aprovamos nele
exatamente esses aspectos da natureza humana que deviam ser jogados fora no
caminho.
O super-homem nos parece um ser muito complicado e contraditório. Na verdade,
ele deve ser um ser claramente definido. Não pode ter dentro de si o eterno conflito

interior, a dolorosa divisão interna, que o homem sente continuamente e atribui também
aos deuses.
Ao mesmo tempo, não pode haver dois tipos opostos de super-homem. O super-homem é o resultado de um movimento definido, de uma evolução definida.

26 Assim falou Zaratustra, de F. Nietzsche. Prólogo. 98
ovo Modelo do Universo
No pensamento comum, o super-homem surge como um homem hipertrofiado, com
todos os aspectos da sua natureza grandemente exagerados. Isso, naturalmente, é
inteiramente impossível, porque um aspecto da natureza humana só pode se desenvolver
às custas de outros aspectos, e o super-homem pode ser a expressão de apenas um
aspecto da natureza humana e, além disso, de um aspecto perfeitamente definido.
Essas concepções errôneas do super-homem são devidas, num grau considerável,
ao fato de que o pensamento corrente considera o homem como um tipo mais acabado
do que realmente é.
O mesmo ponto de vista ingênuo está na base de todas as ciências e teorias sociais
existentes. Todas essas teorias levam em conta apenas o homem e o seu futuro. Elas
tratam de prever o possível futuro do homem ou recomendam os melhores métodos, do
seu ponto de vista, para a organização da vida do homem, para dar-lhe toda a felicidade
possível ou para libertá-lo dos sofrimentos desnecessários, da injustiça e assim
sucessivamente. Mas as pessoas não vêem que as tentativas de aplicação compulsória

dessas teorias à vida só dão como resultado o aumento do sofrimento e da injustiça. Ao
tratar de prever o futuro, todas essas teorias querem que a vida sirva e obedeça ao
homem, e, ao fazê-lo, não se dão conta do fato real de que o próprio homem deve mudar.
Acreditando nessas teorias, os homens querem construir, sem considerar que um novo
senhor deve chegar e que este pode não gostar de modo algum do que eles construíram
ou começaram a construir.
O homem é uma forma eminentemente de transição, constante apenas nas suas
contradições e na sua inconstância, um ser que se move, se transforma e muda diante
dos nossos olhos. Mesmo sem qualquer estudo especial, é perfeitamente claro que ele é
um ser bastante incompleto, diferente hoje do que foi ontem e diferente amanhã do que ê
hoje.
Há tantos princípios opostos que lutam no interior do homem, que é totalmente
impossível estabelecer entre eles uma coordenação harmoniosa. Isso explica por que é
impossível um "tipo" positivo de homem. A alma do homem é uma combinação muito
complexa para que todas as vozes que gritam dentro dele se unam num coro harmonioso.
Todos os reinos da Natureza vivem dentro do homem. Ele é um pequeno universo, no
qual ocorrem uma morte contínua e um contínuo nascimento, a incessante destruição de
um ser por outro, o mais forte devorando o mais [98] fraco, a evolução e a degeneração, o
crescimento e a destruição. O homem tem dentro de si tudo, desde um mineral a um

Deus. E o desejo de Deus no homem, isto é, as forças que dirigem o seu espírito,
conscientes da sua unidade com a infinita consciência do Universo, não podem estar em
harmonia com a inércia de uma pedra, com a inclinação das partículas no sentido da
cristalização, com o sonolento fluir da seiva na planta, com o lento voltar-se da planta na
direcão do Sol, com a voz do sangue num animal, com a consciência "tridimensional" do
homem, que se baseia na separação do homem do mundo, na sua oposição ao mundo
com o seu próprio "eu" e na sua aceitação como realidade de todas as formas e divisões
diferentes.
E quanto mais o homem se desenvolve interiormente, mais poderosamente começa
a sentir os diferentes aspectos da sua alma simultaneamente; e quanto mais fortemente
se sente a si mesmo, mais forte se toma dentro dele o desejo de sentir cada vez mais, e,
finalmente, ele começa a desejar tantas coisas, que nunca pode alcançar ao mesmo
tempo tudo que deseja; sua imaginação o leva simultaneamente em diferentes direções.
Uma vida já não é suficiente para ele; precisa de dez, vinte vidas de uma só vez.
Necessita estar simultaneamente em diferentes lugares, com pessoas diferentes, em
situações diversas; quer reconciliar o irreconciliável e combinar o que não se combina.
Seu espírito não quer se conformar com as limitações do corpo e da matéria, do tempo e
do espaço. A sua imaginação viaja para além de todas as possibilidades de realização,

exatamente do mesmo modo que os sentimentos ultrapassam as fronteiras das
ovo Modelo do Universo
formulações e conhecimentos do seu intelecto.
O homem ultrapassa a si mesmo, mas, ao mesmo tempo, começa a satisfazer-se
apenas com a sua imaginação, sem tentai realizar o que imagina. E, nos raros momentos
em que o tenta, não percebe que obtém coisas que são diametralmente opostas àquilo de
que crê estar chegando perto.
O complicado sistema da alma humana aparece com frequência como dual e há
sérios fundamentos para semelhante ponto de vista. Em cada homem vivem, por assim
dizer, dois seres: um ser que compreende o mundo mineral, vegetal, animal e o mundo do
"tempo e espaço" humanos; o outro é o ser que pertence a algum outro mundo. Um é o
ser do "passado", o outro é o ser do "futuro". Mas qual é o ser do passado e qual é o ser
do futuro não sabemos. E o passado e o futuro estão em eterna luta e eterno conflito
entre si na alma do homem. Podemos dizer, sem o menor exagero, que a alma do homem
é um campo de batalha entre o passado e o futuro.
Zaratustra, de Nietzsche, diz essas interessantes palavras:

"Sou do hoje e do ontem, mas há algo em mim que é do amanhã e do dia seguinte e
do futuro" (Assim falou Zaratustra).

Mas Zaratustra não fala do conflito, fala da totalidade que inclui o hoje e o ontem, o

amanhã e o futuro, uma totalidade que chega quando as contradições, a multiplicidade e
a dualidade foram vencidas.
A necessidade de lutar contra o homem para chegar ao super-homem é o que o
pensamento moderno se recusa decididamente a admitir. Essa idéia não se coaduna, de
forma alguma, com a exaltação do homem e com a sua debilidade, que é tão
característica dos nossos tempos.
Ao mesmo tempo, isso não significa que a idéia do super-homem não desempenhe
nenhum papel em nossos dias. Se certas escolas do pensamento moderno rejeitam [99] a
idéia do super-homem ou a temem, outras, pelo contrário, se baseiam inteiramente nessa
idéia e não podem existir sem ela. A idéia do super-homem divide o pensamento da
humanidade em duas categorias nitidamente separadas e bem definidas:
1. A concepção do homem sem a idéia do super-homem, à qual pertencem a
concepção "científica" do homem e também uma parte considerável da concepção
filosófica do homem.
2. A concepção do homem do ponto de vista da idéia do super-homem, à qual
correspondem as concepções místicas, ocultistas e teosóficas do homem (embora se
deva notar aqui que quase tudo que é conhecido com esses nomes são apenas
concepções pseudomísticas, pseudo-ocultistas e pseudo-esotéricas).
No primeiro caso, o homem é considerado como um ser completo. Estuda-se asua

estrutura anatômica, as suas funções fisiológicas e psicológicas, sua atual posição no
mundo, seu destino histórico, sua cultura e civilização, a possibilidade de uma melhor
organização da sua vida, as suas possibilidades de conhecimento, etc.; em tudo isso, o
homem é considerado como é. Nesse caso, a atenção se concentra nos resultados da
atividade do homem, em suas conquistas, suas descobertas, suas invenções. E, nesse
caso, esses resultados da atividade humana são considerados como provas da sua
evolução, embora, como ocorre na maioria dos casos, eles demonstrem justamente o
contrário.
A idéia da evolução, nessa concepção do homem, é considerada como a evolução
geral de todos os homens, de toda a humanidade. A humanidade é considerada como
evolutiva. E, embora essa evolução nada tenha de semelhante à evolução da Natureza, e
ovo Modelo do Universo
não se possa explicar por qualquer exemplo biológico, o pensamento ocidental não se
sente perturbado por isso e continua a falar de evolução.
No segundo caso, o homem é considerado um ser incompleto, do qual deve resultar
algo diferente. E todo o significado da existência desse ser tem por base, nesse caso, a
sua transição para esse novo estado. O homem é considerado um grão, uma larva, algo
provisório e sujeito a transformação. E, assim, tudo que se refere a ele é considerado do
ponto de vista de tal transformação; noutras palavras, o valor de todas as coisas na vida

dele é determinado em função da sua utilidade ou não nessa transformação.

Mas a própria idéia da transformação continua muito obscura e não se pode ter

como popular nem progressista a concepção do homem do ponto de vista do super-homem. Ela constitui um atributo indispensável dos ensinamentos semi-ocultos,

semimístícos, mas não entra nas filosofias de vida científicas ou nas mais largamente

difundidas filosofias pseudocientíficas.

A razão disso, à parte de tudo mais, reside na total divergência entre a cultura

ocidental e o pensamento religioso. Não fosse essa divergência, a concepção do homem

do ponto de vista da idéia do super-homem não se teria perdido, porque o pensamento

religioso, no seu verdadeiro sentido, é impossível sem a idéia do super-homem.

A ausência da idéia do super-homem na maioria das modernas filosofias de vida é,

em grande parte, a causa do terrível caos de pensamento em que vive hoje a

humanidade. Se o homem tentasse ligar a idéia do super-homem com todos os pontos de

vista mais ou menos admitidos, veria que ela mostra tudo sob uma nova luz, que

apresenta as coisas que ele pensava conhecei muito bem dentro de uma perspectiva

nova, que lembra a ele o fato de que o homem é apenas um visitante passageiro, um

transeunte, na Terra. [100]

É evidente que esse ponto de vista não poderia ser popular. As modernas filosofias

de vida (ou, pelo menos, a sua grande maioria) se fundamentam na sociologia ou no que

é chamado sociologia. E esta jamais pensa numa época tão remota, em que um novo tipo
tenha se desenvolvido a partir do homem, mas apenas se ocupa com o presente ou com
o futuro próximo e imediato. No entanto, é justamente essa atitude que serve unicamente
para mostrar o formalismo dessa ciência. Como qualquer ciência escolástica, a sociologia
não cuida de fatos reais mas de abstrações artificiais. Tratando do "nível médio" e do
"homem comum", ela não vê o relevo das montanhas, não compreende que nem a
humanidade nem o homem, considerado individualmente, são uma coisa plana e
uniforme.
A humanidade, do mesmo modo que o homem como indivíduo, é uma cadeia de
montanhas, com altos cumes nevosos e profundos precipícios e, além disso, está naquele
incerto período geológico em que tudo se encontra em processo de formação, em que
toda a cadeia de montanha desaparece, em que, no lugar dos mares, surgem desertos,
em que novos vulcões aparecem, em que os campos e as florestas são enterrados pela
torrente de lava fervente, em que os continentes emergem e sucumbem e em que os
períodos glaciais vêm e vão. E o "homem comum", único com que a Sociologia se ocupa,
não existe na realidade, do mesmo modo que não existe a "altura média de uma
montanha".
É impossível indicar o momento em que se forma um tipo novo, mais estável. Ele
está sendo formado continuamente. O crescimento se processa sem interrupções. Nunca

há um momento em que tudo esteja completo. Um novo tipo de homem está se formando
agora e entre nós. A seleção se realiza em todas as raças e nações da Terra, exceto nas
raças mais atrasadas e em degeneração; as últimas compreendem as raças geralmente
consideradas as mais adiantadas, isto é, as que foram absorvidas pela pseudocultura.
O super-homem não pertence ao futuro histórico. Se puder existir na Terra, deverá
existir tanto no passado como no presente. Mas não permanece na vida, aparece e vai-se
ovo Modelo do Universo
embora.
Assim como um grão de trigo, ao transformar-se numa planta, sai da esfera de vida
dos grãos; assim como uma glande, ao converter-se num carvalho, deixa a vida das
glandes; assim como uma lagarta, tornando-se uma crisálida, morre para as lagartas e,
transformando-se numa borboleta, deixa completamente a esfera de observação das
lagartas, do mesmo modo o super-homem sai da esfera de observação dos demais
homens, sai da sua vida histórica.
Um homem comum não pode ver um super-homem ou saber da sua existência, do
mesmo modo que uma lagarta não pode saber da existência de uma borboleta. Isso é um
fato que achamos extremamente difícil admitir, mas que é natural e psicologicamente
inevitável. O tipo superior não pode, de modo algum, ser controlado pelo tipo inferior ou
estar sujeito a observação por um tipo inferior; no entanto, o tipo inferior pode ser

controlado pelo superior e estar debaixo da sua observação. E, desse ponto de vista, a
vida inteira e toda a história podem ter um significado e uma finalidade que não podemos
compreender.
Esse significado, essa finalidade, é o super-homem. Tudo mais existe para o único
propósito de que das massas da humanidade que rasteja na Terra possa, de tempos em
tempos, emergir e se levantar o super-homem, e, dessa forma, se afastar das massas e
se tornar inacessível e invisível a elas. [101]
O ponto de vista comum sobre a vida não encontra nenhum objetivo nela ou vê esse
objetivo na "evolução das massas". Mas essa evolução é uma idéia fantástica e ilógica,
como seria, por exemplo, a idéia de uma evolução idêntica de todas as células de uma
árvore ou de todas as células de um organismo. Não nos damos conta de que a idéia da
evolução das massas equivale a esperar que todas as células de uma árvore, isto é, as
células das raízes, do tronco, da medula e das folhas, se transformem em células de
flores e frutos, isto é, equivale a esperar que toda a árvore se transforme em flores e
frutos.
A evolução, que é geralmente considerada como a evolução das massas, não pode
jamais ser, na realidade, outra coisa que a evolução de poucos. E, na humanidade, essa
evolução só pode ser consciente. Só a degeneração é que pode se realizar
inconscientemente nos homens.
A Natureza não assegurou, de nenhum modo, o super-homem. Ela conserva dentro

de si todas as possibilidades, inclusive as mais sinistras. O homem não pode ser elevado
a super-homem como uma recompensa, nem por haver prestado durante muito tempo
seus serviços como homem, nem por ter mantido uma conduta irrepreensível, nem por
seus sofrimentos, quer tenham sido acidentais ou criados involuntariamente por ele
mesmo, por sua própria estupidez ou inadaptabilidade à vida, quer os tenha padecido
intencionalmente visando à recompensa que espera obter.
Nada conduz ao super-homem, exceto a compreensão da idéia do super-homem, e
é justamente essa compreensão que está se tornando cada vez mais rara.
Pela sua inevitabilidade, a idéia do super-homem não é absolutamente clara. Os
perfis psicológicos do super-homem escapam ao homem como uma sombra. Os homens
criam o super-homem de acordo com a sua própria imagem e semelhança, dotando-o das
suas qualidades, gostos e defeitos, de uma forma exagerada.
Atribuem-se ao super-homem características e qualidades que nunca podem
pertencer a ele, características que são inteiramente contraditórias e incompatíveis, que
se despojam umas às outras de qualquer valor e as destroem reciprocamente. Chega-se
geralmente à idéia do super-homem por um caminho equivocado; ou ela é considerada de
modo simples demais, puramente num único plano, ou de modo demasiado fantástico,
sem qualquer relação com a realidade. O resultado é que a idéia é distorcida, e a maneira

ovo Modelo do Universo
de os homens tratá-la se torna cada vez mais equivocada.
Para encontrar um modo correto de chegar a essa idéia, devemos, antes de tudo,
estabelecer para nós mesmos uma imagem harmoniosa do super-homem. A incerteza, a
indefinição e o caráter difuso não são, de forma alguma, atributos necessários da imagem
do super-homem. Podemos saber mais a respeito dele do que pensamos, se
simplesmente quisermos e soubermos por onde começar. Temos linhas de pensamento
perfeitamente claras e definidas para raciocinar sobre o super-homem e noções
perfeitamente definidas, algumas ligadas à idéia do super-homem e outras opostas a ela.
Tudo de que se precisa é evitar confundi-las. Se fazemos isso, a compreensão do super-homem, a criação de uma idéia harmoniosa dele, deixará de ser o sonho inatingível que
às vezes consideramos.
O crescimento interior do homem segue caminhos bem definidos. É necessário
determinar e compreender esses caminhos; doutro modo, quando a idéia do super-homem já é aceita de uma ou outra maneira, mas não está ligada vitalmente à vida do
homem, ela assume formas estranhas, por vezes grotescas e monstruosas. As pessoas
que pensam ingenuamente imaginam o super-homem como uma espécie de homem [102]
exagerado, em quem tanto os aspectos positivos como os negativos da natureza humana
se desenvolveram com igual liberdade e alcançaram os mais altos limites do seu possível
desenvolvimento. No entanto, isso é exatamente o que é impossível. O mais elementar

conhecimento de Psicologia, se considerarmos a Psicologia como uma compreensão real
das leis do ser interno do homem, nos ensina que o desenvolvimento das características
de um tipo só pode se realizar às custas das características de outro tipo. Há, no homem,
muitas qualidades contraditórias, que não podem, de forma alguma, se desenvolver em
linhas paralelas.
A imaginação dos povos primitivos concebia o super-homem como um gigante, um
homem de força hercúlea, de grande longevidade. Devemos reexaminar as qualidades do
super-homem, isto é, as qualidades que são atribuídas a ele, e determinar se tais
qualidades podem se desenvolver apenas no homem. Se as qualidades que podem existir
fora do homem são atribuídas ao super-homem, torna-se evidente que essas qualidades
são erroneamente relacionadas com ele. Só as qualidades que se podem desenvolver no
homem podem se desenvolver no super-homem; por exemplo, o tamanho gigantesco não
pode, de modo algum, ser uma qualidade de valor absoluto para o super-homem. As
árvores podem ser ainda mais altas; as casas, as torres, as montanhas podem ser
maiores do que o mais alto gigante que a Terra possa comportar. Assim, a altura e o
tamanho não podem servir de objetivo da evolução do super-homem. Ao lado disso, a
moderna Biologia sabe muito bem que o homem não pode ultrapassar certa altura, isto é,
o seu esqueleto não poderia suster um peso que ultrapassasse muito o peso do corpo

humano. Tampouco uma enorme força física apresenta valor absoluto. O homem com as
suas próprias mãos débeis pode construir máquinas muito mais poderosas do que
qualquer gigante. E para a "Natureza", para a "Terra", o homem mais forte, até mesmo um
gigante, é apenas um pigmeu, imperceptível na sua superfície. Tampouco é a
longevidade, por maior que seja, um sinal de crescimento interior. As árvores podem viver
durante milhares de anos. Uma pedra pode existir por dezenas ou centenas de milhares
de anos.
Todas essas qualidades não têm nenhum valor no super-homem, porque podem ser
encontradas fora dele.
No super-homem devem se desenvolver qualidades que não possam existir numa
árvore ou numa pedra, qualidades com as quais não possam competir nem as mais
elevadas montanhas nem os terremotos.
O desenvolvimento do mundo interior, a evolução da consciência, isto é, um valor
absoluto, que no mundo que conhecemos só pode se desenvolver no homem, e não fora
dele.
ovo Modelo do Universo
A evolução da consciência, o crescimento interior do homem, é a "ascensão no
sentido do super-homem". Mas o crescimento interior não se realiza ao longo de uma só
linha, mas de várias linhas simultaneamente. Estas devem ser estabelecidas e
determinadas, porque misturadas com elas há muitos caminhos enganosos, falsos, que

desviam o homem, fazem-no retroceder ou o conduzem a becos sem saída.

Naturalmente, é impossível dogmatizar a respeito de uma forma de desenvolvimento
intelectual e emocional do super-homem. Entretanto, vários aspectos desse
desenvolvimento podem ser apresentados com grande exatidão. [103]
Assim, a primeira coisa que se pode dizer é que o super-homem não pode ser
pensado no plano "materialista" comum. Ele deve estar necessariamente em relação com
algo misterioso, com algo mágico e de feitiçaria.
Portanto, um interesse que se dirija ao "misterioso" e ao "Inexplicável", uma
tendência ao "oculto" estão inevitavelmente ligados à evolução que conduz ao super-homem. O homem de repente se dá conta de que não pode continuar a ignorar tudo que,
até então, lhe pareceu não merecer a sua atenção. Subitamente começa a ver tudo como
se fosse com novos olhos, e todas as coisas "fantásticas" e "místicas", que ontem ainda
rechaçava sorrindo como superstições, adquirem inesperadamente para ele um novo e
profundo significado, simbólico ou real.
Ele encontra novos sentidos nas coisas, descobre analogias estranhas e
inesperadas. Surge nele um interesse pelo estudo das religiões, tanto antigas como
novas. O seu pensamento penetra no significado íntimo das alegorias e mitos, ele
descobre um sentido estranho e profundo em coisas que antes pareciam explícitas e
desinteressantes.

Talvez esse interesse pelo misterioso e o miraculoso dê origem às principais senhas utilizadas para aproximar os homens que começam a descobrir o sentido oculto da vida.

Mas o mesmo interesse pelo misterioso e miraculoso é útil também para testar os homens. Um homem que conservou as possibilidades de ser crédulo ou supersticioso inevitavelmente irá contra um dos rochedos submersos de que o mar do "ocultismo" está cheio; sucumbirá à sedução de alguma miragem, perderá, de uma forma ou outra, a sua meta.

Ao mesmo tempo, o super-homem não pode ser simplesmente um "grande homem de negócios" ou um "grande conquistador" ou um "grande estadista" ou um "grande homem de ciência". Deve ser inevitavelmente um mago ou um santo. As lendas heróicas russas atribuem aos seus heróis características de sabedoria mágica, isto é, de "conhecimento secreto".

A idéia do super-homem está diretamente relacionada com a idéia do conhecimento oculto. A espera do super-homem é a espera de alguma nova relação, de um novo conhecimento.

No entanto, como dissemos antes, por vezes a espera do super-homem está ligada às teorias habituais da evolução, isto é, à idéia de uma evolução geral, e o super-homem, nesse caso, é considerado como um possível produto da evolução do homem. É curioso que essa teoria, parecendo muito lógica, destrói completamente a idéia do super-homem.

A causa disso está, é claro, na concepção errônea da evolução em geral, que já
assinalamos anteriormente. Além disso, por alguma razão, o super-homem não pode ser
encarado como um tipo zoológico superior em comparação com o homem, como um
produto da lei geral da evolução. Há, nessa concepção, um erro fundamental, claramente
percebido em todas as tentativas de formar uma imagem do super-homem do futuro
distante e desconhecido. A imagem parece nebulosa e difusa demais, perde, nesse caso,
todo o colorido e torna-se quase repulsiva, devido ao próprio fato de se apresentar
ovo Modelo do Universo
obediente à lei e inevitável. O super-homem deve ter algo que esteja fora da lei, que viole
o curso geral das coisas, algo imprevisto, que não esteja sujeito a nenhuma lei geral.
Essa idéia é expressa por Nietzsche:

"Quero ensinar aos homens o sentido da sua existência, que é o super-homem, o
relâmpago da densa nuvem que é o homem." (Assim falou Zaratustra.) [104]
Nietzsche compreendeu que não se pode considerar o super-homem como produto
do desenvolvimento histórico que pode ser realizado no distante futuro, que ele não pode
ser encarado como uma nova espécie zoológica. Não se pode considerar o relâmpago
como resultado da "evolução da nuvem".
Mas o sentimento da "ilegalidade" do super-homem, a sua "impossibilidade" do
ponto de vista comum, faz com que as pessoas lhe atribuam características que são de

fato impossíveis e, dessa forma, ele é pintado como uma espécie de carro de Juggernaut,
que vai esmagando as pessoas à sua passagem. (27)
A malícia, o ódio, o orgulho, a presunção, o egoísmo, a crueldade, são considerados
sobre-humanos, com a única condição de que alcancem os limites mais afastados
possíveis e não se detenham diante de nenhum obstáculo. A liberação completa de toda
restrição moral é considerada sobre-humana ou próxima do sobre-humano. "Super-homem" no sentido vulgar e falsificado da palavra significa: tudo ê permitido.
A suposta amoralidade do super-homem está associada ao nome de Nietzsche, que,
no entanto, não é culpado dessa idéia. Ao contrário, talvez ninguém jamais tenha posto,
na filosofia do super-homem, tanto anelo de verdadeira moralidade e verdadeiro amor
como Nietzsche. Ele só estava destruindo a velha e petrificada moralidade, que havia
muito tempo se convertera em antimoral. Rebelou-se contra a moralidade consagrada,
contra as formas invariáveis, que, em teoria, são obrigatórias sempre e para todos e, na
prática, são violadas sempre e por todos.

"Na verdade talvez eu vos tenha tirado uma centena de fórmulas e os brinquedos
favoritos de vossa virtude; e agora me repreendeis, como o fazem às crianças.
"Eles brincavam perto do mar; veio então uma onda e levou os seus brinquedos para
o fundo; e agora eles choram."

E mais adiante:

"Quando cheguei onde estavam os homens, encontrei-os descansando numa velha
cegueira: todos pensavam que sabiam há muito tempo o que era bom ou mau para os
homens.
"Eu perturbei essa sonolência, quando ensinei que ninguém sabe ainda o que é bom
e mau, a menos que seja o criador." (Assim falou Zuratustra.)

Em Nietzsche, o sentimento moral é o sentimento da criação, o sentimento de
serviço.
É, com frequência, um sentimento severo e impiedoso. Zaratustra diz:

27 Ou cano de Joganath, que, em sànscrito, significa senhor do mundo. Sob as rodas desse carro muitos devotos se jogavam, na certeza de que tal morte lhes traria a salvação. (N. T.)
ovo Modelo do Universo
"O, irmãos meus, estarei sendo cruel? Mas eu vos digo: aquilo que cai, devemos
também empurrar para cima!" (Assim falou Zaratustra.)

Obviamente essas palavras estão fadadas a ser mal compreendidas e mal
interpretadas. A crueldade do super-homem de Nietzsche é considerada como a sua
principal característica, como o princípio que sublinha o tratamento que dá ao homem. A
grande maioria dos críticos de Nietzsche não quer ver que essa crueldade do super-homem se volta contra algo interior, algo dentro dele mesmo, contra tudo que é [105]
"humano, humano demais", pequeno, vulgar, literal e inerte, que faz do homem o cadáver

que Zaratustra carregava nas costas.

A incompreensão em relação a Nietzsche é um dos curiosos exemplos de uma incompreensão quase intencional. A idéia do super-homem de Nietzsche é clara e simples. É suficiente ler o princípio de Zaratustra:

"Grande astro! Que seria da tua felicidade, se não tivesses aqueles a quem iluminas?

"Durante dez anos vieste à minha caverna e te terias fartado da tua luz e da tua viagem, se não fosse por mim, por minha águia e minha serpente.

"Mas nós te esperávamos todas as manhãs, tomávamos de ti o supérfluo e te bendizíamos por isso.

"Vê! Estou saturado da minha sabedoria, como a abelha que acumulou mel em demasia; necessito de mãos que se estendam oferecendo-a.

"De bom grado a presentearia e distribuiria...

"Por isso devo descer às profundezas, como fazes de noite...

"Bendiz, pois, o copo que está prestes a transbordar, para que fluam dele as douradas águas e levem a todas as partes o reflexo de tua glória."

E mais adiante:

"Zaratustra desceu sozinho da montanha e ninguém o encontrou. Quando, no entanto, entrou na floresta, subitamente apresentou-se diante dele um velho... E o velho homem falou assim a Zaratustra:

Esse viajante não me é estranho. Faz muitos anos passou por aqui. Se chamava
Zaratustra, mas está mudado.
Naquele tempo, carregavas as tuas cinzas para as montanhas; queres agora levar o
teu fogo para os vales? Não temes o castigo imposto aos incendiários?
Sim, reconheci Zaratustra. Puro é o seu olhar e a sua boca não oculta nenhum
asco..."
"Zaratustra respondeu:
'Amo os homens'."

E, depois disso, as idéias de Nietzsche foram tidas como uma das causas do
militarismo e do exacerbado patriotismo germânico!
Toda essa falta de compreensão de Nietzsche é curiosa e característica, porque só
ovo Modelo do Universo
pode ser comparada à falta de compreensão de parte do próprio Nietzsche das idéias do
Cristianismo e dos Evangelhos. Nietzsche compreendeu Cristo de acordo com Renan.
Para ele o Cristianismo era a religião dos fracos e miseráveis. Rebelou-se contra o
Cristianismo, opôs o super-homem ao Cristo, e não quis ver que lutava contra a mesma
coisa que criara a ele e às suas idéias. (28)

A característica fundamental do super-homem é o poder. A idéia de "poder" se
relaciona, com muita frequência, com a idéia de demonismo. E então aparece o homem
demoníaco. [106]
Muitos se entusiasmaram com a idéia do demonismo, mas, apesar disso, ela é

absolutamente falsa e, na sua essência, não é de categoria muito elevada. Na realidade,
o "belo demonismo" que conhecemos é uma das "pseudo-idéias" pelas quais vivem as
pessoas. Não conhecemos nem queremos conhecer o verdadeiro demonismo tal como
deve ser, segundo o correto significado da idéia. Todo o mal é muito pequeno e muito
vulgar. Não pode haver nenhum mal que seja forte e grande. O mal consiste sempre em
transformar algo que é grande em algo pequeno. Mas como podem os homens
conformar-se com essa idéia? Eles devem necessariamente ter um "grande mal".
O mal é uma das idéias que existem nas mentes dos homens numa fornia
falsificada, na forma das suas próprias "pseudo-imagens". Toda a nossa vida está
rodeada por essas pseudo-imagens. Temos um pseudo-Cristo, uma pseudo-religião, uma
pseudocivilização, pseudociências, *etc.*
Falando de modo geral, pode haver, no entanto, duas espécies de falsificações:
uma, a mais comum, na qual se dá um substituto em lugar da coisa real: "em vez de pão,
uma pedra, e, em vez de peixe, uma serpente"; a outra, um pouco menos complexa, na
qual uma "verdade fundamental" é transformada numa "mentira exaltada". (29) Isso
acontece, quando uma idéia ou um fenômeno, constante e comum na nossa vida, e
pequeno e insignificante em sua natureza, é pintado por cima e decorado com tal zelo,
que, finalmente, as pessoas começam a ver nele uma certa beleza perturbadora e alguns
aspectos que induzem à imitação.

Um "demônio triste, espírito exilado", de grande beleza, é criado por meio dessa
falsificação da clara e simples idéia do "diabo".
O "demônio" de Lemontoff ou o "Satã", de Milton, são pseudodiabos. A idéia do
diabo (o caluniador), o espírito do mal e das mentiras, é inteligível e necessária na
filosofia dualista do mundo. Mas, nesse caso, o diabo não tem nenhuma característica
atraente, ao passo que o "demônio" ou "Satã" possui muitas qualidades belas e positivas,
como o poder, a inteligência, o desprezo por tudo que é pequeno e vulgar. Nenhuma
dessas características o diabo tem.
O demônio ou Satã é um diabo embelezado, falsificado. O verdadeiro diabo é, ao
contrário, a falsificação de tudo que é brilhante e forte, é falsificação, plágio, aviltamento,
vulgarização, a "rua", a "sarjeta".
Em seu livro sobre Dostoievski, A. L. Volynski dedicou especial atenção ao modo
como este descreveu o diabo no romance Irmãos Karamazoff.
O Diabo que Ivan Karamazoff vê é um parasita de calças axadrezadas, que sofre de
reumatismo e que acaba de vacinar-se contra a varíola.

28 Nietzsche não compreeendeu ou não quis compreender que o seu super-homem era, em grande parte, produto do pensamento cristão. Além do mais, Nietzsche não era geralmente sincero, nem mesmo consigo próprio, no que se refere às fontes da sua inspiração. Jamais encontrei, tanto nas suas biografias como nas suas cartas, qualquer indicação do seu conhecimento da literatura "oculta" contemporânea. Contudo, é óbvio que a conhecia bem e que se utilizou dela.

E muito interessante traçar um paralelo entre algumas passagens do capítulo sobre a "Virtude dadivosa", do Zaratustra, de Nietzsche, e o capítulo IX do Dogma e ritual da alta magia, de Éliphas Levi.

29 O autor cita uma frase bem conhecida de Pushkin.

ovo Modelo do Universo

O diabo é a encarnação da vulgaridade e da trivialidade. Tudo que diz é baixo e vil;

ele é maledicência, insinuação sórdida, a ânsia de atuar nos aspectos mais repulsivos da

natureza humana. Toda a sordidez da vida falou com Ivan Karamazoff na pessoa do

diabo. No entanto, tendemos a esquecer a verdadeira natureza do diabo e nos inclinamos

a crer nos poetas, que o embelezam e fazem dele um demônio de opereta. As mesmas

feições demoníacas são imputadas ao super-homem. Basta, porém, olhar para elas mais

de perto para ver que não passam de mera falsificação e fraude. Falando de modo geral,

para compreender a idéia do super-homem é útil ter em mente tudo o que é contrário à

idéia. Desse ponto de vista, é interessante notar [107] que, ao lado do diabo de calças

axadrezadas que se vacinou, há outro tipo muito bem conhecido, que reúne em si tudo o

que no homem mais se opõe ao super-hornem. Tal é o procurador romano da Judéia no

tempo de Jesus: Pôncio Pilatos.

O papel de Pilatos na tragédia do Evangelho é característico e significativo ao

extremo e, se fosse um papel consciente, seria um dos mais difíceis. Mas é estranho que

de todos os papéis do drama evangélico talvez seja o de Pilatos o que menos necessite

ser consciente. Pilatos não podia "cometer um erro", não podia agir desse ou de outro
modo, e, portanto, esse papel foi desempenhado no seu estado natural como parte do
ambiente e das condições, do mesmo modo que as pessoas reunidas em Jerusalém para
a Páscoa e a multidão que gritava "crucifiquem-no". E o papel de Pilatos é idêntico ao
papel dos demais "Pilatos" na vida. Não basta dizer que Pilatos pôs Jesus à prova, que o
quis libertar, e, finalmente, o executou. Isso não determina a essência da sua natureza. O
ponto principal está no fato de que Pilatos foi quase o único que compreendeu Jesus.
Compreendeu-o, é claro, à sua própria maneira romana; no entanto, apesar de
compreender, entregou-o para ser açoitado e executado. Pilatos era, sem dúvida, um
homem inteligente, bem educado e culto. Viu com muita clareza que o homem que tinha
diante de si não era nenhum criminoso "que pregava a sedição do povo" ou "que exortava
o povo a não pagar impostos", etc., como lhe declarara o "verdadeiro povo judeu" (30)
daquela época; viu que esse homem não era um simulador nem um impostor que se
chamava a si mesmo Rei da Judéia, mas simplesmente um "filósofo", como ele próprio
poderia definir Jesus para si.
Esse "filósofo" despertou a sua simpatia, até mesmo a sua compaixão. Sentia
repulsa pelos judeus que pediam o sangue de um inocente. Tentou ajudar Jesus. Era, no
entanto, impossível para ele lutar com fervor por Jesus, atraindo sobre si o dissabor;

assim, após uma breve hesitação, Pilatos entregou Jesus aos judeus.

Pensou provavelmente que desse modo servia a Roma e, nesse caso particular,

estava salvaguardando a paz dos seus governantes, mantendo a ordem e a tranquilidade

entre os seus súditos, afastando a causa de uma possível turbulência, ainda que à custa

de um homem inocente para ele. Fazia isso em nome da política, em nome de Roma, e a

responsabilidade parecia cair sobre Roma. Sem dúvida, Pilatos não podia saber que os

dias da própria Roma estavam já contados e que ele mesmo estava criando uma das

forças que iriam destruí-la. Mas o pensamento de Pilatos jamais chega até isso. Além do

mais, ele tinha em relação às suas próprias ações uma filosofia muito conveniente: tudo é

relativo, tudo é uma questão de ponto de vista, nada tem valor absoluto. Tratava-se de

uma aplicação prática do "princípio da relatividade". De modo geral, Pilatos era um

homem muito moderno. Com uma filosofia assim é fácil encontrar um caminho em meio

às dificuldades da vida.

O próprio Jesus o ajudou, dizendo:

"Esta foi a causa da minha vinda ao mundo: eu devia ser o testemunho da verdade."

30 Alusão a uma organização patriótica — "o verdadeiro povo russo" — de fortes tendências anti-semitas. que existiu na Rússia de antes da guerra.

ovo Modelo do Universo

"Que é a verdade?" retrucou ironicamente Pilatos.

E isso o colocou imediatamente no seu modo costumeiro de pensar e agir, lembrou—

o de quem era e onde estava, mostrou-lhe como devia encarar as coisas. [108]

A característica essencial de Pilatos é que ele vê a verdade, mas não quer segui-la.

Para evitar ter de seguir a verdade que vê, ele tem de criar para si mesmo uma atitude

cética especial e zombeteira em relação à própria idéia da verdade e aos seus adeptos.

No seu próprio íntimo, não pode considerá-los criminosos; superou isso, mas deve cultivar

para sua conveniência uma atitude levemente irônica em relação a eles, que lhe permita

sacrificá-los quando seja necessário.

Pilatos foi tão longe que tentou até mesmo libertar Jesus, mas, naturalmente, não se

teria permitido fazer algo que o pudesse comprometer. Isso o tomaria ridículo aos seus

próprios olhos. Quando as suas tentativas fracassaram, como provavelmente teria podido

prever, foi ao encontro do povo e lavou as mãos, mostrando com isso que renunciava a

toda responsabilidade.

Todo o Pilatos está nisso. A lavagem simbólica das mãos está indissoluvelmente

ligada à imagem de Pilatos. Todo ele está nesse gesto.

Para um homem de desenvolvimento interior real não pode haver lavagem de mãos.

Esse gesto de engano interior não pode jamais pertencer a um homem dessa espécie.

"Pilatos" é um tipo que expressa o que na humanidade culta impede o

desenvolvimento interior do homem e forma o principal obstáculo no caminho que conduz

ao super-homem. A vida está cheia de grandes e pequenos Pilatos. "A crucificação de
Cristo" nunca pode se realizar sem a sua ajuda.
Os Pilatos vêem e compreendem a verdade perfeitamente. Mas qualquer "dolorosa
necessidade", ou os interesses políticos como eles os entendem, ou os interesses da sua
própria posição, podem forçá-los a trair a verdade e depois a lavaras mãos.
Em relação à evolução do espírito, Pilatos representa uma parada. O crescimento
verdadeiro consiste no desenvolvimento harmonioso da mente, do sentimento e da
vontade. Um desenvolvimento unilateral, isto é, nesse exemplo, o desenvolvimento da
mente e da vontade, sem o desenvolvimento do sentimento, não pode ir muito longe. Para
trair a verdade, Pilatos teve que tornar relativa a própria verdade. E essa relatividade da
verdade, adotada por Pilatos, ajuda-o a sair das situações difíceis, nas quais a sua própria
compreensão da verdade o coloca. Ao mesmo tempo, essa mesma relatividade da
verdade detém o seu desenvolvimento interior, o crescimento das suas idéias. Não se
pode ir muito longe com a verdade relativa. "Pilaíos" está condenado a ficar num círculo
fechado.
Outro tipo notável do drama do Evangelho, oposto também a tudo o que, na
humanidade comum, conduz ao super-homem, é Judas.
Judas é um personagem muito estranho na tragédia do Evangelho. Não há ninguém
a cujo respeito se tenha escrito tanto, como Judas. Na literatura europeia moderna há

tentativas de representar e interpretar Judas de todos os pontos de vista possíveis. Ao
contrário da interpretação habitual da "Igreja", de Judas como um "judeu" mesquinho e cobiçoso que vendeu Cristo por trinta moedas de prata, ele é. às vezes, apresentado
como um personagem ainda superior a Cristo, como um homem que se sacrificou a si
mesmo, à sua salvação e à sua "vida eterna" para que o milagre da redenção pudesse
realizar-se, ou como um homem que se rebelou contra Cristo, porque este, na sua
opinião, prejudicara a "causa", cercando-se de pessoas destituídas de valor, pondo-se
numa posição ridícula, *etc.*
ovo Modelo do Universo
De fato, porém, Judas não é sequer um "papel", e, para dizer a verdade, não é um
herói romântico, nem um conspirador desejoso de fortalecer a união dos apóstolos [109]
com o sangue de Cristo, nem um homem que lutava pela pureza de uma idéia. Judas é
simplesmente um homem insignificante que se achou no lugar indevido, um homem
comum, cheio de desconfiança, de temores e suspeitas, que não devia ter estado entre os
apóstolos, que não compreendia nada do que Jesus disse a seus discípulos, mas um
homem que. por uma ou outra razão, foi aceito como um deles e a quem se deu inclusive
uma posição de responsabilidade e certa autoridade. Era considerado um dos discípulos
favoritos de Jesus, encarregava-se das questões domésticas dos apóstolos, era o
tesoureiro deles. A tragédia de Judas era que ele temia ser descoberto; ele próprio se

sentia deslocado e receava que Jesus pudesse algum dia revelar isso aos outros. E, por
fim. não pôde mais suportar essa situação. Ele não compreendeu algumas palavras de
Jesus; talvez tenha sentido uma ameaça nessas palavras, talvez uma insinuação de algo
que só ele e Jesus sabiam. Perturbado e temeroso, Judas desapareceu da ceia de Jesus
e seus discípulos e decidiu denunciar Jesus. As famosas trinta moedas de prata não
desempenharam, de modo algum, qualquer papel nisso. Judas agiu sob a influência da
ofensa e do temor; quis romper e destruir o que não pôde compreender, o que o havia
revoltado e humilhado pelo simples fato de estar acima da sua compreensão. Precisava
acusar Jesus e seus discípulos de crimes, para sentir-se dentro da lei. A psicologia de
caluniar aquilo que não se compreende.

A colocação de Pilatos e de Judas ao lado de Jesus é uma extraordinária
característica do drama evangélico; seria impossível encontrar ou imaginar um contraste
mais notável. Se os Evangelhos tivessem que ser considerados simplesmente como uma
obra literária, uma obia de arte, o fato de colocar juntos Cristo, Pilatos e Judas assinalaria
a mão de um grande autor. Em breves episódios, numas poucas palavras, são mostradas
ali contradições que não só não desapareceram na raça humana em dois milênios, mas
que cresceram e se desenvolveram com grande exuberância.

Em lugar de se aproximar da unidade interna, o homem afasta-se cada vez mais

dela, mas a questão de alcançar essa unidade é o problema mais essencial do
desenvolvimento interior do homem. Enquanto não chegar a essa unidade interior, o
homem jamais poderá ter um "Eu", uma vontade. O conceito de "vontade" em relação a
um homem que não alcançou a unidade interior é completamente artificial.
A maioria das nossas ações tem motivos involuntários. A vida, na sua totalidade, se
constitui de pequenas coisas, a que continuamente obedecemos e servimos. O nosso
"eu" muda continuamente como se fosse um calidoscópio. Todo acontecimento externo
que nos impressiona, toda emoção que surge repentinamente, torna-se soberano por uma
hora. começa a construir e a governar e é, por sua vez, inesperadamente deposto e
substituído por outra coisa. E a consciência interna, sem tentar dispersar as formas
ilusórias criadas pelo movimento do calidoscópio, e sem compreender que, na realidade,
o poder que decide e age não é ela própria, endossa tudo e diz a respeito desses
momentos da vida, nos quais operam diferentes forças exteriores: "Isso sou eu, isso sou
eu."
Desse ponto de vista, a "Vontade" só pode se definir como a "resultante dos
desejos". Por conseguinte, uma vez que os desejos não se tornem permanentes, o
homem é o joguete dos estados de ânimo e das impressões externas. Ele nunca sabe o
que deve dizer ou fazer a cada instante. Não apenas o dia seguinte, mas até mesmo o

momento seguinte, estão ocultos para ele por trás do muro do acidente.

O que parece ser a sucessão das ações do homem encontra a sua explicação na

pobreza de motivos e desejos ou na disciplina artificial enxertada pela "educação" [110] ou,

sobretudo, na imitação de uns homens por outros. Quanto aos homens, o que se chama

"vontade forte" não é geralmente mais do que a presença de um desejo dominante, no

qual todos os outros desejos desaparecem.

ovo Modelo do Universo

Se não compreendemos a falta de unidade no mundo interior do homem, não

compreendemos a necessidade dessa unidade no super-homem, da mesma forma como

não compreendemos muitas das suas demais características. Assim, o super-homem nos

parecerá um ser completamente seco, racional e privado de emoções, ao passo que, de

fato, a emocionalidade do super-homem, isto é, a sua capacidade de sentir deve exceder

consideraveimente a emotividade do homem comum.

A psicologia do super-homem nos escapa, porque não compreendemos o fato de

que o estado psíquico normal do super-homem constitui o que chamamos êxtase em

todos os sentidos possíveis dessa palavra.

O êxtase é tão superior a todas as outras experiências possíveis ao homem, que

não temos palavras nem meios para descrevê-lo. Os homens que tiveram a experiência

do êxtase tentaram muitas vezes comunicar aos outros o que experimentaram, e essas

descrições, oriundas frequentemente de diferentes séculos, de pessoas que nunca

ouviram falar umas das outras, são extraordinariamente semelhantes e, acima de tudo,
contêm aspectos semelhantes de conhecimento do Desconhecido. Além disso, as
descrições de êxtase verdadeiro contêm certa verdade interior que não pode ser
confundida e cuja ausência se sente imediatamente nos casos de êxtase simulado, como
ocorre nas descrições nas experiências dos "santos" das religiões formais.
Falando, no entanto, de modo geral, uma descrição em linguagem comum das
experiências de êxtase apresenta dificuldades quase insuperáveis. Só a arte, isto é, a
poesia, a música, a pintura, a arquitetura. podem conseguir transmitir, ainda que de forma
muito débil, o conteúdo real do êxtase. Toda arte verdadeira nada mais é do que uma
tentativa para transmitir a sensação de êxtase. E só o homem que encontre em si a
reminiscência do êxtase poderá compreender e sentir a arte.
Se definirmos o "êxtase" como o mais alto grau de experiência emocional — que é
provavelmente uma definição perfeitamente correta —, tornar-se-á claro para nós que o
desenvolvimento do homem no sentido do super-homem não pode consistir no
desenvolvimento exclusivo do intelecto. A vida emocional deve também se desenvolver
de certa forma não facilmente compreensível. E a mudança principal do homem deve
resultar precisamente da evolução da vida emocional.
Se imaginarmos agora o homem aproximando-se do novo tipo, será necessário

compreender que ele deverá viver uma vida que lhe será peculiar e que se parecerá muito
pouco com a vida dos homens em geral; será para nós difícil conceber essa vida. Haverá
nela muitos sofrimentos; haverá sofrimentos que até agora nos atingiram apenas muito
pouco e também alegrias de que o homem comum não tem a menor idéia e cujo débil
reflexo só muito raramente chega até nós.
Mas para o homem que não sofre mudança alguma com o contato com a idéia do
super-homem há, nessa idéia, uma determinada feição que lhe dá um aspecto muito
tenebroso. É o caráter remoto da idéia, o fato de que o super-homem está muito longe,
isolado de nós, da vida corrente. Ocupamos um lugar na vida, ele ocupa um lugar
diferente, e não tem nenhuma relação conosco, a não ser que, de alguma forma, o
criemos. Quando os homens começam a dar-se conta da sua relação com o super-homem desse ponto de vista, uma dúvida indefinida começa a insinuar-se e
gradativamente [111] se transforma num sentimento mais definido e muito desagradável,
que assume a forma de uma concepção nitidamente negativa da idéia completa.
O homem pode raciocinar e muitas vezes raciocinou desta maneira: admitamos que
o super-homem apareça e seja exatamente como o descrevemos, um ser novo e
iluminado e que seja, num certo sentido, o resultado de toda a nossa vida. Mas o que
significa isso para nós, se será ele quem existirá e não nós? Que somos nós em relação a
ele? O solo em que crescerá uma deslumbrante flor? A argila com a qual se modelará

uma bela estátua? Prometem-nos uma luz que nunca veremos. Por que devemos servir a

ovo Modelo do Universo

uma luz que brilhará para outros? Somos mendigos, estamos na escuridão e no frio. e

nos confortam mostrando-nos as luzes da mansão de um homem rico. Estamos famintos

e nos falam da magnífica festa na qual não há lugar para nós. Passamos a vida inteira

recolhendo miseráveis migalhas de conhecimento, e então nos dizem que todo o nosso

conhecimento é ilusão, que, na alma do super-homem, jorrará uma luz, na qual ele verá

num lampejo tudo aquilo que com tanta ânsia buscamos, aspiramos e nunca pudemos

encontrar.

E todos os receios que assaltam os homens, quando encontram a idéia do super-homem, têm bases muito sólidas. Eles não podem ser postos de lado. Não podem ser

resolvidos, dizendo-se aos homens que eles devem encontrar a felicidade tornando-se

conscientes de sua ligação com a idéia do super-homem. "O homem deve!" Tudo isso

não passa de palavras. E que acontecerá se ele não sentir felicidade? O homem tem o

direito de saber, tem o direito de fazer perguntas: por que deve estar a serviço da idéia do

super-homem; por que deve se submeter a essa idéia; por que deve fazer algo?

Para descobrir o verdadeiro sentido da idéia do super-homem, é necessário

compreender que a idéia é muito mais difícil do que geralmente se pensa. Isso é assim,

porque a idéia requer para a sua correta expressão e compreensão novas palavras,

novos conceitos e um conhecimento que pode muito facilmente não estar na posse do
homem. Tudo que se disse aqui, tudo que retrata o super-homem, mesmo que introduza
algo novo na compreensão da idéia, está longe de ser suficiente. Idéias como a do super-homem não podem ser consideradas no nível das idéias comuns referentes às coisas e
fenômenos do mundo tridimensional. A idéia do super-homem remonta ao infinito e, como
todas as idéias dessa ordem, exige uma abordagem muito especial, isto é, uma
abordagem que venha da direção do infinito.
Nos Mistérios antigos existia uma ordem de iniciação consecutiva e gradativa. Para
passar ao grau seguinte, para ascender ao degrau imediato, o homem a ser iniciado tinha
que atravessar um curso definido de preparação. Era então submetido às provas
requeridas e só depois de ter passado por todos os testes e provado que a sua
preparação havia sido séria e seguira o curso adequado é que as portas seguintes eram
abertas diante dele e ele penetrava mais profundamente no interior do templo da
iniciação.
Uma das primeiras coisas que o homem a ser iniciado aprendia e tinha de apreciar
era a impossibilidade de seguir um caminho da sua própria escolha e o perigo que o
esperava, se não cumprisse todos os rituais e cerimônias exigidos antes da iniciação, se
deixasse de aprender tudo que era necessário saber, se não se lembrasse de tudo que
tinha que ser lembrado. Era advertido das terríveis consequências resultantes da violação

da ordem da iniciação, dos terríveis castigos que esperavam o homem a ser iniciado se
ousasse entrar no santuário sem ter observado todas essas regras. O que se [112] exigia
dele, em primeiro lugar, era que compreendesse a necessidade de avançar passo a
passo. Tinha que compreender que era impossível para ele ultrapassai a si mesmo e que
qualquer tentativa nesse sentido terminaria com certeza de maneira trágica. Uma rigorosa
sucessão de desenvolvimento interior era uma regra fundamental nos Mistérios. Se
tentarmos analisar psicologicamente a idéia da iniciação, compreenderemos que a
iniciação era uma introdução num círculo de novas idéias. Cada grau mais avançado de
iniciação representava a descoberta de uma nova idéia, de um novo ponto de vista, de um
novo ângulo de visão. E, nos Mistérios, as novas idéias não eram reveladas a um homem,
enquanto este não demonstrasse estar suficientemente preparado para recebê-las.
Pode-se ver, nessa ordem de iniciação em novas idéias, uma profunda
compreensão das propriedades do mundo das idéias. Os antigos compreendiam que o
recebimento de cada nova idéia exigia preparação especial; compreendiam que uma idéia
apreendida de passagem pode facilmente ser vista a uma luz errônea ou recebida de
maneira equivocada, e que uma idéia assim recebida pode gerar resultados muito
ovo Modelo do Universo
indesejáveis e até desastrosos.
Os Mistérios e as iniciações graduais tinham o propósito de proteger os homens do

conhecimento parcial, que é muitas vezes muito pior do que a falta total de conhecimento,
especialmente nas questões relativas ao Eterno, que são as de que os Mistérios devem
tratar.
O mesmo sistema de preparação gradativa dos homens para a recepção de novas
idéias é utilizado em todos os rituais da magia.
A literatura sobre magia e ocultismo foi, durante muito tempo, ignorada pelo
pensamento científico e filosófico ocidental ou rejeitada como um absurdo e uma
superstição. E só muito recentemente é que os homens começaram a compreender que
todos esses ensinamentos devem ser considerados de um modo simbólico, como quadro
complexo e sutil de relações psicológicas e cósmicas.
Todos os ritos da magia cerimonial exigem uma observância estrita e invariável de
várias pequenas regras, que, com frequência, parecem triviais, incompreensíveis e sem
relação com algo importante. E, por outro lado, relatam-se os honores que esperam o
homem que quebra a ordem das cerimonias ou as altera por sua própria conta ou omite
algo por negligência. Há muitas lendas de magos que invocaram um espírito, mas não
puderam controlá-lo. Tal coisa sucedia porque o mago ou esquecia as palavras da
invocação, ou, de algum modo, quebrava o ritual mágico, ou invocava um espírito mais
forte do que ele, mais poderoso do que todas as suas invocações ou sinais mágicos.
Todos esses exemplos de homens que quebram o ritual de iniciação nos Mistérios

ou dos magos que invocam espíritos mais poderosos do que eles, representam
igualmente, de forma alegórica, a posição de um homem em relação a idéias novas que
são poderosas demais para ele e que ele não pode manejar, porque não tem a
necessária preparação. A mesma idéia foi expressa em lendas e histórias do fogo
sagrado, que devorava aos não iniciados que imprudentemente se aproximavam dele, e
nos mitos de deuses e deusas cuja visão não era permitida aos mortais, que pereciam se
olhassem para eles. A luz de certas idéias é forte demais para os olhos dos homens,
especialmente quando estes as vêem pela primeira vez. Moisés não pôde olhar para a
sarça ardente; no Monte Sinai, não pôde ver a face de Deus. Todas essas alegorias [113]
expressam um único e mesmo pensamento, o do terrível poder e perigo das novas idéias
que surgem inesperadamente.
A Esfinge com o seu enigma expressa a mesma idéia. Ela devorava quem se
aproximava dela e não podia resolver o enigma. A alegoria da Esfinge significa que há
questões de certa categoria que os homens não devem abordar, a não ser que saibam
como resolvê-las.
Uma vez que entrou em contato com certas idéias, o homem não pode viver como
vivia antes; deve ir em frente ou perecer sob o peso de algo que é pesado demais para
ele.

A idéia do super-homem está intimamente ligada ao problema do tempo e da

eternidade, ao Enigma da Esfinge. Nisso reside a sua atração e o seu perigo; essa é a
razão pela qual esse problema afeta tão poderosamente a alma dos homens.
Como dissemos antes, a Psicologia moderna não se dá conta do imenso perigo de
certos temas, idéias e questões. Mesmo na filosofia primitiva, em que os homens dividiam
as idéias em divinas e humanas, compreendia-se melhor a existência de diferentes
categorias de idéias. O pensamento moderno não aceita isso de modo algum. A
Psicologia e a teoria do conhecimento atuais não ensinam os homens a discriminar as
diferentes categorias de idéias, nem fazer ver que algumas idéias são muito perigosas e
não podem ser abordadas sem uma longa e complicada preparação. Isso ocorre, porque
ovo Modelo do Universo
a Psicologia moderna geralmente não leva em conta a realidade das idéias e não
compreende essa realidade. Para a mente moderna, as idéias são abstrações dos fatos;
aos nossos olhos, as idéias não têm existência própria. É por essa razão que ficamos
excessivamente queimados, quando nos aproximamos de certas idéias. Para nós os
"fatos", que não existem, são reais, e as idéias, que são a única coisa que existe, são
irreais.
A psicologia antiga e a medieval compreenderam melhor a posição da mente
humana em relação às idéias. Compreendiam que a mente não podia tratar das idéias de
uma forma correta enquanto a realidade delas não fosse clara para ela. E, mais ainda, a

antiga psicologia entendia que a mente não podia receber idéias de diferentes categorias
simultaneamente ou fora da devida ordem, isto é. não podia passar, sem preparação, das
idéias de uma categoria para as de outra. Compreendia o perigo dessa maneira irregular
e desordenada de tratar das idéias. Diante disso, faz-se a pergunta: Em que deve
consistir a preparação? De que falam as alegorias dos Mistérios e dos ritos mágicos?
Antes de tudo, falam da necessidade de um conhecimento adequado para cada
ordem de idéias, porque há coisas que não podem ser abordadas sem um conhecimento
preliminar.
Noutros domínios, compreendemos isso perfeitamente. É impossível, sem um
conhecimento adequado, manejar uma máquina complicada; é impossível, sem
conhecimento e prática, dirigir uma locomotiva; é impossível, sem conhecer todos os
detalhes, tocar nas várias partes de uma máquina elétrica de alta potência.
Mostra-se a um homem uma máquina elétrica; as suas partes são explicadas e diz-se a ele: "Se você tocar nessa ou naquela parte, morre." E todo mundo compreende isso
e se dá conta de que, para conhecer a máquina, é necessário aprender muito e durante
muito tempo. E todo mundo percebe também que máquinas de tipos diferentes exigem
um conhecimento diferente e que o fato de ter aprendido a trabalhar [114] com uma
máquina de um tipo não torna ninguém capaz de manejar todas as espécies de
máquinas.
Uma idéia é uma máquina de imenso poder.

Mas é isso justamente que o pensamento moderno não compreende.

Cada idéia é uma máquina complicada e delicada. Para saber como manejá-la, é necessário primeiramente ter uma grande quantidade de conhecimentos puramente teóricos e, ao lado disso, muitíssima experiência e treinamento prático. O tratamento inábil de uma idéia pode produzir uma explosão da idéia; o fogo começa, a idéia arde e consome tudo ao seu redor.

Do ponto de vista da moderna compreensão, todo o perigo se restringe ao raciocínio equivocado e termina aí. Na verdade, entretanto, todo o problema está longe de terminar nesse ponto. Um erro de raciocínio leva a toda uma série de outros erros. E algumas idéias são tão poderosas, contém tal quantidade de energia oculta, que tanto uma dedução correta como uma dedução errônea que delas resultem produzirá inevitavelmente enormes resultados. Há idéias que chegam aos recessos mais recônditos da alma do homem e que, uma vez que os tenham atingido, deixam uma marca imperecível. Além disso, se a idéia é recebida de forma equivocada, deixa uma marca equivocada, desencaminhando o homem e envenenando a sua vida.

Uma idéia do super-homem incorretamente recebida atua justamente dessa forma.

Afasta o homem da vida, semeia profunda discórdia em sua alma e, não lhe dando nada, priva-o daquilo que tinha.

Não é culpa da própria idéia, mas da maneira incorreta de abordá-la.

Em que deve, portanto, consistir uma abordagem correta dessa idéia?

ovo Modelo do Universo

Como a idéia do super-homem tem pontos de contaio com o problema do tempo e

com a idéia do infinito, não é possível entrar em contato com ela, sem ter esclarecido os

meios de aproximar-se do problema do tempo e da idéia do infinito. O problema do tempo

e a idéia do infinito contém as leis da ação da máquina.

Sem o conhecimento dessas leis, um homem não sabe que efeito se produzirá, se

ele tocar a máquina, se ele mover uma ou outra alavanca.

O problema do tempo é o maior enigma que a humanidade sempre teve que

enfrentar. A revelação religiosa, o pensamento filosófico, a investigação científica e o

conhecimento oculto, todos convergem para um ponto, isto é, para o problema do tempo

e todos chegam à mesma idéia dele.

O tempo não existe! Não existem o aparecimento e o desaparecimento perpétuos e

eternos dos fenômenos, não existe a fonte de onde manam sem cessar os eventos que

surgem e desaparecem. Tudo existe sempre! Só há um eterno presente, o Eterno Agora,

que a débil e limitada mente humana não pode entender nem conceber.

Mas a idéia do Eterno Agora não é, em absoluto, a idéia de uma fria e impiedosa

predeterminação de tudo, de uma exata e infalível preexistência. Seria completamente

falso dizer que, se tudo já existe, se o futuro remoto existe agora, se as nossas ações,

pensamentos e sentimentos existiram por dezenas, centenas e milhares de anos e

continuarão a existir para sempre, isso significa que não há vida, nem movimento, nem
crescimento, nem evolução.
Os homens dizem e pensam isso porque não compreendem o infinito e querem
medir as imensuráveis profundidades da eternidade com as suas débeis e limitadas
mentes finitas. É óbvio que estão fadados a chegar à mais irremediável de todas as
soluções possíveis do problema. Tudo é, nada pode mudar, tudo existe de antemão e [115]
eternamente. Tudo está morto e inalterável em formas congeladas entre as quais pulsa a
nossa consciência, que criou para si mesma a ilusão de que tudo à sua volta se move,
que criou um movimento que realmente não existe.
Mas mesmo essa compreensão débil e relativa da idéia do infinito que é possível
para o limitado intelecto humano, contanto que se desenvolva dentro de linhas
adequadas, basta para destruir "esse sombrio fantasma da imobilidade irremediável".
O mundo é um mundo de possibilidades infinitas.
A nossa mente segue o desenvolvimento das possibilidades sempre numa única
direção. Contudo, cada momento contém, de fato, um número muito grande de
possibilidades. E todas elas se realizam, só que não o vemos e não sabemos. Vemos
sempre apenas uma das realizações, e nisso reside a pobreza e limitação da mente
humana. Mas, se tentarmos imaginar a realização de todas as possibilidades do momento
presente, depois do momento seguinte, e assim por diante, sentiremos que o mundo

cresce infinitamente, se multiplica sem cessar e se toma imensamente rico e
completamente diferente do mundo plano e limitado que até agora nós tínhamos
representado. Tendo imaginado essa variedade infinita, sentiremos um "gosto" de infinito,
por um instante, e compreenderemos quão inadequado e impossível é abordar o
problema do tempo com medidas terrenas. Compreenderemos toda a infinita riqueza de
tempo em todas as direções que é necessária para a realização de todas as
possibilidades que aparecem a cada momento. E compreenderemos que a mesma idéia
de que apareçam e desapareçam possibilidades é originada pela mente humana, porque,
de outro modo, rebentaria e pereceria ao simples contato com a realização infinita.
Simultaneamente com isso, sentiremos a irrealidade de todas as nossas deduções
pessimistas em comparação com a imensidade dos horizontes descobertos. Sentiremos
que o mundo é tão ilimitadamente grande, que nos pareceria ridículo o pensamento da
existência de qualquer limite dentro dele, a idéia de haver algo que não estivesse contido
nele.
ovo Modelo do Universo
Onde, então, devemos buscar uma verdadeira compreensão do "tempo" e do
"infinito"? Onde devemos buscar essa extensão infinita em todas as direções a cada
momento? Que caminhos nos conduzem a ela? Que caminhos nos levam ao futuro que
existe agora? Onde podemos encontrar os métodos adequados para tratar do problema?

Onde encontrar os métodos apropriados para tratar a idéia do super-homem? Essas são
as perguntas a que o pensamento moderno não dá nenhuma resposta.
Mas o pensamento humano nem sempre tem sido impotente diante desses
problemas. Existiram e existem outras tentativas para resolver o enigma da vida.
A idéia do super-homem pertence ao "círculo interior". As religiões e mitos antigos
sempre representaram, na imagem do super-homem, o "eu" superior do homem, a
consciência do homem. Esse "eu" superior, ou consciência superior, sempre foi
representada como um ser separado do homem comum, mas, num certo sentido, vivendo
dentro do homem.
Dependia do próprio homem aproximar-se desse ser, converter-se nele ou afastar-se
dele e até se desligar completamente dele.
Muitas vezes a imagem do super-homem como um ser pertencente ao futuro
distante ou à Idade de Ouro ou ao presente mítico, simbolizava esse ser interior, o "eu"
superior, o super-homem no passado, presente e futuro.
O que era símbolo e o que era realidade dependia do modo de pensar do
questionamento de cada homem. Os que se inclinavam a considerar o exterior como [116]
objetivamente existente consideravam o interior como um símbolo do exterior. Os que
compreendiam de modo diferente, e sabiam que o exterior não significava o objetivo,
consideravam os fatos externos como símbolos das possibilidades do mundo interior.

No entanto, na verdade, a idéia do super-homem nunca existiu separada da idéia da consciência superior.

O mundo antigo jamais foi superficialmente materialista. Sempre soube penetrar nas profundezas de uma idéia e encontrar nela não apenas um sentido, mas vários. O mundo atual, tendo tornado a idéia do super-homem concreta num único sentido, tirou-lhe o seu poder interno e a sua novidade. O super-homem como uma nova espécie zoológica é, acima de tudo, tedioso. O super-homem só é possível e aceitável como uma "consciência superior".

O que é a consciência superior?

Aqui, contudo, é necessário notar que qualquer divisão entre "superior" e "inferior", como, por exemplo, a divisão em matemáticas superiores e matemáticas inferiores, é sempre artificial. Na verdade, é evidente que o inferior nada mais é do que uma concepção limitada do todo, e o superior é uma concepção mais ampla e menos limitada.

Em relação à consciência, essa questão de "superior" e "inferior" fica assim: a consciência inferior é uma autoconsciência limitada do todo, enquanto a consciência superior é uma autoconsciência mais ampla.

"Percorreste o caminho que vai do verme ao homem e ainda há muito em ti do verme. Uma vez foste macaco, e até agora o homem é mais macaco do que qualquer dos macacos." (Assim falou Zaratustra.)

É óbvio que essas palavras de Zaratustra nada têm que ver com a "Teoria de

Darwin". Nietzsche falou da discórdia na alma do homem, da luta entre o passado e o
futuro. Compreendeu a tragédia do homem, que reside no fato de que, na sua alma.
vivem simultaneamente um verme, um macaco e um homem.
ovo Modelo do Universo
E qual é então a relação entre essa forma de compreender a idéia do super-homem
e o problema do tempo e a idéia do infinito? E onde buscar o "tempo" e o "infinito"?
Novamente na alma do homem está a resposta dos ensinamentos antigos. Tudo
está dentro do homem e não há nada fora dele.
Como se deve entender isso?
O tempo não é uma condição da existência do Universo, mas apenas uma condição
da percepção do mundo pelo nosso mecanismo psíquico, que impõe ao mundo condições
de tempo, visto que, do contrário, nosso mecanismo psíquico seria incapaz de concebê-
lo.
O pensamento ocidental, pelo menos a parte dele que evolui, aquela que não
constrói barreiras dogmáticas para si mesma, também encontra "mais possibilidades de
estudar os problemas do tempo, ao passar a questões de psicologia" (Minkovsky).
A "passagem a questões de psicologia" nos problemas do espaço e do tempo, da
necessidade de que fala Minkovsky, significaria para a ciência natural a aceitação da
proposição de Kant de que o tempo e o espaço nada mais são do que formas da nossa
percepção sensorial e se originam em nosso mecanismo psíquico. [117]

Somos, no entanto, incapazes de conceber o infinito sem relação com o espaço e o
tempo. Portanto, se o espaço e o tempo são formas da nossa percepção e estão em
nossa alma, segue-se que as raízes do infinito devem ser buscadas também dentro de
nós, dentro da nossa alma. E talvez possamos defini-lo como uma infinita possibilidade de
expansão da nossa consciência.
As profundidades recônditas dentro da consciência do homem eram bem
compreendidas pelos filósofos-místicos cujo pensamento estava intimamente ligado aos
sistemas paralelos da filosofia hermética, da Alquimia, da Cabala e outros.
"O homem encerra dentro de si o céu e o inferno", diziam eles; e a sua
representação do homem muitas vezes o mostrava com faces diferentes de Deus e os
mundos da "luz e das trevas" nele. Afirmavam que, penetrando no íntimo de si mesmo, o
homem pode encontrar todas as coisas, obter tudo. E o que obtenha dependerá do que
busca e de como busca. E não compreendiam isso como uma alegoria. A alma do homem
era realmente para eles como uma ou várias janelas voltadas para o infinito. E o homem
na vida corrente lhes parecia viver, por assim dizer, na superfície de si mesmo, ignorante
e até inconsciente do que existe nas suas próprias profundezas.
Se pensa no infinito, concebe-o como algo fora dele. Na realidade, o infinito está
dentro dele. E, penetrando conscientemente no interior da sua alma, o homem pode

encontrar o infinito dentro de si, pode entrar em contato com ele e penetrá-lo.

Gichtel, um místico do século XVII, ilustra com um desenho do "homem perfeito" seu

notável livro de Teosofia prática.

O homem perfeito é o Adão Kadmon cabalístico, isto é, a humanidade ou gênero

humano de que o homem individual é uma cópia.

O desenho representa a figura de um homem em cuja cabeça (na testa) é mostrado

o Espírito Santo; no coração, Jesus; no "plexo solar", Jeová. A parte superior do tórax,

com os órgãos da respiração (e possivelmente os da fala) contêm a "Sabedoria" ou o

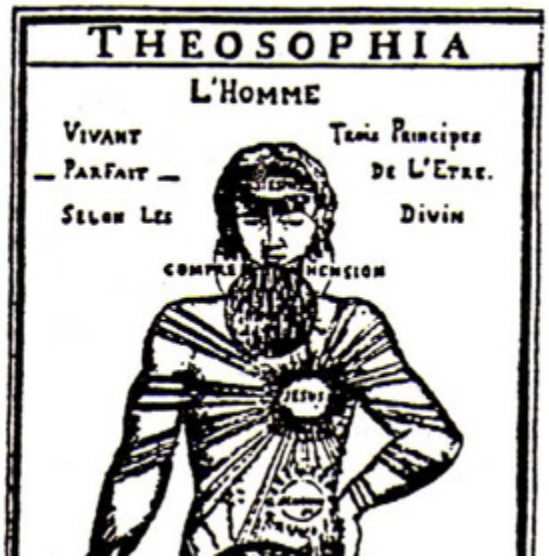
"Espelho de Deus", e a parte inferior do corpo, com os seus órgãos, contém o "Mundo das

Trevas" ou a "raiz das Almas no Centro do Universo".

Assim, o desenho representa cinco caminhos do homem para o infinito. O homem

pode escolher qualquer um deles e o que encontrará depende da sua direção, isto é, do

caminho que seguir.



ovo Modelo do Universo

"O homem tornou-se tão terreno e exterior, diz Gichtel, que busca á distância, para

além do céu estrelado, na eternidade superior, o que está bem perto dele, dentro do

centro interior da sua alma.

Quando a alma começa a empenhar-se para desviar a sua vontade da constelação

exterior e abandonar todas as coisas visíveis para voltar a Deus, ao seu Centro, isso

exige um desesperado trabalho.

Quanto mais penetra em si mesma, tanto mais próxima de Deus está a alma, até se

deter, por fim, diante da Santíssima Trindade. Então terá obtido um profundo

conhecimento." (31)

Essa compreensão interior da idéia de infinito é muito mais verdadeira e profunda do

que a sua compreensão exterior, e proporciona um meio mais correto de abordar a idéia

do super-homem, uma compreensão mais clara dele. Se o infinito reside na alma do

homem e se este pode entrar em contato com ele ao penetrar em si [118] mesmo, isso

significa que o "futuro" e o "super-homem" estão na sua alma e que ele pode encontrá-los
dentro de si mesmo, se os buscar de forma adequada.
A característica peculiar e distintiva das idéias do mundo "real", isto é, do mundo tal
como é, consiste em que, vistas à luz do materialismo, elas parecem absurdas. Essa é
uma condição necessária. Mas essa condição e a sua necessidade jamais foram
convenientemente compreendidas, e essa é a razão pela qual as idéias do "mundo de
várias dimensões" produzem, com frequência, um efeito de pesadelo nas pessoas.

Fig. 3 - O Homem Perfeito de Gichtel

31 Theosophia Practica, de J. G. Gichtel (1696), traduzida para o francês, 1897 (Biblioteca Rosacruz). Introdução, pág. 14.

O super-homem é uma das possibilidades que se encontram nas profundezas da
alma do homem. Está nas mãos do próprio homem aproximar-se ou afastar-se dessa
idéia. A proximidade ou o afastamento do super-homem em relação ao homem não está
no tempo, mas na sua atitude com respeito a essa idéia e não apenas numa atitude
mental, mas em sua relação ativa e prática com ela. O homem está separado do super-homem, não pelo tempo, mas pelo fato de não estar preparado para recebê-lo. O tempo
todo está no interior do próprio homem. Ele é o obstáculo interior à sensação direta de
uma ou outra coisa, e nada mais é do que isso. A construção do futuro, o serviço do

futuro, não passam de símbolos, símbolos da atitude do homem em relação a si mesmo,
ao seu próprio presente. É claro que, se aceitarmos esse ponto de vista e reconhecermos
que todo o futuro está dentro do próprio homem, será ingênuo perguntar: Que tenho eu
que ver com o super-homem? É evidente que o homem tem que ver com o super-homem,
pois este é o próprio homem. [119]
No entanto, a idéia do super-homem como o "eu" superior do homem, como algo
que se encontra dentro do próprio homem, não encerra toda a compreensão possível.
O conhecimento do mundo tal como é é algo mais sutil e complexo; não requer, de
forma alguma, uma negação da existência exterior do fenômeno em questão. Mas o
aspecto exterior do fenômeno é, nesse caso, conhecido pelo homem em sua relação com
o aspecto interior. Além disso, a característica distintiva do verdadeiro conhecimento é a
ausência de qualquer negação nele, especialmente a ausência de negação de um ponto
de vista contrário. O conhecimento "real", isto é, o conhecimento multidimensional e
completo, difere do conhecimento material ou lógico (quer dizer, irreal), sobretudo porque
não exclui as concepções opostas. O conhecimento verdadeiro inclui em si mesmo todos
os pontos de vista contraditórios, depois, é claro, de tê-los despojado inicialmente de
complicações artificiais e de interpretações supersticiosas. Deve-se compreender que a
ausência de negação do oposto não significa a necessária aceitação do falso, do ilusório

e do supersticioso. O conhecimento é uma separação adequada entre o real e o falso e
chega-se a isso não por meio da negação mas da inclusão. A verdade abrange tudo em si
mesmo e o que não pode entrar nela demonstra por esse simples fato a sua falsidade e
imperfeição.

Na verdade existem antíteses; um ponto de vista não exclui o outro.

Portanto, em relação à idéia do super-homem só é verdadeira a compreensão que
inclui ambas as concepções, a exterior e a interior.

Não temos, de fato, qualquer fundamento para negar a possibilidade da existência
de um super-homem real e vivo, no passado, no presente ou no futuro. Ao mesmo tempo,
devemos reconhecer em nosso mundo interior a presença de sementes de algo superior
àquelas coisas pelas quais geralmente vivemos, e devemos reconhecer a possibilidade
da germinação dessas sementes e sua manifestação em formas hoje incompreensíveis
para nós.

O super-homem no passado ou no futuro não está em contradição com a
possibilidade da consciência superior no homem atual. Ao contrário, um anuncia o outro.

Os homens que são conscientes do super-homem dentro de si, que têm consciência
do aparecimento de novas forças dentro de si, se relacionam, por esse simples fato, com
a idéia do super-homem no passado ou no futuro. E aqueles que buscam o super-homem
real e vivo no presente revelam desse modo a existência de um princípio superior em
suas almas.

A idéia do super-homem é difícil de compreender e, portanto, perigosa, porque torna
necessário o conhecimento de como conciliar duas concepções opostas. Uma forma
exclusivamente exterior dessa idéia ou uma forma meramente interior não podem
satisfazer o homem. E cada uma dessas formas é, desse modo, errônea. Cada uma delas
é, ao seu modo, uma distorção da idéia. E de forma distorcida essa idéia se converte no
ovo Modelo do Universo
seu próprio oposto e não só não eleva o homem, mas, ao contrário, o lança no sentido de
uma negação pessimista ou o impele a um passivo "não-fazer", a uma parada.
A desilusão da vida e dos objetivos da vida, quando despertada pela idéia do super-homem, decorre de uma compreensão errada dela, principalmente do sentimento do
caráter remoto e inacessível do super-homem na vida externa.
Por outro lado, uma compreensão exclusivamente interior da idéia do super-homem
também separa o homem da vida e toma inútil e desnecessária aos seus olhos [120] toda
atividade. Se o super-homem está dentro de mim, se apenas é necessário descer
profundamente dentro de mim para encontrá-lo, de que servem todas as tentativas para
fazer algo ou para encontrá-lo fora de mim?
Esses são os dois escolhos que se encontram nas profundezas da idéia do super-homem.
O homem acha o super-homem dentro de si, quando começa a buscá-lo no seu
exterior, e pode encontrar o super-homem no exterior, quando começa a buscá-lo dentro
de si.

Tendo compreendido e visualizado a imagem do super-homem tal como este pode
ser, o homem deve reconstruir toda a sua vida de modo que ela não contradiga essa
imagem... se isso for possível para ele. Isso lhe revelará a idéia do super-homem em sua
alma.

Uma abordagem intelectual da idéia do super-homem só é possível depois de um
exercício prolongado e persistente da mente. A capacidade de pensar é o primeiro estágio
necessário da iniciação, que assegura um caminho firme para chegar a essa idéia. Que
significa ser capaz de pensar? Quer dizer ser capaz de pensar de modo diferente de
como estamos habituados a fazer, isto é, conceber o mundo em novas categorias.
Simplificamos demais a nossa concepção do mundo, nos acostumamos a imaginá-lo
demasiadamente uniforme, e devemos agora aprender novamente a compreender a sua
complexidade. Para fazê-lo, é necessário compreender outra vez, e compreender outra
vez de uma forma nova, que não sabemos absolutamente o que o homem é, e que ele é
indubitavelmente algo muito diferente do que pensamos que é.
Em nosso íntimo, sabemos certas coisas muito bem; mas nunca podemos nos
concentrar nelas. Compreendemos certo ciclo de idéias, mas vivemos noutro. A vida gira
à nossa volta e giramos com ela e ao redor de nós giram as nossas sombras.

"Nada está fora de nós. Mas nós nos esquecemos disso a cada ruído." (Assim falou
Zaratustra.)

Nas lendas judias do Talmude, há uma notável história a respeito de Moisés, que
encerra a idéia completa da evolução do homem, no verdadeiro sentido da palavra.

O RETRATO DE MOISÉS? (32)

O mundo inteiro estava comovido e encantado pelos milagres do Êxodo. O nome de
Moisés estava nos lábios de todos. Notícias do grande milagre chegaram também ao

32 Agada, lendas, parábolas e ditos do Talmude e do Midrash, em quatro partes. Compilado das fontes originais por I. H. Ravnitsky e H. N. Bialik. Tradução autorizada para o russo, com uma introdução de S. G. Frug. Publicado por S. D. Saltsmann. Berlim, Parte I, pág.
104.

sábio rei de Arabitão, que chamou o seu melhor pintor e mandou que fosse até Moisés,
pintasse o seu retrato e o trouxesse para ele. Quando o pintor voltou, o rei reuniu todos os
sábios do seu reino, hábeis na ciência fisiognomônica, e pediu a [121] eles que definissem
pelo retrato o caráter de Moisés, as suas qualidades, inclinações, hábitos e a origem do
seu poder miraculoso.
"Majestade", responderam os sábios, "este é o retrato de um homem cruel,
orgulhoso, ávido de riquezas, possuído pela ânsia do poder e por todos os vícios

existentes no mundo."

Essas palavras suscitaram a indignação do rei.

"Como pode ser possível", exclamou ele, "que um homem cujos feitos maravilhosos

repercutem por todo o mundo possa ser assim?"

Iniciou-se entre o pintor e os sábios uma discussão. O primeiro afirmava ser o retrato

de Moisés que pintara o mais fiel possível, enquanto os sábios sustentavam que o caráter

de Moisés tinha sido determinado absolutamente de acordo com o retrato.

O sábio rei do Arabitão decidiu verificar qual das partes em disputa tinha razão e ele

próprio partiu para o acampamento de Israel.

Desde o primeiro momento, o rei se convenceu de que o rosto de Moisés fora

retratado de modo impecável pelo pintor. Ao entrar na tenda do homem de Deus, se

ajoelhou, fez uma reverência e contou a Moisés a discussão entre o artista e os sábios.

"De início, até ver o vosso rosto", disse o rei, "pensava que o artista o havia pintado

mal, pois os meus sábios são homens com muita experiência na ciência da fisiognomonia.

Agora convenci-me de que são homens sem mérito algum e de que a sabedoria deles é

vã e inútil."

"Não", respondeu Moisés, "não é como pensais. Tanto o pintor como os

fisiognomonistas são homens altamente habilitados e ambas as partes estão certas.

Sabei que todos os vícios de que os sábios falaram me foram destinados pela Natureza e

talvez num grau muito superior ao que eles encontraram no meu retrato. Mas lutei contra

eles durante muito tempo com intensos esforços da vontade e gradualmente superei-os e
suprimi-os em mim mesmo, até que todas as coisas que se opunham a eles se tornaram
minha segunda natureza. E nisso reside o meu maior orgulho."
1911-1929
[122]
ovo Modelo do Universo

Capítulo IV - O Cristianismo e o Novo Testamento

*

A idéia do Esoterismo ocupa um lugar muito importante no ensinamento Cristão e no
Novo Testamento, se os compreendemos corretamente.
Mas, para compreender tanto um quanto o outro, é necessário, antes de tudo,
separar rigorosamente o que se relaciona com o Esoterismo (ou, mais exatamente, aquilo
em que a idéia esotérica ocupa o lugar principal) e o que não se relaciona com ele, isto é,
que não resulta da idéia esotérica.
No Novo Testamento, a idéia esotérica ocupa o lugar principal nos quatro
Evangelhos. Podemos dizer o mesmo do Apocalipse de São João. Mas, com exceção de
algumas passagens, as idéias esotéricas no Apocalipse estão ainda mais "cifradas" do
que nos Evangelhos e, nas suas partes cifradas, elas não entram no estudo que se
segue.
Os Atos e as Epístolas são obras de um peso específico muito diferente dos quatro
Evangelhos. Neles encontramos idéias esotéricas; estas, porém, não ocupam ali um lugar
predominante e eles podem existir sem essas idéias.

Os quatro Evangelhos são escritos para uns poucos, muito poucos, para os alunos
das escolas esotéricas. Por mais inteligente e educado que um homem possa ser, no
sentido ordinário, ele não compreenderá os Evangelhos sem indicações especiais e sem
um conhecimento esotérico especial.
Ao mesmo tempo é necessário observar que os quatro Evangelhos são a única fonte
a partir da qual sabemos de Cristo e de seu ensinamento. Os Atos e as Epístolas dos
Apóstolos acrescentam alguns aspectos essenciais, mas também introduzem muita coisa
que não existe nos Evangelhos e que contradiz os Evangelhos. De forma alguma seria
possível reconstruir, a partir das Epístolas, a personalidade de Cristo, o drama do
Evangelho ou a essência do ensinamento deste.
As Epístolas dos Apóstolos e especialmente as do Apóstolo Paulo sSo a edificação
da Igreja. Elas constituem a adaptação das idéias dos Evangelhos, sua materialização,
sua aplicação à vida, muito frequentemente uma aplicacSo que se opõe à idéia esotérica.
A adição dos Atos e das Epístolas aos quatro Evangelhos, no Novo Testamento, tem
um significado duplo. Primeiramente (do ponto de vista da Igreja), toma possível à Igreja,
que na verdade se origina das Epístolas, estabelecer conexão com os Evangelhos e com
o "drama de Cristo". E em segundo lugar (do ponto de vista do esoterismo), possibilita a
alguns homens, que começam com o Cristianismo da Igreja, mas são capazes de
compreender a idéia esotérica, entrar em comunicação com a fonte original e talvez

conseguir encontrar a verdade oculta. [123]

Historicamente, o papel principal na formação do Cristianismo não foi

desempenhado pelo ensinamento de Cristo, mas pelo de Paulo. O Cristianismo da Igreja,

desde o seu começo, contradisse em muitos aspectos as idéias do próprio Cristo.

Posteriormente, a divergência tomou-se ainda mais ampla. Não é de nenhum modo uma

idéia nova que se Cristo nascesse mais tarde na Terra, não só não poderia ser o chefe da

Igreja Cristã, mas provavelmente não seria sequer capaz de pertencer a ela, e nos

períodos mais brilhantes de força e poder da Igreja teria sido, com toda certeza, declarado

herege e queimado na fogueira. Mesmo em nosso tempo mais esclarecido, em que as

Igrejas Cristãs, se não perderam seus aspectos anticristãos, começaram por todos os

meios a dissimulá-los, talvez Cristo só tivesse podido viver sem sofrer as perseguições

ovo Modelo do Universo

dos "escribas e fariseus", em alguma ermida russa.

Desse modo, o Novo Testamento, assim como o ensinamento cristão, não podem

ser considerados como um todo. Devemos nos lembrar de que os cultos ulteriores

desviaram-se nitidamente do ensinamento fundamental do próprio Cristo, que em primeiro

lugar nunca foi um culto.

Além disso, não é possível de modo algum falar de "países cristãos", "nações

cristãs", "cultura cristã". Na realidade, todos esses conceitos têm apenas um significado hisíórico-geográfico.

Com base nas proposições acima, ao falar do Novo Testamento terei em vista, a

partir de agora, apenas os quatro Evangelhos e, em duas ou três ocasiões, o Apocalipse.

E ao falar do Cristianismo ou do ensinamento cristão (ou Evangelho), visarei

somente o ensinamento contido nos quatro Evangelhos. Quaisquer acréscimos

posteriores, baseados nas Epístolas dos Apóstolos, em decisões dos concílios, em obras

dos Padres da Igreja, em visões de místicos ou em idéias de reformadores não estão

incluídos nos limites do meu estudo.

O Novo Testamento é um livro muito estranho. Está escrito para aqueles que já têm

um certo grau de compreensão, para aqueles que possuem uma chave. É o maior engano

pensar que o Novo Testamento é um livro simples e que é inteligível para os homens

simples e humildes. É impossível lê-lo facilmente, assim como é impossível ler facilmente

um livro de matemática, cheio de fórmulas, expressões próprias, referências claras e

subentendidas à literatura matemática, alusões a diferentes teorias conhecidas apenas

dos "iniciados", *etc.* Ao mesmo tempo, há, no Novo Testamento, certo número de

passagens que podem ser compreendidas emocionalmente, isto é, que podem produzir

uma certa impressão emocional, diferente para cada pessoa, ou até para o mesmo

homem em diferentes momentos de sua vida. Mas é sem dúvida errado pensar que essas

impressões emocionais esgotam todo o conteúdo dos Evangelhos. Cada frase, cada

palavra, contém idéias ocultas, e só quando começamos a descobri-las é que o poder

desse livro e sua influência sobre as pessoas, que perdura há dois mil anos, se tornam
claros.
É notável que cada homem se revela por sua atitude para com o Novo Testamento,
pela maneira como o lê, pelo que compreende dele, pelo que deduz dele. O Novo
Testamento é um exame geral para toda a humanidade. Nos países cultos de nossos dias
todas as pessoas ouviram falar do Novo Testamento; para isso não é necessário ser
oficialmente um cristão. Um certo conhecimento do Novo Testamento e do Cristianismo
fazem parte da educação geral. E cada homem, pela maneira como lê o Novo
Testamento, pelo que extrai dele, pelo que deixa de extrair, pelo fato de não o ler, mostra
seu nível de desenvolvimento e seu estado interior. [124]
Em cada um dos quatro Evangelhos há muitas coisas pensadas conscientemente e
baseadas em grande conhecimento e profunda compreensão da alma humana. Certas
passagens estão escritas com a previsão definida de que um homem deve compreendê-
las de uma maneira, outro de outra, e um terceiro de um terceiro modo, e de que esses
homens nunca devem poder chegar a um acordo quanto à interpretação e compreensão
do que leram; e de que, ao mesmo tempo, todos eles estariam igualmente errados e o
verdadeiro significado consiste em alguma coisa que nunca sequer ocorreria a eles por si
mesmos.
Uma simples análise literária do estilo e conteúdo dos quatro Evangelhos mostra o

imenso poder dessas narrativas. Elas foram escritas conscientemente para um propósito
definido por homens que sabiam mais do que escreviam. Os Evangelhos nos falam de
maneira direta e exata da existência do pensamento esotérico e eles próprios são uma
das principais evidências literárias da existência desse pensamento.

ovo Modelo do Universo

Que significado e que objetivo pode ter tal livro se admitimos que foi escrito
conscientemente? Provavelmente não apenas um, mas muitos objetivos; mas, antes de
tudo, indiscutivelmente, o objetivo de mostrar aos homens que só há um caminho para o
conhecimento oculto, se eles quiserem e forem capazes de segui-lo. Para ser mais exato,
esse objetivo poderia ser mostrar o caminho àqueles que podem segui-lo e, mostrando o
caminho, fazer uma seleção daqueles que estão preparados para segui-lo, dividir as
pessoas em adequadas e não adequadas, desse ponto de vista.

O ensinamento cristão é uma religião muito dura, infinitamente distante do
Cristianismo sentimental criado pelos pregadores modernos. Através de todo o
ensinamento, no seu verdadeiro significado, cone a idéia de que o "Reino do Céu", seja o
que for que essas palavras possam significar, pertence aos eleitos, de que estreita é a
porta e estreito o caminho, e de que só poucos podem atravessá-lo e desse modo
alcançar a "salvação" e de que aqueles que não entrarem são somente palha que será
queimada.

"E agora também o machado está colocado até a raiz das árvores: portanto toda árvore que não produza bons frutos será coitada e lançada ao fogo."

. . . . . .

"Aquele cuja pá está em sua mão limpará inteiramente sua eira, e recolherá o trigo no celeiro; mas queimará a palha em fogo inextinguível." (Mateus, 3: 10, 12.)

A idéia da exclusividade e dificuldade da "salvação" está tão definida e tão frequentemente enfatizada nos Evangelhos, que todas as mentiras e hipocrisias do Cristianismo moderno são realmente necessárias a fim de esquecê-la e de atribuir a Cristo a idéia sentimental da salvação geral. Essas idéias estão tão longe do Cristianismo verdadeiro como o papel de reformador social, que algumas vezes também é atribuído a Cristo, está longe de Cristo.

Ainda mais longe do Cristianismo está, evidentemente, a religião do "Inferno e do Pecado"', adotada por seguidores limitados de uma espécie particular que apareceram de tempos em tempos em todos os ramos do Cristianismo, mas principalmente no Protestantismo.

Quando falamos do Novo Testamento, precisamos antes de mais nada estabelecer, ainda que somente de maneira aproximada, nossos pontos de vista em relação às versões do texto existentes e à história dos Evangelhos. [125]

Não há qualquer fundamento para supor que os Evangelhos tenham sido escritos
pelas pessoas às quais foram atribuídos, isto é, pelos discípulos imediatos de Jesus. É
muito mais plausível supor que os quatro Evangelhos tiveram uma história muito diferente
e foram escritos muito depois do que admitem as explicações da Igreja oficial. É muito
provável que os Evangelhos tenham aparecido como resultado do trabalho conjunto de
muitas pessoas, que talvez tenham reunido manuscritos que circulavam entre os
seguidores dos apóstolos e continham relatos de acontecimentos miraculosos ocorridos
na Judéia. Mas, ao mesmo tempo, há muita razão para pensarmos que essas coletâneas
de manuscritos tenham sido editadas por homens que tinham em vista um objetivo
perfeitamente definido e que previram a enorme difusão e importância que o Novo
Testamento alcançaria.
Os Evangelhos diferem bastante uns dos outros. O primeiro, isto é, o Evangelho
segundo São Mateus, pode ser considerado o principal. Supõe-se que tenha sido escrito
originalmente em aramaico, isto é, na língua que se supõe que Cristo falava e que foi

traduzido para o grego, no fim do primeiro século, embora haja também outras hipóteses,
por exemplo, a de que Cristo pregou em grego, porque essa língua era falada na Judéia
tanto quanto o aramaico. Os Evangelhos segundo São Marcos e São Lucas foram
compilados do mesmo material que serviu ao Evangelho atribuído a São Mateus. Há uma

grande probabilidade nas afirmações de Renan de que ambos os Evangelhos tenham
sido escritos em grego.
O Evangelho segundo São João, escrito mais tarde, é de uma espécie inteiramente
diferente. Ele também foi escrito em grego e provavelmente por um grego, seguramente
não por um judeu. Uma pequena característica indica isso. Em todos os casos em que,
nos outros Evangelhos, se diz "o povo", no Evangelho segundo São João, se diz "os
judeus".
Ou, por exemplo, na explicação seguinte, que não poderia, em nenhuma
circunstância, ter sido dada por um judeu:

"Então pegaram o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho, com
essências aromáticas, como era costume dos judeus sepultarem." (João. 19:40.)

O Evangelho segundo São João é uma obra literária excepcionalíssima. Está escrito
com extraordinária vibração emocional. E pode produzir uma impressão inteiramente
indescritível num homem que esteja num estado emocional superior. Não é possível ler
intelectualmente o Evangelho segundo São João. Há também muito de elemento
emocional nos outros Evangelhos, mas é possível compreendê-los com a mente. O
Evangelho segundo São João não pode, de maneira alguma, ser compreendido com a
mente. Sentimos nele um arrebatamento emocional ao nível do êxtase. Nesse estado de

arrebatamento, um homem fala ou escreve rapidamente certas palavras ou frases cheias de profunda significação para ele e para as pessoas no mesmo estado que ele, mas inteiramente destituídos de qualquer sentido para aqueles que ouvem com ouvidos comuns e pensam com a mente habitual. É difícil fazer tal experiência; mas, se acontecer que alguém leia o Evangelho segundo São João num estado emocional superior, compreenderá o que está dito ali e perceberá que se trata de uma obra inteiramente excepcional, que não pode ser medida pelos padrões habituais ou julgada no nível dos livros escritos intelectualmente, que podem ser lidos e compreendidos através do intelecto. [126]

O texto de todos os quatro Evangelhos em linguagem moderna está bastante deturpado, porém menos do que se poderia esperar. Ele foi, sem dúvida, adulterado na transcrição dos primeiros séculos e mais tarde, na nossa época, na tradução. O texto autêntico original não foi preservado, mas, se compararmos as traduções atuais com os textos mais antigos que existem, o grego, o latino e o da Igreja eslava, notaremos uma diferença de caráter muito definido. As alterações e distorções são todas semelhantes entre si. A sua natureza psicológica é sempre idêntica, isto é, em todos os casos em que notamos uma alteração, podemos verificar que o tradutor ou copista não compreendeu o texto; alguma coisa era extremamente difícil, extremamente abstrata para ele. Por isso,

ele fazia uma leve correção, acrescentando uma pequena palavra, dando, desse modo,

ao texto em questão, um significado claro e lógico, no nível da sua própria compreensão.

Esse fato não dá margem à menor dúvida e pode ser constatado nas traduções

posteriores.

Os mais antigos textos conhecidos, isto é, o grego e as primeiras traduções latinas

são muito mais abstratas do que as traduções posteriores. Nos textos primitivos,

encontra-se muita coisa sob a forma de idéia abstrata, que nas traduções posteriores se

tornou imagem concreta, figura concreta.

ὕπαγε ὀπίσω μου

δεῦτε ὀπίσω μου

насущный

τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δὸς ἡμῖν σήμερον

ἐπιούσιος

ovo Modelo do Universo

A mais interessante transformação dessa espécie ocorreu com o diabo. Em muitas

passagens dos Evangelhos, nas quais estamos acostumados a encontrá-lo, ele está

totalmente ausente nos textos primitivos. No Padre-nosso, por exemplo, que penetrou

profundamente no pensamento habitual do homem comum, as palavras "livrai-nos do

mal", nas traduções inglesa e alemã, correspondem aos textos grego e latino, mas, no da

Igreja eslava e no russo, está "livrai-nos do maligno"; em francês (em algumas traduções)

está: "mais délivre nous du Malin"; e, em italiano: "ma liberacci dal maligno".

A diferença entre a primeira tradução latina antiga e a tradução posterior editada por

Theodore Beza (século XVI) é muito mais característica a esse respeito. Na primeira
tradução, a frase é "sed libera nos a maio", mas, a segunda, é "sed libera nos ab illo ímprobo" ("do maligno").
De modo geral, a mitologia de todo o Evangelho foi largamente alterada. "O Diabo",
isto é, o caluniador ou o tentador, era, no texto original, simplesmente um nome ou
descrição que poderia ser aplicado a qualquer "caluniador" ou "tentador". E podemos
supor que esses nomes eram usados com frequência para designar o mundo visível,
enganoso, ilusório, fenomênico, Maya. Mas estamos demasiadamente subordinados à
influência da demonologia medieval. E é difícil para nós compreender que, no Novo
Testamento, não há nenhuma idéia geral do diabo. Há a idéia do mal, a idéia da tentação,
a idéia dos demônios, do espírito impuro, a idéia do príncipe dos demônios; há Satã, que
tentou Jesus; mas todas essas idéias estão separadas e são distintas umas das outras,
sempre alegóricas e muito distantes da concepção medieval do diabo.
No quarto capítulo do Evangelho segundo São Mateus, na cena da tentação no
deserto, Cristo diz ao diabo, segundo o texto grego
, "Vem atrás de mim", e,
segundo o texto da Igreja eslava, "segue-me". Mas, nos textos russo, inglês, francês e
italiano, está traduzido: "Vai-te daqui, Satanás".
No nono versículo depois deste (Mateus, 4:19), Cristo diz quase as mesmas
palavras aos pescadores que encontrou no lago arremessando suas redes: "Vinde atrás
de mim", ou "segui-me"; em grego,

. [127]

Essa semelhança na maneira de se dirigir ao "diabo" que tentou Jesus e aos pescadores que Jesus tomou como discípulos e a quem prometeu transformar em "pescadores de homens", deve ter um significado preciso. Mas ao tradutor isso pareceu de certo um absurdo. Por que Cristo desejaria que o diabo o seguisse? O resultado foi a famosa frase "Vai-te daqui, Satanás". Satanás representava neste caso simplesmente o mundo visível, fenomênico, que não pode "ir-se daqui" de modo algum, mas deve apenas servir ao mundo interior, segui-lo, ir atrás dele.

Como um exemplo a mais de distorção do texto do Evangelho podemos tomar as palavras bem conhecidas sobre o pão de cada dia — "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje".

O fato é que a qualificação do pão como " " "de cada dia", "daily", "quotidien", "taglich", não existe absolutamente nos textos grego e latino. O texto grego diz:

,

o latino:

panem nostrum supersubstantialem da nobis hodie.

A palavra grega (traduzida pela palavra latina supersubstantialis) de acordo com a explicação de Orígenes, não existia na língua grega e foi inventada especialmente para a tradução do termo aramaico correspondente. Mas o texto aramaico do Evangelho segundo São Mateus, se algum dia existiu, não foi preservado e é impossível estabelecer

ἐπιούσιος
ἐπιούσιος
насущный
ἐπιούσιος
насущный
ἐπιούσιος
ἐπιούσιος
εἰμί
εἶμι
ἐπιούσιος
ovo Modelo do Universo
que palavra foi traduzida pela palavra
ou supersubstantialis. Seja como for, essa
palavra não era "necessário", nem "de cada dia", uma vez que
ou
supersubstantialis significa "superexistente", "super-substancial"; uma idéia com certeza muito distante de "necessário", "de cada dia". Por outro lado, como podemos saber o que
a palavra eslava "
" significava quando foi criada? Muito provavelmente essa
palavra não existia no búlgaro antigo, assim como a palavra
não existia em grego.
Seu significado podia ter mudado posteriormente e entrado na linguagem falada com um
sentido completamente diferente. No começo,"
" podia ter significado super-substancial e mais tarde se tornou "necessário à vida".
A possibilidade de se traduzir
como "necessário" ou "de cada dia" explica-se também por um jogo de palavras. Há uma tentativa de explicar a palavra

como
derivada não de
"ser", mas de
"ir". Nesse caso
significará "vindouro".
Essa tradução é adotada nas traduções recentemente revistas do Novo Testamento. Mas
contradiz a primeira tradução latina, na qual encontramos a palavra supersubstantialis
("superexistente"), para cujo uso havia evidentemente alguma razão.
A distorção do sentido na tradução, resultante do fato de o tradutor ter deixado de
compreender o profundo significado abstrato daquela passagem, é especialmente
evidente numa alteração de sentido muito característica na tradução francesa de uma
passagem da Epístola aos Efésios:

"... para que, arraigados e fundados no amor, possais compreender, com todos os
santos, qual é a largura, e o comprimento, e a profundidade e a altura." (Efésios, 3:17.18.)
[128]
Essas estranhas palavras, de origem indubitavelmente esotérica, que falam do
conhecimento de dimensões do espaço, não foram certamente compreendidas pelo

tradutor, e na tradução francesa ele inseriu a palavrinha en que deu o significado:

"...et qu'étant enracinés et fondés dans la charité vous puissiez comprcndre, avec
tous lês saints, quelle en est la largueur. la longueur, la profondeur et la hauteur."

"...para que, arraigados e fundados no amor, possais compreender, com todos os
santos, qual é a sua largura, e o comprimento, e a profundidade e a altura."

Os exemplos acima demonstram o caráter das distorções dos textos do Evangelho
nas traduções. Mas de modo geral elas não são muito importantes.
A idéia que algumas vezes é encontrada nos ensinamentos ocultos modernos, de
que o texto existente dos Evangelhos não é completo e de que existe (ou existiu) outro
texto, completo, não tem de fato fundamento e não será tomada no que se segue.

Além disso, ao estudar o Novo Testamento é necessário separar o elemento
lendário, frequentemente extraído de histórias da vida de outros Messias e Profetas, da
narração da verdadeira vida de Jesus, e desse modo separar as lendas e os
acontecimentos descritos nele, do ensinamento.
Já nos referimos ao "drama de Cristo" e à sua relação com os Mistérios. Logo no
começo desse drama aparece a figura enigmática de João Batista. As passagens mais

obscuras do Novo Testamento mencionam João Batista. Há ensinamentos que o vêem
como a figura principal de todo o drama e relegam Cristo a um papel secundário. Mas
conhecemos precisamente muito pouco desses ensinamentos para podermos basear
ovo Modelo do Universo
neles seja o que for, e, além disso, o drama que se desenrolou na Judéia será conhecido
como o "drama de Cristo".
Os acontecimentos na Judéia, que culminaram com a morte de Jesus, ocuparam um
lugar muito pequeno na vida dos povos da época. É fato bem conhecido que ninguém,
exceto os participantes imediatos, conheceu esses acontecimentos. Além dos
Evangelhos, não subsiste nenhuma evidência histórica de que Jesus realmente tenha
existido.
A tragédia do Evangelho só adquiriu gradualmente seu significado, sua importância
e sua magnitude, à proporção que o ensinamento de Cristo cresceu e se expandiu. Nisso,
as opressões e perseguições representaram um grande papel. Mas evidentemente houve
alguma coisa na própria tragédia e no ensinamento associado a ela, e proveniente dela,
que distinguiu tanto uma quanto o outro dos movimentos sectários comuns. Essa. alguma
coisa foi a conexão com os Mistérios.
O lado lendário introduz na vida de Cristo muitas figuras inteiramente convencionais
e, por assim dizer, estiliza-o como um profeta, professor ou Mestre. Essas lendas
adaptadas a Cristo são extraídas das mais diversas fontes. Há lendas hindus, budistas e

do Velho Testamento e há elementos tirados dos mitos gregos.

O "massacre dos inocentes" e a "fuga para o Egito" são elementos tirados da vida de

Moisés. A "Anunciação", isto é, o aparecimento do anjo que anunciou o nascimento futuro

de Cristo é um elemento da vida de Buda. Na história de Buda, foi um elefante branco que

desceu do céu e anunciou à rainha Maya o nascimento futuro do príncipe Gautama. [129]

Segue-se o episódio do velho Simeão esperando pelo menino Jesus no templo e

dizendo que agora podia morrer pois tinha visto o recém-nascido Salvador do mundo —

"Agora deixa que teu servo parta em paz." Esse é um episódio tirado inteiramente da vida

de Buda.

"Quando Buda nasceu, Asita, um eremita idoso, desceu do Himalaia para

Kapilavastu. Chegando à corte, fez sacrifícios aos pés da criança. Em seguida, Asita deu

três voltas em torno da criança e, tomando-a nas mãos, reconheceu nela os 32 sinais do

estado de Buda, que viu com seu atento olhar interior." (33)

A lenda mais estranha relacionada com Cristo, que durante muito tempo foi um

ponto de discórdia entre as diferentes escolas e seitas do crescente Cristianismo e se

tornou finalmente a base do ensinamento dogmático de quase todos os credos cristãos, é

a lenda do nascimento de Jesus da virgem Maria diretamente do próprio Deus.

Essa lenda surgiu mais tarde que o texto dos Evangelhos.

Cristo chamou-se a si mesmo de filho de Deus ou filho do homem; continuamente
falava de Deus como seu pai; dizia que ele e seu pai eram um só; que quem quer que
obedecesse a ele, obedecia também a seu pai, e assim por diante. No entanto, as
próprias palavras de Cristo não criaram a lenda, não criaram o mito; elas podem ser
compreendidas de maneira alegórica e mística no sentido de que Cristo se sentia em
união com Deus, ou sentia Deus nele. E acima de tudo podem ser compreendidas no
sentido de que todo homem pode tomar-se filho de Deus se obedecer à sua vontade e às
suas leis.
No Sermão da Montanha, Cristo diz:

"Bem-aventurados os pacificadores: porque serão chamados filhos de Deus."

33 Jatàkamála, de M. M. Higgins, Colombo, 1914, pág. 205. 130
ovo Modelo do Universo
(Mateus, 5:9.)

E noutro lugar:

"Ouvistes o que foi dito: Amarás a teu próximo e odiarás teu inimigo.
"Eu porém vos digo: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem;
"Para que sejais filhos de vosso Pai, que está nos céus, o qual faz nascer o sol
sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos." (Mateus 5:43-45.)

Essa tradução concorda com as traduções grega, latina, francesa e russa. Na versão
inglesa autorizada, e também na alemã, encontramos "os filhos de Deus" e "os filhos de
vosso pai". Mas isso resulta da adaptação do texto do Evangelho, pelos teólogos, para
seus próprios fins.
Esses textos mostram que originalmente a expressão "Filho de Deus" tinha um
significado completamente diferente do que foi dado mais tarde.
O mito de Cristo como filho de Deus no sentido literal foi criado gradativamente ao
longo de vários séculos. E, embora o cristão dogmático negasse, com certeza, a origem
pagã dessa idéia, ela é inegavelmente extraída da mitologia grega.
Em nenhuma outra religião há relações de tal modo definidas entre deuses e
homens como nos mitos gregos. Todos os semideuses, Titãs e heróis da Grécia eram
sempre filhos diretos de deuses. Na índia, os próprios deuses se encarnaram em seres
[130] mortais ou desceram à Terra para assumirem por algum tempo a forma de homens ou
de animais. Mas considerar os grandes homens como filhos de deuses é uma forma de
pensar puramente grega (que depois passou para Roma) sobre a relação entre os deuses
e seus mensageiros na Terra.
E embora seja estranho, essa idéia dos mitos gregos passou para o Cristianismo e
se tomou seu dogma principal.
No Cristianismo dogmático, Cristo é o filho de Deus exatamente no mesmo sentido

em que Hércules era o filho de Zeus ou Esculápio o era de Apoio. (34)

O elemento erótico, que impregnou muito fortemente, nos mitos gregos, a idéia do

nascimento de homens e semideuses dos deuses, falta no mito cristão, assim como falta

no mito do nascimento do príncipe Gautama. Esse fato tem relação com a muito

característica "negação do sexo" no Budismo e no Cristianismo, cujas causas ainda estão

muito longe de se tomarem claras.

Mas é fora de dúvida que Cristo se tornou filho de Deus em consequência da idéia

"pagã".

Independentemente da influência dos mitos gregos, Cristo tinha de se tornar Deus,

em conformidade com a idéia geral dos Mistérios.

A morte do deus e sua ressurreição eram as idéias fundamentais dos Mistérios.

Atualmente, há tentativas de explicar a idéia da morte do deus nos Mistérios como

uma sobrevivência do costume ainda mais antigo do "assassinato de reis" (The Golden

Bough, de Sir J. G. Prazer. Parte III). Essas explicações têm relação com a tendência

34 Platão também foi chamado filho de Apoio. Alexandre, o Grande, foi declarado filho de Júpiter no templo de Júpiter Ammon, no Egito e, em consequência disso, repudiou seu pai, Felipe da Macedônia e foi reconhecido pelos egípcios como filho de Deus.

Justino Mártir, em sua "Primeira Apologia", dirigida ao imperador Adriano, escreve: "O filho de Deus chamado Jesus, mesmo sendo apenas um homem gerado de maneira comum, apesar disso devido à sua sabedoria merece ser chamado filho de Deus... e se afirmamos que nasceu de uma

virgem, aceitem isso da mesma maneira que aceitam de Perseus " (Mysticism and the Creed, de W. F.
Cobb, Macmillan, 1914, pág. 144).
ovo Modelo do Universo
geral do pensamento "evolucionista" de procurar a origem de manifestações complexas e
incompreensíveis em manifestações mais simples, primitivas ou mesmo patológicas.
Entretanto, de tudo o que foi dito anteriormente sobre o Esoterismo, estaria claro que
essa tendência não leva a parte alguma e que. ao contrário, os costumes mais simples e
primitivos ou até criminosos, são geralmente uma forma degenerada de sacramentos
esquecidos de ritos de uma natureza muito elevada.
O segundo lugar em importância no Cristianismo "teológico", depois da idéia de
filiação e divindade de Cristo, é ocupado pela idéia de redenção e do sacrifício de Cristo.
A idéia de redenção e sacrifício, que se tomou a base do Cristianismo dogmático,
aparece no Novo Testamento nas seguintes palavras:

"No dia seguinte, João viu Jesus vindo na sua direção e disse: Eis o Cordeiro de
Deus, que tirou os pecados do mundo." (João, 1:29.)

Desse modo, Jesus foi associado ao cordeiro pascal que era um sacrifício expiatório.
[131]
Nos Evangelhos fala-se mais no sacrifício de Cristo em São João. Os outros
evangelistas também fazem referência ao sacrifício e à redenção, por exemplo, nas
palavras de Cristo:

"Tal como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua
vida em redenção de muitos." (Mateus 20:28.)

Mas todas essas passagens, e outras semelhantes, começando com as palavras de
João Batista e terminando com as do próprio Cristo, têm um significado alegórico e
abstrato muito amplo.
A idéia só se concretizou nas Epístolas, principalmente nas Epístolas do Apóstolo
Paulo. Era necessário explicar a morte de Jesus e era necessário explicá-la indicando ao
mesmo tempo que ele era filho de Deus e ele mesmo Deus. A idéia dos Mistérios e do
"drama de Cristo" nunca pôde se tomar propriedade comum, porque não havia nem
palavras nem compreensão para a explicação dela, nem mesmo naqueles que teriam que
explicá-la. Era necessário encontrar uma idéia mais próxima, mais compreensível, que
possibilitaria explicar ao povo por que Deus permitiu que pessoas indignas e criminosas o
torturassem e matassem. A explicação estava baseada na idéia da redenção concreta.
Dizia-se que Jesus fez isso para os homens; que, tendo se sacrificado, livrou os homens
de seus pecados; mais tarde foi acrescentado — do pecado original, do pecado de Adão.
A idéia do sacrifício redentor era compreensível para os judeus, porque representava
um grande papel, no Velho Testamento, nas oferendas e cerimônias rituais. Havia um rito
cumprido no "Dia da Expiação", em que se matava um bode como sacrifício pelos

pecados do povo, e outro bode era untado com o sangue do bode morto e levado para o
deserto ou atirado de um precipício.
A idéia de Deus sacrificando-se para a salvação dos homens também existe na
mitologia hindu. O deus Shiva tomou o veneno que era para envenenar toda a
humanidade; por esse motivo muitas de suas estátuas têm a garganta pintada de azul.
As idéias religiosas viajavam de uma região para outra e essa característica, isto é, o
sacrifício concreto para os homens, pode ter sido atribuída a Jesus, da mesma maneira
que os elementos da vida de Buda mencionados antes.
A conexão da idéia de redenção com a idéia de transferência do mal, como foi feita
ovo Modelo do Universo
pelo autor do livro citado acima, The Golden Bough, não tem qualquer fundamento.
A cerimônia mágica de transferência do mal não tem, psicologicamente, nada em
comum com a idéia de sacrifício voluntário. Mas, naturalmente, essa distinção pode não
ter sentido para o pensamento evolucionista, que não penetra nessas minúcias.
A idéia de expiação do Velho Testamento contradiz o pensamento esotérico. Nos
ensinamentos esotéricos toma-se perfeitamente claro que ninguém pode ser libertado do
pecado por compulsão e sem sua própria participação. Os homens estavam e estão
agora em tal posição que é necessário um sacrifício muito grande a fim de mostrar-lhes o
caminho para a libertação. Cristo indicou o caminho da libertação.
E ele o diz diretamente:

"Eu sou o caminho." (João, 14:6.)
"Eu sou a porta: aquele que por mim entrar, será salvo, e entrará e sairá, e
encontrará pasto. "(João. 10:9.) [132]
"E sabeis para onde eu vou, e conheceis o caminho.
Disselhe Tomé: Senhor, não sabemos aonde vais; e como podemos saber o
caminho?
Jesus disselhe: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão
por mim." (João, 14:4-6.)
"Então eles lhe disseram: Tu quem és? E Jesus lhes disse: O mesmo que Eu lhes
disse desde o começo." (João, 8:25.)

Para começar a compreender os Evangelhos e seus ensinamentos, é necessário,
antes de tudo, compreender o que significa o Reino do Céu ou o Reino de Deus.
Essas expressões são a chave da parte mais importante do ensinamento
evangélico. Nada se pode compreender sem que elas sejam compreendidas
corretamente. Por outro lado, estamos tão acostumados com a interpretação habitual, da
Igreja, de que o Reino do Céu significa tanto o lugar como o estado em que as almas dos
justos se encontrarão depois da morte, que nem sequer imaginamos a possibilidade de
outro entendimento dessas palavras.
As palavras do Evangelho: "O Reino do Céu está em vós" soam a nós ocas e
ininteligíveis e não só não explicam a idéia principal como é mais provável que a

obscureçam. Os homens não compreendem que dentro deles se encontre o caminho para
o Reino do Céu e que este não se encontre necessariamente além do limiar da morte.
O Reino do Céu, o Reino de Deus significa esoterismo, isto é, o círculo interior da
humanidade e também o conhecimento e as idéias desse círculo.
O escritor ocultista francês, Abbé Constant, o estranho e às vezes muito talentoso
Êliphas Lévi, escreve em seu livro Dogma e ritual da alta magia (1861):

"Depois de ter passado a nossa vida na investigação do absoluto em religião, ciência
e justiça; depois de ter girado no círculo de Fausto, chegamos ao primeiro dogma e ao
primeiro livro da humanidade. Aí paramos, aí achamos o segredo da onipotência humana
e do progresso indefinido, a chave de todos os simbolismos, o primeiro e o último de
todos os dogmas. E entendemos o que querem dizer estas palavras muitas vezes
ovo Modelo do Universo
repetidas no Evangelho: o reino de Deus." (35)

E noutro lugar do mesmo livro, diz Êliphas Lévi:

"A magia que os antigos chamavam Sanctum Regnum, o Santo Reino, ou Reino de
Deus, Regnum Dei - só é feita para os reis e padres. Sois padre? Sois rei? O sacerdócio
da magia não é um sacerdócio vulgar e sua realeza nada tem que debater com os
príncipes deste mundo. Os reis da ciência são os príncipes da verdade, e o seu reino fica

oculto para a multidão, como os seus sacrifícios e suas preces. Os reis da ciência são os
homens que conhecera a verdade e que a verdade tornou livres, conforme a promessa
formal do mais poderoso dos iniciadores (João, 8:32.)" (36)

Mais adiante ele diz:

"Para chegar ao Sanctum Regnum, isto é, à ciência e ao poder dos magos, quatro
coisas são indispensáveis: uma inteligência esclarecida pelo estudo, uma audácia que
nada faz parar, uma vontade que nada quebra e uma discrição que nada pode corromper
ou embebedar.
SABER, OUSAR, QUERER. CALAR - eis os quatro verbos... que podem combinar—
se mutuamente de quatro modos e se explicam quatro vezes uns pelos outros." (37) [133]
Éliphas Lévi assinalou um fato que impressionou muitos que estudaram o Novo
Testamento antes e depois dele, a saber, que o Reino do Céu ou o Reino de Deus
significa esoterismo, o círculo interior da humanidade.
Ele não significa um Reino no Céu, mas um Reino subordinado ao poder do Céu,
sujeito às leis do Céu. A expressão "Reino do Céu" em relação ao círculo esotérico tem
exatamente o mesmo significado que o antigo título oficial da China, "O Celeste Império".
Não significa um Império no Céu, mas um Império sujeito ao poder e às leis do Céu. Os
teólogos deturparam o sentido do Reino do Céu, ligaram-no à idéia do Paraíso. "Céu", isto

é, do lugar ou condição, na qual, segundo eles, as almas dos justos se encontrarão
depois da morte. Na verdade, pode-se ver muito claramente que, nos Evangelhos, Cristo
falou, em suas pregações, do Reino de Deus na Terra, e, nos Evangelhos, há passagens
muito precisas que mostram que, como ele ensinou, o Reino do Céu pode ser alcançado
durante a vida.

"Em verdade vos digo que há alguns entre os presentes que não provarão a morte
antes de terem visto o Filho do Homem vir em seu reino." (Mateus, 16:28.)

É muito interessante notar que Cristo fala do seu "reino" e, ao mesmo tempo, chama
a si mesmo "Filho do Homem", isto é, simplesmente um homem.
Mais adiante, no Evangelho segundo São Marcos, ele diz:

"Em verdade vos digo que há alguns dos aqui presentes que não provarão a morte
até que vejam vir em poder o reino de Deus." (Marcos, 9:1.)

35 Dogma e ritual da alta magia. Ed. Pensamento, pág. 66.
36 Ibid., pág. 72.
37 Ibid., pág. 74.
ovo Modelo do Universo

E, no Evangelho Segundo São Lucas:

"Em verdade vos digo que há alguns dos que aqui estão que não provarão a morte

antes de verem o reino de Deus." (Lucas, 9:27.)

Essas passagens foram compreendidas no sentido da aproximação do segundo
advento. Mas, nesse sentido, toda a sua significação foi naturalmente perdida, quando
todos os discípulos diretos de Cristo morreram. Mas, do ponto de vista da compreensão
esotérica, essas passagens conservaram, nos nossos dias, o mesmo significado que
tinham no tempo de Cristo.

O Novo Testamento é uma introdução ao conhecimento oculto ou sabedoria secreta.
Há várias linhas de pensamento que podem ser claramente percebidas nele. Tudo que se
segue refere-se às duas linhas principais.
Uma descreve os princípios do Reino do Céu ou círculo esotérico e seu
conhecimento; essa linha enfatiza a dificuldade e exclusividade de compreensão da
verdade. E a outra linha mostra o que os homens devem fazer para se acercarem da
verdade, e o que não devem fazer, isto é, o que pode ajudá-los e o que pode impedi-los;
os métodos e regras de estudo e trabalho sobre si; as regras ocultas e de escola.
Pertence à primeira linha a declaração de que aproximar-se da verdade requer
esforços e condições excepcionais. Somente alguns podem acercar-se da verdade.
Nenhuma frase é mais frequentemente repetida no Novo Testamento que a declaração de
que só os que têm ouvidos podem ouvir. Essas palavras estão repetidas nove vezes nos

Evangelhos e oito vezes no Apocalipse de São João, dezessete vezes ao todo. [134]

A idéia de que é necessário saber como ouvir e ver, e ser capaz de ouvir e ver, e de

que nem todos podem ouvir e ver, também está expressa nas seguintes passagens:

"Por isto lhes falo em parábolas, porque vendo não vêem, e ouvindo, não ouvem

nem entendem.

E cumpre-se nelas a profecia de Isaías, que diz: Vós ouvireis com os ouvidos e não

entendereis, e vereis com os olhos e não conhecereis, pois endureceu-se o coração deste

povo e com os ouvidos escutaram mal e fecharam os olhos para não verem com os olhos,

para não ouvirem com os ouvidos e para não entenderem em seu coração e se

converterem de modo que eu os cure.

Vossos olhos, porém, são bem-aventurados porque vêem e vossos ouvidos porque

ouvem!

Pois em verdade vos digo:

Muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não o viram e ouvir o que

vós ouvis e não o ouviram." (Mateus, 13:13-17.)

"Olhando, olhem e não vejam; ouvindo, ouçam e não entendam, para que não

suceda se converterem e serem perdoados." (Marcos, 4:12.)

"Tendo olhos, não vedes, e, tendo ouvidos, não ouvis? Já não vos lembrais?"

(Marcos, 8: 18.)

"E Ele respondeu: a vós foi dado conhecer os mistérios do reino de Deus; aos

outros, só em parábola, de maneira que, vendo, não vejam, e, ouvindo, não emendam."

ovo Modelo do Universo

(Lucas, 8:10.)

"Por que não entendeis minha linguagem? Porque não sois capazes de ouvir minha

palavra.

. . . . . .

Aquele que é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso vós não as ouvis, porque

não sois de Deus." (João, 8:43,47.)

"Muitas coisas ainda tenho a vos dizer, mas não as podeis suportar agora." (João.

16:12.)

Todas essas passagens se referem à primeira linha, que explica o significado do

Reino do Céu como pertencente a alguns, isto é, a idéia do círculo interior da humanidade

ou a idéia do esoterismo.

A segunda linha refere-se aos discípulos.

A confusão das interpretações habituais da Igreja consiste em que o que se

relaciona com o "esoterismo" é encarado como se referindo à vida futura e o que se

relaciona com os "discípulos" é visto como se se referisse a todos os homens.

Além disso, devemos notar que as diferentes linhas de pensamento estão

mescladas nos Evangelhos. Muitas vezes a mesma passagem se refere a diferentes

linhas. Frequentemente, passagens distintas ou passagens formuladas de maneira

diferente expressam uma idéia, referem-se à mesma linha. Às vezes passagens

sucessivas, que aparentemente resultam uma da outra, na verdade se relacionam com
idéias totalmente diversas.
Há passagens, como, por exemplo, "sede como criancinhas", que têm, ao mesmo
tempo, dúzias de sentidos diferentes. Nosso intelecto se recusa a conceber e a
compreender esses sentidos. Mesmo que registremos esses sentidos diferentes, quando
nos são explicados, ou quando chegamos a compreendê-los por nós mesmos, e
posteriormente lemos as anotações feitas em diferentes ocasiões, eles nos parecem frios
e vazios, sem sentido, porque o nosso intelecto não pode captar simultaneamente mais
do que dois ou três significados de uma idéia.
Acrescentemos a isso que há muitas palavras estranhas do Novo Testamento, cujos
significados não conhecemos realmente, tais como "fé", "perdão", "redenção", "sacrifício", "oração", "caridade", "cegueira", "pobreza", "riquezas", "vida", "morte", "nascimento" e muitas outras. [135]
Se conseguirmos compreender o significado oculto dessas palavras e expressões,
imediatamente o conteúdo geral se tornará claro e inteligível e muitas vezes completamente oposto ao que supúnhamos comumente.
No que se segue, vou tratar apenas das duas linhas de pensamento mencionadas
acima. Desse modo, a interpretação que dou aqui não esgotará, de forma alguma, os
conteúdos do ensinamento evangélico e ajudará apenas a revelar a possibilidade de
explicar algumas das idéias do Evangelho em relação com as idéias do esoterismo e da
"sabedoria oculta".

Se lemos os Evangelhos tendo em mente que o Reino do Céu significa o círculo
interior da humanidade, tudo logo adquire para nós um sentido novo.
João Batista diz:

"Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu." (Mateus, 3:2.)
ovo Modelo do Universo

E ele diz, imediatamente depois, que os homens não devem esperar receber o
Reino do Céu, permanecendo como são, que este não é, de modo algum, direito deles,
que, na realidade, eles merecem algo completamente diferente.

"Como visse muitos fariseus e saduceus virem ao seu batismo, disselhes: raça de
víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura?
Fazei, pois, dignos frutos de conversão e não forjeis ilusões para vós, dizendo-vos:
temos por pai Abraão; porque vos digo que Deus pode suscitar destas pedras filhos de
Abraão." (Mateus, 3:7-9.)

João Batista deu ênfase, com extraordinária força, à idéia de que o Reino do Céu só
é alcançado por alguns que merecem. Para os demais, para os que não o merecem, ele
não dá esperança.

"Aquele cuja pá está em sua mão limpará inteiramente a sua eira, e recolherá o trigo

no celeiro; mas queimará a palha em fogo inextinguível." (Mateus, 3:12.)

Falando do Reino do Céu, Jesus salienta várias vezes a excepcional importância na
pregação de João Batista:

"E desde os dias de João Batista até agora, o reino do céu padeceu violência e os
violentos o tomam pela força." (Mateus, 11:12.)
"A lei e os profetas chegaram até João: desde então se anuncia o Reino de Deus e
cada homem se esforça por entrar nele." (Lucas, 16:16.)

O próprio Jesus, quando começa a pregar o Reino do Céu, usa as mesmas palavras
de João:

"Convertei-vos, porque o Reino do Céu está próximo." (Mateus, 4:17.)

No Sermão da Montanha, ele diz:

"Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino do céu." (Mateus,
5:3.) [136]
Pobre em espírito é uma expressão muito enigmática, que sempre foi erroneamente
interpretada e se prestou às mais incríveis distorções das idéias de Cristo. É claro que
"pobre em espírito" não significa espiritualmente fraco e, sem dúvida, não quer dizer
pobre, isto é, carente de bens materiais. No seu verdadeiro sentido, essas palavras
contém a idéia budista de não apego às coisas. Pobre em espirito será o homem que,

pela força do espírito, não se deixa apegar às coisas, como se fosse indigente, isto é,
quando as coisas têm para ele tão pouca significação quanto se não as tivesse tido ou
sabido delas.
Esse não-apego é uma condição necessária para se aproximar do esoterismo ou do
ovo Modelo do Universo
Reino do Céu.
Mais adiante, Jesus diz:

"Bem-aventurados os que padecem perseguição pela justiça, porque deles é o reino
do céu." (Mateus, 5:10.)

Essa é a segunda condição. O discípulo de Cristo podia esperar "padecer
perseguição pela justiça".
Os homens do "círculo exterior" odeiam e perseguem os homens do "círculo
interior", especialmente aqueles que vêm ajudá-los. E Jesus diz:

"Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem, e com mentira
disserem contra vós todo gênero de mal por minha causa.
Alegrai-vos e regojizai-vos, porque grande será vossa recompensa, pois assim foram
perseguidos os profetas que houve antes de vós." (Mateus, 5:11,12.)
"Aquele que ama sua vida, a perderá, mas o que odeia a sua vida neste mundo a
guardará para a vida eterna." (João, 12:25.)
"Se o mundo vos odeia, sabei que odiou a mim primeiro do que a vós.

Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu: mas, porque não sois do mundo,
antes eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia.
Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: o servo não é maior do que o seu senhor.
Se a mim perseguiram, também perseguirão a vós." (João, 15:18-20.)
"Expulsar-vos-ão das sinagogas, pois chega a hora em que todo aquele que vos tirar
a vida pensará prestar um serviço a Deus." (João, 16:2.)

Essas passagens dão ênfase, de modo muito preciso, à inacessibilidade das idéias
esotéricas para a maioria, para a multidão.
Todas essas passagens contêm um prognóstico muito preciso dos resultados da
pregação do Cristianismo. Mas isso é compreendido geralmente como uma previsão das
perseguições aos pregadores do Cristianismo entre os pagãos, enquanto na verdade
Jesus certamente se referiu às perseguições aos pregadores do Cristianismo esotérico
entre os pseudocristãos, ou aos esforços para preservar as verdades esotéricas no meio
de um Cristianismo eclesiástico que se estava tornando cada vez mais distorcido.
No capítulo seguinte, Jesus fala do sentido do esoterismo e do caminho para ele, e
acentua claramente a diferença entre os valores esotéricos e os valores terrenos.

"Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem, e
onde os ladrões penetram e roubam.

Mas juntai tesouros no céu, onde nem a traça nem o caruncho os corroem, e onde
os ladrões não penetram nem roubam.
Pois onde está o teu tesouro, ali estará o teu coração. [137]
. . . . . .
Ninguém pode servir a dois senhores: pois ou odiará um e amará o outro: ou se
manterá fiel a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.
ovo Modelo do Universo
. . . . . .
Buscai, pois, primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo isso vos será dado por
acréscimo." (Mateus, 3:19, 20,21, 24, 33.)

Essas passagens, por outro lado, são compreendidas de maneira muito simples no
sentido de opor os desejos terrenos ordinários de posses e poder ao desejo de salvação
eterna. É claro que Jesus era muito mais sutil, e, fazendo uma advertência contra o
acúmulo de tesouros na Terra, certamente chamou a atenção para as formas religiosas
exteriores e para a piedade e santidade aparentes, que se tornaram mais tarde o objetivo
do Cristianismo da Igreja.
No capítulo seguinte, Jesus fala da necessidade de preservar as idéias do
esoterismo e não propagá-las indiscriminadamente, pois há pessoas para quem essas
idéias, em sua essência, são inacessíveis e que, na medida em que podem apreendê-las,
inevitavelmente as deturparão, farão delas um uso errado e as porão contra aqueles que
estão tentando transmiti-las a eles.

"Não deis aos cães as coisas santas, nem atireis vossas pérolas aos porcos, para
que não suceda que eles as pisem com os pés, e, voltando-se, vos despedacem.'"
(Mateus, 7:6.)

Mas, logo depois disso, Jesus mostra que o Esoterismo não está oculto para
aqueles que realmente o procuram.

"Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á.
Porque quem pede recebe, quem busca acha, e a quem bate se abre.
Pois quem é de vós que, se o filho lhe pede um pão, lhe dá uma pedra?
Ou se lhe pede um peixe lhe dá uma serpente?
Se, pois. vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas a vossos filhos, quanto mais
vosso Pai, que está no céu, dará coisas boas aos que lhe pedirem." (Mateus, 7:7-11.)

Segue-se imediatamente uma advertência muito significativa. A idéia que ela contém
é que é melhor não ingressar no caminho do Esoterismo e começar o trabalho de
purificação interior do que começar e abandoná-lo, dar início e voltar atrás ou começar de
modo correio e, em seguida, deturpar tudo.

"Quando o espírito impuro sai do homem, percorre os lugares áridos, buscando
repouso e, não o achando, diz: voltarei à casa de onde saí.
E, vindo, encontra-a varrida e adornada.

Então vai, e toma outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali, e o último estado daquele homem vem a ser pior do que o primeiro." (Lucas, 11:24-26.)

Isso também pode se referir ao Cristianismo da Igreja, que pode representar uma casa varrida e adornada.
E adiante Jesus fala da dificuldade do caminho e dos equívocos possíveis.
ovo Modelo do Universo

"Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçosa a senda que leva à perdição e muitos são os que por ela entram.
Porque estreita é a porta e apertada a senda que leva à vida e poucos os que a encontram. [138]
Nem todo aquele que diz: Senhor, Senhor! entrara no reino do céu; mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai, que está no céu." (Mateus, 7:13,14 e 21.)

O esoterismo, nessa passagem, é chamado "vida". Isso é particularmente importante em comparação com outras passagens, que se referem à vida comum como "morte" e ao povo como "mortos".
Nessas passagens, podemos ver a relação entre o círculo interior e o círculo exterior, isto é, o quanto o exterior é grande e o outro, o interior, pequeno. Noutro ponto, Jesus diz que "pequeno" pode ser maior do que "grande".

"Dizia ele: a que assemelharemos o reino de Deus, ou com que o compararemos?

Ele é semelhante ao grão de mostarda, que, quando é semeado na terra, é a menor
de todas as sementes da Terra.
Porém, semeado, cresce, e torna-se maior do que todas as hortaliças, e deita ramos
tão grandes que à sua sombra podem se abrigar as aves do céu" (Marcos, 4:30-32.)

O capítulo seguinte fala da dificuldade de acercar-se do esoterismo e fala do fato de
este não dar bênçãos terrenas e às vezes até contrariar formas e obrigações mundanas.

"Nisto aproximou-se um escriba e lhe disse: Mestre, seguir-te-ei aonde quer que
fores.
E respondeu-lhe Jesus: as raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho
do Homem não tem onde reclinar a cabeça.
E outro de seus discípulos lhe disse: Senhor, deixa-me primeiro ir enterrar meu pai.
Jesus, porém, lhe respondeu: Segue-me e deixa os mortos sepultarem seus
mortos." (Mateus, 8:19-22.)

No fim do capítulo seguinte, menciona-se a grande necessidade em que as pessoas
se encontram de ajuda do círculo interior, e da dificuldade de ajudá-las.

"Vendo a multidão, entemeceu-se de compaixão por ela, porque estavam fatigados e
prostrados como ovelhas sem pastor.
Então disse aos seus discípulos: a messe é muita, porém poucos são os operários.

Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe." (Mateus, 9:36-38.)

No capítulo seguinte, são dadas instruções aos discípulos sobre aquilo em que o
trabalho deles deve consistir.
ovo Modelo do Universo

"Ide e pregai, dizendo: o reino do céu está próximo." (Mateus, 10:7.)
"O que eu vos digo na escuridão dizei-o à luz; e o que vos digo ao ouvido, pregai-o
sobre os terraços." (Mateus, 10:27.)

Mas, imediatamente depois, Jesus acrescenta que a pregação do esoterismo dá
resultados totalmente diferentes dos que, do ponto de vista da vida comum, os discípulos
podem esperar. Jesus explica que, por sua pregação da doutrina esotérica, ele não trouxe
ao homem paz e tranquilidade e que a verdade divide os homens mais do que qualquer
outra coisa, mesmo porque só alguns podem recebê-la.

"Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz, porém a espada.
Pois vim separar o homem de seu pai. e a filha de sua mãe, e a nora de sua sogra.
E os inimigos do homem serão os de sua casa. [139]

Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim." (Mateus, 10:34—
37.)

Esse último versículo traz novamente a idéia budista de que o homem não deve

estar "apegado" a ninguém ou a nada. ("Apego", neste caso, não significa certamente "simpatia" ou "afeição" no sentido em que essas palavras são usadas na linguagem
moderna.) "Apego", no sentido budista (e evangélico) da palavra significa um sentimento
mesquinho, egoísta e ignóbil. Não é em absoluto "amor", uma vez que um homem pode
odiar aquilo a que está apegado, pode tentar libertar-se e não ser capaz de fazer isso. O
"apego" a coisas, pessoas, até ao pai e à mãe, é o principal obstáculo no caminho do
esoterismo.
Mais adiante essa idéia é ainda mais enfatizada.

"Veio ter com ele sua mãe com seus irmãos, e não conseguiram aproximar-se dele,
por causa da multidão.
E foi-lhe comunicado: tua mãe e teus irmãos estão aí fora e desejam ver-te.
E ele respondeu, dizendo-lhes: minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a
palavra de Deus e a põem em prática." (Lucas, 8:19-21.)

Depois disso, Jesus começa a falar, em parábolas, do Reino do Céu. A primeira é a
do semeador.

"E Ele lhes disse muitas coisas em parábolas: Saiu um semeador a semear.
E da semente, parte caiu junto ao caminho, e, vindo as aves, comeram-na.
Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra, e logo brotou,
porque a terra era pouco profunda.
Mas, levantando-se o sol, queimou-a, e, como não tinha raiz, ela secou.

Outra pane caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na.
ovo Modelo do Universo
Mas outra parte caiu em terra boa, e deu fruto, uma cem, outra sessenta, outra trinta.
Quem tiver ouvidos, que ouça." (Mateus, 13:3-9.)

Essa parábola, que contém uma descrição completa e exata da pregação do
esoterismo e de todos os seus resultados possíveis, e tem uma relação direta com a
pregação do próprio Cristo, é quase o núcleo de todas as parábolas.
O significado dessa parábola é perfeitamente claro. Ela se refere, naturalmente, a
idéias esotéricas, a idéias do "Reino do Céu", que são recebidas e compreendidas
apenas por muito poucas pessoas e que, para a imensa maioria, desaparecem sem
deixar nenhum vestígio.
E essa parábola termina também com as palavras: "Quem tiver ouvidos de ouvir,
que ouça".
Na conversa subsequente com os discípulos, Jesus assinala a diferença entre eles e
as outras pessoas.

"Acercando-se deles, disseram-lhe os discípulos: por que lhes falas em parábolas?
E ele lhes respondeu, dizendo: A vós foi dado conhecer os mistérios do céu, mas a
esses não é dado." (Mateus, 13:10,11.)

Esse é o começo das explicações referentes a uma "escola" e aos "métodos de

escola". Como veremos mais tarde, muito do que está dito nos Evangelhos se destina
apenas aos discípulos e só tem sentido numa escola, e só em relação com outros
métodos e exigências da escola. [140]
A propósito disso, Jesus faia de uma lei psicológica e até mesmo cósmica, que
parece incompreensível sem explicações, mas estas não são expostas nos Evangelhos,
embora com certeza tenham sido dadas aos discípulos.

"Porque, ao que tem, mais se lhe dará, e ele abundará; e, ao que não tem, até
mesmo aquilo que tem ser-lhe-á tirado." (Mateus, 13:12.)

Em seguida, Jesus volta às parábolas, isto é, à idéia das parábolas.

"Por isso lhes falo em parábolas, porque, vendo não vêem, e, ouvindo, não ouvem
nem entendem." (Mateus. 13:13.)

E a mesma coisa em Lucas:

"E ele respondeu: a vós foi dado conhecer os mistérios do reino de Deus; aos
outros, só em parábolas, de maneira que vendo, não vejam, e, ouvindo, não entendam.
"(Lucas, 8:10.)
"Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o cotação, para que não vejam com seus
olhos, nem entendam com seu coração, e se convertam, e eu os sane." (Isaías, 6:10;
João, 12:40.)
"Pois endureceu-se o coração deste povo e, com os ouvidos, escutaram mal. e

ovo Modelo do Universo
fecharam os olhos para não verem com os olhos e não ouvirem com os ouvidos e para
não entenderem em seu coração e se converterem de modo que eu os cure.
Vossos olhos, porém, são bem-aventurados, porque vêem, e vossos ouvidos,
porque ouvem!
Pois, em verdade, vos digo: muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes,
e não o viram, e ouvir o que vós ouvis e não o ouviram." (Mateus, 13:15-17.)

O ensinamento através de parábolas era muito característico de Cristo. Renan acha
que não havia nada, na literatura do Judaísmo, que pudesse servir como modelo para
essa forma.
Ele diz:

"É sobretudo na parábola que o mestre se distinguia. Nada do Judaísmo lhe
forneceu um modelo para esse gênero delicioso. Foi ele quem o criou." (38)

Posteriormente, com a assombrosa inconsequência, característica do pensamento
"positivista" do século XIX, e do próprio Renan, ele acrescenta:

"É verdade que encontramos nos livros budistas parábolas exatatnente do mesmo
tom e da mesma composição que as parábolas evangélicas. Mas é difícil admitir que
nisso tenha havido uma influência budista." (39)

De fato. a influência budista nas parábolas está fora de qualquer dúvida. E estas,
mais do que outra coisa, mostram que Cristo estava familiarizado com os ensinamentos
orientais e, em especial, como Budismo. Renan geralmente tenta representar Cristo como
um homem simples, que sentia muito, mas que pensava e sabia pouco. Renan era
apenas expressão do seu próprio tempo e das opiniões da sua época. A qualidade
característica do pensamento europeu é que só podemos pensar de maneira radical. Ou
Cristo é Deus ou é um homem simples. Pela mesma razão, não percebemos [141] as
sutilezas das distinções psicológicas que Cristo introduz nas suas parábolas e nas
explicações delas.
As explicações das parábolas que Cristo dá aos discípulos não são menos
interessantes do que as próprias parábolas.

"Ouvi, pois, vós a parábola do semeador.
A quem ouve a palavra do reino e não a entende, a esse vem o maligno e arrebata—
lhe o que fora semeado no coração: isto é, o que foi semeado junto ao caminho.
O semeado em terreno pedregoso é aqueie que ouve a palavra e desde logo a
recebe com alegria.
Mas não tem raízes em si mesmo, é antes volúvel, e, quando se levanta uma
tormenta ou perseguição por causa da palavra, imediatamente ele se escandaliza.
O semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados do século e a

sedução das riquezas sufocam a palavra, e esta fica sem dar fruto." (Mateus. 13:18-22.)

38 Vie de Jesus, de E. Renan (Nelson éditeurs), pág. 116.
39 Ibid.. pág. 116.
ovo Modelo do Universo

Vem, em seguida, a parábola do joio e do trigo:

"Propôs-lhes ele outra parábola, dizendo: o reino do céu é semelhante a um homem
que semeou em seu campo semente boa.
Mas, enquanto a sua gente dormia, veio o inimigo e semeou o joio entre o trigo e foi-se embora.
Quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu o joio.
Aproximando-se do amo, os criados lhe disseram: senhor, não semeaste semente
boa em teu campo? De onde vem, pois, que haja joio? E ele respondeu-lhes: Isso é obra
do inimigo. Disseram-lhe eles: Queres que vamos e a arranquemos?
E ele lhes disse: Não, para que não suceda que, ao quererdes arrancar o joio,
arranqueis com ele o trigo.
Deixai que ambos cresçam até à ceifa: e, no tempo desta, direi aos ceifeiros: colhei
primeiro o joio e atai-o em feixes para queimá-lo, e o trigo recolhei-o para encerrá-lo no
celeiro." (Mateus, 13:24-30.)

A parábola do semeador e a do joio e do trigo têm muitos sentidos diferentes. Antes
de tudo, trata-se naturalmente de contrastar as idéias esotéricas puras com as idéias
misturadas com o "joio" semeado pelo diabo. Nesse caso, os grãos ou sementes

significam idéias.
Numa passagem, Cristo diz:

"O semeador semeia a palavra." (Marcos, 4:14.)

Noutros casos, uma semente ou grão simboliza o homem.
O "grão" desempenhou importante papel nos Mistérios antigos. A idéia do
"enterramento" da semente na terra, a sua "morte" e "ressurreição" na forma de um broto verde, simbolizava a idéia total dos Mistérios. Há muitas tentativas pseudocientifícas
ingênuas para explicar os Mistérios como um "mito agrícola", isto é, uma sobrevivência
dos antigos rituais "pagãos" de um povo agrário primitivo. Na realidade, a idéia era
evidentemente muito mais ampla e profunda e foi sem dúvida concebida não por um povo
primitivo, mas por uma das civilizações pré-históricas desaparecidas há muito tempo. A
semente representava, de maneira alegórica, o "homem". Nos Mistérios eleusinos, cada
candidato à iniciação levava, num procissão especial, uma semente de trigo num
minúsculo vaso de barro. O segredo revelado a um homem na iniciação estava contido na
idéia de que ele podia morrer simplesmente como uma semente [142] ou ressuscitar de
novo numa outra vida. Era essa a idéia principal dos Mistérios, que se expressava através
de muitos símbolos diferentes. Cristo faz inúmeras vezes uso da mesma idéia, e nela há
um enorme poder. A idéia encerra uma explicação biológica da série completa dos
intrincados e complexos problemas da vida. A Natureza é extremamente generosa, quase

pródiga, nos seus métodos. Cria uma quantidade enorme de sementes para que uma
delas apenas possa germinar e a vida possa continuar. Se o homem é visto como uma
semente, a "cruel" lei que o ensinamento evangélico continuamente enfatiza se torna
compreensível: a grande maioria da humanidade é "palha" que deve ser queimada.
Cristo volta com muita frequência a essa idéia e, nas suas explicações, a idéia perde
a crueldade, porque se torna claro que, na "salvação" ou "perdição" de cada ser humano
ovo Modelo do Universo
nada existe de preordenado ou inevitável, que tanto uma como outra dependem do
próprio homem, de sua própria atitude em relação a si mesmo, aos outros homens e à
idéia do Reino do Céu.
Nas parábolas seguintes, Cristo torna a dar ênfase à idéia e significação do
Esoterismo em relação à vida, à pequena expressão externa do Esoterismo em
comparação com a vida, e, apesar disso, às imensas possibilidades e importância do
Esoterismo e à qualidade particular das idéias esotéricas: que delas se aproxime quem
compreenda e aprecie o seu significado.
Essas breves parábolas sobre o Reino do Céu, cada uma das quais encerra todo o
conteúdo do ensinamento evangélico, são extraordinárias, mesmo que consideradas
simplesmente como obras de arte.

"Outra parábola propôs-lhes eie. dizendo: O reino do céu é semelhante a um grão de
mostarda que um homem toma e semeia em seu campo;

e, sendo a menor de todas as sementes, depois de crescer é a maior de todas as
hortaliças, e chega a tornar-se uma árvore, de sorte que as aves do céu vêm aninhar-se
nos seus ramos.
Outras parábolas disselhes ele: o reino do céu é semelhante ao fermento que uma
mulher toma e põe em três medidas de farinha até que tudo fermente.
Todas essas coisas disse Jesus em parábolas às multidões, e não lhes falava sem
parábolas.
. . . . . .
O reino do céu é semelhante a um tesouro escondido num campo. Quem o encontra
oculta-o e, cheio de alegria, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo.
O reino do céu é também semelhante a um mercador que procura boas pérolas.
e, achando uma preciosa, vai, vende tudo quanto tem e compra-a." (Mateus, 1331—
34, 44-48.)

Na última parábola, há novamente a idéia de separação, a idéia de escolha. Mais
adiante, Cristo diz:

"Assim será na consumação do mundo: sairão os anjos e separarão os maus dos
justos e lançá-los-ão à fornalha de fogo: ali haverá choro e ranger de dentes.
Entendestes tudo isto? Responderam-lhe eles: sim." (Mateus, 13:49-51.)

Mas, aparentemente, os discípulos não compreenderam inteiramente ou

compreenderam de maneira errônea, confundiram a nova interpretação com a antiga,
porque Cristo diz a eles logo depois:

"E ele lhes disse: assim, todo escriba instruído na doutrina do reino do céu é como o
dono de casa que do seu tesouro tira o novo e o velho." (Mateus,13:52.) [143]
Isso se refere a um estudo intelectual do ensinamento evangélico, às tentativas e
interpretação racional, nas quais os elementos das idéias esotéricas estão mesclados
com a estéril dialética escolástica, o novo com o velho.
As parábolas e os ensinamentos seguintes contêm um desenvolvimento dessa

mesma idéia de escolha e prova; só um homem que cria em si mesmo o Reino do Céu
com todas as suas regras e leis pode penetrar no Reino do Céu de Cristo.

"Por isso, o reino do céu se assemelha a um rei que quis tomar conta a seus servos.
Ao começar a toma-las, apresentou-se-lhe um que devia dez mil talentos.
Como ele não tivesse com que pagar, mandou o senhor que fosse vendido, ele, sua
mulher e seus filhos e tudo quanto ele tinha para pagar a dívida.
Então o servo, caindo de joelhos, disse: Senhor, tem paciência comigo e pagar-te-ei
tudo.
Compadecido daquele servo, o Senhor despediu-o, perdoando-lhe a dívida.
Em dali saindo, encontrou-se aquele servo com um de seus companheiros que lhe

devia cem dinheiros, e, agarrando-o, sufocava-o, dizendo: Paga o que me deves.

De joelhos suplicava-lhe o companheiro, dizendo: tem paciência comigo e te

pagarei.

Mas ele se negou, e fê-lo encerrar na prisão até que pagasse a dívida.

Vendo isso, seus companheiros ficaram muito tristes, e foram contarão Senhor tudo

que se passava.

Então o Senhor mandou chamá-lo e lhe disse: servo mau, perdoei-te toda a tua

dívida, porque me suplicaste.

Não devias, pois, também tu compadecer-te de teu companheiro, como eu tive

compaixão de ti?

E, irritado, o senhor entregou-o aos torturadores até que ele pagasse toda a dívida."

(Mateus, 18:23-34.)

Vem, em seguida, a história do jovem rico, das dificuldades e provações, dos

obstáculos criados pela vida, das atrações da vida, do poder da vida sobre as pessoas,

sobretudo as que têm mais posses.

"Disselhe o jovem: tudo isto eu tenho guardado. Que me falta ainda?

Disselhe Jesus: se queres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, dá-o aos pobres, e

terás um tesouro no céu, e vem e segue-me.

Ao ouvir isto, o jovem foi-se embora triste, porque tinha muitos bens.

E Jesus disse a seus discípulos: em verdade vos digo que dificilmente um rico entra

no reino do céu.

De novo vos digo: mais fácil é um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que
um rico no reino do céu." (Mateus, 19:20-24.)

"Rico" também tem, é claro, muitos sentidos diferentes. Antes de tudo, contém a
idéia de "apego", às vezes a idéia de grande conhecimento, grande inteligência, grande
talento, posição, fama. Tudo isso são "riquezas" que fecham a entrada do Reino do Céu.
O apego à religião da Igreja também é "riqueza". Só se um "homem rico" se torna "pobre
em espírito" é que o Reino do Céu se abre para ele.
As passagens seguintes, do Evangelho segundo São Mateus, tratam das diferentes
atitudes em relação às idéias esotéricas.
ovo Modelo do Universo
Algumas pessoas as captam, mas rapidamente as abandonam; outros resistem de
início, mas em seguida as tomam seriamente. São esses os dois tipos de pessoas. Um é
o homem que diz que iria e não foi, e o outro é o homem que diz que não iria e foi. Às
vezes os que não são bem-sucedidos na vida, ou ocupam posição muito inferior na vida,
até mesmo os criminosos do ponto de vista da moral vigente, "os [144] publicanos e as
prostitutas" demonstram ser melhores do ponto de vista do Reino do Céu do que os
homens justos confiantes em si mesmos.

"Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao mais velho, disselhe: Filho, vai hoje trabalhar na vinha.
Ele respondeu: Vou, senhor. Mas não foi.

E, chegando-se ele ao segundo, falou-lhe do mesmo modo, e este respondeu: Não
quero. Mas depois se arrependeu e foi.
Qual dos dois fez a vontade do pai? Responderam-lhe eles: O último. Disse Jesus:
Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes vos precedem no reino de Deus.
Porque veio a vós João peio caminho da justiça, e não crestes nele, ao passo que os
publicanos e as meretrizes creram nele. Porém vós, mesmo vendo isto, não vos
arrependestes depois, crendo nele." (Mateus, 21:28-32.)

Segue-se então a parábola do lavrador e a explicação, na qual se sentem grandes
idéias de ordem cósmica, que possivelmente se referem à sucessão dos ciclos, isto é, à
substituição de uma experiência malsucedida por uma nova experiência. (40) Essa parábola
pode se referir ao conjunto da humanidade e à relação entre o círculo interior e o círculo
exterior da humanidade.

"Ouvi outra parábola: um pai de família plantou uma vinha, rodeou-a, de uma cerca,
cavou nela um lagar, edificou uma torre, arrendou-a a uns vinhateiros e viajou.
Quando se aproximava o tempo dos frutos, enviou ele seus criados aos vinhateiros
para receber os seus frutos.
Porém, os vinhateiros, agarrando os servos, atormentaram um, mataram outro, a
outro apedrejaram.
De novo enviou ele outros servos em maior número do que os primeiros, e eles
fizeram com estes o mesmo.

Finalmente enviou-lhes seu filho, dizendo: Eles respeitarão meu filho.

Porém os vinhateiros, quando viram o filho, disseram entre si: É o herdeiro; ela,

matemo-lo e teremos a sua herança.

E, agarrando-o, arrastaram-no para fora da vinha e o mataram.

Quando, pois. vier o dono da vinha, que fará com estes vinhateiros?

Responderam-lhe eles: Fará perecer de má sorte os malvados, e arrendará a vinha

a outros vinhateiros que lhe entreguem os frutos a seu tempo." (Mateus, 21:3341.)

Vem, em seguida, a mesma idéia da escolha e a das diferentes atitudes dos homens

em relação à idéia do Reino do Céu.

40 Capítulo l, pág. 47.

ovo Modelo do Universo

"O reino do céu é semelhante a um rei que preparou o banquete de bodas de seu

filho. Enviou seus criados para chamar os convidados às bodas, mas estes não quiseram

vir.

De novo enviou outros servos, ordenando-lhes: Dizei aos convidados: minha comida

está preparada: os bezerros e os animais cevados estão monos; tudo está pronto, vinde

às bodas.

Porém eles, desdenhosos, se foram, este para seu campo, aquele para seu negócio.

Outros, agarrando os servos, ultrajaram-nos e os mataram.

Encolerizou-se o rei e, enviando seus exércitos, fez exterminar aqueles assassinos,

e deu às chamas a sua cidade." (Mateus, 22:2-7.)

Segue-se a parábola das pessoas que estão preparadas e das que não estão:

"Depois disse a seus servos: O banquete está preparado, mas os convidados não
eram dignos. Ide. pois, às saídas dos caminhos e todos os que encontrardes chamai-os
para as bodas. [145]
Saíram os servos aos caminhos, e reuniram quantos encontraram, maus e bons, e a
sala de bodas ficou cheia de convidados.
Entrando o rei para ver os que estavam à mesa. viu ali um homem que não trazia
veste nupcial.
E disse-ihe: Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? Ele emudeceu.
Então o rei disse aos seus ministros: atai-o de pés e mãos, e atirai-o às trevas
exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes.
Porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos." (Mateus, 22:8-14.)

Vem depois uma das mais conhecidas parábolas, a dos talentos:

"Pois o reino do céu assemelha-se a um homem que, ao empreender uma viagem,
chamou os servos e lhes entregou os seus bens.
E deu a um cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual segundo a sua
capacidade e se foi.
Logo o que recebera cinco talentos foi-se e negociou com eles e ganhou outros
cinco.

Do mesmo modo. o dos dois talentos ganhou outros dois.

Mas o que recebera um foi-se, fez uma cova na terra e escondeu o dinheiro do seu

amo.

Passado muito tempo, volta o amo daqueles servos e exige prestações de contas.

E, chegando o que recebera os cinco talentos, apresentou outros cinco, dizendo:

Senhor, deste-me cinco talentos; olha. pois, outros cinco que ganhei.

E seu amo lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, constituir-te-ei

sobre o muito; entra no gozo de teu senhor.

Aproximou-se também o que recebera os dois talentos e disse: Senhor, dois talentos

me deste, olha os outros dois que ganhei.

ovo Modelo do Universo

Disselhe seu amo: Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel no pouco, constituir-te-ei

sobre o muito; entra no gozo do teu senhor.

Aproximou-se, por fim, o que recebera um só talento, e disse: Senhor, sei que és

homem duro, que queres colher o que não semeaste e recolher onde não espalhaste.

E, temendo, fui-me embora e escondi teu talento na terra; ei-lo aqui.

Respondeu-lhe seu amo: Servo mau e preguiçoso, como então sabias que eu quero

colher onde não semeei e recolher onde não espalhei?

Devias, pois, ter entregue meu dinheiro aos banqueiros, para que, na minha volta, eu

recebesse o que é meu, com os juros.

Tirai-lhe o talento e dai-o ao que tem dez, porque ao que tem se lhe dará, e ele

abundará; mas a quem não tem, até mesmo o que ele tem ser-lhe-á tirado.

e esse servo inútil lançai-o nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de
dentes." (Mateus, 25:14:30.)

Essa parábola encerra todas as idéias ligadas à parábola do semeador e, além
disso, a idéia da mudança dos ciclos e da destruição das coisas inúteis.
Há, no Evangelho segundo São Marcos, uma interessante parábola, que expõe as
leis pelas quais a influência do círculo interior se exerce sobre a humanidade exterior:

"Dizia ele: o reino de Deus é como um homem que lança a semente na terra e,
quer ele durma, quer vele, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem que
ele saiba como.
Por si mesma dá fruto a terra, primeiro o colmo, depois a espiga, em seguida o trigo
que enche a espiga;
e, quando o fruto está maduro, mete-lhe logo a foice, porque é o tempo da messe."
(Marcos, 4 26-29.)
"E com muitas parábolas como estas propunha-lhes a palavra, segundo podiam
entender, [146]
e não lhes falava sem parábolas; mas aos seus discípulos explicava-as todas à
parte." (Marcos, 4:33-34.)
A continuação dessa idéia da "messe" encontra-se no Evangelho segundo São
Lucas:
"E lhes disse: a messe é grande e os operários são poucos; rogai, pois, ao senhor

da messe que mande operários à sua messe." (Lucas, 10:2-3.)

A mesma idéia é desenvolvida de forma ainda mais interessante no Evangelho
segundo São João:

"O que ceifa recebe o seu salário e recolhe o fruto para a vida eterna, para que se
alegrem juntamente o semeador e o ceifeiro.
Porque nisto é verdadeiro o provérbio: um é o que semeia e outro o que ceifa.
Envio-vos a. ceifar o que trabalhastes; outros trabalharam e vós vos aproveitais do
seu trabalho." (São João, 4:36-38.)
ovo Modelo do Universo

Nas passagens anteriores, em relação à idéia da messe, há alusões a várias leis
cósmicas. A "messe" só pode ocorrer num tempo determinado, quando o trigo está
maduro, e Jesus acentua essa característica especial do tempo da colheita e também a
idéia geral de que nem tudo pode acontecer ao mesmo tempo. Os processos esotéricos
exigem tempo. Momentos diferentes requerem ações diferentes em relação a eles.

"Então chegaram-se a ele os discípulos de João, dizendo: como é que, jejuando nós
e os fariseus, teus discípulos não jejuam?
E Jesus respondeu-lhes: porventura podem os companheiros do noivo chorar
enquanto o noivo está com eles? Chegará, porém, o dia em que o noivo lhes será tirado,
e então eles jejuarão." (Mateus, 9:14-15.)

A mesma idéia do significado diferente de momentos diversos e da possibilidade de
um trabalho esotérico somente em uma ocasião precisa encontra-se no Evangelho
segundo São João:

"É preciso que eu faça as obras daquele que rne enviou, enquanto é dia; vem a noite
quando já ninguém pode trabalhar." (João, 9:4.)

Posteriormente surge a oposição entre a vida corrente e o caminho do Esoterismo. A
vida domina o homem. Mas os que entram no Esoterismo devem esquecer tudo mais.

"Outro lhe disse: Seguir-te-ei, Senhor: mas deixa-me antes despedir-me dos de
minha casa.
Jesus lhe disse: Ninguém que põe a mão sobre o arado e olha para trás é apto para
o reino de Deus." (Lucas, 9:61-62.)

Mais adiante, a mesma idéia é desenvolvida num sentido particular. De modo geral a
vida triunfa. Os meios se transformam em fins. As pessoas desistem das suas grandes
possibilidades por causa do insignificante presente.

"Ele respondeu-lhe: um homem deu um grande banquete e convidou a muitos.
A hora do banquete, enviou seu servo a dizer aos convidados: vinde, pois já está
tudo preparado.
Todos unanimemente começaram a escusar-se. O primeiro disse: comprei um

campo, e tenho de sair para vê-lo; rogo-te me dês por escusado. [147]
Outro disse: comprei cinco juntas de bois, e tenho de ir experimentá-las; rogo me
dês por escusado.
Outro disse: casei e, por isso, não posso ir." (Lucas, 14:16-20.)

No Evangelho segundo São João, a idéia do "novo nascimento" é apresentada como
explicação dos princípios do Esoterismo.

ovo Modelo do Universo
"A menos que um homem nasça outra vez, não poderá ver o reino de Deus." (João,
3:3.)

Vem em seguida a idéia da ressurreição, ressurgimento. A vida sem a idéia do
esoterismo é considerada como morte.

"Assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho, aos
que quer, dá a vida." (João, 5:21.)
"Em verdade, em verdade, vos digo: chega a hora, e é esta em que os mortos
ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a escutarem viverão.
. . . . . .
"Não vos admireis disto, porque chega a hora em que todos os que estão nos
sepulcros ouvirão a sua voz." (João, 5:25, 28.)
"Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a rainha palavra, jamais verá
a morte." (João, 8:51.)

Essas últimas passagens são sem dúvida interpretadas de maneira errônea nos
ensinamentos pseudocristãos existentes.
"Os que estão nos sepulcros" não significa os mortos que estão sepultados na terra,
mas, ao contrário, os que estão vivendo no sentido ordinário, mas estão mortos do ponto
de vista do Esoterismo.
Encontramos essa idéia várias vezes nos Evangelhos em que os homens são
comparados a sepulcros ou túmulos. A mesma idéia é expressa no admirável hino pascal
da Igreja Ortodoxa, mencionado anteriormente. (41)

"Cristo ressuscitou.
Triunfou sobre a morte com a morte,
E deu vida àqueles que estavam sepultados."

"Os que estavam sepultados" são justamente os que são considerados como vivos.
Essa idéia é expressa muito claramente nas Revelações:

"Tens nome de vivo, mas estás morto." (Apocalipse, 3:1.)

A comparação das pessoas com sepulcros ou túmulos é encontrada várias vezes
em Mateus e Lucas:

"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados,
vistosos por fora, mas por dentro cheios de ossos mortos e de toda sorte de imundície!"
(Mateus, 23:27.)
"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que sois como sepulturas que não se

vêem, e que os homens pisam sem o saber!" (Lucas, 11:44.)

41 Capítulo I. pág. 28.
ovo Modelo do Universo

A mesma idéia é desenvolvida posteriormente no Apocalipse. O Esoterismo dá vida.
No círculo esotérico não há morte. [148]

"Quem tiver ouvidos que ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei a
comer da árvore da vida, que está no paraíso de meu Deus.
Quem tiver ouvidos que ouça o que o Espírito diz às igrejas. O vencedor não sofrerá
dano na segunda morte." (Apocalipse, 2:7 e 11.)

A isso se referem também as palavras do Evangelho segundo São João, que
relacionam o ensinamento dos Evangelhos com o ensinamento dos Mistérios:

"Em verdade, em verdade, vos digo, se o grão de trigo não cai na terra, ficará só;
mas, se morrer, dará muito fruto." (João, 12:24.)

No Apocalipse, há algumas palavras extraordinárias, no terceiro capítulo, que
adquirem especial importância quando se relacionam com a significação que o próprio
Jesus sempre deu às palavras "rico" e "pobre", "cego" e "aquele que vê".

"Porque dizes: eu sou rico, enriquecime, e não tenho necessidade de nada, e não

sabes que és um desventurado, um miserável, um indigente, um cego e um nu:
aconselho-te que compres do meu ouro acrisolado pelo fogo, para que te
enriqueças, e vestes brancas para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez,
e colírio para ungir teus olhos a fim de verdes." (Apocalipse, 3:17-18.)

Do "cego" e "aquele que pode ver" Cristo fala no Evangelho segundo São João:

"E Jesus disse: eu vim a este mundo para um juízo, para que os que não vêem
vejam, e os que vêem se tomem cegos.
Ouviram isso alguns fariseus que estavam com ele, e lhe disseram: então também
nós somos cegos?
Disselhes Jesus: se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas agora dizeis: vemos, e
vosso pecado é permanente." (João, 9:39, 41.)

As expressões "cego" e "cegueira" têm em geral vários significados no Novo
Testamento. E é necessário compreender que a cegueira pode ser exterior e física, ou
interior, assim como pode haver a lepra interior, a morte interior — que são muito piores
que as exteriores.
Isso nos leva à questão dos "milagres". Todos os "milagres" — a cura da cegueira,
da lepra, a expulsão dos demônios, o despertar dos mortos — podem ser explicados de
duas maneiras, se compreendermos corretamente a terminologia do Evangelho: seja

como milagres exteriores, físicos, ou como milagres interiores, a cura da cegueira interior,
a purificação interior e a ressurreição interior.
O homem que nasceu cego, e que Jesus curou, usa palavras notáveis quando os
ovo Modelo do Universo
Fariseus e Saduceus tentam convencê-lo de que, do ponto de vista deles, Jesus não tinha
direito de curá-lo.

"Chamaram eles pois, pela segunda vez, o que fora cego, e lhe disseram: Dá glória
a Deus: nós sabemos que esse homem é pecador.
Então ele respondeu: Se ó pecador, não sei: o que sei é que, sendo eu cego agora
vejo" (João, 9:24,25.) [149]

A idéia do milagre interior e da convicção interior do milagre estão ligadas
estreitamente com as palavras precisas de Cristo como o significado do Reino do Céu na
passagem seguinte.

"Interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o Reino de Deus, respondeu Ele
e disse: O reino de Deus não vem ostensivamente.
Nem se poderá dizer: Ei-lo aqui, ou ali, porque o reino de Deus está dentro de vós."
(Lucas, 17:20,21.)

Tudo que foi dito até agora e todas as passagens que foram citadas pertencem a
uma linha de pensamento, que atravessa todo o ensinamento evangélico, a saber, a linha
que desenvolve a idéia do sentido do esoterismo ou do Reino do Céu.

A outra linha que também atravessa todos os Evangelhos trata dos métodos do
trabalho oculto ou de escola. Antes de tudo, mostra o significado do trabalho oculto em
relação com a vida.

"Sigam-me. e Eu os tomarei pescadores de homens." (Mateus, 4:19.)

Essas palavras indicam que o homem que ingressa no caminho do Esoterismo deve
ter em vista que ele tem que trabalhar para o Esoterismo, e trabalhar num sentido muito
preciso, isto é, encontrar pessoas adequadas para o trabalho esotérico e prepará-las para
ele. As pessoas não nasceram no "círculo interior". O círculo interior alimenta o círculo
exterior. Mas somente muito poucas pessoas do círculo exterior são adequadas ao
Esoterismo. Por esse motivo o trabalho de preparar pessoas para o círculo interior, o
trabalho de "pescadores de homens", é uma parte muito importante do trabalho esotérico.
Essas palavras: "Sigam-me e eu os tornarei pescadores de homens", assim como
muitas outras, não podem se referir certamente a todos os homens.

"E eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram." (Mateus, 4:20.)

Logo adiante Jesus diz, dirigindo-se novamente só aos discípulos e explicando o
significado do Esoterismo e o papel e o lugar das pessoas pertencentes a ele:

"Vós sois o sal da terra, mas, se o sal se desvirtuar, com que se salgará? Para nada
então ele aproveita, senão para ser jogado fora, e para que o pisem os homens.
Vós sois a luz do mundo. Não pode ocultar-se a cidade assentada sobre um monte.
Nem se acende uma lâmpada e se põe debaixo de um alqueire, porém no
ovo Modelo do Universo
candelabro, para que alumie todos os que estão na casa.
Assim deve luzir a vossa luz perante os homens, para que. vendo as vossas boas
obras, eles glorifiquem vosso Pai, que está no céu." (Mateus, 5:13-16.)

Depois ele expõe as exigências que são feitas às pessoas que se aproximam do
Esoterismo.

"Porque vos digo que, se a vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus, não
entrareis no reino do céu." (Mateus, 5:20.) [150]

Na interpretação comum dos Evangelhos, essa segunda linha, que se refere só aos
discípulos, é considerada de maneira tão errada como a primeira, que se refere ao Reino
do Céu ou Esoterismo. Tudo o que está contido na primeira linha de pensamento é
considerado, na interpretação comum, como referente à vida futura. E tudo o que está
contido na segunda é considerado ensinamento moral, referindo-se às pessoas de modo
geral. Na realidade, essas são regras para os discípulos.
Também diz respeito aos discípulos tudo o que está dito sobre vigilância, isto é,

sobre atenção constante e a observação que se exige deles.

Essa idéia é encontrada pela primeira vez na parábola das dez virgens.

"Então o reino do céu será semelhante a dez virgens que, tomando as suas
lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.
Cinco delas eram néscias, e cinco prudentes.
As néscias, ao tomarem as lâmpadas, não tomaram consigo azeite.
Ao passo que as prudentes tomaram azeite nas galhetas, juntamente com suas
lâmpadas.
Como o esposo tardava, todas cochilaram e dormiram.
À meia-noite, ouviu-se um clamor: Aí está o esposo, saí ao seu encontro!
Então todas as virgens acordaram e puseram-se a preparar suas lâmpadas.
As néscias disseram às prudentes: Dai-nos azeite do vosso, porque se apagam as
nossas lâmpadas.
Mas as prudentes responderam: Não, porque poderia ser que não bastasse para nós
e para vós: ide, antes, à venda e comprai-o.
Porém, quando cias foram comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam prontas
entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.
Chegaram mais tarde as outras virgens, dizendo: Senhor, senhor, abre-nos.
Porém ele respondeu: Em verdade vos digo, não vos conheço.
Vigiai, pois, já que não sabeis o dia nem a hora." (Mateus, 25:1-13.)

A idéia de que os discípulos não podem saber quando será exigido deles o trabalho
ativo e de que eles devem estar prontos a todo momento está enfatizada nas seguintes
palavras.

ovo Modelo do Universo
"Vigiai, pois, porque não sabeis quando chegará o vosso senhor.
Pensai bem que, se o pai de família soubesse em que vigília viria o ladrão, velaria e
não permitiria arrombar sua casa.
Por isso. deveis também vós estar preparados, porque na hora em que menos
pensardes virá o Filho do Homem." (Mateus, 24:42-44.)

Logo em seguida é mencionado o trabalho do próprio mestre e o fato de ele poder
receber uma ajuda muito pequena, mesmo de seus discípulos.

"Então lhes disse: Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo.
. . . . . .
E, vindo aos discípulos, encontrou-os dormindo, e disse a Pedro: Então não
pudestes vigiar uma hora comigo?
Vigiai e orai para não cairdes na tentação; o espírito está pronto, mas a carne é
fraca.
. . . . . .
Depois veio aos discípulos e lhes disse: Dormi agora e descansai. Já se aproxima a
hora, e o Filho do Homem vai ser entregue em mãos de pecadores." (Mateus. 26:38,40,
41,45.)

Evidentemente é atribuída grande importância à idéia de "vigilância". Ela é repetida
muitas vezes nos Evangelhos. [151]
Em São Marcos:

"Estai alerta, vigiai, porque não sabeis quando será o tempo.
Porque o Filho do Homem é como aquele que, partindo em viagem, ao deixar sua
casa confiou aos servos o poder, a cada qual seu trabalho, e ao porteiro encarregou que
vigiasse.
Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa, se pela tarde, se à meia-noite, ou ao canto do galo, ou de madrugada.
Para que não suceda que, vindo ele de repente, vos encontre dormindo.
O que a vós digo, a todos o digo: Vigiai." (Marcos, 13:33-37.)

Em São Lucas estão novamente acentuadas a necessidade de estar pronto a
qualquer momento e a impossibilidade de saber de antemão.

"Estejam cingidos vossos lombos e acesas vossas lâmpadas.
. . . . . .
Bem-avemurados aqueies servos que o amo achar vigiando. Em verdade vos digo
que ele se cingirá, e os sentará à mesa, e se prestará a servi-los.
Quer chegue à segunda vigília, quer chegue à terceira, se assim os encontrar, bem-aventura-dos são eles.
ovo Modelo do Universo

Vós bem sabeis que, se o dono da casa conhecesse a que hora haveria de vir o
ladrão, velaria, e não deixaria arrombar sua casa.
Estai, pois. prontos, porque à hora que menos pensardes virão Filho do Homem "
(Lucas, 12:35-37-40.)

E, mais adiante:

"Vigiai, pois, em todo tempo e orai, para que possais evitar tudo o que há de vir, e
comparecer perante o Filho do Homem." (Lucas, 21:36.)

Todas as passagens precedentes se referem à "vigilância". Essa palavra tem, no
entanto, muitos sentidos diferentes. É de todo insuficiente compreendê-la no sentido
simples ou habitual — estar preparado. A palavra "vigilância" contém toda a doutrina da
psicologia esotérica, que só é explicada nas escolas ocultas.
Os preceitos de Cristo sobre a vigilância são muito semelhantes aos de Buda sobre
o mesmo assunto. Mas, no ensinamento de Buda, o propósito e significado de vigilância
estão ainda mais claros. Todo o trabalho interior de um "monge" budista se transforma em
vigilância e indica a necessidade do exercício contínuo da vigilância para atingir uma
consciência clara, sobrepujar o sofrimento e alcançar a libertação. (42)
Em seguida a isso, a segunda existência importante das "regras ocultas" é a do
conhecimento e da capacidade de guardar segredos, isto é, o conhecimento e capacidade
de fazer silêncio.

Cristo atribui importância especial a isso, e a exigência do silêncio é repetida, nos
Evangelhos, de forma literal, dezessete vezes (como as palavras só os que têm ouvidos
podem ouvir).

"E ele, estendendo a mão, tocou-o e disse: Quero, sé limpo. E imediatamente ele
ficou limpo da lepra. [152]
Jesus advertiu-o: Olha, não digas a ninguém, porém vai mostrar-te ao sacerdote e
leva a oferta que Moisés mandou, para que lhes sirva de testemunha." (Mateus, 8:3-4.)
"E abriram-se-lhes os olhos. Em tom severo ele os advertiu: olhai que ninguém o
saiba." (Mateus, 9:30.)
"Ao descerem do monte, mandou-íhes Jesus, dizendo: A ninguém deis a conhecer
esta visão até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos." (Mateus, 17:9.)
"Descendo do monte, proibiu-lhes ele contarem a quem quer que fosse o que tinham
visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dos mortos." (Marcos, 9:9.)
"E logo achando-se na sinagoga um homem possuído de um espírito impuro,
começou este a gritar, dizendo: que há entre ti e nós, Jesus Nazareno? Vieste perder-nos? Conheço-te; és o Santo de Deus.
Jesus mandou-lhe: Cala-te, e sai dele." (Marcos, 1:23-25.)
"Havia na sinagoga um homem possuído do Espírito de um demônio impuro, que
gritava em altas vozes:
Ah! que há entre ti e nós, Jesus Nazareno? Vieste perder-nos? Bem sei quem és, o

42 Die Reden Gotamo Buddhos aus der mittleren Sammlung Majjhimanikayo des Pali-Kanons, tradução de Karl Eugen Neumann (R.

Piper & Co., Munique, 1922), vol. I, págs. 122-123 e 634-635.

ovo Modelo do Universo

Santo de Deus.

Jesus increpou-o, dizendo: Cala-te, e sai dele." (Marcos, 1:23-25; Lucas, 4:33-35.)

"Ele curou muitos pacientes de diversas enfermidades, e expulsou muitos demônios

e não permitia aos demônios falarem, porque o conheciam." (Marcos, 1:34.)

"Os demônios saíam também de muitos, gritando e dizendo: Tu és o Filho de Deus.

Porém ele os intimidava, e não os deixava falar, porque conheciam que era ele o

Messias." (Lucas, 4:41.)

"E logo a lepra desapareceu, e ele ficou limpo.

E, advertindo-o, logo o despediu,

dizendo-lhe: Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote, e

oferece pela tua purificação o que Moisés ordenou em testemunho para eles." (Marcos,

1:42-44.)

"Estendendo a mão, ele tocou-o, dizendo: Quero, sê limpo. E logo desapareceu a

lepra.

Recomendou-lhe ele: Não o digas a ninguém, mas vai e mostra-te ao sacerdote, e

oferece por tua purificação o que Moisés prescreveu, para que lhes sirva de testemunho."

(Lucas, 5:13-14.)

"Ao verem-no, os espíritos impuros se prestavam diante dele e gritavam, dizendo: Tu

és o Filho de Deus.

E ele muito os ameaçava que não o dessem a conhecer." (Marcos, 3:11,12.)

"E imediatamente a menina se levantou e pôs-se a andar, pois tinha doze anos, e as

pessoas encheram-se de grande espanto.

Ele recomendou-lhes muito que ninguém soubesse daquilo, e mandou que dessem

de comer à menina." (Marcos, 5:42,4-3.)

"E abriram-se-lhes os ouvidos, e soltou-se-lhe a língua, e ele falava expeditamente.

Recomendou-lhes ele não o dissessem a ninguém. Mas, quanto mais o

recomendava, tanto mais eles o publicavam." (Marcos, 7:35, 36.)

"De novo ele lhe pôs as mãos sobre os olhos, e, ao olhar, ele sentiu-se curado, e via

tudo claramente.

E ele mandou-o para casa, dizendo-lhe: Nem entres primeiro na aldeia." (Marcos,

8:25-26.)

"Perguntou-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo Pedro, disselhe:

Tu és Cristo.

Ele recomendou-lhes que a ninguém dissessem isto dele." (Marcos, 8:29-30.)

"Disselhes ele: e vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo Pedro, disse: o Cristo

de Deus.

Ele proibiu-lhes dizerem isto a quem quer que fosse, acrescentando." (Lucas, 9:20,

21.)

"Então ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Messias."

(Mateus, 16:20.)

A idéia da manutenção dos segredos relaciona-se, no Esoterismo, com a idéia da
conservação da energia. O silêncio, o sigilo, criam um círculo oculto, isto é, um
"acumulador". A idéia disso atravessa todos os sistemas ocultos. A capacidade de manter
ovo Modelo do Universo
silêncio ou de dizer apenas o que é necessário e quando é necessário, é o primeiro grau
de controle de si mesmo. No trabalho de escola a capacidade de guardar silêncio [153] é
um grau definido de realização. A capacidade de guardar silêncio encerra a arte de
ocultar-se, de não se revelar. O "iniciado" sempre está oculto do "não-iniciado", mesmo que este possa iludir-se crendo que vê ou pode ver os motivos e ações do "iniciado".
Este, de acordo com as regras esotéricas, não tem o direito e não deve revelar o aspecto
positivo da sua atividade ou de si mesmo a ninguém, exceto àqueles cujo nível está
próximo do seu, àqueles que já foram testados e mostraram que têm uma atitude e
compreensão justas.

"Estai atentos a não fazerdes vossa justiça diante dos homens, para que vos vejam;
de outro modo. não tereis recompensa diante de vosso Pai, que está no céu.
Quando, pois, deres esmola, não vás tocando a trombeta adiante de ti, como fazem
os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens; em verdade
vos digo que esses já receberam a recompensa.
Quando deres esmola, não saiba a mão esquerda o que faz a direita,

para que a tua esmola seja oculta, e o Pai, que vê o oculto, te premiará.

E, quando orardes, não sejais como os hipócritas. Eles gostam de orar em pé nas

sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens; em verdade vos

digo que esses já receberam a recompensa.

Tu, quando orares, entra em teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai, que está

em oculto; e teu Pai. que vê o oculto, te recompensará.

E, orando, não sejais loquazes como os gentios, que pensam ser escutados por

causa do seu muito falar." (Mateus, 6:1-7.)

Uma das primeiras regras ocultas, um dos principais princípios do trabalho esotérico,

que os discípulos devem aprender, está consubstanciada nas palavras de Cristo:

Não saiba a mão esquerda o que faz a direita.

O estudo do significado teórico e prático desse princípio constitui uma das partes

mais importantes do trabalho de escola, em todas as escolas esotéricas, sem exceção.

Esse elemento de sigilo era muito forte nas comunidades cristãs dos primeiros séculos. E

a exigência do sigilo não se baseava no temor da perseguição, como geralmente se

pensa, mas nas tradições das escolas esotéricas ainda existentes, com as quais

indubitavelmente as comunidades cristãs mantinham contato no início. (43)

Depois disso, surgem conversas com os discípulos, nas quais o que Cristo diz se

refere apenas aos discípulos e não a outras pessoas.

"Então, tomando a palavra, Pedro lhe disse: Visto que nós deixamos tudo e te
havemos seguido, que teremos? [154]

43 "Nada pode ser mais poderoso do que a linguagem dos Padres da Igreja até o século V sobre o cuidado com que a doutrina devia ser mantida secreta. Ela devia ser preservada apenas na memória. O nome Symbolum é usado para isso, e a sua explicação mais provável é que representava urna senha com a qual os cristãos se reconheciam mutuamente. Santo Agostinho diz: 'Porei minha lei no seu coração e a escreverei no seu espírito.' Por conseguinte, aprende-se a Doutrina ouvindo e não escrita em tábuas ou qualquer substância material, mas no coração.

"Não surpreende, pois, que não haja qualquer espécime de uma doutrina até o fim do século II, e, de fato, o mais antigo credo escrito publicamente é aproximadamente do fim do século III." (Extraído da History of the Creeds, de J. R. Lumby, D. D., Deighton Bel &Co.,1887. págs. 2 e 3.)

ovo Modelo do Universo

Jesus lhes disse: Em verdade vos digo que, na regeneração, quando o Filho do
homem se sentai no trono da sua glória, vós, que me haveis seguido, também vos
sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.

E todo aquele que deixar casas ou irmãos ou irmãs, ou pai ou mãe, ou filhos ou
campos, por amor de meu nome, receberá o cêntuplo e herdará a vida eterna.

E muitos primeiros serão os últimos; e os últimos, os primeiros." (Mateus, 19:27-30.)

É também aos discípulos que o início do capítulo seguinte, isto é, a parábola dos

trabalhadores na vinha, se refere.

"Porque o reino do céu é semelhante a um dono de casa que saiu de manhã muito
cedo a fim de ajustar operários para a sua vinha.
Convindo com eles em um dinheiro por dia, enviou-os à sua vinha.
Saiu também à terceira hora e viu outros que estavam ociosos na praça.
Disselhes: Ide também vós para a minha vinha, e dar-vos-ei o que for justo.
E eles foram. De novo saiu por volta da hora sexta e nona e fez o mesmo.
E, saindo perto da hora undécima, encontrou outros que ali estavam, e disselhes:
Como, estais aqui ociosos o dia todo?
Disseram-lhe eles: Porque ninguém nos ajustou. Ele lhes disse: Ide também vós
para a minha vinha.
Chegada a tarde, disse o dono da vinha a seu administrador: Chama os operários e
dá-lhes o salário, desde os últimos até os primeiros.
Vindo os da hora undécima, receberam um dinheiro.
Quando chegaram os primeiros, pensaram que receberiam mais, mas também
receberam um dinheiro.
Ao tomarem-no, murmuravam contra o dono,
dizendo: Estes últimos trabalharam só uma hora, e igualaste-os conosco que
suportamos o peso do dia e o calor.
E ele respondeu a um deles, dizendo-lhe: Amigo, não te faço agravo, não convieste
comigo em um dinheiro?
Toma o que é teu, e vai-te embora. Eu quero dar a este último o mesmo que a ti:

não posso fazer dos meus bens o que quero? Ou hás de ver com mau olho porque
eu seja bom?
Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros, os últimos. Porque muitos são
os chamados e poucos os escolhidos." (Mateus, 20:1-16.)

Mais adiante, há uma passagem interessante, no Evangelho segundo São Lucas,
em que está dito que os discípulos não devem esperar uma recompensa especial pelo
que estão fazendo. É dever deles fazê-lo.

"Quem de vós, tendo um servo arando, ou apascentando o gado, ao voltar ele do
campo lhe diz: Entra logo e senta-te d mesa,
e não lhe diz. antes: Prepara-me a ceia, cinge-te para me servires até que eu coma
ovo Modelo do Universo
e beba, e depois comerás e beberás tu?
Deverá ele gratidão ao servo porque fez o que se lhe ordenara?
Assim também vós, quando fizerdes estas coisas que vos estão mandadas, dizei:
Somos servos inúteis; o que tínhamos de fazer, isso fizemos." (Lucas, 17:7-10.)

Todas essas passagens se referem apenas aos "discípulos". Tendo explicado a
quem está se dirigindo, Jesus, nas passagens seguintes, estabelece sua própria posição
em relação à "Lei", isto é, aos princípios do esoterismo que já eram conhecidos antes a
partir dos ensinamentos dos profetas:

"Não penseis que vim ab-rogar a Lei ou os Profetas; não vim ab-rogá-los, mas
consumá-los." (Mateus. 5:17.) [155]
Essas palavras têm outro sentido. Cristo acentua, de maneira muito precisa, que ele
não era um reformador social e que a sua meta não era mudar as leis antigas e apontar—
lhes os pontos fracos. Ao contrário, ele muitas vezes as acentua e intensifica, isto é, julga
as exigências do Velho Testamento insuficientes, relacionadas apenas com o aspecto
exterior.

"Ouvistes que foi dito: não adulterarás.
Eu, porém, vos digo que todo aquele que olha uma mulher desejando-a, já adulterou
com ela em seu coração." (Mateus, 5:27,28.)

Isso significa naturalmente que os discípulos nunca podiam se justificar por serem
formalmente inocentes em algo, quando interiormente eram culpados.
Em outros exemplos, Jesus, ao comentar as antigas leis, simplesmente repetia ou
reforçava os preceitos sobre a vida, como, por exemplo, as máximas relativas ao divórcio,
que não tinham realmente nenhuma relação com o seu ensinamento, exceto como
indicações da necessidade da verdade interior e da insuficiência da verdade exterior.

"Também foi dito: aquele que repudiar sua mulher dê-lhe libelo de repúdio.
Eu, porém, vos digo que quem repudiar a sua mulher, exceto no caso de fornicação -

expõe-na ao adultério, e aquele que se casa com a repudiada comete adultério."
(Mateus,5:31,32.)

O objetivo, neste caso, era extrair desses preceitos, juntamente com as regras para
os discípulos, um "contexto" que permitisse a Jesus dizer o que pretendia e não podia
dizer sem uma certa apresentação. Assim, as passagens citadas acima, tanto as que
constituem regras para os discípulos quanto as que são preceitos quanto ao divórcio, são
necessárias, nos Evangelhos, só para apresentar os dois versículos seguintes, e, ao
mesmo tempo, afastar a atenção parcialmente desses versículos.

"Se, pois, teu olho direito te escandaliza, arranca-o e atira-o para longe de ti, porque
é melhor para ti que pereça um de teus membros, do que teu corpo todo seja lançado no
inferno.
E, se tua mão direita te escandaliza, corta-a e atira-a para longe de ti, porque melhor
ovo Modelo do Universo
é que pereça um de teus membros, do que teu corpo todo seja lançado no inferno."
(Mateus,5:29,30.)

Esses dois versículos, bem como um do capítulo 19 de São Mateus, provocaram
provavelmente mais incompreensão do que todos os Evangelhos juntos. E eles contêm
realmente dúzias de possibilidades de interpretações errôneas. Para que sejam

corretamente compreendidos psicologicamente, devemos, antes de tudo, separá-los
inteiramente do corpo e do sexo. Eles se referem a diferentes "eus", diferentes
personalidades do homem. Têm simultaneamente outro sentido, oculto ou esotérico, do
qual falarei mais adiante, no capítulo "Sexo e Evolução". Os discípulos podem ter
compreendido o significado dessas palavras, mas, nos Evangelhos, elas certamente ficam
totalmente incompreensíveis. A presença, nos Evangelhos, de preceitos relacionados com
o divórcio também nunca foi compreendida. Eles faziam parte do texto do Novo
Testamento e despertaram inúmeros comentários como palavras autênticas de Cristo. O
apóstolo Paulo e os pregadores seguintes da nova religião basearam nessas passagens
todo um código de lei, recusando-se a ver que elas eram apenas pretextos e não podiam
ter um significado diferente no ensinamento de Cristo. [156]
Ao mesmo tempo, Cristo diz aos discípulos que não basta cumprir a lei. Eles estão
sujeitos a uma disciplina muito mais rígida, baseada em princípios muito mais sutis.

"Porque vos digo que, se a vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus, não
entrareis no reino do céu.
Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas o que matar será réu de juízo.
Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irritar contra seu irmão será réu de
juízo. O que disser "bobo" será réu perante o Sinédrio, e o que lhe disser "louco" será réu

da geena de fogo.
Se, pois, fores apresentar uma oferta perante o altar, e ali te lembrares de que teu
irmão tem algo contra ti,
deixa ali a tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, e
depois volta para apresentar a tua oferta." (Mateus, 5:20-24.)

Depois desta vêm as passagens mais difíceis e perturbadoras dos Evangelhos,
porque só podem ser devidamente compreendidas em conexão com a idéia esotérica.
Mas, de modo geral, são compreendidas como regras morais gerais, que constituem o
que se considera a moralidade e a virtude cristãs. Ao mesmo tempo, toda a conduta
humana contraria essas regras. Os homens não as podem cumprir e nem mesmo
compreender. O resultado é uma quantidade enorme de fraude e de auto-engano. Os
ensinamentos cristãos baseiam-se nos Evangelhos, mas toda a ordem e estrutura da vida
dos cristãos vai de encontro aos Evangelhos.
E, nesse caso, é característico que toda essa hipocrisia e mentira é inteiramente
inútil. Cristo nunca ensinou a todos os homens que não resistissem ao mal, que
oferecessem a face esquerda, quando esbofeteados na direita, e que dessem sua manta
aos que querem lhes tirar a túnica. Essas passagens não constituem, de forma alguma,
princípios morais gerais, e não existe nenhum código de virtudes cristãs. São regras para
os discípulos, e não regras gerais de conduta. Só se pode explicar o verdadeiro

significado dessas regras numa escola oculta. E a chave desse significado se encontra
nas palavras:

Ζεῦ βασιλεῦ,
τὰ μὲν ἐσθλά,
φησί, καὶ εὐχομένοις
καὶ ἀπείκτοις ἄμμι,
δίδου, τὰ δὲ δεινὰ
καὶ εὐχομένοις
ἀπαλέξαι
κελεύει

ovo Modelo do Universo
"Sede, pois, perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito." (Mateus, 5:48.)

Em seguida vêm as explicações:

"Ouviste o que foi dito: olho por olho e dente por dente.
Eu, porém, vos digo: Não resistais ao malvado: e, se alguém te esbofetear na face
direita, dá-lhe também a outra;
e ao que litigar contigo para te tirar a túnica, deixa-lhe também o manto." (Mateus, 5:
3840.)
"A quem te pede dá e a quem quer de ti emprestado, não lhe voltes as costas.
Ouvistes o que foi dito: Amará o teu próximo e odiaras o teu inimigo.
Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem,
para que sejais filhos de vosso Pai, que está no céu, o qual faz nascer o sol sobre
maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos.
Pois, se amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Também não fazem
isso os publícanos?" (Mateus, 5:42-46.)

"Sede, pois, perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito." (Mateus, 5:48.) [157]

Cada uma dessas passagens forma o conteúdo de um ensinamento especial,

complexo e prático. Esses ensinamentos práticos, em conjunto, constituem um sistema

oculto ou esotérico de preparação e educação de si baseado em princípios

desconhecidos fora das escolas ocultas.

Nada pode ser mais inútil e ingênuo do que um esforço para compreender o seu

conteúdo sem uma instrução adequada.

Depois disso, vem a oração dada por Cristo, que sintetiza todo o conteúdo do

ensinamento evangélico e pode ser considerada como uma sinopse dele, o Pai-nosso. Já

mencionamos as deturpações do texto dessa oração. A origem da oração é

desconhecida, mas no Alcebíades Segundo, de Platão, Sócrates cita uma oração que se

assemelha muito ao Pai-nosso e é muito provavelmente a sua forma original. Pensa-se

que tal oração seja de origem pitagórica.

"Zeus, o Rei, dai-nos tudo o que é bom, peçamos ou não, mas ordena que tudo o

que é mau nos deixe, mesmo quando o buscamos em ti." (44)

A semelhança é tão evidente que não requer comentário.

Essa oração citada por Sócrates explica um ponto incompreensível no Pai-nosso, a

saber, a palavra "mas" colocada depois de "não nos induza em tentação, mas livrai-nos

do mal". Esse mas chama a atenção para uma continuação da frase que existia antes,

mas que foi tirada da oração do Evangelho. Essa continuação, que foi omitida, "mesmo
que as peçamos (coisas más) a vós" explica o "mas" na sentença anterior.
Vêm, em seguida, as regras interiores, de novo para os discípulos, as regras que
não podem se aplicar a todos.

44

(Platão,
Alcebiades II, 143A).
ovo Modelo do Universo
"Por isso vos digo: não vos inquieteis por vossa vida sobre o que haveis de comer,
nem por vosso corpo sobre o que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e
o corpo mais do que o vestido?
Olhai as aves do céu; não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros, e
vosso Pai celeste as alimenta. Não valei vós mais do que elas?
Quem de vós, com suas preocupações, pode acrescentar à sua idade um côvado
sequer?
E com o vestido, por que vos preocupais? Olhai os lírios do campo como crescem:
não se fatigam nem fiam.
Digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.
Pois, se a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo. Deus assim
a veste, muito mais não fará ele convosco, homens de fé mesquinha?
Não vos preocupeis, pois, dizendo: que havemos de comer, que havemos de beber,

com que nos havemos de vestir?
Por tudo isso se afligem os gentios; porém vosso Pai celeste bem sabe que de tudo
isso necessitais.
Buscai, pois, primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo isso vos seiá dado de
acréscimo.
Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã: porque o dia de amanhã já terá as
suas próprias inquietações; a cada dia basta a sua pena." (Mateus, 6:25-34.)

Mais adiante vêm as regras que governam as relações dos "discípulos" entre si, que
nada têm a ver novamente com todos os homens. [158]
"Não julgueis, para não serdes julgados,
porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida que
medirdes ser-vos-á medido.
Como vês a palha no olho de teu irmão, e não vês a trave no teu? Ou como ousas
dizer a teu irmão: deixa que eu tiie a palha do teu olho, tendo tu uma trave no teu?
Hipócrita: tira primeiro a trave do teu olho, e então tratarás de tirar a palha do olho do
teu irmão." (Mateus, 7:1-5.)

A tendência geral da interpretação habitual é, de novo, ver essas passagens como
regras da moralidade cristã e, ao mesmo tempo, considerá-las como um ideal inatingível.
Cristo, no entanto, era muito mais prático; não ensinava coisas inexequíveis. As
regras dadas por ele se destinavam a ser levadas a cabo, mas não por todos, só pelos

que, cumprindo-as, pudessem tirar delas proveito e só para os que podiam pô-las em
prática.
Há uma interessante semelhança entre certas passagens bem conhecidas dos
Evangelhos e alguns trechos dos livros budistas.
Por exemplo, no Catecismo budista, há as seguintes palavras:

"É fácil ver as faltas alheias, mas as nossas é muito difícil ver; o homem alardeia as
faltas do vizinho, mas oculta as suas, como o impostor, no jogo, oculta os dados ruins." (45)

45 The Buddhist Catechism, 1915. pág. 49, de Henry S. Olcott.

милость
милый
слабость
слабый
хилость
хилый
милый
милость

ovo Modelo do Universo

No capítulo nono de Mateus, fala-se da direção do trabalho oculto e de seus
princípios básicos. O primeiro deles é que devemos nos tornar conscientes do que
necessitamos. Enquanto não sentirmos uma necessidade do esoterismo, este não poderá
ser útil e existir para nós.

"E ele, que os ouviu, disse: Os sãos não têm necessidade de médico, senão os
enfermos." (Mateus, 9:12.)

Em seguida, vêm palavras muito significativas:

"Ide e aprendei o que significa: 'Misericórdia quero e não sacrifícios', porque não vim
para chamai os justos, porém os pecadores." (Mateus, 9:13.)

E, noutro lugar, Jesus diz:

"Se entendêsseis o que significa 'Prefiro a misericórdia ao sacrifício', não
condenaríeis os inocentes." (Mateus, 12:7.)

As interpretações habituais estão muito distantes do significado verdadeiro dês-sãs
passagens. A causa disso reside no fato de que não compreendemos o que significa
"misericórdia", isto é, não compreendemos o que significa a palavra, que se traduz nas
línguas europeias como mercy, miséricorde, Barmherzigkeit. Essa palavra tem um sentido
muito diferente que nos escapa. Mas a etimologia da palavra russa
, se a
derivarmos da palavra
(como
de
e
de
), dá alguma idéia
do coneto significado possível desta palavra e das passagens onde [159] ocorre. A palavra
não pode ser plenamente traduzida para o português. Muitas vezes significa
querido. Se pudéssemos cunhar a palavra "queridade", ela estaria muito próxima de

, isto é, da palavra traduzida por misericórdia. Mais adiante, as seguintes
passagens se referem às regras ocultas:

"Naquele momento, aproximaram-se de Jesus os discípulos, dizendo: Quem será o
maior no reino do céu?
Chamando uma criança, ele colocou-a no meio deles, e disse: Em verdade vos digo,
se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, não entrareis no reino do
céu." (Mateus, 18: 1-3.)

As passagens seguintes têm uma significação oculta muito grande. Mas se referem
a princípios e não a regras.

"Então foram-lhe apresentadas umas crianças para que lhes impusesse as mãos e
orasse; e, como as repreendessem os discípulos,
disselhes Jesus: Deixai as crianças e não as estorveis de se aproximarem de mim,
porque delas é o reino do céu." (Mateus, 19:13,14.)

ovo Modelo do Universo
Passagens referentes às crianças repetem-se nos outros Evangelhos.

"Sentando-se, ele chamou os doze, e lhes disse: Se alguém quiser ser o primeiro,
que seja o último de todos e o servidor de todos.
E, tornando uma criança, colocou-a no meio deles, e, abraçando-a, disselhes:
Quem recebe uma destas crianças em meu nome, a mim me recebe, e quem a mim me

recebe não é a mim que recebe, senão àquele que me enviou." (Marcos, 9:35-37.)

"Também lhe apresentavam as crianças para que as tocasse; vendo isso, os
discípulos os repreendiam.
Jesus chamou-as a si. dizendo: Deixai vir a mim as criancinhas, e não as afasteis,
pois delas é o reino de Deus.
Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança, não
entrará nele." (Lucas, 18:15-17.)

Todas essas passagens estão cheias do mais profundo sentido, mas novamente se
destinam apenas aos discípulos. No caminho do trabalho de escola um homem adulto e
rico de experiência deve tomar-se em pouco tempo como uma criança. Deve aceitar a
autoridade de outros homens que sabem mais do que ele. Tem de confiar neles e
obedecer-lhes, e esperar a sua ajuda. Deve compreender que, sozinho, sem a sua
orientação, nada pode fazer. Deve sentir-se uma criança em relação a eles. Deve dizer—
lhes toda a verdade e nunca esconder coisa alguma deles. Deve compreender que não
deve julgá-los. E tem de usar todos os seus poderes e todos os esforços para poder
ajudá-los. Enquanto o homem não ultrapassar essa etapa, enquanto não for como uma
criança, enquanto não sacrificar os resultados da sua experiência de vida, nunca entrará
no círculo interior, isto é, no "Reino do Céu". Para Cristo, a "criança" era um símbolo do
discípulo.

A relação do discípulo com o mestre é a mesma do filho com o pai e de uma criança
com um adulto. Nesse sentido, o fato de Cristo sempre se chamar de filho e a Deus de pai
adquire uma nova significação.
Os discípulos de Jesus discutiam entre si com frequência. Um dos assuntos
permanentes de suas conversas era: Qual deles era o maior; e Jesus sempre condenava
essas disputas do ponto de vista dos princípios e regras ocultos. [160]

"Porém, Jesus, chamando-os a si, lhes disse: Vós sabeis que os príncipes das
nações as subjugam, e que os grandes imperam sobre elas.
Assim não há de ser entre vós; pelo contrário, aquele que entre vós quiser chegar a
ser gran-de, seja vosso servidor." (Mateus, 20:25,26.)

Às vezes essas disputas quanto ao que era maior assumiam um caráter
verdadeiramente trágico. Uma vez Jesus falou aos seus discípulos de sua próxima morte
e ressurreição.

"Saindo dali, atravessaram eles de largo da Galiléia, não querendo de que se
soubesse.
Porque ia ensinando os discípulos, e lhes dizia: O Filho do Homem será entregue
em mãos dos homens, e hão de matá-lo, e, morto, ressuscitará depois de três dias.
ovo Modelo do Universo
E eles não entendiam essas coisas, mas temiam perguntar -lhe.

Vieram a Cafarnaum. E, estando em casa, perguntava-lhes ele: Que era que
discutíeis em caminho?
Eles se calaram, porque no caminho haviam discutido entre si sobre quem seria o
maior." (Marcos, 9:30-34.)

No Evangelho segundo São Lucas, há uma interessante explicação da palavra
"próximo", que é cheia de sentido oculto. Essa palavra é geralmente entendida num
sentido equivocado, como qualquer homem ou aquele com quem temos relações. Essa
interpretação sentimental da palavra "próximo" está muito distante do significado
evangélico.

"E eis que se levantou um doutor da Lei para o tentar e disse: mestre, que farei para
alcançar a vida eterna?
Disselhe ele: Que está escrito na Lei? Como lês?
Ele respondeu, dizendo: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda
a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente, e ao próximo como a ti
mesmo.
E ele lhe disse: Respondeste bem. Faze isto. e viverás.
Querendo justificar-se, ele perguntou a Jesus: E quem é meu próximo?
Tomando Jesus a palavra, disse: Descia um homem de Jerusalém a Jericó, e caiu
em poder de ladrões, que. depois de o despojarem e ferirem, se foram, deixando-o
semimorto.
Por casualidade, desceu um sacerdote pelo mesmo caminho e, vendo-o, passou de

largo.
Igualmente um levita, passando por aquele lugar, também o viu e passou adiante.
Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou a ele e, vendo-o, moveu-se de
compaixão, aproximou-se, atou-lhe as feridas, derramando nelas azeite e vinho; fê-lo
montar em sua própria cavalgadura, conduziu-o à estalagem e tomou cuidado dele.
Pela manhã, tirando dois dinheiros, deu-os ao estalajadeiro e disse: Cuida dele e o
que gastares a mais, na volta eu te pagarei.
Quem destes três te parece ter sido próximo daquele que caiu em poder dos
ladrões?
Ele respondeu: O que fez com ele misericórdia. Respondeu-lhe Jesus: Vai-te, e faze
tu o mesmo." (Lucas, 10:25-37.)

A parábola do "bom samaritano" mostra que "próximo" não é qualquer homem como
geralmente interpreta o Cristianismo sentimental. Os ladrões que o saquearam e feriram,
o sacerdote que, tendo-o visto, passou ao largo, o levita que chegou e o viu e também
passou de lado, não são sem dúvida "próximos" do homem que foi ajudado pelo
samaritano. O samaritano tomou-se seu próximo ao ajudá-lo. Se também tivesse passado
ao largo, como os outros, não teria sido seu próximo. Do ponto de vista esotérico, os
próximos de um homem são os que o ajudam ou podem ajudá-lo nos seus esforços de
conhecer as verdades esotéricas ou de entrar em contato com o trabalho esotérico. [161]

Ao lado da linha das regras ocultas do Novo Testamento, podemos ver a
condenação implacável da pseudo-religiãto.
ovo Modelo do Universo

"Hipócritas! Bem profetizou de vós Isaías, quando disse:
'Este povo me honra com os lábios, mas o coração está longe de mim'." (Mateus,
15:7, 8.)

Em seguida, vem uma quantidade de observações mordazes e sarcásticas, que,
infelizmente, são tão válidas nos nossos dias quanto na época de Cristo:

"Deixai-os: são guias cegos; se um cego guia outro cego, ambos cairão na cova."
(Mateus, 15:14.)

Após uma conversa muito cáustica com os fariseus e saduceus, Jesus diz:

"Jesus lhes disse: Vede bem de vos guardardes do fermento dos fariseus e
saduceus." (Mateus, 16:6.)

Mas essa advertência foi esquecida quase antes da morte de Cristo. Em São Lucas,
a mesma advertência é feita, só que ainda com maior clareza:

"Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é hipocrisia." (Lucas, 12:1.)

Este capítulo é seguido por outro que trata inteiramente da pseudo-religião,

mostrando todas as suas características, manifestações, efeitos e resultados.

"Então Jesus falou às multidões e a seus discípulos, dizendo: Na cátedra de Moisés
sentaram os escribas e os fariseus.
Fazei, pois, e guardai o que eles vos disserem, mas não os imiteis nas obras, porque
eles dizem e não fazem.
Atam pesadas cargas e põem-nas nos ombros dos outros, mas eles nem com um
dedo querem movê-las.
Todas as suas obras eles as fazem para serem vistos pelos homens. Alargam suas
tiras de pergaminho e alongam as franjas.
E gostam dos primeiros assentos nos banquetes, e das primeiras cadeiras nas
sinagogas. e das saudações nas praças, e de serem chamados rabbi, pelos mestres.
Porém vós não vos façais chamar rabbi, porque um só é vosso Mestre, e todos vós
sois irmãos.
Nem chameis pai a ninguém da terra, porque um só é vosso Pai, aquele que está no
céu.
Nem vos façais chamar doutores, porque um só é vosso doutor, Cristo.
O maior de vós seja vosso servidor.
Aquele que se exaltar será humilhado, e o que se humilhar será exaltado.
Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que fechais aos homens o reino do céu!
ovo Modelo do Universo
Nem entrais vós, nem permitis entrar os que queriam entrar.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que percorreis mar e terra para fazer um só
prosélito, e, depois de feito, o fazeis filho da geena duas vezes mais do que vós!"
(Mateus, 23:1-15.)

"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da menta, do anis e
do cominho, e não vos preocupais com o mais grave da Lei: a justiça, a misericórdia e a
boa fé! Bem seria fazer aquilo, mas sem omitir isto.
Guias cegos, que vos engasgais com um mosquito e engolis um camelo." (Mateus,
23:23-24.) [162]
Noutro lugar, encontram-se outras notáveis palavras relacionadas com isto:

"Ai de vós, doutores da Lei, que vos apoderastes da chave da ciência; não entrastes
e estorvastes aos que vinham entrando." (Lucas, 11:52.)

O que é mais notável na história de Jesus é que o seu ensinamento, depois de tudo
o que ele disse, tornou-se, como todos os outros ensinamentos do mundo, a fonte de
pseudo-religiões.
Os "escribas" e "fariseus" se apropriaram do seu ensinamento e, em seu nome,
continuam a fazer exatamente o que faziam antes.
A crucificação de Cristo é um símbolo. Ocorre sem cessar, sempre e em toda parte.
Essa deveria ser considerada a parte mais trágica da história de Cristo, se não fosse
possível supor que ela também faça parte do plano geral, e que a capacidade dos

homens de deturpar e adaptar tudo ao seu próprio nível não tenha sido calculada e
pesada.
Nos Evangelhos, há menção a essa deturpação do ensinamento. Segundo a
terminologia evangélica, isso é "escândalo".

"E ao que escandalizar um destes pequeninos que crêem em mim, mais lhe valeria
que lhe pendurassem ao pescoço uma mó de atafona e o atirassem no fundo do mar.
Ai do mundo por causa dos escândalos! Porque não pode deixar de haver
escândalo; mas ai daquele por quem o escândalo vier." (Mateus, 18:6, 7 .)" (46)

O "escândalo", isto é, a "sedução" ou "corrupção" é, sem dúvida, antes de tudo, a deturpação das verdades esotéricas, a distorção dos ensinamentos dados ao povo, contra
a qual, acima de tudo, Cristo se revoltou e lutou.

A parábola do mordomo infiel, do capítulo 1 6 do Evangelho segundo São Lucas,
suscita geralmente muitas questões e mal-entendidos.

"Dizia ele ainda aos discípulos: havia um homem rico que tinha um mordomo. E este
foi acusado de lhe dissipar a fazenda.

46 A palavra "escândalo" é a tradução da palavra grega «iwíoAo»; na Igreja eslava e na russa, essa palavra é traduzida como "sedução", que é a mais próxima do sentido da palavra grega. Outras traduções possíveis são "corrupção", "desencaminhamento", "engano". Desse modo, para compreender o (exto português e' necessário substituir

a palavra "escândalo" pela palavra "sedução" ou "corrupção", e "escandalizar" por "seduzir"' ou "corromper". O sentido torna-se então claro.

ovo Modelo do Universo

Ele chamou-o e lhe disse: Que é isso que ouço de ti? Dá conta da tua administração,

porque já não poderás gerir meus negócios.

E disse para si o mordomo: Que farei, pois meu amo me tira a mordomia? Cavar não

posso, de mendigar tenho vergonha.

Já sei o que hei de fazer para que, quando ele me destituir da mordomia, me

recebam em suas casas.

Chamando cada um dos devedores de seu amo, disse ao primeiro: Quanto deves a

meu amo?

Disse este: Cem batos de azeite. E ele lhe disse: Toma tua caução, senta-te

imediatamente e escreve cinquenta.

Depois disse a outro: E tu, quanto deves? Disse aquele: Cem coros de trigo. Disselhe ele: Toma tua caução e escreve oitenta. [163]

O amo louvou o mordomo infiel por ter procedido com tino, pois os filhos deste

século são mais avisados no trato com os seus semelhantes do que os filhos da luz.

E eu vos digo: Com as riquezas injustas fazei para vós amigos, para que, quando

estas acabarem, eles vos recebam nos eternos tabernáculos.

Aquele que é fiel no pouco, também é fiel no muito; e aquele que no pouco é infiel,

também é infiel no muito.

Se vós, pois, não fordes fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as riquezas

verdadeiras?

E, se no alheio não fordes fiéis, quem vos dará o vosso?" (Lucas, 16:1-12.)

Como se deve compreender essa parábola? Essa pergunta levanta toda uma série
de outras em relação à interpretação das passagens do Evangelho em geral. Sem entrar
em pormenores, pode-se dizer que a compreensão das passagens difíceis pode basear-se algumas vezes em passagens contíguas ou próximas delas pelo sentido, embora muito
distantes delas no texto; outras vezes pode basear-se na compreensão da "linha de
pensamento" a que pertencem e ainda outras nas passagens que expressam a feição
inversa da idéia e muitas vezes parecem não ter nenhuma ligação lógica com a primeira.
No caso presente, com relação à parábola do mordomo infiel, pode-se dizer logo que
ela se relaciona com os princípios ocultos, isto é, com as regras do trabalho esotérico.
Mas isso não basta para compreendê-la. Há algo estranho nessa exigência de falsidade,
de fraude.
Essa exigência só começa a se tornar compreensível quando consideramos a
natureza da falsidade que é exigida. O mordomo reduz os débitos dos devedores do seu
amo, "perdoa" uma pane de suas dívidas, e por isso o amo depois o louva.
Não é o "perdão dos pecados"? Na passagem imediatamente depois do Pai-nosso,
Jesus diz:

"Porque, se perdoardes a outros as suas faltas, também perdoará a vós vosso Pai

celeste. Mas, se não perdoardes aos homens, vosso Pai também não vos perdoará
vossos pecados." (Mateus, 6:14,15.)

Geralmente essas passagens são compreendidas como recomendação para que as
pessoas perdoem aqueles que pecaram contra elas. Mas, na verdade, isso não é dito de
modo algum. O que está dito é simplesmente "perdoar os pecados das pessoas". E se
ovo Modelo do Universo
entendermos literalmente a passagem, como está escrita, a parábola do mordomo infiel
começará a ser mais compreensível. Nessa parábola, é recomendado perdoar os
pecados das pessoas, não os pecados contra nós, mas todos os seus pecados, sejam
quais forem.
Pode surgir a pergunta sobre como podemos perdoar os pecados dos outros,
pecados que não têm nenhuma relação conosco. A parábola do mordomo infiel dá uma
resposta.
Podemos fazer isso por meio de determinada prática ilegal, por meio de uma
falsificação de "faturas", isto é, por meio de uma alteração intencional daquilo que vemos.
Noutras palavras, podemos, por assim dizer, perdoar os pecados dos outros, imaginando—
os como melhores do que realmente são.
Essa é uma forma de falsidade que o ensinamento evangélico não só não condena,
mas efetivamente aprova. Por meio de tal falsidade um homem se garante contra certos
perigos, "adquire amigos", e com a força dessa falsidade prova merecer confiança. [164]

Um desenvolvimento muito interessante da mesma idéia, sem relação com a
parábola do mordomo infiel, encontra-se nas Epístolas de Paulo. Na verdade, muitas das
suas afirmações paradoxais são uma expressão dessa idéia. Paulo compreendeu que
"perdão dos pecados" não trará nenhum proveito aos "devedores do amo", ainda que o traga para aquele que sinceramente os perdoa. Exatamente do mesmo modo "amar os
inimigos" não trará vantagem para os inimigos, mas, ao contrário, será a mais cruel
vingança.
Pelo contrário, "se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de
beber; pois, assim fazendo, amontoais brasas ardentes sobre a sua cabeça". (Romanos,
12:20.)
A dificuldade é que deve ser amor sincero. Se um homem "ama os seus inimigos"
para amontoar brasas ardentes sobre a sua cabeça, certamente amontoará brasas
ardentes na sua própria cabeça.
A idéia da parábola do mordomo infiel, isto é, a idéia da vantagem de ver as coisas
como se fossem melhores do que são, entra também nas bem conhecidas afirmações de
Paulo quanto ao "poder" e "regras".

"Cada qual esteja submetido às autoridades superiores, pois não há autoridade
senão por Deus, e, as que há foram por Deus ordenadas.
De sorte que quem resiste à autoridade resiste à disposição de Deus. Os que a ela
resistem atraem sobre si a condenação.

Porque os magistrados não inspiram temor quando se faz o bem, mas quando se faz
o mal. Queres viver sem temor à autoridade? Faze o bem, e terás sua aprovação.
Porque ela é para ti ministro de Deus para o bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois
não é em vão que ela traz a espada. É ministro de Deus, vingador para castigo do que
pratica o mal.
É, pois, preciso submeter-se não só por temor do castigo, mas por consciência.
Por isso também pagais os tributos, porque são ministros de Deus quando
constantemente se ocupam com este serviço.
Pagai a tocos o que lhes compete: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto;
a quem temor, temor; a quem honra, honra." (Romanos, 13:1-7.)

Jesus também disse uma vez: "Dai, portanto, a César o que é de César." Mas nunca
ovo Modelo do Universo
disse que César é Deus. Aqui a diferença entre Cristo e Paulo, entre o que é esotérico e o
que, ainda que muito elevado, é humano, torna-se particularmente clara. Na idéia da
parábola do mordomo infiel não há nenhuma auto-sugestão. Paulo introduz a auto-sugestão; esperava-se que os seus seguidores acreditassem em "faturas falsificadas".
O sentido da parábola do mordomo infiel torna-se ainda mais claro, se encontramos
as passagens que encerram o lado oposto da mesma idéia.
São as passagens que falam da blasfêmia contra o Espírito Santo. Elas contém o

lado oposto da idéia expressa na parábola do mordomo infiel, porque falam não do que as
pessoas podem obter, mas do que podem perder e de que modo.

"Por isto vos digo: todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens, porém a
blasfêmia contra o Espírito Santo não lhes será perdoada.
Quem falar contra o Filho do Homem será perdoado; mas quem falar contra o
Espírito Santo não será perdoado nem neste século nem no futuro." (Mateus, 12:31.32.)
"Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos homens, os pecados e mesmo as
blasfêmias que proferirem; [165] quem blasfemar, porém, contra o Espírito Santo, jamais
terá perdão, mas é réu de eterno pecado." (Marcos, 3:28. 29.)
"A quem disser uma palavra contra o Filho do Homem, isso lhe será perdoado; mas,
ao que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado." (Lucas, 12:10.)
"O homem bom, do seu bom tesouro, tira coisas boas, mas o homem mau. do seu
mau tesouro, tira coisas más.
E eu vos digo que de toda palavra ociosa que os homens falarem terão de dar conta
no dia do juízo." (Mateus, 12:35, 36.)

Qual é a ligação entre essas passagens e a parábola do mordomo infiel? O que se
entende por blasfêmia contra o Espírito Santo? Por que não se deve perdoar essa
blasfêmia? E o que é o Espírito Santo?
O Espírito Santo é o que é bom em todas as coisas. Em cada objeto, em cada

homem, em cada acontecimento, há algo bom, não num sentido filosófico e místico, mas
no sentido mais simples, psicológico e quotidiano. Se não vemos esse algo bom, se
condenamos tudo irrevogavelmente, se ele busca e vê apenas o lado mau, se é incapaz
de ver o lado bom das coisas e das pessoas, isso então é blasfêmia contra o Espírito
Santo. Há diferentes tipos de homens. Uns são capazes de ver o lado bom mesmo onde
haja muito pouco. Às vezes tendem até a exagerá-lo para si. Outros, ao contrário, tendem
a ver tudo pior do que na realidade é, são incapazes de ver algo bom. Antes de tudo,
sempre e em tudo, encontram algo mau, sempre começam com suspeita, acusação,
calúnia. Isso é a blasfêmia contra o Espírito Santo. Essa blasfêmia não é perdoada; isso
significa que ela deixa um traço muito profundo na natureza interior do próprio homem.
Geralmente, na vida, as pessoas consideram a maledicência de maneira muito
leviana, desculpam-na com extrema facilidade em si e nos outros. A maledicência
constitui metade das suas vidas, ocupa metade dos seus interesses. As pessoas
caluniam sem se dar conta do que estão fazendo e automaticamente não esperam outra
coisa a não ser maledicência dos outros. Respondem à maledicência alheia com
maledicência e tentam apenas se prevenir contra ela. Uma tendência à maledicência, que
se torna especialmente notada, é chamada espírito crítico ou perspicácia. Os homens não
compreendem que até a maledicência comum diária é o começo da blasfêmia contra o

Espírito Santo. Não é por outra razão que o Diabo representa o caluniador. O trecho do
Evangelho que diz que eles terão que prestar contas mesmo de cada palavra ociosa no
dia do juízo soa tão estranho e incompreensível aos homens, porque eles não
ovo Modelo do Universo
compreendem que mesmo uma pequena calúnia é o começo da blasfêmia contra o
Espírito Santo. Não compreendem que mesmo toda palavra ociosa permanece e que,
caluniando tudo ao seu redor, podem de modo não intencional tocar em algo que
pertença a uma ordem diferente de coisas e se verem encadeados à roda da eternidade
no papel de um pequeno e impotente caluniador.
Assim, a idéia da calúnia que não será perdoada ao homem se relaciona até com a
vida comum. A calúnia deixa um traço mais profundo neles do que pensam os homens..
Mas a calúnia tem um sentido especial no trabalho esotérico, e Cristo indicou esse
sentido.

"E a quem disser uma palavra contra o Filho do Homem, isso lhe será perdoado;
mas, ao que blasfemar contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado nem neste
século nem no futuro." [166]
Essas notáveis palavras querem dizer que a calúnia e a blasfêmia dirigida contra
Cristo pessoalmente podem ser perdoadas. Mas como chefe de uma escola, como mestre
de uma escola, não podia perdoar a blasfêmia dirigida contra a escola, contra a idéia do
trabalho de escola, contra a idéia do esoterismo.

Essa forma de blasfêmia contra o Espirito Santo permanece com o homem para
sempre.
A parábola do mordomo infiel se refere à criação da tendência contrária, isto é, de
ver o Espírito Santo ou o "lado bom" mesmo onde ele seja muito pequeno, e, desse
modo, de aumentar o bom em si mesmo e liberar-se dos "pecados", isto é, do "mau".
O homem encontra o que procura. Quem procura o mau encontra o mau; quem
procura o bom encontra o bom.

"Um homem bom, do seu tesouro, tira coisas boas, mas o homem mau, do seu mau
tesouro, tiia coisas más."

Ao mesmo tempo, nada é mais perigoso do que compreender essa idéia de Cristo
de maneira literal ou sentimental e começar a ver o "bom" onde, de forma alguma, ele
existe.
A idéia de que em cada objeto, homem e acontecimento há algo bom só é correta
em relação às manifestações normais e naturais. Essa idéia não pode ser igualmente
conveniente em relação às manifestações anormais e antinaturais. Não pode haver
nenhum Espírito Santo na blasfêmia contra o Espírito Santo; e há coisas, pessoas e
acontecimentos que são, pela sua própria natureza, blasfêmia contra o Espírito Santo. A
justificação delas é a blasfêmia contra o Espírito Santo.
Uma grande dose de mal na vida ocorre justamente porque as pessoas, temerosas

de cometer um pecado ou de não parecerem bastante generosas e de mente
suficientemente aberta, justificam o que não é digno de justificação. Cristo não era
sentimental, nunca teve receio de dizer uma verdade desagradável e não teve medo de
agir. A expulsão dos cambistas do templo é uma alegoria muito expressiva, mostrando a
atitude de Cristo para com a "vida", que tenta levar o próprio templo a servir os seus fins.

"Entrou Jesus no templo de Deus e expulsou dali todos quantos vendiam e
compravam nele, e derrubou as mesas dos cambistas e os assentos dos vendedores de
pombas,
ovo Modelo do Universo
dizendo-lhes: escrito está: 'Minha casa será chamada casa de oração', porém vós a
converteis em covil de ladrões." (Mateus, 21:12-13.)

Resta mencionar duas idéias, que são muitas vezes associadas ao ensinamento
evangélico e que lançam uma luz igualmente errônea sobre os princípios e sobre o
próprio Cristo.
A primeira idéia é que o ensinamento do Evangelho não se aplica à vida terrena, que
Cristo não construiu nada na Terra, que toda a idéia do Cristianismo é preparar o homem
para a vida eterna, para a vida além do limiar da morte.
E a segunda idéia é que o ensinamento cristão é excessivamente idealista para o
homem e, portanto, impraticável, que Cristo foi um poeta e filósofo nos seus sonhos, mas

que a dura realidade não pode assentar nesses sonhos e não os pode seriamente levá-
los em conta. [167]
Mas ambas as idéias são errôneas. Cristo ensinou não para a morte, mas para a
vida, mas o seu ensinamento nunca abrangeu nem jamais podia abranger a totalidade da
vida. Nas suas palavras, sobretudo em suas parábolas, continuamente surgem muitas
pessoas que ficam totalmente fora das suas idéias: todos os reis, homens ricos, ladrões,
sacerdotes, levitas, servos dos ricos, mercadores, escribas e fariseus, *etc.* E essa vasta e
absurda vida, com a qual o seu ensinamento não tem nenhuma relação, era, aos seus
olhos, a Riqueza, que não se pode servir ao mesmo tempo que se serve a Deus.
E Cristo nunca foi um "poeta" ou "filósofo" teórico. O seu ensinamento não é para todos, mas é estritamente prático em todos os seus pormenores. Ê prático, antes de tudo,
porque não é para todos. Muitas pessoas são incapazes de extrair algo de seu
ensinamento, salvo idéias inteiramente falsas, e para elas Cristo não tinha nada a dizer.

1911-1929
[168]
ovo Modelo do Universo

Capítulo V - O Símbolismo do Tarô I

*

Na literatura ocultista ou simbólica, isto é, na literatura baseada no reconhecimento
da existência do conhecimento oculto, há um fenômeno de grande interesse.
É o Tarô.

O Tarô é um baralho que ainda é usado no sul da Europa para jogar e ler a sorte.

Difere muito pouco dos baralhos comuns, que são baralhos de Tarô reduzidos. Têm os

mesmos reis, rainhas, ases, dez, *etc.*

As cartas do Tarô foram conhecidas desde o fim do século XIV, quando já existiam

entre os ciganos espanhóis. Foram as primeiras cartas que apareceram na Europa.

Há diversas variações do Tarô, com diferentes números de cartas. Considera-se que

a reprodução mais exata do Tarô é o chamado "Tarô de Marselha".

Esse baralho consiste de 78 cartas. Destas, 52 são cartas comuns com o acréscimo

de uma carta "ilustrada" em cada naipe, a saber, o "Cavaleiro", colocada entre a Rainha e

o Valete. Isso perfaz 56 cartas divididas em quatro naipes, dois pretos e dois vermelhos,

ou seja: Paus, Copas (corações), Espadas e Pentagramas ou discos (diamantes).

Há, além disso, 22 cartas numeradas com nomes especiais que estão fora dos

quatro naipes.

1. O Prestidigitador
12. O Enforcado
2. A Grande Sacerdotisa
13. A Morte

3. A Imperatriz

14. A Temperança (Tempo)
4. O Imperador
15. O Diabo
5. O Hierofante

16. A Torre

6. Tentação

17. A Estrela

7. A Carroça

18. A Lua

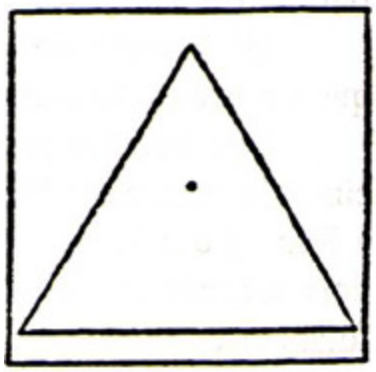
8. Justiça
19. O Sol
9. O Eremita
20. O Dia do Julgamento
10. A Roda da Fortuna

21. O Mundo

11. Força

0. O Louco

O baralho de cartas do Tarô, de acordo com a lenda, representa um livro hieroglífico
egípcio, com 78 lâminas, que chegaram até nós de um modo miraculoso.
Sabe-se que, na Biblioteca de Alexandria, além de papiros e pergaminhos, havia
muitos desses livros, que consistiam muitas vezes de um grande número de tabuinhas de
argila ou de madeira. [169]
Em relação à história posterior das cartas do Tarô, dizem que, no início, elas eram
medalhões impressos com desenhos e números, depois lâminas metálicas, cartas de
couro, e, finalmente, cartas de papel.
Exteriormente, o Tarô é um maço de cartas, mas, no seu significado interno, é algo



ovo Modelo do Universo
completamente diferente. É um "livro" de teor filosófico e psicológico, que pode ser lido de
muitas maneiras diferentes.
Darei um exemplo de uma interpretação filosófica da idéia total ou do conteúdo geral
do Livro do Tarô, seu título metafísico, por assim dizer, que mostrará ao leitor de modo

claro que esse "livro" não poderia ter sido arquitetado pelos ciganos incultos do século

XIV.

O Tarô divide-se em três partes.

1ª parte — 21 cartas numeradas de l a 21.

2ª parte — uma carta numerada 0.

3ª parte — 56 cartas, isto é, quatro naipes de 14 cartas cada um.

A segunda parte é um elo entre a primeira e a terceira, porque todas as 56 cartas da

terceira parte juntas são consideradas iguais à carta numerada zero. (47)

Imaginemos as 21 cartas da primeira parte dispostas na forma de um triângulo, com

sete cartas de cada lado; no centro do triângulo, um ponto representado pela carta zero (a

segunda parte), e o triângulo inscrito num quadrado formado pelas 56 cartas (a terceira

parte), 14 de cada lado do quadrado. Temos agora uma representação da relação

metafísica entre Deus, o Homem e o Universo, ou entre (1) o mundo numénico (ou mundo

objetivo), (2) o mundo psíquico do homem, e (3) o mundo fenomênico (ou mundo

subjetivo), isto é, o mundo físico.

Fig. 4

O triângulo é Deus (a Trindade) ou o mundo numénico.

O quadrado (os quatro elementos) é o mundo visível, físico ou fenomênico.

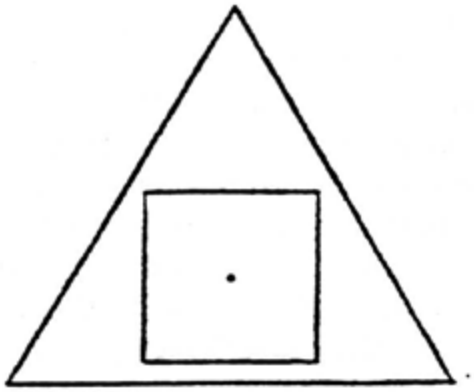
O ponto é a alma do homem, e ambos os mundos estão refletidos na alma do

homem.

O quadrado é igual ao ponto. Isso significa que todo o mundo visível está contido na

consciência do homem, isto é, é criado na alma do homem e é a representação dele. E a
alma do homem é um ponto que não tem nenhuma dimensão, no centro do triângulo do
mundo objetivo.
É claro que tal idéia não poderia ter surgido entre pessoas ignorantes e que o Tarô é
mais do que um jogo de cartas e um baralho de cartomancia.
É possível expressar também a idéia do Tarô na forma de um triângulo, no qual está
inscrito um quadrado (o universo material), dentro do qual está inscrito um ponto (o
homem). [170]

47 Saint Martin (O Filósofo Desconhecido), filósofo e místico francês do século XVIII, chamou o seu principal livro de Tableau Naturel des Rapports qui existent entre Dieu, l'Homme et l'Univers. A obra compreende 22 capítulos que representam comentários sobre as 22
principais cartas do Taro.



ovo Modelo do Universo

Fig. 5

É muito interessante tentar determinar o objetivo, o propósito e aplicação do livro do

Tarô.

Antes de tudo, é necessário observar que o Tarô é uma "máquina filosófica", que,

em sua significação e possível aplicação, tem muito em comum com as máquinas

filosóficas que os filósofos da Idade Média buscavam e tentaram inventar.

Há uma hipótese segundo a qual a invenção do Tarô é atribuída a Raymond Lully,

filósofo e alquimista do século XIIl e autor de muitos livros ocultistas e místicos, que, na

verdade, propôs, em seu livro Ars Magna um esquema de uma "máquina filosófica". Com

o auxílio dessa máquina era possível formular perguntas e receber respostas. Ela

consistia de círculos concêntricos com as palavras designando as idéias dos diferentes

mundos dispostas dentro deles numa certa ordem. Quando determinadas palavras eram

colocadas numa posição exata, umas em relação às outras, para a formulação de uma

pergunta, outras palavras davam a resposta.

O Tarô tem muito em comum com essa "máquina". No seu propósito, é uma espécie

de ábaco filosófico.

(a) permite colocar em diversas formas gráficas (como o triângulo, o ponto e o

quadrado acima citados) idéias que são difíceis, senão impossíveis, de formular em

palavras.

(b) é um instrumento da inteligência, um instrumento que pode servir para o

treinamento da capacidade de combinação, *etc.*

(c) é uma ferramenta para o exercício da inteligência, para acostumá-la aos

conceitos novos e mais amplos, para pensar num mundo de dimensões superiores e para
compreender os símbolos.

O sistema do Tarô, no seu sentido mais profundo, mais amplo e mais variado, está
para a metafísica e o misticismo na mesma relação que um sistema de notação decimal
ou outra qualquer está para a matemática. O Tarô poderá ser apenas uma tentativa para
criar tal sistema, mas mesmo assim é interessante.
Para conhecer o Tarô, é necessário estar familiarizado com a idéia da Cabala, da
Alquimia, da Magia e da Astrologia.
De acordo com a opinião muito plausível de vários comentadores do Tarô, ele é uma
sinopse das ciências herméticas com as suas diversas subdivisões, ou uma tentativa de
uma tal sinopse. [171]
Todas essas ciências constituem um único sistema de estudo psicológico do homem
nas suas relações com o mundo dos númenos (com Deus, com o mundo espiritual) e com
o mundo dos fenômenos (com o mundo físico visível).
As letras do alfabeto hebraico e as várias alegorias da Cabala, os nomes dos metais,
dos ácidos e sais na Alquimia, os nomes dos planetas e constelações na Astrologia, os
nomes dos espíritos bons e maus na Magia, tudo isso nada mais era do que uma
ovo Modelo do Universo
linguagem oculta convencional para as idéias psicológicas.
O estudo aberto da Psicologia, sobretudo no seu sentido mais amplo, era

impossível. A tortura e a fogueira estavam reservadas aos investigadores.

Se nos aprofundarmos ainda mais nas épocas passadas, veremos ainda mais temor

em todas as tentativas de estudo do homem. Como era possível em meio a toda

escuridão, ignorância e superstição daqueles tempos falar e agir abertamente? O estudo

livre da Psicologia está sob suspeita mesmo em nossa época, que é considerada

esclarecida.

A verdadeira essência das ciências herméticas estava, por isso, oculta por trás dos

símbolos da Alquimia, da Astrologia e da Cabala. Entre estas, a Alquimia adotou como

meta exterior a preparação de ouro ou a descoberta do elixir da vida; a Astrologia e a

Cabala, a adivinhação; e a Magia, a subjugação dos espíritos. Mas, quando o alquimista

autêntico falava da busca do ouro, falava da busca do ouro na alma do homem. E, ao

falar do elixir da vida, falava da busca da vida eterna e dos caminhos da imortalidade.

Nesses casos, dava o nome de "ouro" ao que nos Evangelhos é chamado Reino do Céu

e, no Budismo, Nirvana. Quando o astrólogo verdadeiro falava das constelações e

planetas, se referia a constelações e planetas na alma do homem, isto é, a propriedades

da alma humana e suas relações com Deus e o mundo. Quando o cahalista legítimo

falava do Nome de Deus, ele buscava esse Nome na alma do homem e da Natureza, e

não nos livros mortos, não nos textos bíblicos, como os cabalistas escolásticos. Quando o

verdadeiro mago falava da subjugação dos "espíritos", elementais e outros à vontade do homem, compreendia isso como a submissão a uma única vontade dos diferentes "eus" do homem, de seus diversos desejos e tendências. A Cabala, a Alquimia, a Astrologia e a Magia são sistemas simbólicos paralelos de Psicologia e Metafísica.

Oswald Wirth, num de seus livros, (48) fala, de modo muito interessante, da Alquimia:

"A Alquimia estuda, na verdade, metalurgia metafísica, isto é, as operações que a Natureza opera nos seres vivos; a mais profunda ciência da vida estava oculta aqui sob estranhos símbolos...

"Mas essas idéias imensas teriam queimado cérebros que eram demasiadamente limitados. Nem todos os alquimistas eram autênticos. A ganância atraiu para a Alquimia homens que visavam ao ouro, alheios a qualquer esoterismo; eles compreendiam tudo literalmente e suas loucuras muitas vezes não conheciam limites.

"Dessa fantástica cozinha de charlatães vulgares resultou a química moderna. Mas os filósofos verdadeiros, dignos desse nome, amantes ou amigos da sabedoria, cuidadosamente separaram o sutil do grosseiro, com cuidado e previsão, como exigia a Tábua de Esmeralda, de Hermes Trismegistos, isto é, rejeitavam o significado pertencente à letra morta e conservavam apenas o espírito secreto da doutrina.

"Nos nossos dias, confundimos o sábio com o insensato e rejeitamos

completamente tudo que não tem o selo oficial." [172]

O estudo do Nome de Deus nas suas manifestações constitui a base da Cabala.

"Jeová", em hebraico, é escrito com quatro letras, Yod, He, Vau e He. A essas quatro

letras foi dada uma significação simbólica. A primeira expressa o princípio ativo, a

iniciativa; a segunda, o princípio passivo, a inércia; a terceira, o equilíbrio, "forma"; e a quarta, o resultado ou energia latente. Os cabalistas afirmam que cada fenômeno e cada

objeto está constituído desses quatro princípios, isto é, cada objeto e cada fenômeno

constitui-se do Nome Divino. O estudo desse nome (em giego, o Tetragrama ou a palavra

de quatro letras) e a constatação da sua presença em tudo é a meta principal da filosofia

48 L Tmposition dês mains et Ia médecine philosophale. Paris. Chamuel Editor, 1897, págs. 146-147.

ovo Modelo do Universo

cabalística.

Qual é o significado real disso?

De acordo com os cabalistas, os quatro princípios permeiam e compõem todas as

coisas. Portanto, constatando a presença desses quatro princípios nas coisas e nos

fenômenos de categorias completamente distintas, entre as quais antes não percebera

nada em comum, o homem começa a ver a analogia entre essas coisas. E, pouco a

pouco, se convence de que tudo no mundo é construído de acordo com as mesmas leis,

segundo o mesmo plano. De certo ponto de vista, o enriquecimento do intelecto e o seu

crescimento consiste num aumento da sua capacidade de encontrar analogias. O estudo
da lei das quatro letras ou do Nome de Jeová pode, portanto, constituir um meio para
alargar a consciência. A idéia é muito clara. Se o Nome de Deus está realmente em tudo
(se Deus está presente em tudo), então tudo devia ser análogo a todas as coisas, a
menor parte deveria ser análoga ao todo, o grão de poeira análogo ao Universo e tudo
análogo a Deus. "Tanto em cima, como embaixo."
A filosofia especulativa chega à conclusão de que o mundo inegavelmente existe,
mas que a nossa concepção dele é falsa. Isso significa que as causas das nossas
sensações, que estão fora de nós, realmente existem, mas que a nossa concepção
dessas causas é falsa. Ou, dizendo doutro modo, que o mundo em si mesmo, isto é, o
mundo mesmo, sem a nossa percepção dele, existe, mas não o conhecemos nem
podemos alcançá-lo, porque tudo que é acessível ao nosso estudo, isto é, todo o mundo
de fenômenos ou manifestações, é apenas a nossa percepção do mundo. Estamos
cercados pelas paredes de nossas próprias percepções e não podemos ver através dessa
parede o mundo real.
O propósito da Cabala é o estudo do mundo como é, do mundo em si mesmo. As
outras ciências "místicas" têm exatamente o mesmo objetivo.
Na Alquimia, os quatro princípios que constituem o mundo são chamados os quatro
elementos. São o fogo, a água, o ar e a terra, que correspondem exatamente, no seu

significado, às quatro letras do nome de Jeová.

Na Magia, os quatro elementos correspondem a quatro categorias de espíritos: os espíritos do fogo, da água, do ar e da terra (os elfos, os gênios das águas, os silfos e os gnomos).

Na Astrologia, os quatro elementos correspondem, de maneira muito remota, aos quatro pontos cardeais, o Leste, o Sul, o Oeste e o Norte, que, por sua vez, servem às vezes para designar várias divisões do ser humano.

No Apocalipse, eles são as quatro bestas, uma com cabeça de touro, a segunda com a cabeça de leão, a terceira com cabeça de águia e a quarta com a cabeça de homem.

E todos reunidos são a Esfinge, a imagem dos quatro princípios incorporados num só. [173]

O Tarô é, por assim dizer, uma combinação de Cabala, Alquimia, Magia e Astrologia.

Os quatro princípios das quatro letras do Nome de Deus, ou os quatro elementos alquímicos, ou as quatro categorias de espírito, ou as quatro divisões do homem (as quatro bestas do Apocalipse) correspondem aos quatro naipes do Tarô: paus, copas, espadas e pentagrama.

Cada naipe, cada lado do quadrado, que, como um todo, é igual ao ponto, representa um dos elementos ou comanda uma das quatro categorias de espíritos. Paus são o fogo ou os elfos, copas são a água ou os gênios das águas, espadas são o ar ou os silfos e pentagrama são a terra ou os gnomos.

Além disso, em cada naipe o Rei representa o primeiro princípio ou o fogo; a Rainha,
ovo Modelo do Universo
o segundo ou água; o Cavaleiro, o terceiro ou o ar; e o Pajem (Valete), o quarto princípio
ou a terra.
O ás também significa fogo; o dois, água; o três, o ar; o quatro; a terra. O quarto
princípio, então, reunindo em si os três primeiros, se converte no começo de um novo
quadrado. O quatro se converte no primeiro princípio; o cinco, no segundo; o seis, no
terceiro; e o sete, no quarto. Depois, o sete é outra vez o primeiro princípio; o oito, o
segundo; o nove, o terceiro; e o dez, o quarto, completando assim o último quadrado.
Os naipes pretos (paus e espadas) representam as qualidades ativas, a energia, a
vontade, a iniciativa; e os naipes vermelhos (copas e pentagramas) expressam as
qualidades negativas e a inércia. Nesse caso, os primeiros dois naipes, paus e copas,
representam o bom, isto é, as condições favoráveis ou as relações amistosas, e os dois
últimos, espadas e pentagramas, representam o mau, isto é, as condições desfavoráveis
ou as relações hostis.
Desse modo, cada uma das 56 cartas representa algo ativo ou passivo, bom ou
mau, que provém ou a vontade do homem ou que chega a ele do exterior. Além disso, o
significado de cada uma das cartas se complica de modos diferentes pela combinação do
significado simbólico dos naipes e dos números. As 56 cartas juntas apresentam, por

assim dizer, um quadro completo de todas as possibilidades da vida do homem. Esse é o
princípio em que se baseia o uso do Tarô para a adivinhação.
Mas a significação filosófica do Tarô é incompleta sem as 22 cartas ou o "Arcano
Maior". Essas cartas têm primeiro uma significação numérica e, em seguida, um
significado simbólico muito complicado. Consideradas em seu aspecto numérico, as
cartas formam triângulos equiláteros, quadrados e figuras similares, que têm diferentes
significações, de acordo com as cartas que os compõem.

A literatura dedicada ao Tarô consiste, na sua maior parte, de uma interpretação das
ilustrações simbólicas das 22 cartas. Muitos autores de livros místicos modelaram suas
obras seguindo o plano do Tarô. Seus leitores, no entanto, muitas vezes nem suspeitam
disso, uma vez que nem sempre o Tarô é mencionado.
Já me referi ao livro do "Filósofo Desconhecido", Saint Martin, Tableau Naturel des
Rapports qui existent entre Dieu, l'Homme et l'Univers.

"É justamente no Tarô, diz um dos modernos seguidores de Saint Martin, que o
Filósofo Desconhecido encontrou o misterioso elo que liga Deus, o Homem e o Universo."
[174]
O Dogma e ritual da alta magia, (49) de Éliphas Lévi(1853), é escrito também
obedecendo ao plano do Tarô. A cada uma das 22 cartas Éliphas Lévi dedicou dois
capítulos, um na primeira parte e outro na segunda. Éliphas Lévi se refere ao Tarô em

seus outros livros Historiada magia (50) A chave dos grandes mistérios, (51) O grande arcano,
(52) e outros.
Os comentadores do Tarô sempre se referem à História da magia, de Christian (em
francês, 1854). Esse livro dá uma interpretação astrológica das 56 cartas.
Há, além disso, livros de Guaíra com estranhos títulos alegóricos: Au seuil du
mystère, Lê temple de Satan, e La clef de la magie noire. O primeiro desses livros é uma
introdução, o segundo é dedicado às primeiras sete cartas de 1 a 7 (das 22), o terceiro às

49 Publicado pela Editora Pensamento, São Paulo.
50 Publicado pela Editora Pensamento, São Paulo.
51 Publicado pela Editora Pensamento, São Paulo.
52 Publicado pela Editora Pensamento, São Paulo.

segundas sete cartas, enquanto o quarto, que deveria ter completado esse comentário
pormenorizado do Tarô, não apareceu.
As obras de Oswald Wirth, que restaurou as cartas do Tarô e publicou, além disso,
vários livros dedicados ao simbolismo hermético e maçónico, oferecem um material
interessante para o estudo do Tarô.
Em inglês há livros de A. Waite, que oferecem breves comentários sobre o Tarô tal
como foi impresso na Inglaterra e fornece uma pequena bibliografia de obras sobre ele.
Também se encontra algum material para o estudo do Tarô nos trabalhos de Bourgeat,
Decrespe, Pickard e do tradutor inglês da Cabala, Macgregor Mathers.

O ocultista francês, "Dr. Papus", tem dois livros especialmente dedicados ao Tarô
(Tarot des bohémiens e Tarot divinatoire). E, em seus outros livros, também há
numerosas referências e indicações sobre o Tarô, embora elas sejam obscurecidas por
uma grande quantidade de fantasia vulgar e de pseudomisticismo.
Naturalmente essa lista não inclui toda a literatura relacionada com o Tarô. Deve-se
levar em conta também que a bibliografia do Tarô nunca pode ser completa, uma vez que
a informação mais valiosa e as chaves para a compreensão do Tarô devem encontrar-se
nas obras sobre Alquimia, Astrologia e Misticismo em geral, cujos autores possivelmente
nem sequer pensaram no Tarô ou tampouco o mencionaram. Assim, por exemplo, para a
compreensão do quadro do homem, como é apresentado pelo Tarô, a Theosophia
Practica, de Gichtel (século XVII) e sobretudo os desenhos desse livro, oferecem muito
material. O livro de Poisson, Théories et Symboles des alchimistes, é útil para a
compreensão dos quatro símbolos do Tarô.
Há referências ao Tarô, nos livros de H. P. Blavatsky, tanto em A doutrina secreta (53)
como em Isis Unveiled, e há razões para crer que Blavatsky atribuía grande importância
ao Tarô. Na publicação teosófica que apareceu durante a vida de Blavatsky (Tfieosophical
Siftings) havia dois artigos anónimos sobre o Tarô, num dos quais se dava muita ênfase
ao elemento fálico contido no Tarô.
Mas, falando de modo geral sobre a literatura a respeito do Tarô, o seu

conhecimento decepciona, do mesmo modo que o conhecimento da literatura oculta e,
especialmente, da teosófica, porque toda essa literatura promete demais em comparação
com o que dá. [175]
Cada um dos livros citados contém algo interessante sobre o Tarô. Mas, ao lado do
material valioso e interessante, há uma grande quantidade de tolices, que é característica
de toda a literatura "oculta" em geral, isto é, há, em primeiro lugar, uma pesquisa
puramente escolástica do significado da letra; em segundo lugar, conclusões
demasiadamente precipitadas, encobrindo com palavras o que o próprio autor não
compreendeu, passando por altos problemas difíceis, especulações incompletas, e,
finalmente, uma complexidade desnecessária e construções assimétricas. Os livros do
"Dr. Papus", que era, no seu tempo, o comentador mais popular do Tarô, são
especialmente ricos em tudo isso.
No entanto, o próprio Papus diz que toda a complexidade indica a imperfeição de um
sistema. Afirma: "A Natureza é muito sintética nas suas manifestações, e a simplicidade
se encontra na base de seus fenômenos exteriormente mais complicados". Isso é, sem
dúvida, inteiramente correto, mas justamente essa simplicidade é a que falta em todas as
explicações do sistema do Tarô.
Por essa razão, mesmo um estudo suficientemente cuidadoso de todas essas obras
não leva o leitor muito longe na compreensão do sistema e do simbolismo do Tarô, e não

dá nenhuma indicação sobre a aplicação prática do Tarô como uma chave da Metafísica
ou da Psicologia. Todos os autores que escreveram sobre o Tarô exaltaram esse sistema

53 Publicado pela Editora Pensamento, São Paulo.
ovo Modelo do Universo
e o chamaram a Chave Universal, mas não ensinaram como se deve utilizar essa chave.
Apresentarei aqui alguns extratos das obras dos autores que tentaram explicar e
interpretar o Tarô e sua idéia.
Éliphas Lévi diz, na sua obra mencionada anteriormente, Dogma e Ritual: (54)

"A chave universal das obras mágicas é a de todos os antigos dogmas religiosos, a
chave da Cabala e da Bíblia, a Pequena Chave de Salomão.
Agora, essa pequena chave, tida como perdida por séculos, foi recuperada por nós,
e pudemos abrir os sepulcros do mundo antigo para fazer falar os mortos, contemplar os
monumentos do passado em todo seu esplendor, compreender os enigmas de cada
esfinge e penetrar em todos os santuários.
Entre os antigos, o uso dessa chave não era permitido a não ser aos altos
sacerdotes, e mesmo assim seu segredo estava reservado á nata dos iniciados...
Agora essa era a chave em questão: um alfabeto hieroglífico e numérico, que
expressava através de caracteres e números uma série de idéias universais e absolutas...
A tétrade simbólica, representada nos Mistérios de Mênfis e Tebas pelas quatro

formas da esfinge — homem, águia, leão e touro — correspondia aos quatro elementos
do mundo antigo (água. ar, fogo e terra)...
Agora esses quatro signos, com todas as suas analogias, explicam a palavra única
oculta em todos os santuários... Além disso, a palavra sagrada não era pronunciada: era
escrita e expressa em quatro palavras, que são as quatro palavras sagradas - Yod, He,
Vau, He.
O Tarô é uma máquina verdadeiramente filosófica, que impede que a mente
vagueie, deixando, em compensação, que ela fique livre e com iniciativa; é a matemática
aplicada ao Absoluto, a aliança do positivo com o ideal, uma loteria de pensamentos tão
exatos como os números, talvez a concepção mais simples e grandiosa do gênio humano.
Uma pessoa encarcerada, que não tivesse outro livro a não ser o Tarô, se soubesse
como usá-lo, poderia, em poucos anos, adquirir um conhecimento universal e poderia
falar de todos os assuntos com inigualável sabedoria e inesgotável eloquência." [176]
P. Chrístian, em sua História da magia, (55) descreve (referindo-se a Jâmblico) o ritual
de iniciação aos Mistérios Egípcios, em que quadros semelhantes aos 22 Arcanos do
Tarô representavam um papel.

"O iniciado vê uma extensa galeria, sustentada por cariátides na forma de vinte e
quatro esfinges, doze de cada lado. Em cada trecho de parede entre duas esfinges há
pinturas em afresco, representando figuras c símbolos místicos. Esses vinte e dois

quadros estão de frente um para o outro aos pares....

Enquanto passa pelos vinte e dois quadros da galeria, o iniciado recebe instruções

do sacerdote. ...

Cada arcanum, que cada um desses quadros torna visível e tangível, é uma fórmula

da lei da atividade humana em sua relação com as forças espirituais e materiais, cuja

combinação produz os fenômenos da vida."

54 Transcendental Magic, its Doctrin and Ritual, traduzida, anotada e com uma introdução por Arthur Edward Waite, Londres, 1923, págs. 462,479,480.

55 Histoire de la magie du monde surnaturel et de la fatalité à travers les tempset les peuples, de P. Christian, págs. 112-113 (Paris, Furne, Jouvet & Cie., editores).

ovo Modelo do Universo

A propósito disso, devo salientar que, no simbolismo egípcio acessível ao estudo,

não há realmente qualquer vestígio das 22 cartas do Tarô. Desse modo, temos que

aceitar em confiança a afirmação de Christian e admitir que, como ele diz, isso se refere

às "criptas secretas no templo de Osíris", das quais não permaneceu absolutamente

nenhum traço e com as quais esses monumentos egípcios que foram preservados têm

pouco em comum.

Podemos dizer o mesmo a respeito da índia. Não há nenhum vestígio das 22 cartas

do Tarô, isto é, do Arcano Maior, nas pinturas ou esculturas hindus.

Oswald Wirth, em seu livro O simbolismo hermético, (56) fala da linguagem dos

símbolos de maneira muito interessante:

"Sempre podemos estudar um símbolo de um número infinito de pontos de vista; e
cada pensador tem o direito de descobrir no símbolo um novo significado correspondente
à lógica de suas próprias concepções.

O fato é que os símbolos se destinam justamente a despertar idéias adormecidas
em nossa consciência. Eles suscitam um pensamento por meio de sugestão e, desse
modo, fazem com que a verdade que permanece oculta nas profundezas de nosso
espírito se manifeste.
Para que os símbolos possam falar, é essencial termos em nós os germes das
idéias, cuja revelação constitui a missão dos símbolos. Mas nenhuma revelação é
possível, se a mente está vazia, estéril e inerte.
Por essa razão, os símbolos não atraem qualquer pessoa, não falam a qualquer um.
Eles frustram especialmente as mentes que pretendem ser positivas e que baseiam seu
raciocínio em fórmulas científicas c dogmáticas inertes. A utilidade prática dessas
fórmulas não pode ser contestada, mas. do ponto de vista filosófico, representam apenas
um pensamento frio, artificialmente limitado, tornado inalterável em tal extensão que
parece morto em comparação com o pensamento vivo, ilimitado, complexo e móvel,
refletido nos símbolos.
É perfeitamente claro que os símbolos não são criados para explicar o que
chamamos verdades científicas.
Pela própria natureza, os símbolos devem se manter elásticos, vagos e ambíguos,

como os ditos de um oráculo. Seu papel é desvendar mistérios, deixando à mente toda a
sua liberdade.
Ao contrário das ortodoxias despóticas, um símbolo favorece a independência. Só
um símbolo pode libertar o homem da escravidão das palavras e fórmulas e permitir que
ele alcance a possibilidade de pensar livremente. É impossível evitar o uso de símbolos,
se desejamos penetrar [177] nos segredos (mistérios), vale dizer, naquelas verdades que
podem muito facilmente ser transformadas em desilusões monstruosas, logo que as
pessoas tentem expressá-las em linguagem direla, sem o auxílio de alegorias simbólicas.
O silêncio imposto aos iniciados encontra nisso sua justificativa. Os segredos ocultos
exigem, para sua compreensão, um esforço do intelecto; eles podem iluminá-lo
interiormente, mas não podem servir de tema para argumentos retóricos. O conhecimento
oculto não pode ser transmitido nem oralmente, nem por escrito. Ele só pode ser
adquirido através de meditação profunda. E necessário penetrar profundamente em si
mesmo a fim de descobri-lo. E aqueles que o procuram fora de si mesmos estão no
caminho errado. é nesse sentido que devemos compreender as palavras de Sócrates
'Conhece-te a ti mesmo'.

56 Le symbolisme hermétique, de O. Wirth, págs. 38-40 e 83 (Publications initiatiques).
ovo Modelo do Universo
Na esfera do simbolismo não devemos tentar ser demasiadamente exatos. Os

símbolos correspondem a idéias que, por sua própria natureza, são difíceis de abarcar, e
que são completamente impossíveis de reduzir a definições escolásticas.
Em última análise, a escolástica só conduz a palavras, quer dizer, a algo
inteiramente artificiai. Por sua própria natureza, uma palavra é um instrumento de
paradoxo. Qualquer assunto pode ser defendido por meio de argumentação. Isso se
passa porque nenhuma disciplina se ocupa de realidades que alcancem nossa
consciência por si mesmas, mas apenas de suas representações orais, das fantasias de
nosso espírito que às vezes se permite ser iludido por essa falsa moeda do nosso
pensamento.
A filosofia hermética se distingue por sua capacidade de se afastar das palavras e
mergulhar na contemplação das coisas em si mesmas, em sua própria essência.
E não há nada surpreendente no fato de que, sob essas condições, a filosofia se
dividiu em duas correntes. Uma se originou na lógica de Aristóteles e manteve a
possibilidade de chegar à verdade pelo caminho do raciocínio baseado em premissas
consideradas incontestáveis.
Essa era a filosofia oficial, ensinada nas escolas (comuns), daí o termo 'escolástica'.
A outra filosofia seguia outra diíeção, sempre mais ou menos oculta, no sentido de
que era sempre disfarçada em mistério e transmitida em seus ensinamentos somente sob
a capa de enigmas, alegorias e símbolos. Através de Platão e Pitágoras, essa filosofia

sustentava ser proveniente dos Hierofantes Egípcios e do verdadeiro fundador da ciência
deles, Hennes Trismegistos, daí ser chamada 'hermética'.
O discípulo de Hermes era silencioso, nunca discutia nem tentava convencer
ninguém de coisa alguma. Fechado em si mesmo, absorvia-se na meditação profunda e,
finalmente, por esse meio. penetrava nos segredos da Natureza. Ele ganhava a confiança
de Isis e entrava em relação com os verdadeiros iniciados. A gnose abria-lhe os princípios
das sagradas ciências antigas, das quais se formaram gradativamente a Astrologia, a
Magia e a Cabala.
Essas ciências, oficialmente denominadas 'mortas', referem-se todas ao mesmo
assunto, à descoberta das leis ocultas que governam o Universo. E diferem da ciência
oficial dos processos físicos por seu caráter mais misterioso e transcendental. Essas
ciências constituem a filosofia hermética.
Essa filosofia se distingue, além disso, por nunca se ter contentado em ser
puramente especulativa (teórica). Na verdade, sempre seguiu um objetivo prático,
buscando resultados concretos; seu problema sempre dizia respeito ao que se chama
Realização da Grande Obra."

No livro já mencionado (A imposição das mãos, págs. 140-1), Oswald Wirth escreve
sobre o mesmo assunto:

"Uma razão especial explica por que teorias tão famosas na Idade Média e no final

do século XVIII perderam o crédito aos nossos olhos. Perdemos a chave da linguagem
em que essas teorias foram expressas. Temos uma forma completamente diferente de
falar. No passado, as pessoas não fingiam admitir que usavam termos estritamente
exatos a respeito de tudo. Elas consideravam que as aproximações eram inteiramente
suficientes, porque a verdade pura era fatalmente inexprimível. A verdade ideal não se
permitia ser reduzida a qualquer fórmula. Resulta disso que. num certo sentido, toda
palavra é uma mentira. O lado interior do pensamento, seu espirito fundamental, nos
escapa. Isso é a Divindade, que se revela continuamente e que, apesar disso, só se
ovo Modelo do Universo
permite ser vista em seus reflexos. Por essa razão Moisés não pôde ver a face de Jeová.
[178]
Disso resulta que, quando é necessário expressar idéias transcendentais, somos
forçados a recorrer à linguagem figurada. É impossível fazê-lo sem alegorias e símbolos.
Não é, de modo algum, uma questão de escolha; muito frequentemente não há outro
meio de nos fazermos compreender.
Por esse motivo o Hermetismo se dirige aos pensadores que são compelidos por
uma voz interior a irem ao fundo de todas as coisas e se mantém incompreensível para
aqueles que se detêm no significado externo das palavras."

S. Guaïta diz em seu livro No limiar do mistério:

"Encerrar toda a verdade na linguagem falada, expressar os mais altos mistérios
ocultos num estilo abstrato, seria não só inútil, perigoso e sacrílego, mas impossível. Há
verdades de ordem sutil, sintética e divina, que a linguagem humana é incapaz de traduzir
em toda a sua inviolável perfeição. Só a música pode algumas vezes fazer a alma senti—
las, só o êxtase pode mostrá-las numa visão absoluta, e só o simbolismo esotérico pode
revelá-las ao espírito de maneira concreta." (57)

Examinando as 22 cartas do Tarô em diferentes combinações e tentando
estabelecer relações possíveis e permanentes existentes entre elas, verificamos que é
possível dispor as cartas aos pares, a primeira com a última, a segunda com a penúltima,
e assim por diante. E vemos que, ao dispô-las desse modo, as cartas adquirem um
significado muito interessante.
A possibilidade de tal disposição das cartas do Tarô é demonstrada pela ordem dos
quadros do Tarô na galeria do "templo de iniciação" mítico, de que fala Christian.
As cartas são dispostas assim:
1-0
6-17
2-21
7-16
3-20
8-15
4-19
9-14
5-18
10-13

11 -12

Dispostas dessa maneira, uma carta explica a outra e, o que é mais importante,
mostra que elas só podem ser explicadas juntas e nunca o podem separadamente (como
no caso das cartas 1 e 0).
Estudando esses pares de cartas, o intelecto se acostuma a ver a unidade na
dualidade.

1. O Prestidigitador
0. O Louco
2. A Grande Sacerdotisa
21. O Mundo
3. A Imperatriz

20. O Dia do Julgamento

57 Au seuil du mystère, de Stanislas de Guaïta, Georges Carré, editor, Paris, 1890, págs. 176-177.

ovo Modelo do Universo

4. O Imperador

19. O Sol

5. O Hierofante

18. A Lua

6. Tentação

17. A Estrela

7. A Carroça

16. A Torre

8. Justiça
15. O Diabo

9. O Eremita

14. Temperança (Tempo)
10. A Roda da Fortuna

13. A Morte

11. A Força

12. O Enforcado

[179]

A primeira carta, "O Prestidigitador", representa o Super-homem, ou a humanidade como um todo, ligando terra e céu. Seu oposto é "O Louco", carta 0. Esse é um homem individual, o homem fraco. As duas cartas juntas representam os dois pólos, o começo e o fim.

A segunda carta, "A Grande Sacerdotisa", é Ísis ou o Conhecimento Oculto. Seu oposto é a carta 21, "O Mundo" no círculo do Tempo, no meio dos quatro princípios, isto é, o objeto do conhecimento.

A terceira carta, "A Imperatriz", é a Natureza. Seu oposto é a carta 20, "O Dia do Juízo" ou "A Ressurreição dos Mortos". Isso é a Natureza, sua eterna atividade regeneradora e vivificadora.

A quarta carta, "O Imperador", é a Lei de Quatro, o princípio da sustentação da vida, e o seu oposto é a carta 19, "O Sol", como a expressão real dessa lei e a fonte visível da vida.

A quinta carta, "O Hierofante", é a Religião, e seu oposto é a carta 18, "A Lua", que pode ser entendida como o princípio oposto, hostil à religião, ou como "Astrologia", isto é, como a base da religião. Em algumas cartas do antigo Tarô, em lugar do lobo e do cão há, na décima oitava carta, uma figura de dois homens realizando observações astronômicas.

A sexta carta, "Tentação" ou Amor, é o lado emocional da vida, e a carta 17, "A
Estrela" (O Mundo Astral) é o lado emocional da Natureza.
A sétima carta, "A Carroça", é a Magia no sentido de conhecimento incompleto, no
sentido de "casa construída sobre a areia", e seu oposto, a carta 16, "A Torre", é a queda
que se segue inevitavelmente a uma ascensão artificial.
A oitava carta, "Justiça", é a Verdade, e a carta 15, "O Diabo", é a Mentira.
A nona carta, "O Eremita", é a sabedoria ou conhecimento e a busca do
conhecimento, e a carta 14, "Tempo", é a matéria do conhecimento ou o que se conquista
pelo conhecimento ou o que serve de medida do conhecimento. Enquanto o homem não
compreende o tempo, ou enquanto o conhecimento do homem não muda em relação ao
tempo, seu conhecimento não vale nada. Além disso, o primeiro significado da cana 14,
"Temperança", indica o comando de si, ou o controle das emoções como a condição
necessária da "sabedoria".
A décima carta é "A Roda da Fortuna" e seu oposto é a carta 15, "Morte". Vida e morte são uma só. A morte indica somente a volta da roda da vida.
A décima primeira carta é "A Força" e seu oposto é a carta 12, "O Enforcado", o Sacrifício, isto é, o que dá força. Quanto maior o sacrifício do homem, maior será sua
força. A força é proporcional ao sacrifício. Aquele que pode sacrificar tudo, pode fazer
tudo.
ovo Modelo do Universo
Tendo estabelecido aproximadamente essas correspondências, é interessante tentar

redesenhar as cartas do Tarô em descrições, imaginando-as com o significado que
deviam ter; noutras palavras, imaginando simplesmente o que elas podem significar.
Os "quadros do Tarô" que se seguem são, em muitos casos, o resultado de uma
compreensão puramente subjetiva, por exemplo, a décima oitava carta. A mesma carta,
como foi mencionado antes, tem, em alguns Tarôs antigos o significado de [180]
"Astrologia". E, nesse caso, sua relação com a quinta carta é completamente diferente. (58)

Em seguida, continuando a examinar os possíveis significados do baralho do Tarô, é
necessário dizer que, em muitos dos livros já mencionados, 21 cartas dos 22 Arcanos
Maiores são consideradas como uma trindade ou como um triângulo, do qual cada lado é
formado por sete cartas. Cada uma das três partes da obra de Guaita é dedicada a um
dos três lados do triângulo e, nesse caso, como em muitos outros, as sete são
consideradas em ordem de 1 a 22 (isto é, a 0).
Mas o fato é que os triângulos construídos desse modo, embora inteiramente
precisos numericamente, não têm nenhum significado do ponto de vista simbólico. Isso
quer dizer que eles são inteiramente heterogêneos relativamente aos quadros. Em
nenhum dos lados do triângulo, os quadros representam qualquer coisa completa e
relacionada, mas aparecem em combinações inteiramente fortuitas.
Podemos chegar à conclusão de que os quadros devem ser considerados de acordo

com o seu significado e não de acordo com a ordem no baralho. Em outras palavras, as
cartas que estão próximas uma da outra no baralho podem não ter relação nenhuma de
significado.
E assim, examinando o significado das cartas do Tarô, conforme revelado nas
"descrições", podemos ver que as 22 cartas entram em três grupos de sete, cada um
homogéneo em si mesmo relativamente ao significado dos quadros, mais uma carta que é
o resultado de todos os três grupos de sete; e essa carta pode ser ou o 0 ou o 21.
Nesses três grupos de sete, que não podem ser encontrados pelos números e
devem ser procurados no significado dos símbolos, há novamente a doutrina secreta (ou
uma tentativa de uma doutrina secreta), cuja expressão é o Tarô. De acordo com isso, os
"Arcanos Maiores" contêm em si mesmos a mesma divisão que o Tarô completo, isto é,
os "Arcanos Maiores" também são divididos em Deus, Homem e Universo.
Um grupo de sete se refere ao Homem.
Outro grupo se refere à Natureza. E o terceiro refere-se ao mundo das idéias (isto é,
a Deus ou ao Espirito).
Os primeiros sete: Homem. O "Prestidigitador" ou "Mágico" (Adam Kadmon),
humanidade ou Super-homem; o "Louco" (homem individual); "Tentação" (amor), espécie
humana; o "Diabo" (a queda); a "Carroça" (a busca ilusória); o "Eremita" (a busca real); o "Enforcado" (realização). Cartas 1, 0, 6,15,7,9, 12.
O segundo grupo de sete: o Universo. O Sol, a Lua, a Estrela, o Farol (a Torre), a

Ressurreição dos Mortos, Vida e Morte. Cartas 19, 18, 17,16, 20,10, 13.

O terceiro grupo de sete: Deus. A Grande Sacerdotisa (conhecimento); a Imperatriz

(poder criador); o Imperador (os quatro elementos); o Hierofante (religião); Tempo

(eternidade); Forca (amor, união e infinito); Verdade. Cartas 2, 3, 4, 5, 14, 11, 8. [181]

58 Além disso, considero necessário assinalar que, era 1911, quando escrevi The Symbolism of the Tarot, tinha o baralho inglês moderno do Taro, que foi redesenhado e, em muitos casos, alterado de acordo com a interpretação teosófica. Só cm alguns casos, em que as alterações me pareceram inteiramente infundadas e deturpando a ideia, como por exemplo na carta O (O Louco), usei o Taro de Oswald Wirth como aparece no livro de Papus, Le tarot des bohémiens. Mais tarde reescrevi algumas de minhas descrições de acordo com as antigas cartas e com o Taro de Oswald Wirth. - P. O.

ovo Modelo do Universo

O primeiro grupo de sete representa os sete passos do caminho do homem

considerado no tempo, ou as sete faces do homem que coexistem nele, as sete faces

expressas nas mudanças da personalidade do homem — as últimas, se consideradas no

sentido místico da doutrina secreta do Tarô.

O segundo e o terceiro grupos de sete — o Universo e o mundo de idéias ou Deus

— representam, cada um separadamente e também em combinação com o primeiro, um

vasto campo de estudo. Cada um dos sete quadros simbólicos que se refere ao Universo

relaciona, de certo modo, o homem com o mundo das idéias. E cada uma das sete idéias

relaciona, de certo modo, o homem com o Universo.

Nenhum dos três grupos de sete inclui a vigésima primeira carta, "O Mundo", que nesse caso contém em si mesma todas as 21 cartas, isto é, o triângulo completo.

Agora, se construirmos um triângulo com cada lado formado por um dos grupos de sete, colocarmos a 21ª carta no centro e arrumarmos os quatro naipes num quadrado em volta do triângulo, a inter-relação entre o quadrado, o triângulo e o ponto se tornará ainda mais clara.

Quando colocamos a carta O, no centro, tivemos que usar uma certa interpretação figurada, dizendo que o mundo está contido na mente do homem. Mas agora obtemos o mundo também no centro: a 21ª carta igual ao triângulo e ao quadrado considerados juntos. O mundo está no círculo do tempo, entre os quatro princípios (ou quatro elementos), representados pelas quatro bestas do Apocalipse. O quadrado também representa o mundo (ou os quatro elementos em que o mundo consiste).

Em conclusão, é interessante citar algumas especulações curiosas do livro Le tarot des bohémiens referentes à origem de outros jogos nossos conhecidos: xadrez, dominós e outros, e também uma lenda sobre a origem do Tarô.

"O Tarô compõe-se de números e figuras que reagem mutuamente e se explicam entre si", escreve o autor de Le tarot des bohémiens. (59)

"Mas se separarmos as figuras e as amimarmos sobre o papel em forma de roda,
movendo os números na ordem dos dados, produziremos o Jogo do Ganso, com que
Ulisses, segundo Homero, trapaceava sob as paredes de Tróia.
Se fixamos os números em quadrados pretos e brancos alternados, e permitimos
que as figuras menores de nosso jogo se movam neles - o Rei, a Rainha, o Cavaleiro, o
Bobo ou Valete, a Torre ou As — temos o Jogo de Xadrez. De fato, os primitivos
tabuleiros de xadrez possuíam números, e os filósofos os usavam para resolver
problemas de lógica.
Se deixamos de lado as figuras e nos limitamos ao uso dos números, aparece o
Jogo de Dados; e, se nos cansamos de lançar os dados, podemos imprimir os caracteres
em placas horizontais e criar o Jogo de Dominós.
Do mesmo modo. o xadrez degenerou no Jogo de Damas.
Finalmente, nosso baralho de cartas, em vez de aparecer inicialmente no reinado de
Carlos VI, conforme o relato comum, é de origem muito mais antiga. As normas
espanholas existiam muito antes desse rei, proibindo aos nobres jogar cartas, e o próprio
Tarô é de origem muito antiga.

59 The Tarot of the Bohémians, de Papus, traduzido por A. P. Morton. Segunda edição revista com prefácio de A. E. Waite. Capitulo XXI. pág. 338 (William Rider & Son. Londres, 1919).
ovo Modelo do Universo
Os cetros do Tarô tornaram-se paus: as taças, copas; os sabres, espadas: (60) e os

pentagramas ou moedas, ouros. Também perdemos as vinte e duas figuras simbólicas e
os quatro Cavaleiros." [182]
No mesmo livro, Papus conta uma história, provavelmente inventada por ele, sobre a
origem do Tarô:

"Seguiu-se um tempo em que o Egito, não sendo mais capaz de lutar contra os
invasores, preparou-se para perecer honradamente. Assim os sábios egípcios (pelo
menos é o que assevera meu misterioso informante) realizaram uma grande assembleia
para resolver como o conhecimento, que até aquela data havia sido guardado para os
homens considerados dignos de recebê-lo, deveria ser salvo da destruição.
De início, pensaram em confiar esses segredos a homens virtuosos recrutados
secretamente pelos próprios iniciados, que os transmitiriam de geração em geração.
Mas um sacerdote, observando que a virtude é uma coisa muito frágil e muito difícil
de encontrar, em todos os acontecimentos de uma linha contínua, propôs confiaras
tradições científicas ao vício.
Este último, disse ele, nunca desapareceria completamente. e através dele estamos
seguros de uma longa e durável preservação de nossos princípios.
Essa opinião foi evidentemente adotada, e foi escolhido o jogo como vício. Então as
pequenas placas foram gravadas com as figuras misteriosas, que ensinavam
primitivamente os segredos científicos mais importantes, e, desde então, os jogadores

transmitiram esse Tarô de geração em geração, muito melhor do que o teriam feito os homens mais virtuosos da Terra."

Essas fantasias do "ocultista" francês poderiam ser interessantes, se ele não simulasse um conhecimento esotérico. Mas é claro que elas não contêm nada de histórico e eu as cito aqui porque expressam bem o sentimento geral suscitado pelo Tarô e a idéia de sua origem incompreensível.

II – Carta 1, O Prestidigitador

Eu vi um homem de aparência estranha.

Sua figura vestida com uma roupa de palhaço multicolorida erguia-se entre a Terra e o Céu. Seus pés estavam ocultos pela grama e pelas flores; e sua cabeça, com um grande chapéu com uma aba estranhamente virada para cima, parecendo o sinal da eternidade, desaparecia nas nuvens.

Numa das mãos segurava a vara mágica, o sinal do fogo, com um dos extremos apontando para o céu; e com a outra tocava o pentagrama, o sinal da terra, que jazia diante dele sobre um assento móvel de prestidigitador, lado a lado com a taça e a espada, signos da água e do ar.

Como um relâmpago, ali me ocorreu subitamente a percepção de que eu via os quatro símbolos mágicos em ação.

O rosto do Prestidigitador estava radioso e confiante. Suas mãos adejavam rapidamente como se jogassem com os quatro signos dos elementos, e eu senti que ele

segurava alguns fios misteriosos que ligavam a Terra a astros distantes.

60 Em inglês, o naipe de espadas denomina-se spades — pás, o que dá ideia da degeneração dos símbolos (N.T.).

ovo Modelo do Universo

Cada movimento seu era cheio de significado, e cada nova combinação dos quatro

símbolos criava longa série de inesperados fenômenos. Meus olhos estavam

deslumbrados. Eu não podia acompanhar tudo que era apresentado.

Para quem é toda esta representação? perguntava a mim mesmo. Onde estão os

espectadores? [183]

E ouvi a Voz dizer:

"Os espectadores são necessários? Olhe mais de perto para mim."

Dirigi novamente os olhos para o homem com roupa de palhaço e vi que ele mudava

continuamente. Multidões inumeráveis pareciam passar e passar nele diante de mim,

desaparecendo antes que eu pudesse dizer a mim mesmo o que via. E compreendi que

ele mesmo era tanto o Prestidigitador quanto os espectadores.

Ao mesmo tempo, eu me via nele, refletido como num espelho e me parecia que eu

olhava para mim mesmo através dos olhos dele. Mas um outro sentimento me dizia que

não havia nada diante de mim a não ser o céu azul e que dentro de mim abria-se uma

janela, através da qual eu via coisas sobrenaturais, ouvia palavras celestiais.

Carta 0, O Louco

E eu vi outro Homem.
Exausto e claudicante, ele se arrastava ao longo de uma estrada poeirenta, através
de uma planície sem vida, sob os raios abrasadores do Sol.
Olhando estupidamente de esguelha com olhos fixos, com um meio sorriso, uma
meia careta congelada em seu rosto, ele rastejava sem ver nem conhecer destino,
mergulhado em seus próprios sonhos quiméricos, que se moviam eternamente no mesmo
círculo.
O gorro com guizos do louco estava em sua cabeça, de costas para a frente. Suas
roupas, viradas para trás. Um lince selvagem com olhos ardentes lançou-se a ele de trás
de uma pedra e cravou-lhe os dentes na perna.
Ele tropeçou, quase caindo, mas arrastou-se sempre para diante, carregando nos
ombros um saco cheio de coisas desnecessárias, inúteis, que só a sua loucura o obrigava
a carregar.
Em frente, a estrada era atravessada por uma ravina. Um precipício profundo
esperava o louco viajante... e um crocodilo enorme com as fauces escancaradas movia-se vagarosamente para fora do abismo.

E eu ouvi a Voz dizendo-me:
"Veja. Esse é o mesmo Homem."
Tudo ficou confuso em minha cabeça.
"O que ele leva no saco?" perguntei, sem saber por que o fazia.
Depois de um longo silêncio, a Voz respondeu:

"Os quatro símbolos mágicos, o cetro, a taça, o sabre e o pentagrama. O louco
sempre os leva consigo, mas não compreende o que eles significam."
ovo Modelo do Universo
"Você não vê que é você, você mesmo?"
E com um arrepio de horror, senti que esse também era eu.

Carta 2, A Grande Sacerdotisa

Quando levantei o primeiro véu e entrei no pátio externo do Templo das Iniciações,
vi na penumbra a figura de uma Mulher, sentada num trono elevado entre duas colunas
do templo, uma branca e outra preta.
O mistério exalava dela e em volta dela. [184]
Os símbolos sagrados reluziam em suas roupas verdes. Na cabeça estava uma tiara
dourada encimada por uma lua com dois cornos. Nos joelhos carregava duas chaves
cruzadas e um livro aberto.
Entre as duas colunas ao lado da Mulher pendia um segundo véu enfeitado de
folhas verdes e frutos de romã.

E a Voz me disse:
"Para entrar no templo é necessário levantar o segundo véu e passar entre as duas
colunas. E para passar entre elas é necessário ter a posse das chaves, ler o livro e
compreender os símbolos. O conhecimento do bem e do mal o espera.
"Você está pronto?"
E com profundo sofrimento senti que estava com medo de entrar no Templo.

"Você está pronto?" repetiu a Voz.

Eu estava em silêncio. Meu coração quase parava de temor. Eu não podia

pronunciar uma palavra. Senti que um precipício se abria diante 3e mim e eu não ousava

dar um só passo.

Então a Mulher sentada entre as duas colunas voltou o rosto para mim e olhou-me

sem dizer uma palavra.

E eu compreendi que ela estava me falando, mas meu temor só se tomou maior.

Eu soube que não podia entrar no Templo.

Carta 21, O Mundo

Uma visão inesperada surgiu diante de mim.

Um círculo parecendo uma grinalda tecida de arco-íris e reiâmpagos girava entre o

Céu e a Terra.

Ele girava com desesperada velocidade, cegando-me com seu brilho, e nessa

radiação de fogo soava uma música e ouvia-se uma suave canção, e também os trovões

e o fragor de um vendaval e o clamor de avalanches na montanha e o estrondo de

terremotos.

O círculo rodopiava com terrível clamor, tocando a Terra e o Céu e no seu centro vi

a figura dançante de uma jovem e bela mulher, envolta numa transparente mantilha de

ovo Modelo do Universo

luz, com o bastão mágico na mão.

E dos lados do círculo tornaram-se visíveis para mim as quatro bestas do Apocalipse

— uma como um leão, a segunda como um bezerro, a terceira com o rosto de um homem

e a quarta como uma águia voadora.

A visão desapareceu tão repentinamente quanto tinha aparecido.

Uma estranha quietude desceu sobre a Terra.

"O que significa isso?", perguntei com assombro.

"É a imagem do Mundo", disse a Voz. "Ela deve ser compreendida antes de passar

pelas portas do Templo. Esse é o Mundo no círculo do tempo, no meio dos quatro

princípios — isso é o que você sempre vê, mas nunca compreende.

"Compreenda que tudo que você vê, as coisas e os fenômenos, são apenas os

hieróglifos das idéias mais elevadas." [185]

Carta 3, A Imperatriz

Senti o hálito da primavera; e com a fragrância das violetas, dos lírios do vale e das

cerejas silvestres, a canção suave dos elfos foi transportada em minha direção.

Os riachos murmuravam, os verdes cimos das árvores farfalhavam, numerosos

coros de pássaros estavam cantando, as abelhas zumbindo e em toda parte estava a

alegre respiração viva da Natureza.

O Sol brilhava suave e docemente, uma pequena nuvem branca pendia sobre os

bosques.

No meio de uma clareira verde em que floriam as primeiras primaveras amarelas,

num trono cercado de hera e lilases floridos, eu vi a Imperatriz.

Uma grinalda verde adornava seus cabelos dourados. Doze estrelas brilhavam sobre

a sua cabeça. Duas asas brancas como a neve eram visíveis em suas costas, e numa
das mãos ela segurava um cetro.
Com um sorriso terno, a Imperatriz olhou em torno de si, e, ao seu olhar, as flores se
abriram e os botões desdobraram suas viscosas folhas verdes.
Toda a roupa dela estava coberta de flores, como se cada flor que se abrisse
estivesse refletida ou impressa nela e se tornasse parte de sua vestimenta.
O signo de Vênus, a Deusa do Amor, estava esculpido sobre seu trono de mármore.

"Oh! Deusa da Vida", disse eu, "por que tudo é tão radiante, alegre e feliz ao vosso
redor? Vós não sabeis que há o cinzento, tedioso outono, o frio, branco inverno? Vós não
sabeis que há a morte, negras sepulturas, frios sepulcros úmidos. cemitérios?
"Como podeis sorrir alegremente, contemplando as flores que desabrocham, quando
tudo morre e tudo morrerá, quando tudo está condenado à morte — até aquilo que ainda
não nasceu?"

A Imperatriz fitou-me sorrindo e sob seu sorriso senti de repente que em minha alma
a flor de alguma luminosa compreensão estava se abrindo, como se alguma coisa me
ovo Modelo do Universo
estivesse sendo revelada, e o terror da morte começou a se afastar de mim.

Cana 20, A Ressurreição dos Mortos

Vi uma planície gelada. Uma cadeia de montanhas de neve fechava o horizonte.

Uma nuvem ergueu-se e cresceu até cobrir a quarta parte do céu. E no meio da nuvem

apareceram duas asas flamejantes. E eu vi o mensageiro da Imperatriz.

Ele ergueu sua trombeta e lançou um forte e imperioso sopro.

E, em resposta, a planície tremeu, e com sonora reverberação a montanha

respondeu.

E, um após outro, os túmulos na planície começaram a se abrir e as pessoas saíram

deles — criancinhas e velhos, homens e mulheres. E elas estenderam os braços para o

mensageiro da Imperatriz, e tentaram captar o som da trombeta.

E, no som da trombeta, senti o sorriso da Imperatriz. E, nos túmulos abertos, vi flores

desabrochando, e, nas mãos estendidas, senti a fragrância das flores.

E compreendi o mistério do nascimento e da morte. [186]

Carta 4, O Imperador

Depois de ter estudado os primeiros três números foi-me dado compreender a

grande Lei de Quatro — o Alfa e o ômega de tudo.

Eu vi o Imperador num elevado trono de pedra decorado por quatro cabeças de

carneiro.

Um capacete dourado cintilava em sua fronte. Sua barba branca descia sobre o

manto púrpura. Numa das mãos, segurava uma esfera, o símbolo de suas posses, e na

outra, um cetro na forma de cruz egípcia — o sinal de seu poder sobre o nascimento.

"Eu sou a Grande Lei", disse o Imperador.
"Eu sou o Nome de Deus.
"As quatro letras de Seu Nome estão em mim e eu estou em todas as coisas.
"Eu estou nos quatro princípios, estou nos quatro elementos. Estou nas quatro
estações. Estou nos quatro quadrantes da Terra.
"Estou nos quatro signos do Tarô.
"Eu sou a ação, eu sou a resistência, eu sou a perfeição, eu sou o resultado.
"Para aquele que sabe o caminho para me ver, não há mistérios na Terra.
"Assim como a Terra contém fogo, água e ar, assim como a quarta letra do nome
contém as três primeiras e ela própria se torna a primeira, do mesmo modo meu cetro
contém o triângulo completo e carrega em si a semente de um novo triângulo."

ovo Modelo do Universo
E enquanto o Imperador falava, seu capacete e a armadura dourada visível sob o
manto brilhavam sempre mais e mais ameaçadoramente, até que eu não pude mais
suportar seu resplendor e baixei meus olhos.
E, quando tentei erguê-los novamente, estava diante de mim um fulgor penetrante, e
luz e fogo.
E eu me senti prostrado adorando a Palavra de Fogo.

Cana 19, O Sol

Depois disso, quando vi o Sol pela primeira vez, compreendi que ele próprio é a
expressão da Palavra de Fogo e o sinal do Imperador.
O grande astro brilhava e dava calor. Embaixo, os altos girassóis dourados
inclinavam as cabeças.
E eu vi duas crianças num jardim por trás de uma cerca elevada. O Sol derramava
sobre elas seus raios ardentes, e me parecia que uma chuva dourada caía sobre elas,
como se o Sol derramasse ouro derretido sobre a Terra.

Por um instante fechei os olhos e, quando os abri novamente, vi que cada raio do
Sol era o cetro do Imperador, que tinha a vida no seu interior. E vi como sob as pontas
aguçadas desses raios as místicas flores das Aguas desabrochavam por toda parte, e
como os raios penetravam nessas flores, e como toda a Natureza nascia continuamente
da misteriosa união dos dois princípios. [187]

Carta 5, O Hierofante

Eu vi o grande Mestre no Templo.
Ele estava sentado num trono dourado, colocado sobre um estrado púrpura; usava
as vestes de um alto sacerdote e uma tiara dourada.
Sob seus pés vi duas chaves cruzadas, e dois Iniciados estavam inclinados diante
dele. E ele lhes falava.
Eu ouvia o som de sua voz, mas não pude compreender uma só palavra do que ele
dizia - Ou ele falava numa linguagem desconhecida para mim, ou havia alguma coisa que

me impedia de compreender o significado de suas palavras.

E a Voz me disse: "Ele fala somente para aqueles que têm ouvidos de ouvir.
"Mas desgraça para aqueles que acreditam que ouvem antes de terem realmente
ouvido, ou ouvem o que ele não diz, ou põem palavras suas no lugar das dele. Eles nunca
receberão as chaves da compreensão. E é deles que foi dito que nem entram em si
mesmos, nem suportam os que estão começando a entrar."

ovo Modelo do Universo
Carta 18, A Lua

Uma planície desolada estendia-se diante de mim. A Lua cheia olhava para baixo
como se mergulhada em meditação. À luz tremulante as sombras viviam suas próprias
vidas. Havia colinas negras no horizonte.
Entre duas torres cinzentas cortava um caminho, perdendo-se na distância. De cada
lado do caminho, de frente um para o outro, um lobo e um cão estavam sentados e
uivando, com seus focinhos erguidos para a Lua. Uma grande lagosta negra subia de um
riacho sobre a areia. Caía ura orvalho frio e pesado.

Um sentimento de medo tomou conta de mim. Senti a presença de um mundo
misterioso, um mundo de espíritos hostis, de cadáveres erguendo-se da sepultura, de
almas atormentadas.

À pálida luz da Lua pareceu-me sentir a presença de fantasmas: sombras pareciam
cruzar o caminho, alguém esperava por mim atrás das torres — e era perigoso olhar para
trás.

Carta 6, Tentação

Eu vi um jardim florido num vale verde cercado de suaves colinas azuis.
No jardim eu vi um Homem e uma Mulher. Elfos, ninfas aquáticas, sílfides e gnomos
dirigiam-se livremente para eles; os três reinos da Natureza, pedras, plantas e animais, os
serviam.
A eles foi revelado o mistério do equilíbrio universal, e eles próprios eram o símbolo
e a expressão desse equilíbrio.
Neles, dois triângulos estavam unidos numa estrela de seis pontas, dois imãs em
forma de arco fundiam-se numa elipse.
Acima deles, vi o Gênio flutuando, o qual, sem ser visto, guiava-os e cuja presença
eles sempre sentiam. [188]
E percebi como, de uma árvore em que amadureciam os frutos dourados, deslizou
uma serpente e sussurrou ao ouvido da mulher; e a mulher ouviu, sorriu, de início com
incredulidade, e depois com curiosidade. Vi-a, em seguida, falar ao homem e ele também
sorriu, apontando com a mão para todo o jardim em volta dele. De repente surgiu uma
nuvem e escondeu a cena de mim.
"Esta é a cena da tentação", disse a Voz. "Mas o que constitui a tentação? Você
pode compreender a sua natureza?"

"A vida é tão boa", disse eu, "e o mundo tão belo, os três reinos da Natureza e os
quatro elementos tão obedientes, que eles quiseram acreditar que eram os reis e os
donos do mundo e não puderam resistir a essa tentação".
"Sim", disse a Voz, "a sabedoria que se arrasta no chão disselhes que eles próprios
sabiam o que era o bem e o que era o mal. E eles acreditaram nisso, porque era
agradável pensar desse modo. E então eles deixaram de ouvir a voz que os guiava. O
equilíbrio foi destruído. O mundo encantado fechou-se para eles. Tudo apareceu-lhes sob
uma falsa luz. E eles se tomaram mortais. Essa Queda é o primeiro pecado do homem, e
se repete perpetuamente, porque o homem nunca deixa de acreditar em si, e vive dessa
ovo Modelo do Universo
crença. Só quando o homem tiver expiado esse pecado, através de grande sofrimento,
poderá escapar do poder da morte e retornar à vida.

Cana 17, A Estrela

No meio dos céus brilhou uma grande estrela, e à sua volta estavam sete estrelas
menores. Os seus raios entrelaçavam-se, preenchendo o espaço com um resplendor e
luz sem fim. E cada uma das oito estreias continha em si todas as oito estrelas.

E sob as estrelas brilhantes, ao lado de um riacho azul, vi uma moça nua, jovem e
bela. Apoiada num dos joelhos, despejava água de dois vasos, um de ouro, outro de

prata; um pequeno pássaro num arbusto erguia as asas, e preparava-se para voar.

Por um instante compreendi que via a alma da Natureza.
"Isso é a imaginação da Natureza", disse a Voz suavemente. "A Natureza sonha,
imagina, cria mundos. Aprenda a unir sua imaginação à dela; e nada jamais lhe será
impossível."
"Mas lembre-se de que é impossível ver de maneira certa e errada ao mesmo
tempo. Deve escolher de uma vez por todas e então não pode haver retomo."

Carta 7, A Carroça

Vi uma carroça puxada por duas esfinges, uma branca, outra preta. Quatro colunas
sustentavam um dossel azul celeste, enfeitado com estrelas de cinco pontas.
Sob este. dirigindo as esfinges, estava de pé o Conquistador com armadura de aço,
e na sua mão havia um cetro, encimado por uma esfera, um triângulo e um quadrado.
Brilhava em sua coroa um pentagrama dourado. Na frente da carroça, acima das
esfinges, estava presa uma esfera com duas asas e o linga e o Yoni místicos, o símbolo
da união. [189]
"Neste quadro, tudo tem um significado. Olhe e tente compreender", disseme a Voz.
"Esse é o conquistador que ainda não conquistou a si mesmo. Aqui estão a Vontade
e o Saber. Mas, em tudo isso, há mais desejo de obter do que obtenção real.

"O homem na carroça começou a se considerar conquistador antes de ter realmente
conquistado. Decidiu que a conquista deve vir ao encontro do conquistador. Nisso, há
muitas possibilidades reais, mas também muitas quedas enganosas, e grandes perigos
esperam o homem da carroça.
"Ele dirige a carroça com a força de sua vontade e da espada mágica, mas a tensão
de sua vontade pode se enfraquecer e as esfinges podem puxar em direções diferentes e
separá-lo e à carroça em dois.
"Esse é o conquistador contra quem o conquistado ainda pode erguer-se. Você vê
atrás dele as torres da cidade conquistada? Talvez a chama da revolta já esteja ardendo
por lá.
ovo Modelo do Universo
"E ele não sabe que dentro dele as esfinges vigiam cada movimento seu, e que
dentro dele grandes perigos o esperam.
"E compreenda que esse é o mesmo homem que você viu unindo o Céu e a Terra, e
o mesmo que viu arrastando-se por uma estrada poeirenta em direção a um precipício
onde o esperava o crocodilo."

Carta 16, A Torre

Eu vi, erguendo-se da Terra ao Céu, uma torre elevada, cujo topo ia além das
nuvens.
Cercava-a uma noite negra e o trovão rugia.
E de repente o Céu se abriu, o ribombar do trovão sacudiu toda a Terra e o
relâmpago atingiu o cimo da torre.

Línguas de fogo saiam do Céu; toda a torre se encheu de fogo e fumo — e vi os
construtores da torre caindo do topo.
"Veja", disse a Voz, "a Natureza odeia a fraude, e o homem não pode submeter-se
às leis dela. A Natureza é paciente durante muito tempo e de repente, com um sopro,
aniquila tudo que se volta contra ela."
"Se os homens pudessem pelo menos ver que quase tudo que eles conhecem
consiste em ruínas de torres destruídas, talvez deixassem de construí-las."

Carta 8, A Verdade

Quando me tornei possuidor das chaves, li o livro e compreendi os símbolos, foi-me
permitido levantar o véu do Templo e entrar no santuário interno. E aí eu vi uma mulher
com uma coroa de ouro e um manto de púrpura. Numa das mãos, erguia uma espada, e
na outra, levava uma balança. Vendo-a, tremi de medo, porque seu olhar era infinitamente
profundo e terrível e atraiu-me como um abismo.

"Está vendo a Verdade", disse a Voz. Tudo é pesado nessa balança. A espada está
eternamente erguida em defesa da Justiça e nada pode escapar dela.
"Mas por que você desvia os olhos da balança e da espada? Está com medo? [190]
"Sim, elas o despojam de suas últimas ilusões. Como você viverá na Terra sem
essas ilusões?
"Você queria ver a verdade e agora a vê.

"Mas lembre-se do que espera um mortal depois de ter visto a deusa. Ele nunca
mais será capaz de fechar os olhos ao que não lhe agrada, como fez até agora. Verá
perpetuamente a Verdade, sempre e em todas as coisas. Você pode suportar isso? Você
viu a Verdade. Agora você tem que prosseguir, ainda que não queira."

ovo Modelo do Universo
Carta 15, O Diabo

Uma noite negra aterrorizante envolveu a Terra, e na distância ardia uma lúgubre
chama vermelha.
Uma estranha figura fantástica tornou-se visível para mim quando me aproximei.
Muito acima da Terra vi a hedionda face vermelha do diabo, com grandes orelhas
cabeludas, a barba pontuda e os chifres curvos de um bode. Entre os chifres da testa do
diabo, um pentagrama invertido brilhava com luz fosforescente. Duas asas cinzentas,
membranosas, como as asas de um morcego, estavam abertas. O diabo erguia um gordo
braço nu com o cotovelo torto e os dedos estendidos, e na palma reconheci o sinal da
magia negra. Na outra mão levava uma tocha acesa, apontando para baixo, e dela
erguiam-se nuvens de fumaça negra sufocante. O diabo sentou-se num grande cubo
negro, seguro firmemente entre as garras de suas pernas cabeludas como de animais.
Um homem e uma mulher estavam acorrentados a uma argola de ferro diante do
cubo.

E eu vi que eles eram o mesmo homem e a mesma mulher que vi no jardim, mas
agora eles tinham chifres e caudas com pontas de fogo.
"Esse é o retrato da queda, o retrato da fraqueza", disse a Voz, "a expressão das
mentiras e do mal".
"Essas são as mesmas pessoas, mas começaram a acreditar em si mesmas e em
seus poderes. Disseram que sabiam por si mesmas o que era o bem e o mal.
Confundiram sua fraqueza com força e desse modo a Falsidade subjugou-os."

E ouvi a voz do diabo.
"Eu sou o Mal", disse ele, "na medida em que o mal possa existir neste, o melhor
dos mundos. Para me perceber, é preciso ver perversamente, erradamente e
estreitamente. Três caminhos conduzem a mim: presunção, suspeita e acusação. Minhas
virtudes principais são a calúnia e a maledicência. Eu completo o triângulo, cujos dois
outros lados são a morte e o tempo.
"Para escapar desse triângulo basta ver que ele não existe.
"Mas como fazê-lo, não me cabe dizer.
"Porque eu sou o Mal, que os homens inventaram para terem uma justificação para
si mesmos e para me considerarem a causa de todos os erros de que eles próprios são
culpados.
"Sou chamado o Rei das Mentiras, e na verdade sou o Rei das Mentiras, porque sou
o maior produto das mentiras humanas." [191]

Carta 9, O Eremita

Depois de longa peregrinação num deserto arenoso, sem água, sem nenhum ser
vivo além de serpentes, encontrei um Eremita.
Ele estava envolto numa longa capa, com um capuz puxado sobre a cabeça; numa
das mãos levava um longo bastão e na outra uma lanterna acesa, embora estivesse em
pleno dia e o Sol brilhasse.
ovo Modelo do Universo
"Eu procurava um homem", disse o Eremita. "Mas há muito que abandonei a
procura.
"Agora procuro o tesouro enterrado. Você também quer procurá-lo? Primeiro precisa
buscar uma lanterna. Sem uma lanterna, você estará sempre encontrando tesouros, mas
o seu ouro se transformará em pó.
"E compreenda o primeiro mistério — nós não sabemos que tesouro procuramos, se
aquele que foi enterrado por nossos ancestrais ou o que será enterrado por nossos
descendentes."

Carta 14, Temperança (Tempo)

Vi um anjo entre a Terra e o Céu, vestido com uma roupa branca, com asas
flamejantes e um halo dourado em volta da cabeça. Ele se mantinha com um pé sobre a
Terra e outro sobre o mar, e atrás dele o Sol despontava.
No peito do anjo estava o signo do Livro Sagrado do Tarô — o quadrado e, dentro
dele, o triângulo. Na testa, o signo da eternidade e da vida — o círculo.

O anjo levava nas mãos duas taças — uma de ouro e uma de prata, e entre as taças
corria um riacho incessante, que cintilava com todas as cores do arco-íris. Mas eu não
podia dizer de que taça ele fluía e para qual estava fluindo.

E compreendi com terror que tinha chegado aos últimos mistérios, dos quais não há
retorno.
Olhei para o anjo, seus signos, suas taças, para o riacho de arco-íris entre as taças,
e meu coração humano palpitou amedrontado, e minha mente humana foi movida pela
angústia da incompreensão.
"O nome do anjo é Tempo", disse a Voz.
"Na sua testa está o círculo. Esse é o sinal da Eternidade e da Vida.
"Nas mãos do anjo estão duas taças, de ouro e de prata. Uma é o passado, a outra
o futuro. O riacho irisado entre as duas é o presente. Você vê que ele está correndo em
ambas as direções.
"Isso é o tempo, no seu aspecto mais incompreensível para o homem.
"Os homens pensam que todas as coisas fluem incessantemente em uma direção.
Eles não vêem que elas se encontram eternamente, que uma coisa vem do passado e
outra do futuro, e o tempo é uma porção de círculos girando em diferentes direções.
"Compreenda esse mistério e aprenda a distinguir as correntes opostas no riacho
irisado do presente." [192]

Cana 10, A Roda da Fortuna

Eu caminhava, absorto em meditação profunda, tentando compreender minha visão
do Anjo.
E de repente, erguendo a cabeça, vi no meio do Céu um imenso círculo giratório
ovo Modelo do Universo
coberto de letras e sinais cabalísticos.
O círculo girava com extraordinária velocidade, e junto com ele, ora subindo, ora
caindo, giravam as figuras simbólicas da serpente e do cão; e no ponto mais alto do
círculo, imóvel, sentava-se a esfinge.
Vi sobre as nuvens, nos quatro quadrantes do Céu, as quatro bestas aladas do
Apocalipse — uma como um leão, outra como um bezerro, a terceira com o rosto de um
homem e a quarta como uma águia voando — e cada uma lia um livro aberto.

E ouvi a voz dos animais de Zaratustra:
"Tudo vai, tudo volta; eternamente gira a roda da vida. Tudo morre, tudo floresce
novamente; o ano da existência corre eternamente.
"Tudo se rompe, tudo é unido de novo; eternamente se constrói a mesma casa da
vida. Tudo parte, tudo toma a se encontrar; o circuito da vida permanece eternamente
verdadeiro para si mesmo.
"A Vida começa em cada Agora, em torno de cada 'Aqui' gira a esfera do 'Lá'. O
centro está em todo lugar. O caminho da eternidade é tortuoso." (61)

Carta 13, A Morte

Saturado pelos lampejos da roda da vida. deixei-me cair no chão e fechei os olhos.

Mas pareceu-me que a roda ainda estava girando diante de mim e que as quatro bestas

nas nuvens ainda estavam sentadas e liam seus livros.

E de repente, abrindo os olhos, vi um gigantesco cavaleiro num cavalo de batalha

branco, vestido com uma armadura negra com um elmo e um penacho negros.

O rosto de um esqueleto olhava para fora sob o elmo. Uma mão ossuda sustentava

uma grande bandeira negra que ondulava suavemente, e a outra segurava as rédeas

negras, ornamentadas com um crânio e ossos cruzados.

E onde quer que o corcel branco passasse, a noite e a morte o seguiam, as flores

murchavam, as folhas caíam, a Terra ficava coberta por um sudário branco, cemitérios

apareciam, torres, palácios e cidades caíam em ruínas.

Reis em pleno esplendor de glória e poder, belas mulheres, amadas e desejadas,

altos sacerdotes investidos do poder de Deus, crianças inocentes - todos, à aproximação

do corcel branco, tombavam de joelhos aterrorizados diante dele e estendiam as mãos

com desespero e angustia — e então caíam para não levantar mais.

À distância, por trás das torres, o Sol se punha.

O calafrio da morte tomou conta de mim. Parecia-me que eu já sentia os cascos

brancos do corcel no meu peito e vi o mundo todo mergulhando num abismo.

Mas de repente senti algo familiar no passo medido do cavalo, algo que eu tinha

ouvido e visto antes. Outro instante — e ouvi no seu passo o movimento da roda da vida.

[193]

A compreensão penetrou em mim, e olhando para o cavaleiro que desaparecia e

para o Sol poente, compreendi que o caminho da vida consiste nas pegadas do corcel da

61 Assim falou Zaratustra, III.

ovo Modelo do Universo

Morte.

O Sol, pondo-se de um lado, ergue-se do outro.

Cada momento de seu movimento é um poente num lugar e um nascente noutro.

Compreendi que assim como o Sol nasce no poente e se põe no nascente, a vida

morre quando nasce e nasce quando morre.

"Sim", disse a Voz, "você pensa que o Sol tem só um propósito, se pôr e nascer. O

Sol sabe alguma coisa sobre a Terra, as pessoas do poente e do nascente? Ele segue

seu caminho, em sua própria órbita, em torno de um Centro Desconhecido. A Vida, a

Morte, o nascer do Sol, o pôr-do-sol, você não está ciente de que tudo isso não passa de

pensamentos, sonhos e preocupações do Louco?"

Carta 11, A Força

No meio de uma planície verde, cercada de colinas azuis em suaves ondulações, vi

uma mulher com um leão.

Coroada de rosas, o sinal da Eternidade na cabeça, a mulher fechava calma e

confíantemente a boca do leão, e este lambia-lhe delicadamente a mão.

"Esta é a imagem da força", disse a Voz, "compreenda todos os seus significados.

"Antes de tudo, ela mostra a força do amor. Não existe nada mais forte do que o amor. Só o amor pode sobrepujar o mal. O ódio sempre provoca o ódio. O mal sempre traz o mal.

"Vê aquelas guirlandas de rosas? Elas falam da cadeia mágica. A união dos desejos, a união dos esforços, cria tal força que toda a força selvagem inconsciente se inclina diante dela.

"E mais adiante está a força da Eternidade.

"Aqui você entra na esfera dos mistérios. Para uma consciência que se dá conta do sinal da Eternidade acima dela, não há obstáculos, nem pode haver qualquer resistência do infinito."

Carta 12, O Enforcado

E vi um homem com as mãos amarradas nas costas, pendurado por uma perna numa forca alta, com a cabeça para baixo, e em terríveis tormentos. Em volta de sua cabeça havia um halo dourado.

E ouvi a Voz que me falou:

"Veja! esse é o homem que viu a Verdade.

"Um novo sofrimento, semelhante ao qual nenhum infortúnio terreno pode causar, é o que espera o homem na Terra quando ele encontra o caminho da Eternidade e a

ovo Modelo do Universo
compreensão do Infinito. [194]
"Ele ainda é um homem, mas já sabe muitas coisas inacessíveis mesmo aos
deuses. E esse conflito entre o grande e o pequeno em sua alma é a sua tortura e o seu
Gólgota.
"Em sua própria alma surge uma alta forca, na qual ele se perdura sofrendo,
sentindo-se como se estivesse de cabeça para baixo.
"Ele próprio escolheu esse caminho.
"Foi por isso que ele seguiu uma longa jornada de provação em provação, de
iniciação em iniciação, através de fracassos e quedas.
"E agora encontrou a Verdade e conheceu a si mesmo.
"E agora sabe que é ele que está entre a Terra e o Céu controlando os elementos
com os símbolos mágicos, e é também ele que caminha com o chapéu do Louco por uma
estrada poeirenta sob o Sol abrasador, em direção ao abismo em que o. crocodilo o
espera. É ele com sua companheira no Jardim do Éden, sob a proteção do gênio
benfazejo; é também ele que está acorrentado com ela no cubo das mentiras; é ele que
permanece por um instante como conquistador na carroça ilusória, puxada pelas esfinges
prontas para correrem em direções opostas; e ainda é ele que, no deserto, procura pela
Verdade com uma lanterna na brilhante luz do dia.
"E agora ele encontrou a Verdade."
1911-1929
[195]
ovo Modelo do Universo

Capítulo VI - O Que é a Ioga?

*

O MISTÉRIO DO ORIENTE

Para o Ocidente, o Oriente foi sempre a terra do mistério e dos enigmas. Sobre a índia em particular, existiam e ainda existem muitas lendas e histórias fantásticas, sobretudo a respeito do conhecimento misterioso dos sábios, filósofos, faquires e santos hindus.

Na verdade, muitos fatos têm mostrado, desde muito tempo, que, além do conhecimento contido nos livros antigos da índia, em suas escrituras sagradas, lendas, canções, poemas e mitos, existe um outro determinado conhecimento que não pode ser extraído dos livros e que não é revelado abertamente, mas cujos traços são vistos de modo absolutamente claro.

É impossível negar que a filosofia e as religiões da Índia contêm inesgotáveis fontes de pensamento. E a filosofia europeia fez e continua fazendo largo uso dessas fontes, mas, de maneira muito estranha, nunca pode tirar delas o que é mais importante e mais essencial.

Muitos europeus que estudaram os ensinamentos religiosos e filosóficos do Oriente compreenderam esse fato. Eles sentiram que eles não receberam dos livros tudo que os hindus sabem. E esse sentimento fortaleceu a idéia de que, ao lado do conhecimento contido nos livros, existe outro, secreto, escondido dos "não iniciados", ou que, ao lado dos livros conhecidos, há outros, mantidos ocultos, que contêm o "ensinamento secreto".

Gastou-se uma grande quantidade de energia e tempo na busca dessa doutrina
secreta do Oriente. E há um bom fundamento para crer que de fato existem não apenas
uma, porém muitas doutrinas desconhecidas do Ocidente, que se desenvolvem a partir de
uma raiz genérica.
Mas também há, além das doutrinas, conhecidas e desconhecidas, uma quantidade
de sistemas de autodisciplina conhecidos pela denominação de Ioga.
Podemos traduzir a palavra Ioga por unidade, união ou submissão; no primeiro
significado, ela corresponde à palavra "arreamento", do termo sânscrito yug, ao qual
corresponde a palavra inglesa yoke (jugo, opressão) e a russa aro.
Um dos sentidos da palavra "Ioga" é "ação correta".
Seguir a Ioga significa submeter ao controle de um ou outro sistema de Ioga o
pensamento, o sentimento, os movimentos internos e externos, etc., isto é, as funções,
que na sua maioria trabalham sem controle.
"Ioguins" é o nome que se dá aos que vivem e agem de acordo com a "Ioga". São
homens que passam ou passaram por determinadas escolas e vivem em conformidade
com regras que só eles conhecem e que são incompreensíveis para os não iniciados, e
em conformidade com o conhecimento que aumenta infinitamente seus poderes em
comparação com os dos homens comuns. [196]
Há muitas histórias e crenças sobre os "ioguins"; às vezes são considerados
místicos que vivem em contemplação, indiferentes à comida e à roupa; outras vezes,

homens que possuem poderes miraculosos, capazes de ver e ouvir à distância, homens a
quem os animais selvagens e as forças da Natureza obedecem. Esses poderes e
ovo Modelo do Universo
capacidades são adquiridos através de métodos e exercícios que constituem o segredo
da Ioga e capacitam os ioguins a compreenderem as pessoas e a agirem correta e
convenientemente em todas as circunstâncias e ocasiões da vida.
Os ioguins não têm nada em comum com os "faquires", isto é, com os homens que
procuram submeter o corpo físico à vontade por meio do sofrimento, e que são muitas
vezes fanáticos ignorantes torturando-se para alcançarem a beatitude celeste, ou mágicos
que fazem "milagres" por dinheiro, milagres esses baseados na habilidade, paciência e
hábito do corpo de assumir posturas incríveis ou de exercitar suas funções de maneira
anormal.
Esses mágicos e faquires dão a si mesmos, muitas vezes, o nome de ioguins, mas
um verdadeiro ioguim pode sempre ser reconhecido, porque nunca pode ter o fanatismo e
o sectarismo frenético dos faquires; ele não exibirá nada por dinheiro e, acima de tudo,
possuirá um conhecimento que ultrapassa o dos homens comuns.
"A ciência dos ioguins", isto é, os métodos usados pelos ioguins para desenvolverem
em si poderes e capacidades extraordinários, vem da Antiguidade remota. Há milhares de
anos, os sábios da índia antiga sabiam que os poderes do homem., em todas as esferas e

campos de sua atividade, podem ser grandemente aumentados por meio de um
treinamento correio e habituando o homem a controlar seu corpo, intelecto, atenção,
vontade, emoções e desejos.
Desse ponto de vista, o estudo do homem da índia antiga alcançava um nível
absolutamente inconcebível para nós. Isso só pode ser explicado pelo fato de que as
escolas filosóficas existentes então eram ligadas diretamente às escolas esotéricas.
O homem não era considerado um ser completo, mas um ser que tinha em si uma
porção de poderes latentes. A idéia era de que, na vida comum e no homem comum,
esses poderes estavam adormecidos, mas podem ser despertados e desenvolvidos por
meio de certo modo de vida, certos exercícios, certo trabalho sobre si mesmo. Isso é o
que se chama Ioga. Um conhecimento das idéias da Ioga toma o homem capaz, em
primeiro lugar, de se conhecer melhor, compreender suas capacidades e inclinações
latentes, descobrir e determinar a direção em que elas devem ser desenvolvidas; e em
segundo lugar, de despertar suas capacidades latentes e aprender como usá-las em
todos os caminhos da vida.
"A ciência dos ioguins", ou, mais corretamente, o ciclo das ciências dos ioguins,
consiste em descrições desses métodos, adaptados aos homens de diferentes tipos e
atividades na vida, e também na exposição das teorias relacionadas com esses métodos.
Cada uma das "ciências" que compõem a Ioga se divide em duas partes: a teórica e

a prática.

A teórica visa estabelecer os princípios fundamentais e a linha geral do assunto

como um todo completo e interligado, sem descer a detalhes desnecessários.

A parte prática ensina os métodos e modos do melhor treinamento para a atividade

desejada, os métodos e meios de desenvolvimento dos poderes e capacidades latentes.

[197]

É necessário mencionar aqui que mesmo a parte teórica nunca pode, na verdade,

ser aprendida nos livros. Os livros podem, no máximo, servir como resumos somente com

o propósito de repetir e para recordar, enquanto o estudo das idéias da Ioga exige uma

instrução e explicação oral.

No que diz respeito à parte prática, muito pouco pode ser exposto por escrito. Por

conseguinte, mesmo que haja livros contendo tentativas de uma exposição dos métodos

práticos da Ioga, possivelmente não podem servir como um manual para o trabalho

prático e independente.

ovo Modelo do Universo

Em geial, falando a respeito de Ioga, é necessário salientar que a relação entre suas

partes prática e teórica é análoga à relação entre os aspectos prático e teórico da arte. Há

uma teoria da pintura, mas o estudo dela não capacita ninguém a pintar. Existe uma teoria

da música, mas o estudo dela não capacita ninguém a tocar qualquer instrumento

musical.

Na prática da arte, como na prática da Ioga, há alguma coisa que não existe nem

pode existir na teoria. A prática não é construída de acordo com a teoria. A teoria deriva
da prática.
As ciências da Ioga, na índia, foram mantidas em segredo durante muito tempo, e
esses métodos, que aumentam o poder do homem de maneira quase milagrosa, era
privilégio de escolas especiais ou segredo de ascetas e eremitas que tinham renunciado
inteiramente ao mundo. Nos templos hindus (ou em conexão com eles) havia escolas em
que os alunos, cheias, que tinham atravessado um longo caminho de testes e educação
preparatória, eram iniciados na ciência dos ioguins por mestres especiais, gurus. Os
europeus eram incapazes de obter qualquer informação sobre a Ioga, e o que era
geralmente narrado por viajantes a respeito desse assunto tinha como atributo um caráter
puramente fantástico.
A primeira informação correta sobre a Ioga só começou a aparecer na segunda
metade do século XIX, embora muitos métodos iogues fossem conhecidos pelas
sociedades místicas desde muito antes.
Mas embora os europeus tenham extraído muita coisa dos ioguins, apesar disso
foram incapazes de compreender e se dar conta de toda a importância das "ciências dos
ioguins", em seu conjunto.
Na verdade, a Ioga é a chave de toda a antiga sabedoria do Oriente.
Os antigos livros da índia não podem ser compreensíveis para os cientistas
ocidentais. Isso acontece porque todos esses livros foram escritos por ioguins, isto é, por

homens que não possuíam apenas um intelecto desenvolvido, mas poderes e
capacidades que ultrapassavam infinitamente os do homem comum.
Os poderes que a Ioga confere não se limitam ao fortalecimento da capacidade de
compreensão. A Ioga aumenta a capacidade criativa do homem em todas as esferas e
domínios da vida, dá-lhe a possibilidade de penetração direta nos mistérios da Natureza,
revela-lhe os segredos da eternidade e os enigmas da existência.
Ao mesmo tempo a Ioga aumenta os poderes do homem, primeiro, para a luta contra
a vida, isto é, contra todas as condições físicas em que ele nasceu e que lhe são
inteiramente hostis; segundo, para a luta contra a Natureza, que quer sempre usá-lo para
seus próprios fins; e terceiro, para a luta contra as ilusões de sua própria consciência que,
sendo dependente do limitado mecanismo psíquico do homem, cria uma quantidade
enorme de miragens e enganos. A Ioga ajuda o homem a lutar contra a ilusão das
palavras, mostra-lhe claramente que um pensamento expresso por palavras [198] não pode
ser verdadeiro, que não pode haver verdade nas palavras, que, na melhor das hipóteses,
elas podem somente sugerir a verdade, revelá-la por um momento e logo ocultá-la. A Ioga
ensina o caminho para encontrar a verdade oculta dissimulada nas coisas, nas ações dos
homens, nos escritos de grandes sábios de todos os tempos e povos.
A Ioga tem cinco divisões:

1. Raja-loga ou a loga do desenvolvimento da consciência.
2. Jnana-loga (Gniana ou Gnana-loga), a loga do conhecimento.
3. Karma-loga ou a loga das ações corretas.
ovo Modelo do Universo
4. Hatha-loga, a loga do poder sobre o corpo.
5. Bhakti-loga, a loga da ação religiosa correta.

As cinco logas são cinco caminhos que conduzem à mesma meta: à perfeição, à
transição para os níveis mais elevados de conhecimento e de vida.
As divisões das cinco logas dependem da divisão de tipos do homem, suas
capacidades, preparação, *etc.* Um homem pode começar pela contemplação, pelo estudo
do seu próprio "eu". Outro precisa do estudo objetivo da Natureza. Um terceiro deve,
antes de tudo, compreender as regras de conduta na vida comum. Para um quarto, antes
de mais nada, é necessário adquirir o controle do corpo físico. Para um quinto é
necessário "aprender a orar", compreender seus sentimentos religiosos e aprender a
dirigi-los.
A loga ensina como fazer corretamente tudo que o homem faz. Só pelo estudo da
loga o homem pode ver como agiu erradamente em todas as ocasiões de sua vida;
quanta força desperdiçou de maneira completamente inútil, alcançando só os resultados
mais pobres com um dispêndio de energia enorme.
A loga ensina ao homem os princípios da correta economia de forcas. Ensina-lhe a

ser capaz de fazer tudo que faz, conscientemente, quando é necessário. Isso aumenta
desmedidamente os poderes do homem e aperfeiçoa os resultados do seu trabalho.
O estudo da Ioga, antes de tudo, mostra ao homem quanto ele tinha se enganado a
seu próprio respeito.
O homem se convence de que é muito mais fraco e muito mais insignificante do que
se considerava e, ao mesmo tempo, de que pode se tornar mais forte e poderoso do que
o mais forte e poderoso homem que ele possa imaginar.
Ele vê não só o que é, mas o que pode vir a ser. Sua concepção da vida, do lugar,
papel e finalidade do homem na vida, sofre uma completa mudança. Ele perde o
sentimento de separação, e o de falta de sentido e da natureza caótica da vida. Começa a
compreender seu objetivo e a ver que sua busca desse objetivo coloca-o em contato com
outras pessoas que seguem na mesma direção.
A Ioga não procura, como seu objetivo primário, guiar o homem. Ela apenas
aumenta seus poderes em qualquer das direções de sua atividade. Mas ao mesmo
tempo, usando os poderes dados pela Ioga, o homem pode seguir uma única direção. Se
ele mudar essa direção, a própria Ioga se voltará contra ele, o deterá, o despojará de
todos os poderes, e pode até. possivelmente, destruí-lo totalmente. A Ioga dá enorme
poder, mas esse poder só pode ser usado em determinada direção. É uma lei que se
torna clara para todo aquele que estuda a Ioga. [199]
Em tudo a que se refere, a Ioga ensina o homem a discriminar o real do falso, e essa

capacidade de discriminação adequada ajuda o homem a encontrar as verdades ocultas
onde até agora ele não tinha visto nem suposto nada oculto.
Quando um estudioso da Ioga começa a estudar determinados livros que pensava
conhecer muito bem, encontra de repente neles, para seu profundo espanto, uma
infinidade de coisas novas. Esses livros parecem revelar-lhe algumas profundezas
ocultas, e é com surpresa e admiração que sente essa profundeza e compreende que até
agora não tinha visto senão a superfície.
Muitos livros pertencentes às escrituras sagradas da índia produzem tal efeito. Não
há necessidade de manter esses livros ocultos. Eles podem ser acessíveis a todos e,
ainda assim, ocultos a todos, exceto àqueles que sabem lê-los. E tais livros ocultos
existem em todos os países e entre todos os povos. Um dos mais ocultos, o Novo
Testamento, é o mais largamente conhecido. Mas é de todos o que as pessoas sabem ler
ovo Modelo do Universo
menos, e cuja compreensão mais deturpam.
A Ioga ensina como buscar a verdade e encontrar a verdade em tudo. Ensina que
não há nada que não possa servir como ponto de partida para encontrar a verdade.
A Ioga não é acessível de uma só vez em sua totalidade. Ela tem muitos graus de
dificuldade variada. É a primeira coisa que uma pessoa que deseja estudar a Ioga precisa
compreender.
Os limites da Ioga não podem ser vistos de uma só vez ou à distância no começo do

caminho. Novos horizontes se abrem para aquele que estuda a Ioga, se ele continua seu
caminho. Cada novo passo lhe mostra alguma coisa nova adiante, alguma coisa que ele
não tinha nem podia ter visto antes. Mas ele não pode ver muito à frente. E no começo do
estudo da Ioga neto pode saber tudo que esse estudo lhe dará. A Ioga é um caminho
inteiramente novo, e ao entrar nele é impossível saber aonde ele conduzirá.
Dizendo de outro modo, não se pode definir a Ioga como se define a Medicina, a
Química, a Matemática. Para defini-la são necessários o estudo e o conhecimento dela.
A Ioga é uma porta fechada. Qualquer um pode bater se quiser entrar. Mas
enquanto não entrar não pode saber o que encontrará por trás dessa porta.
Aquele que entra no caminho da Ioga com o objetivo de alcançar seu cume deve
entregar-se completamente a ela, dar-lhe todo seu tempo e energia, todos os seus
pensamentos, sentimentos e estímulos. Deve empenhar-se em se harmonizar, adquirir
uma unidade interior, criar em si mesmo um "eu"permanente, proteger-se das rivalidades,
maus humores e desejos contínuos, que o fazem oscilar ora numa direção, ora noutra.
Deve obrigar todos os seus poderes a servirem a um objetivo. A Ioga requer tudo isso,
mas também ajuda a alcançá-lo mostrando os meios e métodos através dos quais se
pode consegui-lo. Para cada espécie de atividade há condições especiais favoráveis a ela
e que a Ioga ajuda a definir.

O estudo da Ioga é impossível no estado disperso dos pensamentos, desejos e
sentimentos no meio dos quais o homem comum vive. A Ioga exige o homem todo, todo o
seu tempo, energia, pensamentos, sentimentos, toda a sua vida. Só a Karma-loga permite
que o homem permaneça nas condições de sua vida habitual. Todas as outras logas
exigem imediato e completo afastamento da vida, ainda que apenas por algum tempo. O
estudo das logas, com exceção da Karma-loga, é impossível nas [200] circunstâncias da
vida. O estudo da Ioga é igualmente impossível sem um mestre, sem sua constante e
incessante vigilância sobre o aluno.
Aquele que espera conhecer a Ioga lendo alguns livros ficará muito decepcionado.
Num livro, numa exposição escrita, é impossível transmitir a um homem qualquer
conhecimento prático — tudo depende do trabalho do mestre sobre ele e de seu próprio
trabalho sobre si mesmo.
O objetivo comum de todas as formas de Ioga é a mudança do homem, o
alargamento de sua consciência. Na base de todas as logas está um princípio, de que o
homem tal como nasceu e vive é um ser incompleto e imperfeito, mas que pode ser
alterado e conduzido ao desenvolvimento possível a ele através da instrução e
treinamento adequados.
Do ponto de vista dos princípios da Ioga, o homem é um simples material sobre o
qual é possível e necessário trabalhar.
Isso se refere antes de tudo ao mundo interior do homem, sua consciência, seu

mecanismo psíquico, suas capacidades mentais, seu conhecimento que, de acordo com
os ensinamentos dos ioguins, podem ser completamente mudados, libertos de todas as
limitações habituais e fortalecidos num grau que ultrapassa toda imaginação. Como
resultado, o homem adquire novas possibilidades de conhecer a verdade e novos poderes
para superar os obstáculos no seu caminho, de onde quer que esses obstáculos surjam.
ovo Modelo do Universo
Além disso, ele se refere ao corpo físico do homem, que é estudado e gradativamente
submetido ao controle da mente e da consciência, mesmo naquelas funções de que o
próprio homem geralmente não se dá conta de modo algum.
O desabrochar da consciência superior é a meta de todas as logas.
Seguindo o caminho da Ioga, o homem deve alcançar o estado de samadhi, isto é,
de êxtase ou iluminação, somente no qual a verdade pode ser compreendida.

AS CINCO IOGAS

Hatha-Ioga

A Hatha-Ioga é a Ioga do poder sobre o corpo e a natureza física do homem.
De acordo com os ensinamentos dos ioguins, um estudo prático da Hatha-Ioga dá
ao homem a saúde ideal, prolonga sua vida e dá-lhe muitos poderes e capacidades novos
que o homem comum não possui e que parecem quase milagrosos.

Os ioguins afirmam que um corpo saudável e com funcionamento normal é mais
facilmente submetido ao controle da consciência e da mente do que um corpo doente,
desorganizado e sem equilíbrio e do qual nunca se sabe o que esperar. Além disso, é
mais fácil não se ocupar de um corpo saudável, enquanto um corpo doente submete o
homem a ele, faz com que este pense demais nele, requer demasiada atenção.
Portanto, a primeira meta da Hatha-loga é um corpo saudável.
Ao mesmo tempo, a Hatha-loga prepara o corpo físico do homem para suportar
todas as privações relacionadas com o funcionamento nele das forças psíquicas
superiores: a consciência superior, a vontade, emoções intensas, *etc.* Essas forças não
funcionam no homem comum. Seu despertar e desenvolvimento produzem uma terrível
tensão e pressão sobre o corpo físico. E se este não está treinado e preparado através de
exercícios especiais, se está em sua condição doentia habitual, é incapaz de [201] suportar
essa pressão e não pode continuar com o trabalho intensivo não habitual dos órgãos da
percepção e da consciência, que está relacionado inevitavelmente com o
desenvolvimento das forças e possibilidades superiores do homem. Para capacitar o
coração, o cérebro e o sistema nervoso (e também outros órgãos, cujo papel na vida
psíquica do homem é pouco conhecido, se tanto, pela ciência do Ocidente) a suportar a
pressão das novas funções, o corpo todo deve estar bem equilibrado, harmonizado,

purificado, organizado e preparado para o trabalho novo e tremendamente duro que o
espera.
Há muitas regras elaboradas pelos ioguins com vistas à regulação e controle das
atividades dos diversos órgãos do corpo. Os ioguins afirmam que o corpo não pode ser
abandonado a si mesmo. Os instintos não guiam sua atividade com vigor suficiente; é
imperiosa a intervenção do intelecto.
Uma das idéias fundamentais dos ioguins com respeito ao corpo é que em seu
estado natural o corpo não pode ser considerado de modo algum o aparelho ideal que
muitas vezes pensamos que é. Muitas funções são necessárias apenas para preservar a
existência do corpo em várias condições desfavoráveis; e há funções que são o resultado
de outras, erradas.
Além disso, os ioguins pensam que muitas dessas condições desfavoráveis já
desapareceram, embora as funções criadas por elas continuem a existir. E os ioguins
afirmam que, abolindo essas funções desnecessárias, é possível aumentar grandemente
ovo Modelo do Universo
a energia que pode ser usada para o trabalho útil.
Também há muitas funções que estão num estado rudimentar, mas podem ser
desenvolvidas a um grau inconcebível.
Do ponto de vista dos ioguins, o corpo dado pela Natureza é somente material. E um
homem no caminho para seus objetivos superiores pode usar esse material e, depois de
reformá-lo e remodelá-lo de um modo conveniente, criar para si mesmo uma arma que o

tornará capaz de alcançar seus objetivos. Os ioguins afirmam que as possibilidades
latentes no corpo são enormes.
E eles possuem numerosos métodos e meios para reduzir as funções inúteis do
corpo e para despertar e trazer à tona os novos poderes e capacidades que estão
adormecidos nele.
Os ioguins dizem que só uma proporção insignificante da energia do corpo é usada
proveitosamente (isto é, para preservar a vida do corpo e servir às metas superiores do
homem). Em sua opinião, a maior parte da energia produzida pelo corpo é gasta quase
inutilmente.
Mas eles consideram possível fazer todos os órgãos do corpo trabalharem para um
objetivo único, isto é, tomar toda a energia criada pelos órgãos e fazê-la servir aos
objetivos superiores, que no presente ela muitas vezes só impede.
A Hatha-loga trata da natureza física do homem no sentido mais estrito da palavra,
isto é, das funções vegetativas e animais. E com respeito a essa natureza física, os
ioguins conheciam há muito tempo certas leis que só foram percebidas pela ciência
ocidental em época muito recente. Primeiro, a extraordinária independência dos órgãos
distintos do corpo e a ausência de um centro comum governando a vida do organismo; e
segundo, a capacidade de um órgão fazer, numa certa medida e em certos casos, o
trabalho de outro.
Observando a independência dos vários órgãos e partes do corpo, os ioguins

concluíram que a vida do corpo consiste em milhares de vidas separadas. Cada uma [202]
dessas "vidas" pressupõe uma "alma" ou uma "consciência". Os ioguins reconhecem que
essas "vidas" independentes possuem "almas" separadas, não só em todos os diversos
órgãos, mas também em todos os tecidos e substâncias do corpo. Esse é o lado "oculto"
da Hatha-loga.
Essas "vidas" cessas "consciências" são os "espíritos" do corpo. De acordo com a teoria da Hatha-loga, o homem é capaz de subordiná-las a si mesmo, fazê-las servirem a
seus objetivos.
Os Hatha-ioguins aprendem a controlar a respiração, a circulação do sangue e a
energia nervosa. Diz-se que se tornam capazes, suspendendo a respiração, de quase
pararem todas as funções do corpo, mergulhá-las numa letargia na qual um homem pode
permanecer por qualquer espaço de tempo sem alimento ou ar, e sem prejuízo para si
mesmo. Por outro lado, diz-se que se tornam capazes de intensificar a respiração e,
igualando seu ritmo às batidas do coração, absorverem um enorme suplemento de força
vital, e usarem essa forca, por exemplo, para tratar as doenças, tanto as suas quanto as
de outras pessoas. Supõe-se que, por um esforço de vontade, os ioguins sejam capazes
de suspender a circulação do sangue em qualquer parte do corpo ou, ao contrário, de
dirigir para ela um suplemento aumentado de sangue arterial fresco e de energia nervosa.
É justamente nisso que se baseia seu método de tratamento.

Aprendendo a governar o próprio corpo, os ioguins aprendem ao mesmo tempo a
governar todo o Universo material.
O corpo humano representa um Universo em miniatura. Contém tudo, do mineral a
Deus. E isso não é para eles uma simples figura de linguagem, mas a verdade mais real.
Através do corpo, o homem está em contato com o Universo como um todo e com todas
ovo Modelo do Universo
as coisas que existem nele. A água contida no corpo humano relaciona o homem com
toda a água da Terra e da atmosfera; o oxigênio, com o oxigênio de todo o Universo; o
carbono, com o carbono; o princípio vital, com todas as coisas vivas no mundo.
É perfeitamente claro por que isso deve ser assim. A água que entra na composição
do corpo humano não está separada da água que está fora do corpo, é só como se ela
fluísse através do homem; acontece o mesmo com o ar e com as substâncias químicas
do corpo, etc.; eles simplesmente passam através do corpo.
Ao aprender a controlar os vários princípios ("espíritos", de acordo com a
terminologia oculta) que compõem seu corpo, o homem se torna capaz de controlar os
mesmos princípios no mundo, isto é, "os espíritos da Natureza".
Ao mesmo tempo, uma compreensão correta dos princípios da Hatha-Ioga ensina o
homem a compreender as leis do Universo e seu próprio lugar no mundo.
Mesmo um conhecimento elementar dos princípios e métodos da Hatha-Ioga mostra

a impossibilidade do estudo da Ioga sem um mestre e sem a sua supervisão constante.

Os resultados alcançados pelos métodos da Hatha-Ioga são devidos igualmente ao

trabalho do próprio aluno e ao trabalho do mestre sobre o aluno.

Nas outras logas isso pode não ser tão claro. Mas na Hatha-Ioga não pode haver a

menor dúvida a respeito, especialmente quando o homem que a estuda compreendeu os

princípios das "Asanas".

"Asanas" é o nome que se dá, na Hatha-Ioga, a certas posturas especiais do corpo

que um ioguim deve aprender a assumir. Muitas dessas posturas parecem, à primeira

vista, inteiramente impossíveis. Elas dão a impressão de que o homem, ou não deve [203]

ter nenhum osso, ou deve quebrar todos os seus tendões. Já existe um número suficiente

de imagens fotográficas e até cinematográficas das "Asanas", e a dificuldade dessas

posturas é evidente a qualquer um que tenha tido a oportunidade de ver essas imagens.

Mesmo a descrição das "Asanas", que pode ser encontrada em certos livros de Hatha-Ioga, mostra a dificuldade delas e sua impossibilidade prática para qualquer homem

comum. Apesar disso, os Hatha-ioguins estudam essas "Asanas", isto é, treinam o corpo

para adotar todas essas posturas incríveis.

Qualquer pessoa pode tentar uma das "Asanas" mais fáceis. É a "posição de Buda",

assim chamada porque o Buda sentado é habitualmente representado nessa "Asana". A

forma mais simples dessa "Asana" é quando um ioguim senta com as pernas cruzadas,

não "à moda turca", mas com um pé colocado sobre o joelho oposto e o outro joelho
sobre o outro pé; as pernas firmemente pressionadas contra o chão e uma contra a outra.
Mesmo essa "Asana", a mais simples de todas, é impossível sem um treinamento longo e
persistente. Mas, na verdade, a postura descrita desse modo não é uma "Asana"
completa. Se olharmos atentamente para as estátuas do Buda, veremos que ambos os
pés estão sobre os joelhos, com as solas para cima. Em tal posição, as pemas ficam
entrelaçadas de um modo que parece totalmente impossível sem quebrar os ossos. Mas
as pessoas que estiveram na índia viram e fotografaram essa "Asana" em sua forma
completa.
Além das "Asanas" exteriores, existem também as "Asanas" interiores, que
consistem em modificar várias funções internas, como por exemplo retardar ou apressar a
ação do coração e toda a circulação do sangue. Além disso, elas capacitam o homem a
controlar uma série completa de funções internas que habitualmente estão não apenas
fora do controle do homem, mas em muitos casos, são completamente desconhecidas da
ciência europeia ou apenas começam a ser suspeitadas.
O significado e o objetivo final das "Asanas" exteriores é precisamente conseguir
controlar as funções internas. A auto-aprendizagem das "Asanas" apresenta dificuldades
insuperáveis. Existem descrições de cerca de setenta "Asanas". Mas mesmo a descrição
ovo Modelo do Universo

mais completa e detalhada não apresenta a ordem em que devem ser estudadas. E essa
ordem não pode ser indicada nos livros porque depende do tipo físico do homem.
Quer dizer que é necessária uma ordem diferente para cada tipo físico. Para cada
homem existe uma ou várias "Asanas" que ele pode aprender e praticar mais facilmente
que as outras. Mas o próprio homem não conhece seu próprio tipo físico e não sabe que
"Asanas" são as mais fáceis para ele e com quais deve começar. Além do mais, ele não
conhece os exercícios preparatórios, diferentes para cada "Asana" e para cada tipo físico.
Tudo isso só pode ser determinado para ele por um mestre que possua
conhecimento completo da Hatha-Ioga.
Depois de um certo período de observação e de certos exercícios experimentais que
estabelece para o aluno, o mestre determina seu tipo físico e diz-lhe com que "Asanas"
deve começar. Um aluno deve começar com a décima sétima "Asana", outro com a
trigésima quinta, um terceiro com a quinquagésima sétima, um quarto com a primeira, e
assim por diante.
Tendo estabelecido qual das "Asanas" o aluno deve tentar dominar, o mestre lhe dá
exercícios especiais e sucessivos que demonstra para ele. Esses exercícios o [204]
conduzem gradualmente à "Asana" desejada, isto é, tornam-no capaz de assumir e
conservar por um certo tempo a postura do corpo necessária.
Quando a primeira "Asana" é alcançada, o mestre determina a "Asana" seguinte que

o aluno deve tentar atingir, e lhe dá novamente os exercícios que, com o passar do
tempo, levam-no a essa "Asana".
O estudo de uma "Asana" errada contém dificuldades quase insuperáveis. E, além
disso, como é assinalado de maneira absolutamente precisa nos livros que expõem os
princípios da Hatha-Ioga, "uma Asana incorreta mata o homem".
O conjunto de tudo isso mostra de maneira inteiramente clara que o estudo da
Hatha-Ioga, bem como o das outras logas, é impossível sem um mestre.
O método principal da Hatha-Ioga, aquele que torna possível subordinar o corpo
físico à vontade e até as funções físicas "inconscientes", é o trabalho contínuo sobre o
domínio do sofrimento.
O domínio do sofrimento, do medo do sofrimento físico, do contínuo e incessante
desejo de tranquilidade, bem-estar e conforto cria a força que transfere um Hatha-ioguim
para outro nível de ser.
Na literatura, principalmente teosófica, (62) que diz respeito à história dos princípios e
métodos da Ioga existe uma diferença de opinião que tem certa importância. Há autores
que sustentam que o estudo da Ioga deve começar necessariamente pela Hatha-Ioga e
que sem a Hatha-Ioga ele não pode dar resultado algum. E há outros autores que
sustentam que a Hatha-Ioga pode ser estudada depois das outras logas, sobretudo
depois da Raja-Ioga, quando o aluno já está de posse de todos os poderes dados por
uma nova consciência.

A solução mais correta do problema seria admitir que nesse caso, assim como em
muitos outros, a diferença depende do tipo; isto é, há tipos de homens que devem
começar necessariamente pela Hatha-Ioga, e há outros para quem são possíveis os
caminhos através das outras logas.
Nos registros científicos de investigadores do "Ascetismo hindu", existentes na
literatura ocidental, os Hatha-ioguins são infelizmente confundidos muitas vezes com os
"faquires". Podem-se compreender facilmente as causas de tal confusão. Os
investigadores que observam os fenômenos externos e não compreendem os princípios

62 Por exemplo, Old Diary Leaves de H. S. Olcott, vols. II e III.

da Ioga não podem distinguir os fenômenos originais da imitação. (63) Os faquires imitam os
Hatha-ioguins. Mas o que os Hatha-ioguins fazem para alcançar uma meta definida, e que
é claramente compreendido por eles, torna-se a meta para os faquires. Estes começam
portanto pelo mais difícil, pelos extremos, e principalmente por práticas que danificam o
corpo físico. Eles mantém os braços, ou um braço, esticados para cima até murcharem;
olham para o fogo ou para o Sol até ficarem cegos; deixam-se comer por insetos, e assim
por diante. Por um certo período de tempo, alguns deles desenvolvem em si, por esse
meio, capacidades estranhas e supernormais, mas seu caminho não tem nada em
comum com o dos Hatha-ioguins. [205]

Raja-Ioga

A Raja-Ioga é a Ioga da educação da consciência. Aquele que estuda praticamente
a Raja-Ioga adquire consciência do seu "eu". Adquire, ao mesmo tempo, extraordinários
poderes interiores, controle sobre si e a capacidade de influenciar outras pessoas.
A Raja-Ioga, em relação com o mundo psíquico do homem, com sua consciência em
si, tem o mesmo significado que a Hatha-Ioga em relação ao mundo físico. A Hatha-Ioga
é a Ioga do domínio do corpo, a aquisição do controle do corpo e suas funções; a Raja-Ioga é a Ioga do domínio pelo homem da ilusória e errônea consciência de si e da
aquisição do controle da consciência.
A Raja-Ioga ensina ao homem o que constitui a base da filosofia do mundo todo — o
conhecimento de si.
Assim como a Hatha-Ioga considera o corpo físico imperfeito, mas capaz de ser
mudado para melhor, também do mesmo modo a Raja-Ioga considera o aparato psíquico
do homem longe do ideal, mas capaz de ser corrigido e aperfeiçoado.
A tarefa da Raja-Ioga é a "colocação da consciência", que é inteiramente análoga à
"colocação da voz" no canto. O pensamento ocidental corrente não compreende pelo
menos a necessidade de "colocação da consciência", acha que, de modo geral, a
consciência comum é de todo suficiente e que o homem não pode ter nada mais.
A Raja-Ioga estabelece que a consciência, como uma voz poderosa, exige

"colocação" adequada, que multiplicaria dez vezes seu poder e qualidade, aumentaria sua
eficiência, faria com que ela "soasse melhor", reproduzisse melhor, reconstruísse a inter-relação das idéias, abarcasse mais de uma só vez.
A primeira afirmação da Raja-Ioga é que o homem não se conhece, de modo algum,
e tem de si uma idéia completamente falsa, distorcida.
Essa falta de compreensão de si é a dificuldade principal do homem em seu
caminho, a causa fundamental de sua fraqueza. Se imaginamos um homem que não
conhece seu corpo, as partes do seu corpo, o número e posição relativa delas, não sabe
que tem dois braços, duas pernas, uma cabeça, etc., isso dará uma imagem exata de
nossa posição em relação ao nosso mundo psíquico.
Do ponto de vista da Raja-Ioga, o mecanismo psíquico do homem é um sistema de
lentes escurecidas e deformadas através do qual sua consciência considera o mundo e a
si mesma, recebendo uma imagem que não corresponde de modo algum à realidade. O
defeito principal do mecanismo psíquico do homem é que ele o faz aceitar como isolado
aquilo que ele apresenta isolado. O homem que acredita em seu mecanismo psíquico é
um homem que acredita no campo de visão do binóculo através do qual ele olha, na plena

63 Por exemplo. Fakir und Fakirtum de Richard Schmidt.

convicção de que o que entra no campo de visão de seu binóculo naquele momento
existe separadamente do que não entra nele.

Alcança-se o novo conhecimento de si na Raja-loga através de um estudo dos
princípios do mundo psíquico do homem e através de uma longa série de exercícios da
consciência. [206]
Um estudo dos princípios da vida psíquica mostra ao homem os quatro estados de
consciência possíveis a ele, que na psicologia hindu comum são chamados:

sono profundo,
sono com sonhos,
estado desperto,
Turiya ou estado de iluminação.

(Nos ensinamentos esotéricos, definem-se esses estados de consciência de modo
um pouco diferente, mas permanecem quatro e suas relações mútuas continuam
próximas do que está acima.)
Depois disso, segue-se o estudo das funções psíquicas, pensamento, sentimento,
sensação, etc., tanto separadamente quanto ern sua relação recíproca; o estudo dos
sonhos, dos processos psíquicos semiconscientes e inconscientes, das ilusões e auto—
enganos, das várias formas e auto-hipnose e auto-sugestão, com o objetivo de livrar-se
deles.
Uma das primeiras tarefas práticas colocadas diante daquele que começa a estudar
a Raja-loga é a obtenção da capacidade de parar os pensamentos, a capacidade de não
pensar, isto é, parar inteiramente o intelecto quando quiser, dar uma pausa completa ao
aparato psíquico.

Essa capacidade de parar o pensamento é considerada uma condição necessária
para despertar certos poderes e possibilidades latentes no homem, e para subordinar à
vontade os processos psíquicos inconscientes. Só quando o homem tenha criado em si
essa capacidade de parar o fluxo dos pensamentos, pode se acercar da possibilidade de
ouvir os pensamentos de outras pessoas, e todas as vozes que falam incessantemente
na Natureza, as vozes das diversas "pequenas vidas", que são suas próprias partes
componentes, e as vozes das "grandes vidas", das quais ele é uma parte componente. Só
quando tenha adquirido a capacidade de criar um estado mental passivo, pode o homem
esperar ouvir a voz do silêncio, a única que pode revelar-lhe as verdades e segredos
ocultos para ele.
Além disso (e essa é a primeira coisa que se alcança), ao aprender a deter o
pensamento quando quiser, o homem adquire o poder de reduzir o dispêndio inútil de
energia psíquica do pensar desnecessário. Este é um dos males principais de nossa vida
interior. Quantas vezes acontece que algum pensamento entra em nossa mente e ela,
não tendo poder para expulsá-lo, revolve o pensamento continuamente sem cessar, como
um rio rola continuamente uma pedra em seu leito.
Isso ocorre especialmente quando um homem está agitado, ofendido ou magoado,
tem medo, suspeita de algo, e assim por diante. E as pessoas não compreendem que
quantidade enorme de energia é gasta nesse rolar desnecessário dos mesmos

pensamentos, das mesmas palavras da mente. As pessoas não se dão conta de que um
homem, sem notar, pode repetir muitos milhares de vezes, no período de uma ou duas
horas, alguma frase tola ou fragmento de verso que ficou retido em sua mente sem
ovo Modelo do Universo
qualquer razão.
Quando o "discípulo" tiver aprendido a não pensar, ensinam-lhe a pensar — pensar
no que ele quer e não em qualquer coisa que lhe venha à cabeça. Isso é um método de
concentração. A concentração completa da mente num assunto e a capacidade de não
pensar em qualquer outra coisa ao mesmo tempo, a capacidade de não ser desviado por
associações acidentais, dá ao homem enormes poderes. Ele pode então [207] obrigar-se
não só a pensar, mas também a não sentir, não ouvir, não ver nada que acontece em
volta dele; pode evitar ter a sensação de qualquer espécie de desconforto físico, calor, frio
ou sofrimento; é capaz de, com um único esforço, tornar-se insensível a qualquer dor,
mesmo a mais terrível. Isso explica uma das teorias de que a Hatha-Ioga se toma mais
fácil depois da Raja-Ioga.
O passo seguinte, o terceiro, é a meditação. Aquele que estudou a concentração
aprendeu a usá-la, isto é, a meditar, a penetrar profundamente numa determinada
questão, examinar seus diferentes aspectos um após outro, encontrar nela correlações e
analogias com tudo aquilo que sabe, pensou ou ouviu antes. A meditação correta revela

ao homem uma quantidade infinita de aspectos novos para ele de coisas que antes
pensava serem conhecidas por ele. Mostra-lhe profundezas sobre as quais nunca lhe
ocorrera pensar e, acima de tudo, o aproxima da "nova consciência", cujos clarões, como
relâmpagos, começam a iluminar suas meditações, revelando-lhe por um momento
horizontes infinitamente remotos.

O próximo passo — o quarto — é a contemplação. O homem aprendeu, tendo
colocado diante de si uma questão ou outra, a penetrar nela tão profundamente quanto
possível sem pensar, ou mesmo sem colocar qualquer questão diante de si, a penetrar
profundamente numa idéia, uma imagem mental, paisagem, fenômeno da Natureza, som,
número.

O homem que aprendeu a contemplar desperta as faculdades superiores de sua
alma, abre-se às influências que vêm das esferas superiores da vida do mundo e, por
assim dizer, comunga com os mistérios mais profundos do Universo.

Ao mesmo tempo, a Raja-Ioga faz do "eu" do homem o objeto de concentração,
meditação e contemplação. Ensinando o homem a economizar seus poderes mentais e
dirigi-los quando quiser, a Raja-Ioga exige dele que os dirija para o conhecimento de si, o
conhecimento do seu "eu" verdadeiro.

A transformação da consciência de si do homem e de seu "sentimento de si" é a
meta principal da Raja-Ioga. Seu objetivo é fazer com que o homem realmente sinta e se

torne consciente de suas cuiminâncias e profundezas, pelas quais ele entra em contato
com a eternidade e o infinito, isto é. fazer com que o homem sinta que não é um grão de
poeira mortal, temporário e finito no Universo infinito, mas uma quantidade imortal, eterna
e infinita igual a todo o Universo, uma gota no oceano do espírito, mas uma gota que
pode conter todo o oceano. A expansão do "eu" de acordo com os métodos da Raja-Ioga
é justamente essa união da consciência do homem com a consciência do mundo, a
transferência do foco da consciência de si de uma pequena unidade isolada para o
infinito. A Raja-Ioga expande o "eu" do homem e reconstrói sua visão e seu sentimento
de si.
Como resultado, o homem atinge um estado de extraordinária liberdade e poder.
Não só controla a si mesmo, mas pode controlar os outros. Pode ler os pensamentos de
outras pessoas, quer estejam próximas dele ou à distância; pode sugerir a elas seus
próprios pensamentos e desejos e submetê-las a si mesmo. Pode adquirir clarividência,
conhecer o passado e o futuro.
Tudo isso pode parecer fantástico e impossível a um leitor europeu, mas muito do
"milagroso" não é de fato absolutamente impossível como parece à primeira vista. Nos
métodos da Raja-Ioga tudo se baseia na compreensão de leis incompreensíveis para nós
ovo Modelo do Universo
e no caráter estritamente consecutivo e gradativo do trabalho sobre si. [208]

A idéia da "separação de si", do "não-apego", ocupa um lugar muito importante na prática da Raja-Ioga. Depois disso, segue-se a idéia da ausência de permanência e unidade no homem e em seu "eu" — e mais adiante a idéia da não-existência da separação do homem, da ausência de qualquer divisão entre o homem, a humanidade e a Natureza.

O estudo da Raja-Ioga é impossível sem a orientação constante e direta de um mestre. Antes de o aluno começar a estudar a si mesmo, é estudado pelo mestre, que determina o caminho que ele deve seguir, isto é. a sequência de exercícios que ele deve fazer, já que os exercícios nunca podem ser os mesmos para homens diferentes.

A meta da Raja-Ioga é aproximar o homem da consciência superior, provando-lhe a possibilidade de um novo estado de consciência, semelhante ao despertar depois do sono. Enquanto o homem não conhecer o sabor e a sensação desse despertar, enquanto sua mente ainda estiver adormecida, a Raja-Ioga objetiva tornar a idéia de despertar compreensível para ele, falando-lhe das pessoas que despertaram, ensinando-lhe a reconhecer os frutos do pensamento e atividade delas, que são inteiramente diferentes dos resultados da atividade das pessoas comuns.

Karma-Ioga

A Karma-Ioga ensina a viver corretamente. A Karma-Ioga é a Ioga da atividade.

Ela ensina a relação correta com as pessoas e a ação correta nas circunstâncias
comuns da vida. Ensina como se tomar um ioguim na vida sem ir para o deserto ou entrar
para uma escola de ioguins. A Karma-loga é um suplemento necessário a todas as outras
logas; só com o auxílio dela um homem pode recordar-se sempre de sua meta e nunca
perdê-la de vista. Sem a Karma-loga, todas as outras logas ou não dão resultado, ou
degeneram em alguma coisa oposta a elas próprias. A Raja-loga e a Hatha-loga
degeneram numa busca de milagres exteriores, do misterioso, do terrível, isto é, no
pseudo-ocultismo. A Bhakti-loga degenera no pseudomisticismo, na superstição, numa
adoração pessoal ou numa luta pela salvação pessoal. A Jnana-loga degenera no
escolasticismo ou, na melhor das hipóteses, na Metafísica.
A Karma-loga está sempre ligada à meta de desenvolvimento interior, de
aperfeiçoamento interior. Ela ajuda o homem a não cair interiormente no sono no meio
das influências envolventes da vida, especialmente no meio da influência hipnótica da
atividade. Ela faz com que ele se lembre de que nada que é externo tem qualquer
importância, de que tudo deve ser feito sem se preocupar com os resultados. Sem a
Karma-loga o homem é absorvido pelos objetivos mais próximos, visíveis, e esquece o
objetivo principal.
A Karma-loga ensina o homem a mudar o seu destino, a dirigi-lo à sua vontade. De

acordo com a idéia fundamental da Karma-Ioga, isso só é alcançado pela mudança da
atitude interior do homem para com as coisas e para com suas próprias ações.
A mssma ação pode ser realizada de maneira diferente, o mesmo acontecimento
pode ser vivido de maneira diferente. E se um homem muda sua atitude em relação ao
que lhe acontece, com o passar do tempo isso mudará inevitavelmente o caráter dos
acontecimentos que ele encontra no seu caminho.
A Karma-Ioga ensina o homem a compreender que quando lhe parece que ele
próprio está agindo, não é ele de fato que age, mas apenas um poder que passa através
dele. A Karma-Ioga afirma que o homem não é absolutamente o que ele pensa [209] que é,
ovo Modelo do Universo
e ensina-lhe a compreender que só em casos muito raros ele age por si mesmo e de
maneira independente, e que na maior parte dos casos ele age apenas como parte de um
ou outro grande conjunto. Esse é o lado "oculto" da Karma-Ioga, o ensinamento que diz
respeito às forças e leis que dirigem o homem.
O homem que compreende as idéias da Karma-Ioga sente sempre que não passa
de um minúsculo parafuso ou uma minúscula rodinha numa grande máquina, e que o
sucesso ou insucesso do que ele pensa que está fazendo depende muito pouco de suas
próprias ações.
Agindo e sentindo desse modo, um homem nunca pode sentir fracasso em nada,
porque o maior fracasso, o maior insucesso, pode favorecer o êxito no seu trabalho

interior, na sua luta contra si mesmo, só se ele encontrar a atitude correta em relação a
esse insucesso.
Uma vida dirigida pelos princípios da Karma-Ioga difere muito da vida comum.
Nesta, sejam quais forem as condições, o objetivo principal do homem consiste em evitar,
tanto quanto possível, todas as coisas desagradáveis, dificuldades e desconfortes.
Numa vida dirigida pelos princípios da Karma-Ioga, o homem não procura evitar as
coisas desagradáveis e os desconfortes. Pelo contrário, ele os aceita, porque eles lhe
proporcionam a chance de superá-los. Do ponto de vista da Karma-Ioga, se a vida não
oferecesse dificuldades, seria necessário criá-las artificialmente. E, por conseguinte, as
dificuldades encontradas na vida são tidas não como algo desagradável que se deva
tentar evitar, mas como condições muito úteis para os objetivos de trabalho e
desenvolvimento interior.
Quando o homem compreende isso e o sente constantemente, a própria vida se
torna seu mestre.
O princípio mais importante da Karma-Ioga é o não-apego. O homem que segue os
métodos da Karma-Ioga deve praticar o não-apego sempre e em tudo, tanto no bom
quanto no mau, no prazer e no sofrimento. O não-apego não significa indiferença. É um
certo tipo de separação de si daquilo que acontece ou do que o homem está fazendo.
Não é frieza, nem o desejo de se fechar para a vida. É o reconhecimento e a

compreensão constante de que tudo é feito de acordo com certas leis e de que tudo no
mundo tem seu próprio destino.
De um ponto de vista ordinário, seguir os princípios da Karma-Ioga aparece como
fatalismo. Mas não é fatalismo no sentido da aceitação de uma preordenação exata e
inalterável de todas as coisas, sem a possibilidade de qualquer mudança. Pelo contrário,
a Karma-Ioga ensina como mudar o Karma - como influenciar o Karma. Mas do ponto de
vista da Karma-Ioga, essa influência é um processo absolutamente interior. A Karma-Ioga
ensina que o homem pode mudar as pessoas e os acontecimentos em volta dele,
mudando sua atitude para com eles.
A idéia disso é muito clara. Todo homem, desde que nasce, é cercado por um certo
Karma, por certas pessoas e acontecimentos. E de acordo com sua natureza, educação,
inclinações e hábitos, adota uma atitude definida em relação às coisas, pessoas e
acontecimentos. Enquanto sua atitude permanece inalterada, as pessoas, coisas e
acontecimentos também permanecem inalterados, isto é, correspondem ao seu Karma.
Se ele não está satisfeito com seu karma, se quer alguma coisa nova e desconhecida,
deve mudar sua atitude em relação ao que tem e então os novos acontecimentos virão.
[210]
A Karma-Ioga é o único caminho possível para as pessoas que estão presas à vida,
que não podem se libertar das formas exteriores da vida, para as pessoas que, ou por seu

nascimento, ou por seus próprios poderes e capacidades, estão colocadas à testa de
comunidades ou grupos humanos, para as pessoas que estão ligadas ao progresso da
vida da humanidade, para personagens históricos, para aquelas cuja vida pessoal parece
ovo Modelo do Universo
ser a expressão da vida de uma época ou de uma nação. Essas pessoas não podem se
modificar de maneira visível; só podem modificar-se interiormente, enquanto
exteriormente continuam as mesmas de antes, dizendo as mesmas coisas, fazendo as
mesmas coisas, mas sem apego, como atores num palco. Ao se tornarem atores em
relação à sua vida, tornam-se ioguins no meio da mais variada e intensa atividade. Pode

haver paz em sua alma, sejam quais forem os seus problemas. Seu pensamento pode
trabalhar sem impedimento, independentemente de qualquer coisa que possa rodeá-lo.
A Karma-Ioga só pode dar liberdade ao prisioneiro na cadeia e ao rei no trono, se
eles puderem sentir que são atores representando seus papéis.

Bhakti-Ioga

A Bhakti-Ioga é a Ioga do caminho religioso. Ela ensina ao homem como acreditar,
como orar e como alcançar determinada salvação. A Bhakti-Ioga pode ser aplicada a
qualquer religião. As diferenças religiosas não existem para a Bhakti-Ioga. Só há a idéia
do caminho religioso.
O ioguim Ramakrishna, que viveu nos anos oitenta do século passado no mosteiro
de Dakshineswar. perto de Calcutá, e se tornou conhecido através das obras de seus
discípulos (Vivekananda, Abedanandae outros), era um Bhakti-ioguim. Ele reconhecia
como iguais todas as religiões, com todos os seus dogmas, sacramentos e rituais. Ele
próprio pertencia simultaneamente a todas as religiões. Passou doze anos de sua vida
seguindo continuamente o caminho do ascetismo de acordo com as regras de cada uma
das grandes religiões, uma de cada vez. E sempre chegou ao mesmo resultado, ao
estado de samadhi ou êxtase, que ele se convenceu que constitui a meta de todas as
religiões. Por isso, Ramakrishna costumava dizer a seus discípulos que, por experiência

pessoal, chegou à conclusão de que todas as religiões são uma só, e estava convencido
de que todas elas levam igualmente a Deus, isto é, ao Conhecimento Superior.
Ao aproximar o homem do samadhi, a Bhakti-Ioga, se praticada separadamente das
outras logas, afasta-o completamente do mundo. O homem adquire enormes poderes,
mas ao mesmo tempo perde a capacidade de usá-los (assim como a capacidade de usar
seus poderes comuns) para os propósitos terrenos.
Ramakrishna dizia a seus discípulos que, depois de ter estado várias vezes no
estado de samadhi, começou a sentir que não era mais capaz de cuidar de si. Dizia-lhes
como gritou uma vez, pensando que agora teria que morrer de fome. No começo isso o
aterrorizou, até que se convenceu de que sempre estava alguém cuidando dele.
No livro O Evangelho de Ramakrishna é citada uma conversa notável entre
Ramakrishna doentejá próximo da morte, e um sábio hindu, um Pandit, que foi visitá-lo.

"Pandit Sashadhar foi um dia apresentar seus respeitos ao Bhagavan Ramakrishna.
Vendo-o doente, perguntou: [211]
"Bhagavan, por que nSo concentras Tua mente sobre a parte enferma e não Te
curas assim?
"O Bhagavan respondeu:
"Como posso fixar Minha mente, que dei a Deus, sobre essa jaula de carne e
sangue?
"Sashadhar disse:
ovo Modelo do Universo

"Por que não rogas à Tua Divina Mãe pela cura da Tua doença?

"O Bhagavan respondeu:

"Quando penso em Minha Mãe, o corpo físico se desvanece e fico inteiramente fora

dele, de modo que Me é impossível rogar por alguma coisa concernente ao corpo." (64)

Desse modo, tudo o que o homem alcança nesse caminho não tem nenhum valor do

ponto de vista terreno e não pode ser usado para adquirir comodidades terrenas.

A impossibilidade de provar a qualquer outro homem, através de argumentos, a

existência de algo que ele próprio não sente emocionaimente, levou Ramakrishna a

ensinar que a Bhakti-Ioga é o melhor de todos os caminhos da Ioga, porque não exige

prova. A Bhakti-Ioga se dirige diretamente aos sentimentos e aproxima, não as pessoas

que pensam do mesmo modo, mas as que sentem do mesmo modo.

Ramakrishna também considerava a Bhakti-Ioga o mais simples e fácil de todos os

caminhos, porque não exige a destruição do apego a qualquer coisa terrena, a renúncia a

si mesmo, o abandono da própria vontade e a submissão incondicional a Deus.

Mas, uma vez que para muitas pessoas isso pode parecer justamente ser o mais

difícil, é o bastante para mostrar que a Bhakti-Ioga é um caminho para pessoas de certo

tipo de mentalidade definido, e não pode ser considerada um caminho acessível a todos.

A Bhakti-Ioga tem muito em comum com a Raja-Ioga. Como esta, aquela inclui

métodos de concentração, meditação e contemplação, mas o objetivo destas não é o
"eu", mas "Deus", isto é, o Todo, no qual a pequena centelha da consciência humana desaparece totalmente.
A importância prática da Bhakíi-Ioga está na educação emocional. Ela é um método
de "dominar" e "utilizar" as emoções para aqueles cujas emoções são particularmente
fortes, mas cujas emoções religiosas, que deviam controlar as outras, estão dispersas,
não concentradas, levam-nos imediatamente muito longe, mas produzem fortes reações.
Ao mesmo tempo, é um método para desenvolver as emoções religiosas daqueles em
que elas são fracas. A Bhakti-Ioga é, em certo sentido, um suplemento para qualquer
religião ou uma introdução à religião para o homem de tipo não religioso.

As idéias da Bhakti-Ioga estão mais próximas e são mais inteligíveis para o Ocidente
do que as idéias das outras logas, devido à existência, na literatura ocidental, de obras
sobre "prática religiosa" afins com a Bhakti-Ioga em espírito e significado, embora
completamente diferentes na qualidade. [212]
As obras dessa espécie nos países protestantes, por exemplo os livros dos místicos
alemães dos séculos XVI, XVII e XVIII, são muitas vezes interessantes, mas o
protestantismo se desligou completamente da tradição, e os autores delas foram
obrigados a procurar, aberta ou secretamente, apoio para seus métodos no "ocultismo" ou
na "teosofia" de uma espécie ou outra. Assim, as obras protestantes não são puramente

religiosas.

No Catolicismo, tudo o que tinha alguma vida foi provavelmente destruído nos

tempos da Inquisição, e as obras católicas sobre prática religiosa, tais como o conhecido

livro de Inácio de Loyola, são apenas manuais para criar alucinações de um caráter

definido e estereotipado — Jesus na Cruz, A Virgem Maria com o Menino, os Santos, os

Mártires, o "Inferno", o "Céu", *etc.* Noutras palavras, elas explicam a passagem dos sonhos para o estado desperto e a formação desses sonhos em determinadas imagens

definidas — um processo inteiramente possível e chamado, no pseudo-ocultismo,

64 O Evangelho de Ramakrishna, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, pág. 222. 212

φιλοκαλία
прелесть
πλάνη
прелесть

ovo Modelo do Universo

"clarividência". No ocultismo moderno, existem exatamente os mesmos métodos para

criar a pseudoclarividência, e desempenham um papel muito importante nele.

Uma paródia muito divertida desses métodos se encontra no livro de Éliphas Lévi,

Dogmae ritual da alta magia, onde ele descreve uma evocação do diabo (págs. 162-65).

Infelizmente muito poucos leitores de Éliphas Lévi compreenderam que se trata de uma

paródia.

A pseudoclarividência, os "sonhos no estado desperto", as alucinações desejadas e

esperadas são chamados na literatura mística ortodoxa de "beleza". (65) É muito

característico do misticismo ortodoxo prevenir e alertar as pessoas precisamente contra o
que o misticismo católico e o pseudo-ocultismo aconselham e sugerem.

As obras de prática religiosa mais interessantes encontram-se na literatura da Igreja
Ortodoxa Oriental. Primeiro, há uma coleção de escritos em seis volumes, sob o título de
Dobrotolubiye (
) (cuja maior parte foi traduzida do grego), contendo descrições de
experiências místicas, estatutos e preceitos da vida monástica, regras de oração e
contemplação e descrições de métodos muito próximos dos métodos da Hatha-Ioga
(adotados na Bhakti-Ioga), como, por exemplo, métodos de respiração, de diferentes
posturas e posições do corpo, e assim por diante.
Além do próprio Dobrotolubiye, deve ser mencionado aí um livrinho pertencente aos
meados do século XIX, que era vendido na Rússia, antes da guerra, na terceira edição de
1884. Esse livro chama-se Sinceros relatos de um peregrino a seu pai espiritual. É de
autor desconhecido e de certo modo uma introdução ao Dobrotolubiye, embora seja ao
mesmo tempo um tratado inteiramente independente de prática religiosa muito próximo da
Bhakti-Ioga. Um conhecimento desse livrinho dá uma idéia exata do caráter e espírito da
Bhakti-Ioga.
Os Relatos de um peregrino são extremamente interessantes, mesmo de um ponto
de vista exclusivamente literário. É uma das jóias pouco conhecidas da literatura [213]

russa. Tanto o próprio peregrino como as pessoas que ele encontra e menciona são todos
tipos russos vivos, muitos dos quais existiram até nossos próprios dias e nós que vivemos
hoje vimos e encontramos.
É difícil dizer se o peregrino realmente existiu e se seus relatos foram registrados
segundo suas palavras pelo Aiquimandrita Paissy, autor do prefácio do livro, ou se esses
relatos são do próprio Paissy ou de algum outro monge instruído. Muito nesses relatos
leva a suspeitar da presença da pena e do pensamento não só de um homem instruído,
mas muito instruído e talentoso. Por outro lado, aqueles que sabem de que maneira
extraordinariamente artística alguns russos como esse "peregrino" podem contar histórias
sobre si mesmos e sobre tudo mais, não pensarão que é impossível para o peregrino ter
sido uma pessoa viva real que estava de fato falando sobre si.
Os Relatos de um peregrino contêm uma exposição esquemática dos princípios de
um exercício especial da Bhakti-Ioga, chamado oração constante ou mental, e uma
descrição dos resultados que essa oração dá.
O "peregrino" repetia sua oração, "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende
piedade de mim", de início três mil vezes por dia consecutivamente, depois seis mil vezes,
depois doze mil e, finalmente, sem conta. Quando a oração se tornou completamente
automática nele, não exigia qualquer esforço e era repetida involuntariamente, ele
começou a "trazê-la para o coração", isto é, a torná-la emocional, a ligar um sentimento

65 A palavra "
" é a tradução do grego
, tentação, sedução. Mas a palavra russa
, além de seu primeiro
significado, "tentação", tem muitíssimas associações relacionadas com seu segundo significado, "encanto" ou "beleza". E na tradução inglesa deixei a palavra "beleza", porque ela traduz melhor o sentido dado a esta palavra no Dobrotolubiye e nos Relatos de um Peregrino. Ela também mostra claramente o caríter das experiências preferidas no misticismo católico e no pseudo-ocultismo, que é sua "beleza" externa e formal em oposição a seu significado e conteúdo interior.
ovo Modelo do Universo
definido a ela. Depois de certo tempo, a oração começou a evocar esse sentimento e a
fortalecê-lo, enriquecendo-o a um extraordinário grau de agudeza e intensidade.
Os Relatos de um peregrino não podem servir como manual para o estudo prático
da "oração mental", porque a descrição do método de estudo contém uma inexatidão
provavelmente intencional, a saber, uma facilidade e rapidez demasiadamente distante do
estudo da "oração mental" feito pelo peregrino. Apesar disso, esse livro dá uma idéia
muito clara dos princípios do trabalho sobre si de acordo com os métodos da Bhakti-Ioga
e é, em muitos aspectos, a única produção dessa espécie.

Os métodos do Dobrotolubiye não desapareceram da vida real, como é mostrado
por uma descrição muito interessante, embora infelizmente muito curta, do Monte Atos, de
B. Zaitseff, publicada em russo, em Paris, em 1928.

B. Zaitseff descreve a vida diária e o carater da prática religiosa no mosteiro russo
de S. Pantaleimon, no Monte Atos. Pode-se ver, a partir dessa descrição, que a "oração
mental" (o dever da cela) desempenha um papel muito importante na vida monástica.

"A base dessa vida é a supressão da vontade pessoal e uma absoluta submissão à
autoridade hierárquica. Nenhum monge pode ultrapassar os portões do mosteiro sem ter
recebido a "bênção" (permissão) do abade. Ele prescreve a cada monge sua
"obediência", isto é, o trabalho específico que ele tem que fazer. Desse modo, há monges
que são pescadores, lenhadores, hortelãos, trabalhadores agrícolas, vinhateiros,
senadores, e trabalhadores mais intelectuais - monges bibliotecários, "gramáticos"',
pintores de ícones, fotógrafos, *etc.* Atualmente o mosteiro de S. Pantaleimon tem cerca de
quinhentos iimãos.
. . . . . .
[214]
"A organização do dia no mosteiro é estabelecida de uma vez por todas e tudo
funciona obedecendo exclusivamente aos ponteiros do relógio. Mas assim como tudo é
inusitado no Monte Atos, também o tempo é surpreendente. Até o dia da minha saída eu
não pude me acostumar com isso. É o antigo Oriente. Ao nascer do Sol, o ponteiro do
relógio da torre é deslocado para meia-noite. Todo o sistema muda de acordo com a
época do ano e uma pessoa deve mudar conforme a época e adaptar-se ao nascer do

Sol. Em maio, a diferença de tempo entre o Monte Atos e a Europa chega a cerca de
cinco horas.
"Desse modo, as Matinas no mosteiro de S. Pantaleimon começavam, enquanto eu
estive lá, às seis da manhã (à uma da madrugada pelo nosso tempo). As Matinas
continuam até quatro ou quatro e meia da madrugada. (Neste caso e nos seguintes eu
dou a hora europeia.) Às Matinas segue-se imediatamente a missa (liturgia), que continua
até seis da manhã; desse modo, quase toda a noite é gasta em serviços eclesiais; é um
traço característico do Monte Atos. Em seguida, todos descansam até as sete. Das sete
às nove é "obediência" (66) para quase todos. Mesmo os monges mais velhos saem para
trabalhar, se estiverem ainda que relativamente com boa saúde (eles vão para a floresta,
os vinhedos, as hortas; carregam as vacas com madeira e as mulas com forragem e
lenha). A primeira refeição é às nove, depois "obediência" novamente até a uma. A uma,
chá e descanso até as três; depois "obediência" até as seis. De cinco e meia às seis e
meia dizem-se as vésperas nas igrejas. Muito poucos monges assistem a esses serviços
diurnos, porque a maior parte deles está no trabalho. Mas as vésperas são lidas para eles
no seu trabalho. As seis da tarde há a segunda refeição, se não for dia de jejum. Se for
segunda, quarta ou sexta-feira, em lugar de uma refeição têm somente pão e chá. Depois

66 O trabalho diário que o abade dá a cada monge.

da segunda refeição, os sinos da igreja tocam para as completas, que continuam de sete
às oito. Então segue-se o "dever da cela", isto é, a oração com reverências na cela.
Depois de cada pequena oração, (67) o monge move uma conta do rosário e faz uma
curvatura com a cintura. Na décima primeira conta, que é maior, ele se curva até o chão.
Desse modo, um monge de batina (o grau monástico mais baixo) faz diariamente
seiscentas curvaturas com a cintura; um monge "com manto" faz cerca de mil; c o monge
investido de um esquema faz cerca de mil e quinhentas (sem contar as curvaturas até o
chão). No caso do monge de batina, ele leva cerca de hora e meia; quanto ao monge da
categoria mais alta, de três a três horas e meia. Por conseguinte, um monge de batina fica
livre aproximadamente às dez horas, e os outros às onze. Até uma hora, quando
começam as Matinas, é o tempo dos monges dormirem (duas ou três horas). A isso
acrescenta-se algumas vezes uma hora pela manhã, e talvez uma hora da parte da tarde,
depois do chá. Mas como cada monge tem suas próprias pequenas coisas para fazer, e
isso toma tempo, pode-se supor que eles não dormem mais do que quatro horas, ou até
menos.

"Para nós leigos que vimos essa vida. cuja essência é que os monges rezem
durante a noite, trabalhem durante o dia, e durmam e comam pouco, é um mistério como
eles podem permanecer de pé. E eles vivem, e vivem até uma idade muito avançada

(atuaimente na sua maioria são velhos). Além disso, o tipo mais comum do monge do
Monte Atos parece-me saudável, calmo e equilibrado." (68)

A vida monástica, apesar da severidade e dificuldades que pode conter, não é
exatamente a Bhakti-Ioga. A Bhakti-Ioga pode ser aplicada a toda religião (naturalmente,
a uma religião verdadeira, não a uma inventada); isso quer dizer que a Bhakti-Ioga
abrange todas as religiões e não reconhece nenhuma diferença entre elas. Além disso, a
Bhakti-Ioga, assim como todas as outras logas, não exige um abandono definitivo da vida,
mas só um afastamento temporário, para a consecução de uma meta definida. Quando
esta é alcançada, a loga se torna desnecessária. Por outro lado, a loga requer mais
iniciativa e mais compreensão, é um caminho mais ativo. A vida monástica é um caminho
mais passivo. [215]
Entretanto, o estudo da vida e do ascetismo monásticos é de grande interesse do
ponto de vista psicológico, porque aí podemos ver muitas idéias da loga em sua aplicação
prática, embora possivelmente numa colocação diferente da verdadeira loga.
Tanto quanto nos mosteiros ortodoxos, as idéias da Bhakti-Ioga ocupam um lugar
muito importante nos mosteiros maometanos dos sufis e dervixes, e também nos
mosteiros budistas, especialmente no Ceilão, onde o Budismo foi preservado em sua
forma mais pura.

Ramakrishna, que mencionei, era a um só tempo tanto ioguim como monge, mas
mais monge que ioguim. Seus seguidores, tanto quanto se pode julgar pelas informações
encontradas na literatura, seguiram uma direção em parte religiosa, em parte filosófica,
embora a denominem Ioga. Na realidade, a escola de Ramakrishna não deixou nenhum
caminho para a Ioga prática, tendo se desviado para descrições teóricas desses
caminhos.

67 Como a oração de Jesus, a Ave-Maria, a oração pelos mortos, pelos vivos, *etc.*
68 B. Zaitseff, Athos, Y. M. C. A. Press (em russo), Paris, 1928: págs. 32-34.
γιγνώσχειν
ovo Modelo do Universo
Jnana-Ioga

A Jnana-Ioga (Gniana ou Gnana), como é pronunciada em diferentes partes da
índia, é a Ioga do conhecimento. A raiz/na, gnia, gna (o russo zna) corresponde às raízes
das palavras: inglês moderno know, alemão kennen, anglo-saxão cnawan, latim
(g)noscere, grego
. A Jnana-Ioga conduz o homem no sentido da perfeição
através da mudança do seu conhecimento, tanto em relação a si mesmo como ao mundo
que o cerca. Essa é a Ioga dos homens do caminho intelectual. Ela libera a mente
humana dos grilhões de uma concepção ilusória do mundo, leva-a a um conhecimento
verdadeiro, mostrando-lhe as leis fundamentais do Universo.

A Jnana-Ioga usa todos os métodos da Raja-Ioga. Ela parte da afirmação de que a
fraca mente humana, educada na contemplação de ilusões, nunca resolverá os enigmas
da vida, porque isso exige um instrumento melhor, especialmente adaptado para a tarefa.
Portanto, juntamente com o estudo dos princípios que estão na base das coisas, a Jnana-Ioga exige o trabalho especial de educação da mente. A mente é treinada para a
contemplação, para a concentração, para pensar em direções novas e não habituais e em
novos planos, relacionados não com o aspecto exterior das coisas, mas com seus
princípios fundamentais; e, acima de tudo, é treinada para pensar de maneira rápida e
exata, sempre tendo em vista o essencial, e não perdendo tempo com detalhes externos
e sem importância.
A Jnana-Ioga parte do fato de que a causa principal das desventuras e calamidades
humanas é a Avidya — a Ignorância. E o objetivo da Jnana-Ioga é sobrepujar a Avidya e
aproximar o homem do que se chama Brahma-vidya, o conhecimento divino. A meta da
Jnana-Ioga é a liberação da mente humana daquelas condições limitadas de
conhecimento nas quais está colocada pelas formas de percepção dos sentidos e pelo
pensamento lógico baseado em opostos. Do ponto de vista da Jnana-Ioga, o homem deve
antes de tudo aprender a pensar corretamente. O pensamento correto e o alargamento de
idéias e concepções deve levar à ampliação da percepção, ao mesmo tempo que essa
ampliação deve conduzir finalmente a uma mudança das sensações, isto é, à extinção de

todas as sensações falsas e ilusórias.

Os mestres hindus (Gurus) não visam de modo algum fazer com que seus discípulos

acumulem tantos conhecimentos variados quanto possível. Pelo contrário, querem que

seus discípulos vejam em tudo que estudam, por menor que possa ser, os [216] princípios

que estão na base de todas as coisas. Geralmente é dado ao discípulo, para meditar,

algum verso das escrituras antigas ou um símbolo, e ele medita por um ano, dois,

possivelmente por dez anos, trazendo ao mestre, de tempos em tempos, os resultados de

sua meditação. Isso parece estranho a uma mente ocidental, que visa sempre seguir para

diante, mas talvez seja o método correto para penetrar na raiz das idéias, em lugar de

adquirir um conhecimento superficial de seu aspecto exterior, fazendo enormes acúmulos

mentais de palavras e fatos.

Estudando a Jnana-Ioga o homem vê claramente que a Ioga não pode ser somente

um método. Um método correto deve necessariamente conduzir a certas verdades, e pela

exposição do método é impossível deixar de tocar nessas verdades. Entretanto, devemos

lembrar que, por sua natureza, a Ioga não pode ser uma doutrina e portanto não pode

haver um resumo ou esboço geral das idéias da Jnana-Ioga. Utilizando a Ioga como um

método, o homem deve encontrar por si mesmo, sentir e se dar conta das verdades que

formam o conteúdo da filosofia dos ioguins. As mesmas verdades, recebidas em forma de

doutrina de outra pessoa ou de livros, não terão na mente e na alma os mesmos efeitos

que as verdades que o homem encontrou por si mesmo, verdades que ele procurou por
muito tempo e com as quais lutou muito antes de aceitá-las.
A Jnana-Ioga ensina que a verdade para o homem só pode ser aquela que ele
ovo Modelo do Universo
sentiu como verdade. Além disso, ensina o homem a verificar uma verdade por outra,
ascender lentamente até o cume do conhecimento, nunca perdendo de vista o ponto de
partida e voltando constantemente a ele, a fim de preservar a orientação correta.
A Jnana-Ioga ensina que as verdades compreendidas pela mente lógica, educada
na observação do mundo tridimensional, não são absolutamente verdades do ponto de
vista da consciência superior.
Ela ensina o homem a desconfiar de si mesmo, de suas sensações, imagens
mentais, conceitos, idéias, pensamentos e palavras; sobretudo a não confiar nas
palavras, verificar tudo e olhar sempre em redor a cada passo, exigir que cada coisa
encontrada esteja de acordo com o testemunho da experiência e com os princípios
fundamentais.
As idéias da Jnana-Ioga foram até agora transmitidas somente numa forma
simbólica. As imagens dos deuses hindus e as figuras da mitologia hindu contêm muitas
idéias da Jnana-Ioga. Mas a compreensão delas exige explicações e comentários orais.
É impossível o estudo da Jnana-Ioga nos livros, porque existe toda uma série de

princípios que nunca foram expostos por escrito. As indicações disso, e até algumas
definições deles podem ser encontradas nos livros, mas essas indicações só são
inteligíveis para aqueles que já receberam ensino direto. A dificuldade de compreender
esses princípios é particularmente grande porque não é bastante compreendê-los
intelectualmente; é necessário aprender a aplicá-los e usá-los para a separação e
classificação não só das idéias abstratas, mas também das coisas e acontecimentos
concretos que o homem encontra na vida.

A idéia do Dharma num dos seus significados na filosofia hindu é uma introdução ao
estudo de um desses princípios, que pode ser chamado o princípio de relatividade.

O princípio de relatividade na ciência dos ioguins não tem nada em comum com o
princípio de relatividade da Física moderna e não é estudado em sua aplicação a apenas
uma classe de fenômenos, mas em relação a todos os fenômenos do Universo em todos
os planos e níveis, e desse modo. penetrando em tudo, relaciona todas as coisas em um
só todo. [217]

Tudo que foi dito antes é um breve resumo do que pode ser aprendido a respeito da
loga na literatura em línguas europeias existente e acessível de modo geral.

Mas para compreender corretamente o sentido e a importância das diferentes logas
é necessário compreender claramente que todas as cinco, isto é, cada loga
separadamente, é uma condensação e adaptação para diferentes tipos de pessoas de um

único sistema geral. Esse sistema é ensinado oralmente em escolas especiais que
diferem das escolas de ioguins tanto quanto estas diferem dos mosteiros.
Esse sistema não tem nome e nunca foi tornado público; as alusões a ele só são
encontradas raramente nos textos orientais. Muito do que foi atribuído à loga pertence, na
realidade, a esse sistema. Ao mesmo tempo, o sistema não pode ser encarado
simplesmente como uma combinação das cinco logas. Todas as logas se originaram
desse sistema; cada uma delas é, num certo sentido, uma visão unilateral dele. Uma é
mais ampla, outra mais restrita, mas todas elas expõem um único sistema. A combinação
de todas as cinco logas não o reconstrói, porque ele contém muitas idéias, princípios e
métodos que não fazem pane de qualquer das logas.
Fragmentos desse sistema, até onde o autor conseguiu conhecê-lo, serão expostos
no livro Fragmentos de um ensinamento desconhecido, (69) que está sendo preparado para
publicação.
1912 - 1934

69 Já publicado pela Editora Pensamento, São Paulo. 218
ovo Modelo do Universo
[218]
ovo Modelo do Universo

Capítulo VII - Sobre o Estudo dos Sonhos e Sobre o Hipnotismo

*

É possível que as primeiras impressões mais interessantes de minha vida tenham

vindo do mundo dos sonhos. E desde os meus primeiros anos, o mundo dos sonhos me
atraiu, me fez procurar explicações para seus fenômenos incompreensíveis e tentar
determinar a relação entre o real e o irreal dos sonhos. Algumas experiências
absolutamente extraordinárias foram, para mim, relacionadas com sonhos. Quando ainda
criança, acordei diversas vezes com a sensação nítida de ter experimentado alguma coisa
tão interessante e fascinante, que tudo o que eu tinha conhecido antes, tudo com que eu
tinha entrado em contato ou visto na vida me parecia, posteriormente, não merecer
atenção e ser destituído de qualquer interesse. Além disso, eu ficava sempre
impressionado pelos sonhos que se repetiam, ocorriam da mesma forma, nos mesmos
lugares, levavam aos mesmos resultados, ao mesmo fim, e sempre deixavam os mesmos
sentimentos.

Por volta de 1900, quando eu já tinha lido quase tudo que tinha podido encontrar a
respeito dos sonhos na literatura psicológica,(70) decidi tentar observar meus sonhos de
maneira sistemática. [219]

Minhas observações visavam a um propósito duplo:

1. Eu queria reunir tanto material quanto possível para avaliar a estrutura e origem
dos sonhos e comecei, como geralmente se recomenda, a registrar por escrito os meus

70 Ao falar da literatura sobre os sonhos, não tenho em mente a chamada psicanálise, isto é, as teorias de Freud e de seus seguidores, Jung, Adler e outros. A razão disso é, primeiramente, que quando comecei a me interessar pelos

sonhos, a psicanálise ainda não existia, ou era muito pouco conhecida, e em segundo lugar que, como me convenci em seguida, não há nem houve na psicanálise nada de valor, nada que me fizesse alterar a menor de minhas conclusões, embora elas sejam todas contrárias invariavelmente às psicanalíticas.

A fim de não voltar outra vez a essa questão, quero assinalar aqui que outros aspectos da psicanálise, além da tentativa malograda de estudo dos sonhos, são igualmente ineficazes e muitas vezes prejudiciais, porque prometem muitíssimo e há pessoas que acreditam nessas promessas e devido a isso perdem completamente a capacidade de distinguir entre o real e o falso.

O único serviço que a psicanálise prestou à Psicologia como um todo é uma formulação precisa do princípio da necessidade de cada vez mais observações em áreas que até então não entravam na consideração da Psicologia. Mas é exatamente esse princípio que a própria psicanálise deixou de seguir porque, tendo apresentado, nas primeiras etapas de sua existência, uma série de hipóteses e generalizações muito duvidosas, na etapa seguinte dogmatizou-as e desse modo estancou qualquer possibilidade de seu próprio desenvolvimento. A terminologia "psicanalítica" específica, que se originou dessas hipóteses dogmatizadas c se tornou uma espécie de jargão, ajuda-nos a reconhecer os adeptos da psicanálise e seus seguidores, não importa como eles se denominem e quanto tentem negar a conexão entre as diferentes escolas e divisões da psicanálise e sua origem numa fonte comum.

O traço característico desse jargão é que ele consiste em palavras que se referem a fenómenos inexistentes, aceitos pelos seguidores da psicanálise como existentes. Com base na existência imaginária desses fenómenos e suas relações imaginárias recíprocas, a psicanálise construiu um sistema muito complexo, algo semelhante à "filosofia natural" do começo do século XIX, ou a alguns sistemas medievais, que

também consistiam na descrição e classificação de fenómenos inexistentes como, por exemplo, várias demonologias muito exalas e detalhadas.

O lado engraçado da psicanálise, como mostra um estudo de sua história, é que todos os traços principais da psicanálise mais recente foram deduzidos pelo Dr. Freud a partir de observações de um caso em meados dos anos oitenta do século passado. Essas observações de uma paciente constituem toda a base da psicanálise e de todas as suas teorias e, o que é particularmente interessante, essas observações foram feitas usando um método mais tarde condenado pelo próprio Freud. O método consistia era hipnotizar a paciente e fazer-lhe perguntas sobre ela própria que ela não podia responder em estado normal. Como ficou estabelecido com precisão indubitável, tanto antes corno depois dessa experiência, esse método não pode levar a nada, porque persistindo em perguntas dessa espécie, ou o hipnotizador sugere, sem saber, as respostas ao hipnotizado, ou este inventa teorias fantásticas e conta histórias imaginárias. De tal modo, foi encontrado o famoso "complexo paterno", que foi acompanhado do "complexo materno" e, mais tarde, de toda a caixa de truques, o "mito de Édipo", *etc.*

Podemos encontrar os fatos principais referentes a esse aspecto tragicômico da psicanálise num livro de Stefan Zweig, um dos principais apologistas de Freud. Felizmente o autor apresenta esses fatos evidentemente sem compreender inteiramente sua significação.

A tendência mais recente da psicanálise é chamar a si mesma psicologia e falar em nome da Psicologia em geral.

O lado divertido disso é que, sob a máscara da Psicologia, a psicanálise penetrou nos domínios da ciência universitária em diversos países e faz pane dos currículos compulsórios de algumas escolas e faculdades médicas, de modo que os estudantes são obrigados a se submeterem a exames em toda essa confusão.

O sucesso indubitável da psicanálise no pensamento moderno explica-se pela pobreza de ideias, a insuficiência dos métodos e a completa falta de tendência para a aplicação prática de suas teorias, por parte da Psicologia que permanece cientifica e, nesse caso, acima de tudo. pela necessidade de um sistema geral, muito penosamente sentida.

O que explica a popularidade da psicanálise em certos círculos literários e artísticos e entre determinadas classes do público é a justificativa e defesa que ela faz da homossexualidade.

ovo Modelo do Universo

sonhos assim que acordava.

2. Eu queria verificar uma idéia minha um tanto fantástica que me apareceu quase

na infância: não seria possível conservar a consciência nos sonhos, isto é, saber durante

o sonho que se está dormindo e pensar conscientemente como pensamos quando

despertos.

O primeiro, isto é, registrar os sonhos, etc., me fez compreender muito cedo a

impossibilidade de uma realização prática dos métodos geralmente recomendados para

observai os sonhos. Os sonhos não se submetem à observação; as observações os

modificam. E desde logo notei que estava observando, não aqueles sonhos que eu

costumava ter antes, mas novos sonhos criados pelo próprio fato da observação. Havia

algo em mim que começava a inventar sonhos logo que sentia que eles estavam atraindo

a atenção. Isso tornou os métodos habituais de observação evidentemente inúteis.

O segundo, isto é, tentar conservar a consciência no sono, criou, de maneira

totalmente inesperada para mim, um novo meio de observação dos sonhos que eu não
suspeitara antes. A saber, criou um estado particular de semi-sonho. E eu me convenci
muito rapidamente de que sem a ajuda dos estados de semi-sonho era totalmente
impossível observar os sonhos sem mudá-los.
Os "estados de semi-sonho" começaram a aparecer provavelmente como resultado
de meus esforços para observar os sonhos nos momentos em que adormecia ou estava
num semi-sono depois de acordar. Não posso dizer exatamente quando esses estados
começaram a atingir sua forma completa. Provavelmente se desenvolveram de maneira
gradativa. Penso que começaram a aparecer pouco tempo antes [220] do momento de
adormecer, mas se eu deixasse minha atenção se demorar neles, não podia dormir
posteriormente. Por conseguinte, cheguei, pouco a pouco, pela experiência, à conclusão
de que era muito mais fácil observar os "estados de semi-sonho" pela manhã, quando eu
já estava acordado mas ainda na cama.
Desejando criar esses estados, fechava novamente os olhos depois de acordar e
começava a cochilar, mantendo ao mesmo tempo a mente numa imagem definida ou em
algum pensamento. E às vezes, em tais casos, começavam aqueles estados estranhos
que chamo de "estados de semi-sonho". Tais estados não apareciam sem esforços
definidos. Como todas as outras pessoas, eu dormia ou não dormia, mas nesses "estados
de semi-sonho", eu tanto dormia como não dormia ao mesmo tempo.

Se eu considerasse o momento em que esses "estados de semi-sonho" mal
começavam, isto é, quando eles chegavam no momento de adormecer, então geralmente
o primeiro sinal de sua aproximação eram as "alucinações hipnagógicas' , muitas vezes
descritas na literatura psicológica. Não vou me demorar nisso. Mas quando os "estados
de semi-sonho" começaram a ocorrer principalmente pela manhã, geralmente
principiavam sem serem precedidos de quaisquer impressões visuais.
A fim de descrever esses "estados de semi-sonho" e tudo que se relacionava com
eles, é necessário dizer muita coisa. Mas tentarei ser tão breve quanto possível, porque,
no presente momento, não estou interessado neles, mas em seus resultados.
A primeira sensação que eles produziam era de espanto. Eu esperava encontrar
uma coisa e encontrava outra. A sensação seguinte era um sentimento de extraordinária
alegria e a possibilidade de ver e compreender coisas de maneira compíetamen-te nova,
que os "estados de semi-sonho" me davam. E a terceira era uma espécie de medo deles,
porque logo percebi que se eu os deixasse seguir seu próprio curso, eles começariam a
crescer, a se expandir e a usurpar tanto o sono como o estado desperto.
Desse modo, os "estados de semi-sonho", por um lado. me atraíam, e por outro, me
atemorizavam. Sentia neles enormes possibilidades e também um grande perigo. Mas
aquilo de que absolutamente me convenci foi que, sem esses "estados de semi-sonho",

ovo Modelo do Universo
nenhum estudo dos sonhos é possível e que todas as tentativas desse estudo estão
destinadas inevitavelmente ao fracasso, a deduções erradas, a hipóteses fantásticas e
coisas semelhantes.
Por conseguinte, do ponto de vista de minha idéia original do estudo dos sonhos, eu
podia estar muito contente com os resultados obtidos. Possuía uma chave para o mundo
dos sonhos, e tudo que era vago e incompreensível neles pouco a pouco se esclareceu e
se tornou compreensível e visível.
O fato é que nos "estados de semi-sonho" eu estava tendo todos os sonhos que
tinha habitualmente. Mas estava totalmente consciente, podia ver e compreender como
esses sonhos eram criados, de que eram construídos, qual sua causa, e, de modo geral,
o que era causa e o que era efeito. Em seguida, vi que nos "estados de semi-sonho" eu
tinha um certo controle sobre os sonhos. Podia criá-los e ver o que queria ver, embora
isso não tivesse sempre bom resultado e não devesse ser compreendido de maneira
demasiadamente literal. Geralmente eu só dava o primeiro impulso, e depois os sonhos
se desenvolviam como de modo espontâneo, surpreendendo-me, muito, às vezes, pelas
mudanças inesperadas e estranhas que sofriam.
Nos "estados de semi-sonho", eu tinha todos os sonhos que podia ter da maneira
comum. Pouco a pouco, todo o meu repertório de sonhos passou diante de [221] mim. E eu
era capaz de observá-los com inteira consciência, podia ver como eram criados, como

passavam de um para outro, e compreender todo o seu mecanismo.

Observados desse modo, os sonhos foram sendo gradativamente classificados e

divididos em categorias definidas.

Numa dessas categorias, coloquei todos os sonhos que se repetiam constantemente

e que eu tinha tido de tempos em tempos durante toda a minha vida desde a mais tenra

infância.

Alguns desses sonhos costumavam me assustar anteriormente por sua persistência,

sua repetição frequente e um certo caráter estranho, e me fizeram procurar neles um

significado oculto ou alegórico, prognóstico ou advertência. Parecia-me que esses sonhos

deviam ter uma certa significação, que eles deviam se referir a alguma coisa na minha

vida.

De modo gerai, um pensamento ingênuo sobre os sonhos começa sempre com a

idéia de que todos eles, e especialmente os que se repetem de modo persistente, devem

ter um certo significado, predizer o futuro, mostrar traços ocultos do caráter de uma

pessoa, expressar qualidades físicas, inclinações, estados patológicos ocultos, *etc.* Na

realidade, porém, como me convenci de imediato, meus sonhos recorrentes não estavam

de modo algum relacionados com traços ou qualidades de minha natureza, ou com

quaisquer acontecimentos de minha vida. E encontrei explicações claras e simples quanto

a eles, o que não deixava dúvidas quanto à sua natureza real.

Vou descrever alguns desses sonhos com suas explicações.

O primeiro e mais característico, que eu tinha com muita frequência, era um em que

eu via um lamaçal ou pântano de caráter peculiar que posteriormente nunca era capaz de

descrever para mim mesmo. Frequentemente, esse lamaçal ou pântano, ou simplesmente

essa lama profunda, como se vê nas estradas russas ou mesmo nas ruas de Moscou,

aparecia diante de mim no chão ou até no assoalho do meu quarto, sem qualquer

associação com a trama do sonho. Eu fazia o máximo para evitar essa lama, não pisar

nela. até mesmo não tocá-la. Mas, invariavelmente, entrava nela. e ela começava a me

engolir e em gerai engolia minhas pernas até os joelhos. Fazia todos os esforços

imagináveis para sair cessa lama ou atoleiro, e às vezes conseguia, mas então

geralmente acordava.

Era muito tentador interpretar alego ricamente esse sonho, como uma ameaça ou

ovo Modelo do Universo

advertência. Mas quando comecei a ter esse sonho nos "estados de semi-sonho", ele foi

explicado de maneira muito simples. Todo o conteúdo dele era criado pela sensação de

minhas pernas enredadas no cobertor ou lençóis; por isso eu não podia movê-las nem

virá-las. Se eu conseguisse me virar, escapava dessa lama, mas então invariavelmente

acordava, porque tinha feito um movimento violento. Quanto à própria lama e seu caráter

"singular", isso estava relacionado, como outra vez me convenci nos ''estados de semi-sonho", com o "medo dos

pântanos", mais imaginário que real, que eu tinha na infância.

Esse medo. que as crianças e às vezes até os adultos têm frequentemente na Rússia, é

criado pelas histórias de lamaçais e pântanos e "janelas". (71) E no meu caso, observando

esse sonho num "estado de semi-sonho", pude reconstruir de onde veio a sensação da

lama especial. Essa sensação e as imagens visuais estavam associadas de maneira

absolutamente definida com histórias [222] de pântanos e "janelas" que se dizia terem um

caráter "especial", que podiam ser reconhecidos, que eram sempre diferentes de um

pântano comum, que "engoliam" o que caísse neles, que estavam cheios de uma lama

macia especial, etc., *etc.*

Nos "estados de semi-sonho" a sequência de associações em todo o sonho era

muito clara. Primeiro aparecia a sensação de pernas presas, depois o sinal: pântano,

lamaçal, "janela", lama macia especial. Depois o medo, o desejo de arrancar-me dali e,

em geral, o despertar. Não havia nada, absolutamente nada místico ou psicologicamente

importante nesses sonhos.

Depois, havia um sonho que também me apavorava. Eu sonhava que estava cego.

Alguma coisa estava acontecendo a meu redor, eu ouvia vozes, sons, ruídos, movimento,

sentia algum perigo me ameaçando; e eu tinha de me mover para algum lugar com as

mãos estendidas diante de mim a fim de evitar esbarrar em alguma coisa, fazendo todo o

tempo esforços terríveis para ver o que estava à minha voita.

Nos "estados de semi-sonho", compreendi que o esforço que eu estava fazendo não era para ver, mas para abrir os olhos. E era esse esforço, juntamente com a sensação de pálpebras fechadas que eu não podia levantar, que criava a sensação de "cegueira". Às vezes, como resultado desse esforço, eu acordava. Isso acontecia quando realmente conseguia abrir os olhos.

Mesmo essas primeiras observações dos sonhos que se repetiam me mostraram que os sonhos dependem muito mais das sensações diretas num momento dado do que de quaisquer causas gerais. Pouco a pouco, me convenci de que quase todos os sonhos que se repetiam estavam relacionados não apenas com a sensação de um estado, mas simplesmente com a sensação da postura do corpo no momento dado.

Quando acontecia de eu pressionar minha mão com o joelho e a mão ficava dormente, sonhava que um cachorro a estava mordendo. Quando queria segurar alguma coisa com as mãos ou levantá-la, ela me caía das mãos, porque minhas mãos estavam moles como trapos e se recusavam a me obedecer. Lembro-me de que uma vez, num sonho, eu tinha de quebrar alguma coisa com um martelo, e o martelo era como se fosse feito de borracha; ele ricocheteava do objeto em que eu batia e eu não podia dar nenhuma força aos meus golpes. Isso, é claro, era apenas a sensação de músculos relaxados.

Havia outro sonho que sempre me assustava. Nele eu era um paralítico ou aleijado;

caía e não podia me levantar, porque minhas pernas não me obedeciam. Esse sonho
também parecia ser um pressentimento do que estava para me acontecer, até que nos
"estados de semi-sonho" me convenci de que era apenas a sensação de imobilidade das
pernas com os músculos relaxados, que naturalmente não podiam obedecer aos impulsos
motores.

71 "Janela" é o nome dado a urna pequena área, às vezes com apenas algumas jardas de extensão, de lamaçal "sem fundo" num pântano comum.
ovo Modelo do Universo
Vi completamente que nossos movimentos, em particular nossos impulsos para os
movimentos, e o sentimento de incapacidade de fazer um movimento específico
representam o papel mais importante na criação dos sonhos.
Os sonhos de estar voando também faziam parte da categoria dos que se repetiam
constantemente. Eu costumava voar com muita frequência e gostava muito desses
sonhos. Nos "estados de semi-sonho", vi que voar dependia de uma leve tonteira que
acontecia no sono. de tempos em tempos, sem qualquer causa patológica, mas
provavelmente apenas em conexão com a posição horizontal do corpo. Não havia
nenhum elemento erótico nos sonhos de voar. [223]
Os sonhos engraçados que ocorriam com muita frequência, aqueles em que uma
pessoa se vê despida ou meio vestida caminhando na rua ou entre as pessoas, também

não exigiam teorias complicadas para sua explicação. Isso era simplesmente a sensação
do corpo meio vestido. Como verifiquei nos "estados de semi-sonho", esses sonhos
aconteciam principalmente quando eu estava sentindo frio durante o sono. O frio fazia
com que eu me desse conta de que estava despido, e essa sensação penetrava em meus
sonhos.

Alguns dos sonhos que se repetiam só podiam ser explicados em relação com
outros. Tais eram os sonhos com escadas, muitas vezes descritos na literatura
psicológica. Esses são sonhos estranhos, e muitas pessoas os têm. Subimos escadas
imensas, sombrias, intermináveis, encontramos o começo de certas passagens, nos
recordamos do caminho, depois tornamos a perdê-lo, descemos sobre plataformas
desconhecidas, cruzamentos, portas, *etc.* Esse é um dos mais típicos sonhos que
costumam se repetir. E em geral não encontramos ninguém, estamos quase sempre
sozinhos no meio dessas enormes escadas vazias.

Como compreendi nos "estados de semi-sonho", esses sonhos são uma
combinação de dois motivos ou recordações. O primeiro motivo é criado pela memória
motora, a memória de direção. Esses sonhos com escadas não são de modo algum
diferentes dos sonhos com longos corredores, com pátios intermináveis através dos quais
passamos, com ruas, alamedas, jardins, parques, campos, bosques; numa palavra, são
sonhos com estradas ou caminhos. Todos nós conhecemos muitas estradas e caminhos;

nas casas, escadas e corredores: nas cidades, no campo, nas montanhas; e podemos ver
todas essas estradas nos sonhos, embora muito frequentemente não vejamos as próprias
estradas, mas, se podemos dizer assim, a sensação geral delas. Cada caminho tem sua
própria sensação específica. Essas sensações são criadas por milhares de pequenos
detalhes refletidos e impressos em vários recantos da memória. Mais tarde, essas
sensações se reproduzem nos sonhos, embora, para a criação das sensações desejadas,
os sonhos usem muitas vezes o material acidental das imagens. Por causa disso, a
"estrada" que vemos nos sonhos pode não parecer exteriormente com a estrada que
realmente conhecemos e da qual nos lembramos quando acordamos, mas ela produzirá
as mesmas impressões que a estrada que conhecemos e que nos é familiar, e nos dará
as mesmas sensações.
As "escadas" são semelhantes às "estradas", mas, como já foi dito, contêm também
outro motivo. Esse motivo consiste em certo significado místico que as escadas têm na
vida de cada pessoa. Todo mundo experimenta frequentemente em sua vida, a respeito
de escadas, um sentido de algo novo e desconhecido que o espera naquele exato
momento no pavimento seguinte, atrás de uma porta fechada. Cada um pode se lembrar
de muitos desses momentos em sua vida. Um homem sobe a escada sem saber o que o
espera. Para as crianças, é muitas vezes a chegada à escola, ou em geral a primeira

impressão da escola, e tais impressões permanecem através da vida. Mais tarde, as
escadas são muitas vezes o cenário de hesitações, decisões, mudança de decisões, *etc.*
Tudo isso em conjunto, ligado às memórias de movimento, cria os sonhos com escadas.
Para continuar a descrição geral dos sonhos, devo assinalar que as imagens visuais
ovo Modelo do Universo
no sono não correspondem muitas vezes às imagens visuais nos estados de vigília. Um
homem que conhecemos muito bem na vida pode parecer completamente diferente num
sonho. Apesar disso, porém, não duvidamos por um instante de que de [224] fato é ele, e
seu aspecto não familiar não nos surpreende nem um pouco. Acontece muitas vezes que
o aspecto absolutamente fantástico e até artificial e impossível de um homem expressa
certos traços e qualidades dele que conhecemos. Numa palavra, a forma exterior das
coisas, pessoas e fatos é muito mais maleável nos sonhos do que no estado desperto e é
muito mais suscetível à influência dos pensamentos, sentimentos e humores acidentais
que passam por nós.
No que diz respeito aos sonhos que se repetem, sua natureza simples e a ausência
de significado alegórico neles se tornou totalmente inquestionável para mim depois que
aconteceram diversas vezes em meus "estados de semi-sonho". Vi como eles
começaram, pude explicar claramente de onde vinham e como eram criados.
Só havia um sonho que eu não podia explicar. Era aquele em que eu me via

correndo de gatinhas, e às vezes muito depressa. Parecia ser, em certos casos, o mais
rápido, seguro e confiável meio de locomoção. Num momento de perigo, ou em geral em
qualquer situação difícil, eu sempre preferia no sonho esse meio de locomoção a qualquer
outro.
Por alguma razão, não me recordo desse sonho nos "estados de semi-sonho". E só
compreendi a origem desse "correr de gatinhas" mais tarde, quando observava uma
criança pequena que estava precisamente começando a andar. Ela podia andar, mas
para ela isso ainda era uma grande aventura e sua posição sobre duas pernas, muito
incerta, instável e insegura. Ela aparentemente não confiava em si nessa posição. Se, por
conseguinte, aparecesse alguma coisa inesperada, se uma porta se abrisse ou se ouvisse
um ruído da rua, ou mesmo se o gato pulasse do sofá, ela caía imediatamente de
gatinhas. Ao observá-la, compreendi que em algum lugar, no fundo do mais íntimo
recanto de nossa memória, estão guardadas lembranças dessas primeiras impressões
motoras e de todas as sensações, medos e impulsos motores relacionados com elas.
Evidentemente, houve uma época em que as impressões novas e inesperadas criaram o
impulso para cair de gatinhas, isto é, para assumir uma posição mais estável e firme. No
estado desperto, esse impulso não é bastante forte, mas atua nos sonhos e cria quadros
estranhos que também me parecem ser alegóricos ou ter algum significado oculto.

Observações da mesma criança também me explicaram muita coisa sobre escadas.

Quando ela começou a se sentir bastante segura de si no chão, as escadas ainda eram

uma grande aventura para ela. E nada a atraía mais do que as escadas. Além disso, ela

estava proibida de se aproximar delas. E naturalmente, no período seguinte de sua vida,

ela praticamente viveu nas escadas. Em todas as casas em que morou, as escadas a

atraíam antes de qualquer outra coisa. E, quando eu a estava observando, não tive

dúvidas de que as impressões das escadas permaneceriam nela durante toda a vida e

estariam relacionadas com todas as emoções de caráter estranho, atraente e perigoso.

Voltando aos métodos de minhas observações, devo assinalar um fato curioso que

demonstra que os sonhos mudam pelo fato de serem observados, a saber, que várias

vezes eu sonhava que estava observando meus sonhos. Meu objetivo inicial era criar a

consciência nos sonhos, isto é, chegar a ser capaz de perceber, no sono, que eu estava

dormindo. Nos "estados de semi-sonho", isso estava presente desde o começo. Como já

disse, eu não só dormia como não dormia ao mesmo tempo. Mas logo começaram a

aparecer "falsas observações", isto é, simplesmente novos sonhos. Lembro-me [225] de

que uma vez estava me vendo numa grande sala vazia sem janelas. Além de mim só

havia na sala uma gatinha preta. "Estou sonhando", digo a mim mesmo. "Como posso

saber quando estou realmente dormindo ou não? Suponhamos que eu tente desse modo.

Deixemos essa gatinha preta se transformar num grande cão branco. No estado desperto,
isso é impossível, e se ocorre, devo entender que estou dormindo." Digo isso a mim
ovo Modelo do Universo
mesmo e imediatamente a gatinha preta se transforma num grande cão branco. Ao
mesmo tempo, a parede oposta desaparece, revelando uma paisagem montanhosa com
um rio semelhante a uma faixa que se perde na distância.
"Isso é curioso", digo a mim mesmo; "não pedi essa paisagem. De onde ela veio?"
Uma tênue recordação começa a despertar em mim, uma recordação de ter visto essa
paisagem em algum lugar e de ela se relacionar de algum modo com o cão branco. Mas
sinto que se eu me puser a investigá-la, esquecerei a coisa mais importante de que devo
me lembrar, a saber, que estou dormindo e estou consciente de mim, isto é, estou no
estado que há muito tempo desejava e que estava tentando alcançar. Faço um esforço
para não pensar na paisagem, mas, nesse momento, algum poder parece me arrastar
para trás. Voo rapidamente através da parede posterior da sala e continuo voando em
linha reta, sempre para trás e com um terrível ruído nos ouvidos; de repente, paro e
acordo.
Podemos encontrar a descrição desse voo para trás e do ruído que o acompanha,
na literatura oculta, onde se atribui a eles um sentido especial. Mas, na verdade, não há
nenhum significado neles, exceto provavelmente o de uma posição incómoda da cabeça
ou uma ligeira alteração da circulação sanguínea.

Era dessa maneira, voando para mis, que as pessoas costumavam voltar do
Sabbath das bruxas.
E, falando de modo geral, as falsas observações, isto é. os sonhos dentro dos
sonhos, devem ter desempenhado um grande papel na história da "magia", das
transformações miraculosas, *etc.*
As falsas observações como a descrita ocorreram várias vezes, permaneceram na
minha memória de maneira muito viva e me ajudaram muitíssimo na elucidação do
mecanismo geral do sono e dos sonhos.
Quero dizer agora umas poucas palavras sobre esse mecanismo geral do sono.
Em primeiro lugar, é necessário compreender claramente que o sono pode ser de
diferentes graus, de diferentes profundidades. Podemos estar mais adormecidos ou
menos, mais próximos da possibilidade de despertar ou mais afastados dessa
possibilidade. Geralmente só nos lembramos dos sonhos que temos quando estamos
próximos da possibilidade de despertar. Os sonhos que temos no sono profundo, isto é,
longe da possibilidade de despertar, não lembramos absolutamente. As pessoas que
dizem não se lembrar dos sonhos dormem muito profundamente. As que se lembram de
todos os seus sonhos ou pelo menos de muitos deles, estão, na verdade, apenas semi—
adormecidas. Estão o tempo todo próximas da possibilidade de despertar. E, como certa
parte do trabalho instintivo interno do nosso organismo se realiza melhor no sono

profundo e não pode ser levado a cabo, quando o homem está apenas semi-adormecido,
é evidente que a carência do sono profundo debilita o organismo, impede-o de renovar as
forças perdidas e de eliminar as substâncias utilizadas, *etc.* O organismo não descansa
suficientemente. Como resultado, não pode realizar um trabalho suficientemente bom, se
cansa depressa, adoece com mais facilidade. Em suma, o sono profundo, isto é, o sono
sem sonhos, é, em todos os sentidos, mais útil [226] do que o sono com sonhos. E os
experimentadores que estimulam as pessoas a se lembrarem dos seus sonhos prestam a
elas um serviço muito prejudicial. Quanto menos se lembrar dos seus sonhos, mais
profundamente dormirá o homem e melhor isso será para ele.
Além disso, é necessário assinalar que cometemos um grande erro quando falamos
da criação de imagens mentais no sono.
Assim, falamos apenas da cabeça, do pensamento cerebral, e atribuímos a ele a
parte fundamental do trabalho da criação dos sonhos, assim como de todo o nosso
pensamento. Isso é literalmente erróneo. As nossas pernas também pensam, pensam de
ovo Modelo do Universo
maneira completamente independente e diferente da nossa cabeça. Os braços também
pensam: têm a sua própria memória, as suas próprias imagens mentais, as suas próprias
associações. As costas pensam, o estômago pensa, cada parte do nosso corpo pensa
independentemente. Nenhum desses processos de pensamento chega à nossa

consciência num estado desperto, quando o pensamento mental, operando
principalmente por meio de palavras e imagens visuais, domina tudo mais. Mas, quando a
consciência da cabeça se tranquiliza e se torna obscurecida no estado de sono,
especialmente nas formas de sono mais profundas, outras consciências começam
imediatamente a falar, isto é, as consciências dos pés, das mãos, dos dedos, do
estômago, a dos outros órgãos, dos vários grupos de músculos. Essas consciências
separadas que existem em nós possuem a sua própria concepção de muitas coisas e
fenômenos, para as quais temos, às vezes, concepções intelectuais e outras vezes não. É
isso justamente que mais nos impede de compreender os nossos sonhos. No sono, as
imagens mentais que pertencem as pernas, braços, nariz, pontas dos dedos, aos vários
grupos de músculos motores, misturam-se com as nossas imagens verbais-visuais
comuns. Não temos palavras e formas para expressar essas concepções de uma espécie
em concepções de outra espécie. A parte visual-verbal do nosso mecanismo psíquico não
pode se lembrar de todas essas imagens, literalmente incompreensíveis e estranhas. Nos
nossos sonhos, entretanto, essas imagens desempenham o mesmo papel que as
imagens visuais-verbais, se não um papel maior.

As duas ressalvas seguintes que faço aqui deveriam ser lembradas em cada
tentativa de descrição e classificação dos sonhos. A primeira é que há diferentes estados

de sono. Só podemos captar os sonhos que se passam nas proximidades da superfície;
tão logo se tomam mais profundos, nós os perdemos. E a segunda é que não importa
como tentemos nos lembrar e descrever exatamente os nossos sonhos, só nos
lembramos e descrevemos os sonhos da cabeça, isto é, os que consistem de imagens
visuais-verbais; todo o restante, isto é, a enorme maioria dos sonhos, nos escapa.
A isso devemos acrescentar outra circunstância muito importante. No sono, a própria
consciência intelectual muda. Isso quer dizer que o homem não pode, no sono, pensar
sobre si, a menos que o próprio pensamento seja um sonho. Ele não pode nunca
pronunciar o seu próprio nome durante o sono.
Se eu pronunciasse o meu nome durante o sono, imediatamente acordava. E eu
compreendi que não nos damos conta de que o conhecimento do próprio nome já é um
grau diferente de consciência em comparação com o sono. No sono, não estamos
conscientes da nossa própria existência, não nos separamos do quadro geral que se
move à nossa volta, mas, por assim dizer, nos movemos com ele. O nosso sentimento do
"eu" é muito mais indefinido no sono do que no estado desperto. Essa é realmente [227] a
principal característica psicológica que determina o estado de sono e expressa toda a
diferença entre o sono e o estado desperto.
Como assinalei acima, a observação dos sonhos levou-me imediatamente a sentir a
necessidade de classificá-los. Convenci-me de que os nossos sonhos diferem muito de

natureza. A denominação genérica "sonhos" nos confunde. Na realidade, os sonhos
diferem uns dos outros tanto quanto as coisas e os acontecimentos que vemos num
estado desperto. Seria totalmente insuficiente falar simplesmente das "coisas", incluindo
nisso os planetas, os brinquedos infantis, os primeiros-ministros e os pintores do período
paleolítico. É isso exatamente o que fazemos em relação aos "sonhos", o que torna a sua
compreensão praticamente impossível e cria muitas falsas teorias, porque é igualmente
impossível explicar categorias diferentes de sonhos com base num princípio comum,
como seriam as de primeiros-ministros e de pintores paleolíticos.
Os nossos sonhos são, na sua maioria, inteiramente acidentais, caóticos, sem
ligação com coisa alguma e destituídos de sentido. Esses sonhos dependem de
associações acidentais. Neles não há nenhuma sequência, nenhuma direção nem idéia.
ovo Modelo do Universo
Vou descrever um desses sonhos, que foi observado num estado de semi-sonho.
Estou adormecendo. Diante dos meus olhos aparecem e desaparecem pequenas
manchas douradas, centelhas e minúsculas estrelas. Essas centelhas e estrelas gradativamente se fundem numa rede áurea com malhas diagonais que se movem lenta e
regularmente em ritmo com as batidas do meu coração, que sinto de modo absolutamente
distinto. No momento seguinte, a rede dourada se transforma em elmos de bronze
pertencentes a soldados romanos que marcham pela estrada abaixo. Ouço suas

passadas medidas e os acompanho da janela de uma casa elevada em Gaiata, em
Constantinopla, numa ruela estreita, uma extremidade da qual leva ao velho cais e à baía
Corno Dourado com os seus navios e barcos a vapor e os minaretes de Istambul por trás
deles. Os soldados romanos marcham continuamente em filas cerradas ao longo da ruela.
Ouço os seus passos medidos e pesados e vejo o Sol brilhando nos seus capacetes.
Então, de repente, desprendo-me do peitoril da janela em que estava e, na mesma
posição reclinada, voo lentamente por sobre a ruela, sobre as casas e, em seguida, por
cima da baía na direção de Istambul. Sinto o cheiro do mar, o vento, o calor do Sol. Esse
voo me dá uma sensação extraordinariamente agradável, e não posso deixar de abrir os
olhos.
Este é um sonho típico da primeira categoria, isto é, dos sonhos que dependem de
associações acidentais. Procurar um significado nesses sonhos é exatamente a mesma
coisa que ler a sorte por meio de borras de café. Todo esse sonho passou diante de mim,
quando eu estava num "estado de semi-sonho". Do primeiro ao último momento, observei
como as imagens apareciam e se transformavam umas nas outras. As centelhas e pontos
dourados se transformavam numa rede de malhas regulares. Em seguida, a rede dourada
se transformava em elmos de soldados romanos. A pulsação que eu ouvia transformava—
se no passo cadenciado do destacamento em marcha. A sensação dessa pulsação

representa o relaxamento dos muitos pequenos músculos que, por seu turno, produz uma
sensação de ligeira vertigem. Esta sensação manifestou-se imediatamente na minha
visão dos soldados, enquanto descansava no peitoril da janela de uma casa ate e olhava
para baixo; e, quando essa vertigem aumentou um pouco, levantei-me da janela e voei
sobre o golfo. Isso trouxe imediatamente, por associação, a sensação do mar, do vento e
do Sol, e, se eu não [228] tivesse acordado, provavelmente no momento seguinte do
sonho teria visto a mim mesmo em alto-mar, num navio, e assim por diante.
Esses sonhos são às vezes notáveis por um absurdo particular, por combinações e
associações absolutamente impossíveis.
Lembro-me de um sonho em que, por alguma razão, um papel muito significativo era
desempenhado por um grande número de gansos. Então alguém pergunta: "Você
gostaria de ver um gansinho? Você, sem dúvida, nunca viu um gansinho." E, nesse
momento, eu reconheço que nunca vi um gansinho. No momento seguinte, trazem-me,
sobre uma almofada de seda cor de laranja, um gatinho cinzento adormecido, com
aparência muito estranha, duas vezes mais comprido e mais fino que um gatinho comum.
Examino com grande interesse o gansinho e digo que nunca imaginei que eles fossem tão
estranhos.
Se colocamos esses sonhos de que falei agora, isto é, os caóticos ou incoerentes,
na primeira categoria, devemos colocar na segunda os sonhos dramáticos ou inventados.

Geralmente essas duas categorias estão mescladas, isto é, um elemento de invenção e
fantasia entra nos sonhos caóticos, enquanto os sonhos inventados contém muitas
associações, imagens e cenas acidentais, que, com muita frequência, modificam
completamente sua direção original. Os sonhos da segunda categoria são os mais fáceis
de recordar, porque são os que mais se parecem com o devaneio.
Nesses sonhos o homem se vê em todas as espécies de situações dramáticas. Viaja
por várias terras distantes, luta em guerras, livra-se de vários perigos, persegue alguém,
vê-se rodeado por uma multidão, encontra todos os amigos e conhecidos mortos e vivos,
ovo Modelo do Universo
vê-se em diferentes períodos de sua vida; embora adulto, vê-se na escolaetc.
Acontece que alguns sonhos dessa espécie são muito interessantes em sua técnica.
Contêm tal quantidade de material sutil de observação, memória e imaginação como um
homem não possui quando desperto. Essa foi a primeira coisa que me impressionou nos
sonhos dessa espécie, quando comecei a compreender alguma coisa a respeito deles.
Se via em meu sonho algum de meus amigos, que talvez não tivesse visto durante
alguns anos, ele me falava na sua própria linguagem, com sua própria voz, entonações e
inflexões, seus próprios gestos característicos; e dizia precisamente o que somente ele
poderia dizer.
Cada homem tem sua própria maneira de se expressar, de pensar, de reagir aos

fenômenos exteriores. Nenhum homem pode falar ou agir por outro. E o que atraiu minha
atenção, em primeiro lugar, nesses sonhos, foi sua maravilhosa exatidão artística. A
maneira de ser de cada homem era mantida até o menor detalhe. Acontecia que certos
traços eram exagerados ou expressos simbolicamente. Mas nunca havia qualquer coisa
incorreta. qualquer coisa incoerente com o tipo.
Nos sonhos dessa espécie, aconteceu-me mais de uma vez ver simultaneamente
dez ou vinte pessoas que eu conhecera em diferentes períodos de minha vida, e em
nenhuma delas havia, em qualquer momento, o mais leve equívoco ou inexatidão.
Isso era algo mais que memória; era criação artística, porque era perfeitamente claro
para mim que muitos detalhes que se tinham obviamente afastado da memória eram
reconstruídos, por assim dizer, no mesmo instante, e correspondiam totalmente ao que
devia de fato estar ali.
Outros sonhos dessa espécie me surpreendiam por seu plano meticulosamente
pensado e elaborado. Tinham um enredo claro e bem concebido que era desconhecido
[229] do por mim antecipadamente. Todos os personagens da história apareciam no
momento certo e diziam e faziam tudo que tinham que fazer e dizer, de conformidade com
o enredo. A ação podia ocorrer e se desenvolver nas condições mais variadas, podia ser
transferida da cidade para o campo, para terras que eu desconhecia, para o mar; os tipos
mais estranhos podiam entrar nesses dramas. Lembro-me, por exemplo, de um sonho

cheio de movimento, situações dramáticas e as mais variadas emoções. Se não me engano, aconteceu durante a guerra japonesa. No sonho, era uma guerra na própria Rússia. Uma parte da Rússia estava ocupada pelos exércitos de algum povo estranho, chamado por um nome estranho, que esqueci. Eu tinha que atravessar toda a costa através das linhas inimigas, a fim de realizar alguns negócios pessoais extremamente importantes. Com relação a isso, aconteceu toda uma série de incidentes trágicos, divertidos, melodramáticos. Tudo isso teria constituído um cenário completo para uma produção cinematográfica; e tudo estava no lugar adequado, nada desafinava do curso geral da peça. Havia muitos tipos e cenas interessantes. O monge com quem falei num mosteiro ainda permanece em minha memória; ele estava completamente fora da vida e de tudo que acontecia em volta dele, e, ao mesmo tempo, estava cheio de pequenos cuidados e ansiedades relacionados comigo naquele momento. O estranho coronel do exército inimigo, com barba grisalha e pontuda e olhos que piscavam continuamente, era inteiramente um homem vivo e, ao mesmo tempo, um tipo muito claro e definido de homem-máquina, cuja vida estava dividida em vários compartimentos com divisões impenetráveis. Até o tipo de sua imaginária nacionalidade, o som da linguagem que falava com os outros oficiais, tudo estava em perfeito acordo. O sonho estava cheio de pequenos detalhes de caráter real. Galopei através das linhas inimigas num grande

cavalo branco e, durante uma das paradas, limpei com a manga alguns cabelos brancos
do meu casaco.
Lembro-me de que esse sonho me interessou muitíssimo, porque ele me mostrou,
de maneira bem clara, que havia em mim um artista, às vezes muito ingênuo, às vezes
ovo Modelo do Universo
muito sutil, que trabalhava nesses sonhos e os criava a partir do material que eu possuía,
mas não podia usar de maneira compieta, quando desperto. E vi que esse artista era
extraordinariamente versátil em seus conhecimentos, capacidades e talentos. Ele era
dramaturgo, produtor, cenógrafo e um notável ator-imitador. Essa sua última capacidade
era possivelmente a mais espantosa de todas. Ela me impressionou especialmente,
porque tenho muito pouco dessa capacidade quando desperto. Nunca pude imitar
pessoas, reproduzir suas vozes, entonações, gestos, movimentos: nunca pude repetir as
palavras ou frases mais características, mesmo das pessoas que me eram mais
familiares; do mesmo modo, nunca pude reproduzir modos e peculiaridades da fala. Mas
podia fazer tudo isso nos sonhos. A surpreendente capacidade de imitação que se
manifestava nos sonhos teria sido, sem dúvida, um grande talento, se eu tivesse podido
utilizá-la quando desperto. E compreendi que isso não era peculiar somente a mim. Essa
capacidade de imitação, de dramatização, de organizar a cena, de estilizar, simbolizar,
está em cada homem e se manifesta nos seus sonhos.

Os sonhos em que as pessoas vêem seus amigos ou parentes mortos impressionam
tão fortemente sua imaginação devido a essa notável capacidade de imitação inerente a
elas. Essa capacidade pode funcionar, às vezes, no estado desperto, quando o homem
está absorvido em si mesmo ou se separa das influências imediatas da vida e das
associações habituais. [230]
Depois das minhas observações da imitação nos sonhos, deixei completamente de
me surpreender com as histórias de fenômenos espíritas, de vozes de pessoas há muito
tempo mortas, de "comunicações" e conselhos vindos delas, *etc.* Pode-se até admitir que,
seguindo esses conselhos, as pessoas tenham encontrado coisas perdidas, maços de
cartas, velhos testamentos, jóias de família ou tesouros escondidos. Sem dúvida, a
maioria dessas histórias é pura invenção, mas. às vezes, embora possivelmente de
maneira muito rara, essas coisas acontecem, e, nesse caso. são baseadas inegavelmente
na imitação. Embora inconsciente, a imitação é uma arte, e esta sempre contém um forte
elemento "mágico"; e este significa novas descobertas e revelações. Dss-se modo, uma
imitação verdadeira e exata de um homem morto há muito tempo pode ser mágica. A
imagem imitada, nesse caso, não só pode dizer o que o homem que a reproduz sabe,
consciente ou inconscientemente, isto é, sem para isso recorrer a si mesmo, como pode
dizer claramente até mesmo coisas que o homem não sabe e que são consequência da

própria natureza do seu ser. da natureza da sua vida, isto é, algo que, de fato, aconteceu
e que só ele poderia saber.
Minha própria observação da imitação não foi além de registrar a reprodução, com
acréscimos muito pequenos, do que alguma vez eu soube, ouvi e vi.
Lembro-me de dois casos que me explicaram muita coisa em relação tanto à origem
dos sonhos como às "comunicações espíritas" do mundo do além. Aconteceram depois
da época em que eu estava ocupado com o problema dos sonhos, a caminho da índia. Eu
estava só. Meu amigo S., com quem viajara antes pelo Oriente e com quem planejara ir à
índia, morrera no ano anterior, e involuntariamente, sobretudo no começo da viagem,
pensava nele e sentia sua ausência.
E aconteceu duas vezes — uma num barco no mar do Norte e a segunda na índia —
ouvir distintamente a sua voz, como se ele entrasse em minha conversa mental comigo
mesmo. Em ambas as ocasiões, falou da maneira como só ele poderia falar e disse o que
só ele poderia dizer. Seu jeito, sua entonação, a maneira de falar, a maneira de ser
comigo, tudo estava nessas poucas frases.
Em ambas as vezes, isso aconteceu em ocasiões inteiramente sem importância, em
ambas brincou comigo com seu jeito habitual, é claro que nunca pensei, nem por um
momento, que pudesse haver qualquer coisa "espírita" nisso; evidentemente, ele estava
em mim, na lembrança que eu tinha dele, e algo dentro de mim o reproduziu, "imitou-o"
nesses momentos.

ovo Modelo do Universo

Essa espécie de imitação ocorre, às vezes, nas conversas mentais com amigos

ausentes. E, nessas conversas mentais, exatamente como podem fazer as pessoas

mortas, eles podem nos dizer coisas que não sabemos.

No caso de pessoas vivas, tais incidentes são explicados por telepatia; no caso dos

mortos, por sua existência depois da morte e a possibilidade de sua entrada nas

comunicações telepáticas com os vivos.

Essa é a maneira como as coisas são habitualmente explicadas nas obras espíritas.

É muito interessante ler esses livros espíritas do ponto de vista do estudo dos sonhos.

Pude distinguir diferentes categorias de sonhos nos fenômenos espíritas descritos:

sonhos inconscientes e caóticos, inventados, dramáticos e mais uma categoria muito

importante que eu chamaria imitativa. Essa categoria imitativa é curiosa sob muitos

aspectos, porque, embora em muitos casos o material desses sonhos seja perfeitamente

evidente em nosso estado desperto, não seríamos capazes de usá-lo com tanta

habilidade como o fazemos quando estamos adormecidos. Ainda aqui "o artista" [231]

trabalha. Às vezes ele é um produtor; às vezes, um tradutor; às vezes, um plagiador

evidente, mudando a seu modo e atribuindo a si o que leu ou ouviu.

Os fenômenos de imitação também foram descritos na literatura científica que trata

do estudo do Espiritismo. Em seu livro Modem Spiritualism (Londres, 1902, Vol. II, págs.

302-303), F. Podmore cita um exemplo interessante do The Proceedings of the Society for
Psychical Research (Vol. XI, págs. 309-316.).

"C. H. Tout, diretor do Buckland College, de Vancouver, descreve suas experiências
em sessões espíritas. Durante essas sessões, algumas pessoas sofriam convulsões
espasmódicas nas mãos e braços e outros movimentos involuntários. O próprio Tout
sentiu, nesses casos, um forte impulso para imitar esses movimentos.
Em sessões posteriores, em várias ocasiões, ele se entregou a impulsos
semelhantes para assumir uma personalidade estranha. Desse modo, representou o
papel de uma mulher mona, mãe de um amigo que estava presente no momento. Ele
colocou o braço em volta do amigo e acariciou-o, como sua mãe podia ter feito, e a
imitação foi reconhecida pelos espectadores como um caso genuíno de 'controle do
espírito".
Noutra ocasião, Tout, tendo assumido várias imitações sob a influência da música,
foi finalmente oprimido por uma sensação de frio e solidão, como um espírito
recentemente desencarnado. Sua infelicidade e aflição eram terríveis e ele só não caiu no
chão porque outros espectadores o ampararam. Nesse momento, um dos espectadores
fez uma observação, que me lembro de ter ouvido por acaso: 'É meu pai que o controla', e
então pareceu-me compreender quem eu era e quem estava procurando. Comecei a

sentir aflição nos pulmões, e teria caído se não me tivessem segurado pelas mãos e
colocado delicadamente no chão. Quando minha cabeça repousou no tapete,
experimentei uma aflição mortal nos pulmões e não pude respirar. Fiz sinais para que eles
colocassem alguma coisa sob minha cabeça. Imediatamente puseram uma almofada do
sofá sob mim, mas isso não era suficiente — eu ainda não tinha levantado o bastante
para respirar facilmente - e eles acrescentaram um travesseiro. Tenho a lembrança mais
nítida do suspiro de alívio que dei, agora que me sentia recostado como um doente, uma
pessoa fraca, no travesseiro frio. Eu ainda estava, em certa medida, consciente de meus
atos, embora não do que me cercava, e me lembro claramente de me ver como vi meu
pai morto, deitado na cama no quarto em que morreu. Era uma sensação muito curiosa.
Vi seu rosto e suas mãos contraídos e vivi outra vez os momentos de sua morte; só que
agora eu era ao mesmo tempo eu - de alguma maneira indistinta - e meu pai. com seus
sentimentos e aparência."

ovo Modelo do Universo

Lembro-me de um caso curioso dessa categoria de pseudo-autoria. Deve ter sido há
cerca de trinta anos.
Acordei com a lembrança nítida de uma história longa e, segundo me parecia, muito
interessante, que eu pensava ter escrito nos sonhos. Recordei-a em todos os detalhes e
decidi registrá-la assim que tivesse um momento livre, primeiro como um modelo de

sonhos "criativos", e segundo, pensando que poderia usar o tema algum dia, embora a
história não tivesse nada em comum com os meus escritos habituais e diferisse
completamente deles no tipo e no caráter. Mas, depois de aproximadamente duas horas,
quando comecei a escrever a história, observei alguma coisa muito familiar nela e de
repente, para grande surpresa minha, vi que era uma história de Paui Bourget, que eu
tinha lido não fazia muito tempo. A história estava alterada de maneira curiosa. A ação,
que no livro de Bourget se desenvolvia a partir de um extremo, partiu no meu sonho do
outro extremo. A ação se passava na Rússia, todos os personagens tinham nomes
russos, e foi acrescentado um novo tipo criando uma atmosfera nitidamente russa.
Lamento muito, agora, não ter escrito a história no momento em que a construí em meu
sonho. Continha, sem dúvida, muitas coisas interessantes. Antes de tudo, havia a rapidez
extraordinária do trabalho. Em condições normais, [232] quando desperto, essa
transformação de uma história de outra pessoa, história essa com uma extensão
semelhante, transferindo a ação para outro país e acrescentando um novo personagem
que aparece em quase todas as cenas, exigiria, de acordo com meu cálculo, uma semana
de trabalho, pelo menos. No sono, porém, ela foi feita sem qualquer dispêndio de tempo,
simplesmente durante o desenvolvimento da ação.
Essa velocidade extraordinária do trabalho mental no sono tem atraído muitas vezes

a atenção dos pesquisadores, e suas observações deram origem a muitas deduções
erradas.
Há um sonho bem conhecido, muito citado, mas nunca compreendido inteiramente,
descrito por Maury em seu livro Sleep and Dreams, que estabelece, em sua opinião, que
um momento é suficiente para um sonho muito longo.

"Eu estava levemente indisposto e descansava em meu quarto; minha mãe estava
perto da minha cama. Eu estava sonhando com o Terror. Assisto às cenas de massacre;
compareço diante do Tribunal Revolucionário; vejo Robespierre, Marat, Fouquier-Tinville,
todas as figuras mais vis dessa época terrível; discuto com eles; finalmente, depois de
muitos acontecimentos de que me lembro apenas vagamente, sou julgado, condenado à
morte, levado numa carreta no meio de enorme multidão até a praça da Revolução; subo
ao cadafalso; o carrasco me amarra à tábua fatal, puxa-a, a guilhotina desce; sinto minha
cabeça sendo separada do corpo; acordo tomado do mais violento terror e sinto no
pescoço a trave da cama que de repente se soltou e caiu no meu pescoço como o faria a
lâmina da guilhotina. Isso aconteceu num instante, como minha mãe me confirmou, e. no
entanto, foi essa sensação externa que tomei como ponto de partida do sonho, com toda
a série de incidentes sucessivos. No momento em que fui atingido, a memória da tenível
máquina, cujo efeito foi tão bem reproduzido pela trave da cabeceira da cama, despertou

em mim todas as imagens daquela época de que a guilhotina era o símbolo." (72)

Maury explicou seu sonho pela extraordinária velocidade do trabalho da imaginação
no sono, e concluímos de suas explicações que, em alguns décimos ou centésimos de
segundo, transcorridos entre o momento em que a trave atingiu seu pescoço e o seu
despertar, ele construiu todo o sonho, cheio de movimento e efeito dramático e parecendo
ter durado muito tempo.

72 Le sommeil et les revés, études psychologiques sur ces phénomènes, de L. F. Alfred Maury, Paris, Didier et Cie., editores, 1861,págs. 133-134.

Mas a explicação de Maury não é suficiente e está errada na essência. Passa por
alto uma circunstância muito importante. Na realidade, o sonho durou um pouco mais do
que Maury pensou, possivelmente alguns segundos, um espaço de tempo bastante longo
para um processo mental; ao passo que para sua mãe seu despertar podia ter parecido
instantâneo ou muito rápido.

O que na verdade aconteceu foi o seguinte: A queda da trave colocou Maury num
"estado de semi-sonho". Nesse estado, a sensação principal era o medo. Ele tinha medo
de acordar, de explicar a si mesmo o que lhe tinha acontecido. Todo o seu sonho foi
criado pela seguinte pergunta: o que aconteceu comigo? Esse suspense, a incerteza, o
desaparecimento gradual da esperança expressam-se muito bem no sonho tal como ele

conta.

Mas há mais um traço muito característico no sonho de Maury que ele não observou.

É que os acontecimentos em seu sonho não ocorreram na ordem que ele descreve, mas

do fim para o começo. [233]

Isso acontece frequentemente nos sonhos inventados, e é uma das características

curiosas dos sonhos, que, inclusive, podem ter sido mencionadas algumas vezes na

literatura especial sobre a matéria. Infelizmente a importância e significado dessa

característica não tem sido assinalada e a idéia não passou a ser usada pelo pensamento

comum, embora essa capacidade dos sonhos de se desenrolarem às avessas explique

muita coisa.

O desenrolar dos sonhos às avessas indica que, quando acordamos, o fazemos no

momento do começo do sonho e nos lembramos dele como se começasse nesse

momento, isto é, na sucessão normal dos acontecimentos. A primeira impressão de

Maury foi: "Oh! meu Deus, o que aconteceu comigo?" Resposta: "Fui guilhotinado." A

imaginação traça imediatamente o quadro da execução, o cadafalso, a guilhotina, o

carrasco. Ao mesmo tempo, surge a pergunta: como tudo isso pode ter acontecido?

Como posso ter ido parar no cadafalso? Em resposta, voltam novamente as cenas das

ruas de Paris, das multidões da época da Revolução, da carreta em que os condenados

eram conduzidos ao cadafalso. Novamente uma pergunta, com a mesma angústia

atormentando o coração e o mesmo sentimento de que alguma coisa terrível e irreparável
aconteceu. E, em resposta a essas perguntas, aparecem as cenas do Tribunal, as figuras
de Robespierre. Marat, cenas de massacre, quadros gerais do Terror, explicando tudo
que aconteceu. Nesse momento, Maury acordou, quer dizer, abriu os olhos. Na realidade,
ele acordou bem antes, provavelmente alguns segundos atrás. Mas, tendo aberto os
olhos e se lembrado do último momento do sonho, das cenas de terror e massacre,
começou imediatamente a reconstruir mentalmente o sonho, começando daquele
momento. O sonho começou a se desenvolver diante dele na ordem normal, do começo
dos acontecimentos para o fim, da cena do tribunal à queda da lâmina da guilhotina, ou,
de fato, à queda da trave?
Mais tarde, ao escrever ou contar seu sonho, ele não duvidou, nem por um segundo,
de que realmente tenha sonhado nessa ordem, quer dizer, ele nunca imaginou a
possibilidade de sonhar numa ordem de acontecimentos e recordar-se do sonho noutra
ordem. Por esse motivo, surgiu outro problema diante dele: como um sonho tão longo e
complexo pôde acontecer como um relâmpago num momento, pois ele estava certo de
que acordara imediatamente (ele não se lembrou do "estado de serai-sonho"). Ele
explicou isso pela extraordinária rapidez de desenvolvimento dos sonhos, ao passo que,
na realidade, a explicação exige a compreensão primeiro dos "estados de semi-sonho" e,

depois, do fato de que os sonhos podem se desenvolver na ordem inversa, do fim para o
começo, e serem lembrados na ordem direta, do começo para o fim.
O desenvolvimento dos sonhos do fim para o começo acontece com muita
frequência, mas naturalmente sempre nos lembramos desses sonhos na ordem normal,
porque eles terminam no momento em que deveriam começar no desenvolvimento normal
ovo Modelo do Universo
dos fatos, mas são recordados ou imaginados a partir desse momento.
Os estados emocionais em que podemos estar durante o sono produzem muitas
vezes sonhos curiosos. Eles colorem com uma tonalidade ou outra os sonhos comuns
semicaóticos, semi-inventados, os tornam maravilhosamente vivos e reais e nos levam a
procurar neles um significado e importância profundos.
Vou citar aqui um sonho que, sem dúvida, poderia ser interpretado de maneira
espírita, embora, é claro, não haja qualquer espiritismo nele (eu tive esse sonho aos
dezessete ou dezoito anos). [234]
Sonhei com Lermontoff. Não me lembro da imagem visual, mas ele me disse, com
uma estranha voz cavernosa e sufocada, que não morreu quando se pensava que ele foi
assassinado. "Eu fui salvo", disse lentamente e em voz baixa. "Meus amigos arranjaram
isso. O circassiano que puiou no túmulo e arrancou a terra com seu punhal, alegando que
era necessário ajudar a passagem do ataúde... Tem relação com isso. À noite, eles me

desenterraram. Fui para o estrangeiro e lá vivi durante muito tempo, só que não escrevi
mais nada. Ninguém soube nada a respeito, exceto minhas irmãs. Mais tarde realmente
eu morri."
Despertei desse sonho num estado depressivo íncomum. Estava deitado sobre o
lado esquerdo, o coração batia rápido e sentia uma angústia inexprimível. Essa angustia
era realmente o motivo principal que, em relação com as imagens e associações
acidentais, criou todo o sonho. Até onde posso lembrar, minha primeira impressão de
"Lermontoff foi a voz cavernosa sufocada, cheia de uma tristeza peculiar. É difícil dizer por
que respondi a mim mesmo que era Lermontoff. É possível que houvesse nisso uma
associação emocional. Muito provavelmente a descrição da morte e sepultamento de
Lermontoff deve ter produzido uma impressão semelhante em mim em alguma ocasião. A
afirmação de Lermontoff de que ele não morreu, de que foi enterrado vivo, acentuou ainda
mais esse tom emocional. Um aspecto curioso desse sonho foi a tentativa de relacioná-lo
com os fatos. Na descrição do enterro de Lermontoff, em algumas biografias, está dito,
com base nos relatos de testemunhos visuais, que o caixão não podia penetrar no recinto
ao lado da sepultura e que um alpinista pulou para dentro e arrancou a terra com seu
punhal. Em meu sonho, alguma coisa estava relacionada com esse incidente. Daí as
"irmãs de Lermontoff", as únicas que sabiam que ele estava vivo. Pensei mesmo em meu

sonho que ele disse "irmãs" querendo dizer "primos", como se, por uma razão ou outra,
não quisesse falar claramente. Tudo isso foi consequência do motivo principal do sonho,
um sentimento de depressão e mistério.
Não há dúvida de que esse sonho teria sido interpretado pelos espíritas num sentido
espírita. De modo geral, o estudo dos sonhos é o estudo do "espiritismo", porque o
"espiritismo" extrai todo o seu conteúdo dos sonhos. Como assinalei antes, a literatura
espírita forneceu-me um material muito interessante para a explicação dos sonhos.
Mas, fora disso, a literatura espírita cria indubitavelmente toda uma série de sonhos
"espíritas", assim como o cinema e as novelas policiais representam, sem dúvida alguma,
um papel muito importante na criação dos sonhos.
As modernas tentativas de investigação dos sonhos, em geral, dificilmente
consideram o caráter das leituras da pessoa e ainda menos suas diversões favoritas,
como teatros, cinemas, corridas, etc., ao passo que vem justamente dato principal
material dos sonhos, sobretudo no caso de pessoas cuja vida diária só contém poucas
impressões. São a leitura e a visão dos espetáculos que criam os sonhos alegóricos,
simbólicos e similares. O papel representado pelos avisos e cartazes na criação dos
sonhos também é negligenciado.
Às vezes, a construção de imagens visuais nos sonhos é muito estranha. Já
mencionei o fato de que os sonhos são construídos principalmente de acordo com

associações de impressões e não de acordo com associações de fatos. E, por exemplo,
ovo Modelo do Universo
nas imagens visuais, pessoas completamente diferentes, com as quais entramos em [235]
contato em períodos completamente diferentes de nossas vidas, muito frequentemente se
fundem e unem numa só pessoa.
Uma jovem, prisioneira política que passou muito tempo na prisão Boutirsky, em
Moscou (em 1906-1908), contou-me durante minhas visitas, por trás de duas grades, que,
nos seus sonhos, as impressões da prisão estavam completamente misturadas às
impressões do "Instituto", (73) de onde só saíra seis anos antes. Nos sonhos, as guardas da
prisão se confundiam com as antigas "mestras" e "inspetoras" (zeladoras). As intimações
do promotor e os interrogatórios eram aulas, o próximo julgamento era o exame final e
tudo era igualmente confuso.
Nesse caso, o elo de ligação era, sem dúvida alguma, a semelhança de experiências
emocionais, o tédio, o constrangimento constante e o absurdo geral de tudo que a
cercava.
Outro sonho permanece em minha memória. Dessa vez, um simples sonho
engraçado, no qual se manifestou o princípio da imitação de idéias opostas à que foi
descrita.
Há muito tempo, quando eu era bastante jovem, tinha um amigo em Moscou que
aceitou um emprego no sul da Rússia e foi para lá. Lembro-me do seu embarque na
estação Kursk da estrada de ferro.

Dez anos depois, eu o vi em sonho. Estávamos sentados à mesa no restaurante da estação, tomando cerveja, exatameme como fizemos quando nos despedimos. Mas nós éramos três: eu, meu amigo como me recordava dele, e meu amigo como provavelmente se transformara em alguma parte de minha imagem mental dele, um homem corpulento de meia-idade. muito mais velho do que poderia ser na realidade, vestido com um sobretudo com gola de peie e com movimentos lentos e seguros. Como acontece geralmente nos sonhos, essa combinação não me surpreendeu nem um pouco, e considerei-a como se fosse a coisa mais comum do mundo.

Acabo de mencionar diversas categorias de sonhos, mas isso não engloba de maneira alguma todas as categorias possíveis e existentes. Uma das razões da interpretação errada dos sonhos é a compreensão inadequada das categorias e uma divisão errada dos sonhos.

Já assinalei que os sonhos não diferem entre si menos que os fenômenos do mundo real. Todos os exemplos apresentados até agora referem-se a sonhos "simples", isto é, sonhos que acontecem no mesmo nível da nossa vida comum, como nosso pensamento e sentimento no estado desperto. Mas há outras categorias de sonhos. Estes têm origem nos mais recônditos recessos da vida e se elevam acima do nível comum de nossa compreensão e percepção das coisas. Esses sonhos podem revelar muitas coisas

desconhecidas para nós no nível ordinário da vida, por exemplo, mostrando-nos o futuro
ou os pensamentos e sentimentos de outras pessoas ou acontecimentos que
desconhecemos ou que nos são remotos. E podem também revelar-nos os mistérios do
ser, mostrar as leis que governam a vida, colocar-nos em contato com forças superiores.
Esses sonhos são muito raros, e um dos erros do tratamento habitual dos sonhos é que
estes são considerados muito mais frequentes do que, de fato, são. [236] Seus princípios e
idéias só se tornaram compreensíveis para mim numa cena medida, depois das
experiências que descrevo no capítulo seguinte.
Devemos compreender que tudo o que pode ser encontrado a respeito dos sonhos
na literatura psicológica refere-se a sonhos "simples". A confusão de idéias sobre esses

73 Uma escola pública feminina privilegiada, do tipo estabelecido na Rússia no século XVIII, com as características dos conventos franceses.
ovo Modelo do Universo
sonhos depende, à parte da classificação errada dos próprios sonhos, num grau
considerável, da definição errada do material de que os sonhos são feitos. Considera-se
que os sonhos são criados de material virgem, do mesmo material que cria os
pensamentos, sentimentos e emoções de nossa vida desperta. Essa é a razão pela qual
os sonhos em que o homem realiza ações ou sente emoções, que ele não poderia ter
realizado ou sentido quando desperto, dão origem a uma tal quantidade de perguntas. Os

intérpretes de sonhos levam tudo isso muito a sério e criam sua própria imagem da alma
humana baseados nesses aspectos. Naturalmente tudo isso está completamente errado.
Com exceção dos sonhos como os descritos no começo, tais como o do "pântano"
ou o da "cegueira", criados por sensações recebidas durante o sono. o material mais
importante destinado a fabricar os sonhos é o material recusado ou já utilizado de nossa
vida psíquica.
O erro mais grave consiste em pensar que os sonhos comuns revelam-nos como
somos em algum lugar das profundezas desconhecidas de nossa natureza. Para nós, os
sonhos não podem fazer isso; eles retraíam ou o que aconteceu e passou, ou. ainda mais
frequentemente, o que não aconteceu e não podia ter acontecido. Os sonhos são sempre
uma caricatura, um exagero cômico, mas um exagero que, na maior parte dos casos, se
relaciona com algum momento que não existiu no passado ou com uma situação que não
existe no presente.
A questão é: Quais são os princípios que criam essa caricatura? Por que os sonhos
contradizem desse modo a realidade? E aqui nos defrontamos com um princípio que,
embora não compreendido plenamente, tem sido, apesar disso, assinalado na literatura
"psicanalítica". É o princípio da "compensação". Mas a própria palavra é inadequada, e provavelmente essa palavra inadequada cria suas próprias associações cabíveis, razão
pela qual o princípio nunca foi plenamente compreendido, mas tem, ao contrário, dado
origem a teorias completamente erradas.

Essa idéia de "compensação" foi relacionada com a idéia de insatisfação. A ação do
princípio é compreendida no sentido de que o homem, insatisfeito com alguma coisa na
vida em relação ora consigo mesmo, ora com os outros, compensa-se nos sonhos. Um
homem fraco, infeliz, covarde, vê-se bravo,forte, alcançando tudo que deseja. Algum
amigo que sofre de uma doença incurável é visto por nós, nos sonhos, curado, cheio de
força e esperança. De maneira semelhante, pessoas que tiveram uma longa doença ou
morreram em condições dolorosas aparecem-nos em sonhos curadas, contentes e
felizes. Nesse caso, a interpretação está muito perto da verdade, mas, apesar disso, é
apenas meia verdade.
Na realidade, o princípio é muito mais amplo, e o material dos sonhos é criado, não
com base no princípio da compensação tomado num sentido simples, psicológico ou
comum, mas com base no que eu chamaria o princípio dos tons complementares sem
qualquer relação com o nosso sentido emocional daqueles tons. Esse princípio é muito
simples. Se você olha durante algum tempo para uma mancha vermelha e em seguida
dirige os olhos para uma parede branca, verá uma mancha verde. Se você olha durante
algum tempo para uma mancha verde e então desvia os olhos, você vê [237] uma mancha
vennelha. Exatamente a mesma coisa acontece nos sonhos. Para nós não existe moral
nos sonhos, porque, para o bem e o mal, nossa vida é controlada por diferentes regras

morais. Cada momento de nossa vida é cercado por diferentes espécies de "você não
deve", e portanto o "você não deve" não existe nos sonhos. Para nós não existe nada
extraordinário nos sonhos, porque na vida nos surpreendemos com cada nova ou
inusitada combinação de circunstâncias. Para nós não existe nenhuma lei de sequência
dos fenômenos nos sonhos, porque essa lei governa tudo na vida. e assim por diante.
O princípio dos tons complementares desempenha o papel mais importante em
nossos sonhos, tanto naqueles de que nos lembramos quanto nos de que não nos
lembramos; e, sem manter em vista esse princípio, é impossível explicar toda uma série
ovo Modelo do Universo
de sonhos nos quais fazemos e aparentemente sentimos o que nunca fazemos nem
sentimos na vida.
Nos sonhos acontecem muitas coisas somente porque nunca acontecem nem
podem acontecer na vida. Os sonhos são muito frequentemente o negativo em relação ao
positivo da vida. Mas devemos nos lembrar, uma vez mais, de que isso se refere apenas
a detalhes. A composição dos sonhos não é o simples oposto da vida, mas um "oposto"
voltado de dentro para fora em diversas ocasiões e em diversos sentidos. Por esse
motivo, as tentativas de reconstrução das causas ocultas dos sonhos a partir dos sonhos
são completamente inúteis, e é simplesmente insensato supor que as causas ocultas dos
sonhos são os motivos ocultos da vida no estado desperto.

Restame fazer algumas observações sobre as conclusões que resultaram de
minhas tentativas de estudo dos sonhos.
Quanto mais observei os sonhos, mais amplo se tornou o campo de minhas
observações. A princípio, pensava que só temos sonhos num estado definido de sono,
próximo ao despertar. Mais tarde, me convenci de que sonhamos durante todo o tempo,
desde o momento em que adormecemos até acordarmos, mas só nos lembramos dos
sonhos próximos do despertar. Mais tarde ainda, compreendi que sonhamos
continuamente, tanto no sono quanto no estado desperto. Nunca deixamos de ter sonhos,
embora não nos demos conta disso.
Como consequência do que disse acima, cheguei à conclusão de que os sonhos
podem ser observados enquanto estamos acordados. Não é absolutamente necessário
estar dormindo para observar os sonhos. Os sonhos não param nunca. Não os notamos
no estado desperto, no meio do fluxo contínuo das sensações visuais, auditivas e outras,
pela mesma razão pela qual não vemos as estreias à luz do Sol. Mas, do mesmo modo
como podemos ver as estrelas do fundo de um poço profundo, podemos ver os sonhos
que passam em nós se, ainda que por um cuno espaço de tempo, nos isolamos, seja
acidental ou intencionalmente, do influxo das impressões externas. Não é fácil explicar
como isso pode ser feito. A concentração em uma idéia não pode produzir esse

isolamento. É necessária uma parada na corrente dos pensamentos habituais e das
imagens mentais. É necessário adquirir, por um pequeno período, a "consciência sem
pensamento". Quando essa consciência surge, as imagens dos sonhos começam
lentamente a emergir através das sensações habituais e, com surpresa, de repente nos
vemos cercados por um estranho mundo de sombras, humores, conversas, sons,
imagens. E compreendemos então que esse mundo está sempre em nós, que nunca
desaparece. [238]
Chegamos a uma conclusão muito nítida, embora de certo modo inesperada: o sono
e o estado desperto não são dois estados que se sucedem um ao outro, ou em que um
resulta do outro. Os próprios nomes são incorretos. Os dois estados não são sono e
estado desperto. Podem ser chamados sono e sono mais estado desperto. Isso quer dizer
que. quando acordamos, o sono não desaparece, mas ao estado de sono acrescenta-se o
estado desperto, que abafa as vozes dos sonhos e toma invisíveis as imagens deies.
A observação dos "sonhos" no estado desperto apresenta muito menos dificuldades
do que a observação no sono e, além disso, a observação nesse caso não muda seu
caráter, não cria novos sonhos.
Depois de alguma experiência, mesmo a parada dos pensamentos, a criação da
consciência sem pensamento torna-se desnecessária. Os sonhos estão sempre
presentes. Basta apenas dividir a atenção, e vemos como, nos pensamentos habituais do

dia, nas conversas habituais, entram pensamentos, palavras, figuras, rostos, cenas, tanto
do passado, da infância, dos tempos de escola, das viagens, como do que lemos ou
ouvimos alguma vez, ou do que nunca aconteceu mas de que falamos ou pensamos
ovo Modelo do Universo
algum dia.
Pertence (no meu caso) aos sonhos observáveis apenas no estado desperto a
estranha sensação conhecida de muitas pessoas e muitas vezes descrita, embora nunca
inteiramente explicada — a sensação de que isso já aconteceu antes.
De repente, em alguma nova combinação de circunstâncias, entre pessoas
desconhecidas, num lugar estranho, um homem pára e olha com espanto à sua volta —
isso aconteceu antes! Mas, quando? Ele não sabe. Mais tarde, diz a si mesmo que não
podia ser assim, ele nunca estivera ali ou nos arredores, nunca tinha visto aquelas
pessoas.
Às vezes, essas sensações são muito persistentes e demoradas, outras, muito
rápidas e fugazes. As mais interessantes ocorrem com as crianças.
Uma percepção clara de que isso aconteceu antes não existe às vezes nessas
sensações. Mas, às vezes, acontece, sem qualquer causa visível ou explicável, que
alguma coisa definida — um livro, um brinquedo, uma roupa, determinado rosto, uma
casa, uma paisagem, um som, uma canção, um poema, um cheiro — impressiona a

imaginação como se fosse algo familiar, bem conhecido, que toca os sentimentos mais íntimos, evoca séries completas de associações vagas e fugazes e permanece na memória por toda a vida.

Essas sensações (com uma idéia clara e nítida de que "isso já ocorreu antes", de que "eu já vi antes") começaram em mim, quando eu estava com aproximadamente seis anos. Depois dos onze, tornaram-se muito mais raras. Uma delas, extraordinária por sua intensidade e persistência, ocorreu aos dezenove anos.

As mesmas sensações, mas sem um sentimento claramente pronunciado de repetição, começaram ainda mais cedo, a partir da mais tenra infância, e foram particularmente intensas nos anos em que apareceram as sensações de repetição, isto é, dos seis aos onze anos; e também voltaram mais tarde, de tempos em tempos, em várias condições.

Em gerai, quando se fala dessas sensações na literatura psicológica, só se menciona o primeiro tipo. a saber, as sensações com a idéia claramente definida de repetição.

De acordo com as teorias psicológicas, as sensações dessa espécie são devidas a duas causas. Em primeiro lugar, dependem de interrupções na consciência, quando esta [239] desaparece de repente, por um momento totalmente imperceptível,e, em seguida, surge novamente. Nesse caso, a situação em que uma pessoa se encontra, isto é, tudo que a cerca, parece ter-lhe acontecido antes, provavelmente há muito tempo no passado

desconhecido. As próprias "interrupções" são explicadas pela possibilidade de a mesma
função psíquica ser desempenhada por diferentes partes do mecanismo do pensamento.
Como resultado, uma função que tenha parado acidentalmente numa parte é
imediatamente recolhida e continuada noutra, produzindo a impressão de que a mesma
situação aconteceu em alguma ocasião anterior. Em segundo lugar, a mesma sensação
pode ser produzida por uma semelhança associativa entre experiências totalmente
diferentes, quando uma pedra ou uma árvore ou qualquer objeto faz lembrar alguém que
conhecemos muito bem, ou algum lugar, ou determinado incidente em nossa vida. Isso
acontece quando, por exemplo, um aspecto ou contorno de uma pedra nos recorda algum
aspecto de um homem ou de outro objeto; isso tam-be'm pode dar a sensação de que
isso aconteceu ames.
Nenhuma dessas teorias explica a razão pela qual, na maior parte dos casos, a
sensação de que isso aconteceu antes ocorre principalmente em crianças e quase
sempre desaparece mais tarde. Pelo contrário, de acordo com essas teorias, as
sensações descritas deviam se tornar mais frequentes com a idade.
ovo Modelo do Universo
Ambas as teorias acima são deficientes, porque não explicam todos os fatos
existentes da sensação de repetição. Observações exatas mostram três categorias
dessas sensações. As duas primeiras são explicadas (embora não completamente) pelas

teorias psicológicas acima. A peculiaridade dessas duas categorias é que geralmente
acontecem num estado de consciência parcialmente nublado, quase num estado de semi-sonho. embora isso não possa ser compreendido pela própria pessoa.
A terceira categoria de sensações de "isso aconteceu antes" ocupa um lugar à parte,
e sua peculiaridade está em que as sensações de repetição estão relacionadas, nesses
casos, com um estado desperto de consciência especialmente claro e um exaltado
sentimento de si.
Falarei dessas sensações e de seu significado noutro lugar.
(74)
Falando do estudo dos sonhos é impossível omitir outro fenômeno, diretamente
relacionado :com ele e que permanece inexplicado até hoje, a despeito de alguma
possibilidade de experimentação com ele.
Refiro-me ao hipnotismo. A natureza do hipnotismo, isto é, suas causas, e também
as forças e leis que o tomam possível, permanece desconhecida. Tudo que pode ser feito
é estabelecer condições nas quais o fenômeno do hipnotismo pode se dar, e os limites,
resultados e consequências possíveis desses fenômenos.
Nesse sentido, devemos observar que o público leitor em geral atribuiu à palavra
hipnotismo um tal número de concepções erradas que antes de falar do que é possível
em relação ao termo hipnotismo, é preciso tornar claro o que é impossível.
O hipnotismo no sentido popular e fantástico da palavra, e o hipnotismo no sentido

científico ou verdadeiro da palavra são duas idéias completamente diferentes.

No sentido verdadeiro, o conteúdo de todos os fatos reunidos sob o nome geral de

hipnotismo é muito limitado.

Submetido a tipos especiais de tratamento, um homem pode ser levado a um estado

especial, chamado estado hipnótico. Embora exista uma escola que assegure [240] que

qualquer homem pode ser hipnotizado em qualquer ocasião, os fatos negam isso. A fim

de ser hipnotizado, de cair num estado hipnótico, um homem deve estar absolutamente

passivo, isto é, saber que está sendo hipnotizado e não resistir. Se ele não sabe, o curso

normal dos pensamentos e acões é suficiente para protegê-lo da possibilidade da ação

hipnótica. As crianças, os bêbados, os loucos não podem ser hipnotizados ou o são

insuficientemente.

Existem muitas formas e graus do estado hipnótico. Eles podem ser criados por

vários métodos. Passes e golpes dados de certo modo, que provocam relaxamento dos

músculos, olhar fixo nos olhos, espelhos brilhantes, impressões repentinas, um grito forte,

música monótona: tudo isso são meios de hipnotizar. Além disso, usam-se narcóticos,

embora seu uso na hipnose tenha sido muito pouco estudado, e a descrição de seu uso é

difícil de encontrar, mesmo na literatura específica sobre a matéria. Mas os narcóticos são

usados muito mais frequentemente do que se pensa, e com duas finalidades: primeiro

para quebrar a resistência à ação hipnótica, e segundo para fortalecer a capacidade de

hipnotizar. Há narcóticos que atuam de maneira diferente em pessoas diferentes, e há
outros que têm uma ação mais ou menos uniforme. Quase todo hipnotizador profissional
usa morfina ou cocaína a fim de poder hipnotizar. Também são usados diferentes
narcóticos na pessoa hipnotizada; uma ligeira dose de clorofórmio aumenta muitíssimo a
capacidade de um homem de ser hipnotizado.
O que acontece geralmente com um homem quando é hipnotizado e qual a força
através da qual outro homem o hipnotiza, são perguntas que a ciência não pode

74 Capítulo XI, pág. 377. 240
ovo Modelo do Universo
responder. Tudo que sabemos até agora nos dá a possibilidade de estabelecer apenas a
forma externa do estado hipnótico e seus resultados. O estado hipnótico começa com um
simples enfraquecimento da vontade. O controle da consciência e da lógica comuns se
enfraquece. Mas nunca desaparece totalmente. O estado hipnótico é intensificado com
uma ação hábil. Desse modo o homem passa a um estado especial; o aspecto exterior
desse estado caracteriza-se por sua semelhança com o sono (nos estados profundos
surgem a inconsciência e até mesmo a insensibilidade), e o aspecto interior por um
aumento da sugestionabilidade. O estado hipnótico é portanto definido como o estado de
máxima sugestionabilidade.
A hipnose em si mesma não compreende nenhuma sugestão e é possível sem

qualquer sugestão, sobretudo se são usados meios puramente mecânicos, tais como
espelhos, *etc.* Mas a sugestão pode desempenhar um certo papei na criação do estado
hipnótico, especialmente na hipnose repetida. Esse fato, e também a confusão geral de
idéias quanto aos limites possíveis da ação hipnótica, tornam muito difícil para os não—
especialistas (como também para muitos especialistas), distinguir exatamente a hipnose
da sugestão.

Na realidade, são dois fenômenos inteiramente diferentes. A hipnose é possível sem
a sugestão, e esta é possível sem aquela.

Mas. se a sugestão, seja ela qual for, é aplicada enquanto o paciente se encontra
em estado hipnótico, dará resultados notavelmente maiores. Não há resistência, ou quase
nenhuma. Um homem pode ser levado, sob hipnose, a fazer coisas que lhe parecem
completamente absurdas, embora sejam apenas coisas sem qualquer importância séria.

É igualmente possível sugerir a um homem alguma coisa para o futuro (sugestão pós-hipnótica), isto é, é possível determinar alguma ação, pensamento ou sentimento paia um
dado momento, no dia seguinte ou mais tarde. Depois o homem pode ser despertado. Ele
não se lembrará de nada. Mas na hora marcada, como [241] um mecanismo de
despertador, fará, ou pelo menos tentará fazer o que lhe foi "sugerido". Mas, ainda assim,
somente dentro de certo limite. É impossível fazer com que um homem, hipnotizado ou
sob sugestão pós-hipnótica, faça algo que contrarie sua natureza, gostos, hábitos,

educação, convicções ou até mesmo simplesmente suas ações comuns; é impossível
levá-lo a fazer qualquer coisa que lhe provoque uma luta interior. Se começa uma tal luta,
o homem não faz o que lhe foi sugerido. O sucesso da sugestão hipnótica ou pós-hipnótica consiste precisamente em sugerir a um homem uma série de acões indiferentes,
que não lhe provoquem luta interior. As suposições de que um homem sob hipnose possa
ser levado a saber alguma coisa que não sabia no estado normal e que o hipnotizador
não sabe, ou de que ele pode revelar uma capacidade de "clarividência", isto é, de
conhecer o futuro ou ver acontecimentos que se passam à distância, não são confirmadas
por qualquer fato. Ao mesmo tempo, há muitos casos conhecidos de sugestão
inconsciente por parte do hipnotizador e uma certa capacidade de ler seus pensamentos
por parte da pessoa hipnotizada.
Tudo que se passa na mente do hipnotizador, isto é, as associações semiconscientes, a imaginação e a antecipação do que, segundo ele, deve acontecer, pode ser
transferido à pessoa hipnotizada por ele. É impossível estabelecer como essa
transferência se dá, mas é muito fácil provar o fato dessa transferência, se o que é sabido

por um é comparado com o que é sabido pelo outro.

Os fenômenos da chamada "mediunidade" estão compreendidos nessa categoria.

Há um livro muito curioso de um autor francês, de Rochas, que descreve

experiências com pessoas que ele hipnotizou e fez com que se "lembrassem" de suas

"encarnações" anteriores na Terra. Lendo esse livro, fiquei muitas vezes surpreso de que

o autor não pudesse ver que era ele mesmo o criador de todas aquelas "encarnações",

antecipando o que a pessoa hipnotizada ia dizer e sugerindo-lhe desse modo o que dizer.

ovo Modelo do Universo

Esse livro fornece material muito interessante para a compreensão do processo de

formação dos sonhos. Ele poderia ter oferecido material ainda mais importante para o

estudo dos métodos e formas da sugestão inconsciente e da transferência de

pensamento inconsciente. Mas, infelizmente, o autor, na sua busca de "lembranças"

fantásticas de encarnações, não viu o que era realmente valioso em suas experiências e

não notou alguns pequenos detalhes e particularidades que teriam oferecido a

possibilidade de reconstruir o processo de sugestão e de transferência de pensamentos.

O hipnotismo é aplicado na Medicina como um meio de ação sobre a natureza

emocional do homem e para combater pela sugestão estados de melancolia e depressão,

temores mórbidos e tendências e hábitos doentios. E, nesses casos em que as

manifestações patológicas não dependem de causas físicas profundamente arraigadas, o

uso do hipnotismo dá resultados favoráveis. Entretanto, em relação a esses resultados, as
opiniões dos especialistas divergem, e muitos asseguram que o uso do hipnotismo dá
apenas resultados úteis de pouca duração, com uma reação muito forte na direção do
crescimento das tendências indesejáveis ou, na presença de resultados aparentemente
favoráveis, proporciona, ao mesmo tempo, resultados negativos, enfraquece a vontade e
a capacidade de resistência às influências indesejáveis, e torna o homem ainda menos
estável do que era.

Em geral, o hipnotismo, nos casos em que a natureza psíquica do paciente é o
objeto da ação, encontra-se no nível de uma operação séria, e infelizmente é muitas [242]
vezes aplicado sem base suficiente e sem suficiente compreensão das consequências de
seu uso.

Existe outra esfera na qual o hipnotismo poderia ser aplicado na Medicina sem
qualquer prejuízo, ou seja, a esfera da ação direta (isto é, não através da mediação da
natureza psíquica do paciente) sobre os centros nervosos, tecidos, órgãos e processos
interiores. Mas, infelizmente, essa esfera tem sido muito pouco estudada até o momento.

Desse modo, os limites da influência possível sobre um homem, com o propósito de
levá-lo a um estado hipnótico, bem como os limites da ação possível sobre um homem no
estado hipnótico, são muito bem conhecidos e não contêm nada de enigmático. O
fortalecimento da influência só é possível no sentido do fortalecimento da influência sobre

a natureza física do homem, independente do seu mecanismo psíquico. Mas é
precisamente nessa direcão que menos se dirigiu a atenção. Pelo contrário, as
concepções correntes sobre hipnotismo admitem possibilidades muito maiores de ação
sobre a natureza psíquica do homem do que as que existem realmente.
Há, por exemplo, muitas histórias sobre hipnose de massa, mas todas elas, a
despeito de sua ampla circulação, são a mais pura invencionice e muito frequentemente
simples repetições de histórias similares que existiram anteriormente.
Em 1913 e 1914, tentei encontrar na índia e no Ceilão exemplos da hipnose de
massa que acompanham, segundo as descrições dos viajantes, as representações dos
prestidigitadores hindus ou "faquires" e algumas cerimônias religiosas. Mas não consegui
encontrar um só caso. A maior parte das representações, como, por exemplo, o
crescimento de uma planta a partir de uma semente ("o truque da manga") eram apenas
truques. E o "truque da corda", frequentemente descrito, em que uma corda é jogada
"para o céu" e um garoto sobe por ela, etc., evidentemente nunca existiu, mas não só não
consegui vê-lo, como nunca encontrei um só homem (europeu) que o tenha visto com
seus próprios olhos; todos sabiam dele apenas por ouvir falar. Alguns hindus cultos me
disseram ter visto o "truque da corda", mas não posso aceitar essas afirmações como
dignas de crédito porque, além de uma fértil imaginação, notei neles uma estranha

relutância em desapontar as pessoas que procuravam milagres na índia.

Ouvi mais tarde que, durante as viagens do Príncipe de Gales à índia (em 1921 e

1922), o "truque da corda" foi procurado especialmente para ele, mas não foi encontrado.

ovo Modelo do Universo

Do mesmo modo, o "truque da corda" foi procurado para a exposição de Wembley de

1924, mas nunca foi encontrado.

Um homem que conheci muito bem na índia contou-me uma vez que a única coisa

parecida com o "truque da corda" que conseguiu ver foi uma prestidigitação de um

feiticeiro hindu com um aro fino de madeira, na extremidade de uma longa vara de

bambu. O prestidigitador fazia o aro correr para cima e para baixo ao longo da vara.

Provavelmente, foi isso que deu origem à lenda.

No segundo e terceiro números de Revue Métapsychique (março-abril e maio-junho)

de 1928, há um artigo (de M. C. de Vesme): "La légende de I’hallucination collective à

propos du tour de la corde pendue au ciel." O autor apresenta um esboço muito

interessante da história do "truque da corda", citando descrições desse truque por

testemunhas oculares, relatos de pessoas que apenas ouviram falar dele, e a história das

tentativas para encontrar e estabelecer a existência real desse truque. Infelizmente,

porém, ao negar o milagroso, ele próprio faz diversas afirmações ingênuas. [243]

Reconhece, por exemplo, a possibilidade de um "dispositivo mecânico escondido dentro

da corda", que a torna capaz de levantar-se de tal modo que um menino possa subir por
ela. Noutro lugar, fala de uma fotografia do "truque da corda", na qual se pode distinguir
um bambu dentro da corda.
Realmente, se fosse possível algo como um aparelho mecânico dentro da corda,
seria ainda mais milagroso do que o "truque da corda" como geralmente é descrito.
Duvido até que a própria técnica europeia pudesse inventar um mecanismo para ser
colocado dentro de uma corda fina e presumivelmente muito longa, capaz de fazer com
que ela se erguesse e permitisse que um menino subisse por ela. Mas como um
prestidigitador hindu seminu poderia ter uma corda dessas é inteiramente
incompreensível. O "bambu" dentro da corda é mais interessante ainda. A pergunta que
surge aqui é de como a corda poderia ser enrolada se tivesse um bambu dentro deia. O
autor desse interessante esboço de estudo dos milagres hindus se colocou
completamente, sob esse aspecto, numa posição muito estranha.
Mas as histórias dos milagres de faquires constituem uma parte necessária da
descrição de impressões da índia e do Ceilão. Não faz muito tempo, aconteceu-me
encontrar um livro francês, cujo autor conta suas aventuras e experiências no Ceilão em
anos recentes. Para lhe fazer justiça, ele caricaturiza tudo o que descreve e não tem
pretensões a ser sério. Mas descreve outro "truque da corda" em Kandy, dessa vez com

algumas variações. Desse modo, o autor, que estava escondido numa varanda, não foi
hipnotizado pelo "faquir' e, portanto, não viu o que seus amigos viram. Além disso, um
deles filmou toda a representação com uma câmara cinematográfica.
"Mas quando revelamos o filme, na mesma noite", escreve o autor, "não havia nada
nele".
O que é mais divertido é que o autor não compreende em que consiste a parte mais
milagrosa de sua última afirmação. Mas essa persistência na descrição do "truque da
corda" e do "hipnotismo de massa", isto é, precisamente do que não existe, é muito
característica.
Ao falar do hipnotismo, é necessário mencionar a. auto-hipnose.
As possibilidades de auto-hipnose também são exageradas. Na verdade, a auto-hipnose sem a ajuda de meios artificiais só é possível num grau muito fraco. Ao criar em
si mesmo um certo estado passivo, um homem pode enfraquecer a resistência que se
origina, por exemplo, da lógica ou senso comum, e entregar-se totalmente a algum
desejo. Essa é a forma possível da auto-hipnose. Mas esta nunca atinge a forma de sono
ou catalepsia. Se um homem procura vencer uma grande resistência em si mesmo, usa
narcóticos. O álcool é um dos meios principais de auto-hipnose. O papel do álcool como
um recurso de autc-hipnose está ainda completamente sem estudo.
ovo Modelo do Universo

A sugestão deve ser estudada separadamente do hipnotismo.

Confunde-se constantemente hipnotismo e sugestão; no entanto, o lugar que eles

ocupam na vida é totalmente indeterminado.

Na realidade, a sugestão é o fato fundamental. O hipnotismo poderia não existir em

nossa vida que nada seria alterado, mas a sugestão é um dos fatores principais, tanto na

vida individual quanto na social. Se não houvesse sugestão, as vidas humanas teriam

uma forma completamente diferente, milhares de fenômenos da vida que nos rodeia

seriam completamente impossíveis. [244]

A sugestão pode ser consciente e inconsciente, intencional e involuntária. A esfera

da sugestão consciente e intencional é extremamente pequena em comparação com a da

sugestão inconsciente e involuntária.

A sugestionabilidade do homem, isto é, sua capacidade de se submeter as

sugestões que o rodeiam, pode ser diferente. Um homem pode ser inteiramente

dependente das sugestões, não ter nada dentro de si que não seja resultado de

sugestões e submeter-se a todas as sugestões suficientemente fortes, por mais

contraditórias que sejam; ou pode oferecer alguma resistência às sugestões, pelo menos

só ceder àquelas de um tipo definido e repelir as outras. Mas a resistência à sugestão,

mesmo desse tipo, é um fenômeno muito raro. Comumente o homem depende totalmente

das sugestões; e toda a sua constituição interior (e também exterior) é completamente

criada e condicionada pelas sugestões predominantes.

Desde a mais tenra infância, a partir do momento do primeiro recebimento
consciente das impressões externas, o homem cai sob a ação das sugestões,
intencionais e involuntárias. Nesse caso, certos sentimentos, regras, princípios e hábitos
são sugeridos a ele intencionalmente; e as maneiras de agir, pensar e sentir em relação a
essas regras, princípios e hábitos são sugeridas involuntariamente.
Essa última sugestão atua graças à tendência à imitação que todos possuem. As
pessoas dizem uma coisa e fazem outra. Uma criança ouve uma coisa e imita outra.
A capacidade de imitação nas crianças e também nos adultos aumenta muito sua
sugestionabilidade.
O caráter dualista das sugestões desenvolve gradativamente a dualidade no próprio
homem. Desde os primeiros anos ele aprende a se lembrar de que deve mostrar os
sentimentos e pensamentos que lhe são pedidos num momento dado e nunca mostrar o
que realmente pensa e sente. Esse hábito se torna sua segunda natureza. Com o passar
do tempo, ele começa, também por imitação, a acreditar igualmente em seus dois
aspectos opostos, que se desenvolveram sob a influência de sugestões antagónicas. Mas
as contradições delas não o perturbam, primeiro porque ele nunca as vê juntas, e
segundo porque a capacidade de não ser perturbado por essas contradições lhe é
sugerida, porque ninguém jamais se perturba.
A educação familiar, a família, os irmãos e irmãs mais velhos, os pais, os parentes,

os criados, os amigos, a escola, os jogos, a leitura, o teatro, os jornais, as conversas, a
educação posterior, o trabalho, as mulheres (ou os homens), a moda, a arte, a música, o
cinema, o esporte, o jargão admitido em seu círculo, a maneira de pensar aceita, as
diversões obrigatórias, os gostos e tabus obrigatórios — tudo isso e muitas outras coisas
são a fonte de sugestões sempre novas. Todas essas sugestões são invariavelmente
duplas, isto é, criam simultaneamente o que deve ser mostrado e o que deve ser
escondido.
É impossível sequer imaginar um homem livre de sugestões, que realmente pense,
sinta e aja como ele próprio pode pensar, sentir e agir. Nas suas crenças, nos seus
pontos de vista, em suas convicções, idéias, sentimentos, gostos, no que lhe agrada, no
que lhe desagrada, em cada movimento e em cada pensamento, o homem está preso por
ovo Modelo do Universo
mil sugestões, às quais se submete, mesmo sem perceber, sugestionando-se com a idéia
de que é ele mesmo que pensa e sente desse modo.
Essa submissão às influências externas penetra tanto em ioda a vida do homem, e
sua sugestionabilidade é tão grande, que seu estado comum, normal, pode ser chamado
semi-hipnórico. E sabemos muito bem que, em certos momentos e situações, [245] a
sugestionabilidade do homem pode aumentar ainda mais e ele pode chegar a uma perda
completa de qualquer decisão ou escolha independente. Vê-se isso de maneira muito

clara na psicologia das multidões, nos movimentos de massa de várias espécies, nas
manifestações religiosas, revolucionárias, patrióticas ou de pânico, quando a aparente
independência do indivíduo desaparece completamente.
Tudo isso em conjunto constitui um aspecto da "vida de sugestão" no homem. O
outro aspecto se encontra nele mesmo e consiste, primeiro, na submissão das suas
chamadas funções "conscientes", isto é, intelectuais-emocionais, às influências e
sugestões provenientes das chamadas vozes "inconscientes" do corpo (isto é, não
percebidas pela mente), as incontáveis consciências obscuras dos órgãos e vidas
internos; e, segundo, na submissão de todas essas vidas internas às sugestões
completamente inconscientes e involuntárias da razão e das emoções.
A primeira, isto é, a submissão das funções intelectuais-emocionais à instintiva. foi
mais desenvolvida na literatura psicológica; embora a maior parte do que foi escrito sobre
o assunto deva ser considerado com muita cautela. A segunda, isto é, a submissão das
funções internas às influências inconscientes do mecanismo neuro-cerebral, foi muito
pouco estudada. Apesar disso, esse último aspecto oferece enorme interesse do ponto de
vista da compreensão da sugestão e da sugestionabilidade em geral.
O homem consiste em um número incontável de vidas. Cada parte do corpo que tem
uma função definida, cada órgão, tecido, célula, tem sua vida separada e sua própria

consciência separada. Essa consciência difere muito em conteúdo e funções da
consciência intelectual-emocional conhecida por nós e pertencente ao organismo como
um todo. Mas essa última consciência não é, de modo algum, a única. Não é sequer a
mais forte ou a mais clara. Somente em virtude de sua posição, ou seja, no limite entre os
mundos interior e exterior, recebe uma significação predominante e a possibilidade de
sugerir muitas idéias às obscuras consciências interiores. Estas estão constantemente
ouvindo a voz da razão e das emoções. Essa voz as atrai, subjuga-as ao seu poder. Por
quê? Pode parecer estranho, visto que as consciências interiores são às vezes mais sutis
e penetrantes que a consciência cerebral. É verdade que elas são mais sutis e
penetrantes, mas vivem na sombra, dentro do organismo. A consciência cerebral aparece
diante delas como sabendo mais que elas, como se estivesse voltada para o mundo
exterior. E toda a multidão de obscuras consciências internas segue sem cessar a vida da
consciência externa e luta por imitá-la. A consciência intelectual é completamente
ignorante disso e oferece a elas milhares de sugestões diferentes, muitas vezes
contraditórias, absurdas e nocivas ao organismo.
As consciências interiores são uma multidão provinciana ouvindo as opiniões dos
habitantes da capital, seguindo seus gostos, imitando suas maneiras. O que a "mente" e o
"sentimento" dizem, o que fazem, o que querem, o que temem, toma-se imediatamente

conhecido nos recantos mais distantes e obscuros do organismo, e naturalmente é
interpretado e compreendido em cada um deles de maneira diferente. Uma idéia
perfeitamente fortuita e paradoxal da consciência cerebral, que "chega à cabeça" por
acaso e por acaso é esquecida, é tomada como uma revelação por algum "tecido
conjuntivo" que naturalmente a remodela à sua própria maneira e começa a "viver" de
acordo com ela. O estômago pode ser hipnotizado completamente por certos gostos e
aversões absurdos, de caráter puramente "estético"; o coração, o fígado, os rins, os
nervos, os músculos, todos podem, desse ou de algum outro modo, [246] submeter-se às
sugestões que lhe são dadas inconscientemente pelos pensamentos e emoções. Um
ovo Modelo do Universo
número considerável de fenômenos de nossa vida interna, especialmente os fenômenos
indesejáveis, depende, na realidade, dessas sugestões. A existência e caráter dessas
consciências obscuras também explicam muita coisa do mundo dos sonhos.
A mente e o sentimento esquecem ou não sabem nada a respeito dessa multidão
que ouve suas vozes, e muitas vezes falam muito alto, quando seria melhor para eles
ficar em silêncio ou não expressar suas opiniões, já que. algumas vezes, essas opiniões,
sem importância e transitórias para eles, podem produzir uma impressão muito forte nas
consciências internas. Se não queremos cair em poder das auto-sugestões inconscientes,

devemos ter cuidado com as palavras que usamos, quando falamos a nós mesmos, e
com as entonações com que pronunciamos essas palavras, embora conscientemente não
demos importância a essas palavras e entonações. Devemos nos lembrar de todo esse
povo obscuro, que escuta atrás das portas de nossa consciência, tirando suas próprias
conclusões do que ouve, submetendo-se com incrível facilidade às tentações e medos de
toda espécie e começando a correr em pânico a cada simples pensamento, seja o de
perdermos o trem ou uma chave. Devemos aprender a considerar a importância desses
pânicos internos ou, por exemplo, da terrível depressão que nos assalta de repente
quando vemos o céu escuro e a chuva começando a cair. Isso significa que as
consciências internas captaram uma frase casual: "Que tempo horrível", dita com grande
sentimento, e compreenderam, à sua própria maneira, que agora o tempo vai ser sempre
horrível, que não há solução e não vaie a pena viver ou trabalhar mais.
Mas tudo isso se refere à auto-sugestão inconsciente. Os limites da auto-sugestão
voluntária, em nosso estado habitual, são tão insignificantes que é impossível falar de
qualquer aplicação prática dessa força. E, no entanto, contra todos os fatos, a idéia da
auto-sugestão inspira confiança. E, ao mesmo tempo, o estudo das sugestões e da
sugestionabilidade involuntárias não pode nunca ser popular porque, mais do que
qualquer outra coisa, destrói milhões de ilusões e mostra ao homem o que ele realmente

é. E o homem não quer, de modo algum, conhecer isso, e não o quer, porque contra isso
atua a mais forte sugestão que existe na vida, a sugestão que persuade o homem a ser e
parecer diferente do que é.
1905-1929
[247]
ovo Modelo do Universo

Capítulo VIII - Misticismo Experimental

*

Em 1910 e 1911, como resultado de um conhecimento bastante completo da
literatura existente sobre "teosofia" e "ocultismo", e também das investigações científicas
não muito numerosas dos fenômenos de bruxaria, feitiçaria, magia, etc., cheguei a
algumas conclusões definidas, que pude formular nas seguintes proposições:
1. Todas as manifestações de quaisquer forças incomuns e supranormais do
homem, tanto internas quanto externas, deveriam ser divididas em duas categorias
principais — magia e misticismo. A definição desses conceitos apresenta grandes
dificuldades, porque, em primeiro lugar, tanto na literatura geral como na especial, ambos
os termos são muito frequentemente usados num sentido completamente errado; em
segundo lugar, há muita coisa não explicada a respeito da magia e do misticismo,
considerados separadamente; e, em terceiro, a relação recíproca entre a magia e o
misticismo permanece igualmente inexplicada.
2. Tendo me certificado da dificuldade de uma definição exata, decidi aceitar uma

aproximada.

Chamei magia a todos os casos de ação intensificada ou de conhecimento concreto

através de outros meios que não os comuns, e dividi a magia em objetiva, isto é, com

resultados reais, e subjetiva, ou seja, com resultados imaginários. E chamei misticismo a

todos os casos de sentimento intensificado e conhecimento abstrato.

Chamei de magia objetiva a ação intensificada e o conhecimento concreto. "Ação

intensificada" significa, neste caso, a possibilidade real de influenciar coisas,

acontecimentos e pessoas, sem a ajuda dos meios comuns, à distância, através de

paredes, ou do tempo, isto é, tanto no passado como no futuro, e mais ainda, a

possibilidade de influenciar o mundo "astral", se ele existe, ou seja, as almas dos mortos,

as "forças da Natureza", forças que desconhecemos, tanto boas quanto más. O

conhecimento concreto abrange a clarividência no espaço e no tempo, a "telepatia", a

leitura do pensamento, a psicometria, a visão dos "espíritos", das "formas de

pensamento", das "auras" e similares, naturalmente se tudo isso existir.

Chamei magia subjetiva a todos os casos de ação e conhecimento imaginários;

nisso estão incluídas as alucinações evocadas artificialmente, os sonhos tomados como

realidade, a leitura de seus próprios pensamentos considerados comunicações, a criação

semi-intencional de visões astrais, as "inscrições Akásicas" e outros milagres

semelhantes.

O misticismo é subjetivo em sua natureza. Por esse motivo, não coloquei o
misticismo objetivo num grupo especial. No entanto, considerei possível chamar algumas
vezes misticismo subjetivo os estados místicos falsos ou pseudomísticos que não estão
ligados ao sentimento intensificado, mas se aproximam da histeria e da [248] pseudomagia;
noutras palavras, as visões ou sonhos religiosos em formas concretas, isto é, tudo que é
chamado "beleza" na literatura ortodoxa.
(75)
3. A existência da magia objetiva não pode ser considerada como comprovada. O
pensamento científico negou-a por muito tempo e só reconheceu a magia subjetiva, isto
é, uma espécie de auto-hipnose, ou hipnose. Recentemente encontraram-se na literatura
científica ou na que pretende ser científica, alguns dados de reconhecimento dela, como
por exemplo da parte do "Espiritismo". Mas esses últimos reconhecimentos são tão pouco

75 Ver a nota de rodapé nº 56, Capítulo VI, pag. 213.

confiáveis quanto as negações anteriores. O pensamento "teosófico" e "oculto" reconhece
a possibilidade da magia objetiva, mas, em alguns casos, a confunde evidentemente com
o misticismo, e noutros a opõe ao misticismo como um fenômeno inútil e imoral, ou até
certo ponto perigoso, tanto para o homem que pratica a "magia" como para as outras
pessoas, e mesmo para toda a humanidade. Mas tudo isso é afirmado, embora não

existam provas satisfatórias da existência e possibilidade real da magia objetiva.

4. De todos os estados incomuns do homem, só podemos considerar como plenamente comprovados os estados místicos de consciência e certos fenômenos de magia subjetiva, estando quase todos esses últimos limitados à criação artificial das visões desejadas.

5. Todos os fatos comprovados referentes às manifestações de quaisquer forças incomuns do homem, tanto no domínio da magia, ainda que subjetiva, como no domínio do misticismo, estão ligados a estados emocionais muito intensos de uma espécie particular e nunca acontecem sem eles.

6. A maior parte das práticas religiosas de todas as religiões, e também vários rituais e cerimônias mágicos e semelhantes, têm como objetivo a criação desses estados emocionais, aos quais são atribuídos, de acordo com a intenção original, poderes "mágicos" ou "místicos".

7. Em muitos casos de criação deliberada de estados místicos ou produção de fenômenos mágicos, podemos encontrar o uso de narcóticos. Em todas as religiões de origem antiga, mesmo em sua forma moderna, ainda sobrevive o uso de incenso, perfumes, unguentos, que podem ter estado relacionados inicialmente com o uso de drogas que afetassem as funções emocional e intelectual do homem. Como podemos verificar, as drogas dessa espécie foram usadas muito amplamente nos antigos Mistérios.

Muitos autores assinalaram o papel das bebidas sagradas dadas aos candidatos à iniciação, por exemplo nos Mistérios Eleusinos, e que podem ter tido um significado muito real e não simplesmente simbólico. A lendária bebida sagrada, o "Soma", que representa um papel muito importante na mitologia hindu e na descrição das diversas categorias de cerimônias místicas, pode ter existido realmente como uma bebida que conduzia as pessoas a um estado definido desejado. Em todas as descrições de bruxaria e feitiçaria, em todos os países e entre todos os povos, o uso de narcóticos é invariavelmente mencionado. Os unguentos que as bruxas usavam para voar para o Sabbath, diferentes espécies de bebidas encantadas e mágicas, eram preparados, ora a partir de plantas com propriedades estimulantes, intoxicantes e narcóticas, ora de extratos orgânicos do mesmo caráter, ora daquelas substâncias vegetais ou animais a que essas propriedades eram atribuídas. É sabido que, nesses casos, assim como em todos os tipos de feitiçaria, foram usados a beladona, a datura, os extratos de papoula [249] (ópio) e especialmente de cânhamo (haxixe). Tudo isso pode ser investigado e verificado, e não deixa dúvida quanto ao seu propósito. Os feiticeiros africanos, em relação aos quais é possível encontrai descrições muito interessantes nos relatos dos exploradores modernos, usam o haxixe em larga escala. Para produzirem em si mesmos um estado particular de excitação, no qual podem prever o futuro (real ou imaginário), ou influenciar aqueles que os cercam; os

xamãs siberianos usam fungos venenosos (agárico vermelho).

No livro de W. James, Varieties of Religious Experience (Nova Iorque. 1902),

podemos encontrar observações interessantes sobre o significado dos estados místicos

de consciência e sobre o papel que pode ser desempenhado pelos narcóticos na criação

deles.

Vários exercícios respiratórios, posturas incomuns, movimentos, "danças sagradas",

etc. dos ioguins têm o mesmo objetivo, isto é, a criação de estados místicos de

consciência. Mas esses métodos são ainda muito pouco conhecidos.

ovo Modelo do Universo

Ao examinar as proposições acima, do ponto de vista dos diferentes métodos,

cheguei à conclusão de que era necessária uma nova verificação experimental dos

resultados possíveis da aplicação desses métodos, e decidi começar uma série de

experiências.

O que se segue é uma descrição dos efeitos que obtive aplicando em mim mesmo

certos métodos, cujos detalhes tinha encontrado em parte na literatura relativa a esses

assuntos e em parte provinham de tudo o que foi dito acima.

Não descrevo os métodos efetivos que usei. Primeiro, porque não são os métodos

que importam, mas os resultados, e segundo, porque a descrição dos métodos desviaria

a atenção dos fatos que pretendo examinar.

Espero voltar mais tarde especialmente e esses "métodos".

Minha tarefa, como a formulei para mim mesmo no começo das experiências, era

elucidar as questões da relação entre a magia subjetiva com a magia objetiva e, em

seguida, da relação entre magia objetiva e subjetiva tomadas juntas com o misticismo.

Isso tudo tomou a forma de três perguntas:

1. Pode-se reconhecer a existência real da magia objetiva?

2. A magia objetiva existe sem a subjetiva?

3. A magia objetiva existe sem o misticismo?

O misticismo como tal me interessou menos. Entretanto, disse a mim mesmo que, se

pudéssemos encontrar um meio de mudar deliberadamente nosso estado de consciência,

preservando ao mesmo tempo a faculdade de auto-observação, isso nos daria um

material completamente novo de auto-estudo. Sempre nos vemos a partir de um único e

mesmo ângulo. Se o que eu supunha provasse ser uma coisa certa, significaria que

podíamos nos ver de ângulos inteiramente novos e inesperados.

As primeiras experiências mostraram-me, logo, a dificuldade da minha tarefa e

explicaram parcialmente o fracasso de muitas experiências tentadas por outras pessoas

antes de mim.

Como resultado de minhas experiências, começou imediatamente a ocorrer, muito

mais rápida e facilmente do que eu pensei, uma mudança no estado de consciência. Mas

a dificuldade principal foi que o novo estado de consciência obtido proporcionou ao

mesmo tempo tanta coisa nova e inesperada, e essas experiências novas [250] e
inesperadas surgiram e passaram tão rapidamente, que não pude encontrar palavras,
formas de linguagem e conceitos que me permitissem lembrar o que tinha ocorrido
realmente a mim, e menos ainda para transmitir a qualquer outra pessoa.
A primeira sensação psíquica nova que apareceu foi a de uma estranha dualidade
em mim mesmo. Tais sensações acontecem, por exemplo, em momentos de grande
perigo ou, em geral, sob a fadiga de fortes emoções, quando o homem faz ou diz alguma
coisa quase automaticamente e, ao mesmo tempo, se observa. Essa sensação de
dualidade foi a primeira sensação psíquica nova que apareceu em minhas experiências, e
geralmente permanecia durante todo o tempo, mesmo nas experiências estranhas e mais
fantásticas. Havia sempre um certo ponto que observava. Infelizmente ele não pôde se
lembrar sempre do que tinha observado.
As mudanças nos estados psíquicos, essa "dualidade de personalidade" que
aconteceu, e muitas outras coisas relacionadas com ela começavam geralmente cerca de
vinte minutos depois do início da experiência. Quando essa mudança se deu, encontrei-me num mundo inteiramente novo e desconhecido para mim, que não tinha nada em
comum com o mundo em que vivemos, menos ainda com o mundo que admitimos ser a
continuação do nosso, no sentido do desconhecido.
ovo Modelo do Universo

Foi essa uma das primeiras sensações estranhas que me impressionaram. Quer o
confessemos a nós mesmos ou não, temos uma certa idéia do desconhecível e do
desconhecido, ou, mais exatamente, uma certa expectativa dele. Esperamos ver um
mundo estranho, mas que seja formado em seu todo da mesma espécie de fenômenos a
que estamos acostumados, ou que exista de acordo com as mesmas leis, ou tenha pelo
menos alguma coisa em comum com o mundo que conhecemos. Não podemos imaginar
nada novo, assim como não seríamos capazes de imaginar um animal completamente
novo, que não se pareça de modo algum com qualquer dos animais que conhecemos.
E, nesse caso, vi, desde os primeiros momentos, que tudo que construímos de
maneira semiconsciente em relação ao desconhecido é completa e absolutamente errado.
O desconhecido não se assemelha a nada que possamos supor a respeito dele. O caráter
absolutamente inesperado de tudo que encontramos nessas experiências, do grande ao
pequeno, toma difícil sua descrição. Antes de tudo, todas as coisas estão unidas, tudo
está ligado, cada coisa é explicada por alguma outra e, por sua vez, explica outra coisa.
Não há nada separado, isto é, nada que possa ser nomeado ou descrito separadamente.
Para descrever as primeiras impressões, as primeiras sensações, é necessário descrever
ao mesmo tempo tudo. O mundo novo com que entramos em contato não tem lados, de
modo que é impossível descrever primeiro um lado e depois o outro. Ao mesmo tempo,

tudo nele é visível em todos os pontos; mas como descrever de fato alguma coisa nessas
condições — eis uma questão que não pude responder.
Compreendi por que todas as descrições de experiências místicas são tão pobres,
tão monôtonas e evidentemente inventadas. Um homem fica perdido no meio de um
número infinito de impressões totalmente novas, para cuja expressão ele não tem
palavras nem formas. Quando deseja expressá-las ou transmiti-las a alguém, usa
involuntariamente palavras que correspondem em sua linguagem comum a "maior", "mais
poderoso", "mais incomum" e "mais extraordinário", embora essas palavras não
correspondam sequer ao que ele vê, aprende ou experimenta. A verdade é que ele não
tem outras palavras. Mas, na maior parte dos casos, o homem nem mesmo se dá [251]
conta dessa substituição, porque suas experiências são preservadas na memória como
realmente ocorreram, só por alguns poucos momentos. Imediatamente se enfraquecem,
se banalizam, são substituídas pelas palavras que foram apressadamente e de maneira
acidental ligadas a elas para conservá-las na memória. Em pouco tempo não resta nada
além dessas palavras. Isso explica por que um homem que teve experiências místicas
usa, para expressá-las e transmiti-las, as formas de imagens, palavras e linguagem que
lhe são mais conhecidas, que ele está acostumado a usar com mais frequência e que
são, para ele, mais apropriadas e características. Desse modo, pode facilmente acontecer

que diversas pessoas descrevam e transmitam experiências absolutamente idênticas de
maneiras completamente diferentes. Um religioso utilizará os clichés habituais de sua
religião. Falará de Jesus Crucificado, da Virgem Maria, da Santíssima Trindade, e assim
por diante. Um filósofo tentará expressar suas experiências na linguagem da Metafísica a
que está acostumado. Falará, por exemplo, de "categorias" ou de "mônadas" ou de
"qualidades transcendentais", ou algo assim. Um teósofo falará do mundo "astral", de "formas-pensamento" e de "Mestres". Um espírita falará dos espíritos dos mortos e da comunicação com eles. Um poeta falará de suas experiências da linguagem dos contos
de fadas ou dos velhos mitos, ou as descreverá como sensações de amor, enlevo,
êxtase.
Minha impressão pessoal era de que, no mundo com que entrei em contato, não
havia nada semelhante a qualquer das descrições que tinha lido ou ouvido antes.
Uma das primeiras impressões que me surpreenderam foi a de que, nesse mundo,
não havia absolutamente nada que se parecesse de alguma forma com o "mundo astral"
teosófico ou espírita. Eu disse "surpreenderam", não porque realmente acredite no mundo
astral, mas porque provavelmente pensei de maneira inconsciente sobre o desconhecido
na forma do mundo astral. Na verdade, eu estava, naquela ocasião, até certo ponto, sob a
ovo Modelo do Universo
influência da literatura teosófica, no que se refere, de certa maneira, à nomenclatura. Mais

corretamente, é evidente que eu pensava, sem formular de modo muito claro, que devia haver alguma coisa por trás dessas descrições perfeitamente concretas do mundo invisível encontradas nos livros de teosofia. Assim, em primeiro lugar, era difícil para mim admitir que o mundo astral todo, descrito com tais detalhes por diferentes autores, não existia de modo algum. Mais tarde verifiquei que muitas outras coisas também não existiam.

Vou tentar dar uma breve descrição do que encontrei nesse mundo estranho em que me vi.

O que notei em primeiro lugar, simultaneamente com a "divisão de mim mesmo em dois", foi que a relação entre o objetivo e o subjetivo estava rompida, completamente alterada, e assumiu certas formas incompreensíveis para nós. Mas "objetivo" e "subjetivo" são apenas palavras. Não quero ocultar-me por trás dessas palavras, mas descrever, tão exatamente quanto possível, o que realmente senti. Para isso, devo explicar o que é que chamo "objetivo" e "subjetivo". Minha mão, a caneta com que escrevo, a mesa são fenômenos objetivos. Meus pensamentos, minhas imagens mentais, as impressões de minha imaginação são fenômenos subjetivos. Para nós, o mundo está dividido nessas duas linhas, quando estamos em nosso estado habitual de consciência, e toda nossa orientação habitual segue as linhas dessa divisão. No novo estado, tudo isso estava completamente subvertido. Antes de tudo, estamos acostumados à constância da relação

entre o subjetivo e o objetivo — o que é objetivo é sempre objetivo, o que é subjetivo é
sempre subjetivo. Nesse estado, eu vi que o objetivo e o [252] subjetivo podiam trocar de
lugar. Um podia se tornai o outro. Isso é muito difícil de expressar. A desconfiança
habitual do subjetivo desapareceu; cada pensamento, sentimento, imagem era
imediatamente tornado objetivo em formas substanciais concretas que não diferiam de
modo algum das formas dos fenômenos objetivos; e, ao mesmo tempo, estes, de certa
forma, desapareceram, perderam toda a realidade, pareceram inteiramente subjetivos,
fictícios, inventados, sem existência real.

Foi essa a primeira experiência. Em seguida, tentando descrever esse estranho
mundo em que me vi, devo dizer que ele parecia, mais do que qualquer outra coisa, um
mundo de relações matemáticas muito complicadas.

Imaginem um mundo em que todas as relações de quantidades, das mais simples às
mais complicadas, têm uma forma.

Sem dúvida, é fácil dizer: "Imaginem um mundo assim."

Compreendo muito bem que "imaginar" é impossível. Contudo, ao mesmo tempo, o
que estou dizendo é a maior aproximação da verdade que se possa fazer.

"Um mundo de relações matemáticas" — significa um mundo em que tudo está
ligado, nada existe separadamente e, ao mesmo tempo, as relações entre as coisas têm
uma existência real separada das próprias coisas; ou possivelmente as "coisas" nem
sequer existam, e só existam as "relações".

Não estou enganando a mim mesmo, e compreendo que minhas descrições são
muito pobres e provavelmente não transmitirão aquilo de que eu próprio me lembro. Mas
eu me lembro de ver as leis matemáticas em ação, e o mundo como resultado da ação
dessas leis. Desse modo, o processo da criação do mundo, quando pensei nele, surgiu—
me sob o aspecto da diferenciação de alguns princípios ou quantidades básicos muito
simples. Essa diferenciação sempre se processou diante dos meus olhos sob certas
formas, às vezes, por exemplo, tomando a forma de um desenho muito complicado que
se desenvolvia a partir de um motivo básico muito simples, continuamente repetido e
participando em cada combinação através do desenho. Assim, todo o desenho consistia
apenas em combinações e repetições do motivo básico e podia, em qualquer ponto, por
assim dizer, ser resolvido em seus elementos componentes. Às vezes era música, que
ovo Modelo do Universo
começava, de maneira semelhante, por alguns sons muito simples e passava
gradutivamente a combinações harmónicas complicadas, expressas em formas visíveis,
semelhantes ao desenho que acabei de descrever, ou mergulhando completamente nele.
A música e o desenho formavam um só todo; um, por assim dizer, expressava o outro.
Através das mais estranhas experiências, sempre senti que nada delas
permaneceria quando voltasse ao meu estado habitual. Compreendi que, para me

lembrar do que vira e sentira, tudo tinha que ser traduzido em palavras. Mas para muitas
coisas não havia palavras, enquanto outras passavam diante de mim tão rapidamente que
eu não tinha tempo de relacioná-las com qualquer palavra. Ainda nessa ocasião, no meio
dessas experiências, senti que o que eu estava recordando era somente uma parte
insignificante do que se passara pela minha consciência. Dizia continuamente a mim
mesmo: "Tenho que me lembrar pelo menos de que isto é, isto era, e de que esta é a
única realidade, enquanto tudo mais em comparação com isto não é absolutamente real."
Tentei minhas experiências sob as mais variadas condições e nos mais variados
ambientes. Convenci-me pouco a pouco de que era melhor estar sozinho. A verificação
das experiências, isto é, a observação por outra pessoa, ou o registro das experiências
[253] no próprio momento em que ocorriam era absolutamente impossível. Em nenhum
caso obtive qualquer resultado dessa maneira.
Quando tentei ter alguém perto de mim durante essas experiências, verifiquei que
não se podia manter nenhuma espécie de conversa. Comecei a dizer alguma coisa, mas
entre a primeira e a segunda palavras de minha frase, ocorreu-me e passou diante de
mim um número de tal modo enorme de idéias que as duas palavras ficaram separadas
por um espaço tão largo que se tomou impossível estabelecer qualquer conexão entre
elas. Eu geralmente esquecia a terceira palavra antes que ela fosse dita, e tentando

evocá-la encontrava um milhão de novas idéias, mas esquecia de todo onde eu tinha
começado. Lembro-me, por exemplo, do começo de uma frase:
"Eu disse ontem"...
Nem bem tinha pronunciado a palavra "eu" e um mundo de idéias começou a girar
em minha cabeça a respeito do significado da palavra, num sentido filosófico, psicológico
e em todos os outros sentidos. Tudo isso era tão importante, tão novo e profundo, que
quando pronunciei a palavra "disse" não pude compreender sequer o que queria dizer
com ela. Arrancando-me com dificuldade do primeiro ciclo de pensamentos a respeito de
"eu", passei à idéia de "disse", e encontrei imediatamente nela um conteúdo infinito. A idéia da fala, a possibilidade de expressar pensamentos em palavras, o pretérito do verbo,
cada uma dessas idéias produziu uma explosão de pensamentos, conjecturas,
comparações e associações. Desse modo, quando pronunciei a palavra "ontem" já estava
inteiramente incapaz de compreender por que a tinha pronunciado. Ela, porém, por seu
turno, arrastou-me imediatamente para as profundezas dos problemas do tempo, do
passado, presente e futuro, e começaram a se abrir diante de mim. tais possibilidades de
abordagem desses problemas que perdi o fôlego.
Foram precisamente essas tentativas de conversa, realizadas nesses estranhos
estados de consciência, que me deram a sensação de mudança no tempo, descrita por
quase todas as pessoas que fizeram experiências semelhantes. É um sentimento de um

extraordinário alongamento do tempo, no qual os segundos parecem ser anos ou
décadas.
Não obstante, a sensação habitual do tempo não desapareceu; só que juntamente
com ela ou dentro dela apareceu como que outra sensação de tempo, e dois momentos
do tempo comum, como duas palavras da minha frase, puderam ser separados por
longos períodos de outro tempo.
Lembro-me de como me impressionei com essa sensação na primeira vez em que a
tive. Meu acompanhante estava dizendo alguma coisa. Entre cada som de sua voz, entre
ovo Modelo do Universo
cada movimento de seus lábios, passaram-se longos períodos de tempo. Quando ele
tinha acabado uma pequena frase, cujo sentido eu não percebia em absoluto, eu sentia
que vivera tanto durante aquele tempo que nós nunca seríamos capazes de nos
compreender novamente, que eu me afastara demais dele. No começo dessa frase,
parecia-me que ainda éramos capazes de falar e, numa certa medida, nos
compreendermos, mas no fim isso se tomara inteiramente impossível, porque não havia
meios de transmitir a ele tudo o que eu tinha vivido no intervalo.
As tentativas de escrever também não deram resultado, exceto em duas ou três
ocasiões, quando pequenas formulações de meus pensamentos, registradas durante as
experiências, me permitiram depois compreender e entender algo de uma série de

reminiscências confusas e vagas. Mas em geral tudo terminava com a primeira palavra.

Muito raramente eu ia adiante. Às vezes conseguia registrar uma frase, mas geralmente

[254] quando a estava terminando, não me lembrava nem compreendia o que queria dizer

ou por que a tinha escrito, nem podia me lembrar disso depois.

Tentarei descrever sucessivamente como se realizaram as minhas experiências.

Omito os fenômenos fisiológicos que precederam a mudança em meu estado

psíquico. Mencionarei apenas que a pulsação ora se acelerava, chegando a um ritmo

muito elevado, ora se tornava lenta.

Em relação com isso, observei várias vezes um fenômeno muito interessante.

No estado habitual, o retardamento ou aceleração intencional da respiração produz

igualmente uma batida acelerada do coração. Mas, nesse caso, completamente sem

intenção de minha parte, havia se estabelecido entre a respiração e o batimento cardíaco

uma relação que habitualmente não existe; a saber, acelerando a respiração, acelerei a

batida do coração, retardando a respiração, retardei a batida do coração. Senti que por

trás dessa nova capacidade existem possibilidades muito grandes. Tentei, portanto, não

interferir no trabalho do organismo, mas deixar que as coisas seguissem seu curso

natural.

Entregue a si mesma, a pulsação se intensificou e foi sentida gradativamente em

várias partes do corpo, como se ganhasse cada vez mais terreno, e ao mesmo tempo

equilibrou-se pouco a pouco até que por fim começou a ser sentida simultaneamente
através do corpo, depois do que continuou como uma batida.
Essa pulsação sincronizada continuou se acelerando, e de repente senti um choque
através de todo o corpo como se uma mola pulasse, e no mesmo instante alguma coisa
se abriu em mim. Tudo mudou repentinamente, começou algo estranho, novo,
inteiramente diferente de tudo que ocorre na vida. Chamei a isso o primeiro limiar.
Havia nesse novo estado muita coisa incompreensível e inesperada, principalmente
no sentido de uma confusão ainda maior entre objetivo e subjetivo; e havia também outros
fenômenos novos de que falarei agora. Mas esse estado ainda não era completo. Poderia
ser chamado mais adequadamente de estado de transição. Em muitas ocasiões, as
minhas experiências não me levaram muito além desse estado. Às vezes, porém,
aconteceu que ele se aprofundou e ampliou, como se eu mergulhasse gradativamente em
luz. Depois disso, chegou um momento de mais outra transição, de novo uma espécie de
choque através do corpo. E só depois disso começou o estado mais interessante que
atingi em minhas experiências.
O "estado de transição" continha quase todos os elementos desse estado, mas ao
mesmo tempo faltava alguma coisa mais Importante e essencial. O "estado de transição"
não diferia muito em sua essência dos sonhos, especialmente dos sonhos no "estado de

semi-sonho", embora tivesse suas próprias formas muito características. E o "estado de
transição" poderia talvez ter-me iludido, por causa de uma certa sensação do miraculoso
que estava relacionada com ele, se eu não tivesse sido capaz de adotar uma atitude
ovo Modelo do Universo
suficientemente crítica em relação a ele, baseada principalmente em minhas primeiras
experiências no estudo dos sonhos.
No "estado de transição", que, como aprendi em pouco tempo, era inteiramente
subjetivo, eu em geral começava quase imediatamente a ouvir "vozes". Essas "vozes"
eram um traço característico do "estado de transição".
As vozes me falavam e muitas vezes diziam coisas muito estranhas que pareciam
ter em si um caráter enganador. Às vezes, nos primeiros momentos, eu ficava excitado
com o que ouvia dessa maneira, sobretudo quando era a resposta a certas expectativas
[255] vagas e não formuladas que eu tinha. Às vezes, ouvia música que evocava em mim
emoções muito variadas e poderosas.
Mas, de maneira bastante estranha, senti, desde o primeiro dia, desconfiança
desses estados. Continham demasiadas promessas, demasiadas coisas que eu queria
ter. As vozes falavam sobre toda espécie possível de coisas. Advertiam-me. Provavam e
explicavam-me todas as coisas do mundo, mas de certa forma tornavam as coisas
simples demais. Comecei a me perguntar se eu próprio não podia ter inventado tudo que
elas diziam, se não seria minha própria imaginação, aquela imaginação inconsciente que

cria nossos sonhos, nos quais podemos ver pessoas, falar com elas, ouvir suas vozes,

receber seus conselhos, *etc.* Depois de pensar dessa maneira, tinha que dizer a mim

mesmo que as vozes não me contaram nada que eu mesmo não pudesse ter pensado.

Ao mesmo tempo, o que surgia desse modo era muitas vezes muito semelhante às

"comunicações" recebidas nas sessões espíritas, ou por meio da escrita automática. As

próprias vozes se apresentavam muitas vezes com diferentes nomes, diziam-me várias

coisas desvanecedoras e se punham a responder a todo tipo de perguntas. Às vezes

tinha longas conversas com essas vozes.

Uma vez fiz uma pergunta referente à Alquimia. Não posso agora me lembrar da

pergunta exata, mas acho que foi algo ou a respeito das diferentes denominações dos

quatro elementos: fogo, água, ar e terra; ou sobre a relação recíproca dos quatro

elementos. Fiz a pergunta de acordo com o que estava lendo na ocasião.

Em resposta a essa pergunta, uma voz que dava a si mesma um nome bem

conhecido disseme que a resposta à minha pergunta seria encontrada em determinado

livro. Quando eu disse que não tinha esse livro, ela me disse que eu o encontraria na

Biblioteca Pública (isso aconteceu em São Petersburgo) e recomendou-me que lesse o

livro com muito cuidado.

Perguntei na Biblioteca Pública, mas o livro (publicado em inglês) não estava lá. Só

havia uma tradução alemã em vinte partes, das quais faltavam as três primeiras.

Mas logo consegui o livro em outro lugar, em inglês, e realmente encontrei nele
certas indicações ligadas muito estreitamente à minha pergunta, embora não a
respondessem por completo.
Esse exemplo e uma porção de outros parecidos mostraram-me que. nesses
estados de transição, eu passei pelas mesmas experiências que os médiuns, clarividentes
e outros semelhantes. Uma voz me disse algo muito interessante sobre o Templo de
Salomão em Jerusalém, algo que pensei que não soubesse antes, ou que, se tivesse lido
alguma vez em algum lugar, tinha esquecido inteiramente. Entre outras coisas, na
descrição do templo, a voz disse que havia ali enxames de moscas. É lógico que isso era
absolutamente compreensível e até inevitável. Num templo em que se faziam sacrifícios,
onde animais eram mortos e onde havia sem dúvida uma grande quantidade de sangue e
todo tipo de imundície, deve ter havido inegavelmente muitas moscas. Ao mesmo tempo,
isso soava como novo e, tanto quanto me lembro, nunca li a respeito de moscas em
relação aos templos antigos. Mas não muito antes de eu mesmo ter estado no Oriente,
soube da porção de moscas que se pode encontrar ali, mesmo em condições normais.
ovo Modelo do Universo
Essas descrições do Templo de Salomão, e especialmente as "moscas", deram-me
uma explicação completa de muitas coisas estranhas com que me deparei em minhas
leituras e que não pude chamar de falsificação deliberada nem de clarividência [256] real.

Desse modo, a "clarividência" de Leadbeater e do Dr. Steiner, todas as "inscrições
Akásicas", as descrições do que aconteceu dezenas de milhares de anos atrás na
Atlântida mítica ou em outras regiões pré-históricas eram, sem dúvida alguma, da mesma
natureza das moscas no Templo de Salomão. A única diferença era que eu não
acreditava em minhas experiências, enquanto as "inscrições Akásicas" eram admitidas e
são admitidas tanto por seus autores como pelos leitores.
Logo se tornou evidente para mim que nem nessas nem em outras experiências
havia qualquer coisa de real. Tudo era reíletido, tudo vinha da memória, da imaginação.
As vozes silenciaram imediatamente, tão logo passei para alguma coisa familiar e
concreta que podia ser verificada.
Isso me explicou por que é que os autores que descrevem a Atlântida não
conseguem, com a ajuda de sua "clarividência", resolver quaisquer problemas práticos
relativos ao presente, que são sempre tão fáceis de encontrar, mas em que, por alguma
razão, eies sempre evitam tocar. Por que é que eles sabem tudo que aconteceu há trinta
mil anos atrás e não sabem o que está acontecendo ao mesmo tempo que suas
experiências, mas em outro lugar?
Durante todas essas experiências, senti que se tivesse que acreditar nessas vozes,
chegaria a uma imobilidade e não iria adiante. Isso me apavorou. Senti que era tudo auto—
ilusão; que, por mais atraente que pudesse ser tudo que as vozes diziam e prometiam,

não me levaria a parte alguma, mas me deixaria exatamente onde eu estava. Compreendi
que era precisamente nisso que consistia a "beleza", isto é, tudo que vinha da
imaginação.
Decidi lutar contra esses estados de transição, adotando em relação a eles uma
atitude muito crítica e rejeitando como indigno de crédito tudo o que eu mesmo pudesse
ter imaginado. Isso começou imediatamente a dar resultados. Meu estado e minhas
experiências mudaram, assim que comecei a rejeitar tudo que ouvia, me dando conta de
que era do mesmo "estofo de que são feitos os sonhos", e me livrei disso com firmeza por
algum tempo, recusando ouvir ou prestar atenção a qualquer coisa.
Atravessei o segundo limiar, que já mencionei, além do qual começou um novo
mundo. As "vozes" desapareceram; em seu lugar soou algumas vezes uma voz, que
sempre podia ser reconhecida, qualquer que fosse a forma que pudesse tomar. Ao
mesmo tempo, esse novo estado era diferente do estado de transição por sua
extraordinária lucidez de consciência. Encontrei-me então no mundo das relações
matemáticas, em que não havia absolutamente nada semelhante ao que acontece na
vida.
Também nesse estado, depois de passar o segundo limiar e me encontrar no
"mundo das relações matemáticas", obtive respostas a todas as minhas perguntas, mas
frequentemente as respostas tomaram uma forma muito estranha. Para compreendê-las,

é preciso dar-nos conta de que o mundo de relações matemáticas em que eu estava não
permanecia imóvel; isso quer dizer — não havia nada nele que continuasse como era no
momento anterior. Tudo se movia, mudava, era transformado e se tornava outra coisa. As
vezes eu via repentinamente todas as relações matemáticas desaparecerem uma após
outra até o infinito. O infinito engolia tudo, ocupava tudo; todas as distinções eram
apagadas. E senti que um momento mais e eu mesmo desapareceria no infinito. Estava
dominado pelo terror da iminência desse abismo. Às vezes esse terror me fazia levantar,
andar de um lado para o outro, para afastar o pesadelo que tinha se apoderado de mim.
Então senti que alguém estava rindo para mim; às vezes me parecia ouvir o riso. De
repente, eu me surpreendi percebendo que era [257] eu quem ria para mim mesmo — que
tinha caído de novo nas malhas da "beleza", isto é, de uma abordagem errada. O infinito
ovo Modelo do Universo
me atraía e ao mesmo tempo me apavorava e repelia. E cheguei a compreendê-lo de
maneira completamente diferente. O infinito não era uma continuação infinita numa
direção, mas uma variação infinita num ponto. Compreendi que o terror do infinito resulta
de uma abordagem errada dele, de uma atitude errada em relação a ele. Compreendi que
com uma abordagem correta, o infinito é justamente o que explica tudo, e que sem ele
nada pode ser explicado.
Senti ao mesmo tempo que no infinito havia uma ameaça e um perigo reais.

É completamente impossível descrever consecutivamente o curso de minhas
experiências, das idéias que me ocorreram e dos pensamentos que passaram,
principalmente porque nenhuma experiência foi semelhante a outra. De cada vez aprendi
algo novo sobre a mesma coisa, de tal maneira que alterava de modo fundamental tudo o
que eu aprendera antes a respeito dela.
Um aspecto característico do mundo em que me encontrei era, como já disse, sua
estrutura matemática e a completa ausência de qualquer coisa que pudesse ser expressa
na linguagem dos conceitos comuns. Para usar a terminologia teosófíca, eu estava no
mundo mental "Arupa". Mas a peculiaridade de minhas observações era que só o mundo
"Arupa" existia realmente. Tudo mais era criado pela imaginação. O mundo real era "um
mundo sem formas". Um fato interessante é que, na primeira experiência, encontrei-me,
provavelmente de imediato ou quase de imediato, nesse mundo, escapando do "mundo
das ilusões". Mas, nas experiências seguintes, as "vozes" pareciam tentar me deter no
mundo imaginário, e eu só podia sair dele quando lutava firme e resolutamente com as
ilusões à medida que surgiam. Tudo isso me fez lembrar fortemente de alguma coisa que
tinha lido antes. Parecia-me que, na literatura existente, nas descrições das experiências
mágicas ou das iniciações e testes anteriores, havia alguma coisa muito semelhante ao
que eu tinha experimentado e sentido — mas naturalmente isso não se refere às "sessões

espíritas" modernas ou mesmo às tentativas de magia cerimonial, que são uma imersão
completa no mundo das ilusões.
Um fenômeno interessante em minhas experiências era a consciência do perigo que
me ameaçava, oriundo do infinito, e as constantes advertências que recebia de alguém,
como se houvesse alguém que me vigiasse todo o tempo e às vezes tentasse me
persuadir a parar as experiências, não tentar continuar nesse caminho, que era errado e
ilegal do ponto de vista de certos princípios que eu naquele momento só sentia e
compreendia vagamente.
O que eu chamei "relações matemáticas" estava mudando continuamente ao meu
redor e dentro de mim, às vezes tomando a forma de sons, de música; às vezes, de um
desenho; às vezes de luz enchendo todo o espaço, de um tipo de vibração visível de raios
luminosos, cruzando, entrelaçando-se uns com os outros, impregnando tudo. Com
relação a isso, havia um sentimento inconfundível de que, através desses sons, do
desenho, da luz, eu estava aprendendo alguma coisa que não tinha conhecido antes. Mas
dizer o que aprendi, falar a respeito ou registrar por escrito era muito difícil. A dificuldade
de explicação aumentava com o fato de que as palavras expressam mal e, na verdade,
não podem expressar a essência do intenso estado emocional em que me encontrava
durante essas experiências.
Esse estado emocional era talvez a característica mais nítida das experiências que

estou descrevendo. Sem ele, não teria havido nada. Tudo veio dele, isto é, tudo [258] era
compreendido através deie. Para compreender minhas experiências é preciso ter em vista
que eu não estava, de modo algum, indiferente aos sons e à luz mencionados. Eu tocava
em tudo através do sentimento e experimentava emoções que nunca existiram na vida. O
novo conhecimento que chegou a mim veio quando eu estava num estado emocional
excessivamente intenso. Minha atitude para com esse novo conhecimento não era de
modo algum indiferente; ora eu o amava, ora me horrorizava com ele, ora me empenhava
na direção dele, ora era aturdido por ele; e foram essas muitas emoções, com milhares de
ovo Modelo do Universo
outras, que me deram a possibilidade de compreender a natureza do mundo novo que
vim a conhecer.
O número "três" desempenhava um papel muito importante no mundo em que me
encontrava. De uma forma complelamente incompreensível para a nossa matemática, ele
entrava em todas as relações de grandezas, criava-as e se originava delas. Tudo
considerado em conjunto, isto é, todo o Universo aparecia às vezes na forma de uma
"tríade", compondo um todo. e se assemelhando a um grande trevo. Cada parte da
"tríade" era transformada novamente, por algum processo interior, numa "tríade", e esse
processo continuava até que tudo estivesse cheio de "tríades", que eram transformadas
em música, luz ou desenhos. Devo dizer uma vez mais que todas essas descrições

expressam muito mal o que ocorreu, na medida em que não transmitem o elemento
emocional de alegria, encantamento, êxtase, horror, continuamente se transformando um
no outro.
Como eu já disse, as experiências tinham mais sucesso quando eu estava sozinho e
deitado. Algumas vezes, porém, tentei estar no meio das pessoas ou caminhando nas
ruas. Essas experiências geralmente não tinham resultado. Às vezes, começavam, mas
terminavam quase imediatamente, passando a um estado físico pesado. Mas às vezes
me encontrava em outro mundo. Em tais ocasiões, todo o mundo habitual mudava de
uma forma muito sutil e estranha. Tudo se tornava diferente, mas é absolutamente
impossível descrever o que acontecia a ele. A primeira coisa que se pode dizer é que não
havia nada que ficasse indiferente para mim. Tudo em conjunto e cada coisa
separadamente me afetava de um modo ou outro. Em outras palavras, eu considerava
tudo emocionalmente, reagia a tudo emocionalmente. Além disso, nesse novo mundo que
me cercava não havia nada separado, nada que não tivesse relação com outras coisas ou
pessoalmente comigo. Todas as coisas estavam ligadas entre si, e não de maneira
acidental, mas através de cadeias incompreensíveis de causas e efeitos. Todas as coisas
dependiam umas das outras, viviam umas nas outras. Além disso, nesse mundo não
havia nada morto, nada inanimado, nada que não pensasse, que não sentisse, nada

inconsciente. Tudo estava vivo, consciente de si. Todas as coisas me falavam e eu podia
falar a todas as coisas. As casas e outros edifícios pelos quais passei eram
particularmente interessantes, sobretudo as casas velhas. Elas eram seres vivos, cheios
de pensamentos, sentimentos, humores e memórias. As pessoas que viveram nelas eram
seus pensamentos, sentimentos, humores. Quero dizer que as pessoas representavam
aproximadamente o mesmo papel, em relação às "casas", que os diferentes "eus" de
nossa personalidade representam em relação a nós. Eles vêm e vão, às vezes vivem em
nós por longo tempo, às vezes aparecem apenas por alguns momentos.
Lembro-me de uma vez em que fiquei impressionado por um cavalo de tração da
Nevski, por sua cabeça, sua cara. Ela expressava todo o ser do cavalo. Olhando para a
cara do cavalo, compreendi tudo que se podia compreender sobre um cavalo. Todos os
traços da natureza do cavalo, tudo de que ele é capaz, tudo de que é incapaz, [259] tudo
que pode fazer, tudo que não pode; tudo isso estava expresso nas linhas e traços da cara
do cavalo. Uma vez, um cachorro me proporcionou uma sensação semelhante. Ao
mesmo tempo, o cavalo e o cachorro não eram simplesmente cavalo e cachorro; eram
"átomos", "átomos" conscientes, móveis de grandes seres — "o grande cavalo" e "o grande cachorro". Compreendi então que também somos átomos de um grande ser, "o
grande homem". Cada coisa é um átomo de uma "grande coisa". Um copo é um átomo de

um "grande copo". Um garfo é um átomo de um "grande garfo".

Essa idéia e vários outros pensamentos que ficaram em minha memória, a partir de

minhas experiências, entraram em meu livro Tertium Organum, que foi realmente escrito

durante essas experiências. Desse modo, as formulações das leis do mundo numenal e

algumas outras idéias referentes às dimensões superiores foram tiradas do que aprendi

no decorrer delas.

ovo Modelo do Universo

Algumas vezes senti, durante essas experiências, que compreendia muitas coisas

de maneira especialmente clara, e percebi que se eu pudesse, de algum modo, preservar

o que tinha compreendido nesse momento, então saberia como me fazer passar para

esse estado a qualquer momento em que pudesse querer; saberia como fixar esse estado

e como utilizá-lo.

A pergunta de como fixar esse estado surgia continuamente, e eu a fiz a mún

mesmo muitas vezes, quando estava no estado em que podia receber respostas às

minhas perguntas; mas nunca pude obter uma resposta direta para ela, isto é, a resposta

que eu queria. Geralmente a resposta começava muito longe e, ampliando-se pouco a

pouco, incluía tudo, de modo que, finalmente, a resposta à pergunta incluía as respostas

a todas as perguntas possíveis. Por essa razão, naturalmente, não pude retê-la na

memória.

Lembro-me de que uma vez, num novo estado de especial lucidez de expressão,

isto é, quando compreendi muito claramente tudo o que queria compreender, decidi
encontrar alguma fórmula, alguma chave que eu pudesse, por assim dizer, conservar para
o dia seguinte. Decidi resumir em poucas palavras tudo o que compreendera até aquele
momento e registrar, se possível numa frase, o que era necessário fazer para me levar
imediatamente ao mesmo estado, por um giro do pensamento sem qualquer preparação
preliminar, já que isso me parecia possível todo o tempo. Descobri essa fórmula e a
registrei a lápis numa folha de papel.
No dia seguinte li a frase: "Pense em outras categorias." As palavras eram essas,
mas qual era o seu significado? Onde estava tudo que eu associara a essas palavras
quando as escrevi? Tudo desaparecera, desvanecera-se como um sonho. É claro que a
frase "pense em outras categorias" tinha um significado; só que eu não pude me lembrar
dele, não pude alcançá-lo.
Posteriormente, aconteceu com essa frase a mesma coisa que acontecera com
muitas outras palavras e fragmentos de idéias que me ficaram na memória depois de
minhas experiências. No começo, essas frases pareciam ser completamente vazias.
Cheguei a rir delas, encontrando nelas uma prova cabal da impossibilidade de transferir
qualquer coisa de lá para cá. Mas, pouco a pouco, algo começou a reviver em minha
memória e durante duas ou três semanas me lembrei cada vez mais do que estava ligado
a essas palavras. E, embora o seu todo ainda permanecesse muito vago, como se fosse

visto de muito longe, comecei a ver um significado, isto é, um significado especial, em
palavras que no começo pareciam designações simplesmente abstratas de alguma coisa
sem qualquer significação prática. [260]
O mesmo processo se repetiu quase todas as vezes. No dia seguinte à experiência,
eu me lembrava muito pouco. Às vezes, ao anoitecer, começavam a voltar algumas vagas
memórias. No dia seguinte, podia me lembrar mais; durante as duas ou três semanas que
se seguiam, podia me lembrar de detalhes isolados das experiências, embora estivesse
sempre perfeitamente cônscio de que em geral só uma parte infinitesimal era lembrada.
Quando tentei fazer experiência com mais frequência do que a cada duas ou três
semanas, prejudiquei os resultados, isto é, tudo era confuso, não pude me lembrar de
nada.
Mas vou continuar a descrição das experiências que tiveram êxito. Muitas vezes,
talvez sempre, tinha a sensação de que, quando passava o segundo limiar, entrava em
contato comigo mesmo, com o eu que estava sempre dentro de mim, que sempre me via
e me dizia alguma coisa que eu não podia compreender nem mesmo ouvir nos estados
comuns de consciência.
Por que não posso compreender?
Respondi: simplesmente porque, no estado comum, milhares de vozes soam ao
mesmo tempo, criando o que chamamos nossa "consciência", nossos pensamentos,
ovo Modelo do Universo

sentimentos, humores, imaginação. Essas vozes abafam o som de nossa voz interior.

Minhas experiências não acrescentaram nada à "consciência" comum; elas a reduziram;

contudo, reduzindo-a, a intensificaram até um grau incompreensível. O que elas fizeram

realmente? Compeliram essas outras vozes da consciência comum a fazerem silêncio,

puseram-nas para dormir, ou as tornaram inaudíveis. Comecei então a ouvir a outra voz,

que vinha por assim dizer de cima, de um certo ponto acima da minha cabeça.

Compreendi então que todo o problema e todo o objetivo consistiam em poder ouvir

constantemente essa voz, estar em constante comunicação com ela. O ser a quem essa

voz pertencia sabia tudo, compreendia tudo e acima de tudo estava livre dos milhares de

pequenos e perturbadores pensamentos e humores "pessoais". Ele podia considerar tudo

de maneira calma, objetiva, como era na realidade. E ao mesmo tempo isso era eu. Como

isso podia ser assim, e por que no estado habitual eu estava tão distante de mim mesmo,

se isso era eu — isso eu não podia explicar. As vezes, durante as experiências, chamava

meu eu habitual de "eu" e o outro de "ele". Às vezes, pelo contrário, chamava o eu habitual de "ele" e o outro de "eu". Mas voltarei mais tarde ao problema do "eu" em geral e à percepção do "eu" do novo estado de consciência, porque tudo isso era muito mais

complicado do que a simples substituição de um "eu" pelo outro.

Quero tentar descrever agora, na medida em que tenha sido preservado em minha

memória, como esse "ele" ou esse "eu" olhava para as coisas de uma forma diferente de
um "eu" comum.
Lembro-me de que uma vez estava sentado num sofá, fumando e olhando para um
cinzeiro. Era um cinzeiro comum de cobre. De repente, senti que estava começando a
compreender o que o cinzeiro era, e, ao mesmo tempo, com certo espanto e quase com
medo. percebi que nunca o tinha compreendido antes, e que nós não compreendemos as
coisas mais simples que nos rodeiam.
O cinzeiro provocou um torvelinho de pensamentos e imagens. Ele continha um
número infinito de fatos, de acontecimentos; estava ligado a um número imenso de
coisas. Antes de tudo, com todas as coisas ligadas a fumo e tabaco. Isso deu origem
imediatamente a milhares de imagens, quadros, memórias. Em seguida o próprio cinzeiro.
Como ele surgiu? De que materiais ele podia ter sido feito? Cobre, [261] nesse caso — o
que era o cobre? Como as pessoas o descobriram pela primeira vez? Como aprenderam
a utilizá-lo? Como e onde era obtido o cobre do qual foi feito esse cinzeiro? Através de
que tipo de tratamento passou, como foi transportado de um lugar a outro, quantas
pessoas trabalharam nele ou em relação com ele? Como o cobre tinha sido transformado
num cinzeiro? Essas e outras perguntas sobre a história do cinzeiro surgiram no dia em
que ele apareceu na minha mesa.
Lembro-me de ter escrito algumas palavras numa folha de papel para conservar algo

desses pensamentos no dia imediato. E no dia seguinte leio:

"Um homem pode ficar louco por causa de um cinzeiro."

O significado de tudo que percebi era que num cinzeiro era possível conhecer tudo.

O cinzeiro estava ligado por fios invisíveis a tudo no mundo, não só com o presente mas

com todo o passado e todo o futuro. Conhecer um cinzeiro significava conhecer tudo.

Minha descrição não expressa sequer a sensação como realmente era, porque a

primeira e principal impressão era de que o cinzeiro estava vivo, pensava, compreendia e

me dizia tudo a seu próprio respeito. Tudo que aprendi, aprendi com o próprio cinzeiro. A

segunda impressão era o extraordinário caráter emocional de tudo que estava ligado ao

que eu tinha aprendido sobre o cinzeiro.

"Tudo está vivo", disse a mim mesmo no meio dessas observações; "não há nada

morto, só nós estamos mortos. Se nos tomarmos vivos por um momento, sentiremos que

tudo está vivo. que todas as coisas vivem, pensam, sentem e podem nos falar."

ovo Modelo do Universo

O exemplo do cinzeiro me faz lembrar de outro, no qual a resposta à minha pergunta

chegou sob a forma de uma imagem visual, muito característica em sua estrutura.

Uma vez. quando estava no estado a que minhas experiências me conduziram,

perguntei a mim mesmo: "O que é o mundo?"

Vi imediatamente a imagem de uma grande flor, como uma rosa ou um lótus, cujas

pétalas estavam continuamente se desdobrando a partir do meio, crescendo, aumentando

de tamanho, alcançando a parte externa da flor e então, de algum modo, voltando
novamente ao meio, recomeçando outra vez desde o início. As palavras não expressam
isso de forma alguma. Nessa flor havia uma quantidade incrível de luz, movimento, cor,
música, emoção, agitação, conhecimento, inteligência, matemática e crescimento
contínuo e incessante. E. enquanto eu olhava para essa flor, alguém parecia me explicar
que isso era o "Mundo" ou "Brahma" em seu aspecto mais claro e na aproximação mais
íntima possível do que é na realidade — "Se a aproximação fosse ainda mais íntima, seria
o próprio Brahma, tal como é", disse a voz.
Essas últimas palavras pareciam conter uma espécie de advertência, como se
Brahma no seu aspecto real fosse perigoso e pudesse me engolir e aniquilar. Isso era
ainda o "infinito".
Esse incidente e o símbolo de Brahma ou do "mundo", que permaneceu em minha
memória, interessou-me muito, porque me explicava a origem dos outros símbolos e
imagens alegóricas. Pensei mais tarde ter compreendido o princípio da formação dos
diferentes atributos dos deuses e o significado de muitos mitos.
Além disso, esse incidente me conduz a outro aspecto muito importante de minhas
experiências, a saber, ao método pelo qual as idéias me eram comunicadas nesses
estranhos estados depois do segundo limiar. [262]
Como já disse, as idéias não eram transmitidas em palavras mas em sons, formas,

"desenhos" ou símbolos. Geralmente tudo começava com o aparecimento dessas formas.

Como foi mencionado antes, as "vozes" eram o traço característico do estado de

transição. Quando cessavam, eram substituídas por essas formas, isto é, sons,

"desenhos", etc.; e, depois disso, seguiam-se as imagens visuais que possuíam

propriedades muito especiais e exigiam explicação detalhada. Brahma visto como uma

flor podia servir como exemplo dessas imagens visuais, embora comumente elas fossem

muito mais simples, algo da natureza dos sinais ou hieróglifos convencionais.

Esses sinais constituíam a forma de linguagem ou pensamento, ou do que

correspondia à linguagem ou pensamento, no estado de consciência que atingi. Os sinais

ou hieróglifos moviam-se e mudavam diante de mim com vertiginosa rapidez,

expressando desse modo transições, mudanças, combinações e correlações de idéias.

Só essa maneira de "falar" era suficientemente rápida para a rapidez de pensamento que

se alcançava nesse estado. Nenhuma outra forma era bastante rápida. E esses sinais

móveis de coisas indicavam o começo de um novo pensamento, um novo estado de

consciência. Tornou-se completamente impossível pensar em palavras. Como eu já tinha

dito, entre duas palavras da mesma frase passavam-se longos períodos de tempo.

Pensar em palavras nunca poderia acompanhar o pensamento tal como ele trabalhava

nesse estado.

É curioso que, na literatura mística, se pode encontrar uma quantidade de
referências a esses "sinais de coisas". Dei a eles o nome que era dado por Jacob Boehme (Tertium Organum, Cap. XXII, pág. 281). Não duvido que Boehme falasse exatamente dos mesmos sinais que eu vi. Para mim eu os chamo "Símbolos". Por sua forma
exterior seria mais correto chamá-los de hieróglifos móveis. Tentei desenhar alguns deles
e, embora o conseguisse algumas vezes, no dia seguinte era muito difícil relacionar as
figuras obtidas com quaisquer idéias. Uma vez, porém, obtive algo muito interessante.

ovo Modelo do Universo
Desenhei a figura abaixo:

Fig. 6
O número de projecões laterais é irrelevante, mas o ponto importante é que estão
dispostas a distâncias desiguais uma da outra ao longo da linha horizontal.
Obtive essa figura da seguinte maneira:

Em relação com certos fatos na vida de pessoas que conhecia, e que aconteceu me
virem à mente, fiz a mim mesmo a pergunta bastante complicada de como o destino de
um homem pode influenciar o destino de outro homem. Não posso reconstituir agora com
exatidão a minha pergunta, mas me lembro de que estava relacionada com a idéia das
leis de causa e efeito, de livre escolha ou acidente. Enquanto ainda continuava a pensar

de uma maneira habitual, imaginei a vida de um homem que conhecia e o acidente em
sua vida, através do qual ele cruzou com outras pessoas cujas vidas tinha influenciado de
modo muito decisivo, pessoas essas que, por sua vez, tinham mudado muitas coisas na
própria vida dele. Pensando dessa maneira, percebi de repente, ou me percebi, vendo
todas essas vidas entrecruzadas, na forma de sinais [263] simples, isto é, na forma de
linhas curtas, com pequenas projeções sobre um lado. O número dessas projeções
diminuía ou aumentava; ora se aproximavam, ora se separavam mutuamente. E, em seu
aparecimento, em sua aproximação ou separação, e também na combinação das
diferentes linhas com as diferentes projeções, estavam expressas as idéias e leis que
dirigem as vidas dos homens.

Voltarei mais tarde ao significado desse símbolo. No momento, quero apenas
explicar o método real de obtenção de novas idéias no estado de consciência descrito.

Uma parte separada de minhas experiências constituía o que eu podia chamar
minha relação comigo mesmo, ou mais corre lamente, com meu corpo. Todo ele se tornou
vivo, pensante e consciente. Eu podia falar a qualquer pane do meu corpo, como se ela
fosse um ser separado, e podia aprender com ela o que a atraía, do que gostava, do que
não gostava, de que tinha medo, pelo que vivia, quais eram seus interesses e
necessidades. Essas conversas com as consciências do corpo físico revelaram todo um
mundo novo.

Tentei descrever alguns dos resultados dessas impressões no Tertium Organum, ao
falar da consciência não paralela à nossa.
Essas consciências, que chamo hoje consciências do corpo físico, têm muito pouco
em comum com a nossa consciência, que objetiva o mundo exterior e distingue o "eu" do
"não eu": "Essas consciências, isto é, as consciências do corpo físico, estão
completamente mergulhadas em si mesmas. Só tomavam conhecimento de si mesmas,
só do "eu"; o "não eu" não existia para elas. Só podiam pensar em si mesmas, só podiam
falar de si mesmas. Mas, em oposição a isso, sabiam sobre si mesmas tudo o que podia
ser conhecido. Compreendi então que a sua natureza e a forma da sua existência
consistiam no fato de elas falarem continuamente de si, do que eram, do que precisavam,
do que queriam, do que lhes agradava, do que lhes era desagradável, dos perigos que as
ameaçavam, do que podia evitar ou afastar esses perigos.
No estado habitual, não ouvimos essas vozes isoladamente: só o ruído que elas
produzem, ou o seu tom geral, é sentido por nós como nosso estado físico ou disposição
de ânimo.
Não tenho dúvidas de que, se pudéssemos entrar conscienternente em
comunicação com esses "seres", poderíamos aprender com eles todos os detalhes do
estado de cada função do nosso organismo. A primeira idéia que me vem ao espírito
ovo Modelo do Universo
nesse sentido é a de que isso seria particularmente útil, no caso de doenças ou distúrbios

funcionais, para um diagnóstico correto, a prevenção de possíveis doenças e o tratamento
das já existentes. Se se pudesse encontrar um meio de entrar em comunicação com
essas consciências e receber delas informações quanto ao estado e exigências do nosso
organismo, a Medicina se assentaria numa base sólida.

Continuando as minhas experiências, tentei todo o tempo descobrir um meio de
passar dos fatos abstratos aos concretos. Eu queria saber se não havia uma possibilidade
de fortalecer os poderes de percepção comuns, ou de descobrir novos poderes,
sobretudo com relação aos acontecimentos no tempo, relativos ao passado ou ao futuro.
Formulei para mim mesmo, de um modo definido, a pergunta sobre se pode existir o
poder de ver, sem o auxílio dos olhos, ou a uma grande distância, ou através de uma
parede, ou de ver coisas em recipientes fechados, ler cartas em envelopes lacrados, ler
um livro na prateleira entre outros, e assim sucessivamente. Nunca se tornara claro para
mim se essas coisas eram possíveis. Pelo contrário, eu sabia que todas [264] as tentativas
de verificação dos fenômenos de clarividência, descritos algumas vezes, terminavam
invariavelmente em fracasso.
Durante minhas experiências, tentei muitas vezes "ver", quando, por exemplo,
estava em minha casa, o que estava acontecendo na rua, que, de maneira normal, não
podia ver; ou "ver" algum homem ou outro que eu conhecia bem, o que ele estava

fazendo naquele momento; ou reconstruir inteiramente cenas do passado, das quais
conhecia apenas algumas partes.
Em seguida, fechei algumas antigas fotografias de um álbum em envelopes do
mesmo tamanho, misturei-os e tentei "ver" que retrato segurava na mão. Tentei a mesma
coisa com cartas de baralho.
Quando me convenci de que não conseguia, procurei reconstruir, como uma imagem
visual clara, o que estava inegavelmente em minha memória, embora no estado habitual
não pudesse visualizá-la à vontade. Por exemplo, tentei "ver" a Nevski, começando da
Praça Znamenski, com todas as casas e anúncios na ordem em que estavam. Mas, feito
intencionalmente, isso também nunca teve resultado. Inintencionalmente, e em várias
circunstâncias, eu me vi mais de uma vez caminhando pela Nevski, e então "vi" tanto as
casas como os anúncios, exatamente como seriam na realidade.
Finalmente, tive que reconhecer como fracassadas todas as tentativas de passar
aos fatos concretos. Ou isso é completamente impossível, ou tentei de maneira errada.
Mas houve dois casos que mostraram que há uma possibilidade de fortalecimento
muito grande de nossas capacidades de percepção em relação aos acontecimentos
comuns da vida.
Certa vez, consegui, não exatamente uma clarividência, mas, sem dúvida, um
fortalecimento muito grande da capacidade de visão. Era na rua, em Moscou, meia hora

depois de uma experiência que tinha parecido inteiramente fracassada. Por alguns
segundos, minha visão se tornou de repente extraordinariamente aguda. Pude ver, de
maneira muito clara, os rostos das pessoas a uma distância a que normalmente teríamos
dificuldade de distinguir um rosto de outro.
Outro exemplo ocorreu durante o segundo inverno de minhas experiências em São
Petersburgo. As circunstâncias eram tais que, durante todo aqueie inverno, não pude ir a
Moscou, embora na ocasião eu desejasse muito ir lá, para tratar de diversos assuntos.
Finalmente, lembro-me de que, cerca de meados de fevereiro, decidi definitivamente que
iria a Moscou na Páscoa. Pouco depois disso, comecei de novo minhas experiências.
Uma vez, de maneira inteiramente acidental, no estado em que os sinais ou hieróglifos
móveis começaram a aparecer, tive um pensamento a respeito de Moscou, ou de alguém
ovo Modelo do Universo
que eu tinha que ver lá na Páscoa. De repente, sem qualquer aviso, recebi a advertência
de que não devia ir a Moscou na Páscoa. Por quê? Em resposta vi como, a partir do dia
das experiências que descrevi, começaram a acontecer fatos numa ordem e sequência
definidas. Nada de novo aconteceu. Mas as causas, que eu podia ver muito bem e que
estavam todas presentes no dia de minha experiência, evoluíram e, tendo chegado aos
resultados que inevitavelmente se seguiram a elas, formaram justamente antes da
Páscoa, toda uma série de dificuldades que, no final, impediram minha ida a Moscou. O

fato em si, como eu o vi, tinha um caráter simplesmente curioso, mas o lado interessante
dele era que eu vi o que parecia uma possibilidade de prever o futuro — todo o futuro
estava contido no presente. Vi que tudo [265] que tinha acontecido antes da Páscoa
resultava diretamente do que já existia dois meses antes.
Então, em minha experiência, passei provavelmente a outros pensamentos e, no dia
seguinte, só me lembrei do resultado simples, de que "alguém" tinha me dito que eu não
devia ir a Moscou na Páscoa. Isso era ridículo, porque eu não via nada que me impedisse
de ir. Em seguida, esqueci tudo a respeito de minha experiência. Ela só voltou à minha
memória uma semana antes da Páscoa, quando de repente toda uma sucessão de
pequenas circunstâncias tornou patente que eu não iria a Moscou. As circunstancias eram
exatamente as que eu tinha "visto", durante minha experiência, e resultavam, de maneira
totalmente definida, do que tinha existido dois meses antes. Não acontecera nada novo.
Quando tudo aconteceu exatamente como eu tinha visto, ou previsto, naquele
estranho estado, lembrei-me de minha experiência, de todos os detalhes, de que vi e
soube naquele momento o que devia acontecer.
Nesse incidente, entrei sem dúvida em contato com a possibilidade de uma visão
diferente das coisas e dos acontecimentos do mundo. Mas, falando de modo geral, todas
as perguntas que me fiz com referência à vida real ou ao conhecimento concreto levaram
a nada.

Penso que isso tem relação com um princípio que se tornou claro para mím durante
minhas experiências.
Na vida corrente, pensamos por teses e antíteses; sempre e em toda parte, há "sim"
ou "não", "não" ou "sim". Pensando diferentemente, de uma nova maneira, por meio de sinais de coisas, cheguei à compreensão dos erros fundamentais do nosso processo
mental.
Na realidade, em toda parte e em todos os casos, não havia dois, mas três
elementos. Não havia somente "sim" e "não", mas "sim", "não" e, além disso, algo mais. E
era precisamente a natureza desse "terceiro" elemento, inacessível à compreensão, que
tornou todos os raciocínios comuns inadequados e exigiu uma mudança no método
básico. Vi que a solução de todos os problemas vinha sempre de um terceiro elemento,
desconhecido, quer dizer, de um terceiro aspecto desconhecido, e que, sem esse terceiro
elemento, era impossível chegar a uma solução correta.
Posteriormente, quando fazia uma pergunta, com muita frequência comecei a ver
que ela própria era formulada de maneira errada. Em vez de dar uma resposta imediata à
minha pergunta, a "consciência" com a qual eu estava falando começava a jogar com ela
e a contorná-la, mostrando-me que ela estava errada. Pouco a pouco eu começava a ver
o que estava errado. Tão logo compreendia claramente o que estava errado em minha
pergunta, eu via a resposta. Mas a resposta incluía sempre um terceiro elemento que eu
não podia ver antes, porque minha pergunta estava sempre construída sobre dois

elementos apenas, tese e antítese. Formulei isso para mim da seguinte maneira: que toda
a dificuldade está na maneira de fazer as perguntas. Se pudéssemos fazê-las
corretamente, saberíamos as respostas. Uma pergunta feita corretamente já contém a
resposta. Mas a resposta será completamente diferente do que esperamos, estará
sempre em outro plano, num plano não incluído na pergunta comum.
ovo Modelo do Universo
Em vários casos em que tentei pensar com certas palavras ou idéias banais,
experimentei uma estranha sensação semelhante a um choque físico. Diante de mim
abriu-se um completo vazio, porque, no mundo real com que eu tinha entrado em [266]
contato, não há nada correspondente a essas palavras ou idéias. A sensação era muito
estranha — a de um vazio inesperado onde eu tinha contado encontrar alguma coisa, que
seria, se não sólida e definida, pelo menos existente.
Já disse que não encontrei nada que correspondesse aos "corpos astrais" ou
"mundo astral" teosóficos, nada que correspondesse à "reencarnação", à "vida futura" no sentido comum da palavra, isto é, a uma ou outra forma de existência das almas dos
mortos. Tudo isso não tinha qualquer significação, e não só não expressava qualquer
verdade, como não contrariava diretamente a verdade. Quando tentei introduzir em meus
pensamentos as perguntas relacionadas com essas idéias, não houve resposta alguma a
elas: as palavras continuaram sendo só palavras e não podiam ser expressas por

quaisquer hieróglifos.

A mesma coisa aconteceu com muitas outras idéias, por exemplo com a idéia de

"evolução" como é compreendida no pensamento "científico". Ela não se ajustava a coisa

alguma e não significava absolutamente nada. Não havia lugar para ela no mundo das

realidades.

Eu me dei conta de que percebi que idéias eram vivas e quais eram mortas; as

idéias mortas não eram expressas em hierógiifos, permaneciam palavras. Descobri um

número enorme de tais idéias mortas no uso geral do pensamento. Além das já

mencionadas, todas as chamadas "teorias sociais" pertenciam às idéias mortas. Elas

simplesmente não existiam. Havia palavras por trás das quais não havia nenhuma

realidade; do mesmo modo, a idéia de "justiça", como é compreendida comumente no

sentido de "compensação" ou "retribuição", era completamente morta. Uma coisa nunca

podia compensar outra, um ato de violência nunca destrói os resultados de outro ato de

violência. Ao mesmo tempo, a idéia de justiça no sentido de "desejo de um bem geral"

também era morta. E, falando de modo geral, havia um grande mal-enten-dido nessa

idéia. Ela admitia que uma coisa podia existir por si mesma e ser "injusta", isto é,

contrariar uma determinada lei; mas, no mundo real, todas as coisas eram unas, e não

havia duas coisas que pudessem contrariar uma à outra. E, portanto, não havia nada que

pudesse ser chamado justiça ou injustiça. A única diferença que existia era entre coisas

mortas e vivas. Mas essa distinção era exatamente o que nós não compreendíamos, e
embora tentássemos expressar a mesma idéia em nossa linguagem, dificilmente o
conseguíamos.
Tudo isso são apenas exemplos. Na verdade, quase todas as idéias e conceitos
habituais, pelos quais as pessoas vivem, provaram ser não-existentes.
Convenci-me, com grande espanto, de que só um número muito pequeno de idéias
corresponde a fatos reais, isto é, realmente existe. Vivemos num mundo completamente
irreal, fictício, discutimos sobre idéias não-existentes, perseguimos objetivos não-existentes, inventamos tudo, inclusive nós mesmos.
Mas, em oposição às idéias mortas, que não existiam em lugar algum, havia, por
outro lado, idéias vivas, reaparecendo incessantemente, sempre e em toda parte, e constantemente presentes em tudo que eu pensava, aprendia e compreendia nessa ocasião.
Primeiro havia a idéia da tríade, ou da trindade, que entrava em todas as coisas. Em
seguida, um lugar muito importante era ocupado, e muita coisa explicada, pela idéia dos
quatro elementos: fogo, água, ar e terra. Essa era uma idéia real, e durante as
experiências, no novo estado de consciência, compreendi como ela penetrava em todas
as coisas e estava relacionada com elas através da tríade. Mas, no estado habitual, a
importância e relação dessas duas idéias me escapavam. [267]
Além disso, havia a idéia de causa e efeito. Como já mencionei, essa idéia era

ovo Modelo do Universo
expressa em hieróglifos, de uma maneira muito definida. Mas não estava, de modo
algum, relacionada com a idéia de "reencarnação", e se referia totalmente à vida terrena
comum.
Em tudo o que eu havia aprendido, um lugar muito grande - talvez o principal — era
ocupado pela idéia do "eu". Quer dizer, o sentimento ou sensação do "eu" mudava dentro
de mim de alguma estranha maneira. É muito difícil expressar isso em palavras.
Comumente não compreendemos de maneira suficiente que. em diferentes momentos de
nossa vida, sentimos nosso "eu" de maneira diferente. Nesse caso, como em muitos
outros, eu era ajudado por minhas primeiras experiências e observações dos sonhos. Eu
sabia que, no sono, o "eu" é sentido de maneira diferente, não como é sentido no estado
desperto. Nessas experiências, o "eu" era sentido de modo igualmente diferente, mas
inteiramente de outra maneira. A maior aproximação possível seria se eu dissesse que
todas as coisas, que geralmente sentimos como "eu", se tornavam "não-eu", e todas as que são sentidas como "não-eu" se tornavam "eu". Mas isso está longe de ser um relato
exato do que senti e aprendi. Penso que esse relato é impossível. É necessário apenas
notar que a nova sensação do "eu" durante as primeiras experiências, tanto quanto posso
me lembrar dela, era uma sensação muito aterradora. Sentia que estava desaparecendo,
desvanecendo, me tornando nada. Era o mesmo terror do infinito de que já falei, mas ao

inverso: num caso era o Tudo que me engolia, no outro era o Nada. Mas isso não fazia
diferença, porque Tudo era equivalente a Nada.
Mas é notável que, mais tarde, nas experiências subsequentes, a mesma sensação
do desaparecimento do "eu" começou a produzir em mim um sentimento de extraordinária
calma e confiança, que nada pode igualar em nossas sensações ordinárias. Parecia-me
compreender, naquele momento, que todos os problemas, cuidados e ansiedades
habituais estavam relacionados com a sensação costumeira do "eu", resultavam dela. e,
ao mesmo tempo, a constituíam e sustentavam. Por conseguinte, quando o "eu"
desaparecia, todos os problemas, cuidados e ansiedades desapareciam. Quando eu
sentia que não existia, tudo mais se tornava muito simples e fácil. Nesses momentos, via
até quão estranho era que pudéssemos tomar sobre os ombros uma responsabilidade tão
terrível quanto a de colocar o "eu" em todas as coisas, e começar do "eu" em todas as coisas. Na idéia, na sensação do "eu", tal como geralmente temos, havia alguma coisa
quase anormal, uma espécie de presunção fantástica que beirava a blasfêmia, como se
cada um de nós chamasse a si mesmo de Deus. Senti, então, que somente Deus poderia
chamar-se a si mesmo de "eu", que só Deus era "eu". Mas nós também nos chamamos
de "eu" e não vemos nem reparamos na ironia disso.
Como já disse, as estranhas impressões relacionadas com as minhas experiências
começaram com a mudança da sensação do "eu", e é difícil imaginar que fossem

possíveis, no caso da conservação da sensação comum do "eu". Essa mudança
constituía a própria essência delas, e tudo mais que senti e aprendi dependia disso.

Com referência ao que aprendi durante minhas experiências, sobretudo quanto ao
aumento da capacidade de percepção, cheguei a saber muita coisa que era estranha e
que não entrava em quaisquer teorias que conhecera antes. [268]
A consciência que se comunicou comigo por meio dos hieróglifos móveis atribuía a
maior importância a essa questão e se esforçou por imprimir em minha mente, talvez mais
que qualquer outra coisa, tudo que dizia respeito a ela, isto é, aos métodos de percepção.
Quero dizer que os hieróglifos me explicavam que, além da percepção habitual,
baseada na evidência dos órgãos dos sentidos, no cálculo e no pensamento lógico,
existem três outras diferentes percepções, que diferem uma da outra e da percepção
comum, não em grau, em forma, em qualidade, mas na sua própria natureza, como
fenômenos de ordens totalmente diferentes, que não podem ser medidos pela mesma
ovo Modelo do Universo
medida. Na nossa linguagem, chamamos esses três fenômenos juntos, onde
reconhecemos sua existência, de percepção intensificada, isto é, admitimos sua diferença
da percepção comum, mas não compreendemos sua diferença uma da outra. Isso, de
acordo com os hieróglifos, é o fator principal que nos impede de compreender corretamente nossa relação com o

mundo.

Antes de tentar definir as "três espécies de percepção", devo notar que a comunicação a respeito das formas de percepção sempre começava de alguma pergunta minha que não tinha nenhuma relação definida com os problemas de percepção, mas evidentemente contradizia, de certo modo, as leis de percepção que nos eram conhecidas. Por exemplo, isso acontecia quase sempre quando eu tentava passar do domínio das questões abstratas aos fenômenos concretos, fazendo perguntas a respeito de pessoas vivas ou coisas reais, ou de mim mesmo no passado, no presente ou no futuro.

Nesses casos, recebia a resposta de que o que eu queria saber podia ser sabido de três maneiras ou que, de modo geral, eram três os meios de percepção, fora naturalmente do modo comum de percepção com auxílio de órgãos dos sentidos, cálculo e raciocínio lógico, que não estavam incluídos na pergunta, e cujos limites admitia-se que eram conhecidos.

Além disso, seguia-se geralmente uma descrição das características e propriedades de cada meio.

Era como se alguém, ansioso por me dar idéias certas das coisas, achasse particularmente importante que eu compreendesse isso corretamente.

Tentarei descrever, tão exatamente quanto possível, tudo que se refere a esse assunto. Mas tenho dúvidas sobre se conseguirei expressar inteiramente ao menos o que

eu próprio compreendo.

A primeira percepção é saber de uma maneira incomum, como que através de uma visão interior, algo a respeito das coisas e acontecimentos com os quais estou relacionado diretamente e nos quais estou direta e pessoalmente interessado. Por exemplo, se fico sabendo de alguma coisa que deve acontecer no futuro próximo, a mim ou a alguém estreitamente relacionado comigo, e se tomo conhecimento disso, não da maneira comum, mas através da visão interior, isso seria percepção desse tipo. Se sei que um barco em que devo viajar vai naufragar, ou que num determinado dia sérios perigos ameaçarão um de meus amigos, e que dando tais e tais passos posso evitar o perigo — isso será percepção do primeiro tipo ou a primeira percepção. O interesse pessoal constitui uma condição necessária para essa percepção. O interesse pessoal liga um homem, de certo modo, às coisas e acontecimentos e permite-lhe ocupar em relação a elas uma "posição de percepção" precisa. O interesse pessoal, isto é, a presença da pessoa interessada, é uma condição quase necessária para a "leitura da [269] sorte", "clarividência", "predição do futuro"; sem interesse pessoal, estas coisas são quase impossíveis.

A segunda percepção também é percepção das coisas e acontecimentos comuns em nossa vida, para cujo conhecimento não temos meios comuns — exatamente como no primeiro caso — mas aos quais nada nos liga pessoalmente. Se sei que vai naufragar

um barco, em cujo destino não estou de modo algum interessado, e no qual nem eu nem
qualquer dos meus amigos está viajando; se sei o que está acontecendo na casa vizinha,
e que não tem relação comigo; se fico sabendo com certeza quem foram realmente as
pessoas consideradas enigmas históricos, como o Homem da Máscara de Ferro, ou
Dmitri, o Pretendente, ou o Conde de Saint-Germain, ou se fico sabendo o futuro ou o
passado de alguém, que não tem também nenhuma relação comigo, isso será o segundo
tipo de percepção. Esse é o mais difícil e é quase impossível, porque se um homem
soubesse, acidentalmente ou com a ajuda de meios ou métodos especiais, mais do que
ovo Modelo do Universo
outros podem saber, certamente o faria do primeiro modo.
O segundo tipo de percepção comem algo ilegal. Ele é "mágico", no pleno sentido da
palavra. O primeiro e o terceiro, em comparação com ele, parecem simples e naturais,
embora o primeiro, baseado na apreensão emocional, pressentimento ou desejo de algum
tipo, pareça um truque psicológico; e o terceiro apareça como uma continuação da
percepção comum, mas ao longo de novas linhas e de novos princípios.
A terceira percepção é baseada no conhecimento do mecanismo de tudo que existe.
Pelo conhecimento de todo o mecanismo e de todas as relações das partes separadas, é
fácil chegar ao menor detalhe e determinar, com absoluta precisão, tudo que está ligado a

esse detalhe. A terceira percepção é baseada na previsão. Tudo pode ser previsto. Se o
mecanismo de tudo é conhecido, é possível prever que tipo de tempo haverá dentro de
um mês, ou de um ano; seria possível prever o dia e hora de cada ocorrência. Seria
possível prever o significado e importância de cada pequeno acontecimento que é
observado. A dificuldade da terceira ordem de percepção consiste primeiro na
necessidade de conhecer todo o mecanismo para a percepção da menor coisa, e
segundo, na necessidade de colocar em movimento toda a colossal máquina do
conhecimento para saber alguma coisa bem pequena e insignificante.
Isso é aproximadamente o que "aprendi" ou "compreendi" com referência aos três
tipos de percepção. Vejo muito claramente que, nessa descrição, a idéia é transmitida de
modo inadequado. Muitas coisas, provavelmente as mais importantes, escaparam da
minha memória há muito tempo. Isso é verdade, não só em relação ao assunto da
percepção, mas, de modo geral, em relação a tudo que escrevi aqui sobre minhas
experiências. Todas essas descrições devem ser consideradas com muita cautela, na
compreensão de que, na descrição, noventa e nove por cento do que foi sentido e
compreendido durante as experiências se perdeu.

Em minhas experiências, as tentativas de conhecer alguma coisa relativa aos mortos
ocuparam um espaço muito singular. As questões desse tipo geralmente ficavam sem

resposta, e eu me dava conta vagamente de que havia alguma falha essencial nas
próprias perguntas. Mas, uma vez, recebi uma resposta muito clara à minha pergunta.
Além disso, essa resposta estava associada a outro caso de sensação inabitual da morte,
que experimentei cerca de dez anos antes das experiências descritas e que foi causado
por um estado de intensa emoção. [270]
Falando de ambos os casos, teiei que tocar em assuntos absolutamente pessoais.
A experiência estava relacionada com a morte de uma pessoa muito ligada a mim.
Eu era muito jovem, na ocasião, e estava muito deprimido com sua morte. Não podia
pensar em outra coisa e tentava compreender, resolver o enigma do desaparecimento e
da ligação dos homens entre si. E, de repente, surgiu dentro de mim uma onda de novos
pensamentos e sensações, deixando atrás de si um sentimento de surpreendente calma.
Vi, por um momento, por que não podemos compreender a morte, por que a morte nos
amedronta, por que não podemos encontrar respostas a quaisquer perguntas que nos
façamos em relação ao problema da morte. Essa pessoa que tinha morrido, e em quem
eu estava pensando, não podia ter morrido, porque nunca existira. Essa era a solução.
Comumente eu não tinha visto ela mesma, mas algo como uma sombra sua. Esta havia
desaparecido. O homem que tinha realmente existido não podia ter desaparecido. Ele era
maior do que eu o tinha visto, "mais alto", como o formulei para mim mesmo, e nessa sua

"altura" estava contida, de certo modo, a resposta a todas as perguntas.

Essa corrente de pensamento, súbita e intensa, desapareceu tão rapidamente

quanto apareceu. Somente por alguns segundos restou dela algo como um quadro

mental. Vi diante de mim duas figuras. Uma, bem pequena, era como a vaga silhueta de

um homem. Essa figura representava o homem como eu havia conhecido. A outra era

ovo Modelo do Universo

como uma estrada nas montanhas, que vemos serpeando entre as colinas, cruzando rios

e desaparecendo na distância. Isso era o que ele tinha sido na realidade e isso era o que

eu nunca tinha podido compreender nem expressar. A memória dessa experiência me

deu, durante muito tempo, um sentimento de calma e confiança. Mais tarde, as idéias de

dimensões superiores deram-me a possibilidade de encontrar uma formulação para esse

estranho "sonho no estado desperto", como chamei minha experiência.

Com relação às minhas experiências, aconteceu novamente alguma coisa muito

semelhante a isso.

Eu estava pensando em outra pessoa, também muito ligada a mim. que tinha

morrido dois anos antes. Nas circunstâncias da morte dessa pessoa, como também nos

acontecimentos dos últimos anos de sua vida, havia muita coisa que não estava clara

para mim, e havia coisas pelas quais eu podia me responsabilizar psicologicamente,

principalmente por me ter deixado levar para longe dele, quando ele podia ter precisado

de mim. Havia muita coisa a ser dita em oposição a esses pensamentos, mas eu não
podia me livrar deles inteiramente, e eles me levavam cê novo ao problema da morte e ao
problema da possibilidade de uma vida além dela.
Lembro-me de me ter dito uma vez, durante a experiência, que se eu acreditasse
nas teorias "espíritas" e na possibilidade de comunicação com os mortos, gostaria de ver
essa pessoa e fazer-lhe uma pergunta, apenas uma pergunta.
E, de repente, sem nenhuma preparação, meu desejo foi satisfeito, e eu o vi Não era
uma sensação visual, e o que eu vi não era sua aparência externa, mas a totalidade de
sua vida, que apareceu súbita e rapidamente diante de mim. Essa vida era ele. O homem
que eu tinha conhecido e que morrera nunca existira. Aquele que existiu era algo
completamente diferente, porque sua vida não era simplesmente uma série de
acontecimentos, como geralmente pintamos para nós mesmos a vida de um homem, mas
um ser que pensava e sentia, que não mudou por ter morrido. O homem [271] que eu tinha
conhecido era, por assim dizer, a face desse ser — a face que mudou com os anos, mas
por trás da qual permaneceu sempre a mesma realidade imutável. Para me expressar de
maneira figurada, posso dizer que vi o homem e falei com eie. Na verdade, não houve
impressões visuais que pudessem ser descritas, nem qualquer coisa como uma conversa
comum. No entanto, eu sei que era ele, e que era ele que me transmitia muito mais coisas

a seu próprio respeito do que eu poderia ter perguntado. Vi, com muita clareza, que os
acontecimentos dos últimos anos de sua vida estavam tão inseparavelmente ligados a ele
quanto os traços de seu rosto, que eu conhecera durante sua vida. Esses acontecimentos
dos últimos anos eram os traços do rosto de sua vida nos últimos anos. Ninguém podia
ter mudado nada neles, assim como ninguém podia ter mudado a cor de seus cabelos ou
olhos, ou a forma do seu nariz; e exatamente da mesma maneira, não podia ter sido culpa
de ninguém que aquele homem tivesse aqueles traços faciais e não outros.
Os traços de seu rosto, como os de sua vida nos últimos anos — eram suas
qualidades, eram ele. Considerá-lo sem os acontecimentos dos últimos anos de sua vida
teria sido tão estranho como imaginá-lo com um rosto diferente — não teria sido ele. Ao
mesmo tempo, compreendi que ninguém podia ser responsável por ele ser como era, e
não diferente. Percebi que dependemos um do outro muito menos do que pensamos. Não
somos mais responsáveis pelos acontecimentos das vidas uns dos outros do que pelos
traços dos rostos uns dos outros. Cada um tem seu próprio rosto, com suas próprias
linhas e traços peculiares, e cada um tem seu próprio destino, no qual outro homem pode
ocupar determinado lugar, mas no qual não pode mudar nada.
Mas, tendo compreendido isso, vi também que estamos muito mais estreitamente
ligados ao nosso passado e às pessoas com quem entramos em contato do que comumente pensamos, e

compreendi, de modo muito claro, que a morte não muda nada
nisso. Continuamos ligados a todos aqueles a quem estivemos ligados. Mas, para nos
comunicarmos com eles, é preciso estar num estado especial.
ovo Modelo do Universo
Pude explicar da seguinte maneira as idéias que compreendi nesse sentido: se
tomamos o ramo de uma árvore com as ramificações, o corte transversal do ramo
corresponderá a um homem como geralmente o vemos; o ramo em si será a vida do
homem, e as ramificações, as vidas das pessoas com quem eie entra em contato.
O hieróglifo descrito anteriormente, uma linha com projeções laterais, significa
precisamente esse ramo com ramificações.
Em meu livro Tertium Organum procurei expor a idéia do "corpo duradouro" do
homem, do nascimento à morte. O termo usado na filosofia hindu, Linga Sfiarira, designa
precisamente esse "corpo duradouro da vida".
A concepção do homem ou da vida do homem como um ramo, com ramificações
representando as vidas das pessoas com quem está ligado, concatenou muitas coisas na
minha compreensão e me explicou muita coisa. Cada homem é para si mesmo esse
ramo, as outras pessoas com quem está relacionado são suas ramificações. Mas cada
uma dessas pessoas é para si mesma um ramo principal, e o primeiro homem é, para ela,
sua ramificação. Cada uma das ramificações, se concentrarmos a atenção nela. se

tornará também um ramo com ramificações. Desse modo. a vida de cada homem está
ligada a um número de outras vidas; uma penetra, em certo sentido, na outra, e tudo
reunido forma um conjunto singular, cuja natureza não compreendemos.
Essa idéia da unidade de tudo, qualquer que seja o sentido ou a escala em que seja
tomada, ocupou um lugar muito importante na concepção do mundo e da vida [272] que se
formou em mim, nesses estranhos estados de consciência. Essa concepção do mundo
incluía algo inteiramente oposto à nossa visão ou concepção comuns do mundo.
Geralmente, cada coisa e cada acontecimento tem para nós seu próprio valor,
importância, significado. Esse significado separado que cada coisa, cada acontecimento
tem é muito mais compreensível e familiar para nós do que seu possível significado e
importância gerais, mesmo nos casos em que podemos supor ou pensar nessa
significação geral. Mas, nessa nova concepção do mundo, tudo era diferente. Antes de
tudo, cada coisa aparecia, não como um todo separado, mas como uma parte de outro
todo, na maior parte dos casos incompreensível e desconhecido para nós. O significado e
a importância da coisa eram determinados pela natureza desse grande todo e pelo lugar
que ela ocupava nele. Isso mudou completamente toda a visão do mundo. Estamos
acostumados a considerar cada coisa isoladamente. Aqui não havia nada isolado, e era
extraordinariamente estranho nós nos sentirmos num mundo em que todas as coisas

estavam ligadas entre si e resultavam uma da outra. Nada existia isoladamente. Percebi
que a existência isolada de qualquer coisa — inclusive eu mesmo — era uma ficção, algo
inexistente, impossível. A sensação de ausência de separação e a sensação de ligação e
unidade se ligavam com a parte emocional de minhas concepções. No começo, a
sensação combinada era sentida como algo terrível, opressivo e sem esperança; porém,
mais tarde, sem mudar sua natureza, começou a ser sentida como a sensação mais
alegre e radiante que podia existir.
Além disso, havia um quadro ou imagem mental que penetrava em tudo e aparecia
como uma parte necessária de cada construção lógica ou ilógica. Essa imagem mostrava
dois aspectos, ambos tomados juntos, isto é, o mundo inteiro e cada parte dele separada,
quer dizer, cada aspecto do mundo e da vida separados. Um aspecto estava relacionado
com o Primeiro Princípio. Vi, por assim dizer, a origem do mundo inteiro ou a de cada

fenômeno ou idéia. O outro aspecto estava relacionado com as coisas isoladas: vi o
mundo, ou os acontecimentos que me interessavam num determinado momento, em sua
manifestação final, isto é, como os vemos ao nosso redor, mas ligados num todo
incompreensível para nós. Mas, entre o primeiro e o segundo aspectos, sempre ocorria
uma interrupção, como uma lacuna ou um espaço em branco. Eu podia representar isso
graficamente, aproximadamente da seguinte maneira: imagine três linhas que vêm de
cima, a partir de um ponto; cada uma delas é transformada de novo em três linhas; cada
ovo Modelo do Universo
uma dessas, ainda em três linhas. Aos poucos as linhas se subdividem cada vez mais. e
gradativamente se tornam cada vez mais variadas em propriedades, adquirindo cor, forma
e outras qualidades, mas não entrando em contato com fatos reais, e transformando-se
numa espécie de corrente invisível vinda do alto. De baixo, imagine a infinita variedade
dos fenômenos reunidos e classificados em grupos; estes se unem de novo e, como
resultado, grande número de fenômenos muito variados são realmente reunidos em
conjuntos e podem ser expressos por um sinal ou hieróglifo. Uma série desses hieróglifos
representa a vida ou o mundo visível a uma cena distância da superfície. De cima, vem o
processo de diferenciação, e de baixo, o de integração. Mas a diferenciação e a
integração não se encontram. Entre o que está em cima e o que está embaixo forma-se

um espaço em branco onde nada é visível. As linhas de diferenciação superiores,
multiplicando-se e adquirindo diferentes cores, mergulham rapidamente juntas, e
desaparecem no espaço em branco que separa o que está em cima do que está embaixo.
De baixo, todos os fenômenos infinitamente variados são logo transformados em
princípios, extraordinariamente [273] de significado e de designação hierogiífíca, mas,
apesar disso, menores do que a última das linhas superiores visíveis.
Era aproximadamente nessa representação gráfica que esses dois aspectos do
mundo e das coisas me aparecia. Ou eu podia dizer que tanto acima como abaixo o
mundo era representado em diferentes escalas, e estas nunca se encontravam para mim,
nunca se transformavam uma na outra, permaneciam totalmente incomensuráveis. Toda
a dificuldade estava precisamente nisso, e essa dificuldade era sentida todo o tempo. Eu
me dei conta de que, se pudesse lançar uma ponte do que estava embaixo até o que
estava em cima, ou, ainda melhor, na direção oposta, do que estava em cima para o que
estava embaixo, poderia compreender tudo que estava embaixo, porque, partindo de
cima, dos princípios fundamentais, teria sido fácil e simples compreender qualquer coisa
abaixo. Mas eu nunca consegui conectar os princípios com os fatos porque, embora,
como já disse, todos os fatos se tivessem fundido muito rapidamente nos complicados
hieróglifos, estes ainda diferiam muito dos princípios superiores.

Nada do que estou escrevendo, do que pode ser dito a respeito de minhas
experiências será compreensível, se o tom emocional contínuo dessas experiências não
for levado em consideração. Não havia absolutamente momentos calmos,
desapaixonados, sem excitação; tudo estava cheio de emoção, sentimento, quase paixão.
A coisa mais estranha em todas essas experiências era o retomo, a volta ao estado
comum, ao estado que chamamos vida. Isso era algo muito semelhante a morrer ou ao
que penso que deva ser morrer.
Geralmente esse retorno acontecia quando eu despertava de manhã, depois de uma
experiência interessante na noite anterior. As experiências terminavam quase sempre no
sono. Durante esse sono, eu passava evidentemente para o estado habitual e acordava
no mundo habitual, no mundo em que acordamos cada manhã. Mas esse mundo continha
algo extraordinariamente opressivo, era incrivelmente vazio, sem cor e sem vida. Era
como se tudo nele fosse inexpressivo, como se ele tivesse uma enorme máquina
insensível, com rodas rígidas que rangiam; pensamentos, humores, sensações estúpidos;
tudo era terrivelmente lento, movia-se com dificuldade ou com um melancólico rangido
inexpressivo. Tudo estava morto, sem alma, sem sentimento.
Eram terríveis esses momentos de despertar num mundo irreal, depois de ter estado
num mundo real, num mundo morto, depois de ter estado num mundo vivo, num mundo

limitado, cortado em pequenos pedaços, depois de ter estado num mundo infinito e
inteiro.

Não obtive fatos particularmente novos através de minhas experiências, mas adquiri
muitos pensamentos. Quando vi que meu primeiro objetivo, isto é, a magia objetiva,
ovo Modelo do Universo
permanecia inatingível, comecei a pensar que a criação artificial de estados místicos
podia se tornar o começo de um novo método em Psicologia. Esse objetivo teria sido
atingido, se eu tivesse achado possível mudar meu estado de consciência, enquanto, ao
mesmo tempo, mantivesse pleno poder de observação. Isso provou ser impossível em
toda a extensão. O estado de consciência mudou, mas não pude controlar a mudança,
nunca pude dizer com certeza em que a experiência resultaria e nem sempre pude
observar; as idéias se seguiam uma à outra e se desvaneciam rápido demais. Tive que
reconhecer que, embora minhas experiências tenham criado muitas possibilidades, não
forneceram material para conclusões exalas. As questões fundamentais [274] quanto à
relação da magia subjetiva com a objetiva e com o misticismo continuaram sem respostas
definitivas.
Mas, depois das minhas experiências, comecei a compreender muitas coisas de
maneira diferente. Comecei a compreender que muitas especulações filosóficas e
metafísicas, completamente diferentes em assunto, forma e terminologia, podiam, na

realidade, ter sido tentativas de expressar com precisão aquilo que cheguei a saber e que
tentei descrever. Compreendi que, por trás de muitos dos sistemas de estudo do mundo e
do homem, podem existir experiências e sensações muito semelhantes às minhas, talvez
idênticas a elas. Compreendi que, por séculos e milênios, o pensamento humano tem
girado continuamente em torno de algo que nunca conseguiu expressar.
Seja como for, minhas experiências estabeleceram para mim, com indiscutível
clareza, a possibilidade de entrar em contato com o mundo real, que está por trás da
inconstante miragem do mundo visível. Vi que o conhecimento do mundo real era
possível, mas, como se tornou cada vez mais claro para mim, durante minhas
experiências, isso requeria uma abordagem e uma preparação diferentes.
Reunindo tudo que eu tinha lido e ouvido, só pude compreender que muitos, antes
de mim, tinham chegado ao mesmo resultado, e, muito provavelmente, tinham ido muito
mais longe do que eu. Mas todos sempre tinham se defrontado, inevitavelmente, com a
mesma dificuldade, a saber, a impossibilidade de transmitir, na linguagem do mundo
morto, as impressões do mundo vivo. Todos eles, exceto os que conheciam outra
abordagem... Cheguei à conclusão de que, sem a ajuda destes, é impossível fazer
qualquer coisa.
1912-1929
[275]
ovo Modelo do Universo

Capítulo IX - Em Busca do Milagroso

I - NOTRE DAME DE PARIS

*

A vista do alto das torres de Notre Dame sempre evocou em mim muitos pensamentos estranhos. Quantos séculos se passaram debaixo daquelas torres, quantas mudanças e quão poucas mudanças!

Uma pequena cidade medieval, cercada de campos, vinhedos e bosques. Uma Paris em crescimento, que várias vezes ultrapassou seus muros. A Paris dos últimos séculos, "que muda sua face cada cinquenta anos", como observou Victor Hugo. E as pessoas... sempre passando por essas torres, para irem a algum lugar, sempre apressadas em alguma direção, e sempre continuando onde estavam, não vendo nada, não reparando em nada, sempre as mesmas pessoas. E as torres, sempre as mesmas, com as mesmas gárgulas olhando para essa cidade, que está sempre mudando, sempre desaparecendo, e contudo continuando sempre a mesma.

Vemos aqui, claramente, duas linhas na vida da humanidade. Uma é a linha da vida dessas pessoas que passam embaixo; e a outra, a linha da vida daqueles que construíram Notre Dame. E, olhando para baixo, do alto daquelas torres, sentimos que a história real da humanidade, a história que merece ser contada, é a das pessoas que construíram Notre Dame, e não a daquelas lá debaixo. E compreendemos que há duas histórias muito diferentes.

Uma passa em toda a sua perspectiva e, falando estritamente, é a história do crime,
porque, se não houvesse crimes, não haveria história. Todos os momentos e etapas mais
importantes dessa história são marcados pelos crimes: assassinatos, atos de violência,
roubos, guerras, rebeliões, massacres, torturas, execuções. Pais matando os filhos, filhos
matando os pais. irmãos matando-se entre si, maridos matando as mulheres, mulheres
matando os maridos, os reis massacrando os súditos, os súditos assassinando os reis.
Essa é uma história, a que todo mundo conhece, a que é ensinada nas escolas.
A outra é a história que é conhecida por muito poucos. A maioria não vê
absolutamente nada por trás da história do crime. Mas o que essa história secreta cria
continua existindo muito tempo depois, às vezes por muitos séculos, como Notre Dame. A
história visível, a que se passa na superfície, a do crime, atribui a si mesma o que a
história secreta criou. Mas, na realidade, a história visível é sempre ludibriada pelo que a
história secreta criou.
Tanta coisa se escreveu sobre a Catedral de Notre Dame, e tão pouco se sabe
realmente sobre ela. Quem nunca tentou saber por si mesmo alguma coisa, ou fazer algo
com o material disponível, nunca acreditaria quão pouco se conhece, de fato, sobre a
construção da catedral. Ela levou muitos anos para ser construída; sabe-se as [276] datas
em que começou e em que terminou: sabe-se também quais os bispos que, de uma forma

ou outra, contribuíram para sua construção, e que foram os papas e reis da época. Mas
nada restou a respeito dos próprios construtores, com exceção dos nomes, e até isso
raramente. (76) E não restou nenhum fato sobre as escolas que estavam por trás de tudo
que foi criado naquele estranho período, que começou por volta do ano mil e durou cerca

76 Nos volumosos registros da igreja de Notre Dame. que remontam além do século XII, não há uma só palavra sobre o trabalho efctivo de construção da catedral. Segundo as crónicas do período anterior ao gótico, as bibliotecas dos mosteiros estavam cheias de relatos da construção dos seus edifícios e das biografias e louvores dos seus construtores. Mas, com o advento do período gótico, tudo silenciou subitamente. Até o século XII, não há nenhuma menção a qualquer dos arquitetos." (De um livro de Viollet-le-Duc.) ovo Modelo do Universo
de quatro séculos.
Sabe-se que existiram Escolas de Construtores. Naturalmente elas tinham que
existir, pois cada mestre trabalhava e vivia, em geral, com seus discípulos. Dessa maneira
trabalhavam os pintores e os escultores. Os arquitetos, naturalmente, trabalhavam desse
modo. Mas, por trás dessas escolas individuais, havia outras instituições de origem muito
complexa. E essas não eram simplesmente escolas de arquitetos ou de pedreiros. A
construção das catedrais era parte de um plano colossal e habilmente projetado, que
permitia a existência de escolas filosóficas e psicológicas inteiramente livres, nos tempos
medievais rudes, absurdos, cruéis, supersticiosos, fanáticos e escolásticos. Essas escolas

nos deixaram uma herança imensa, das quais já deixamos que se perdessem quase
todas, sem compreender seu significado e valor.
Essas escolas, que construíram as catedrais "góticas", ocultaram-se tão bem, que
seus vestígios só podem ser encontrados hoje por aqueles que já sabem que tais escolas
devem ter existido. Certamente a Igreja Católica dos séculos XI e XE, que já usava a
tortura e a fogueira para os hereges, e sufocava todo pensamento livre, não construiu
Notre Dame. Não há a menor dúvida de que, por algum tempo, tornaram a Igreja um
instrumento de preservação e propagação das idéias do verdadeiro Cristianismo, isto é,
da religião ou conhecimento verdadeiros, que eram absolutamente estranhos a ela.
E não há nada de improvável no fato de que todo o esquema de construção das
catedrais e da organização de escolas, sob a capa dessa atividade de construção, foi
criado devido ao crescimento da "mania herética" na Igreja Católica, e porque a Igreja
estava perdendo rapidamente aquelas características que fizeram dela o refúgio do
conhecimento.
Pelo fim do primeiro milênio da era cristã, os mosteiros tinham reunido toda a
ciência, todo o conhecimento da época. Mas a legalização da caça e perseguição dos
hereges, e a proximidade da Inquisição, tornaram impossível a permanência do
conhecimento nos mosteiros.
Encontrou-se, então, ou, mais precisamente, criou-se, para esse conhecimento, um

refúgio novo e conveniente. O conhecimento deixou os mosteiros e se transferiu para as
Escolas de Construtores, as Escolas de Pedreiros. O estilo, chamado posteriormente
"gótico", e conhecido naquela época como "novo" ou "moderno", cujo traço característico era o arco em ogiva, foi aceito como o sinal distintivo das escolas. Estas apresentavam
interiormente uma organização completa e eram divididas em diferentes graus; isso quer
dizer que, em cada "escola de pedreiros", em que todas as ciências necessárias aos
arquitetos eram ensinadas, havia escolas interiores, nas quais o [277] verdadeiro
significado das alegorias e símbolos religiosos era explicado, e nas quais estudava-se a
"filosofia esotérica" ou a ciência das relações entre Deus, o homem e o Universo, isto é, a
verdadeira "magia", em relação à qual um simples pensamento levaria as pessoas à
tortura e a serem queimadas na fogueira. As escolas duraram até o Renascimento,
quando se tornou possível a existência da "ciência secular". A nova ciência, empolgada
pela novidade do pensamento e investigação livres, se esqueceu muito rapidamente da
sua origem e começo, e também o papel das catedrais "góticas" na preservação e
transmissão sucessiva do conhecimento.
Mas Notre Dame ficou, e até nossos dias conserva e nos mostra as idéias das
escolas e dos verdadeiros "pedreiros livres".
Sabe-se que Notre Dame, pelo menos no seu exterior, está atualmente mais
próxima do seu original, do que esteve durante os três últimos séculos. Depois de um

número incalculável de alterações piedosas e ineptas, da tempestade da revolução que
destruiu o que sobrevivera a essas alterações, Notre Dame foi restaurada, na segunda
metade do século XIX, por um homem que tinha uma compreensão profunda da idéia de
sua construção. Mas é difícil dizer o que ficou do que era realmente velho, e o que é novo,
ovo Modelo do Universo
não por falta de dados históricos, mas porque o "novo" é, muitas vezes, de fato, o "velho".
Tal é, por exemplo, a agulha alta, delgada, aguda, sobre a parte oriental da catedral,
da qual os doze Apóstolos, precedidos pelas bestas do Apocalipse, descem para os
quatro cantos do mundo. A velha agulha foi demolida em 1787. O que vemos agora é
uma estrutura do século XIX, e trabalho de Viollet-le-Duc, o restaurador da catedral
durante o Segundo Império.
Mas nem mesmo Viollet-le-Duc pôde criar, a partir das grandes torres, a perspectiva
sobre a cidade, que abrangesse essa agulha e os Apóstolos; não pôde criar todo o efeito
cénico que era, sem dúvida alguma, parte do projeto dos construtores. A agulha com os
Apóstolos é uma parte inseparável dessa perspectiva. Fica-se de pé no alto de uma das
grandes torres eolha-separa o Leste. A cidade, as casas, o rio, as pontes, as diminutas,
microscópicas pessoas... E nenhuma dessas pessoas vê a agulha, ou os Mestres
descendo em direção à terra, precedidos pelas bestas do Apocalipse. Isso é muito
natural, porque dali, da terra, é difícil distingui-los. Se formos até lá, ao dique do Sena. à

ponte, os Apóstolos serão vistos dali quase ião pequenos quanto as pessoas parecem
daqui, e se confundirão com os detalhes da abóboda da catedral. Eles só podem ser
vistos se a pessoa souber da sua existência, como tantas outras coisas no mundo. Mas
quem cuida de saber?
E as gárgulas? Elas são vistas, ou simplesmente como um ornamento, ou como
criações individuais de diferentes artistas em diversas épocas. Na realidade, porém, são
uma das características mais importantes do projeto de toda a construção.
Esse projeto era muito complexo. Para ser mais exato, não é sequer um projeto,
mas vários projetos que se completam mutuamente. Os construtores queriam colocai todo
o seu conhecimento, todas as suas idéias, em Notre Dame. Encontramos ali Matemática,
Astronomia; algumas idéias muito curiosas de Biologia ou "evolução", nos arbustos de
pedra dos quais brotam cabeças humanas, na balaustrada da ampla plataforma sob os
contrafortes flutuantes. [278]
As gárgulas e as outras figuras de Notie Dame transmitem-nos as idéias
psicológicas de seus construtores, principalmente a idéia da complexidade da alma.
Essas figuras são a alma de Notre Dame, seus diferentes "eus": pensativos, melancólicos,
vigilantes, zombeteiros, irónicos, absortos em si mesmos, devorando algo, olhando
intensamente para uma distância invisível para nós, como faz a estranha mulher com o
toucado de uma monja, que pode ser vista sobre os capitéis das colunas de uma pequena

torre que fica no alto do lado sul da catedral.

As gárgulas e todas as outras figuras de Notre Dame possuem uma propriedade

muito estranha: ao lado delas, as pessoas não podem ser desenhadas, pintadas ou

fotografadas; ao lado delas, as pessoas parecem mortas, imagens de pedra sem

expressão.

É difícil explicar esses "eus" de Notre Dame; eles devem e podem ser sentidos. Mas

é necessário escolher a hora em que Paris está calma. Isso acontece antes do alvorecer,

quando ainda não está muito claro, mas já é possível distinguir alguns desses estranhos

seres que dormem lá em cima.

Lembro-me de uma noite dessas. Foi antes da guerra. Eu estava fazendo uma

pequena escala em Paris a caminho da Índia, e passeava pela cidade pela última vez. Já

estava clareando e o ar esfriava. A Lua movia-se rapidamente entre as nuvens. Dei uma

volta completa em torno da catedral. As imensas torres maciças permaneciam como que

em alerta. Mas eu já compreendia o seu segredo. E me dei conta de que estava

assumindo comigo uma firme convicção, que nada podia abalar, de que aquilo existe, isto

é, de que há uma outra história ao lado da história do crime, e de que há um outro

pensamento, que criou Notre Dame e suas figuras. Eu ia em busca de outros vestígios

desse pensamento, e estava certo de que os encontraria.

ovo Modelo do Universo

Oito anos se passaram antes que eu visse novamente Notre Dame. Foram os anos

de comoção e destruição quase sem precedentes. E pareceu-me que alguma coisa tinha
mudado nela, como se ela começasse a ter um pressentimento de seu próximo fim.
Durante esses anos. que escreveram páginas tão brilhantes da história do crime, caíram
bombas sobre Notre Dame, explodiram granadas, e foi só acidentalmente que ela não
sofreu o destino daquele maravilhoso conto de fadas do século XII, a Catedral de Reims,
que pereceu vítima do progresso e da civilização.
E, quando subi à torre e vi de novo os Apóstolos que desciam, fiquei impressionado
com a vacuidade e quase completa inutilidade das tentativas de ensinar às pessoas
alguma coisa que elas não desejavam de modo algum saber.
E, novamente, como muitas vezes antes, só pude encontrar um argumento contra
isso, a saber, que talvez o objetivo, tanto do ensinamento dos Apóstolos como da
construção de Notre Dame, não era instruir todas as pessoas, mas apenas transmitir
certas idéias a uns poucos homens através "dos tempos". A ciência moderna conquista o
espaço dentro dos limites da superfície da diminuta Terra. A ciência esotérica conquistou
o tempo, e conhece os métodos para transmitir, intactas, suas idéias, e estabelecer
comunicações entre as escolas, através de centenas e milhares de anos.

1922
[279]

II - O EGITO E AS PIRÂMIDES

A primeira sensação curiosa do Egito que experimentei foi no caminho do Cairo para
as pirâmides.
Na ponte sobre o Nilo, sentime cheio de uma estranha e quase assustadora
sensação de expectativa. Algo estava mudando ao meu redor. No ar, nas cores, nas
linhas havia uma magia que eu ainda não compreendia.
O Cairo árabe e europeu desapareceu rapidamente, e em seu lugar, em tudo o que
me cercava, senti o Egito, que me envolvia.
Senti o Egito no ar que soprava suavemente do Nilo, nos grandes barcos com suas
velas triangulares, nos grupos de palmeiras, nas maravilhosas tonalidades rosa das
rochas de Mokatam, nas silhuetas dos camelos que se moviam na estrada, à distância,
nas figuras das mulheres com suas longas túnicas negras e feixes de juncos na cabeça.
E esse Egito era sentido de modo extraordinariamente real, como se eu me tivesse
transferido repentinamente para outro mundo, que, para meu espanto, eu parecia
conhecer muito bem. Ao mesmo tempo, dava-me conta de que esse outro mundo era o
passado distante. Mas ali deixava de ser passado, aparecia em tudo, cercava-me,
convertia-se no presente. Era uma sensação muito forte e curiosamente definida.
A sensação me surpreendeu ainda mais porque o Egito nunca me atraíra de maneira
especial; os livros e as antiguidades egípcias nos museus faziam-no parecer não muito
interessante e até tedioso. Mas ali eu senti, de repente, algo extraordinariamente sedutor

nele e, acima de tudo, algo próximo e familiar.

Mais tarde, ao analisar minhas impressões, pude encontrar certas explicações para

elas, mas. a princípio, apenas me surpreenderam, e cheguei as pirâmides estranhamente

ovo Modelo do Universo

agitado por tudo que tinha encontrado no caminho.

As pirâmides apareceram ao longe assim que atravessamos a ponte; depois ficaram

escondidas por trás dos jardins e apareceram de novo diante de nós e se tornaram cada

vez maiores.

Quando nos aproximamos delas, vemos que as pirâmides não estão no mesmo nível

da planície que se estende entre elas e o Cairo, mas num elevado platô rochoso que se

ergue abruptamente dela.

Alcança-se o platô por uma estrada sinuosa e ascendente que passa por um corte

na rocha. Tendo caminhado até o fim dessa estrada, encontramo-nos no mesmo nível das

pirâmides, diante da chamada Pirâmide de Queóps, bem ao lado da sua entrada. À

direita, ao longe, está a segunda pirâmide, e por trás dela, a terceira.

Aqui, tendo subido até as pirâmides, nos encontramos num mundo diferente, não no

em que estávamos dez minutos atrás. Lá, os campos, a folhagem, as palmeiras estavam

tranquilos em tomo de nós. Aqui é uma região diferente, há uma perspectiva diferente, um

reino de areia e pedra. É o deserto. A transição é súbita e inesperada. A sensação que eu

experimentara no caminho voltou a mim com força renovada. O incompreensível passado

tomou-se o presente e muito próximo de mim, como se eu pudesse estender meu braço e
tocá-lo, e nosso presente desapareceu, passando a ser estranho, alheio e distante. [280]
Caminhei em direção à primeira pirâmide. Vista de perto, percebe-se que é
construída de enormes blocos de pedra, cada um medindo mais da metade da altura de
um homem. Aproximadamente no nível de uma casa de três andares há uma abertura
triangular — a entrada da pirâmide.

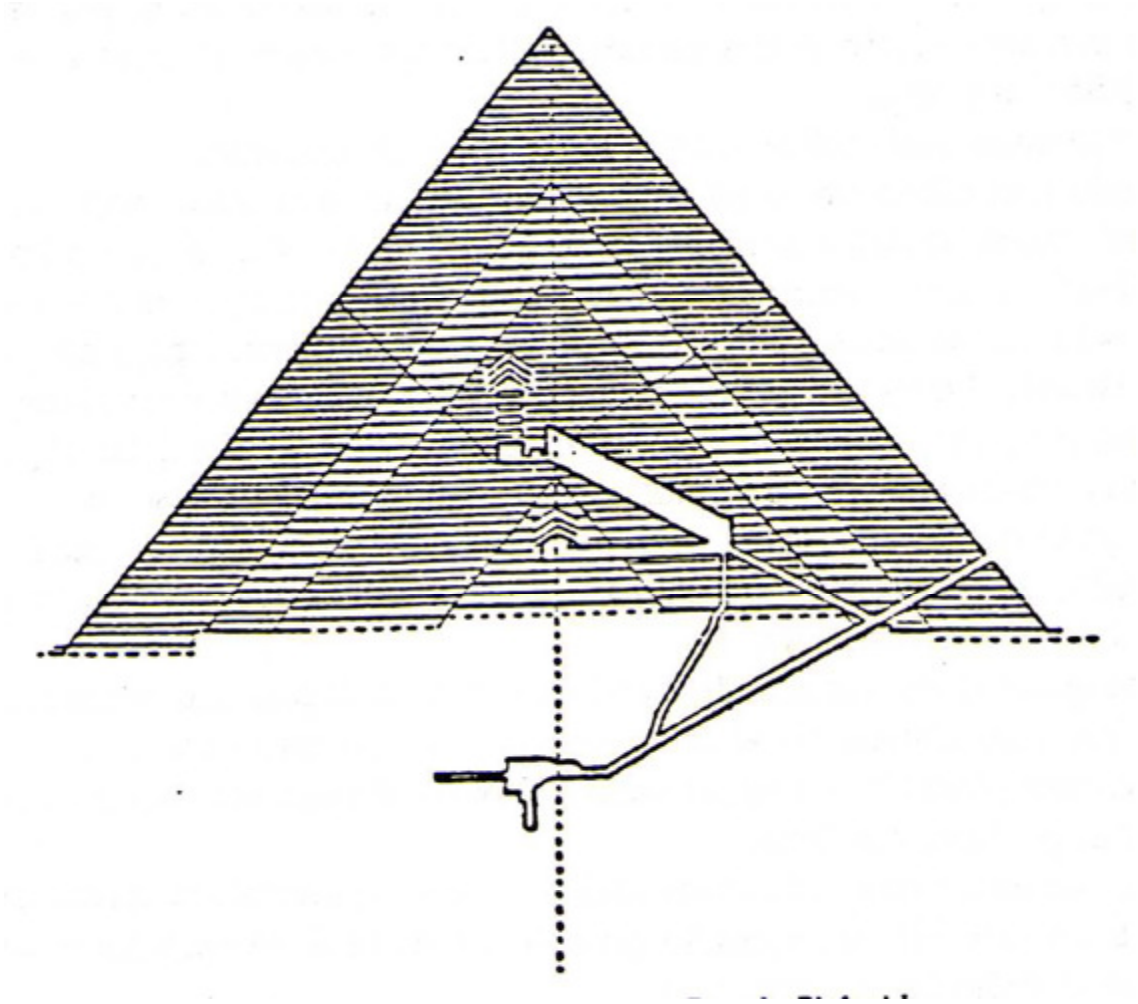
Logo desde o primeiro momento, assim que cheguei ao platô onde as pirâmides
estão, que as vi de perto e inalei o ar que as cerca, senti que elas estavam vivas. E não
tive nenhuma necessidade de analisar meus pensamentos sobre isso. Senti-o como uma
verdade real e inquestionável. E compreendi ao mesmo tempo por que todas aquelas
minúsculas pessoas que se podem ver junto delas as consideravam simplesmente como
pedras mortas. Quem esteja verdadeiramente vivo não pode deixar de sentir que elas
estão vivas.
Então compreendi isso e muitas outras coisas.
As pirâmides são exatamente como nós, com os mesmos pensamentos e
sentimentos, só que são muito, muito velhas e sabem muitas coisas. E, por isso, estão ali
de pé, e pensam e revolvem suas memórias. Quantos milhares de anos se passaram
sobre elas! Só elas sabem.
E são muito mais antigas do que supõe a ciência histórica.

Tudo está calmo em torno delas. Nem turistas, nem guias, nem o acampamento
militar inglês, visível não muito distante, perturbam sua calma e a impressão de
tranquilidade extraordinariamente concentrada que as rodeia. As pessoas desaparecem
ao lado das pirâmides. Estas são maiores e ocupam mais espaço do que imaginamos. A
Grande Pirâmide mede quase um quilômetro em volta de sua base. e a segunda apenas
um pouco menos. As pessoas não são notadas ao lado delas. E, se caminhamos além da
terceira pirâmide, somos tragados pelo verdadeiro deserto.
A primeira vez que fui lá, passei o dia todo nas pirâmides, e na manhã seguinte,
muito cedo, fui lá de novo. E, nas duas ou três semanas que passei no Cairo naquela
ocasião, fui lá quase todos os dias.
Compreendi que era atraído e cativado pelas sensações que nunca experimentara
antes em parte alguma. Geralmente sentava na areia, em algum lugar entre a segunda e
a terceira pirâmides e tentava parar o fluxo dos pensamentos, e às vezes parecia-me
ovo Modelo do Universo
ouvir os pensamentos delas.
Eu não examinava nada como fazem as pessoas; caminhava apenas de um lugar a
outro e me embebia da impressão geral do deserto e desse estranho recanto da terra em
que as pirâmides se encontram.
Tudo aqui me era familiar. Juntos, o Sol, o vento, a areia, as pedras formavam um só
todo do qual eu achava difícil me afastar. Tornou-se absolutamente claro para mim que eu

não poderia deixar o Egito tão facilmente quanto deixara outro lugar qualquer. Havia algo
ali que eu devia encontrar, que eu devia compreender.

O acesso à Grande Pirâmide é do lado norte e está pouco acima do chão. A
abertura tem a forma de um triângulo. Dali sai uma estreita passagem que imediatamente
começa a descer num ângulo íngreme. O chão é muito escorregadio; não há degraus,
mas sobre a pedra polida há cortes horizontais, gastos pelo tempo, nos quais se pode pôr
os pés lateralmente. Além disso, está coberto de areia fina e é muito difícil evitar
escorregar em toda a descida. O guia beduíno desce na frente com dificuldade. Numa das
mãos segura uma vela acesa; com a outra nos ajuda. Descemos esse [281] poço
escorregadio numa posição encurvada. Imediatamente começamos a sentir calor devido
ao esforço e à postura incomum. A descida parece muito longa - finalmente termina.
Encontramo-nos agora no lugar em que uma vez um bloco de granito maciço fechou a
entrada, quer dizer, aproximadamente ao nível da base da pirâmide. A partir daqui é
possível continuar a descer até a "câmara inferior", que está a uma grande profundidade
abaixo do nível da rocha — e também é possível subir até as chamadas "Câmaras" do
Rei e da Rainha, que ficam aproximadamente no centro da pirâmide. Para fazer isso, é
preciso, antes de tudo, contornar o bloco de granito de que falei.
Certa vez, há muito tempo — de acordo com uma lenda do tempo dos faraós, e

outras da época dos árabes — os conquistadores que tentaram penetrar no interior da
pirâmide, onde supunham haver incalculáveis tesouros, foram impedidos por esse bloco
de granito. Não puderam movê-lo, nem perfurá-lo e, por isso, fizeram uma passagem à
sua volta, na pedra macia de que a pirâmide foi construída.



ovo Modelo do Universo

Fig. 7 - Secção Transversal da Grande Pirâmide.

O guia ergue a vela. Estamos agora numa caverna muito grande, e diante de nós há

um obstáculo que devemos ultrapassar para seguir adiante. Esse obstáculo é algo como
uma cascata congelada ou petrificada, pela qual temos que subir. Dois árabes o escalam
e nos estendem as mãos. Subimos e, apertando-nos de encontro à "cascata", seguimos
lateralmente por uma borda estreita em volta da parte central da pétrea cascata
congelada. Os pés resvalam, e não há onde segurar. Finalmente chegamos. Agora é
necessário subir um pouco mais, e diante de nós aparece o estreito acesso negro de
outro corredor, que leva para cima. Segurando-nos nas paredes, respirando com
dificuldade o ar sufocante e banhados de suor, seguimos lentamente em frente. As velas
dos guias, antes e depois de nós, iluminam fracamente as irregulares paredes de pedra.
As costas começam a doer por causa da posição encurvada. A tudo isso, junta-se uma
[282] sensação de peso nas costas, como a que sente debaixo da terra, nas profundas
galerias das minas e poços.
Por fim, chegamos de novo a um lugar onde podemos ficar de pé. Após um pequeno
descanso, olhamos em torno e, à fraca luz das velas, vemos que estamos diante da
entrada de um corredor estreito e reto, pelo qual podemos caminhar sem nos curvarmos.
Ele conduz diretamente à "Câmara da Rainha".
À direita, se nos colocamos de frente para a entrada do corredor, vemos a abertura
negra irregular de um fosso, feito também pelos caçadores de tesouros e que se
ovo Modelo do Universo
comunica com a câmara subterrânea inferior.

Na altura da nossa cabeça, sobre a entrada do corredor que leva à "Câmara da
Rainha", começa outro corredor, que leva à "Câmara do Rei". No entanto, esse segundo
corredor não é paralelo ao primeiro, mas forma um ângulo com ele; isto é, segue para
cima, como uma escada ascendente que começa um pouco acima do chão.
Na construção desse corredor-escada superior há muita coisa difícil de compreender
e que imediatamente chama a atenção. Examinando-o, compreendi logo que ele é a
chave de toda a pirâmide.
De onde eu estava, podiase ver que o corredor superior era muito alto, e nos seus
lados, como corrimãos de uma escada, havia amplos parapeitos de pedra, que desciam
até o chão, isto é, até o nível onde me encontrava. O piso do corredor não ia até o chão,
mas estava cortado, como já mencionei, a uma altura equivalente à de um homem. Para
entrar no corredor superior, era preciso subir primeiro, do lugar em que eu estava, por um
desses parapeitos laterais, e então pular para a "escada". Chamo esse corredor de
"escada" unicamente porque ele sobe acentuadamente. Não tem degraus, somente
fendas para apoiar os pés.
Sentindo que o chão abaixo de nós desaparece, começamos a subir, agarrando-nos
a um dos "parapeitos".
O que primeiro nos surpreende é que tudo nesse corredor tem um escrupuloso e
perfeito acabamento. As linhas são retas, os ângulos corretos. Ao mesmo tempo, não há

dúvida de que não foi feito para se caminhar por ele. Então, para que foi feito?

A resposta é dada pelos "parapeitos". Quando voltamos a atenção para eles, vemos

divisões cavadas na rocha, matematicamente corretas e a distâncias rigorosamente iguais

umas das outras. Estas são tão precisas que imediatamente atraem nossa atenção. Há

nelas alguma idéia, alguma intenção. E, de repente, torna-se claro para nós que, para

cima e para baixo desse "corredor", deve ter-se movido alguma espécie de placa de

pedra ou metal, ou "carreta", que, por sua vez, possivelmente serviu como suporte para

um aparelho de medir e podia ser fixada em qualquer posição. As divisões sobre o

parapeito parecem claramente ter sido usadas para alguma espécie de medição, para

determinar certos ângulos.

Não restou dúvida em minha mente de que esse corredor, com seus parapeitos, era

o lugar mais importante de toda a pirâmide. Não se pode explicá-lo sem a suposição de

uma "carreta" movendo-se para cima e para baixo desse plano inclinado. E isso, por sua

vez, altera toda a concepção da pirâmide e abre possibilidades completamente novas.

Numa certa época do ano, os raios de algumas estrelas podem penetrar na pirâmide

através da abertura por onde entramos (até que essas estrelas se tornaram deslocadas

no desenvolvimento do grande cicio astronômico). Se supusermos que, em [283] algum

lugar no caminho dos raios, são fixados espelhos, os raios, penetrando pela abertura da

pirâmide, serão refletidos no corredor sobre o aparelho fixado na carreta móvel. Sem
dúvida algum tipo de observações foi realizado aqui, algum tipo de ciclos registrado,
alguns dados estabelecidos.
O bloco de granito, em torno do qual existe o que chamei cascata de pedra, impede
o caminho desses raios. Mas o significado, o propósito e a época desse bloco são
completamente desconhecidos.
É muito difícil definir em nossa linguagem o objetivo e propósito da pirâmide. Ela era
um observatório, mas não só um "observatório", no sentido moderno da palavra, porque
era também um "instrumento científico"; e não só um instrumento ou um conjunto de
instrumentos, mas também um "tratado científico", ou melhor, uma biblioteca completa
sobre Física, Matemática e Astronomia; ou, para ser ainda mais exato, uma "faculdade
físico-matemática" e, simultaneamente, um "repositório de medidas", o que é mostrado
ovo Modelo do Universo
com muita clareza pelas medidas da pirâmide, a interre-lação numérica de sua altura,
base, lados, ângulos, *etc.*
Mais tarde, tive uma sensação muito concreta da idéia da pirâmide, quando visitei o
famoso observatório de Jai Singh em Jaipur, em Rajputana. O "observatório" é um imenso
quadrado cercado de paredes, com estranhas construções: triângulos de pedra, da altura
de uma grande casa; círculos enormes com divisões; cisternas vazias semelhantes a
tanques com pontes que as atravessam, e com o fundo de bronze polido para refletir as

estreias; misteriosos labirintos de pedra que servem para encontrar determinada
constelação. Tudo isso são aparelhos físicos e astronómicos gigantescos, gnômones,
quadrantes, sextantes e outros, isto é, instrumentos que atualmente são feitos de bronze
e guardados em caixas. Se imaginarmos todos esses aparelhos, e muitos outros que nos
são desconhecidos, combinados em um só, e supusermos que suas próprias medidas e a
inter-relação de suas partes expressam as relações fundamentais entre as medidas das
diferentes partes, digamos, do sistema solar, o resultado será a idéia da pirâmide.
Mas vou continuar a descrição da pirâmide como a vi.
No alto, o corredor inclinado com parapeitos se torna horizontal e conduz então à
"Câmara do Rei". As velas não são suficientes para iluminar as altas paredes de pedra
lisa. O ambiente é sufocante. Numa parede há algo semelhante a um sarcófago com
lados altos entalhados.
Mandei que os guias fossem para o corredor e fiquei alguns minutos sozinho.
Tive um sentimento muito estranho nessa cela de pedra encerrada na massa da
pirâmide. Sentia-se aqui, com mais força que em qualquer outro lugar, a pulsação de vida
que enchia a pirâmide e emanava dela. Mas. além disso, pareceu-me que essa "Câmara"
estava me dizendo algo a seu próprio respeito. Sentime cercado por diferentes vozes.
Mas suas palavras pareciam soar por trás de uma parede. Podia ouvir, mas não podia
compreendê-las. Parecia-me ser necessário fazer apenas um esforço muito pequeno, e

então ouviria tudo. Mas não consegui fazè-lo, e provavelmente não era em absoluto uma
questão de esforço: algo muito mais importante me separava dessas vozes.

A "Câmara da Rainha" é pouco diferente da "Câmara do Rei", mas, por alguma
razão, não provoca as mesmas sensações. A câmara subterrânea inferior, que é mais
difícil de alcançar e muito sufocante, é um pouco maior que a "Câmara do Rei" [284] e
também está cheia de pensamentos e vozes inaudíveis que tentam nos inculcar algo.
Do alto da pirâmide, minha atenção foi atraída pela Pirâmide de Dahshur, com lados
irregulares, que se vê ao longe com auxílio de binóculos, a estranha Pirâmide de Degraus
situada mais perto, e não longe dela a grande pirâmide branca.

Alguns dias depois, saí de Gize em direcão a essas pirâmides distantes. Não queria
ver nada em particular, mas desejava formular uma impressão geral dessa parte do
deserto.
Tendo ultrapassado a Pirâmide de Queóps e a Esfinge, encontrei-me numa larga
estrada que conduzia a Abussir. Na verdade não havia nenhuma estrada, mas uma larga
trilha coberta de rastros de cavalos, burros e camelos. Ã esquerda, em direção ao Nilo,
ficam os campos cultivados. À direita, estendia-se uma muralha rochosa, além da qual
começava o deserto.
Logo desde o começo da estrada, a partir de Gize, comecei a experimentar essa

estranha sensação do passado como presente que, por alguma razão, era produzida em
mim pela paisagem egípcia. Mas, dessa vez, senti um desejo de compreender melhor
essa sensação, e olhei com atenção particular para tudo que me cercava, tentando
ovo Modelo do Universo
decifrar o segredo dessa magia do Egito. E cheguei a pensar que ele podia estar na
espantosa imutabilidade da paisagem egípcia e suas cores. Noutros países, a Natureza
muda sua aparência várias vezes no ano. Mesmo onde as características principais foram
preservadas durante séculos, como nas florestas e estepes, a face exterior da Natureza, a
relva, as folhas, tudo é novo, acabado de nascer. Mas aqui, essa areia e essas pedras
são as mesmas que foram vistas pelas pessoas que construíram as pirâmides, os faraós
e os califas.
E pareceu-me que, nessas pedras que viram tanta coisa, algo do que elas viram foi
preservado, e que, por causa disso, estabeleceu-se um certo vínculo através delas com a
vida que existiu anteriormente nesses lugares, s que parecia ainda estar presente, aqui,
de maneira invisível.
Meu pónei árabe cinzento galopava rapidamente ao longo da muralha de pedra
irregular que havia à direita da estrada, ora mais próximo, ora mais afastado dela. E eu
estava, cada vez mais, imerso num estranho sentimento de liberação de todas as coisas
pelas quais vivemos comumente.
O presente todo se afastava, parecia transparente como neblina, e através dele o

passado se tornava, cada vez mais, totalmente visível a meu redor, não tomando
qualquer forma definida, mas penetrando em mim por mil diferentes sensações e
emoções.
Em parte alguma eu tinha sentido antes, tão clara e definidamente, a irrealidade do
presente. Sentia aqui que tudo que consideramos como realmente existente nada mais é
que uma miragem que passa sobre a face da Terra, talvez a sombra ou o reflexo de
alguma outra vida, ou quem sabe somente sonhos criados em nossa imaginação como
resultado de alguns impactos obscuros e sons vagos que atingem nossa consciência
vindos do Desconhecido que nos cerca.
Senti que tudo se desvanecia — São Petersburgo, Londres, Cairo, hotéis, estradas
de ferro, navios, pessoas; tudo se tornou uma miragem. Mas o deserto à minha volta
existia, e eu existia, embora de modo muito estranho, sem qualquer conexão [285] com o
presente, mas consciente de uma ligação muito forte com o passado desconhecido.
E em tudo que senti havia uma alegria que não era fácil de compreender, mas era
muito sutil. Eu a descreveria como a alegria da libertação de si mesmo e a alegria de
sentir a incrível riqueza da vida, que não morre nunca, mas existe numa variedade infinita
de formas invisíveis e intangíveis para nós.
Tendo atravessado Sakara, com a Pirâmide dos Degraus e a pirâmide branca, fui
mais adiante, até as Pirâmides de Dahshur. Aqui não havia absolutamente nenhuma

estrada. A areia se transformou em pequeninos grãos que formavam o que pareciam
enormes ondas. Quando cheguei a lugares planos e meu pónei começou a galopar,
pareceu-me várias vezes que eu estava cavalgando sobre moedas, porque os grãos
voavam ao bater dos cascos e tilintavam como prata.
Até mesmo a primeira das Pirâmides de Dahshur produz uma impressão
extraordinária e peculiar, como se estivesse mergulhada em seus próprios pensamentos,
mas nos notasse naquele momento e nos falasse de maneira definida e ciara. Cavalguei
lentamente em volta dela. Não havia uma alma por perto e nada era visível, a não ser a
areia e a pirâmide com lados irregulares, ao longe.
Subi até ela. É a mais estranha de todas as pirâmides. Só lamentei não poder ser
transportado até ela diretamente do Cairo, sem ver nem sentir nada mais. Eu já estava
saturado demais de impressões e não podia apreciar inteiramente o que senti aqui. Mas vi
que aqui as pedras eram animadas e incumbidas de uma tarefa definida. A Pirâmide
Dahshur no sul, com as linhas irregulares de seus lados, impressionou-me por sua grande
exatidão, que era quase assustadora.
ovo Modelo do Universo
Ao mesmo tempo, não desejei formular, sequer para mim mesmo, tudo o que sentia.
Era semelhante demais à imaginação.
Mas meus pensamentos seguiram sem me obedecer, e por momentos me pareceu
que eu estava realmente começando a imaginar coisas. Mas a sensação era

completamente diferente da que a imaginação produz. Havia nela aigo real inexprimível.

Fiz meu pônei voltar e lentamente regressei. A cena distância, alguma coisa pareceu

empurrar-me de repente. Voitei-me rapidamente na sela. A pirâmide olhava para mim,

como se esperasse alguma coisa.

"Até a próxima vez!" eu disse.

Não pude analisar completamente todos os sentimentos que tive naquele momento.

Mas senti que justamente aqui, se pelo menos pudesse ficar sozinho por um tempo

bastante longo, meus pensamentos e sensações alcançariam um tamanho grau de

tensão que eu na verdade veria e ouviria o que é em geral invisível e inaudível. Não pude

dizer até onde isso estava realmente ligado a essa estranha pirâmide ou era o resultado

de todo um dia e de toda uma semana de sensações inabituais. Mas senti que aqui

minhas sensações do Egito atingiram sua maior intensidade.

Atualmente, os pontos de vista sobre as pirâmides podem ser divididos em duas

categorias. A teoria dos túmulos pertence à primeira categoria, e as teorias astronômicas

e matemáticas, à segunda.

A ciência histórica, isto é, a egiptologia, mantém-se fiel quase exclusivamente à

teoria dos túmulos, corn pequeníssimas e ténues concessões no sentido da possibilidade

da utilização das pirâmides para observações astronômicas. Desse modo, o professor

Petrie, no livro A History of Egypt, fala de três profundos fossos que foram [286] cortados na

rocha e tinham cerca de 160 pés de comprimento, 20 de profundidade e não mais que
cinco ou seis de largura. "A finalidade desses fossos é absolutamente desconhecida; mas
pode ter havido algum sistema de observar os azimutes das estrelas por meio de uma
superfície d'água no fundo, e uma corda estendida de um extremo a outro, no alto;
anotando o momento do trânsito do reflexo da estrela através da corda, pode ser feita
uma observação acurada do azimute." (pág. 41.)
Mas, falando de modo geral, a ciência histórica não está interessada no significado
astronómico e matemático das pirâmides.
Se os egijptólogos alguma vez tocam nesse aspecto da questão, é apenas como
amadores, e nesse caso não se dá uma importância muito grande às suas opiniões. O
livro de R. A. Proctor, que cito mais adiante, é um exemplo disso.
A descrição da construção das pirâmides (principalmente da Grande Pirâmide) que
se encontra em Heródoto é aceita como final e decisiva.
Heródoto relata o que era dito a respeito da construção da Grande Pirâmide dois ou
três mil anos antes de sua época. Ele diz que, nos blocos de granito que cobrem a
pirâmide, foram feitas inscrições hieroglíficas referentes a vários fatos relacionados com
sua construção. Entre outras coisas, foi registrada a quantidade de alho, cebolas e
rabanetes comida pelos escravos que construíram a pirâmide, e pela quantidade de alho,
etc., foi possível tirar conclusões quanto ao número de escravos e à duração do trabalho.

Heródoto diz que, antes da construção da Grande Pirâmide, teve que ser aberto um
caminho através do deserto, sobre um aterro, para o transporte do material. Ele próprio
viu esse caminho que, conforme suas palavras, era uma construção não menor que a
própria pirâmide.
A data aproximada da construção, dada por Heródoto, é, devido à profusão de
pequenos detalhes apontados por ele, considerada na egiptologia como indiscutível.
ovo Modelo do Universo
Na realidade, tudo que Heródoto diz não é nem um pouco convincente. Devemos
lembrar-nos de que o próprio Heródoto não podia ler os hieróglifos. Esse conhecimento
era guardado cuidadosamente e era privilégio dos sacerdotes. Heródoto só pôde anotar o
que foi traduzido para ele, e isso sem dúvida só teria sido o que confirmasse e
estabelecesse a versão oficial da construção das pirâmides. Esta, aceita pela egiptologia,
pode realmente estar muito distante da verdade. E a verdade pode ser que o que é visto
como a construção da Grande Pirâmide seja, na realidade, sua restauração. As pirâmides
podem ser muito mais antigas do que pensamos.
A Esfinge, que pode ter sido construída na mesma época das pirâmides, ou ainda
antes, é considerada muito corretamente como pré-histórica. O que significa isso? Quer
dizer que alguns milhares de anos antes da nossa era, possivelmente muitos milhares de
anos, o povo ou povos que conhecemos com o nome de "egípcios antigos" ocuparam o

vale do Nilo e encontraram, semi-enterradas na areia, as pirâmides e a Esfinge, cujo
significado e importância eram totalmente incompreensíveis para eles. A Esfinge olhava
para o Oriente, por isso era chamada a. imagem de Harmakuti ou o "Sol no Horizonte".
Muitíssimo mais tarde, o rei a quem foi atribuído o nome de Queóps (os egiptólogos têm,
naturalmente, um nome completamente diferente para ele) restaurou uma das pirâmides e
fez dela um mausoléu ou sepulcro para si. Além disso, as inscrições gravadas na face
dessa pirâmide descreviam os feitos do rei num tom laudatório e exagerado, e a
restauração foi evidentemente chamada construção. Essas inscrições confundiram
Heródoto, que as tomou como dados históricos exatos. [287]
A restauração das pirâmides não foi a sua construção. O irmão de Queóps, Quéfren
(a maneira de escrever e a pronúncia desses nomes são muito incertas e não confiáveis),
restaurou outra pirâmide. Pouco a pouco, isso se tomou um costume, e desse modo
aconteceu que alguns dos faraós construíram para si mesmos novas pirâmides,
geralmente de dimensões menores, e outros restauraram as antigas, que eram de
maiores dimensões. Também é possível que as primeiras a serem restauradas fossem as
Pirâmides de Dahshur e a Pirâmide dos Degraus, em Sakara. Gradativãmente, todas as
pirâmides foram transformadas em sepulcros, porque um sepulcro era a coisa mais
importante na vida dos egípcios naquele período. Mas isso foi apenas um episódio

acidental na história das pirâmides, que de nenhum modo explica a sua origem.

Na época atual, foram confirmados muitos fatos interessantes a respeito da Grande

Pirâmide. Mas essas descobertas pertencem ou aos astrónomos ou aos matemáticos. E,

se acontece que alguns egiptólogos falem delas, somente alguns poucos o fazem, e suas

opiniões são em gerai subjugadas pelos outros.

De certo modo, a razão disso é compreensível, porque demasiado charlatanis-mo se

acumulou em torno do estudo da importância astronômica e matemática das pirâmides.

Existem teorias, por exemplo, e publicaram-se livros que provam que as medidas das

várias partes dos corredores e paredes internos da Grande Pirâmide representam toda a

história da humanidade, desde Adão até "o fim da história geral". De acordo com o autor

de um desses livros, as profecias contidas na pirâmide referem-se principalmente à

Inglaterra e dão, inclusive, a duração dos gabinetes do pós-guerra.

Naturalmente, a existência de tais "teorias" esclarece por que a ciência teme as

novas descobertas relativas as pirâmides. Mas isso não diminui de modo algum o valor

das tentativas existentes para estabelecer o significado astronómico e matemático das

pirâmides, na maior parte dos casos apenas até a Grande Pirâmide.

R. A. Proctor, em seu livro The Great Pyramide (Londres, 1883), considera a

pirâmide uma espécie de telescópio ou teodolito de trânsito. Ele chama especial atenção

para as ranhuras nos parapeitos da grande galeria e acha que elas foram feitas para
mover para cima e para baixo os instrumentos inclinados usados na realização das
observações. Mais adiante, assinala a existência possível de um espelho d'água na
junção das passagens ascendente e descendente, e assegura que a pirâmide era um
ovo Modelo do Universo
relógio para os sacerdotes egípcios, e principalmente um relógio astronômico.
O abade Moreux reuniu no livro Les Enigmes de la Science quase todo o material
existente relativo à Grande Pirâmide como um "repositório de medidas" ou um compêndio
matemático. A soma dos lados da base da pirâmide dividida pelo dobro de sua altura dá a
relação da circunferência com o diâmetro, o número , que desempenha um papel tão
importante na história da Matemática. A altura da pirâmide é a bilionésima parte da
distância da Terra ao Sol (que, diga-se de passagem, só foi estabelecida pela ciência com
suficiente precisão na segunda metade do século XIX), etc., *etc.*
Tudo isso e muitas outras coisas mostram a assombrosa estreiteza das modernas
idéias científicas e a ausência de curiosidade mesmo ordinária dos egiptólogos, que se
imobilizaram na teoria dos túmulos e na história de Heródoto, e não querem saber de
mais nada. Na realidade, as pirâmides encenam um grande enigma. Mais do que
qualquer outra coisa no mundo, elas nos dizem que estamos inteiramente errados em

considerar que nossos ancestrais eram "quadrúpedes cabeludos e com cauda, de hábitos
[288] provavelmente arborícolas, e habitantes do Velho Mundo". Na verdade, nossa
genealogia é muito mais interessante. Nossos antepassados eram pessoas muito ricas e
eminentes e nos deixaram uma herança enorme, que esquecemos de todo, sobretudo
desde o momento em que começamos a nos considerar descendentes de um macaco.
1914-1925

III A ESFINGE

Areia cinza amarelada. Profundo céu azul. Ao longe, o triângulo da Pirâmide de
Quéfren, e bem diante de mim essa estranha, grande face com o olhai dirigido para a
distância.
Eu costumava ir com frequência do Cairo a Gize, sentar-me na areia diante da
Esfinge, olhar para ela e tentar compreendê-la, compreender a idéia dos artistas que a
criaram. E, em cada uma dessas ocasiões, experimentava o mesmo medo e terror de
aniquilação. Seu olhar me absorvia, um olhar que falava de mistérios além do nosso
poder de compreensão.
A Esfinge se encontra no platô de Gize, onde estão as grandes pirâmides, e muitos
outros monumentos, já descobertos e ainda por descobrir, e uma quantidade de túmulos
de épocas diferentes. A Esfinge está numa depressão, acima de cujo nível só se projetam
sua cabeça, pescoço e parte das costas.
Nada se sabe sobre quem, quando e por que a Esfinge foi erigida. A Arqueologia

atual a considera pré-histórica.

Isso quer dizer que, até para os egípcios mais antigos, os das primeiras dinastias,

seis ou sete mil anos antes de Cristo, a Esfinge era o mesmo enigma que é hoje para nós.

A partir da tabuinha de pedra, gravada com desenhos e hieróglifos, encontrada entre

as patas da Esfinge, supôs-se uma vez que a figura representava a imagem do deus

egípcio Harmakuti, "O Sol no Horizonte". Mas há muito tempo já se chegou a um acordo

de que essa era uma interpretação inteiramente insatisfatória e de que a inscrição se

reporta provavelmente à ocasião de alguma restauração parcial feita em data

relativamente recente.

Na verdade, a Esfinge é muito mais antiga que o Egito histórico, seus deuses, as

pirâmides, que, por sua vez, são muito mais antigas do que se pensa.

A Esfinge é, indiscutivelmente, uma das mais notáveis, se não a mais notável, das

obras de arte do mundo. Não conheço nada que se possa comparar com ela. Ela

ovo Modelo do Universo

pertence, de fato, a uma arte muito diferente da que conhecemos. Seres iguais a nós não

podiam criar uma Esfinge. Nem nossa cultura pode criar coisa alguma semelhante. A

Esfinge parece ser, inconfundivelmente, uma relíquia de outra cultura, muito antiga,

possuidora de conhecimentos muito maiores que os nossos.

Há uma tradição ou teoria de que a Esfinge é um hieróglifo grande e complexo, ou

um livro de pedra, que contém a totalidade do conhecimento antigo, e se revela ao homem que pode ler esse estranho código, corporificado nas formas, correlações e medidas das diferentes partes da Esfinge. Esse é o famoso enigma da Esfinge que, desde os tempos mais remotos, tantos homens sábios tentaram resolver. [289]

Anteriormente, quando lia a respeito da Esfinge, parecia-me que seria preciso abordá-la com todo o equipamento de um conhecimento diferente dos nossos, com alguma forma nova de percepção, algum tipo especial de matemática, e que sem essa ajuda seria impossível descobrir nela o que quer que fosse.

Mas quando eu mesmo vi a Esfinge, senti algo nela que nunca tinha lido e de que nunca tinha ouvido falar, algo que imediatamente a colocou, para mim, entre os problemas mais enigmáticos e ao mesmo tempo fundamentais da vida e do mundo.

A face da Esfinge nos deixa maravilhados ao primeiro olhar. Para começar, é um rosto muito moderno. Com exceção do ornamento da cabeça, não há nada da "história antiga" a respeito dela. Por alguma razão, eu temia que isso acontecesse. Tinha pensado que a Esfinge tivesse um rosto muito "alienígena". Mas não é o caso. Sua face é simples e compreensível. É só a maneira como olha que é estranha. A face está bastante desfigurada. Mas se nos afastarmos um pouco e olharmos bastante tempo para a Esfinge, é como se uma espécie de véu tombasse de seu rosto, os triângulos do

ornamento da cabeça por trás das orelhas se tornam invisíveis, e surge claramente diante
de nós uma face completa e incólume, com olhos que fitam acima e além de nós a
distância desconhecida.
Recordo-me de estar sentado na areia diante da Esfinge — no ponto a partir do qual
a segunda pirâmide, ao longe, forma um triângulo exato por trás da Esfinge — tentando
compreender, ler o seu olhar. De início, só vi que a Esfinge olhava para longe, além de
mim. Mas, em seguida, comecei a ter uma espécie de vaga, depois crescente
inquietação. Mais um momento, e senti que a Esfinge não estava me vendo, e não só não
estava me vendo, como não podia me ver; e não porque eu fosse muito pequeno em
comparação com ela, ou insignificante demais comparado com a profundidade da
sabedoria que ela continha e guardava. Absolutamente. Teria sido natural e
compreensível. O sentido de aniquilação e o terror do desvanecimento vieram do
sentimento de que eu era, de algum modo, efémero demais para que a Esfinge pudesse
me notar. Senti que não só esses momentos ou horas fugazes que eu podia passar diante
dela não existiam para ela, mas que se eu pudesse permanecer sob o seu olhar do
nascimento até a morte, toda a minha vida passaria tão rapidamente para ela que ela não
me poderia notar. Seu olhar estava fixado em alguma outra coisa. Era o olhar de um ser
que pensa em séculos e milênios. Eu não existia e não podia existir para ela. E eu não

podia responder à minha própria pergunta — eu existo para mim? Eu existo, de fato, em
alguma espécie de sentido, de relação? E com esse pensamento, com esse sentimento,
sob esse estranho olhar, havia uma frialdade glacial. Estamos tão acostumados a sentir
que somos, que existimos. Contudo, imediatamente, aqui. senti que não existia, que não
havia nenhum eu, que eu não podia ser sequer notado.
E a Esfinge diante de mim olhava para longe, além de mim, e sua face parecia
refletir alguma coisa que ela via, que eu não podia ver nem compreender.
Eternidade! Essa palavra surgiu de repente em minha consciência e me atravessou
como uma espécie de arrepio de frio. Todas as idéias sobre tempo, as coisas, a vida,
tornaram-se confusas. Percebi que naqueles momentos em que eu permanecia diante da
ovo Modelo do Universo
Esfinge, ela vivia através dos fatos e acontecimentos de milhares de anos — e que, por
outro lado, os séculos passaram por ela como momentos. Eu não compreendia como isso
podia ser. Mas senti que minha consciência captava a sombra da fantasia excitada ou a
clarividência dos artistas que criaram a Esfinge. Eu toquei o mistério, mas não pude
defini-lo nem formulá-lo. [290]
E só mais tarde, quando todas essas impressões começaram a se ligar com as que
eu tinha conhecido e sentido inicialmente, a fímbria da cortina pareceu mover-se, e
percebi que eu estava começando, muito lentamente, a compreender.

O problema da Eternidade, de que o rosto da Esfinge fala, introduz-nos no reino do
Impossível. Até o problema do Tempo é simples em comparação com o da Eternidade.
Podemos encontrar referências no sentido da solução do problema da Eternidade
nos vários símbolos e alegorias das religiões antigas e em algumas das modernas, assim
como nas filosofias antigas.
O círculo é a imagem da Eternidade. Uma linha que pane para o espaço e volta ao
ponto de partida. No simbolismo, é a serpente mordendo sua própria cauda. Mas onde
está o começo num círculo fechado? Nosso pensamento, preso num círculo, também não
pode escapar dele.
Um esforço heróico de imaginação, um rompimento completo com tudo que é
logicamente compreensível, natural e possível, é necessário para descobrir o segredo
desse círculo, e encontrar o ponto onde o fim se liga ao começo, onde a cabeça da
serpente morde sua própria cauda.
A idéia do eterno retomo, que para nós está relacionada com o nome de Pitágoras e,
na época moderna, com o de Nietzsche, é precisamente como o movimento impetuoso da
espada sobre o nó górdio.
Só na idéia do retorno, da repetição interminável, podemos compreender e imaginar
a Eternidade. Mas devemos nos lembrar de que, nesse caso, não teremos nenhum nó
diante de nós, mas apenas suas partes separadas. E tendo compreendido a natureza do
nó em seu aspecto dividido, teremos que ligar posteriormente, de novo, esses fragmentos

em pensamento e criar um todo a partir deles.
1908-1914

IV O BUDA COM OLHOS DE SAFIRA

O Ceilão verde. Uma renda de coqueiros ao longo das fímbrias arenosas do oceano.

Aldeias de pescadores no meio do verde. Lagoas, lagos, arrozais. Vistas do vale e

paisagens montanhosas. O cume pontudo do Pico de Adão. Ruínas de cidades antigas.

Gigantescas estátuas de Buda sob os ramos verdes das árvores, das quais os macacos

nos contemplam. Templos budistas brancos no meio das flores e da folhagem. Monges

com trajes amarelos. Cingaleses com pentes de tartaruga nos cabelos, usando saias

brancas justas, compridas até o chão. Jovens de olhos negros, sorridentes, em carroças

leves puxadas por bois que trotavam rapidamente. Árvores enormes, cobertas

profusamente de flores vermelhas. As largas folhas das bananeiras. Mais palmeiras. Terra

avermelhada - e Sol, Sol, Sol.

Hospedei-me num hotel fora de Colombo, na beira da praia, e a partir dali realizei

várias excursões — para o Sul, até Galle, aos mosteiros budistas, para o Norte, até a

cidade minúscula de Kandy, onde está o templo sagrado do Dente, suas pedras [291]

brancas cobertas de limo verde — e, posteriormente, até as ruínas de Anaradhapura, uma

ovo Modelo do Universo

cidade que muito antes do nascimento de Cristo tinha uma população de dois milhões de

habitantes, e foi destruída durante a invasão dos Tamils no começo de nossa era. Há

muito tempo que ela foi invadida e engolida pela floresta verde, através da qual, hoje.
estendem-se cerca de vinte e cinco quilômetros de ruas e praças cobertas de erva e
arbustos, alicerces e paredes meio demolidas de casas, templos, mosteiros, palácios,
reservatórios e tanques, fragmentos de estátuas quebradas, dágabas gigantescas,
edifícios em forma de sinos, *etc.*
Voltando ao hotel depois de uma dessas excursões, fiquei sem sair por alguns dias,
tentando registrar minhas impressões, principalmente as conversas com os monges
budistas que tinham estado expondo o ensinamento de Buda. Essas conversas me
deixaram com um estranho sentimento de insatisfação. Eu não podia me livrar da idéia de
que existiam muitas coisas no Budismo sobre as quais não podíamos chegar a nenhuma
compreensão e que eu definiria com as palavras "miraculoso" ou "mágico" — quer dizer,
precisamente o que os budistas negavam no Budismo.
O Budismo se apresentava a mim simultaneamente sob dois aspectos. Por um lado,
via-o como uma religião cheia de luz, de suavidade e calor, de todas as religiões, a mais
afastada do que podemos chamar "paganismo", uma religião que, mesmo nas suas
formas eclesiásticas mais extremadas, nunca abençoou a espada, nunca empregou a
coação em qualquer de suas formas; uma religião que se podia abraçar, continuando
ligado à sua religião original. Tudo isso por um lado. Pelo outro, uma estranha filosofia
que tenta negar o que constitui a essência e o conteúdo principal de toda religião — a

idéia do milagroso.

Senti imediatamente o lado luminoso do Budismo ao entrar em qualquer templo budista, sobretudo na parte sul do Ceilão. Os templos budistas são pequenos recantos verdes semelhantes as ermidas nos mosteiros russos. Um pequeno recinto de pedra branca e dentro dele algumas pequenas construções brancas e um pequeno campanário.

Tudo está sempre muito limpo e há sempre muita verdura, muitas sombras, luz do Sol e flores. Uma tradicional dágaba, uma ampla construção em forma de sino encimada por uma agulha, erguida sobre um tesouro ou relíquias enterrados. Sob as árvores, um semicírculo de altares de pedra lavrada, e sobre eles flores levadas por peregrinos e, à noite, as luzes de lamparinas; e a inevitável árvore sagrada de Bo, cuja aparência lembra o olmo. E permeando tudo, uma sensação de quietude e serenidade que nos afasta do clamor e contradições da vida.

Mas tão logo procuramos nos aproximar do Budismo, encontramos imediatamente toda uma série de obstáculos e evasões formais. "Não devemos falar a respeito disso; Buda proibiu até mesmo pensar sobre isso; isso nós não temos absolutamente, nunca tivemos e nunca poderemos ter." O Budismo só ensina como uma pessoa pode se libertar do sofrimento. E isso só é possível sobrepujando em si mesmo o anseio de viver, de prazer, todos os anseios em geral. Nisso está o começo e o fim do Budismo, não há nenhum misticismo, nenhum conhecimento oculto, nenhuma idéia sobre o milagroso,

nenhum futuro, exceto a possibilidade de liberação do sofrimento — e o aniquilamento.

Mas ao ouvir tudo isso, fiquei interiormente convencido de que não era assim, e de

que havia muitas coisas no Budismo às quais eu talvez não pudesse dar um nome, mas

que estavam relacionadas definidamente com o próprio nome de Buda, isto é, "O

Iluminado"; e de que precisamente a idéia de "iluminação" e por certo não as [292] teorias

áridas e materialistas de liberação do sofrimento, constituía a principal essência do

Budismo.

Essa contradição, que senti de maneira tão forte, não me permitiria escrever; ela me

impedia de formular minhas impressões até mesmo para mim; ela me fez discutir

mentalmente com os budistas com quem tinha conversado; ela me fez contradi-zê-los,

argumentar com eles, desejar compeli-los a reconhecerem e falarem de alguma coisa de

que não queriam falar.

ovo Modelo do Universo

Por conseguinte, meu trabalho caminhava muito mal. Tentei por vários dias escrever

pela manhã, mas vendo que nada conseguia, passei a fazer uma caminhada pela beira

da praia, ou a tomar um trem para ir à cidade.

Uma vez, num domingo de manhã, quando nosso hotel, geralmente meio vazio e

sonolento, se encheu de gente da cidade, saí cedo. Dessa vez, não fui pela beira-mar,

mas pela estrada que ia do litoral para o interior, através de campinas verdes, passando

por arvoredos e, de vez em quando, por uma ou duas cabanas.

O caminho por onde eu ia levava à estrada principal que seguia de Colombo para o
Sul. Lembrei-me de que, em algum lugar por ali, devia haver um templo budista em que
eu não tinha estado ainda, e perguntei a um velho cingalês, que vendia cocos verdes
numa pequena parada na beira da estrada, onde ficava o templo. Algumas outras
pessoas se aproximaram e, juntando seus esforços, conseguiram de algum modo
compreender o que eu queria, e me disseram que o templo ficava nessa estrada em
direção a Colombo, e que um pequeno caminho à direita conduziria a ele.
Depois de andar algum tempo, encontrei finalmente, entre as árvores, o caminho de
que me tinham falado e que levava ao templo. Vislumbrei logo o recinto e as portas. Fui
recebido pelo porteiro, um cingalês muito falador com uma barba espessa e o inevitável
pente no cabelo. Primeiro, ele me introduziu no novo santuário, onde se enfileiravam
algumas estátuas modernas e muito desinteressantes de Buda e seus discípulos. Então,
olhamos para o mosteiro, onde vivem os monges e onde há uma escola para crianças e
uma sala para pregação; em seguida, a dágaba. em cuja agulha está colocada uma
grande pedra lunar que é mostrada aos turistas e, tanto quanto pude compreender, era
considerada o objeto mais notável de todo o templo; depois, uma árvore Bo imensamente
frondosa e aparentemente muito antiga, que mostrava, por sua idade, a antiguidade do
templo. Debaixo dessa árvore havia uma sombra profunda, na qual evidentemente o Sol

nunca penetrava, pois os altares de pedra que ali se encontravam estavam cobertos de
um fino musgo verde.
Havia alguns lugares extraordinariamente pitorescos entre os edifícios e as árvores;
e eu me lembrei de ter visto antes fotografias deles.
Finalmente, fomos ver o velho santuário. Era, sem dúvida, uma construção muito
antiga, comprida, com um andar, colunas e uma varanda. Como sempre acontecia nesses
santuários, as paredes internas estavam cobertas de pinturas brilhantes representando
vários episódios da vida do príncipe Gautama e das outras encarnações de Buda. O guia
me disse que na segunda sala havia uma estátua muito antiga de Buda com olhos de
safira. Nas estátuas, Buda está de pé, sentado ou reclinado. Esse era um Buda reclinado.
Quando entramos na segunda sala do santuário, ela estava muito escura, porque a luz
que vinha da porta por onde entramos não podia chegar até ela. Acendi um fósforo e vi,
por trás de uma gelosia de cristal, estendida ao longo de toda a parede, uma imensa
estátua deitada de lado, com uma das mãos sob a cabeça, e o estranho fitar de olhos que
não me encaravam e, no entanto, pareciam me ver. [293]
O porteiro abriu outra porta e, na pálida luz que penetrou onde eu estava, a face do
Buda apareceu diante de mim. Era um rosto com aproximadamente um metro de
comprimento, pintado de amarelo, com linhas negras fortemente marcadas em volta das
narinas, da boca e das pálpebras — e com grandes olhos azuis.

"Esses olhos são safiras verdadeiras", disseme o guia, "ninguém sabe quando essa
estátua foi feita; mas ela tem com certeza mais de mil anos".
"Não se abre a gelosia?" perguntei ao guia.
"Não se abre", respondeu, "ela não é aberta há mais de sessenta anos."
Ele continuou falando, mas eu não estava ouvindo. O modo de olhar daqueles
grandes olhos azuis me atraía.
ovo Modelo do Universo
Passaram-se um ou dois segundos e compreendi que estava diante de um milagre.
O guia se afastou silenciosamente de mim e sentou-se nos degraus da varanda, e
fiquei sozinho com o Buda.
O rosto do Buda estava cheio de vida; ele não estava olhando diretamente para
mim, e no entanto me via. A princípio, me senti apenas maravilhado. Eu não tinha e não
podia ter esperado nada semelhante. Mas, logo em seguida, a surpresa e todos os outros
sentimentos e pensamentos se diluíram em novas e estranhas sensações. O Buda me
via, via em mim o que eu próprio não podia ver, tudo que estava oculto nos recantos mais
secretos de minha alma. E sob esse olhar que, por assim dizer, me atravessava, comecei
a ver tudo isso em mim. Tudo que era pequeno, supérfluo, agitado e perturbado veio à
superfície e se expôs sob esse olhar. A face do Buda estava muito calma, mas não
inexpressiva, e cheia de pensamento e sentimento profundo. Estava descansando aqui,
mergulhado em pensamentos, e eu cheguei, abri as portas e permaneci diante dele, e

agora ele estava involuntariamente julgando-me. Mas não havia censura nem reprovação
em seu olhar. Este era extraordinariamente sério, calmo e cheio de compreensão. Mas,
quando tentei me perguntar o que a face do Buda expressava, dei-me conta de que não
podia haver resposta. Sua face não era fria nem indiferente. Por outro lado, seria
totalmente errado dizer que ela expressava calor, simpatia ou compaixão. Tudo isso seria
pequeno demais para lhe ser atribuído. Ao mesmo tempo, também seria errado dizer que
a face do Buda expressava grandeza sobrenatural ou sabedoria divina. Não, era uma face
humana, contudo, ao mesmo tempo, uma face que os homens não podem esperar ter.
Senti que todas as palavras que pudesse ter à minha disposição estariam erradas se
aplicadas à expressão dessa face. Só posso dizer que aqui havia compreensão.
Comecei simultaneamente a sentir o estranho efeito que a face do Buda produzia
em mim. Toda a escuridão que brotava das profundidades de minha alma parecia se
iluminar. Era como se a face do Buda me transmitisse sua calma. Tudo que até então
tinha me preocupado e parecia tão sério e importante, agora se tomou tão pequeno,
insignificante e indigno de atenção, que eu só me surpreendi como podia ter me afetado
tanto. E percebi que, por mais agitado, preocupado, irritado e dilacerado por sentimentos
contraditórios que o homem pudesse estar ao chegar aqui, ele partiria calmo, tranquilo,
iluminado, compreendendo.

Lembrei-me do meu trabalho, das conversas com os budistas, de como não
consegui tomar claras para mim certas coisas referentes ao Budismo. E quase ri: como
tudo tinha sido inteiramente inútil! Todo o Budismo estava nessa face, nesse olhar. E, de
repente, pareceu-me compreender certas coisas que Buda tinha proibido os homens [294]
de falar, coisas acima da razão e das palavras humanas. Ele não estaria certo? Aqui, eu
vi e senti essa face, e contudo não podia dizer o que ela expressava. Se, apesar de tudo,
tentasse traduzir isso em palavras, seria ainda pior, porque seria uma mentira. Talvez
esteja nisso a explicação da proibição de Buda. E ele também disse que tinha
comunicado todo o ensinamento e não existia nenhuma doutrina secreta. Isso não
poderia significar que o segredo não estava oculto em palavras secretas, mas em
palavras conhecidas de todos, mas não compreendidas pelos homens? Não seria
possível que esse Buda fosse a solução do mistério, a chave para ele? A estátua toda
estava aqui, diante de mim, não havia nada secreto ou oculto nela; mas mesmo assim eu
podia dizer que a via? E outras pessoas podiam vê-la e compreendê-la na medida em que
eu o fiz? Por que ela era desconhecida? Deve ser porque as pessoas não conseguem
notá-la, assim como não conseguem ver a verdade oculta nas palavras de Buda a
respeito da liberação do sofrimento.
Olhei para esses profundos olhos azuis e senti que, embora meus pensamentos

estivessem perto da verdade, ainda não eram a verdade, porque esta é mais rica e
variada do que qualquer coisa que possa, possivelmente, ser expressa em pensamentos
e palavras. Ao mesmo tempo, percebi que essa face continha realmente todo o Budismo.
ovo Modelo do Universo
Não era preciso livros, nem discursos filosóficos — no olhar de Buda está tudo. Só é
preciso vir aqui e ser tocado por esse olhar.
Saí do santuário com a intenção de voltar no dia seguinte e tentar fotografar o Buda.
Mas para isso seria necessário abrir a gelosia. O porteiro, com quem falei a respeito,
disseme novamente que ela não podia ser aberta. Entretanto, parti com a esperança de
resolver isso de algum modo no dia seguinte.

Na volta ao hotel surpreendeu-me como podia ter acontecido que o Buda fosse tão
pouco conhecido. Eu estava inteiramente certo de que ele não era mencionado em
qualquer dos livros sobre o Ceilão que eu possuía. E assim era de fato. No grande Book
of Ceylon, de Cave, havia realmente uma gravura desse tempo — o pátio interior com a
pequena escada de pedra que conduz ao campanário e o velho santuário em que está o
Buda, e até com o mesmo porteiro que me guiou. Porém, nem uma palavra sobre a
estátua. E tudo isso parecia o mais estranho de tudo, porque, além da importância mística
desse Buda e de seu valor como obra de arte, era certamente um dos maiores Budas que
eu vira no Ceilão, e, além disso, tinha olhos de safira. Não podia imaginar como ele não

tinha sido notado ou tinha sido esquecido. A razão se encontra, por certo, no caráter
intensamente "bárbaro" da multidão ocidental que penetra no Oriente, e em seu profundo
desprezo por tudo que não sirva aos propósitos imediatos de lucro ou diversão. Uma vez
ou outra o Buda foi provavelmente visto e descrito por alguém, mas depois foi esquecido.
Os cingaleses, sem dúvida, sabem da existência do Buda com Olhos de Safira, mas para
eles este apenas existe, do mesmo modo que o mar ou as montanhas.
No dia seguinte, voltei de novo ao templo.
Eu temia, nessa ocasião, não ver nem sentir o que tinha experimentado na véspera,
que o Buda com Olhos de Safira podia de repente surgir apenas como uma estátua de
pedra comum com uma cara pintada. Mas meus temores não se confirmaram. O olhar do
Buda era exatamente o mesmo, penetrando minha alma, iluminando tudo nela e, por
assim dizer, pondo tudo em ordem. [295]
Um ou dois dias mais tarde, eu estava novamente no templo, e o porteiro me
reconheceu dessa vez como um velho conhecido. E de novo a face do Buda me
transmitiu algo que eu não podia compreender nem expressar. Tencionava tentar
descobrir algo sobre a história do Buda com Olhos de Safira. Mas aconteceu que quase
imediatamente tive que deixar a índia. Em seguida, começou a guerra, e a face do Buda
permaneceu longe de mim, do outro lado do mar da loucura humana.
Uma coisa é certa. Esse Buda é verdadeiramente uma obra de arte excepcional. Eu

não sei de nenhuma obra de arte cristã que esteja no mesmo nível do Buda com Olhos de
Safira, quer dizer, não sei de nenhuma obra que expresse em si mesma tão
completamente a idéia do Cristianismo, como a face desse Buda expressa a idéia do
Budismo. Compreender essa face é compreender o Budismo.
E não é preciso ler grossos volumes sobre o Budismo, ou conversar com
professores que estudam as religiões orientais ou com bhikshus letrados. Podemos vir
aqui. ficar diante do Buda e deixar que o olhar daqueles olhos azuis penetre em nossa
alma, e compreenderemos o que é o Budismo.
Muitas vezes, quando penso no Buda, lembro-me de outra face, a da Esfinge, e do
olhar daqueles olhos que não nos vêem. Essas duas faces são totalmente diferentes.
Contudo, têm algo em comum, ambas falam de outra vida, de outra consciência, que é
mais elevada que a consciência do homem. Por isso, não temos palavras para descrevê-
las. Não sabemos quando, por quem ou com que propósito essas faces foram criadas,
mas elas nos falam de uma existência real, de outra vida, e da existência de homens que
sabem algo dessa vida e podem transmiti-lo a nós através da magia da arte.
ovo Modelo do Universo
1914

V - A ALMA DA IMPERATRIZ MUMTAZ-I-MAHAL

Era o meu último verão na índia. As chuvas já estavam começando quando parti de

Bombaim para Agra e Delhi. Durante várias semanas antes disso, eu estivera reunindo e
lendo tudo que pude encontrar sobre Agra, sobre o palácio do Grão Mogol e sobre o Taj
Mahal, o famoso mausoléu da imperatriz que morreu no começo do século XVII.
Mas tudo que eu tinha lido, naquela ocasião ou antes, deixou-me com uma espécie
de sentimento indefinido, como se todos aqueles que tentaram descrever Agra e o Taj
Mahal tivessem deixado passar o que era mais importante.
Nem a história romântica do Taj Mahal, nem a beleza arquitetônica, a profusão e
opulência da decoração e dos ornamentos podia me explicar a impressão de irrealidade
fantástica, de alguma coisa bela, mas infinitamente distante da vida, a impressão que era
percebida por trás de todas as descrições, mas que ninguém pudera traduzir em palavras
ou explicar.
E me parecia que aqui havia um mistério. O Taj Mahal tinha um segredo percebido
por todos, mas ao qual ninguém pôde dar um nome.
As fotografias não me disseram absolutamente nada. Uma construção grande e
maciça e quatro minaretes pontiagudos, um em cada canto. Não vi em tudo isso nenhuma
[296] beleza particular, mas, em lugar disso, alguma coisa incompleta. E os quatro
minaretes, erguidos separados, como quatro velas nos cantos de uma mesa, pareciam
estranhos e quase desagradáveis.
Em que reside então a força da impressão causada pelo Taj Mahal? De onde vem o

efeito irresistível que ele produz em todos aqueles que o vêem? Nem o mármore rendado
das treliças, o entalhe delicado que cobre suas paredes, o mosaico de flores, o destino da
bela imperatriz, nada disso podia produzir por si só uma tal impressão. Ela deve estar em
algo mais. Mas em quê? Tentei não pensar nisso, para não formar uma idéia
preconcebida. Mas algo me fascinava e me perturbava. Eu podia não estar certo, mas
pareceu-me que o enigma do Taj Mahal estava relacionado com o mistério da morte, isto
é, com o mistério diante do qual, de acordo com a expressão de um dos Upanishads, "até
os deuses duvidaram inicialmente".
A criação do Taj Mahal remonta à época da conquista da índia pelos maometanos.
O neto de Akbar, o Shah Jehan, era um dos conquistadores que mudaram toda a face da
índia. Soldado e estadista, o Shah Jehan era ao mesmo tempo um juiz arguto de Arte e
Filosofia; e sua corte em Agra atraía todos os sábios e artistas mais eminentes da Pérsia,
que era, naquela época, o centro da cultura de toda a Ásia ocidental.
Porém, o Shah Jehan passou a maior parte da vida em campanha e em luta. E em
todas as campanhas era acompanhado, invariavelmente, por sua esposa favorita, a bela
Arjumand Banu, ou, como também era chamada, Mumtaz-i-Mahal — "O Tesouro do
Palácio". Arjumand Banu era a conselheira constante de Shah Jehan em todos os
assuntos da sutil e complicada diplomacia oriental, e também partilhava seu interesse

pela Filosofia, à qual o invencível imperador devotava todas as horas livres.

Durante uma dessas campanhas, a imperatriz, que como de hábito acompanhava o

Shah Jehan, morreu, e antes de morrer pediu a ele que construísse um túmulo para ela —

"o mais belo do mundo".

E o Shah Jehan decidiu construir, para enterrar a imperatriz morta, um imenso

mausoléu de mármore branco, na margem do rio Junina, em sua capital Agra, e mais

tarde estender uma ponte de prata sobre o rio Jumna, e construir na outra margem um

ovo Modelo do Universo

mausoléu de mármore negro para si mesmo.

Só a metade desses planos estava destinada a se realizar, pois vinte anos mais

tarde, quando a construção do mausoléu da imperatriz estava quase terminada, foi

desencadeada uma rebelião contra o Shah Jehan por seu filho Aurungzeb, que mais tarde

destruiu Benares. Aurungzeb acusou seu pai de ter gasto na construção do mausoléu

todos os recursos do Estado para os últimos vinte anos. E tendo feito o Shah Jehan

prisioneiro, Aurungzeb encenou-o numa mesquita subterrânea, num dos pátios internos

do palácio-fortaleza de Agra.

O Shah Jehan viveu sete anos nessa mesquita subterrânea, e quando sentiu a

proximidade da morte, pediu para ser conduzido ao muro da fortaleza, no chamado

"Pavilhão do Jasmim", uma torre de mármore rendado, que tinha contido a sala favorita

da imperatriz Arjumand Banu. E no balcão do "Pavilhão do Jasmim", que se eleva acima

do Jumna, de onde se pode ver ao longe do Taj Mahal, o Shah Jehan exalou o último
suspiro.
Essa é, em resumo, a história do Taj Mahal. Desde aqueles dias, o mausoléu da
imperatriz sobreviveu a muitas vicissitudes da sorte. Durante as guerras constantes que
ocorreram na Índia nos séculos XVII e XVIII. Agra mudou de mãos muitas vezes e foi
frequentemente saqueada. Os conquistadores levaram do Taj Mahal as grandes [297]
portas de prata e as lâmpadas e candelabros preciosos; e despojaram as paredes dos
ornamentos de pedras preciosas. O edifício em si, porém, foi preservado, assim como a
maior parte da decoração interior.
Na década de trinta do século passado, o Govemador-Geral inglês pretendeu vender
o Taj Mahal para demolição. Agora ele foi restaurado e é guardado cuidadosamente.

Cheguei a Agra à noite e decidi ir imediatamente ver o Taj Mahal ao luar. Não era
Lua cheia, mas havia claridade suficiente.
Deixando o hotel, segui por um bom tempo pela parte europeia de Agra. ao longo de
ruas amplas, todas elas entre jardins. Deixamos, finalmente, a cidade e, percorrendo uma
longa avenida, à cuja esquerda se podia ver o rio. Chegamos a uma praça espaçosa,
calçada com lajes de pedra e cercada de muros de pedra vermelha. Havia neles, à direita
e à esquerda, portas com torres elevadas. A porta da direita, explicou-me o guia, levava
até a velha cidade, que tinha sido propriedade privada da imperatriz Arjumand Banu, e

continua quase no mesmo estado em que estava durante sua vida. A porta da torre da
esquerda conduzia ao Taj Mahal.
Já estava escurecendo, mas, à luz da ampla Lua crescente, todas as linhas dos
edifícios sobressaíam distintamente contra o pálido céu. Caminhei na direção da alta
porta da torre vermelho-escura, com seu arco em forma de flecha e a fileira horizontal de
pequenas cúpulas brancas caracteristicamente indianas, encimadas por agulhas
pontudas. Alguns degraus amplos conduziam da praça à entrada sob o arco. Ali estava
inteiramente escuro. Meus passos sobre o piso de mosaico ecoavam sonoramente nos
nichos laterais, a partir dos quais havia escadas que conduziam a um terraço no alto da
torre, e ao museu que está dentro dela.
Através do arco vê-se o jardim, uma grande extensão de vegetação, e, ao longe,
alguns contornos brancos lembrando uma nuvem branca que tivesse descido e tomado
formas simétricas. Essas eram as paredes, cúpulas e minaretes do Taj Mahal.
Atravessei o arco e saí para a ampla plataforma de pedra, e parei para observar em
torno de mim. Bem na minha frente, e atravessando em linha reta o jardim, havia uma
longa e ampla alameda de ciprestes negros, dividida ao meio por uma faixa de água que
se projetava lateralmente em fontes. Na extremidade final, a avenida de ciprestes estava
fechada pela nuvem branca do Taj Mahal. Dos lados do Taj, um pouco abaixo dele, podia—
ovo Modelo do Universo

se ver, sob as árvores, as cúpulas de duas grandes mesquitas.

Caminhei lentamente pela avenida principal em direção ao edifício branco, ao lado

da faixa de água com suas fontes. A primeira coisa que me surpreendeu, e que eu não

tinha previsto, foi o tamanho imenso do Taj. É, de fato, uma estrutura muito grande, mas

parece até maior do que é, devido principalmente ao traçado engenhoso dos construtores,

que o cercaram de um jardim e dispuseram de tal modo as portas e avenidas, que desse

lado não se vê todo o edifício de imediato, mas o descobrimos pouco a pouco quando nos

aproximamos dele. Eu me dei conta de que tudo em relação a ele tinha sido planejado e

calculado com exatidão, e de que tudo foi projetado para complementar e reforçar a

impressão principal. Ficou claro para mim por que, nas fotografias, o Taj Mahal tinha

parecido inacabado e quase plano. Ele não pode ser separado do jardim e das mesquitas

de ambos os lados, que parecem como que sua continuação. Eu via agora por que os

minaretes nos cantos da plataforma de mármore, sobre a qual fica o edifício principal,

deram-me a impressão de uma imperfeição. [298] Pois, nas fotografias, eu tinha visto a

imagem do Taj terminando, de ambos os lados, nesses minaretes. Na verdade, ele não

termina aí, mas se estende imperceptivel-mente para o jardim e edifícios adjacentes. E,

além disso, os minaretes não são realmente vistos em toda a sua altura quando são

fotografados. Da avenida pela qual caminhava, só a parte superior deles era visível por

trás das árvores.

O edifício branco do próprio mausoléu estava ainda mais afastado, e quando

caminhei em sua direção, ele surgiu cada vez maior diante de mim. Embora eu não

pudesse distinguir nenhum dos detalhes à luz incerta e cambiante da Lua crescente, uma

sensação estranha de expectativa me obrigou a continuar olhando atentamente, como se

algo estivesse prestes a me ser revelado.

Estava quase noite à sombra dos ciprestes; o jardim estava cheio do aromadas

flores, sobretudo dos jasmins, e os pavões miavam. E esse som se harmonizava

estranhamente com o ambiente, e de algum modo intensificava ainda mais o sentimento

de expectativa que me avassalava.

Eu já podia ver, delineada brilhantemente diante de mim, a parte central do Taj

Mahal, elevando-se da alta plataforma de mármore. Através das portas, entrevia-se uma

luz pálida.

Cheguei ao meio do caminho que vai da entrada em arco até o mausoléu. Aqui, no

centro da avenida, há um tanque quadrado com lótus, e bancos de mármore de um dos

lados.

À luz débil da meia Lua, o Taj Mahal surgiu luminoso. Maravilhosamente suaves,

mas ao mesmo tempo bem distintas, as cúpulas e os minaretes brancos se tornaram

visíveis contra o céu pálido, e pareciam irradiar sua própria luz.

Sentei num dos bancos de mármore e olhei para o Taj Mahal, tentando apreender e

gravar na memória todos os detalhes do próprio edifício, como eu o via, e de tudo que me
cercava.
Não podia ter dito o que se passou em minha mente naqueles momentos, nem estar
seguro de ter pensado absolutamente em nada, mas pouco a pouco, tornando-se cada
vez mais forte, um estranho sentimento, que não pode ser descrito em palavras, foi
penetrando em mim.
A realidade, essa verdadeira realidade em que vivemos todos os dias, parecia
desvanecer-se, enfraquecer e afastar-se; mas não desapareceu, apenas sofreu uma
estranha espécie de transformação, perdendo toda a realidade: cada objeto nela, tomado
isoladamente, perdeu seu significado comum e se tornou algo muito diferente. Em lugar
da realidade familiar, habitual, outra realidade se revelou, uma realidade que geralmente
não conhecemos, nem vemos, nem sentimos, mas que é a única verdadeira e genuína.
ovo Modelo do Universo
Sinto e penso que as palavras não podem transmitir o que quero dizer. Só podem
me compreender aqueles que experimentaram por si mesmos algo dessa espécie, que
conhecem o "sabor" desses sentimentos.
Diante de mim, brilhou nas portas do Taj Mahal a pálida luz. As cúpulas e minaretes
brancos pareciam mover-se na luz cambiante da branca meia Lua. Vinham do jardim o
perfume do jasmim e o pupilar dos pavões.
Tinha a sensação de estar em dois mundos ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, o

mundo habitual das coisas e pessoas tinha mudado completamente, e era ridículo até
mesmo pensar nele, tão imaginário, artificial e irreal parecia agora. Tudo que pertencia a
esse mundo se tornou remoto, estranho e ininteligível para mim — e [299] principalmente
eu próprio, esse mesmo eu que tinha chegado duas horas antes com toda espécie de
bagagens e saíra apressadamente para ver o Taj Mahal ao luar. Tudo isso — e o conjunto
da vida de que isso fazia parte — parecia um espetáculo de marionetes, que estavam,
além disso, reunidos desajeitadamente e pintados cruamente, não se assemelhando,
portanto, a realidade alguma. Todos os meus pensamentos anteriores sobre o Taj Mahal
e seu mistério se revelavam, positivamente, como se fossem grotescamente sem sentido
e tragicamente ineficazes.
O mistério estava aqui, diante de mim, mas agora não havia mais mistério. Só tinha
se tornado um mistério por causa daquela realidade absurda, inexistente, da qual eu tinha
olhado para eie. E agora eu experimentava a extraordinária alegria da liberação, como se
tivesse saído de algumas profundas passagens subterrâneas para a luz.
Sim, esse era o mistério da morte! Mas um mistério revelado e visível. E não havia
nada pavoroso ou aterrorizante a respeito dele. Pelo contrário, era um esplendor e alegria
infinitos.
Ao escrever isso agora, acho estranho recordar que não houve quase nenhum
estado de transição. Passei imediatamente da minha sensação habitual de mim e de tudo

o mais para esse novo estado, enquanto estava nesse jardim, na avenida de ciprestes,
com o contorno branco do Taj Mahal diante de mim.
Lembro-me de que passou pela minha cabeça uma torrente de pensamentos
extraordinariamente rápida, como se eles tivessem se destacado de mim e escolhido ou
encontrado seu próprio caminho.
Num dado momento, meu pensamento pareceu estar concentrado nos artistas que
construíram o Taj Mahal. Eu sabia que tinham sido sufis, cuja filosofia mística, inseparável
da poesia, tornou-se o esoterismo da religião maometana e expressou as idéias de
eternidade, irrealidade e renúncia em formas brilhantes e terrenas de paixão e alegria. E
aqui a imagem da imperatriz Arjumand Banu e seu memorial, "o mais belo do mundo", se
tomou, por seus aspectos invisíveis, ligada à idéia da morte, porém a morte não como
aniquilamento, mas como uma nova vida.
Levantei-me e caminhei para a frente, com os olhos na luz que se vislumbrava nas
portas, sobre as quais se erguia a forma imensa do Taj Mahal.
E de repente, de maneira totalmente independente de mim, algo começou a se
formular em minha mente.
A luz, eu sabia, estava acesa sobre o túmulo onde jaz o corpo da imperatriz. Acima e
em volta dela estão os arcos, cúpulas e minaretes de mármore do Taj Mahal, que o
transportam para cima, fundindo-o num todo com o Céu e o luar.
Percebi que precisamente aqui estava o começo da solução do mistério.

A luz — bruxuleando sobre o túmulo onde está o pó do seu corpo —, essa luz que é
tão pequena e insignificante em comparação com o corpo de mármore do Taj Mahal, isso
é a vida, a vida que conhecemos em nós mesmos e nos outros, em contraste com aquela
ovo Modelo do Universo
outra vida que não conhecemos, que está oculta para nós pelo mistério da morte.
A luz que pode tão facilmente ser extinta é a pequena, transitória vida terrena. O Taj
Mahal — é a vida futura ou eterna.
Comecei a compreender a idéia dos artistas que construíram o mausoléu da
imperatriz, que o cercaram com esse jardim, essas ponas, torres, pavilhões, fontes,
mesquitas — que o fizeram tão imenso, tão branco, tão inacreditavelmente belo, fundindo—
se no Céu com suas cúpulas e minaretes. [300]
Diante de mim e à minha volta estava a alma da imperatriz Mumtaz-i-Mahal.
A alma, tão infinitamente grande, radiante e bela em comparação com o pequeno
corpo em que viveu na Terra e estava agora encerrado no túmulo.
Naquele momento compreendi que a alma não está encerrada no corpo, mas que o
corpo vive e se move na alma. E então recordei e compreendi uma expressão mística que
tinha atraído minha atenção em livros antigos:
A alma e a vida futura são uma só e mesma coisa.
Inclusive me pareceu estranho não ter podido compreender isso antes. É claro que
elas eram a mesma coisa. A vida, como um processo, e aquele que vive, só podem ser

distinguidos em nossa compreensão enquanto há a idéia de desaparecimento, de morte.

Aqui, como na eternidade, tudo estava unido, as dimensões se fundiam, e nosso pequeno

mundo terreno desaparecia no mundo infinito.

Não posso reconstituir todos os pensamentos e sentimentos daqueles instantes, e

sinto que estou expressando uma parte insignificante deles.

Aproximei-me agora da plataforma de mármore sobre a qual se encontra o Taj

Mahal, com seus quatro minaretes nos cantos. As amplas escadas de mármore dos lados

da alameda de ciprestes conduzem do jardim até a plataforma. Subi e me aproximei das

portas onde a lamparina estava queimando. Fui recebido pelos porteiros maometanos,

com movimentos lentos e calmos, vestidos com trajes e turbantes brancos.

Um deles levava uma lanterna e eu o segui ao interior do mausoléu.

No meio, cercados por uma treliça de mármore esculpido, estavam dois túmulos

brancos; no centro, o túmulo da imperatriz, e ao seu lado o do Shah Jehan. Os túmulos

estavam cobertos de flores vermelhas, e acima deles ardia uma luz numa lamparina de

bronze lavrado.

Na semi-escuridão, os contornos indistintos das paredes brancas se desvaneciam

na alta cúpula, onde o luar, penetrando de fora, parecia formar uma neblina de cores

cambiantes.

Permaneci ali por longo tempo, sem me mover, e os maometanos calmos e graves,

em seus turbantes brancos, deixaram-me tranquilo, e ficaram em silêncio perto da treliça
que cercava os túmulos.
A própria treliça é um milagre de arte. A palavra "treliça" não transmite nada, porque
não é realmente uma treliça, mas uma renda de mármore branco de extraordinário lavor.
É difícil acreditar que as flores e os ornamentos decorativos dessa filigrana de renda
branca não foram moldados nem vazados, mas esculpidos diretamente nos finos painéis
de mármore.
Observando que eu examinava a treliça, um dos porteiros se aproximou
serenamente de mim e começou a explicar o plano do interior do Taj Mahal.
As lápides diante de mim não eram os túmulos reais. Os verdadeiros, em que se
encontravam os corpos, estavam abaixo, na cripta.
A parte do meio do mausoléu, onde estávamos agora, ficava sob a grande cúpula
ovo Modelo do Universo
central; e estava separada das paredes externas por um largo corredor que se estendia
entre os quatro nichos dos cantos, cada um sob uma das quatro cúpulas menores.
"Nunca há luz aqui", disse o homem, levantando a mão, Í4a luz só chega através das
treliças das galerias laterais."
"Escute, senhor."
Ele deu alguns passos para trás e, levantando a cabeça, gritou devagar em alta voz:
[301]
"Alá!"
Sua voz encheu todo o enorme espaço da cúpula sobre nossas cabeças, e quando

ela começou muito lentamente a morrer, de repente um claro e poderoso eco ressoou nas
cúpulas laterais, simultaneamente nos quatro lados:
"Alá!"
Os arcos das galerias responderam imediatamente, mas não todos ao mesmo
tempo; uma após outra as vozes se ergueram de cada um dos lados, como se uma
chamasse a outra.
"Alá! Alá!"
E então, como o coro áe mil vozes ou como um órgão, a própria grande cúpula
ressoou, inundando tudo com sua solene, profunda voz:
"Alá!"
Então, novamente, mas de modo mais tranquilo, as galerias laterais e as cúpulas
responderam, e a grande cúpula, com menos força, ressoou uma vez mais, e as ténues,
quase murmurantes vozes dos arcos internos reproduziram seu eco.
O eco silenciou. Mas mesmo no silêncio parecia como se uma nota distante, muito
distante, continuasse soando.
Continuei de pé e escutei-o, e com um sentimento de alegria intensificado; percebi
que esse maravilhoso eco também era uma parte calculada do projeto dos artistas que
deram ao Taj Mahal uma voz, convidando-o a repetir para sempre o nome de Deus.
Segui lentamente o guia que, erguendo a lanterna, mostrou-me os ornamentos que
cobriam as paredes: flores violetas, cor-de-rosa, azuis, amarelas e de um vermelho
brilhante, misturadas com o verde, algumas de tamanho natural e outras maiores, flores

de pedra que pareciam vivas, e que estavam além do alcance do tempo; e depois disso,
toda a extensão das paredes cobertas de flores de mármore branco, portas e janelas
entalhadas — tudo de mármore branco.
Quanto mais eu olhava e escutava, mais claramente e cada vez com maior
sentimento de alegria, sentia a idéia dos artistas que tinham tentado expressar a infinita
riqueza, variedade e beleza da alma ou da vida eterna, comparada com a pequena e
insignificante vida terrena.
Subimos ao teto do Taj Manai, em cujos cantos estão as cúpulas, e daí olhei para
baixo, para o largo, escuro Jumna. À direita e à esquerda havia grandes mesquitas de
pedra vermelha com cúpulas brancas. Em seguida, atravessei para o lado do teto que dá
vista para o jardim. Embaixo, tudo estava quieto, só as árvores sussurravam com a brisa,
e de vez em quando vinha de longe o grave e melodioso pupilar dos pavões.
Tudo isso era tão semelhante a um sonho, tão semelhante à índia que uma vez vi
em sonhos, que eu não teria ficado nem um pouco surpreso se, de repente, me visse
voando sobre o jardim até a torre da entrada, que agora surgia negra, no fim da avenida
de ciprestes.
Então descemos e caminhamos em volta do edifício branco do Taj Mahal. sobre a
ovo Modelo do Universo
plataforma de mármore, em cujos cantos estão os quatro minaretes, e à luz da Lua
examinamos a decoração e ornamentos das paredes externas.

Depois fomos para baixo, até a cripta de mármore branco, onde, como em cima,
ardia uma lâmpada e havia flores vermelhas sobre os túmulos brancos do imperador e da
imperatriz. [302]
Na manhã seguinte, dirigi-me para a fortaleza, onde ainda se conserva o palácio do
Shah Jehan e da imperatriz Arjumand Banu.
A fortaleza de Agra é por si mesma uma cidade completa. Nas entradas, erguem-se
enormes torres construídas de tijolo. As paredes têm muitos pés de espessura, e cercam
um labirinto de pátios, barracas, armazéns e edifícios de todo tipo. Uma parte
considerável da fortaleza, na verdade, é dedicada a usos modernos e não apresenta
interesse especial. Cheguei finalmente à Mesquita da Pérola, que conhecia de um quadro
de Verestchagin. Aqui começa o domínio do mármore branco e do céu azul. Só há duas
cores, branco e azul. A Mesquita da Pérola é muitíssimo maior do que eu tinha imaginado.
Portas grandes e pesadas revestidas de cobre, e por trás delas, sob um céu
resplandecente, um pátio deslumbrante de mármore branco, com uma fonte, e mais
adiante uma sala para os sermões, com maravilhosos arcos entalhados, com ornamentos
de ouro, e janelas com treliças de mármore nas partes interiores do palácio, através das
quais as esposas do imperador e as damas da corte podiam olhar para a mesquita.
Por fim, o palácio propriamente dito. Não é um só edifício, mas toda uma série de
prédios e pátios de mármore dentro das construções e pátios de tijolo da própria fortaleza.

O trono de Akbar. uma laje de mármore negro na parede da fortaleza, no nível das
mais altas ameias, e diante dele a "Corte de Justiça". Em seguida, a "Sala de Audiência"
do Shah Jehan, com mais arcos entalhados, semelhantes aos da Mesquita da Pérola, e
finalmente os aposentos residenciais do palácio e o Pavilhão do Jasmim.
Esses cômodos do palácio estão situados no muro da fortaleza que dá para o
Jumna. Eles consistem numa série de aposentos, não muito grandes, segundo os
padrões modernos, mas cujas paredes estão cobertas de raros e belos entalhes. Tudo
está tão maravilhosamente conservado, que parece ter sido apenas ontem que viveram
aqui, com suas mulheres, aqueles imperadores-conquistadores, filósofos, poetas, sábios,
fanáticos, loucos, que destruíram uma índia e criaram outra. A maior parte da área
residencial do palácio se encontra sob o piso dos pátios e passagens de mármore que se
estendem da Sala de Audiência até o muro da fortaleza. Os aposentos são ligados por
meio de corredores e passagens, e por pequenos pátios rodeados de treliças de
mármore.
Do outro lado do muro da fortaleza há um pátio interno profundo, onde se realizavam
torneios entre os guerreiros, e onde animais selvagens lutavam entre si ou com os
homens. Acima está o pequeno pátio cercado de treliças, de onde as damas do palácio
viam os combates de elefantes contra tigres e assistiam às competições dos guerreiros.

Aqui, também, chegavam, com suas mercadorias, os mercadores dos países distantes,
árabes, gregos, venezianos e franceses. Um pátio como um "tabuleiro de xadrez",
calçado com fileiras de lajes pretas e brancas dispostas como no tabuleiro desse jogo,
onde dançarinos e dançarinas com roupas especiais representavam as peças do xadrez.
Mais adiante, os aposentos das esposas do imperador; nas paredes ainda existem
armários entalhados para as jóias, assim como pequenas aberturas redondas que
levavam a armários secretos, nas quais só mãos muito pequenas podiam penetrar. Um
quarto de banho coberto de cristal de rocha, que faz com que suas paredes brilhem com
cores cambiantes quando se acende uma luz. Quartos pequenos, quase minúsculos,
como caixas para bombons. Balcões diminutos. Quartos sob o piso [303] do pátio interno,
nos quais a luz só penetra através de finos painéis de mármores, e onde nunca faz calor;
e então, finalmente, o milagre dos milagres, o Pavilhão do Jasmim, que costumava ser o
ovo Modelo do Universo
aposento favorito da imperatriz Mumtaz-i-Mahal.
É uma torre circular, cercada por um balcão que se projeta sobre o muro da
fortaleza, acima do Junina. Oito portas conduzem do balcão ao interior. Não há
literalmente um centímetro das paredes do Pavilhão do Jasmim ou da balaustrada e
pilares do balcão que não esteja coberto do mais delicado e belo entalhe. Um ornamento
dentro de outro, e de novo. em cada um deles, ainda outro ornamento, quase como um

trabalho de um joalheiro. Todo o Pavilhão do Jasmim é assim, e também o pequeno pátio
com uma fonte e as fileiras de colunas lavradas.
Em tudo isso não há nada de grandioso ou místico, mas o conjunto produz uma
impressão de extraordinária intimidade. Senti a vida das pessoas que tinham vivido ali. De
alguma estranha maneira, parecia-me estar em contato com ela, como se as pessoas
vivessem ainda; e captei lampejos dos aspectos mais íntimos e secretos de suas vidas.
Nesse palácio, não se percebe, de modo algum, o tempo. O passado ligado a esses
aposentos de mármore é percebido como presente, tão real e vivo permanece, e por isso
é tão estranho até mesmo pensar, enquanto se está aqui, que eleja não esteja mais.
Quando deixávamos o palácio, o guia me falou do labirinto subterrâneo embaixo de
toda a fortaleza, e onde, dizem, estão ocultos inúmeros tesouros. E me lembrei de que
tinha lido a respeito disso antes. Mas as entradas para essas passagens subterrâneas
tinham sido fechadas e cobertas muitos anos antes, depois que um grupo de viajantes
curiosos se perdeu e pereceu nelas. Dizem que ali há muitas serpentes, entre as quais
algumas cobras gigantescas, maiores do que quaisquer outras encontradas em outros
lugares, que talvez já vivessem no tempo do Shah Jehan. E dizem que, às vezes, nas
noites de luar, elas se arrastam até o rio.
Do palácio, voltei de novo ao Taj Manal, e no caminho comprei fotografias tiradas de
antigas miniaturas, retratos de Shah Jehan e da imperatriz Arjumand Banu. Uma vez

vistos, seus rostos ficam gravados na memória. A cabeça da imperatriz está levemente
inclinada, e ela segura uma rosa com a delicada mão. O retrato está muitíssimo estilizado,
mas na forma da boca e nos grandes olhos sente-se uma profunda vida. força e
pensamento interior; e em todo o rosto, o encanto irresistível do mistério e da fantasia. O
Shah Jehan está de perfil. Tem um olhar muito estranho, extático e ao mesmo tempo
equilibrado. Nesse retrato, ele vê algo que ninguém, a não ser ele próprio, podia ver ou
talvez ousasse ver. Além disso, ele parece estar olhando para si mesmo, observando
cada pensamento e sentimento seu. É o olhar de um clarividente, um sonhador, assim
como de um homem de extraordinária força e coragem.

A impressão de Taj Mahal não só não foi esmaecida pela luz do dia, como inclusive
se fortaleceu. O mármore branco no meio do verde sobressai surpreendentemente contra
o profundo céu azul; e, num só olhar, percebe-se mais particularidades e detalhes do que
à noite. Dentro do edifício, fica-se ainda mais maravilhado com a exuberância da
decoração, as flores fantásticas, vermelhas, amarelas e azuis, e as guirlandas verdes; as
guirlandas de folhas e flores de mármore e as treliças rendadas... E tudo isso é a alma da
imperatriz Mumtaz-i-Mahal.
Passei todo o dia seguinte, até a noite, no jardim que cerca o Taj Manal. Acima de
todas as coisas, gostei de ficar sentado no amplo balcão em cima da torre da entrada. [304]

Embaixo estava o jardim cortado pela avenida de ciprestes e a fileira de fontes que vai até
a plataforma de mármore, sobre a qual se encontra o Taj Manai. Sob os ciprestes,
moviam-se lentamente grupos de visitantes maometanos, com roupas e turbantes de
cores suaves que mal podemos imaginar: turquesa, amarelo-limão, verde-claro, rosa
amarelado. Durante longo tempo, contemplei com meu binóculo um turbante laranja-claro
ao lado de um xale cor de esmeralda. Uma vez ou outra desapareciam por trás das
árvores, e reapareciam nas escadas de mármore que conduzem ao mausoléu. Depois,
ovo Modelo do Universo
desapareciam nas entradas do Taj Mahal, e podiam ser vistos novamente entre as
cúpulas do teto. E durante todo o tempo moveu-se, pela avenida de ciprestes, a procissão
de vestes e turbantes coloridos, azuis, amarelos, verdes, rosas, xales e caftans; não se
via um só europeu.
O Taj Manai é o local de peregrinação e passeios da cidade. Os namorados se
encontram ali; vemos crianças com seus grandes olhos negros, calmas e silenciosas,

como todas as crianças indianas; homens velhos e decrépitos, mulheres com bebés,
mendigos, faquires, músicos...
Todos os rostos, todos os tipos da índia maometana passam diante de nós.
E tive, durante todo o tempo, a estranha sensação de que isso, também, era parte
do plano dos construtores do Taj Mahal, pane de sua idéia mística do contato da alma
com o mundo todo e com toda a vida que flui sem cessar de todos os lados para o interior
da alma.
1914

VI - OS DER VIXES MEVLEVI
Eu os vi pela primeira vez em 1908. Constantinopla, então, ainda estava viva. Mais
tarde ela morreu. Eles eram a alma de Constantinopla, embora ninguém soubesse disso.
Lembro-me de ter entrado no pátio do Tekke, no alto da Yuksek Kalderym, aquela
rua barulhenta e, naqueles dias, ainda tão tipicamente oriental, com seus degraus que
sobem até o alto da colina, a partir da ponte que atravessa a baía Corno de Ouro e
desemboca na rua principal de Pêra.
Os dervixes giratórios! Eu esperava uma paixão maníaca, um frenesi — um espetáculo desagradável e penoso. Hesitei, inclusive, se devia ir ou não. Mas o pátio do
Tekke, com seus velhos plátanos verdes e os túmulos antigos de um velho cemitério
coberto de espessa vegetação, surpreendeu-me com sua maravilhosa atmosfera de paz e
quietude.
A cerimônia já tinha começado. Quando me aproximei das portas do Tekke, ouvi

uma estranha música suave - flautas e tambores abafados. Era uma impressão
agradável, inesperada e inabitual.
Seguiram-se conversas na entrada — alguns negócios relativos a botas e sandálias
- em seguida, à direita, à esquerda — e depois uma passagem escura... Mas eu já sabia
que tinha chegado a um lugar onde veria algo. [305]
Uma sala redonda com tapetes espalhados e cercada por uma divisão de madeira
da altura do peito. Por trás da divisão, num corredor circular, espectadores. A cerimonia
de saudação estava em andamento.
Homens com vestes negras de mangas largas, e chapéus amarelos altos de pêlo de
camelo estreitando um pouco para cima (kulas), aproximaram-se, um após outro, ao
acompanhamento da música, do xeque, que estava sentado sobre almofadas, com as
costas para o pavilhão do príncipe. Curvaram-se até o chão diante dele, primeiro
colocando-se à sua direita, em seguida, tendo dado alguns passos, repetiram as mesmas
reverências, colocando-se à sua esquerda. E então, um após outro, como monges
negros, sentaram-se, lenta e calmamente, ao longo da divisão circular do compartimento
redondo. A música tocava ainda.
Agora a música parou. Silêncio. Os homens de altas kulas estavam sentados de
olhos baixos.
O xeque começou uma longa fala. Contou a história de Mevlevi, de todos os sultões
ovo Modelo do Universo
que reinaram na Turquia, enumerou seus nomes, disse do interesse e da simpatia para

com a Ordem dos Dervixes. As palavras árabes soavam estranhamente. Meu amigo, que
tinha vivido muito tempo no Oriente, traduzia para mim, em voz baixa.
Mas eu oihava mais do que ouvia. O que me surpreendia nesses dervixes era que
todos eles eram diferentes.
Quando vemos muitas pessoas juntas, usando as mesmas roupas, geralmente não
distinguimos seus rostos. Todas parecem ter um só e mesmo rosto.
Mas o que especialmente sobressai aqui e o que imediatamente prendeu a minha
atenção foi o fato de que eles fossem totalmente diferentes. Nenhum rosto era
semelhante ao outro. E cada um deles ficou imediatamente gravado em minha memória.
Eu nunca tinha experimentado nada igual a isso. Nos primeiros dez ou quinze minutos,
enquanto eu observava a cerimônia de saudações, os rostos de todos os dervixes no
círculo se tomaram próximos e familiares a mim, como os rostos de companheiros de
escola. Eu já conhecia todos eles, e com uma sensação incrivelmente agradável, esperei
pelo que viria em seguida.
Novamente, como se viesse de longe, voltou o som da música. Um após outro, sem
precipitação — alguns tirando as túnicas e ficando com umas jaquetas curtas que iam até
a cintura e uma espécie de saia branca comprida, e outros continuando com as túnicas —
, os dervixes se levantaram e, com movimentos calmos e seguros, levantando o braço
direito, inclinados, com a cabeça voltada para a direita e o braço esquerdo estendido,

caminharam lentamente para dentro do círculo e, com extraordinária seriedade,
começaram a girar, movendo-se, ao mesmo tempo, em volta do círculo. E no centro, com
os braços curvados do mesmo modo, olhando para sua mão direita, um dervixe com uma
barba grisalha curta e um rosto agradavelmente calmo, girava lentamente num só lugar,
arrastando os pés com um movimento peculiar. Todos os outros, alguns muito jovens,
outros de meia-idade e alguns bem idosos, giravam em volta dele. E todos giravam e se
moviam ao longo do círculo em velocidades diferentes: os mais velhos giravam
lentamente; os outros, os mais jovens, numa velocidade que faria uma pessoa perder o
fôlego. Alguns pareciam girar com os olhos fechados, outros simplesmente olhavam paia
baixo. Mas nenhum deles jamais tocava o outro.
No centro, sem girar como os outros, caminhava lentamente um dervixe com uma
barba grisalha, vestido com um traje negro e um turbante verde enrolado no seu [306] kula
de pêlo de camelo, as palmas das mãos comprimidas contra o peito e o olhar baixo.
Caminhava de modo estranho, movendo-se ora para a direita, ora para a esquerda, ora
avançando, ora recuando um pouco, mas continuando todo o tempo em volta do círculo,
passando apenas, às vezes, como se fosse de uma órbita para outra e voltando
novamente. Mas nunca tocava em nenhum dos outros, assim como nenhum deles o
tocava.
Como podia ser isso? Eu não podia compreender. Mas nem sequer pensei a

respeito, porque, naquele momento, toda a minha atenção estava voltada para a
observação dos rostos.
O xeque sentado nas almofadas no lugar oposto ao meu, o dervixe girando no meio,
o outro dervixe com turbante verde movendo-se lentamente entre os dervixes giratórios,
os homens muito idosos girando lentamente entre os jovens — todos eles me faziam
recordar algo.
Não podia explicá-lo a mim mesmo.
E os dervixes continuavam a girar e a mover-se ao longo do círculo. Treze deles
giravam ao mesmo tempo. De vez em quando, um ou outro parava e, lenta e calmamente,
com o rosto iluminado e concentrado, sentava-se junto à parede. Outros se levantavam e
tomavam seus lugares no círculo.
ovo Modelo do Universo
E comecei involuntariamente a pensar que isso é o que é descrito como um louco
girar que os leva ao frenesi! Se há alguma coisa no mundo que seja completamente
oposta ao frenesi, é precisamente esse girar. Havia nele um sistema que eu não podia
compreender, mas que se fazia sentir claramente, e, o que é mais importante, havia
alguma concentração intelectual e algum esforço mental, como se eles não estivessem
apenas girando, mas ao mesmo tempo resolvendo mentalmente difíceis problemas.
Saí do Tekke para a rua cheio de impressões estranhas e perturbadoras. Senti que
tinha encontrado algo extraordinariamente valioso e importante, mas percebi, ao mesmo

tempo, que não tinha meios de compreendê-lo, não tinha nenhuma possibilidade de
chegar mais perto, não tinha sequer nenhuma linguagem.
Tudo que eu tinha sabido e lido antes sobre os dervixes não me explicava o enigma
que eu percebi. Sabia que a ordem de Mevlevi foi fundada no século XIII pelo poeta e
filósofo
persa
Jalal-ud-Din-Rumi;
que
os
dervixes
giratórios
representam
esquematicamente o sistema solar e os planetas girando em tomo do Sol; que os dervixes
mantiveram durante todos esses séculos, absolutamente intactos, seus estatutos,
regulamentos, até suas vestimentas. E sabia que um conhecimento da literatura existente
sobre os dervixes é terrivelmente desapontador, porque sentimos que o que é mais
importante falta nela. Agora que eu próprio os tinha visto, formulei para mim mesmo o que
considerava os problemas mais importantes sobre eles. Primeiro, como conseguem não
bater um no outro e nem mesmo se tocarem? E segundo, onde está o segredo desse
intenso esforço mental ligado ao movimento giratório, o esforço que vi, mas não podia
definir? Mais tarde aprendi que a resposta a uma pergunta também responde a outra.
Constantinopla passou como um sonho. Fui a outros Tekkes, em Eyoub, em Scutari,

vi outros dervixes. E todo o tempo a sensação de enigma se tornou mais forte em mim.

Dervixes giratórios, "Mevlevi" e outros, dervixes uivadores. Rifa'is em Scutari, eram

algo por si só completamente separado, diferente de tudo que eu tinha conhecido [307] ou

encontrado antes na vida. E pensando a respeito deles, recordei as palavras de um

homem muito conhecido em Moscou, que tinha rido de mim quando eu disse uma vez que

o Oriente guarda muita coisa que ainda é desconhecida.

"Você acredita realmente que ainda haja algo inexplorado no Oriente?" disse ele.

"Tantos livros foram escritos sobre o Oriente, tantos cientistas sérios dedicaram toda a

sua vida ao estudo de cada pequeno pedaço de terra daquela região, de cada tribo, de

cada costume. É simplesmente ingênuo pensar que alguma coisa miraculosa e

desconhecida tenha ficado no Oriente. Eu podia acreditar mais facilmente em milagres em

Kuznetsky Most."

Tudo que ele disse era muito inteligente, e eu quase concordei com ele. Mas aqui

estava eu mesmo no Oriente. E a primeira coisa que vi foi um milagre. E este estava ali

para que todos vissem, quase na rua. A rua principal de Pêra era precisamente a

"Kuznetsky Most" de Constantinopla. E ninguém podia me explicar esse milagre porque

ninguém sabia nada a respeito dele.

Doze anos se passaram até que eu visse novamente os dervixes.

Muitos países passaram diante dos meus olhos, muitos acontecimentos ocorreram

ao meu redor durante esse tempo. Não restava ninguém daqueles que estavam comigo
quando estive pela primeira vez em Constantinopla. E não havia nem mesmo a Rússia.
Porque durante esses últimos três anos a terra desabou atrás de mim. Foi um período
totalmente inconcebível, em que não havia regresso, em que eu experimentei, em relação
aos lugares e às pessoas, a mesma sensação que temos geralmente em relação ao
tempo.
Não era possível voltar a nenhum lugar que eu tinha deixado. Não tive mais
quaisquer notícias de nenhuma das pessoas de quem tinha me afastado.
ovo Modelo do Universo
Mas, quando do navio vi os minaretes em Istambul na neblina, e a torre Galata do
outro lado, o primeiro pensamento que me veio foi de que em breve eu veria os dervixes.
E pouco depois eu os vi. Constantinopla tinha se tornado ainda mais barulhenta (se
isso fosse possível), mas parecia vazia, apesar das novas multidões. Durante aqueles
anos, a pobre cidade tinha perdido metade do seu colorido oriental, e estava adquirindo
rapidamente a monotonia e feiúra ocidentais. Mas no Tekke dos dervixes, em Pêra, tudo
estava como antes: as mesmas velhas lápides, os mesmos plátanos, a mesma música
suave e os mesmos ou semelhantes rostos tranquilos. Eu não podia estar ceno depois de
doze anos, mas me parecia que reconhecia vários rostos.
E agora eu sabia mais a respeito deles. Conhecia uma parte do seu segredo. Sabia

como eles conseguiam. Sabia em que consistia o trabalho mental ligado ao movimento
giratório. Não certamente os detalhes, porque só um homem que participa das cerimônias
ou exercícios pode conhecer os detalhes. Mas eu sabia o principio.
Tudo isso não tornava menor o milagre. Só o tomava mais próximo e mais
significativo. E compreendi, ao mesmo tempo, por que eles não revelam seu segredo. É
fácil dizer o que eles fazem e como. Mas para compreendê-lo plenamente precisamos
primeiro sabei por que o fazem. E isto não pode ser dito.

Fui embora de novo, e pouco tempo depois, de novo a terra desabou atrás de mim e
se tornou impossível voltar a Constantinopla.
E em breve os próprios dervixes desapareceram. Os brilhantes legisladores da nova
Turquia proibiram toda atividade a "astrólogos, adivinhos e dervixes". E no Tekke de Pêra
existe agora um distrito policial.
1909 - 1925
[308]
ovo Modelo do Universo

Capítulo X - Um Novo Modelo do Universo

*

I

Em toda tentativa de estudo do mundo e da Natureza, o homem se encontra
inevitavelmente diante de uma série de perguntas definidas, às quais não pode dar
respostas diretas. Mas do seu reconhecimento ou não-reconhecimento dessas perguntas,

da sua maneira de formulá-las e da sua atitude em reiação a elas depende todo o
processo posterior do seu pensamento sobre o mundo e, conseqúentemente, sobre si
mesmo.
As mais importantes dessas perguntas são as seguintes:
1. Que forma tem o mundo?
2. O mundo é um caos ou um sistema?
3. O mundo se formou acidentalmente, ou foi criado de acordo com um plano?
E, por estranho que possa parecer à primeira vista, uma ou outra solução da
primeira questão, sobre forma do mundo, realmente determina a solução possível tanto
da segunda como da terceira.
Se as perguntas sobre se o mundo é um caos ou um sistema, e se o mundo se
formou acidentalmente ou foi criado de acordo com um plano, forem resolvidas sem
serem precedidas por uma definição da forma do mundo, e não resultarem dessa
definição, essas soluções não terão peso. exigirão "fé" e deixarão de satisfazer à
inteligência. Só quando as respostas a essas perguntas derivam da definição da forma do
mundo é que podem ser suficientemente exatas e completas.
Não é difícil provar que as filosofias gerais da vida predominantes em nosso tempo
baseiam-se nas soluções dessas três perguntas fundamentais, de tal modo que podiam
ter sido consideradas científicas durante o século XIX. As descobertas do século XX, e
mesmo as do final do século XIX, não afetaram, por enquanto, o pensamento comum ou o
afetaram muito pouco.

E não é difícil provar que todas as questões ulteriores concernentes ao mundo, cujo
desenvolvimento e elaboração constitui o objeto do pensamento científico, filosófico e
religioso, partem dessas três questões fundamentais.
Mas, apesar de sua importância predominante, a questão da forma do mundo tem
sido levantada, de forma independente, de maneira comparativamente rara, sendo
incluída em geral em outros problemas, cosmogônicos, cosmológicos, astronómicos,
geométricos, físicos e outros. O homem médio ficaria muito surpreso se lhe dissessem
que o mundo pode ter uma forma. Para ele o mundo não tem forma alguma.
No entanto, para compreender o mundo, devemos poder construir algum modelo do
Universo, embora imperfeito. Não se pode construir tal modelo do mundo, do Universo,
sem uma concepção precisa da sua forma. Para fazer o modelo de uma [309] casa, é
preciso saber a forma da casa, para fazer o modelo de uma maçã, é preciso saber a
forma da maçã.
Portanto, antes de passar aos princípios sobre os quais podemos construir um novo
modelo do Universo, devemos examinar, ainda que apenas de modo sucinto, a história da
questão sobre a forma do mundo, o estado atual desse problema na ciência, e os
"modelos" que foram construídos até nossos dias.
ovo Modelo do Universo
As concepções cosmogônicas e cosmológicas. antigas e medievais, dos sistemas
exotéricos (as únicas que se tomaram conhecidas pela ciência) nunca foram muito claras

nem muito interessantes. O Universo que retratavam era, além disso, um Universo muito
pequeno, muito menor do que o mundo astronómico moderno. Não vou, portanto, falar
delas.
Nosso estudo dos diferentes pontos de vista sobre a questão referente à forma do
mundo começará a partir do momento em que os sistemas astronômicos e físi-comecânicos se libertaram da idéia de que a Terra é o centro do mundo. O período em
questão abrange vários séculos. Mas, na verdade, só nos ocuparemos do último século,
quase precisamente do final do primeiro quarto do século XIX.
Naquela época, as ciências que estudavam o mundo da Natureza tinham sido
divididas, desde muito tempo, e estavam na mesma relação mútua em que se encontram
agora, ou em que se encontravam, até certo ponto, muito recentemente.
A Física estudava os fenômenos da matéria que nos cerca.
A Astronomia estudava os "movimentos dos corpos celestes".
A Química tentava penetrai o mistério da estrutura e composição da matéria.
Essas três ciências físicas baseavam suas concepções da forma do mundo
inteiramente na Geometria de Euclides. O espaço geométrico era considerado um espaço
físico. Não havia nenhuma diferença entre eles, e o espaço era tido como separado da
matéria, assim como uma caixa e sua capacidade podem ser examinadas
independentemente de seu conteúdo.

O espaço era compreendido como uma "esfera infinita". Esta era determinada somente a partir do centro, isto é, de qualquer ponto, por três raios em ângulos retos recíprocos. E uma esfera infinita era encarada como totalmente semelhante, em todas as suas propriedades físicas, a uma esfera finita.

A questão da não-correspondência do espaço tridimensional (infinito ou finito) geométrico, isto é, euclidiano, por um lado, com o espaço físico por outro, só surgiu muito ocasionalmente, e não interferiu com o desenvolvimento da Física nas direções possíveis a ela.

Foi só quase no final do século XVIII e começos do XIX que a ideia dessa não-correspondência e a dúvida quanto à correção de identificar o espaço físico com o espaço geométrico se tomaram tão insistentes que não foi mais possível silenciar sobre elas.

Essa dúvida foi levantada, em primeiro lugar, pelas tentativas de uma reavaliação dos valores geométricos, isto é, provar os axiomas de Euclides, ou sua incorreção; e, em segundo lugar, pelo próprio desenvolvimento da Física, ou mais exatamente da mecânica, isto é, a parte da Física que trata do movimento, pois esse desenvolvimento levou à convicção de que o espaço físico não podia estar alojado no espaço geométrico e continuamente colocado além dele. O espaço geométrico só podia ser considerado como espaço físico, se se fechasse os olhos ao fato de que tudo está imóvel no espaço geométrico, de que ele não contém nenhum tempo necessário para o [310] movimento e de

que o cálculo de qualquer figura resultante do movimento, tal como uma hélice, por
exemplo, exige quatro coordenadas.
Mais tarde, o estudo dos fenômenos da luz, da eletricidade e do magnetismo, e
também o da estrutura do átomo precisaram de uma ampliação semelhante do conceito
de espaço.
Era duplo o resultado das especulações puramente geométricas, referentes à
correção ou incorreção dos axiomas de Euclides. Por um lado. surgiu a convicção de que
a Geometria era uma ciência puramente especulativa, que tratava exclusivamente de
princípios e estava absolutamente completa, não se podendo acrescentar nada a ela,
ovo Modelo do Universo
nem alterá-la; também uma ciência que não podia ser aplicada a todos os fatos com que
nos deparamos, que só é verdadeira em certas condições definidas, mas nessas
condições é perfeitamente confiável e insubstituível por qualquer outra coisa. Por outro
lado, surgiu um certo desapontamento com a Geometria de Euclides, e um desejo de
remodelá-la, reconstruí-la sobre novas bases, alargá-la, torná-la uma ciência física que
pudesse ser aplicada a todos os fatos que encontramos, sem a necessidade de organizar
esses fatos numa ordem artificial. A primeira idéia sobre a geometria estava certa; a
segunda, errada, mas pode-se dizer que essa segunda atitude triunfou na ciência e,
desse modo, retardou consideravelmente seu desenvolvimento. Mas voltarei a isso mais
adiante.

As idéias de Kant das categorias de espaço e tempo tomadas como categorias de
percepção e pensamento nunca entraram no pensamento científico, isto é, físico, a
despeito de certas tentativas posteriores de introduzi-las na Física. O pensamento
científico (físico) prosseguiu separado do pensamento filosófico e psicológico. E o
pensamento científico sempre encarou o tempo e o espaço como tendo uma existência
objetiva fora de nós. E, em virtude disso, sempre foi considerado possível expressar suas
relações matematicamente.
Mas o desenvolvimento da mecânica e de outros ramos da Física levou à
necessidade de reconhecer a quarta coordenada do espaço, além das três coordenadas
fundamentais: comprimento, largura e altura. E a idéia da quarta coordenada, ou da
quarta dimensão do espaço, se tornou aos poucos cada vez mais inevitável, embora
durante muito tempo continuasse sendo uma espécie de "tabu".
O material de construção de novas hipóteses sobre o espaço permaneceu nos
trabalhos dos matemáticos: Gauss, Lobatchevsky, Saccheri, Bolyai e sobretudo Riemann,
que. em meados dos século XIX, já considerava a questão da possibilidade de uma
compreensão totalmente nova do espaço. Não houve nenhuma tentativa séria de um
estudo psicológico do problema do espaço e do tempo. A idéia da quarta dimensão
permaneceu por muito tempo engavetada, e era vista pelos especialistas como

puramente matemática, e pelos não especialistas como mística ou oculta.

Mas, se partirmos do momento do aparecimento dessa idéia, no início do século

XIX, e fizermos um breve exame do desenvolvimento do pensamento científico, daquele

momento até os nossos dias, isso pode nos ajudar a compreender o curso que o

desenvolvimento posterior da idéia pode tomar. Ao mesmo tempo, podemos ver o que

essa idéia nos diz ou pode nos dizer com relação ao problema fundamental da forma do

mundo.

A questão primeira e essencial que se levanta nesse ponto é a da relação das

ciências físicas com a Matemática. Do ponto de vista comum, é considerado como fato

consumado que a Matemática estuda a relação de quantidades, no mesmo mundo [311] de

coisas e fenômenos que o estudado pelas ciências físicas. Seguem-se daí mais duas

proposições: primeiro, que toda proposição matemática deve ter um equivalente físico,

embora este possa ainda não ter sido descoberto no momento dado; e segundo, que todo

fenômeno físico pode ser expresso matematicamente.

Na verdade, nenhuma dessas proposições tem fundamento algum, e a sua

aceitação como axiomas detém o progresso do pensamento ao longo das próprias linhas

em que o progresso é mais necessário. Mas isso será tratado mais tarde.

Nas análises que se seguem, de todas as ciências físicas só examinaremos a Física

propriamente dita. E nesta teremos que prestar mais atenção, em primeiro lugar, à

mecânica, pois, desde cerca de meados do século XVIII, a mecânica assumiu uma posição predominante na Física; tanto que até bem recentemente se considerava tanto possível como provável encontrar um meio de interpretar todos os fenômenos físicos como fenômenos mecânicos, isto é, como fenômenos de movimento. Alguns cientistas

foram até muito mais longe nessa direção e, não contentes em admitir a possibilidade de encontrar um meio de interpretar os fenômenos físicos como fenômenos de movimento, afirmavam que esse meiojá fora encontrado e que ele explicava não só os fenômenos físicos, mas também os fenômenos da vida e do pensamento.

Atualmente encontramos, muitas vezes, uma divisão da Física em velha e nova, e, em suas linhas principais, pode-se aceitar essa divisão. Ela, no entanto, não deveria ser compreendida de maneira demasiadamente literal.

Agora tentarei fazer um exame sumário das idéias fundamentais da velha Física que levaram à necessidade de construir a "nova Física", que destruiu inesperadamente a velha; e então chegarei às idéias da nova Física que conduzem à possibilidade de edificar um "novo modelo do Universo", que destrói a nova Física assim como esta destruiu a velha.

A velha Física durou até a descoberta do elétron. Mas até mesmo este era concebido pela velha Física como algo que existia no mesmo mundo artificial, dirigido

pelas leis de Aristóteles e Newton, nas quais se estudavam os fenômenos visíveis; em
outras palavras, o elétron era aceito como algo que existia no mesmo mundo em que
existem nossos corpos e outros objetos comensuráveis a eles. Os físicos não
compreendiam que o elétron pertence a outro mundo.
A velha Física se baseava em certos fundamentos fixos. O espaço e o tempo da
velha Física possuíam propriedades muito definidas. Primeiro que tudo, eles podiam ser
examinados e calculados separadamente, isto é, o ser de uma coisa no espaço não
afetava ou tocava, de modo algum, seu ser no tempo. Depois, havia um espaço para tudo
que existe e tudo que ocorria nesse espaço. O tempo também era um só para tudo que
existe e era medido sempre, e para todas as coisas, por uma escala. Em outras palavras,
considerava-se possível medir com uma só medida todos os movimentos possíveis do
Universo.
A pedra angular da compreensão total das leis do Universo era o princípio de
Aristóteles referente à unidade das leis no Universo.
Pode-se formular este princípio, em seu significado moderno, assim: no Universo
inteiro, e sob todas as condições possíveis, as leis da Natureza devem ser idênticas;
noutros termos, uma lei que foi estabelecida num lugar do Universo deve manter-se válida
em qualquer outro lugar dele. Com base nisso, a ciência, ao estudar os fenômenos sobre
a Terra e no sistema solar, admitiu a existência dos mesmos fenômenos nos outros
planetas e em outros sistemas solares. [312]

Na realidade, esse princípio, atribuído a Aristóteles, sem dúvida nunca foi
compreendido por ele no sentido que adquiriu nos dias de hoje. O Universo de Aristóteles
diferia muito do Universo como o concebemos. O pensamento dos contemporâneos de
Aristóteles era muito diferente do pensamento das pessoas de nossa época. Muitos
princípios fundamentais e muitos pontos de partida do pensamento, que podemos aceitar
como firmemente estabelecidos, tinham que ser provados e estabelecidos por Aristóteles.
Este tentou instituir a unidade das leis como um protesto contra as superstições, a
magia e os milagres ingênuos, e assim por diante. Para compreender o "princípio de
Aristóteles". é necessário dar-se conta de que ele ainda teve que provar que, se os cães
em geral não podem falar na linguagem humana, então um cão em particular, digamos,
na ilha de Creta, também não pode falar; ou que, se as árvores em geral não podem
mover-se, então uma determinada árvore também não pode, *etc.*
É claro que tudo isso foi esquecido há muito tempo, e do princípio de Aristóteles
resulta hoje a idéia da permanência de todos os conceitos físicos, tais como movimento,
velocidade, força, energia, *etc.* Isso quer dizer que o que foi considerado uma vez como
movimento, permanece sempre movimento; o que foi visto uma vez como velocidade
ovo Modelo do Universo
continua sempre velocidade, transformando-se em "velocidade infinita".

Em seu significado primário, o "princípio de Aristóteles" é compreensível e necessário, e não é mais do que a lei da sequência geral de fenômenos, que pertence à lógica. Mas, em seu significado moderno, o "princípio de Aristóteles" está completamente errado.

Mesmo para a nova Física, o conceito de velocidade infinita, que é baseado exclusivamente no "princípio de Aristóteles", tornou-se impossível, e o "princípio de Aristóteles" deve ser completamente abandonado, antes que o planejamento de um novo modelo do Universo se torne possível. Voltarei mais tarde a esta questão.

Ao falar da Física, é antes de tudo necessário analisar a própria definição do assunto. De acordo com a definição dos manuais dessa ciência, a Física estuda "a matéria no espaço e os fenômenos que ocorrem nessa matéria".

E aqui nos encontramos imediatamente diante do fato de que a Física opera com quantidades não definidas e não conhecidas que, por conveniência (ou dificuldade de definição), são tidas como quantidades conhecidas, que até mesmo não exigem definição.

Distinguem-se formalmente na Física, em primeiro lugar, quantidades que exigem definição; e, em segundo lugar, quantidades "primárias", cuja idéia é considerada inerente a todas as pessoas. O prof. Chwolson, em seu Manual, (77) enumera como quantidades primárias:

Extensões - a extensão linear, a superfície e o volume, isto é, o comprimento de uma

linha reta, a área de uma porção de superfície e o volume de uma porção de espaço

limitado por superfícies; sendoaextensão a medida do tamanho e da distância. [313]

Tempo.

Velocidade do movimento retilíneo uniforme.

Evidentemente esses são só exemplos, e o prof. Chwolson não insiste na totalidade

da lista. Na realidade, a lista é muito longa; inclui espaço, infinito, matéria, movimento,

massa. *etc.* Numa palavra, praticamente todos os conceitos com os quais a Física opera

se referem a quantidades indefinidas e indefiníveis.

É claro que, num grande número de casos, é impossível evitar operar com

quantidades desconhecidas, mas se tornou um método "científico" tradicional não

reconhecer nada como desconhecido, e considerar as "quantidades" que escapam a uma

definição como "primárias", cuja idéia é inerente a todas as pessoas. O resultado natural

foi que todo o vasto edifício erguido com tremendo trabalho tornou-se artificial e irreal.

Na definição da Física citada acima, encontramos dois conceitos indefinidos: espaço

e matéria.

Já me referi ao espaço das páginas anteriores. Quanto à matéria, o prof. Chwolson

escreve (Manual de Física, Vol. I. Introdução):

"Ao objetivar a causa de uma sensação, isto é, ao transferir essa causa para um

lugar definido no espaço, concebemos esse espaço como se contivesse algo que

denominamos matéria ou substância." (pág. 2)

Mais adiante o prof. Chwolson diz:

"O emprego do termo "matéria" estava reservado exclusivamente à matéria capaz de
afetar mais ou menos diretamente nosso órgão do tato." (pág. 7)
Em seguida, a matéria é dividida em matéria orgânica (de que se compõem os

77 Como exemplo de manual de Física de que se podem extrair citações, o autor usou o Manual de Física (em russo), do prof. O. D.
Chwolson (5ª edição, em cinco volumes, Berlim, 1923). Este livro não 6 melhor nem pior do que qualquer outro manual de Física, e pode muito bem ser tomado como exemplo das opiniões e pontos de vista de um livro didático. Ê até melhor do que muitos outros livros devido à imparcialidade do prof. Chwolson com as novas teorias.

corpos vivos e as plantas) e matéria inorgânica.
Esse método de dividir em lugar de definir é aplicado na Física onde quer que seja
difícil ou impossível definir, isto é, em relação a todos os conceitos fundamentais. Mais
tarde nos encontraremos com frequência com esse fato.
Só as características externas determinam a diferença entre a matéria orgânica e a
inorgânica. Admite-se ser desconhecida a origem da matéria orgânica. A transição da
matéria inorgânica para a orgânica pode ser observada (alimentação, respiração), e
admite-se que tal transição só ocorre na presença e através da ação da matéria orgânica
já existente. O mistério da primeira transição permanece oculto (Chwolson).
Por outro lado, vemos que a matéria orgânica facilmente se transforma em matéria

inorgânica, e perde certas propriedades indefiníveis que chamamos vida.

Fizeram-se muitas tentativas para encarar a matéria orgânica como um caso

particular da inorgânica, e explicar todos os fenômenos que ocorrem na matéria orgânica

(a saber, os fenômenos da vida), como uma combinação de fenômenos físicos. Mas

essas tentativas, bem como as de criação artificial da matéria orgânica a partir da

inorgânica, não levaram a nada. nem puderam criar ou provar coisa alguma. Apesar

disso, deixaram uma impressão muito forte nas filosofias gerais da vida de tipo científico,

de cujo ponto de vista reconhe-se a "criação artificial da vida" não só como possível mas

já parcialmente alcançada. Os seguidores dessas filosofias consideram o próprio nome da

Química orgânica, isto é, da Química que estuda a matéria orgânica, como tendo um

significado meramente histórico, e a definem como a "Química dos compostos de

carbono", embora ao mesmo tempo não possam evitar admitir a posição especial da

Química dos compostos de carbono e sua diferença da Química inorgânica geral. [314]

A matéria orgânica está, por sua vez, dividida em matéria simples e composta (isso

se toma campo de estudo da Química). A matéria composta consiste no chamado

composto químico de diversas matérias simples. Cada matéria pode ser dividida em

partes muito pequenas, chamadas "partículas". Uma partícula é a menor quantidade de

determinada matéria ainda capaz de apresentar pelo menos as principais propriedades

dessa matéria. As divisões seguintes da matéria, molécula, átomo, elétron, são tão
pequenas que, tomadas separadamente, não possuem quaisquer propriedades materiais,
embora esse último fato nunca seja levado em conta de maneira suficiente.
De acordo com as idéias científicas mais recentes, a matéria inorgânica consiste de
92 elementos ou substâncias simples, embora nem todas elas tenham sido ainda
descobertas. Existe uma hipótese de que os átomos dos vários elementos nada mais são
que a combinação de um certo número de átomos de hidrogênio que, neste caso, é
considerada a matéria fundamental ou primária. Há várias teorias relacionadas com a
possibilidade ou impossibilidade da mudança de um elemento em outro. E, em alguns
casos, essa mudança foi estabelecida, o que contraria, ainda uma vez, o "princípio de
Aristóteles".
A matéria orgânica, ou "compostos de carbono", consiste realmente em quatro
elementos: hidrogênio, oxigênio, carbono e nitrogênio, com uma insignificante mistura de
outros elementos.
A matéria possui muitas propriedades, como massa, volume, densidade, etc., que.
na maior parte dos casos, só são definíveis numa relação recíproca.
Reconhece-se que a temperatura de um corpo depende do movimento das
moléculas. Estas são consideradas em perpétuo movimento; como define a Física, elas
estão constantemente colidindo e se dispersando em todas as direções e se reunindo de

novo. Quanto maior o movimento, maiores os choques da sua colisão, e mais elevada a
temperatura (movimento browniano).
Se isso fosse verdadeiramente possível, significaria aproximadamente que, por
πάντα ῥεῖ
ovo Modelo do Universo
exemplo, várias centenas de carros, movendo-se rapidamente em diferentes direções
numa praça ampla de uma grande cidade, se chocariam reciprocamente cada minuto e se
dispersariam em várias direções, permanecendo intactos.
É muito curioso que um filme cinematográfico em movimento acelerado produza tal
ilusão. Os objetos em movimento perdem sua individualidade e parecem colidir e voar em
diferentes direções ou se atravessarem mutuamente. (78)
A Física não explica como é possível que corpos materiais dotados de massa, peso
e uma estrutura muito complicada, e movendo-se a grande velocidade, colidam e se
dispersem sem se quebrarem nem se destruírem.
Uma das conquistas mais importantes da Física foi o estabelecimento do princípio
de conservação da matéria. Ele consiste no reconhecimento do fato de que a matéria, em
nenhuma condição física ou química, jamais é criada novamente, nem desaparece. Sua
quantidade total permanece constante. Ao princípio de conservação da matéria estão
ligados os princípios, estabelecidos mais tarde, da conservação da energia e o da
conservação da massa. [315]
Mecânica é o nome que se dá à ciência do movimento dos corpos físicos e das

causas de que pode depender o caráter desse movimento em vários casos particulares
(Chwolson).
Mas, assim como no caso de todos os outros conceitos físicos, o movimento não é
definido pela Física. Ela só estabelece as propriedades do movimento — duração,
velocidade e direção no espaço, sem as quais um fenômeno não pode ser chamado
movimento.
A divisão, e às vezes a definição dessas propriedades, substitui a definição do
próprio movimento, e as características estabelecidas das propriedades do movimento
são atribuídas ao próprio movimento. Desse modo, o movimento é dividido em retilíneo e
curvilíneo, contínuo e descontínuo, acelerado e retardado, uniforme e variável.
O estabelecimento do princípio da relatividade do movimento conduziu a toda uma
série de conclusões. Surgiu a pergunta: se o movimento de um ponto material só pode ser
determinado por sua posição em relação a outros corpos ou pontos, como então
determinar o movimento, se os outros corpos ou pontos também se movem? E essa
questão se tomou especialmente complicada quando se constatou, não de maneira
apenas filosófica, no sentido de
, mas de maneira inteiramente científica, com
cálculos e diagramas, que nada é imóvel no Universo, que tudo sem exceção se move de
uma forma ou outra, e que um movimento só pode ser estabelecido relativamente a outro.
Mas, ao mesmo tempo, houve exemplos comprovados de aparenta imobilidade no

movimento. Desse modo, verificou-se que as partes isoladas componentes de um sistema
de corpos em movimento uniforme mantêm a mesma posição recíproca, como se o
sistema estivesse imóvel. Assim, as coisas dentro de um vagão de trem que se move
rapidamente se comportam exatamente do mesmo modo como se o vagão estivesse
parado. E, no caso de dois ou mais sistemas de corpos em movimento, por exemplo no
caso de dois trens correndo sobre trilhos diferentes na mesma direção ou em direções
diferentes, determinou-se que sua velocidade relativa é igual à diferença entre suas
velocidades respectivas, ou à sua soma, conforme a direção do movimento. Portanto, dois
trens que se aproximam um do outro se aproximarão com uma velocidade igual à soma
de suas respectivas velocidades. Para um trem que esteja alcançando outro, o segundo
correrá numa direção oposta à sua própria com uma velocidade igual à diferença entre as
velocidades respectivas dos dois trens. O que chamamos geralmente velocidade de um
trem é aquela que atribuímos a ele, ao observá-lo durante sua passagem entre dois

78 O autor viu uma vez uma película cinematográfica com movimento acelerado da Praça da Concórdia, com os automóveis correndo de todas as diíeções e para todas as direções. E a impressão era exatamente como se os carros colidissem violentamente entre si a cada momento e se afastassem voando, permanecendo sempre na praça e nunca saindo dela.

objetos que estão imóveis em relação a ele, por exemplo, entre duas estações, *etc.*

O estudo do movimento em geral, e dos movimentos vibratório e ondulatório em particular, exerceu uma enorme influência no desenvolvimento da Física. Os movimentos ondulatórios começaram a ser encarados como um princípio universal, e foram feitas muitas tentativas para converter todos os fenômenos físicos em movimentos vibratórios.

Um dos métodos fundamentais da Física era a medição das quantidades.

Esta baseava-se em certos princípios, dos quais o mais importante era o princípio da homogeneidade, a saber, quantidades que se ajustavam à mesma definição, e diferiam entre si apenas quantitativamente, eram chamadas homogéneas e considerava-se possível compará-las e medir uma em relação à outra. Quanto às quantidades [316] que diferiam em definição, considsrava-se impossível medi-las uma em relação à outra.

Infelizmente, como já foi mostrado, havia muito poucas definições de quantidades na Física, e, portanto, as definições eram geralmente substituídas por suas denominações.

Mas, como erros de denominação podiam sempre ocorrer, e quantidades qualitativamente diferentes podiam ser nomeadas de maneira semelhante, enquanto outras qualitativamente idênticas podiam receber nomes diferentes, as medidas físicas não eram confiáveis. E principalmente porque aqui, novamente, sentia-se o princípio de

Aristóteies, isto é, uma quantidade, uma vez reconhecida como de certa ordem,
continuaria sempre uma quantidade daquela ordem. As diferentes formas de energia se
convertiam uma na outra, a matéria passava de um estado para outro, mas o espaço (ou
uma parte do espaço) continuava sempre espaço, o tempo permanecia sempre tempo, o
movimento se conservava sempre movimento, a velocidade era sempre velocidade, e
assim por diante.
Por esse motivo, concordou-se em considerar como incomensuráveis só aquelas
quantidades que eram qualitativamente diferentes. As quantidades que apenas diferiam
quantitativamente eram consideradas comensuráveis.
Prosseguindo com o tema da medição de quantidades, é necessário assinalar que
as unidades de medida usadas na Física são inteiramente arbitrárias e não têm nenhuma
relação com as quantidades que são medidas. Todas as unidades de medida só têm uma
coisa em comum: são sempre tomadas emprestadas de algum outro lugar. Não há um só
caso em que uma característica de uma dada quantidade seja, ela própria, tomada como
medida.
A artificialidade das medidas na Física nunca foi certamente um segredo, e da
constatação dessa artificialidade seguiram-se as tentativas de estabelecer, por exemplo, a
medida do comprimento como uma parte do meridiano. Naturalmente essas tentativas
não alteram nada, e as partes do corpo humano, uma "vara" ou um "pé", tomadas como

unidades de medida, ou um "metro", isto é, uma parte do meridiano, são igualmente
arbitrários. Na realidade, as coisas têm em si mesmas sua própria medida. E encontrar as
medidas das coisas é compreender o mundo. Os físicos têm pensado nisso vagamente,
embora nunca tenham conseguido sequer se aproximar dessas medidas.
O prof. Planck, em 1900 (isso pertence realmente à nova Física), construiu um
sistema de "unidades absolutas", tomando como base as "constantes universais", a saber:
primeiro, a velocidade da luz no vácuo; segundo, a unidade constante de gravitação;
terceiro, uma quantidade constante que desempenha um papel importante na
termodinâmica (energia dividida pela temperatura); e quarto, uma quantidade constante
que é chamada "ação" (energia multiplicada pelo tempo) e é a menor quantidade possível
de ação, ou seu átomo.
Usando essas quantidades. Planck obtém um sistema de unidades que considera
absoluta e inteiramente independente de qualquer escolha arbitrária do homem, e que
ovo Modelo do Universo
considera como natural.
Planck afirma que essas quantidades conservarão seu significado natural enquanto
as leis de gravitação universal e de propagação da luz no vácuo, e os dois princípios
fundamentais da termodinâmica permanecerem inalterados; elas serão sempre [317] as
mesmas, quaisquer que sejam os seres inteligentes e os métodos pelos quais sejam
determinadas.

Mas as leis de gravitação universal e de propagação da luz no vácuo são os dois
pontos mais fracos na Física, porque, na realidade, não são aquilo por que são tomados.
E, portanto, todo o sistema de medidas de Planck é muito pouco confíável. O que é
interessante nele não é o resultado, mas apenas o princípio, isto é, o reconhecimento da
necessidade de encontrar as medidas naturais das coisas. A determinação real de
unidades absolutas de medida se encontra além do novo modelo do Universo.

A lei de gravitação universal foi estabelecida porNewtonem seu livro Philosophiae
naturalis principia mathematica, que foi publicado em Londres em 1687. Essa lei recebeu
duas formulações logo desde o princípio: uma científica, outra popular.
A científica é a seguinte:
Observam-se fenômenos entre dois corpos no espaço, que podem ser descritos
presumindo-se que os dois corpos se atraiam mutuamente com uma força diretamente
proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da
distância que os separa.
E a popular é:
Dois corpos se atraem mutuamente com uma força diretamente proporcional ao
produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância que os
separa.
Nessa segunda formulação, esquece-se inteiramente o fato de que a força de

atração é uma quantidade meramente fictícia, aceita apenas para uma descrição
conveniente dos fenômenos. E considera-se que a força de atração existe realmente,
tanto entre o Sol e a Terra quanto entre a Terra e uma pedra que cai.
(79) O prof. Chwolson
escreve em seu Manual de Física: (80)

"O enorme desenvolvimento da mecânica celeste, totalmente baseado na lei de
gravitação universal tomada como um fato, fez com que os cientistas esquecessem o
caráter exclusivamente descritivo dessa lei e vissem neia a formulação final de um
fenômeno físico realmente existente."

O que é importante na lei de Newton é que ela dá uma formulação matemática muito
simples, que pode ser aplicada ao Universo inteiro, e sobre cuja base é possível calcular,
com extraordinária precisão, todos os movimentos, sobretudo os dos corpos celestes.
Newton, sem dúvida, nunca estabeleceu como um fato que os corpos sejam realmente
atraídos um pelo outro, nem por que eles são atraídos ou através da mediação de que.
Como o Sol pode influenciar o movimento da Terra através do espaço vazio? Como
em geral é possível conceber a ação através do espaço vazio? A lei de gravitação não dá
uma resposta a essa pergunta, e o próprio Newton estava perfeitamente cônscio desse
fato. Tanto ele quanto seus contemporâneos, Huygens e Leibnitz, advertiram

precisamente contra as tentativas de ver nessa lei a solução do problema da [318] ação

79 A mais recente teoria eletromagnética das campos gravitacionais dogmatiza o segundo ponto de vista.

80 Vol. I, pág. 182.

através do espaço vazio, e a consideraram simplesmente como uma forma de cálculo.

Apesar disso, as extraordinárias conquistas da Física e da Astronomia, alcançadas

através da aplicação da lei de Newton, levaram os cientistas a esquecer essa advertência,

e estabeleceu-se pouco a pouco a opinião de que Newton descobrira a força de atração.

O prof. Chwolson escreve, no seu Manual de Física (Vol. I, págs. 181, 182, 183):

"A expressão adio in distans, isto é, 'ação à distância', designa uma das doutrinas

mais prejudiciais que jamais predominaram na Física e que atrasaram seu progresso;

essa doutrina admitia a possibilidade de ação imediata de um objeto sobre outro a certa

distância dele, a uma distância suficientemente grande para tornar impossível um contato

direto entre os dois.

Na primeira metade do século XIX, a idéia da ação à distância imperou na ciência.

Fara-day foi o primeiro a assinalar a impossibilidade de admitir que um corpo, sem

mediação, estimulasse forcas e produzisse movimento num ponto em que esse corpo não

está situado. Deixando de lado a questão da gravitação universal, ele voltou

particularmente a atenção paia os fenômenos magnéticos e elétricos e indicou o papel
extraordinariamente importante representado nesses fenômenos pelo meio interveniente,
que preenche o espaço entre os corpos, que parecem atuar uns sobre os outros sem
mediação. ...
Atualmente, a convicção de que a ação à distância não seria aceita em nenhum
domínio dos fenômenos físicos obteve reconhecimento geral."

Mas a velha Física só pôde abandonar a ação à distância depois de ter aceito a
hipótese de meio universal, ou éter. A aceitação dessa hipótese era necessária
igualmente para as teorias dos fenômenos luminosos e elétricos, como erarn
compreendidos pela velha Física.
No século XVIII, os fenômenos luminosos eram explicados peia hipótese da
emissão, exposta por Newton em 1704. Essa hipótese admitia que os corpos luminosos
emitem, em todas as direções, minúsculas partículas de uma substância luminosa
especial, que atravessam o espaço com extraordinária velocidade e, penetrando no olho,
produzem nele a impressão de luz. Nessa hipótese, Newton desenvolveu as idéias dos
antigos. Em Platão encontramos frequentemente a expressão "a iuz encheu meus olhos".
Mais tarde, principalmente no século XIX, quando a atenção dos pesquisadores
estava dirigida para os resultados dos fenômenos luminosos que não podiam ser

explicados pela hipótese da emissão, outra hipótese obteve amplo reconhecimento, isto é,
a das vibrações ondulatórias no éter. Esta foi apresentada pela primeira vez pelo físico
holandês Huygens, em 1690, mas durante muito tempo não foi aceita pela ciência.
Posteriormente, as investigações dos fenômenos de difração pesaram decididamente na
balança em favor da hipótese das ondas luminosas, contra a hipótese da emissão; e o
trabalho subsequente dos físicos, sobretudo a respeito da polarização da luz, ganhou por
algum tempo o reconhecimento geral para essa hipótese.
Nesta, os fenômenos luminosos são explicados como análogos aos fenômenos
sonoros. Assim como o som resulta da vibração de partículas do corpo sonoro e se
propaga através da vibração de partículas do ar ou de algum outro meio elástico, também,
segundo essa hipótese, a luz resulta da vibração de partículas de moléculas do corpo
luminoso e se propaga por meio de vibrações num éter extraordinariamente elástico, que
preenche não só o espaço interestelar, como o espaço intermolecular. [319]
Durante o século XIX, a teoria das vibrações se tornou pouco a pouco a base de
toda a Física. A eletricidade, o magnetismo, o calor, a luz, e até a vida e o pensamento
(de maneira exclusivamente dialética, é verdade), eram explicados pela teoria das
ovo Modelo do Universo
vibrações. E não se pode negar que, no caso dos fenômenos luminosos e eletromagnéticos, a teoria das vibrações forneceu fórmulas de cálculo notavelmente adequadas

e simples. Realizou-se toda uma série de descobertas e invenções notáveis com base na
teoria das vibrações.
Mas essa teoria exigia o éter. Este foi criado, como uma hipótese, para explicar
fenômenos muito heterogêneos, e foi, portanto, dotado de propriedades estranhas e
contraditórias. Ele é onipresente, enche o Universo inteiro, penetra em todos os seus
pontos, nos átomos e no espaço interatômico. É contínuo, possui perfeita elasticidade. No
entanto, é tão rarefeito, fino e permeável que todos os corpos terrestres e celestes
passam através dele sem encontrar nenhuma resistência perceptível a seu movimento.
Sua rarefação é tão grande que, se fosse condensado em forma líquida, sua massa total,
dentro dos limites do sistema da Via Láctea, podiaser contida em um centímetro cúbico.
Ao mesmo tempo, Sir Oliver Lodge considera a densidade do éter aproximadamente
um bilhão de vezes maior que a densidade da água. Desse último ponto de vista, o
mundo demonstra ser composto de uma substância sólida - o "éter" — que é mflhões de
vezes mais densa que o diamante; e a matéria, mesmo a mais densa que conhecemos, é
simplesmente espaço vazio, uma bolha na massa do éter.
Foram feitas muitas tentativas para provar a existência do éter ou descobrir fatos
que confirmassem sua existência.
Desse modo, reconheceu-se que a existência do éter seria estabelecida, se se
provasse uma vez que um raio de luz, movendo-se mais rapidamente que outro, muda de
caráter de alguma forma.

É fato conhecido que a intensidade de um som sobe ou desce conforme o ouvinte se
aproxima ou se afasta dele (princípio de Doppler). Teoricamente, esse princípio era
considerado aplicável à luz. Isso teria significado que uma aproximação ou afastamento
rápido de um objeto mudaria sua cor (como o som do apito de uma máquina muda de
intensidade, se nos aproximamos ou nos afastamos dela). Mas, devido à estrutura do olho
e à velocidade de sua percepção, era impossível esperar que o olho percebesse a
mudança de cor, mesmo se tal mudança ocorresse de fato.
Para estabelecer o fato da mudança de cor, foi necessário recorrer ao
espectroscópio, isto é, decompor um raio de luz e observar separadamente cada cor do
espectro.
Essas experiências não deram nenhum resultado positivo, e não foi possível
comprovar a existência do éter por meio delas.
Para resolver, de uma vez por todas, a questão da existência ou não do éter, os
cientistas americanos Michelson e Morley, em meados da década de oitenta do século
passado, começaram toda uma série de experiências, auxiliados por um aparelho
especial inventado por eles mesmos. (81)
O aparelho estava montado sobre uma base de pedra fixada sobre uma bóia de
madeira que gimra num tanque cheio de mercúrio, e fazia uma revolução completa [320]
em seis minutos. Um raio de luz de uma lâmpada especial caía sobre espelhos presos à

bóia giratória e uma parte passava através deles e outra era refletida, metade na direção
do movimento da Terra e a outra metade em ângulos retos com a primeira. Isso significa
que, de acordo com o plano da experiência, metade do raio movia-se com a velocidade
normal daluz e, a outra metade, com a velocidade da luz mais a velocidade de rotação da
Terra. Na união do raio dividido, teriam aparecido, de acordo com o plano da experiência,
certos fenômenos luminosos resultantes da diferença de velocidade, e mostrando o
movimento relativo entre a Terra e o éter, isto é, provando indiretamente a existência do

81 Para a descrição detalhada da experiência de Michelson e Morley, ver o American Journal of Science (Terceira série), 1887, Vol. 34, págs. 333 e ss.

éter.

Foram feitas observações durante um longo período, em todas as horas do dia e da
noite, e nada foi descoberto.

Do ponto de vista do problema originai, foi necessário reconhecer que a experiência
falhou. Mas revelou outro fenômeno, possivelmente muito mais significativo do que o que
ela tentou estabelecer. Foi o fato de que a velocidade do raio luminoso não pode ser
aumentada. Movendo-se com a Terra, ele não diferia de modo algum do raio luminoso
que se movia em ângulos retos com relação à direção do movimento da Terra em sua
órbita.

Foi necessário reconhecer como uma lei que a velocidade do raio luminoso é uma

quantidade constante e limitada, que não pode ser aumentada. E isso, por sua vez,
explicou por que o princípio de Doppler era inaplicável aos fenômenos luminosos. Ao
mesmo tempo, estabeleceu o fato de que a lei geral da composição de velocidades, que
era a base da mecânica, não podia ser aplicada à velocidade da luz.
Em seu livro sobre a relatividade, Einstein explica que, se imaginarmos um trem
movendo-se à velocidade de 30 quilômetros por segundo, isto é, com a velocidade do
movimento da Terra, e um raio luminoso alcançando-o ou encontrando-o, a composição
de velocidades será impossível nesse caso. A velocidade da luz não aumentará pelo
acréscimo a ela da velocidade do trem, e não diminuirá pela subtração dela da velocidade
do trem.
Estabeleceu-se, ao mesmo tempo, que não há nenhum instrumento ou meio de
observação que possa interceptar um raio em movimento. Em outras palavras, nunca é
possível captar o final de um raio que ainda não atingiu seu destino. Em teoria, podemos
falar de raios que ainda não atingiram um certo ponto, mas. na prática, não podemos
observar esses raios. Consequentemente, para nós. com nossos meios de observação, a
propagação da luz é virtualmente instantânea.
Ao mesmo tempo, os físicos que analisaram os resultados da experiência de
Michelson-Morley explicaram seu fracasso pela presença de fenômenos novos e
desconhecidos, resultantes das grandes velocidades.

As primeiras tentativas para resolver esse problema foram feitas por Lorentz e
Fitzgerald. A experiência podia não ter sucesso, foi a formulação de Lorentz para suas
proposições, pois todo o corpo que se move por si mesmo no éter sofre uma deformação,
a saber, para um observador em repouso ele se contrai na direção do movimento.
Baseando seus raciocínios nas leis fundamentais da mecânica e da Física, ele mostrou,
por meio de uma série de construções matemáticas, que a aparelhagem de Michelson-Morley sofreu necessariamente uma contração, e que a magnitude da contração foi
exatamente suficiente para contrabalançar o deslocamento das ondas luminosas em
consequência de sua direcão no espaço, e, desse modo, anular os resultados da
diferença na velocidade dos dois raios. [321]
As conclusões de Lorentz quanto à presumida contração de um corpo em
movimento deram lugar, por sua vez, a muitas explicações, e uma destas foi exposta a
partir do ponto de vista do princípio de relatividade especial de Einstein.
Mas isso pertence à nova Física.
A velha Física estava relacionada indissoluvelmente com a teoria das vibrações.
A nova teoria, que chegou para substituir a teoria mecânica das vibrações, era a da
estrutura atômica da luz e da eletricidade, consideradas como matérias compostas de
quanta, que existiam independentemente.
A nova doutrina, diz o prof. Chwolson, (82) parece ser uma volta à teoria da emissão

82 Vol. I, pág. 9.

ovo Modelo do Universo
de Newton. embora consideravelmente alterada. Essa nova doutrina está longe de ser
completa. E sua parte mais importante, o próprio quantum, ainda permanece não definida.
O que um quantum é não pode ser definido pela nova Física.
A teoria da estrutura atômica da luz e da eletricidade alterou completamente a idéia
dos fenômenos elétricos e luminosos. A ciência deixou de ver a causa fundamental dos
fenômenos elétricos em estados particulares do éter, e voltou à velha doutrina que admitia
que a eletricidade fosse uma espécie de substância com existência real.
Com a luz aconteceu a mesma coisa. De acordo com as teorias modernas, a luz é
uma corrente de partículas minúsculas caminhando através do espaço à velocidade de
300.000 quilômetros por segundo. Não são os corpúsculos de Newton, mas um tipo
especial de matéria-energia, formada por vórtices eletromagnéticos.
A materialidade da corrente luminosa foi estabelecida pelas experiências do prof.
Lebedeff, de Moscou. Ele provou que a luz tem peso, quer dizer, quando ela cai sobre os
corpos, produz sobre eles uma pressão mecânica. É característico que, no começo de
suas experiências para determinar o peso da luz, o prof. Lebedeff baseou-se na teoria das
vibrações do éter. Isso mostra como a velha Física se contradizia.
A descoberta do prof. Lebedeff foi muito importante para a Astronomia; ela

explicava, por exemplo, certos fenômenos que tinham sido observados na passagem da
cauda de um cometa perto do Sol. Era, porém, importante sobretudo para a Física, pois
proporcionava uma confirmação ulterior da unidade da estrutura da energia radiante.
A impossibilidade de provar a existência do éter, a determinação da velocidade
limitada e constante da luz. as novas teorias da luz e da eletricidade e, acima de tudo, o
estudo da estrutura do átomo, indicaram os rumos mais interessantes do desenvolvimento
da nova Física.
Outra parte da nova Física desenvolveu-se dessa sua formação particular que foi
denominada Física matemática. De acordo com a definição dada a ela, a Física
matemática parte comumente de algum fato confirmado pela experiência e que expressa
certa conexão regular entre os fenômenos. Ela envolveu essa conexão numa forma
matemática e posteriormente se transformou, por assim dizer, quase em Matemática
pura. e começou a elaborar, exclusivamente por meio da análise matemática, aquelas
consequências que se seguiram à proposição básica (Chwolson).
Presume-se, desse modo, que o sucesso ou insucesso das conclusões da Física
matemática podiam depender de três fatores: em primeiro lugar, da correção da definição
do fato fundamental; em segundo, da correção de sua expressão matemática, e em
terceiro, da correção da análise matemática posterior. [322]

"Houve uma época em que a importância da Física matemática foi muito exagerada,
escreve o prof. Chwolson (vol. I, pág. 13).

"Esperava-se que fosse precisamente a Física matemática que propiciaria a direção
principal do desenvolvimento da Física como ciência. Isso, porém, está completamente
errado. Nas deduções da Física matemática há um grande número de defeitos essenciais.
Em primeiro lugar, em quase todos os casos, é só à primeira aproximação grosseira que
elas correspondem aos resultados da observação direta. Isso é devido ao fato de que as
premissas da Física matemática só podem ser consideradas suficientemente exalas
dentro dos mais estreitos limites; essas premissas, além disso, geralmente não levam em
consideração toda uma série de circunstâncias colaterais, cuja influência fora desses
limites estreitos não pode ser desprezada. Portanto, as deduções da Física matemática
correspondem a casos ideais, que não podem ser compreendidos praticamente e estão
muitas vezes afastados da realidade."

ovo Modelo do Universo
E mais adiante:

"Dever-se-ia acrescentar que os métodos da Física matemática dificilmente tornam
possível resolver quaisquer problemas especiais, fora dos casos mais simples,
especialmente na medida em que se referem à forma do corpo. Mas a Física prática não

pode se limitar a esses casos, e é colocada continuamente diante de problemas que a
Física matemática é incapaz de resolver. Além disso, os resultados das deduções da
Física matemática são muitas vezes tão complicados que sua aplicação prática se revela
impossível."

Além disso, dever-se-ia mencionai ainda outra propriedade muito característica da
Física matemática, ou seja, que, de modo gerai, suas deduções não podem ser
formuladas de outro modo a não ser matematicamente, e perdem todo o significado e
importância se se tenta interpretá-las na linguagem dos fatos.
A nova Física, que se desenvolveu a partir da Física matemática, possui muitas das
propriedades desta última.
A teoria da relatividade de Einstein é um capítulo separado da nova Física, que se
desenvolveu a partir da Física matemática. É errado identificá-la com a nova Física, como
é feito por alguns seguidores de Einstein. A nova Física pode existir sem a teoria da
relatividade. Mas para nós, do ponto de vista da construção de um modelo do Universo, a
teoria da relatividade é do maior interesse, porque trata, antes de qualquer outra coisa, da
questão fundamental da forma do mundo.
Há uma vasta literatura dedicada à exposição, explicação, popularização, crítica e
elaboração dos princípios de Einstein, mas, devido à estreita relação entre a teoria da
relatividade e a Física matemática, as deduções desta teoria são difíceis de se formular

logicamente. E temos que aceitar o fato de que nem o próprio Einstein, nem qualquer dos
seus numerosos seguidores e intérpretes conseguiram explicar o significado e a essência
de suas teorias de maneira clara e compreensível.
Uma das principais razões desse fato é assinalada por Bertrand Russell em seu
popular livro, O A B C da Relatividade. Ele escreve que o nome de "teoria da relatividade"
confunde as pessoas, e que se atribui geralmente a Einstein uma tendência a provar que
tudo é relativo, embora na realidade ele se empenhe em descobrir e estabelecer aquilo
que não é relativo. E seria ainda mais correto dizer que Einstein tenta determinar a
relação entre o que é relativo e o que não é.
Em seguida o prof. Chwolson escreve sobre a teoria da relatividade, em seu Manual
de Física (vol. V, pág. 350): [323]

"O lugar mais importante, na teoria da relatividade de Einstein, é ocupado por uma
concepção do tempo perfeitamente nova e, à primeira vista, incompreensivelmente
estranha. São necessários muito esforço e um trabalho prolongado sobre si mesmo para
acostumar-se com ela. Mas é infinitamente mais difícil aceitar as numerosas
consequências que resultam do principio da relatividade e afetarrt sem exccção todos os
ramos da Física. Muitas dessas consequências contradizem evidentemente o que é
chamado habitualmente, embora muitas vezes sem motivo adequado, "senso comum".
Algumas delas podem ser chamadas paradoxos da nova doutrina."

As idéias de Einstein sobre o tempo podem ser formuladas da seguinte maneira:

Cada um de dois sistemas, que se movem relativamente um ao outro, tem de fato

ovo Modelo do Universo

seu próprio tempo, percebido e medido por um observador que se move de acordo com o

sistema determinado.

O conceito de simultaneidade não existe no sentido geral. Dois acontecimentos que

se passam em lugares diferentes podem parecer simultâneos a um observador que esteja

num ponto, conquanto para um observador noutro ponto possam ocorrer em tempos

diferentes. É possível que, para o primeiro observador, o mesmo fenômeno possa se dar

mais cedo, e para o segundo, mais tarde (Chwolson).

Logo depois, o prof. Chwolson selectona as seguintes idéias de Einstein:

O éter não existe.

O conceito de espaço, tomado isoladamente, não tem significado algum. Só a

coexistência de espaço e tempo faz a realidade.

A energia possui uma massa inerte. A energia é um análogo da matéria, e é possível

a transformação do que chamamos a massa da matéria ponderável na massa da energia,

e vice-versa.

É necessário distinguir a forma geométrica de um corpo de sua forma cinética.

A última idéia indica uma relação definida entre a teoria de Einstein e a suposição de

Fitzgeiald e Lorentz quanto à contração longitudinal dos corpos em movimento. Einstein

aceita essa suposição, embora diga que se baseie em outros princípios, diferentes dos de
Fitzgeraid e Lorentz, isto é, no princípio especial da relatividade. Ao mesmo tempo, a
teoria da contração longitudinal dos corpos, deduzida não a partir dos fatos, mas das
transformações de Lorentz, tomou-se a base necessária da teoria da relatividade.
Utilizando exclusivamente as transformações de Lorentz, Einstein afirma que uma
barra rígida, movendo-se na diíeção do seu comprimento, é mais curta que a mesma em
estado de repouso, e, quanto mais rapidamente a barra se move, menor se torna. Uma
barra que se movesse com a velocidade da luz perderia sua terceira dimensão. Tornar—
se-ia uma secção transversal de si mesma.
O próprio Lorentz afirmava que um elétron desaparecia realmente quando se movia
à velocidade da luz.
Essas afirmações não podem ser comprovadas, já que as contrações, mesmo que
realmente se dêem, são muito insignificantes em todas as velocidades possíveis. Um
corpo que se move com a velocidade da Terra, isto é, 30 quilômetros por segundo, deve,
de acordo com os cálculos de Lorentz, sofrer uma contração de 1/200.000 de seu
comprimento; isto é, um corpo com 200 metros de comprimento se contrairia 1 milímetro.
Além disso, é interessante notar que a suposição quanto à contração de um corpo
que se move contradiz radicalmente o princípio estabelecido pela nova Física do [324]
incremento da energia e da massa do corpo em movimento. Esse último principio é

perfeitamente correto, embora não tenha sido elaborado.

Como veremos depois, esse princípio, em seu pleno significado, que ainda não tinha

sido revelado na nova Física, é uma das bases do novo modelo do Universo.

Passando à própria exposição de Einstein de sua teoria fundamental, vemos que ela

consiste de dois "princípios de relatividade", o "princípio especial" e o "princípio geral".

Supõe-se que o "princípio especial da relatividade" estabelece a possibilidade de

examinar, juntos e sobre a base de uma lei geral, fatos da relatividade geral do

movimento que parecem contraditórios do ponto de vista comum; ou, mais precisamente,

o fato de que todas as velocidades são relativas e de que ao mesmo tempo a velocidade

da luz é não-relativa, limitativa e "máxima". Einstein encontra uma saída para a

dificuldade criada por tudo isso. em primeiro lugar pela compreensão do próprio tempo, de

$\sqrt{-1}.ct$

ovo Modelo do Universo

acordo com a fórmula de Minkovsky, como uma quantidade imaginária que resulta da

relação de uma dada velocidade com a velocidade da luz; em segundo lugar, fazendo

toda uma série de suposições completamente arbitrárias na linha que delimita a Física da

Geometria; e em terceiro, substituindo as investigações diretas dos fenômenos físicos e

as observações de suas correlações, por operações puramente matemáticas com as

transformações de Lorentz, cujos resultados mostram, em sua opinião, as leis que
governam os fenômenos físicos.
O "princípio geral da relatividade" é introduzido onde se toma necessário, para fazer
com que a idéia da infinidade do espaco-tempo concorde com as leis da densidade da
matéria e as de gravitação no espaço acessível à observação.
Para sintetizar, os princípios de relatividade "especial" e "geral" são necessários
para estabelecer a concordância entre as teorias contraditórias na linha limítrofe entre a
velha e a nova Física.
A tendência fundamental de Einstein é encarar a Matemática, a Geometria e a Física
como um todo.
O princípio é, sem dúvida, totalmente correio; as três deviam constituir uma só. Mas
"deviam constituir" não significa que elas constituam de fato.
A confusão entre esses dois conceitos é a principal falha das teorias da relatividade.
Einstein escreve em seu livro A teoria da relatividade:

"O espaço é um continuum tridimensional. ... Do mesmo modo, o mundo dos
fenômenos físicos, que era chamado resumidamente "mundo" por Minkovsky, é
naturalmente tetradimensional no sentido do espaço-tempo. Pois ele é composto de
acontecimentos individuais, cada um dos quais é descrito por quatro números, a saber,
três coordenadas espaciais e uma coordenada temporal. ...

Que não estivéssemos acostumados a ver o mundo nesse sentido de um continuam
tetradimensional, deve-se ao fato de que na Física, antes do advento da teoria da
relatividade, o tempo representava um papel diferente e mais independente, comparado
às coordenadas espaciais. E por essa razão que nos habituamos a tratar o tempo como
um continuam independente. Na realidade, de acordo com a Mecânica clássica, o tempo
é absoluto, isto é. é independente da posição e da condição do movimento do sistema de
coordenadas. ...
O modo tetradimensional de considerar o 'mundo' é natural na teoria da relatividade,
já que, de acordo com ela, o tempo é desprovido de sua independência.
.....
[325]
Mas a descoberta de Minkovsky, que foi importante para o desenvolvimento formal
da teoria da relatividade, não está aqui. Deve ser encontrada principalmente no fato de
seu reconhecimento de que o continuam espacial-temporal tetradimensional da teoria da
relatividade, nas suas propriedades formais mais essenciais, mostra uma relação
pronunciada com o continuam tridimensional do espaço geométrico euclidiano. Para dar a
devida importância a essa relação, porém, devemos substituir a coordenada temporal
habitual t por uma magnitude imaginária
proporcional a ela. Nessas condições, as
leis naturais que satisfazem às exigências da teoria (especial) da relatividade assumem

formas matemáticas, nas quais as coordenadas temporais desempenham exatamente o
mesmo papel que as três coordenadas espaciais. Essas quatro coordenadas
correspondem formalmente, de maneira exata, às coordenadas espaciais na geometria
$\sqrt{-1}.ct$
$\sqrt{-1}$
ovo Modelo do Universo
euclidiana." (83)

A fórmula
significa que o tempo de cada acontecimento é tornado não
simplesmente por si mesmo, mas como uma quantidade imaginária em relação à
velocidade da luz, isto é, que um conceito puramente físico é introduzido na suposta
expressão "meta geométrica".
A duração do tempo t é multiplicada pela velocidade da luz c e pela raiz quadrada de
menos um,
, que, sem mudar a magnitude, torna-a uma quantidade imaginária.
Isso é bem claro. Mas o que é necessário observar, em relação à passagem citada
acima, é que Einstein vê o "mundo" de Minkovsky como um desenvolvimento da teoria da
relatividade, enquanto na realidade o princípio especial da relatividade está construído
sobre a teoria de Minkovsky. Se supusermos que a teoria de Minkovsky deriva do
princípio da relatividade, então novamente, tal como no caso da teoria de Fitzgerald e

Lorentz relativa à contração longitudinal dos corpos em movimento, fica incompreensível
sobre que base está realmente construído o principio da relatividade.
De qualquer modo, a construção do princípio da relatividade exige um material
especialmente preparado.
Bem no começo de seu livro, Einsíein escreve que, para fazer com que certas
deduções, a partir da observação dos fenômenos físicos, concordem entre si, é preciso
revisar certos conceitos geométricos. "Geometria" quer dizer "medida da terra", escreve ele. (84) "Tanto a matemática como a geometria devem sua origem à necessidade de saber
algo das propriedades das coisas reais." Baseado nisso, Einstein considera possível
"complementar a geometria", isto é, substituir por exemplo o conceito de linhas retas pelo
de barras rígidas. Estas estão sujeitas a mudanças sob a influência da temperatura, da
pressão, etc.; podem se expandir e se contrair. Tudo isso deve naturalmente alterar muito
a "geometria".

"A geometria que foi complementada desse modo é, evidentemente, uma ciência
natural, diz Einstein, e deve ser tratada como um ramo da Física.
Atribuo uma importância especial ao ponto de vista da geometria exposto aqui,
porque sem ele teria sido impossível construir a teoria da relatividade.
.....
"A geometria euclidiana deve ser abandonada." (85) [326]

O ponto importante que se segue na teoria de Einstein é sua justificação do método
matemático que ele aplica.
"A experiência levou à convicção, diz ele, de que, por um lado, o princípio da
relatividade (no sentido restrito) (86) mantém-se verdadeiro, e de que, por outro lado, a
velocidade da transmissão da luz no vácuo tem que ser considerada como uma
constante." (Relatividade, pág. 42.)

De acordo com Einstein, a combinação dessas duas proposições completa a lei de
transformações para as quatro coordenadas que determinara o lugar e o tempo de um
acontecimento.

83 A. Einstein, Relativity, the Special and General Theory, traduzido por R. W. Lawson, 4ª edição, Methuen &. Co., Londres, págs.
55,56 e 57.
84 Da natureza física do espaço.
85 Ibid.
86 Isto é, o princípio da relatividade das velocidades na mecânica clássica.
ovo Modelo do Universo
Ele descreve:

"Toda lei geral da Natureza deve ser constituída de tal modo que seja transformada
numa lei exatamente da mesma forma, quando, em lugar das variáveis de espaço-tempo
do sistema de coordenadas original, introduzimos novas variáveis de espaço-tempo de
outro sistema de coordenadas. Nessa conexão, a relação matemática entre as

magnitudes de primeira e de segunda ordem é dada pela transformação de Lorentz. Ou,
em resumo: as Leis Gerais da Natureza são co-variantes com respeito às transformações
de Lorentz." (Pág. 42.)

A afirmativa de Einstein de que as leis da Natureza são co-variantes com as
transformações de Lorentz é a ilustração mais clara de sua posição. Partindo desse
ponto, ele considera possível atribuir aos fenômenos as mudanças que encontra nas
transformações. Esse é precisamente o método da Física matemática que foi condenado
há muito tempo, e é mencionado pelo prof. Chwolson na passagem citada acima.
Em A teoria da relatividade há um capítulo com o título de "A experiência e a teoria
especial da relatividade."

"Até que ponto a teoria especial da relatividade está apoiada na experiência? Essa
pergunta não é respondida facilmente, escreve Einstein.
.....
A teoria especial da relatividade resultou da teoria dos fenômenos eletromagnéticos
de Maxwell-Lorentz. Desse modo, todos os fatos de experiência que apoiam a teoria
eletromagnética também sustentam a teoria da relatividade." (Pág. 49.)

Einstein sente com muita acuidade a necessidade de fatos para estabelecer suas
teorias sobre uma base firme. Mas só obtém resultado, quando encontra esses fatos

relacionados com quantidades invisíveis — elétrons e iontes.

Ele escreve:

"A mecânica clássica precisou ser modificada antes que pudesse emparelhar com
as exigências da teoria especial da relatividade. Na parte mais importante, porém, essa
modificação só afeta as leis dos movimentos rápidos, nos quais as velocidades da matéria
não são muito pequenas em comparação com a velocidade da luz. Só temos experiência
desses movimentos rápidos no caso dos elétrons e iontes; para outros movimentos, as
variações das leis da mecânica clássica são pequenas demais para torná-las evidentes
na prática." (Pág. 44.)

Passando para a teoria geral da relatividade, Einstein escreve:

"O principio clássico da relatividade, referente ao espaço tridimensional com a
coordenada de tempo t (uma quantidade real), é violado pelo fato da velocidade constante
da luz." [327]

Mas este é violado pela curvatura de um raio luminoso nos campos gravitacionais.

Isso exige uma nova teoria da relatividade e um espaço, determinado pelas coordenadas
gaussianas, aplicável aos continua não-euclidianos.

ovo Modelo do Universo

As coordenadas gaussianas diferem das cartesianas porque podem ser aplicadas a
qualquer tipo de espaço, independentemente das propriedades dele. Elas se adaptam

automaticamente a qualquer espaço, enquanto as coordenadas cartesianas exigem um
espaço de propriedades definidas especiais, isto é, o espaço geométrico.
Continuando a comparai as teorias especial e geral da relatividade, Einstein diz:

"A teoria especial da relatividade refere-se aos domínios em que não existe nenhum
campo gravitacional. Nesse sentido, um corpo rígido no estado de movimento serve como
um corpo de referência, isto é, um corpo rígido cujo estado de movimento é escolhido de
tal modo que a proposição do movimento retilíneo uniforme de pontos materiais "isolados"
se mantém em relação com ele." (Pag. 98.)

Para tomar claros os princípios da teoria geral da relatividade, Einstein toma o
domínio espaço-tempo como um disco em rotação uniforme em volta de seu centro sobre
seu próprio plano. Um observador colocado sobre o disco vê o disco como se estivesse
"em repouso". Vê a força que atua sobre ele mesmo, e em geral sobre todos os corpos
que estão em repouso em relação ao disco, como a ação do campo gravitacional.
O observador realiza experiências em seu disco circular com relógios e barras de
medir. Ao fazer isso, é sua intenção chegar a definições exatas para o significado dos
dados de tempo e espaço com referência ao disco circular.

"Para começar, coloca-se um de dois relógios construídos identicamente no centro

do disco circular, e o outro na borda do disco, de modo que estejam em repouso
relativamente ao disco. (Pag. 80.)
.....
"Desse modo, sobre nosso disco circulai, ou, para tornar o exemplo mais geral, em
cada campo gravitacional, um relógio andará mais ou menos rapidamente, de acordo com
a posição em que se encontre (em repouso). Por esse motivo, não é possível obter uma
definição razoável do tempo com a ajuda de relógios que estão colocados cm repouso em
relação ao corpo de referência. Uma dificuldade semelhante se apresenta quando
tentamos aplicar nossas definições anteriores de simultaneidade a esse exemplo. (Pag.
81.)
.....
A definição das coordenadas de espaço também apresenta dificuldades
insuperáveis. Sc o observador (movendo-se com o disco) aplica sua barra padrão de
medir (uma barra que é curta em comparação com os raios do disco) tangencialmente à
borda do disco, então, [—] o comprimento dessa barra será menor, já que os corpos em
movimento sofrem um encurtamento nadireção do movimento. Por outio lado, a barra de
medir não sofrerá uma diminuição do comprimento, se for aplicada ao disco na direção
dos raios. (Pag. 81.)
.....
"Por essa razão, usam-se corpos de referencia não-rígidos (elásticos) que estão em
geral não só se movendo em qualquer direção, mas que também sofrem alterações na

forma ad lib, durante seu movimento. Os relógios, para os quais a lei do movimento e" de
qualquer espécie, conquanto irregulares, servem pira a definição do tempo. Temos que
imaginar cada um desses relógios fixo num ponto sobre um corpo de referência não-rígido
(elástico). Esses relógios só satisfazem a uma única condição, a de que as 'leituras' que
são observadas simultaneamente nos relógios adjacentes (no espaço) diferem umas das
ovo Modelo do Universo
outras por umi quantidade infinitamente pequena. Esse corpo de referência não-rígido
(elástico), que podia ser chamado apropriadamente 'molusco de referência', é
fundamentalmente equivalente a um sistema de coordenadas tetradimensional gaussiano
escolhido [328] arbitrariamente. O que dá ao "molusco" uma certa inteligibilidade
comparado com o sistema de coordenadas de Gauss é a retenção formal (realmente
injustificada) da existência separada das coordenadas de espaço em oposição à
coordenada de tempo. Cada ponto do molusco é tratado como um ponto especial, e cada
ponto material que está em repouso em relação a ele, como em repouso, enquanto o
molusco for considerado como corpo de referência. O princípio geral da relatividade exige
que todos esses moluscos possam ser usados como corpos de referência, com igual
direito e resultado igual na formulação das leis gerais da Natureza; as próprias leis devem
ser completamente independentes da escolha dos moluscos." (Pag. 99.)

A respeito da pergunta fundamental quanto à forma do mundo, Einstein escreve:

"Se refletirmos sobre a questão de como o Universo, considerado como um todo,
deve ser encarado, a primeira resposta que se apresenta é certamente esta: no que diz
respeito ao espaço (e ao tempo) o Universo é infinito. Há estrelas em toda parte, de modo
que a densidade da matéria, embora muito variável em detalhe, é no entanto, em média,
a mesma, em toda pane. Em outras palavras: por mais longe que possamos viajar através
do espaço, encontraremos em toda parte um enxame atenuado de estreias fixas,
aproximadamente do mesmo tipo e densidade. (Pag. 105.)
"Esse ponto de vista não está em harmonia com a teoria de Newton. Esta última
exige de preferência que o Universo tenha uma espécie de centro no qual a densidade
das estrelas seja um máximo, e que à medida que prossigamos afastando-nos desse
centro, a densidade-conjunto das estrelas diminua, até que finalmente, a grandes
distâncias, seja seguido por uma infinita região de vazio. O universo estelar devia ser uma
ilha finita no oceano infinito do espaço. (Págs. 105,106.)
"A razão pela qual um universo sem limites é impossível é que, de acordo com a
teoria de Newton, a intensidade do campo gravitacional na superfície de uma esfera cheia
de matéria, mesmo que esta seja de densidade muito pequena, aumentaria com o
aumento dos raios da esfera, e se tornaria finalmente infinita, o que é impossível. (Pag.

106.)

"O desenvolvimento da Geometria não-euclidiana levou ao reconhecimento do fato de que podemos pôr em dúvida a infinidade do nosso espaço, sem entrar em conflito com as leis do pensamento ou com a experiência." (Pag. 108.)

Ao admitira possibilidade de semelhantes conclusões, Einstein descreve o mundo de seres bidimensionais numa superfície esférica.

"Em contraste com o nosso, o universo desses seres é bidimensional; mas, como o nosso, ele se estende até o infinito." (Pag. 108.)

Essa superfície do mundo de seres bidimensionais constituiria o "espaço" para eles.

Esse espaço possuiria propriedades muito estranhas. Se os seres de uma superfície esférica tivessem que traçar círculos em seu "espaço", isto é, na superfície de sua esfera, esses círculos aumentariam até um certo limite e então começariam a diminuir.

ovo Modelo do Universo

"O universo desses seres é finito e, no entanto, não tem limites." (Pag. 109.)

Einstein chega à conclusão de que os seres de uma superfície esférica poderiam determinar que vivem numa esfera, e poderiam até encontrar o raio dessa esfera, se pudessem examinar uma parte suficientemente grande da superfície.

"Mas se essa parte for na verdade muito pequena, eles não poderão mais
demonstrar que estão num 'mundo' esférico e não num plano euclidiano, porque uma
parte pequena de uma superfície esférica só difere ligeiramente de um pedaço de um
plano do mesmo tamanho. (Pag. 110.) [329]
"Desse modo, se os seres da superfície esférica vivem num planeta cujo sistema
solar só ocupa uma pequena parte, insignificante, do universo esférico, eles não têm
meios de determinar se estão vivendo num universo finito ou infinito, porque o 'pedaço do
universo' ao qual têm acesso é, em ambos os casos, praticamente plano, ou euclidiano.
(Pag. 110.)
.....
"Há uma analogia tridimensional com essa esfera-universo bidimensional, a saber, o
espaço esférico tridimensional descobeno por Riemann. Seus pontos são todos
igualmente equivalentes. Ele possui um voiume finito que é determinado por seu 'raio'.
(Pag. 111.)
"Vê-se facilmente que o espaço esférico tridimensional é absolutamente análogo à
superfície esférica bidimensional. Ele é finito (isto é, de volume finito) e não tem limites.
(Pag. 112.)
"Pode-se dizer que há ainda outro tipo de espaço curvo, o 'espaço elíptico'. Ele pode
ser considerado como um espaço curvo no qual as duas "contrapartes" são idênticas...
Um universo elíptico pode, desse modo, ser considerado ale certo ponto como um

universo curvo que possui uma simetria central. (Pag. 112.)

"Deduz-se do que foi dito que se pode conceber espaços fechados sem limites.

Dentre esses, o espaço esférico (e o elíptico) sobressai por sua simplicidade, já que todos

os pontos nele são equivalentes. Como resultado desse exame, surge uma pergunta

extraordinariamente interessante para os astrónomos e físicos, e é se o Universo em que

vivemos é infinito ou finito, à maneira do universo esférico. Nossa experiência está longe

de ser suficiente para nos permitir responder a essa pergunta. Mas a teoria geral da

relatividade nos permite respondê-la com um grau moderado de certeza, e, nesse sentido,

a dificuldade mencionada antes (do ponto de vista da teoria de Newton) encontra sua

solução." (Pag. 112.)

A estrutura do espaço, de acordo com a teoria geral da relatividade, difere da que é

geralmente reconhecida.

"De acordo com z teoria geral da relatividade, as propriedades geométricas do

espaço não são independentes, mas determinadas pela matéria. De modo que só

podemos tirar conclusões sobre a estrutura geométrica do Universo, se basearmos

nossas considerações no estado da matéria como algo que é conhecido. Sabemos por

experiência que... as velocidades das estrelas são pequenas em comparação com a

velocidade de transmissão da luz. Podemos assim, numa aproximação grosseira, chegar

a uma conclusão quanto à natureza do Universo como um todo, se considerarmos a
matéria como estando em repouso. (Pag. 113.)
ovo Modelo do Universo
.....
"Podemos imaginar que, no que respeita à geometria, nosso Universo se comporta
de maneira análoga a uma superfície irregularmente curva em suas partes individuais,
mas que em nenhum lugar se afasta apreciavelmente de um plano: algo como a
superfície ondulada de um lago. Tal universo podia convenientemente ser chamado
quase-euclidiano. No que diz respeito a seu espaço, ele seria infinito. Mas o cálculo
demonstra que, num universo quase-euclidiano, a densidade média da matéria seria
necessariamente nula. De modo que um universo como esse não poderia ser ocupado
por matéria em toda pane: ele nos apresentaria um quadro insatisfatório. (Pag. 114.)
"Se devemos ter no Universo uma densidade média de matéria diferente de zero.
por menor que seja essa diferença, então o Universo não pode ser quase-euclidiano. Pelo
contrário, os resultados do cálculo indicam que, se a matéria fosse distribuída de maneira
uniforme, o Universo seria necessariamente esférico (ou elíptico). Como. na realidade, a
distribuição detalhada da matéria não é uniforme, o Universo real se desviará da forma
esférica em partes individuais, isto é, ele será quase esférico. Mas será necessariamente
finito. Na realidade, a teoria nos fornece uma conexão simples entre a extensão do

espaço do universo e a densidade média de matéria nele." (Pag. 114.)

A última proposição é tratada de maneira algo diferente por A. S. Eddington, no livro
Space, Time and Gravitation. [330]
"Depois da massa e da energia, M uma quantidade física, conhecida como Ação, (87)
que desempenha um papel muito fundamental na Física moderna. Ação aqui é um termo
muito técnico, e não deve ser confundido com a 'Ação e Reação' de Newton. Na teoria da
relatividade, em particular, essa parece ser, em muitos aspectos, a coisa mais
fundamental de todas. Não é difícil ver a razão. Se queremos falar da matéria contínua,
presente em qualquer ponto particular do espaço e do tempo, devemos usar o termo
densidade. A densidade multiplicada pelo volume no espaço nos dá a massa, ou o que
parece ser a mesma coisa, z energia. Mas, do nosso ponto de vista de espaço-tempo,
uma coisa muito mais importante é a densidade multiplicada por um volume de espaço e
tempo tetradimensional; isso é ação. A multiplicação por três dimensões dá a massa ou a
energia; e a quarta multiplicação dá a massa ou a energia multiplicada pelo tempo. A
ação é, portanto, a massa multiplicada pelo tempo, ou a energia multiplicada pelo tempo,
e é mais fundamental que ambas.
"A ação é a curvatura do mundo. Quase não é possível imaginar essa declaração,
porque nossa noção da curvatura deriva das superfícies de duas dimensões num espaço

tridimensional, e isso dá uma idéia limitada demais das possibilidades de uma superfície
tetradimensional num espaço de cinco ou mais dimensões. Em duas dimensões há
apenas uma curvatura total e, se esta desaparece, a superfície é plana ou, pelo menos,
pode ser desdobrada em um piano.
.....
"Onde há matéria, há ação e, portanto, curvatura: e é interessante notar que, na
matéria ordinária, a curvatura do mundo espaço-temporal não é de nenhum modo
insignificante. Por exemplo, na água de densidade comum, a curvatura é a mesma que no
espaço em forma de uma esfera de raios com 570.000.000 de quilômetros. O resultado é
ainda mais surpreendente se for expresso em unidades de tempo: o raio equivale a cerca
de meia hora.
"É difícil figurar completamente o que isso significa; mas podemos pelo menos
predizer que um globo de água com um raio de 570.000.000 km teria propriedades
extraordinárias. Presumivelmente deve haver um limite superior para o tamanho possível

87 A ação é determinada como a energia multiplicada pelo tempo (Chwolson).
ovo Modelo do Universo
de um globo de água. Até onde eu posso imaginar, uma massa de água homogénea com
esse tamanho aproximado (e não maior) podia existir. Ela não teria centro, nem limites;
cada ponto dela estaria na mesma posição, em relação à massa total, que qualquer outro

ponto dela, como pontos na superfície de uma esfera em relação à superfície. Qualquer
raio de luz, depois de viajar por uma ou duas horas, voltaria ao ponto de partida. Nada
podia entrar ou sair da massa, porque não há limites para entrar ou sair: de fato, ela é
coextensiva com o espaço. Não podia haver nenhum outro mundo em nenhum outro
lugar, porque não há 'nenhum outro lugar'." (Págs. 147,148.)

Uma exposição das teorias da nova Física que ficam à parte da "relatividade"
tomaria demasiado espaço. O estudo da estrutura da luz e da eletricidade, o estudo do
átomo (as teorias de Bohr) e especialmente o do elétron (a teoria do quantum) levam a
Física através de caminhos inteiramente certos, e, se ela conseguisse realmente se
libertar dos impedimentos mencionados acima, que detêm o seu progresso, e também
das teorias do relativismo desnecessariamente paradoxais, descobriria algum dia que
sabe muito mais sobre a verdadeira natureza das coisas do que podia supor.

VELHA FÍSICA

Concepção geométrica do espaço, isto é, consideração do espaço separado do
tempo. Concepção do espaço como vazio, no qual pode ou não haver "corpos".
Um tempo para tudo que existe. Tempo mensurável por uma escala.
Princípio de Aristóteles da constância e unidade das leis em todo o Universo, e,

como dedução desse princípio, confiança na imutabilidade dos fenômenos reconhecidos.

[331]

Compreensão elementar da medida, da mensurabilidade e da incomensurabilidade.

Medidas tomadas paia todas as coisas a partir do exterior.

Reconhecimento de uma série completa de conceitos, difíceis de definir, tais como

tempo, velocidade, etc., como conceitos primários que não exigem definição.

Lei de gravitação ou atração, e extensão dessa lei aos fenômenos de queda (peso).

"Universo de esferas voadoras", tanto no espaço celeste quanto no interior do

átomo.

Teorias das vibrações, movimentos ondulatórios, *etc.*

Tendência a interpretar todos os fenômenos da energia radiante por vibrações

ondulatórias.

Necessidade da hipótese do "éter" numa forma ou noutra. Éter como substância da

maior densidade, e "éter" como substância da maior rarefação.

NOVA FÍSICA

Tentativas de fugir do espaço tridimensional por meio da Matemática e da

Metageometria. Quatro coordenadas.

Estudo da estrutura da matéria e da energia radiante. Estudo do átomo. Descoberta

ovo Modelo do Universo

dos elétrons.

Reconhecimento da velocidade da luz como velocidade limite. Velocidade da luz

como uma constante universal.

Definição da quarta coordenada em relação com a velocidade da luz. Tempo como
quantidade imaginária. Minkovsky. Reconhecimento da necessidade de tomar o tempo
junto com o espaço. O continuum espaço-tempo tetradimensional.
Novas idéias em mecânica. Reconhecimento da possível incorrecão do princípio de
conservação da energia. Reconhecimento da possível transformação da matéria em
energia e vice-versa.
Tentativas de construir sistemas de unidades absolutas de medida.
Estabelecimento do fato do peso da luz e da materialidade da eletricidade.
Princípio do aumento da energia e da massa do corpo em movimento.
Princípios especial e geral da relatividade, e a idéia da necessidade do espaço finito
em relação com as leis de gravitação e distribuição da matéria no Universo.
Curvatura do conrinuum espaço-tempo. Universo ilimitado mas finito, cujas medidas
são determinadas pela densidade da matéria que o constitui. Espaço esférico ou elíptico.
Espaço "elástico".
Novas teorias da estrutura do átomo. Estudo do elétron. Teoria do quantum. Estudo
da estrutura da energia radiante.
II
Agora, tendo examinado os aspectos principais tanto da "velha" quanto da "nova"
Física, podemos perguntar-nos se, com base no material que possuímos, é possível
prever a direção que tomará o desenvolvimento futuro do conhecimento físico, e se é

possível construir, a partir dessas previsões, um modelo do Universo cujas [332] partes
isoladas não se contradigam nem se destruam mutuamente. A resposta será que não
haveria dificuldade de construir esse modelo, ou de qualquer modo seria inteiramente
possível, se tivéssemos à nossa disposição todas as medidas necessárias do Universo
acessível a nós. Surge uma nova pergunta: "Temos todas as medidas necessárias?" E a
resposta deve ser, sem dúvida: "Não, não temos." Nossas medidas do Universo são
inadequadas e incompletas. Num universo tridimensional "geométrico" isso é muito claro;
o mundo não pode se ajustar a um espaço de três coordenadas. Coisas demais são
deixadas fora, coisas que não podem ser medidas. Isso também é igualmente claro no
universo "metageométrico" de quatro coordenadas. O mundo, com toda a sua variedade
de fenômenos, não se ajusta ao espaço tetradimensional, não importa como
consideremos a quarta coordenada, se como uma quantidade análoga às três primeiras
ou como uma quantidade imaginária determinável relativamente à última velocidade física
encontrada, isto é, à velocidade da luz.
A prova da artificialidade do mundo tetradimensional na nova Física está. antes de
tudo, na extrema complexidade de sua construção, que exige um espaço curvo. É
perfeitamente claro que essa curvatura do espaço indica a presença nele de ainda outra
ou outras dimensões.
O universo de quatro coordenadas é tão insatisfatório quanto o de três coordenadas.

E, para sermos mais exatos, podemos dizer que não possuímos todas as medidas
necessárias para a construção de urn modelo do Universo, porque nem as três
coordenadas da velha Física, nem as quatro da nova são suficientes para a descrição de
toda a variedade de fenômenos no Universo; ou, em outras palavras, porque não temos
dimensões bastantes.
Imaginemos que alguém construa um modelo de casa tendo apenas o chão, uma
ovo Modelo do Universo
parede e o telhado. Esse será um modelo correspondente a um modelo tridimensional do
Universo. Dará uma impressão geral da casa, mas só com a condição de que tanto o
próprio modelo quanto o observador permaneçam imóveis. O menor movimento destruirá
a ilusão geral.
O modelo tetradimensional do Universo da nova Física é o mesmo modelo, apenas
arrumado de tal modo que gire, voltando sua frente sempre para o observador. Isso pode
prolongar a ilusão por algum tempo, mas só com a condição de que não haja mais que
um só observador. Duas pessoas, observando esse modelo de lados diferentes, verão
imediatamente em que consiste o truque..
Antes de tentar tornar claro, sem quaisquer analogias, o que significa realmente
dizer que o Universo não se ajusta ao espaço tridimensional ou tetradimensional, e antes
de tentar descobrir que número de coordenadas determina realmente o Universo, devo
eliminar um dos mal-entendidos mais essenciais que existem em relação às dimensões.

Quer dizer, devo repetir que, a partir da Matemática, não há nenhuma abordagem ao
estudo das dimensões do espaço ou espaço-tempo. E estão muito enganados os
matemáticos que afirmam que todo o problema da quarta dimensão na Filosofia, na
Psicologia, no misticismo, etc., surgiu porque "uma vez alguém ouviu por acaso uma
conversa entre dois matemáticos sobre assuntos que só eles podiam compreender", quer
voluntária ou involuntariamente esse assunto seja mais bem compreendido por eles.
A Matematica se separa fácil e simplesmente da física tridimensional e da geometria
euclidiana, porque ela, de fato. na"o pertence absolutamente às duas. [333]
É inteiramente errado pensar que todas as relações matemáticas devam ter
significados físicos ou geométricos. Ao contrário, só uma parte muito pequena da
Matemática, e a mais elementar, tem uma relação permanente com a Geometria e a
Física, e só umas poucas quantidades geométricas e físicas podem ter expressão
matemática permanente.
É necessário compreender exatamente que as dimensões não podem ser expressas
matematicamente, e que, por conseguinte, a matemática não pode servir como
instrumento para a investigação dos problemas de espaço e tempo. Só as medidas que
se encontrem dentro de coordenadas previamente estabelecidas podem ser expressas
matematicamente. Pode-se dizer, por exemplo, que um objeto tem 5 metros de

comprimento. 10 de largura e 15 de altura. Mas não se pode expressar a diferença real

entre o comprimento, a largura e a altura', matematicamente são equivalentes. A

Matemática não percebe as dimensões como a Geometria e a Física. A Matemática não

pode perceber a diferença entre um ponto, uma linha, uma superfície e um sólido. O

ponto, a linha, a superfície e o sólido só podem ser expressos matematicamente por meio

de potências, quer dizer, simplesmente para fins de designações: a, uma linha; a2, uma

superfície; a3, um sólido. Mas o fato é que as mesmas designações serviriam também

para segmentos de uma linha de diferentes comprimentos: a, 10 metros; a2, 100

metros;a3, 1.000 metros.

A artificialidade da designação das dimensões por potências se torna perfeitamente

clara se raciocinamos do seguinte modo:

Admitimos que a é uma linha, a2 é um quadrado, a3 é um cubo, a4 é um corpo de

quatro dimensões; a5 e a6, como veremos depois, podem ser explicados. Mas o que

significará a25, ou a125, ou c:1000? Uma vez que permitimos que as dimensões

correspondam a potências, significará que as potências realmente expressam as
dimensões. Por conseguinte, o número de dimensões deve ser o mesmo que o número
de potências. Isso seria um absurdo evidente, como a limitação do Universo em relação
ao número de dimensões é inteiramente evidente, e ninguém afirmaria seriamente a
possibilidade de um número infinito ou mesmo grande de dimensões.

ovo Modelo do Universo

Tendo estabelecido esse ponto, podemos notar, uma vez mais, embora já devesse
estar muito claro, que três coordenadas não são suficientes para a descrição do Universo,
pois tal universo não conteria nenhum movimento ou, para dizer de outro modo, cada
movimento observável destruiria imediatamente o Universo.

A quarta coordenada leva em consideração o tempo. O espaço não é mais
considerado separadamente. O espaço-tempo tetradimensional permite o movimento.

Mas o movimento por si mesmo é um fenômeno muito complexo. Logo à primeira
abordagem do movimento, nos deparamos com um fato interessante. O movimento tem.
em si mesmo, três dimensões claramente expressas: duração, velocidade e "direção".

Mas essa direção não se encontra no espaço euclidiano, como era admitido pela velha
Física; é uma direção de antes para depois, que para nós nunca muda e nunca
desaparece.

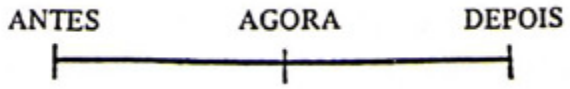
O tempo é a medida do movimento. Se representarmos o tempo por uma linha,

então a única linha que satisfará todas as exigências do tempo será uma espiral. Uma
espiral é uma "linha tridimensional", por assim dizer, isto é, uma linha que precisa de três
coordenadas para sua construção e designação.
A tridimensionalidade do tempo é completamente análoga à do espaço. Não
medimos o espaço por meio de cubos, medimos linearmente em diferentes direções, [334]
e fazemos exatamente o mesmo com o tempo, embora no tempo só possamos medir
duas das três coordenadas, a saber, a duração e a velocidade; a direção do tempo para
nós não é uma quantidade, mas uma condição absoluta. Outra diferença é que, a respeito
do espaço, nos damos conta de que estamos lidando com um continuum tridimensional,
enquanto, em relação ao tempo, não nos damos conta disso. Mas, como já foi dito, se
tentarmos unir as três coordenadas do tempo em um todo, obteremos uma espiral.
Isso explica, de imediato, por que a "quarta coordenada" é insuficiente para
descrever o tempo. Embora se admita que seja uma linha curva, sua curvatura
permanece indefinida. Só três coordenadas, ou a "linha tridimensional", isto é, a espiral,
dá uma descrição adequada do tempo.
A tridimensionalidade do tempo explica muitos fenômenos que permaneceram até
agora incompreensíveis, e toma desnecessária a. maior parte das hipóteses e suposições
elaboradas que têm sido indispensáveis nas tentativas de comprimir o Universo nos
limites de um continuum tri ou mesmo tetradimensional.

Isso também explica o fracasso do relativismo em dar uma forma compreensível a
suas explicações. A excessiva complexidade em qualquer construção é sempre o
resultado de algo que foi omitido ou considerado erradamente desde o início. A causa da
complexidade, neste caso, se encontra na impossibilidade mencionada acima de
comprimir o Universo nos limites de um continuum tridimensional ou tetradimensional. Se
tentamos encarar o espaço tridimensional como bidimensional, e explicar todos os
fenômenos físicos como ocorrendo numa superfície, precisaremos de vários "princípios de
relatividade" a mais.

As três dimensões do tempo podem ser encaradas como a continuação das
dimensões do espaço, isto é, como a "quarta", a "quinta" e a "sexta" dimensões do espaço. Um espaço "hexadimensional" é sem dúvida um "continuum euclidiano", mas de
propriedades e formas totalmente incompreensíveis para nós. A forma hexadimensional
de um corpo é inconcebível para nós, e se pudéssemos apreendê-la com nossos
sentidos, nós a veríamos e perceberíamos sem dúvida alguma como tridimensional. A
tridimensionalidade é uma função dos nossos sentidos. O tempo é o limite dos nossos
sentidos. O espaço hexadimensional é a realidade, o mundo tal como é. Só percebemos
essa realidade através do corte dos nossos sentidos, tato e visão, e a definimos como
espaço tridimensional, atribuindo a ela propriedades euclidianas. Todo corpo

hexadimensional se torna para nós um corpo tridimensional existente no tempo, e as



ovo Modelo do Universo

propriedades da quinta e da sexta dimensões permanecem imperceptíveis para nós.

As seis dimensões constituem um "período", além do qual não pode haver nada,

exceto a repetição do mesmo período numa escala diferente. O período de dimensões

está limitado, por um lado, pelo ponto, e, por outro, pelo infinito do espaço multiplicado

pelo infinito do tempo, que era representado no antigo simbolismo por dois triângulos

cruzados, ou por uma estrela de seis pontas.

Assim como. no espaço, uma dimensão, uma linha, ou duas dimensões, uma

superfície, não podem existir por si mesmas, e, quando tomadas separadamente, não são

nada além de figuras imaginárias, enquanto o sólido existe realmente, também no tempo

só um sólido do tempo tridimensional existe realmente.

Apesar do fato de que a contagem de dimensões na Geometria começa com a linha,

na verdade, no sentido físico real, só o ponto material e o sólido são objetos que existem.

As linhas e as superfícies são simplesmente aspectos e propriedades de [335] um sólido.

Elas também podem ser encaradas de outro modo: uma linha, como o caminho do

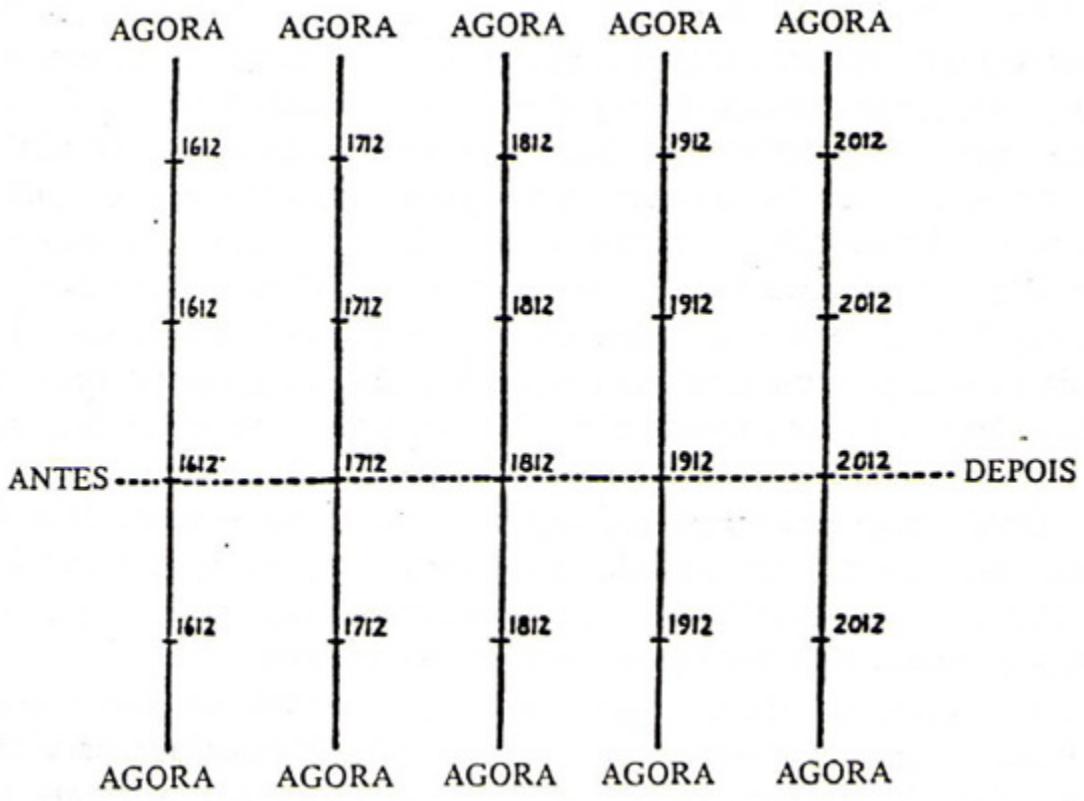
movimento de um ponto no espaço, e uma superfície, como o caminho do movimento de

uma linha ao longo da direção perpendicular a ela (ou sua rotação).

O mesmo pode ser aplicado ao sólido do tempo. Nele, só o ponto (o momento) e o
sólido são reais. O momento pode mudar, isto é, pode se contrair e desaparecer ou se
expandir e se tornar um sólido. O sólido também pode se contrair e se tornar um ponto,
ou se expandir e se tornar um infinito.
O número de dimensões não pode ser nem infinito nem muito grande; ele não pode
ser mais que seis. A razão disso está na propriedade da sexta dimensão que contém em
si todas as possibilidades da escala dada.
Para compreender isso é preciso examinar o conteúdo das três dimensões do tempo
tomadas em seu sentido de "espaço", isto é, como a quarta, a quinta e a sexta dimensões
do espaço.
Se considerarmos um corpo tridimensional como um ponto, a linha da existência ou
movimento desse ponto será uma linha da quarta dimensão.
Tomemos a linha do tempo como em geral a concebemos.

Fig.8

A linha determinada pelos três pontos "antes", "agora", "depois" é uma linha da quarta dimensão.
Imaginemos várias linhas perpendiculares a essa, antes-agora-depois. Essas linhas,
cada uma das quais designa o agora num dado momento, expressarão a existência
perpétua de momentos passados e possivelmente futuros.



ovo Modelo do Universo

Fig. 9

Cada uma dessas linhas perpendiculares é o perpétuo agora para algum momento e

todo momento tem essa linha de perpétuo agora.

Isso é a quinta dimensão. [336]

A quinta dimensão forma uma superfície em relação à linha do tempo.

Tudo que conhecemos, tudo que reconhecemos como algo que existe, permanece

na linha da quarta dimensão; esta é o tempo histórico de nossa secção da existência.

Esse é o único "tempo" que conhecemos, percebemos, reconhecemos. Mas embora não

sejamos conscientes disso, as sensações da existência de outros "tempos", não só

paralelos como perpendiculares, entram continuamente em nossa consciência. Esses

"tempos" paralelos são completamente análogos ao nosso tempo e consistem de antes-agora-depois, enquanto os "tempos" perpendiculares consistem somente de agora, e são,

por assim dizer, fios cruzados, a trama num tecido, em sua relação com as linhas

paralelas do tempo que, nesse caso, representam a urdidura.

Mas cada momento do "agora", na linha do tempo, isto é, sobre uma das linhas

paralelas, contém não uma, mas certo número de possibilidades, às vezes grande, às

vezes pequeno. O número de possibilidades contido em cada momento deve ser

necessariamente limitado, porque se não o fosse, não haveria impossifaílidades. Desse

modo, cada momento do tempo, dentro de certas condições limitadas de ser ou de

existência física, contém um número definido de possibilidades e um número infinito de

impossibilidades. Mas estas também podem ser de tipos diferentes. Se, ao caminhar

através de um campo de centeio familiar, eu visse de repente um grande vidoeiro que não

estava ali ontem, seria um fenômeno impossível (precisamente o "milagrematerial" que

não é admitido pelo princípio de Aristóteles). Mas se, ao caminhar por um campo de

centeio, eu visse, no meio dele, um coqueiro, seria um fenômeno impossível de tipo

diferente, também um "milagre material", mas de ordem muito mais alta ou mais difícil.

Dever-se-ia ter em mente essa diferença entre as impossibilidades.

Na mesa diante de mim há muitas coisas diferentes. Posso tratar essas coisas de
maneiras diferentes. Mas não posso, por exemplo, pegar de uma mesa algo que não está
ali. Não posso pegar de uma mesa uma laranja que não está ali, assim como não posso
pegar dela a pirâmide de Queóps ou a catedral de Santo Isaac. Parece como se não
houvesse realmente nenhuma diferença a esse respeito entre uma laranja e uma
pirâmide, e, no entanto, há uma diferença. Uma laranja podia estar sobre a mesa, mas
ovo Modelo do Universo
uma pirâmide não. Embora tudo isso seja elementar, mostra que há diferentes graus de
impossibilidade.
Mas, no momento, o que nos importa são só as possibilidades. Como já mencionei,
cada momento contém um número definido de possibilidades. Posso tornar realidade uma
das possibilidades existentes, isto é, posso fazer algo. Posso não fazer nada. Mas o que
quer que eu faça, isto é, qualquer das possibilidades contidas num dado momento que
seja efetivada, a efetivação dessa possibilidade determinará o momento seguinte do
tempo, o agora seguinte. Esse segundo momento do tempo conterá novamente um certo
número de possibilidades, e a concretização de uma cessas possibilidades determinará o
momento seguinte do tempo, o agora seguinte, e assim por diante.
Portanto, pode-se definir a linha da direção do tempo como a da concretização de
uma possibilidade dentre o número de possibilidades que estavam contidas no ponto

precedente.

A linha dessa concretização será da quarta dimensão, a linha do tempo. Nós a

imaginamos como uma linha reta, mas seria mais correio pensar nela como uma linha em

ziguezague. [337]

A perpétua existência dessa efetivação, a linha perpendicular à linha do tempo, será

a da quinta dimensão, ou a linha da eternidade.

Para a inteligência moderna, eternidade é um conceito indefinido. Na linguagem

coloquial comum, a eternidade é considerada como uma extensão ilimitada do tempo.

Mas o pensamento religioso e filosófico introduz, no conceito de eternidade, idéias que a

distinguem de uma simples extensão homogénea infinita com extensão finita. Vê-se isso

mais claramente na filosofia indiana, com a idéia do Eterno Agora como o estado de

Brahma.

De fato, o conceito de eternidade em relação ao tempo ê o mesmo que o de uma

superfície em relação a uma linha. Uma superfície é uma quantidade incomensurável com

uma linha. O infinito, para uma linha, não precisa ser necessariamente uma linha sem fim;

pode ser uma superfície, que é um número infinito de linhas finitas.

A eternidade pode ser um número infinito de "tempos" finitos.

Para nós, é difícil pensar no "tempo" no plural. Nosso pensamento está acostumado

demais com a idéia de um único tempo, e embora na teoria a idéia da pluralidade dos

"tempos" já seja admitida pela nova Física, na prática ainda pensamos no tempo como

sendo, sempre e em toda parte, um só e o mesmo.

O que será a sexta dimensão?

Será a linha de realização de outras possibilidades que estavam contidas no

momento precedente, mas não foram concretizadas no "tempo". Em cada momento e em

cada ponto do mundo tridimensional, há um certo número de possibilidades; no "tempo",

isto é, na quarta dimensão, uma única possibilidade se concretiza em cada momento, e

essas possibilidades concretizadas são ordenadas, uma ao lado da outra, na quinta

dimensão. A linha do tempo, repetida infinitamente na eternidade, deixa, em cada ponto,

possibilidades não realizadas. Mas estas, que não foram efetivadas num tempo, o são na

sexta dimensão, que é um conjunto de "todos os tempos". As linhas da quinta dimensão,

que correm perpendicularmente à linha do "tempo", formam, por assim dizer, uma

superfície. As linhas da sexta dimensão, que partem de cada ponto do "tempo" em todas

as direções possíveis, formam o sólido ou o continuum tridimensional do tempo, do qual

só conhecemos uma dimensão. Somos seres unidimensionais em relação ao tempo. Por

causa disso, não vemos o tempo paralelo ou os tempos paralelos; pela mesma razão, não

vemos os ângulos e as voltas do tempo, mas o vemos como uma linha reta.

Até agora consideramos todas as linhas da quarta, da quinta e da sexta dimensões

como linhas retas, como coordenadas. Mas devemos nos lembrar de que essas linhas

ovo Modelo do Universo

retas não podem ser encaradas como realmente existentes. São apenas um sistema
imaginário de coordenadas para determinar a espiral.
De modo geral, é impossível determinar e comprovar a existência real de linhas
retas além de uma certa escala definida e fora de certas condições precisas. E mesmo
essas "linhas retas condicionais" deixam de ser retas, se as imaginamos num corpo em
revolução que possui, além disso, uma série completa de outros movimentos. Isso é muito
claro em relação às linhas espaciais: as linhas retas não são nada mais que coordenadas
imaginárias, que servem para medir o comprimento, a largura e a profundidade das
espirais. Mas as linhas do tempo não são, geometricamente, de modo algum, diferentes
das linhas espaciais. A única diferença reside no fato de que, no espaço, conhecemos as
três dimensões e podemos determinar o caráter de espiral de todos os movimentos
cósmicos, isto é, dos movimentos que tomamos numa escala suficientemente [338] grande.
Mas não ousamos fazer isso em relação ao "tempo". Tentamos colocar todo o espaço do
tempo sobre uma só linha do grande tempo, que é geral para todos e para tudo. Mas isso
é uma ilusão; o tempo geral não existe, e cada corpo que existe isoladamente e cada
"sistema" que existe isoladamente (ou que é aceito como tal), tem seu próprio tempo. Isso
é reconhecido pela nova Física. Mas a nova Física não explica o que isso significa e o
que significa uma existência isolada.
O tempo isolado é sempre um círculo completo. Só podemos pensar no tempo como

uma linha reta na grande linha reta do grande tempo. Se o grande tempo não existe, cada
tempo isolado só pode ser um círculo, isto é, uma curva fechada. Mas um círculo ou
qualquer curva fechada requer duas coordenadas para sua definição. O círculo
(circunferência) é uma figura bidimensional. Se a segunda dimensão do tempo é a
eternidade, quer dizer que a eternidade entra em cada círculo do tempo e em cada
momento do círculo do tempo. A eternidade é a curvatura do tempo. A eternidade também
é movimento, um movimento eterno. E, se imaginamos o tempo como um círculo ou como
qualquer outra curva fechada, a eternidade significará o eterno movimento ao longo dessa
curva, a eterna repetição, a eterna recorrência.
A quinta dimensão é o movimento no círculo, a repetição, a recorrência. A sexta
dimensão é o caminho de saída do círculo. Se imaginamos que uma extremidade da
curva se ergue da superfície, visualizamos a terceira dimensão do tempo — a sexta
dimensão do espaço. A linha do tempo se torna uma espiral. Mas esta, da qual falamos
antes, é só uma aproximação muito imperfeita da espiral do tempo, apenas sua possível
representação geométrica. A verdadeira espiral do tempo não é análoga a qualquer das
linhas que conhecemos, porque se ramifica em cada ponto. E, como pode haver muitas
possibiUdades em cada momento, deve haver, por conseguinte, muitos ramos em cada
ponto. Nossa inteUgência recusa-se não só a visualizar, mas até mesmo a pensar na

figura que resulta em linhas curvas, e perderíamos a direção do nosso pensamento nesse
impasse, se as linhas retas não viessem em nosso auxilio.
Nesse sentido, podemos compreender o significado e o propósito das linhas retas do
sistema de coordenadas. As linhas retas não são uma ingenuidade de Euclides, como a
Geometria não-euclidiana e a "nova Física" ligadas a ela estão tentando apresentar. As
linhas retas são uma concessão à fraqueza do nosso mecanismo pensante, graças à qual
podemos pensar na realidade de formas aproximadas.
Uma figura do tempo tridimensional nos aparecerá sob a forma de uma estrutura
complexa, formada de raios divergentes de cada momento do tempo, cada um deles
contendo em si seu próprio tempo e emitindo novos raios em cada ponto. Esses raios,
tomados em conjunto, formarão o continuum tridimensional do tempo.
Vivemos, pensamos e existimos em uma das linhas do tempo. Mas a segunda e a
terceira dimensões dele, isto é, a superfície sobre a qual essa linha se encontra, e o
sólido em que essa superfície está contida, penetram a cada momento em nossa vida e
em nossa consciência, e influenciam nosso "tempo". Quando começamos a perceber as
ovo Modelo do Universo
três dimensões do tempo, damos a elas os nomes de direção, duração e velocidade. Mas,
se queremos compreender a verdadeira inter-relação das coisas, ainda que
aproximadamente, devemos ter em mente o fato de que a direção, a duração e a

velocidade não são dimensões reais, mas simplesmente reflexos das dimensões reais em
nossa consciência. [339]
Ao pensar no sólido do tempo formado pelas linhas de todas as possibilidades
contidas em cada momento, devemos nos lembrar de que além destas pode não haver
nada.
Esse é o ponto no qual podemos compreender a limitação do universo infinito.
Com foi dito antes, as três dimensões do espaço, mais a dimensão zero, e mais as
três dimensões do tempo formam o período das dimensões. É preciso compreender as
propriedades desse período. Ele contém igualmente o espaço e o tempo. O período das
dimensões pode ser considerado como espaço-tempo, isto é, o espaço de seis
dimensões ou o espaço de concretização de todas as possibilidades. Fora dele só
podemos pensar nas repetições do período de dimensões, ou na escala do zero, ou na
escala do infinito. Mas esses são espaços diferentes, não têm nada em comum com o
espaço de seis dimensões e podem ou não existir, sem mudar nada neste.
Na Geometria, a contagem das dimensões começa com a linha, a primeira
dimensão, e isso, num certo sentido, está certo. Mas, tanto o espaço quanto o tempo têm
ainda outra, a dimensão zero — o ponto ou o momento. E devemos compreender que
qualquer sólido espacial, até a esfera infinita da velha Física, é um ponto ou um momento,
quando considerado no tempo.

A dimensão zero, a primeira, a segunda, a terceira, a quarta, a quinta e a sexta
dimensões formam o período das dimensões. Mas uma "figura" da dimensão zero, um
ponto, é um sólido de outra escala. Uma figura da primeira dimensão, uma linha, é o
infinito em relação a um ponto. Para si mesma, uma linha é um sólido, mas um sólido de
outra escala diferente da do ponto. Para uma superfície, isto é, para uma figura de duas
dimensões, uma linha é um ponto. Uma superfície é tridimensional para si mesma,
enquanto para um sólido se toma um ponto, e assim por diante. Para nós, uma linha e
uma superfície são apenas conceitos geométricos, e é incompreensível à primeira vista
como podem ser para si mesmas corpos tridimensionais. Mas se toma mais
compreensível, se começamos com o sólido, que representa um corpo físico realmente
existente. Sabemos que um corpo é tridimensional para si mesmo, assim como para
outros corpos tridimensionais de uma escala próxima à sua. Ele também é o infinito para
uma superfície, que é zero em relação a ele, porque nenhum número de superfícies fará
um sólido. E o sólido também é um ponto, um zero. uma figura de dimensão zero para a
quarta dimensão, primeiro, porque, por maior que possa ser, um sólido é um ponto, isto é.
um momento para o tempo, e, segundo, porque nenhum número de sólidos fará o tempo.
O conjunto do espaço tridimensional não passa de um momento no tempo. Devíamos
compreender que as "linhas" e as "superfícies" são apenas nomes que damos às

dimensões, que estão, para nós, entre o ponto e o sólido. Elas não têm existência real

para nós. Nosso Universo consiste somente em pontos e sólidos. Um ponto é a dimensão

zero, um sólido é as três dimensões. Em outra escala, um sólido deve ser considerado

como um ponto do tempo, e, ainda em outra escala, de novo como um sólido, mas como

um sólido de três dimensões do tempo.

Nesse universo simplificado, não haveria nenhum tempo e nenhum movimento. O

tempo e o movimento são criados precisamente por esses sólidos percebidos

incompletamente, isto é, pelas linhas e superfícies do espaço e do tempo. E o período das

dimensões do universo real consiste verdadeiramente em sete potências de sólidos

(nesse caso uma potência é, evidentemente, apenas um nome). (1) Um ponto — o sólido

oculto. (2) Uma linha - o sólido da segunda potência. (3) Uma superfície — o [340] sólido da

terceira potência. (4) Um corpo ou um sólido — o sólido da quarta potência. (5) Tempo, ou

ovo Modelo do Universo

a existência de um corpo ou de um sólido no tempo — o sólido da quinta potência. (6)

Eternidade, ou a existência do tempo — o sólido da sexta potência. (7) Aquele para o qual

não temos nenhum nome, a "estrela de seis pontas", ou a existência da eternidade — o

sólido da sétima potência.

Além disso, deve-se observar que as dimensões são móveis, isto é, quaisquer três

dimensões consecutivas formam ou o "tempo" ou o "espaço", e o "período" pode mover-se para cima e para

baixo, quando se acrescenta um grau acima e se tira um abaixo, ou
quando se acrescenta um abaixo e se tira um acima. Portanto, se uma dimensão de
"baixo" é acrescentada às seis dimensões que possuímos, então uma dimensão de "cima"
deve desaparecer. A dificuldade de compreender esse universo eternamente em
mudança, que se contrai e se expande de acordo com o tamanho do observador e a
velocidade de sua percepção, é contrabalançada pela constância das leis e pelas
posições relativas nessas condições mutáveis.
A "sétima dimensão" é impossível, porque seria uma linha conduzindo a lugar
nenhum, indo numa direção inexistente.
A linha das impossibilidades é a da sétima, da oitava e das outras dimensões
inexistentes, uma linha que não leva a lugar algum e não vem de nenhum lugar. Não
importa que estranho universo possamos imaginar, nunca podemos admitir a existência
real de um sistema solar no qual a Lua seja feita de queijo verde. Do mesmo modo,
quaisquer que sejam as estranhas manipulações científicas em que possamos pensar,
não podemos imaginar que Einstein erguesse realmente um poste na praça Postdamer
para medir a distância entre a Terra e as nuvens, como ele ameaça fazer em seu livro.
Uma pessoa poderá encontrar muitos exemplos como esses. A nossa vida inteira
consiste realmente de fenômenos da "sétima dimensão", isto é, de fenômenos de
possibilidade, importância e valor fictícios. Vivemos na sétima dimensão e não podemos

fugir dela. E nosso modelo do Universo não pode nunca ser completo se não nos damos
conta do lugar ocupado nele pela "sétima dimensão". Mas é muito difícil perceber isso.
Nós nunca nos aproximamos sequer da compreensão de quantas coisas inexistentes
desempenham um papel em nossa vida, governam nosso destino e nossas ações. Mas,
novamente, como foi dito antes, mesmo o inexistente e o impossível podem ser de graus
diferentes — e por conseguinte é perfeitamente justificável falar não da sétima dimensão,
mas das dimensões imaginárias em geral, cujo número também é imaginário.

Para determinar com perfeita exatidão a necessidade de encarar o mundo como um
mundo de seis coordenadas, é preciso examinar os conceitos fundamentais da Física,
que permaneceram sem definição, e verificar se não é possível encontrar definições para
eles. com a ajuda de alguns dos princípios que estabelecemos acima.
Vamos tratar de matéria, espaço, movimento, velocidade, infinito, massa, luzetc.
Começaremos com o movimento.
Do ponto de vista habitual, tanto da velha como da nova Física, o movimento
permanece sempre o mesmo. Só se faz distinção entre as suas propriedades: duração,
velocidade, direção no espaço, descontinuidade, continuidade, periodicidade, aceleração,
retardamento, e assim por diante, e as características dessas propriedades são [341]
atribuídas ao próprio movimento, de modo que o movimento é dividido em retilíneo,

curvilíneo, contínuo, descontínuo, acelerado, retardado, *etc.* O princípio da relatividade do
movimento levou ao princípio da composição de velocidades, e a formulação do princípio
da relatividade conduziu à negação da possibilidade da composição de velocidades,
quando "terrestres", em comparação com a velocidade da luz. Isso conduziu a muitas
outras conclusões, suposições e hipóteses. Mas essas não nos interessam por enquanto.
Porém, devemos estabelecer um fato, isto é, que o próprio conceito de "movimento" não é
ovo Modelo do Universo
definido. A "velocidade", igualmente, não o é. Em relação à "luz", as opiniões dos físicos
divergem.
Por ora, só é importante paia nós compreendermos que o movimento é tomado
sempre como um fenômeno de uma única espécie. Não há tentativas de estabelecer
diferentes tipos de fenômenos no próprio movimento. E isso é particularmente estranho
porque, para a observação direta, há definidamente quatro tipos de movimentos como
quatro fenômenos perfeitamente distintos.
Em certos casos, a observação direta nos ilude, por exemplo, quando mostra muitos
movimentos inexistentes. Mas os fenômenos mesmos são uma coisa, é a divisão deles é
outra. Nesse caso particular, a observação direta nos conduz a fatos reais e
inquestionáveis. Não se pode pensar no movimento sem ter compreendido sua divisão
em quatro tipos.
Esses quatro tipos de movimento são:

1. Movimento lento, invisível como movimento. Por exemplo, o movimento do
ponteiro das horas de um relógio.
2. Movimento visível.
3. Movimento rápido, quando um ponto se toma uma linha. Por exemplo, o
movimento de um fósforo queimando sem chama e sendo agitado rapidamente no escuro.
4. Movimento tão rápido que não deixa nenhuma impressão visual, mas produz
efeitos físicos definidos. Por exemplo, o movimento da trajetória de uma bala.

Para compreender a diferença entre os quatro tipos de movimento, imaginemos uma
experiência simples. Estamos olhando para uma parede branca a certa distância de nós,
na qual se move um ponto negro, ora mais depressa, ora mais devagar, e então parando
totalmente.

É possível determinar exatamente quando começamos a ver o ponto se mover e
quando paramos de vê-lo mover-se.

Vemos o movimento do ponto como movimento, se o ponto percorre, em 1/10 de
segundo, um ou dois minutos do arco de um círculo, tomando como raio nossa distância
da parede. Se o ponto se move mais lentamente, parecerá a nós sem movimento.

Suponhamos primeiro que o ponto se move com a velocidade do ponteiro das horas
de um relógio. Comparando sua posição com outros pontos imóveis, em primeiro lugar
estabelecemos o fato do movimento do ponto e, em segundo, determinamos a velocidade
do seu movimento; mas não vemos o próprio movimento.

Esse será o primeiro tipo de movimento, o movimento invisível.

Em seguida, se o ponto se move mais rapidamente, percorrendo dois minutos do

arco ou mais, em 1/10 de segundo, vemos seu movimento como movimento.

Este é o segundo tipo de movimento, o movimento visível. Ele pode ser muito

variado em sua característica e percorrer uma ampla escala de velocidades, mas quando

[342] esta aumenta de 4.000 a 5.000 vezes, e menos em certos casos, ele passa para o

terceiro tipo de movimento.

Isso quer dizer que, se o ponto se move muito depressa, percorrendo em 1/10 de

segundo todo o campo de nossa visão, isto é, 160° ou 9.600 minutos do arco, não o

veremos como um ponto em movimento, mas como uma linha.

Esse é o terceiro tipo de movimento, com um traço visível, ou o movimento no qual o

ponto que se move se transforma em uma linha, o movimento com o acréscimo aparente

de uma dimensão.

E, finalmente, se o ponto dispara imediatamente com a velocidade, digamos, de uma

ovo Modelo do Universo

bala de rifle, não o veremos de modo algum, mas se o "ponto" possui peso e massa, seu

movimento pode ter muitos efeitos físicos que podemos observar e estudar. Podemos, por

exemplo, ouvir o movimento, ver outros movimentos surgirem do movimento invisível, e

assim por diante.

Esse é o quarto tipo de movimento, com um traço invisível, mas perceptível.

Esses quatro tipos de movimentos são fatos absolutamente reais, dos quais
depende toda a forma, aspecto e correlação de fenômenos em nosso Universo. Isso é
assim porque a distinção dos quatro tipos de movimento não é simplesmente sufaje-tiva,
isto é, eles diferem não só em nossa percepção, mas diferem fisicamente em seus
resultados e em sua ação sobre outros fenômenos; e são diferentes, acima de tudo, na
relação mútua, e esta é permanente.
As idéias que foram expostas aqui podem parecer muito ingênuas para um físico
experimentado. — O que é o olho? diria ele. O olho tem uma capacidade estranha de "se
lembrar", durante cerca de 1/10 de segundo, do que viu; se o ponto se move bastante
rapidamente para que a memória de cada 1/10 de segundo se una a outra memória, o
resultado será uma linha. Aqui não há transformação de um ponto em uma linha. É tudo
inteiramente subjetivo, quer dizer, tudo se passa somente em nós, em nossa percepção.
Na realidade, um ponto que se move continua sendo um ponto que se move.
É assim que a questão se apresenta do ponto de vista científico.
A objeção se baseia na suposição de que sabemos que o fenômeno observado é
produzido peio movimento de um ponto. Mas vamos supor que não sabemos. Como
podemos nos certificar disso, se não nos é possível chegar suficientemente perto da linha
que observamos, ou deter o movimento, fazer parar o suposto ponto que se move?

Nosso olho vê uma linha; com uma certa velocidade de movimento, uma câmara
fotográfica também "verá" uma linha ou um traço. O ponto em movimento é realmente
transformado numa linha. Estamos inteiramente errados em não confiar em nosso olho,
nesse caso. É justamente um caso no qual nosso olho não nos ilude. Ele estabelece um
princípio exato de divisão de velocidades. O olho, sem dúvida, determina essas divisões
por si mesmo, em seu próprio nível, sua própria escala. E esta pode mudar. O que não
mudará, em relação, por exemplo, com a distância, o que permanecerá a mesma coisa
em qualquer escala é, em primeiro lugar, o número dos diferentes tipos de movimento —
será sempre quatro — e, em seguida, a inter-relação das quatro velocidades com suas
derivadas, isto é, seus resultados, ou a inter-relação dos quatro tipos de movimento. Esta
inter-relação dos quatro tipos de movimento cria todo o mundo visível. E a essência dela
consiste no fato de que um movimento não é necessariamente movimento em relação a
outro, mas só se as velocidades que são comparadas não diferirem muito uma da outra.
[343]
Por conseguinte, no exemplo acima, o movimento visível do ponto na parede é
movimento em comparação tanto com o movimento invisível como com o movimento
bastante rápido para formar uma linha. Mas não será movimento em relação à trajetória
de uma bala, para a qual será imobilidade, assim como a linha formada por um ponto que

se move rapidamente será uma linha e não um movimento para um ponto que se move

lentamente (invisivelmente). Isso pode ser formulado da seguinte maneira:

Ao dividir o movimento em quatro tipos, de acordo com os princípios acima,

observamos que o movimento só é movimento (com velocidade aumentada ou diminuída)

para os tipos de movimento que estão próximos um do outro, isto é, dentro dos limites de

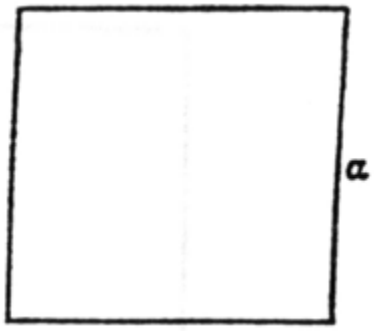
uma correlação definida de velocidades, ou, para ser mais preciso, dentro dos limites de

determinado aumento ou diminuição definidos de velocidade, que podem provavelmente

ser estabelecidos de maneira exata. Tipos de movimento mais afastados, isto é,

movimentos com velocidades muito diferentes, por exemplo, 4.000 ou 5.000 vezes mais

lentos ou mais rápidos que outro, não são para o outro movimentos de velocidade



ovo Modelo do Universo

diferente, mas fenômenos de um número de dimensões maior ou menor.

Mas o que é a velocidade? O que é essa misteriosa propriedade do movimento que

só existe em graus médios, e desaparece em graus pequenos ou grandes, diminuindo ou

acrescentando desse modo uma dimensão? E o que é o próprio movimento?

O movimento é um fenômeno aparente que depende da extensão de um corpo nas

três dimensões do tempo. Isso quer dizer que cada corpo tridimensional possui também

três dimensões do tempo, que não vemos como tal e que chamamos propriedades do

movimento ou da existência. Nossa inteligência não pode abarcar as dimensões do tempo

em sua totalidade, não existem conceitos que expressem sua essência em toda a sua

variedade, porque todos os "conceitos de tempo" que existem só expressam, cada um

deles, um lado, ou uma dimensão. Por esse motivo, a extensão dos corpos

tridimensionais nas três dimensões do tempo indefiníveis (para nós) parece-nos

movimento com todas as suas propriedades.

Estamos exatamente na mesma situação, em relação às dimensões do tempo, que

os animais em relação às três dimensões do espaço.

Escrevi, em Tertium Organum, a respeito da percepção da terceira dimensão pelos

animais. Todos os movimentos aparentes são reais para eles. Uma casa gira quando um

cavalo corre diante dela, uma árvore pula para a estrada. Mesmo se um animal está

imóvel e apenas examina um objeto igualmente imóvel, este objeto começa a manifestar

movimentos estranhos. O próprio corpo do animal, mesmo no estado de repouso, pode

manifestar para ele muitos movimentos estranhos, que nossos corpos não manifestam

para nós.

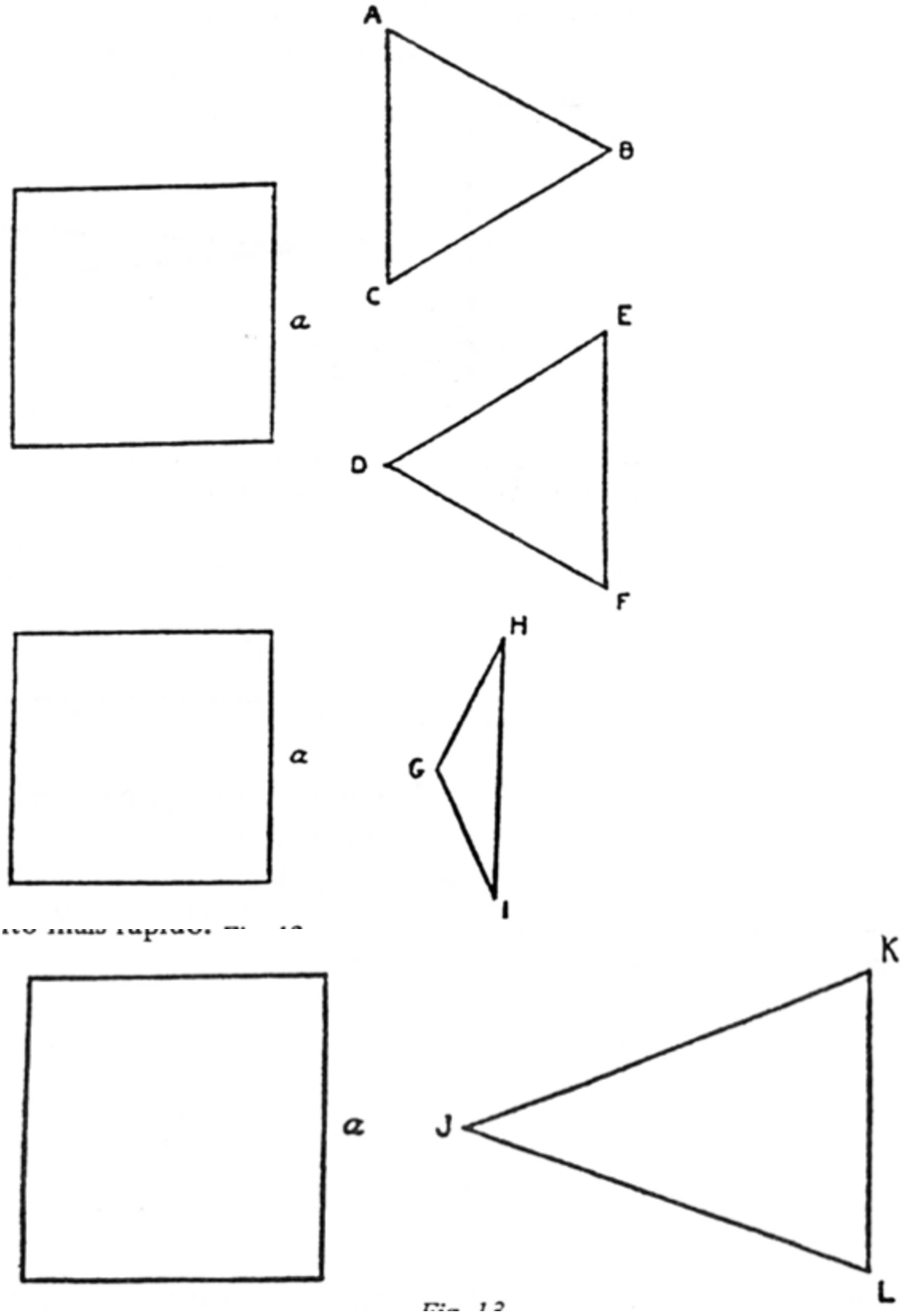
Nossa relação com o movimento, e particularmente com a velocidade, é muito semelhante a isso. A velocidade pode ser uma propriedade do espaço. A sensação de uma velocidade pode ser a da penetração em nossa consciência de uma das dimensões de um espaço superior desconhecido para nós.

A velocidade pode ser vista como um ângulo. E isso explica imediatamente todas as propriedades dela e especialmente o fato de que tanto a velocidade grande como a pequena deixam de ser velocidades. Um ângulo tem naturalmente um limite, tanto numa direção quanto noutra. [344]

Imaginemos novamente um mundo de seres planos. Imaginemos esses seres planos sob a forma de quadrados com os órgãos de percepção situados em um dos lados. Chamemos esse lado perceptivo de a.

Fig. 10

Imaginemos que o "quadrado" está voltado, com seu lado perceptivo, para duas figuras, digamos, dois "triângulos" ABC e DEF, na posição mostrada na Fig. 11.



ovo Modelo do Universo

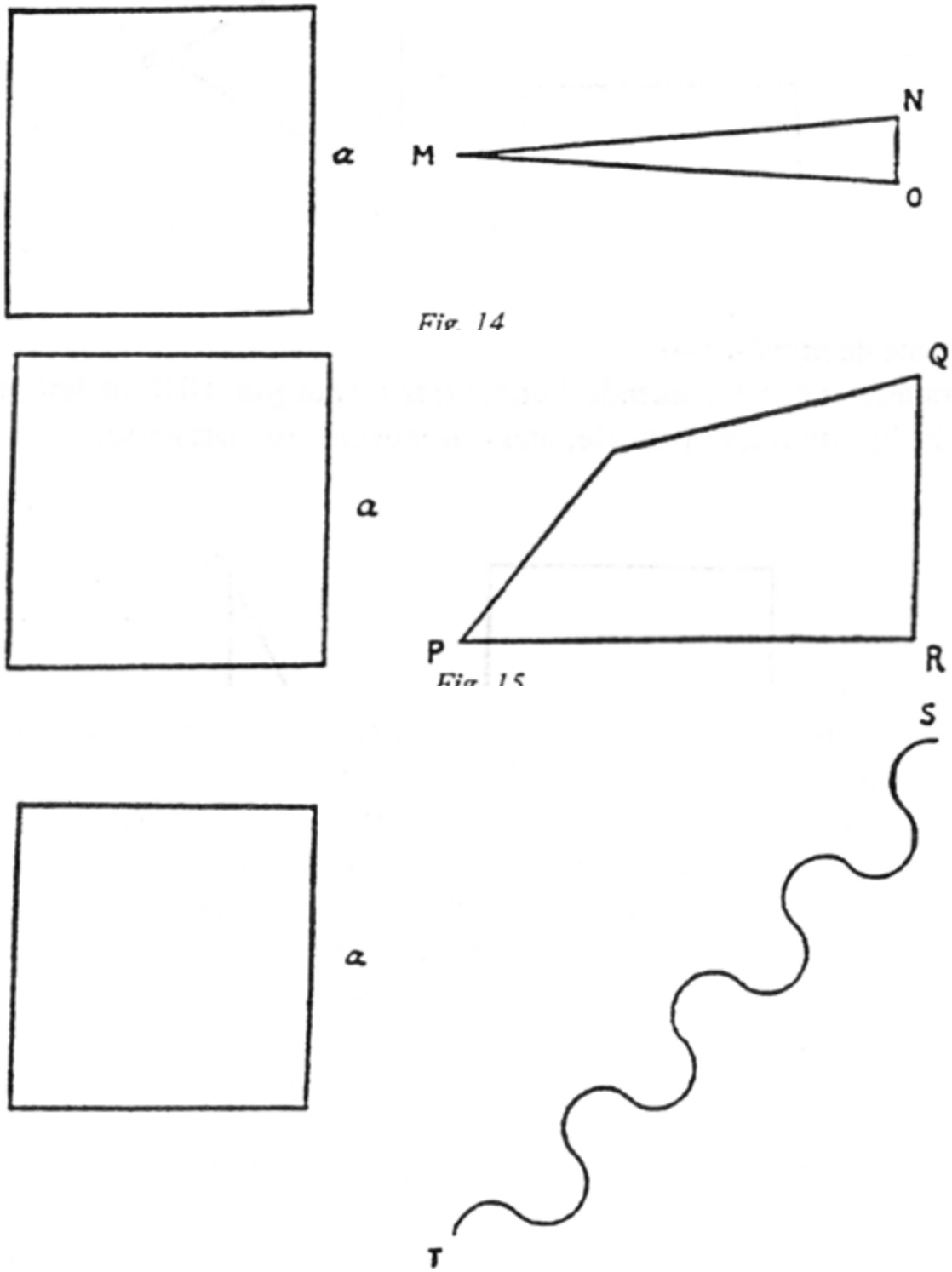
Fig. 11

Do triângulo ABC ele só conhece a linha AC, e esta é imóvel para ele. Do triângulo
DEF ele conhece as linhas DE e DF, que aparecem para ele como uma linha, e essas
linhas, que saem do campo de sua visão, devem, sem dúvida, diferir da linha AC, possuir
alguma propriedade que a linha AC não possui. O "quadrado" chamará essa propriedade
de movimento.
Se acontecer de o "quadrado" encontrar o triângulo GHI, as linhas GH e GI também
serão "movimento" para ele, mas um movimento mais lento.

Fig. 12
[345]
E se o "quadrado" encontrar o triângulo JKL, as linhas JK e JL serão um movimento
mais rápido.

Fig. 13

E, finalmente, se o "quadrado" encontrar linhas quase perpendiculares a seu lado
perceptivo, como as linhas MN e MO, ele dirá que essa é a velocidade limite, máxima, e
que não pode haver velocidade maior.



ovo Modelo do Universo

Fig. 14

A idéia de velocidade como um ângulo torna não só clara, mas necessária, a idéia de uma velocidade limite, além da qual não pode existir nenhuma outra velocidade, e também a idéia da impossibilidade de uma velocidade infinita, porque um ângulo não pode ser infinito e deve ter um limite, que pode sempre ser determinado e medido.

Até aqui, em todos os exemplos anteriores, a velocidade foi considerada uniforme e inalterável. Mas, com base no mesmo princípio, é fácil determinar o significado de aceleração, velocidade variável, e assim por diante.

Imaginemos que a linha oblíqua PQ (Fig. 15) não é uma linha reta, mas uma linha com um ângulo.

Fig. 15

Ao examinar essa linha do ponto P, o ser plano a verá como movimento que começa com uma velocidade e depois se acelera.

A linha ST (Fig. 16) parecerá a ele um movimento alternadamente acelerado e retardado. E depois, linhas com ângulos, curvas de diferentes tipos, linhas que estejam [346] em ângulos que variam ou se alteram para o lado perceptivo, representarão diferentes tipos de velocidade: constante, variável, uniformemente acelerada, uniformemente retardada, periodicamente acelerada e retardada, *etc.*

Fig. 16

A essência de tudo que foi dito é que uma linha oblíqua num ângulo só parecerá

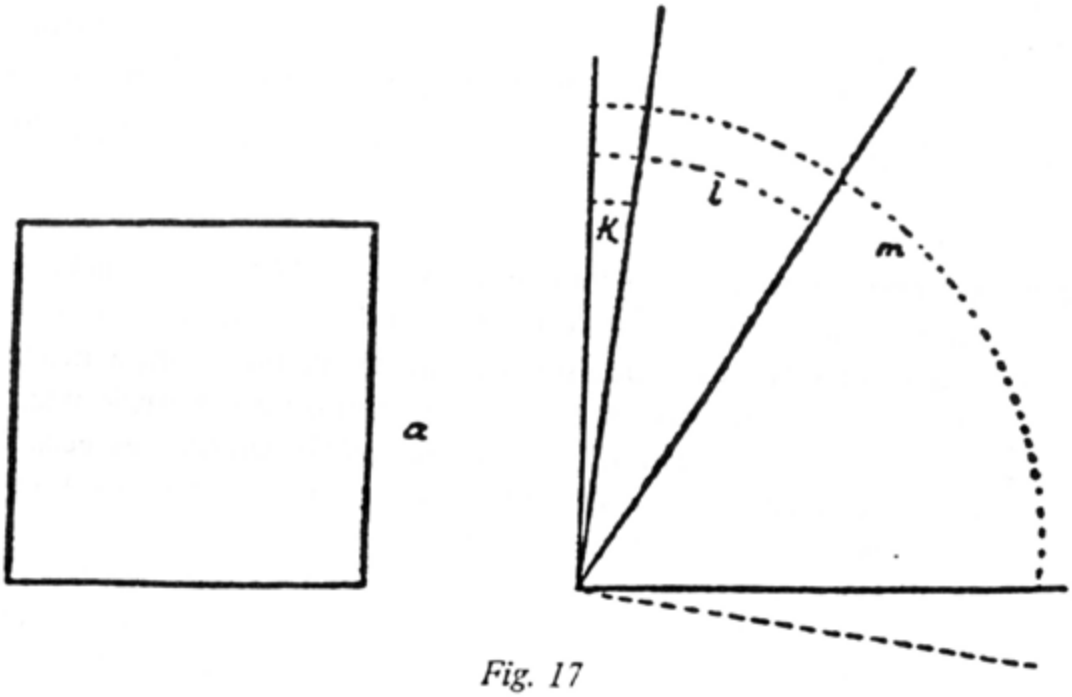


Fig. 17

ovo Modelo do Universo

movimento se estiver em ângulos de certos graus definidos. Uma linha que estivesse num

ângulo muito pequeno em relação a uma linha imóvel que fosse paralela ao lado

perceptivo, pareceria imóvel; num ângulo maior ela pareceria movimento, e uma linha que

estivesse num ângulo próximo ao limite pareceria algo totalmente diferente do movimento.

Desse modo, a "velocidade" é apenas a propriedade de certos ângulos definidos, e, como

o ângulo não depende da escala, é inteiramente possível que a "velocidade" seja o único

fenômeno constante no Universo.

Fig. 17

Ângulo k - pequena velocidade, o começo do movimento
Ângulo l - velocidade maior, movimento visível
Ângulo m - velocidade limite, o fim do movimento
Linha interrompida - - uma aceleração impossível

Esse princípio não é modificado de modo algum pela alteração dos ângulos numa superfície esférica, ou, por exemplo, na superfície ondulada usada por Lobatchevsky, [347] em comparação com os ângulos numa superfície plana, porque, para todo tipo de superfície, os ângulos permanecerão inalteráveis.

Agora, partindo das definições anteriores de tempo, movimento e velocidade, passaremos à definição de espaço, matéria, massa, gravitação, infinito, comensurabilidade e incomensurabilidade, "quantidade negativa", *etc.* Em relação ao espaço, o primeiro fato com que nos defrontamos é que o espaço é admitido demasiado rapidamente como homogêneo. A própria questão da possível heterogeneidade do espaço nunca surge. E, se ela surgiu alguma vez, foi só no domínio da especulação puramente matemática e nunca passou às concepções do mundo real do ponto de vista do espaço heterogéneo.

Mesmo as idéias matemáticas e metageométricas mais complexas fazem valer seus direitos, excluindo cada uma das demais. O espaço "esférico", o espaço "elíptico", o espaço determinado pela densidade da matéria e pelas leis de gravitação, o espaço "finito e, apesar disso, ilimitado" — em cada caso se trata do espaço "inteiro" e, em cada caso, o espaço inteiro é uniforme e homogéneo. (88)

88 Em seus traços essenciais, este capítulo foi completado em 1912. A primeira pane foi escrita mais tarde, mas, fazendo um apanhado do estado atual da Física, não tentei atualizá-lo inteiramente nem mencionai todas as

teorias que surgiram nesse período, porque nenhuma delas mudou nada em minhas principais conclusões. O leitor encontrará a exposição mais completa das ideias sobre o espaço no livro de Eddington Space, Time and Gravitation, especialmente no capitulo "Tipos de Espaço". No começo desse capítulo, Eddington cita W. K. Clifford (1845-1879), que escreveu na obra Common Sense of the Exact Sciences:

"O perigo de afirmar dogmaticamente que um axioma baseado na experiência de uma região limitada é válido universalmente será agora, até certo ponto, claro para o leitor. Ele pode levar-nos a passar completamente por alto. ou rejeitar, quando sugerido ovo Modelo do Universo De todas as últimas definições do espaço, a mais interessante é o "molusco" de

Einstein. O "molusco" antecipa muitas descobertas futuras. Ele pode mover-se por si

mesmo, expandir-se e contrair-se. O "molusco" pode ser desigual em relação a si mesmo

e heterogéneo consigo mesmo.

Mas mesmo o "molusco" é só uma analogia, só um exemplo muito tímido da maneira

pela qual o espaço pode e devia ser encarado. E, por trás desse exemplo, para torná-lo

possível, é necessário todo o arsenal da Matemática, da Metageometria e da nova Física,

com os princípios "geral" e "especial" da relatividade.

Na realidade, tudo isso podia ser feito de maneira muito mais simples, se apenas

fosse compreendida a possível heterogeneidade do espaço.

Tomemos o espaço exatamente como tomamos o movimento, do ponto de vista da

observação direta.

(A) O espaço ocupado pela casa em que vivo, pelo aposento em que estou agora e

pelo meu corpo é percebido por mim como tridimensional. Sem dúvida, isso não é um
"objeto da percepção" puro, porque já passou pelo prisma do pensamento, mas [348] como
a tridimensionalidade da casa, do quarto e do meu corpo não dá origem a argumentação,
ela pode ser aceita.
(B) Olho para fora da janela e vejo um trecho do céu com várias estrelas. O céu é
bidimensional para mim. Minha inteligência sabe que o céu possui "profundidade". Mas
meus sentidos diretos não me dizem isso. Pelo contrário, negam a verdade disso.
(C) Estou refletindo sobre a estrutura da matéria e uma unidade tal como uma
molécula. Uma molécula não tem nenhuma dimensão para os sentidos diretos, mas, pelo
raciocínio, chego à conclusão de que o espaço ocupado pela molécula, constituído de
átomos e eiétrons, deve ter seis dimensões: três dimensões espaciais e três temporais,
pois, de outro modo, se a molécula não tivesse as três dimensões temporais, suas três
dimensões espaciais não poderiam produzir qualquer impressão em meus sentidos. Uma
grande quantidade de moléculas produz em mim a impressão de matéria possuidora de
massa, apenas devido à hexadimensionalidade do espaço que cada molécula ocupa.

Portanto, o "espaço" não é homogêneo para mim. O quarto é tridimensional, o céu é
bidimensional. A molécula não tem nenhuma dimensão para a percepção direta; os
átomos e eiétrons têm ainda menos dimensão, mas devido à sua hexadimensionalidade,

uma porção de moléculas produz em mim a impressão de matéria. Se as moléculas não
tivessem nenhuma dimensão temporal, a matéria seria para mim o vazio.
O que foi dito antes deve deixar vários pontos exigindo uma explicação. Em primeiro
lugar, se a molécula não tem nenhuma dimensão, como os átomos e eiétrons podem ter
ainda menos? E, em segundo lugar, como as dimensões temporais afetam nossos
sentidos e por que as dimensões espaciais por si mesmas não produzem qualquer efeito
sobre nós?
Para responder a essas perguntas é preciso ampliar as considerações acima.
Uma estreia, que aparece para mim como um ponto cintilante, consiste realmente de
dois enormes sóis, cada um deles cercado por toda uma série de planetas e separado por
distâncias colossais. Esse ponto cintilante ocupa, na verdade, uma extensão enorme do
espaço tridimensional.

imediatamente, uma possível explicação dos fenómenos. As hipóteses de que o espaço não é plano e também de que seu caráter geométrico pode mudar com o tempo, podem ou não estar destinadas a desempenhar um papel importante na Física do futuro; e, no entanto, não podemos deixar de considerá-las como explicações possíveis dos fenómenos físicos, porque podem se opor à crença dogmática popular na universalidade de certos axiomas geométricos - crença que surgiu há séculos do culto indiscriminado do génio de Euclides."
Isso pode ter uma relação com a ideia da heterogeneidade do espaço.
ovo Modelo do Universo

Aqui pode surgir novamente a objeção, exatamente como no caso dos quatro tipos
de movimento, de que tomo sensações puramente subjetivas e atribuo a elas significado
real. E, de novo, como no caso dos quatro tipos de movimento, posso retrucar que o que
me interessa não são as sensações, mas a inter-relação de suas causas. As causas não
são subjetivas, mas dependem de condições perfeitamente definidas e objetivas, a saber,
a magnitude comparativa e a distância.
A casa e o quarto são tridimensionais para mim, em virtude de sua
comensurabilidade com meu corpo. O "céu" é bidimensional, porque está muito longe. A
"estrela" é um ponto, porque é pequena em comparação com o "céu". A "molécula" pode
ser hexadimensional, mas, como um ponto, isto é, tomada como um corpo de dimensão
zero, não pode produzir qualquer efeito em meus sentidos. Todos esses são fatos, não há
nada subjetivo neles.
Mas isso não é tudo, de maneira alguma.
As dimensões do meu espaço dependem do tamanho do meu corpo. Se o tamanho
do meu corpo pudesse mudar, as dimensões do espaço a meu redor mudariam também.
A "dimensão" corresponde ao "tamanho". Se as dimensões do meu [349] mundo podem
mudar com uma mudança no meu tamanho, então o tamanho do meu mundo também
pode mudar.
Mas com referência a quê?
Uma resposta correta a essa pergunta nos colocará imediatamente no caminho
certo.

Quanto menor for o "corpo" ou o "sistema de referência", menor será o mundo. O espaço é proporcional ao tamanho do corpo de referência. E, no entanto, o espaço é o mesmo. Tomemos um elétron do Sol em sua relação com o espaço visível e com a Terra.

Para o elétron, todo o espaço visível será (é claro que só aproximadamente) uma esfera de um quilómetro de diâmetro: a distância do Sol à Terra será de poucos centímetros, e a própria Terra será quase um "ponto material". Um raio de luz que vem do Sol alcança a Terra (para o elétron) instantaneamente. Isso explica por que nunca podemos interceptar um raio de luz a meio caminho.

Se em lugar de um elétron, consideramos a Terra, então, para ela, as distâncias serão necessariamente muito maiores que para nós. Serão maiores exaíamente tantas vezes quantas a Terra é maior que o corpo humano. Isso só é necessariamente assim porque de outro modo a Terra não poderia se perceber como o corpo tridimensional que nós sabemos que ela é, mas seria para si mesma algum incompreensível continuam hexadimensional. Mas tal percepção de si iria contrariar o princípio da unidade das leis corretamente compreendido. A razão é que, se a Terra pudesse ser para si mesma um continuam hexadimensional, então nós também teríamos que ser para nós mesmos continuamente hexadimensionais. E como somos para nós mesmos corpos tridimensionais, a Terra também deve ser para si mesma um corpo tridimensional;

embora, ao mesmo tempo, não seja possível afirmar com segurança que a concepção
que a Terra tem de si mesma deva obrigatoriamente coincidir com a concepção que
temos dela.
Se tentamos agora imaginar o que o espaço ocupado pelos objetos terrestres deve
ser para o elétron por um lado e para a Terra por outro, chegaremos a uma conclusão
muito estranha e à primeira vista paradoxal. As coisas que nos cercam, mesas, cadeiras,
objetos de uso diário, outras pessoas, etc., não podem existir para a Terra, porque são
pequenas demais para ela. É impossível conceber uma cadeira no mundo planetário. É
impossível conceber um homem em relação à Terra. Um homem não pode existir em
relação à Terra. A humanidade inteira não pode existir por si mesma em relação à Terra.
Ela só existe juntamente com todo o mundo vegetal e animal e com tudo que foi feito pela
mão do homem.

ovo Modelo do Universo
Não pode haver objeção séria a isso, porque uma partícula de matéria que seja tão
pequena em relação ao corpo humano como este, ou mesmo toda a humanidade é em
relação à Terra, certamente não pode existir para nós. E é inteiramente claro que uma

cadeira não pode existir no mundo planetário porque ela é pequena demais. O que é
estranho e paradoxal é a dedução de que uma cadeira não pode existir para o elétron ou
no mundo dos elétrons também, e também porque ela é pequena demais.
Isso parece um absurdo. "Logicamente" devia acontecer que uma cadeira não pode
existir para o elétron porque ela é grande demais em comparação com ele. Mas só seria
assim num universo "lógico", isto é, tridimensional, com um espaço permanente. O
universo hexadimensional é ilógico, e o espaço nele pode se contrair e expandir numa
escala incrivelmente ampla, conservando apenas uma propriedade [350] permanente, ou
seja, os ângulos. Por conseguinte, o espaço existente para o elétron, que é proporcional
ao seu tamanho, será tão pequeno que uma cadeira não ocupará praticamente nenhum
lugar nesse espaço.
Assim, chegamos a um espaço que se expande e se contrai de acordo com o
tamanho do "corpo de referência" — um espaço expansível e contrátil. Na nova Física, o
"molusco" de Einstein é a maior aproximação a essa idéia. Mas como a maioria das idéias
da nova Física, o "molusco" não é tanto a formulação de algo novo como uma tentativa de
demonstrar o que o velho não fará. O "velho", nesse caso, é o espaço imóvel e
inalterável. Pode-se dizer o mesmo da idéia geral do continuum espaço-temporal. A nova
Física reconhece que o espaço não pode ser examinado separado do tempo, o tempo

não pode ser examinado separado do espaço, mas a nova Física não declara o que
constitui realmente a essência da relação do espaço com o tempo e por que os
fenômenos espaciais e os temporais parecem ser diferentes para a percepção direta.
O novo modelo do Universo estabelece exatamente a unidade de espaço e tempo, e
a diferença entre eles; determina, também, o princípio de que o espaço pode converter-se
em tempo e o tempo em espaço.
Na velha Física, o espaço é sempre espaço, e o tempo é sempre tempo. Na nova
Física, as duas categorias são uma só, espaço-tempo. No novo modelo do Universo, os
fenômenos de uma categoria podem se transformar em fenômenos da outra, e vice-versa.
Quando escrevo sobre o espaço, as concepções e dimensões espaciais, refiro-me
ao espaço para nós. Para o elétron, e muito provavelmente até para corpos muito maiores
que o elétron, nosso espaço é tempo.
A estrela de seis pontas que representava o mundo no antigo simbolismo é, na
realidade, a representação do espaço-tempo ou o "período das dimensões", isto é, das
três dimensões espaciais e das três temporais em sua união perfeita, onde cada ponto do
espaço contém o tempo todo, e cada momento do tempo contém o espaço todo; quando
tudo está em todo lugar e sempre.
Mas essa situação do espaço hexadimensional é incompreensível e inacessível para
nós, pois nossos sentidos e nossa mente só nos permitem estabelecer uma conexão com

o mundo material, isto é, com um mundo de certos limites definidos em relação ao espaço
superior. Nunca podemos ver uma estrela de seis pontas.

Fig. 18

ovo Modelo do Universo
O que significa o mundo material? O que quer dizer materialidade? O que é matéria?
No começo deste capítulo, citamos uma definição do prof. Chwolson: [351]
"Ao objetivai a causa da sensação, isto é, ao transferir esta causa para um lugar
definido no espaço, imaginamos que esse lugar contém algo que chamamos matéria ou
substância." (Vol. I, pág. 2.)

E mais adiante:

"O uso do termo "matéria" destinava-se exclusivamente à matéria que podia afetar
mais ou menos diíetamente nosso órgão do tato." (Vol. I, pág. 6.)

A Física e a Química modernas realizaram muito no estudo da estrutura e
composição da matéria, e não se restringem a uma definição de matéria como a que foi
apresentada pelo prof. Chwolson, e aparentemente consideram como matéria tudo que
admite estudo objetivo, tudo que pode ser medido e pesado, ainda que indiretamente. Ao
estudar a estrutura e composição da matéria, essas ciências tratam das divisões da
matéria que são pequenas, que não podem produzir nenhum efeito em nossos órgãos do

tato, mas são, no entanto, reconhecidas como materiais.

De fato, não só a velha Física, que limitou demais o conceito de matéria, como o

novo ponto de vista, que o estende demasiadamente, são incorretos.

Para evitar contradições, indefinição e confusão de termos, é necessário estabelecer

a existência de vários graus de materialidade.

1. Estados sólido, líquido e gasoso da matéria (até certo grau de rarefacão), isto é,

estados em que a matéria pode se dividir em "partículas".

2. Gases muito rarefeitos, constituídos de moléculas isoladas, e moléculas com seus

átomos componentes.

3. Energia radiante (luz, eletricidade, etc.), isto é, o estado eletrônico da matéria, ou

elétrons com seus derivados não limitados aos átomos. Certos físicos consideram esse

estado como decomposição da matéria. Mas não há dados que justifiquem esse ponto de

vista.

Não se sabe como os elétrons se associam nos átomos, assim como não se sabe

como as moléculas se associam nas células e no protoplasma da matéria viva ou

organizada.

É necessário ter em vista essas divisões porque, sem aplicá-las, é impossível

descobrir um caminho de saída do caos em que as ciências físicas se encontram.

O que significam essas divisões do ponto de vista dos princípios mencionados acima

do "novo modelo do Universo", e como podem ser definidos os graus de materialidade?

A matéria do primeiro tipo é tridimensional, isto é, qualquer parte e qualquer

"partícula" dessa matéria pode ser medida em comprimento, largura e altura e existe no
tempo, isto é, na quarta dimensão.
A matéria do segundo e do terceiro tipos, isto é, componentes, moléculas, á-tomos e
elétrons não têm dimensões espaciais em comparação com as partículas da matéria do
primeiro tipo, e só atingem nossa consciência em grandes massas e através de suas
dimensões temporais, a quarta, a quinta e a sexta; em outras palavras, elas só a
alcançam em virtude do seu movimento e da repetição dele.
Desse modo, só o primeiro grau da matéria pode ser considerado como existente
ovo Modelo do Universo
nas formas geométricas e no espaço tridimensional. A matéria atômica e eletrônica pode,
com todo direito, ser encarada como matéria que pertence não ao nosso, mas a outro
espaço, pois ela exige seis dimensões para sua descrição. E suas unidades, [352]
moléculas, átomos e elétrons, se tomadas por si mesmas, podem com todo o direito ser
chamadas de imateriais.
Para nós, a "materialidade" se divide em três categorias ou três graus.
O primeiro tipo de materialidade é o estado da matéria que constitui nossos corpos.
Essa matéria e qualquer parte dela deve possuir (para nós) três dimensões espaciais e
uma dimensão temporal; não podemos perceber suas quinta e sexta dimensões.
Na materialidade do primeiro tipo há (para nós) mais espaço do que tempo.

O segundo e o terceiro tipos de materialidade são os estados das moléculas, átomos
e elétrons, que (para os sentidos diretos) têm a dimensão zero no espaço e alcançam a
nossa consciência graças a suas três dimensões temporais.
Na materialidade do segundo e terceiro tipos há (para nós) mais tempo do que
espaço.

A mudança de estado da matéria de sólido para líquido e de líquido para gasoso só
diz respeito às moléculas, isto é, à distância entre elas e à sua coesão. Mas. no interior
das moléculas, em todos os três estados da matéria, o sólido, o líquido e o gasoso, tudo
permanece o mesmo, isto é, a proporção de matéria e vazio não se altera. Os "elétrons"
continuam a igual distância um do outro no interior dos átomos e giram em suas órbitas
da mesma maneira em todos os estados de coesão das moléculas. As mudanças na
densidade da matéria, isto é, a transição do estado sólido para o líquido ou para o gasoso
não as atingem nem afetam de modo algum.
O mundo no interior das moléculas é inteiramente análogo ao grande espaço em
que se movem os corpos celestes. Os elétrons, os átomos, as moléculas, os planetas, os
sistemas solares, as aglomerações de estreias — são todos fenômenos da mesma
ordem. Os elétrons se movem em suas órbitas dentro do átomo exatamente como os
planetas no sistema solar. Os elétrons são corpos celestes iguais aos planetas, até

mesmo sua velocidade é a mesma que as velocidades dos planetas. No mundo dos
elétrons e átomos é possível observar todos os fenômenos observados no mundo
astronómico. Nesse mundo há cometas que viajam de um sistema para outro, há estrelas
cadentes, chuvas de meteoritos. "O que está em cima é como o que está embaixo." A
ciência parece ter comprovado a velha fórmula dos hermetistas. Infelizmente, porém,
apenas parece assim, porque efetivamente o modelo do Universo que a ciência constrói é
demasiadamente instável e pode se desfazer em pedaços a um simples toque.
Na verdade, o que é que une todas essas partículas ou agregados de matéria que
giram? Por que os planetas do sistema solar não se separam voando em diferentes
direções? Por que continuam a girar em suas órbitas em volta de um astro central? Por
que os elétrons continuam ligados entre si, constituindo assim um átomo? Por que não se
separam voando, por que a matéria não se transforma no nada?
A ciência sempre se defrontou de uma forma ou outra com essas perguntas, e
mesmo nos nossos dias é incapaz de respondê-las sem introduzir duas novas
quantidades desconhecidas: "atração" ou "gravitação" e "éter".
A "atração", responde a ciência à pergunta acima, mantém os planetas perto do Sol
e aglutina os elétrons num todo; a atração, essa força misteriosa, a influência de uma
massa maior sobre outra menor. Isso dá origem de novo a uma pergunta: como pode uma

massa influir sobre outra, mesmo que seja menor, se estiver a uma grande distância
dela? Se imaginarmos o Sol como uma grande maçã, a Terra será uma semente [353] de
papoula a uma distância de doze passos dessa maçã. Como a maçã pode influenciar a
ovo Modelo do Universo
semente de papoula a doze passos de distância dela? Elas devem estar ligadas de algum
modo, pois, do contrário, a influência de um corpo sobre outro permanece totalmente
incompreensível, e é de fato impossível.
Os cientistas tentaram encontrar uma resposta para esse problema, imaginando um
certo meio, através do qual a influência é transmitida e no qual giram os elétrons e
(possivelmente) também os corpos celestes.
Todas essas hipóteses e também a da gravitação são totalmente desnecessárias do
ponto de vista do novo modelo do Universo.
A matéria atômica faz com que a nossa consciência se dê conta de sua existência
através do movimento. Se o movimento dentro do átomo parasse, a matéria se
transformaria no vazio, em nada. O efeito da materialidade, a impressão de massa é
produzida pelo movimemo das minúsculas partículas, o que exige tempo. Se eliminarmos
o tempo, se imaginarmos os átomos sem o tempo, isto é, todos os elétrons que
constituem o átomo imóveis, não haverá matéria. Pequenas quantidades imóveis estão
fora da nossa escala de percepção. Não as percebemos, mas percebemos as suas
órbitas, ou as órbitas de suas órbitas.

O espaço celeste é o vazio para nós, isto é, exatamente o que a matéria seria sem o
tempo.
Mas no caso do espaço celeste, aprendemos mais cedo do que no caso da matéria
que o que nós vemos não corresponde à realidade, embora a nossa ciência ainda esteja
longe da compreensão correta dessa realidade.
Os pontos luminosos se transformaram em mundos que se movem no espaço. O
Universo de globos flutuantes passou a existir. Mas essa imagem não é o fim da
compreensão possível do espaço celeste.
Se representarmos esquematicamente a inter-relação dos corpos celestes, nós os
representaremos como discos ou pontos a uma grande distância uns dos outros. Mas
sabemos que eles não são imóveis, sabemos que eles giram em volta um do outro, e que
eles não são pontos. A Lua gira em torno da Terra, a Terra em torno do Sol, o Sol por sua
vez gira em torno de algum outro astro que desconhecemos, ou, de qualquer modo.
move-se numa direção definida ao longo de uma linha definida. Por conseguinte, a Lua
girando em tomo da Terra, gira, ao mesmo tempo, em volta do Sol, e também se move
para algum lugar juntamente com o Sol. E a Terra, girando em volta do Sol, gira ao
mesmo tempo em torno de um centro desconhecido.
Se quisermos representar graficamente os caminhos desse movimento,
representaremos o caminho do Sol como uma linha, o da Terra como uma espiral dando
voltas em torno dessa linha, e o da Lua como uma espiral dando voltas ao redor da

espiral da Terra. Se quisermos representar o caminho de todo o sistema solar, teremos
que representar os caminhos de todos os planetas e asteróide como espirais dando voltas
em tomo da linha central do Sol, e os caminhos dos satélites dos planetas como espirais
em tomo das espirais dos planetas. Seria muito difícil fazer esse desenho, e em relação
aos asteróides seria impossível; e seria ainda mais difícil construir um modelo exato a
partir desse desenho, sobretudo se todas as inter-relações, distâncias, a espessura exata
das espirais, etc., tivessem que ser rigorosamente observadas. Mas se conseguíssemos
construir um modelo assim, ele seria um modelo exato de uma pequena partícula de
matéria aumentada muitas vezes. O mesmo modelo, reduzido um número necessário de
vezes, nos pareceria a matéria impenetrável, exatamente idêntica a toda a matéria que
nos cerca. [354]
A matéria ou a substância que constitui nossos corpos e todos os objetos que. nos
cercam é formada exatamente da mesma maneira que o sistema solar; que somos
incapazes de perceber os elétrons e os átomos como pontos imóveis, mas os
ovo Modelo do Universo
percebemos na forma dos complexos e emaranhados traços de seus movimentos que
produzem o efeito de massa. Se pudéssemos perceber o sistema solar numa escala
muito menor, ele produziria em nós o efeito de matéria. Não haveria nenhum vazio para
nós no sistema solar, assim como não há nenhum vazio na matéria que nos cerca.

O vazio ou a plenitude do espaço depende inteiramente das dimensões nas quais
percebemos a matéria ou as partículas de matéria contidas nesse espaço. E as
dimensões em que percebemos essa matéria dependem do tamanho das partículas
dessa matéria em comparação com o nosso corpo, da maior ou menor distância que nos
separa delas, e da nossa percepção do seu movimento (que depende da velocidade de
seu próprio movimento e da velocidade de nossa percepção), que cria o aspecto subjetivo
do mundo.
Todas essas contradições em conjunto determinam as dimensões nas quais
percebemos os vários aglomerados de matéria.
Um mundo inteiro, constituído de vários sóis, com os planetas e satélites que os
cercam, correndo com velocidade espantosa pelo espaço, mas separado de nós por
grandes distâncias, é percebido por nós como um ponto imóvel.
Os elétrons quase incomensuravelmente pequenos transformam-se em linhas
quando se movem, e essas linhas, entrelaçando-se mutuamente, criam para nós a
impressão de massa, isto é, de matéria consistente, impenetrável, de que são
constituídos os corpos tridimensionais que nos cercam.
A matéria é criada pelo fino tecido formado pelos vestígios do movimento dos
menores "pontos materiais".
O estudo dos princípios desse movimento é necessário para a compreensão do
mundo, porque só quando tomarmos esses princípios claros para nós é que teremos uma

idéia exata de como é tecida e tornada espessa a trama criada peio movimento dos
elétrons e como o mundo inteiro, de uma variedade infinita de fenômenos, é construído a
partir dessa trama.

O princípio fundamental da estrutura da matéria do ponto de vista do novo modelo
do Universo é a idéia das gradações nessa estrutura. A matéria de um tipo não pode ser
descrita como constituída de unidades de matéria de outro tipo. É o maior erro dizer que a
matéria tangível é constituída de átomos e elétrons. Os átomos são constituídos de
elétrons positivos e negativos. As moléculas são constituídas de átomos. As partículas de
matéria são constituídas de moléculas. Os corpos materiais são constituídos de matéria.
Não se pode dizer que os corpos materiais são constituídos de moléculas ou de átomos.
Os átomos e as moléculas não podem ser encarados como partículas materiais; eles
pertencem a um espaço-tempo diferente. Foi assinalado antes que eles contém mais
tempo do que espaço. Um elétron é muito mais uma unidade de tempo do que uma
unidade de espaço.
Encarar o corpo do homem, por exemplo, como constituído de elétrons ou mesmo
de moléculas é tão enado como seria considerar a população de uma grande cidade, ou
uma companhia de soldados, ou qualquer concentração de pessoas como constituída de
células. É evidente que a população de uma cidade grande e até a de uma pequena

cidade, ou uma companhia de soldados não é constituída de células [355] microscópicas,
mas de indivíduos. Precisamente da mesma maneira, o corpo humano é constituído de
células individuais, ou simplesmente, de acordo com a Física, de matéria. É claro que não
tenho em vista uma metáfora que considerasse uma multidão de pessoas como um
organismo e as pessoas isoladas como as células desse organismo.

Toda uma série de hipóteses desnecessárias cai por terra assim que
ovo Modelo do Universo
compreendemos a ligação e coesão gerais que resultam das definições anteriores de
matéria e massa.
A primeira é a hipótese da gravitação. A gravitação só é necessária no "mundo de
bolas flutuantes"; no mundo de espirais interligadas ela se torna desnecessária. De modo
semelhante desaparece a necessidade de reconhecer um "meio" através do qual a
gravitação, ou a "ação à distância" se transmite. Tudo está ligado. O mundo constitui Um
Todo.
Ao mesmo tempo, surge outro problema interessante. A hipótese da gravitação se
relacionava com as observações dos fenômenos de peso e queda. Na verdade, de acordo
com a lenda de Newton (a maçã que Newton viu cair da árvore), essas observações
deram motivo à construção de toda a hipótese. Não ocorreu a ninguém que os fenômenos
explicados pela "gravitação" ou "atração" por um lado, e os fenômenos de "peso" por outro, são fenômenos

totalmente diferentes, que não têm absolutamente nada em comum.

O Sol, a Lua, as estrelas que vemos, são secções transversais de espirais que não vemos. Essas secções transversais não se separam das espirais por causa do mesmo princípio em razão do qual a secção transversal de uma maçã não pode se separar da maçã.

Mas a maçã cai no chão, como se fosse para o centro da Terra, em virtude de um princípio inteiramente diferente, ou seja, o "principio de simetria". No Capítulo II deste livro, há uma descrição desse movimento particular que chamamos movimento a partir do centro e para o centro ao longo dos raios, e que, com suas leis enumeradas ali, é a base e a causa dos fenômenos de simetria.

As leis de simetria, quando forem estabelecidas e elaboradas, ocuparão um lugar muito importante no novo modelo do Universo. E é bem possível que o que se chama lei de gravitação, no sentido da fórmula de cálculo, prove ser uma expressão parcial da lei de simetria.

A definição de massa como o resultado do movimento de pontos invisíveis dispensa qualquer necessidade da hipótese do éter. Um raio de luz tem estrutura material, e do mesmo modo a corrente elétrica; mas a luz e a eletricidade são matéria que não é formada de átomos, mas permanece no estado eletrônico.

Voltando aos conceitos da Física e da Geometria, devo repetir que o

desenvolvimento errado do pensamento científico, que levou, na nova Física, à
complicação desnecessária de problemas que eram simples em sua essência, foi devido,
em grande parte, ao fato de se operar com conceitos indefinidos.
Um desses conceitos indefinidos é "infinito".
O infinito tem um significado exato apenas na Matemática. Na Geometria, o infinito
precisa ser definido, e mais ainda na Física. Essas definições não existem, nem houve
sequer tentativas de definições tais que merecessem atenção. O "infinito" é considerado
simplesmente como algo muito grande, maior que qualquer outra coisa [356] que podemos
conceber, e ao mesmo tempo como algo completamente homogéneo com o finito, ainda
que incalculável. Em outras palavras, nunca foi dito, em lugar algum, de forma definida e
exata. que o infinito não é homogêneo com o finito. Quero dizer qus não foi determinado
com exatidão o que distingue o infinito do finito, seja física ou geometricamente.
Na realidade, tanto no domínio da Geometria como no da Física, o infinito tem um
significado distinto, que difere muitíssimo do significado estritamente matemático. E o
estabelecimento de significados diferentes do infinito resolve um número de problemas de
outro modo insolúveis e afasta o nosso pensamento de uma série de labirintos e
caminhos obscuros criados ou artificialmente ou através de incompreensão.
ovo Modelo do Universo
Primeiro que tudo, uma definição exata do infinito dispensa a necessidade de

misturar a Física com a Geometria, que é a idéia favorita de Einstein e a base da

Geometria não-euclidiana. Eu salientei antes que a mistura da Física com a Geometria,

quer dizer, a introdução da Física na Geometria, ou uma reavaliação física dos valores

geométricos (todas essas barras rígidas e não rígidas, etc.), que resulta de uma idêntica

avaliação matemática dos valores geométricos e físicos, é desnecessária, seja para os

argumentos que dizem respeito à relatividade, seja para qualquer outra coisa.

Os físicos estão inteiramente certos ao acharem que a Geometria não é suficiente

para eles; no espaço euclidiano não há lugar bastante para eles com sua bagagem. Mas

o aspecto notável da Geometria de Euclides (e essa é exatamente a razão pela qual a

geometria euclidiana deveria ser conservada intacta) consiste no fato de que ela contém

uma indicação do caminho de saída. Não há nenhuma necessidade de fragmentar e

destruir a Geometria de Euclides. Ela pode muito bem adaptar-se a qualquer tipo de

descoberta física. E a chave para. isso é o infinito.

A diferença entre o infinito na Matemática e o infinito na Geometria é, à primeira

vista, absolutamente clara. A Matemática não estabelece dois infinitos para uma

quantidade finita. A Geometria começa por aí.

Tomemos qualquer linha finita. O que é o infinito para essa linha? Temos duas

respostas: uma linha prolongada até o infinito, ou o quadrado, do qual a linha dada é um

lado. O que é o infinito para um quadrado? Um plano infinito, ou o cubo, do qual aquele

quadrado constitui um lado. O que é o infinito para um cubo? O espaço infinito
tridimensional, ou uma figura de quatro dimensões.
Desse modo o conceito habitual de uma linha infinita continua, mas é acrescentado
outro a ele, o conceito do infinito como um plano que resulta do movimento da linha numa
direção perpendicular a si mesma.
A esfera tridimensional infinita continua; mas um corpo tetradimensional constitui o
infinito para um corpo tridimensional.
Além disso, o problema se torna ainda mais simples se tivermos em mente que uma
linha "infinita", um plano "infinito" e um sólido "infinito" são puras abstrações; enquanto uma linha (finita) em relação a um ponto, um quadrado em relação a uma linha e um cubo
em relação a um quadrado são fatos concretos reais.
Assim, permanecendo no domínio dos fatos, pode-se formular o princípio do infinito
na Geometria do seguinte modo: para cada figura de um dado número de dimensões, o
infinito é uma figura do mesmo número de dimensões mais uma. [357]
Ao mesmo tempo, a figura do número menor de dimensões é incomensurável com a
figura do número maior de dimensões. A incomensurabilidade (nas figuras de diferentes
números de dimensões) cria o infinito.
Tudo isso é muito elementar. Mas se temos em mente, com firmeza, as deduções
que podem ser tiradas dessas proposições elementares, elas nos capacitarão a nos
libertarmos da influência do princípio aristotélico da constância dos fenômenos,

erroneamente interpretado. O princípio de Aristóteles só é verdadeiro dentro dos limites
do finito, dos limites da comensurabilidade. Logo que começa o infinito, não sabemos
nada e não temos nenhum direito de afirmar coisa alguma em relação à unidade dos
fenômenos e das leis.
Prosseguindo essa argumentação, nos defrontamos com outro fato ainda mais
interessante, isto é, o infinito físico difere tanto do geométrico quanto este difere do infinito
matemático. Ou, para ser mais preciso, o infinito físico começa muito antes do infinito
geométrico. E se o infinito matemático tem um significado e o infinito geométrico, dois. o
infinito físico pode ter muitos significados, isto é, o matemático (incalculabilidade), o
geométrico (a presença de uma dimensão adicional ou a extensão incomensurável) e os
ovo Modelo do Universo
exclusivamente físicos, isto é, a diferença de função.
O infinito é criado pela incomensurabilidade. Mas pode-se chegar a esta por
diferentes caminhos. E no mundo físico, a incomensurabilidade só pode ser efetivada por
causa da diferença quantitativa. Geralmente, só quantidades diferentes qualitativamente
são consideradas incomensuráveis, e a diferença qualitativa é encarada como
independente da diferença quantitativa. Mas é justamente aí que está a confusão
principal. A diferença quantitativa ocasiona a qualitativa.
No mundo matemático, a incomensurabilidade é criada pela incalculabilidade de
uma das quantidades comparadas; no mundo geométrico ela é criada ou pela extensão

infinita de uma das quantidades que estão sendo comparadas, ou pela presença nela de
uma nova dimensão. No mundo físico chega-se a ela simplesmente por uma diferença de
tamanho que às vezes até permite o cálculo.
Tudo isso significa que o infinito na Geometria é diferente do infinito na Matemática
pelo fato de ser relativo. O infinito matemático é igualmente infinito para qualquer número
finito. Mas o infinito geométrico não tem nenhum significado absoluto. Um quadrado é
infinito para uma linha, mas é apenas maior que outro quadrado menor, ou menor que
outro maior.
No mundo físico, um corpo grande é muitas vezes incomensurável com um
pequeno, e o pequeno maior que o grande. Uma montanha é incomensurável com um
camundongo, e este é maior que a montanha pela perfeição de suas funções e pelo fato
de pertencer a outro nível de ser.
Além disso, deve-se mencionar que a função de cada coisa individual só é possível
se a própria coisa tem um tamanho definido. A razão pela qual isso não foi observado e
determinado há muito tempo deve-se a uma compreensão errônea do princípio de
Aristóteles.
Os físicos encontraram muitas vezes manifestações dessa lei, a saber, a função de
cada coisa individual só é possível se a própria coisa tem um tamanho definido, mas ela
nunca atraiu sua atenção e nunca os levou a reunir observações obtidas em domínios
diferentes. Na formulação de muitas leis físicas, encontramos restrições de que a lei

particular só é verdadeira para quantidades médias, e de que no caso [358] de quantidades
maiores ou menores a lei muda. Essa lei é vista ainda com mais clareza nos fenômenos
estudados pela Biologia e pela Sociologia.
Podemos expressar da seguinte maneira a conclusão do que foi dito:
Tudo que existe é o que está apenas dentro dos limites de uma escala determinada
e muito restrita. Numa escala diferente isso se toma outra coisa. Em outras palavras, cada
coisa e cada acontecimento tem um certo significado, só dentro dos limites de uma certa
escala, quando comparados com coisas e acontecimentos de proporção não muito
afastada da sua própria, isto é, que existem dentro da mesma escala.
Uma cadeira não pode ser uma cadeira no mundo planetário. De modo semelhante,
uma cadeira não pode ser uma cadeira no mundo dos elétrons. Uma cadeira só tem seu
significado e suas três dimensões entre objetos criados pela mão do homem, que servem
às necessidades e exigências do homem, e comensuráveis com ele. Na escala planetária,
uma cadeira não pode ter existência individual, porque ela não pode ter nenhuma função.
Ha é simplesmente uma pequena partícula de matéria inseparável da matéria que a
cerca. Como foi exposto antes, no mundo dos elétrons uma cadeira também se torna
pequena demais para sua função, e portanto perde todo seu significado e toda sua
importância. Uma cadeira realmente não existe em comparação até com coisas que

diferem dela muito menos que os planetas e os elétrons. Uma cadeira no meio do oceano,

ou no meio da cordilheira alpina, seria um ponto sem nenhuma dimensão.

Tudo isso mostra que a incomensurabilidade existe não apenas entre coisas de

ovo Modelo do Universo

categorias e denominações diferentes, e não só entre coisas de números de dimensões

diferentes, mas também entre coisas que simplesmente diferem em tamanho de maneira

considerável. Um objeto grande é incomensurável com um pequeno. Um objeto grande é

muitas vezes infinito em comparação com um pequeno.

Cada coisa isolada e cada fenômeno isolado, ao se tomar maior ou menor, deixam

de ser o que eram e se tornam alguma outra coisa — alguma coisa que pertence a outra

categoria.

Esse princípio ainda é completamente estranho, tanto à velha quanto à nova Física.

Pelo contrário, cada coisa isolada e cada fenômeno isolado permanecem, para a Física, o

que se considerava originalmente que fosse — a matéria continua matéria, o movimento

continua movimento, a velocidade continua velocidade. E, no entanto, é precisamente

essa possibilidade da transição de fenômenos espaciais em temporais e de fenômenos

temporais em espaciais que condiciona a eterna flutuação da vida. E essa transição

ocorre quando o fenômeno considerado se toma infinito em relação a outro fenômeno.

Do ponto de vista da velha Física, a velocidade, que era encarada como um

fenômeno geralmente compreendido que não exigia definição, continuava sempre
velocidade; ela podia crescer, aumentar, tomar-se uma velocidade infinita. Não ocorria a
ninguém duvidar disso. E tendo se deparado, apenas de maneira acidental, com o fato de
que a velocidade da luz é uma velocidade limite, os físicos foram forçados a admitir que
nem tudo estava bem, e que a idéia de velocidade precisava ser revista.
Mas os físicos, sem dúvida, não podiam se render imediatamente e admitir que a
velocidade pode deixar de ser velocidade e se tomar outra coisa.
Com que eles toparam na realidade?
Com um exemplo de infinito. A velocidade da luz é infinita se comparada com todas
as velocidades que podemos observar ou criar experimentalmente. E, como tal, [359] não
pode ser aumentada. Na realidade, ela deixa de ser velocidade e se toma uma extensão.
Comparado a qualquer objeto que se move com "velocidades terrestres", um raio de
luz possui uma dimensão adicional.
Uma linha é infinita em relação a um ponto. E o movimento do ponto não altera essa
relação; uma linha será sempre uma linha.
A idéia de velocidade limite se apresentou quando os físicos encontraram um caso
de infinito óbvio. Mas mesmo fora disso, todas as incongruências e contradições da velha
Física, que foram descobertas e calculadas por Einstein, e lhe forneceram material para a
construção de suas teorias, tudo isso sem exceção resulta da diferença entre o infinito e o
finito. O próprio Einstein, muitas vezes, faz alusão a isso.

A descrição de Einstein do exemplo do "comportamento de relógios e barras de
medir sobre um disco de mármore em rotação" padece de uma falha. Einstein se
esqueceu de dizer que o diâmetro do "disco de mármore" ao qual são fixados os relógios,
que começam a andar com velocidades diferentes do movimento do disco, de acordo com
a sua distância do centro do disco, devia ser aproximadamente igual à distância da Terra
a Sírio; ou então os "relógios" devem ser do tamanho de um átomo (cerca de cinco
milhões deles podem ser colocados no diâmetro de um ponto final). Com essa diferença
de tamanho, podem realmente ocorrer fenômenos estranhos, tais como a velocidade
desigual dos relógios ou a mudança de comprimento das barras de medir. Mas não podia
haver um "disco" com diâmetro igual à distância da Terra a Sírio, nem relógios do
tamanho de um átomo. Tais relógios deixarão de existir antes que mudem sua velocidade,
embora isso não possa ser inteligível para a Física moderna que, como assinalei antes,
não pode se libertar do princípio arisíotéli-co da constância dos fenômenos e não pode,
portanto, notar que a constância é sempre destruída pela incomensurabilidade. Em geral,
pode-se admitir que. dentro dos limites das possibilidades terrestres, o comportamento,
ovo Modelo do Universo
tanto dos relógios como das barras de medir, será inteiramente digno de consideração, e
para todas as finalidades práticas podemos confiar neles com segurança. Só há uma

coisa que não devemos fazer — colocar neles qualquer "problema com o infinito".

Afinal, todos os mal-entendidos são causados pelos problemas com o infinito,

principalmente porque este é introduzido no nível das quantidades finitas. O resultado

será, certamente, diferente do que é esperado; um resultado inesperado exige adaptação.

O "princípio especial da relatividade" e o "princípio geral da relatividade" são adaptações

muito complicadas e desajeitadas para a explicação de resultados estranhos e

inesperados dos "problemas com o infinito".

O próprio Einstein diz que podemos encontrar as provas de suas teorias ou nos

fenômenos astronómicos ou nos fenômenos da eletricidade e da luz. Em outras palavras,

ele afirma com isso que todos os problemas que exigem os princípios particulares da

relatividade originam-se dos problemas com o infinito ou com a incomensurabilidade.

O princípio especial da relatividade baseia-se na dificuldade de estabelecer a

simultaneidade de dois acontecimentos separados pelo espaço, e sobretudo na

impossibilidade da composição de velocidades ao comparar as velocidades terrestres

com a velocidade da luz. Esse é exatamente um caso da heterogeneidade estabelecida

do finito e do infinito.

Falei anteriormente dessa heterogeneidade; quanto à impossibilidade de determinar

a simultaneidade de dois acontecimentos, Einstein não especifica a que distância [360]

entre dois acontecimentos se toma impossível estabelecer sua simultaneidade. E se

insistimos numa explicação, receberemos sem dúvida a resposta de que a distância deve
ser "muito grande". Essa distância "muito grande" mostra novamente que Einstein
presume um problema com o infinito.
O tempo é realmente diferente para diferentes sistemas de corpos que se movem.
Mas só é incomensurável (ou não pode ser sincronizado) se os sistemas que se movem
estão separados por um grande espaço, que é na verdade infinito para eles, ou quando
diferem muito em tamanho e velocidade, isto é, quando um deles é infinito em
comparação com o outro, ou contém o infinito.
E podemos acrescentar a isso que não só o tempo, mas também o espaço, é
diferente para eles, mudando de acordo com o seu tamanho e velocidade.
A proposição gerai é inteiramente correta:
"Cada sistema que existe isoladamente tem seu próprio tempo."
Mas o que significa "existir isoladamente"? E como pode haver sistemas isolados
num mundo de espirais relacionadas! Tudo que existe no mundo constitui um todo; não
pode haver nada isolado.
O princípio da ausência de isolamento, da impossibilidade de isolamento, constitui
uma parte muito importante de certas doutrinas filosóficas, por exemplo do Budismo, onde
se considera que uma das primeiras condições para a compreensão correta do mundo é
a destruição em si mesmo do "sentido de isolamento".
Do ponto de vista do novo modelo do Universo, o isolamento existe, mas só
relativamente.

Imaginemos um sistema de rodas dentadas, girando com velocidades diferentes,
que dependem do seu tamanho e do lugar que cada uma ocupa no sistema. O sistema,
por exemplo o mecanismo de um relógio comum, constitui um todo, e desse ponto de
vista não pode haver nada isolado nele. De outro ponto de vista, cada roda dentada
isolada se move com sua própria velocidade, isto é, tem uma existência isolada em seu
próprio tempo.
Analisando o problema do infinito e das quantidades infinitas, tocamos em vários
ovo Modelo do Universo
outros problemas, cuja elucidação é igualmente necessária para uma compreensão
correta do novo modelo do Universo. Alguns desses problemas já foram examinados.
Restam os das quantidades zero e das quantidades negativas.
Tentemos começar o exame dessas quantidades do mesmo modo como
começamos o exame do infinito e das quantidades infinitas, isto é, tentemos comparar
seus significados na Matemática, na Geometria e na Física.
Na Matemática, o zero tem sempre um único significado. Não há razão para falar
das quantidades zero na Matemática.
O zero na Matemática e o ponto na Geometria têm aproximadamente o mesmo
significado, com a diferença de que o ponto na Geometria indica o lugar em que alguma
coisa começa ou termina, ou acontece, por exemplo onde duas linhas se interceptam; ao

passo que, na Matemática, o zero indica o limite de certas operações possíveis. Mas, na essência, não há nenhuma diferença entre o zero e o ponto, porque nenhum deles tem existência independente.

Na Física, a situação é absolutamente diferente. O ponto material só é ponto numa certa escala. Se a escala é mudada, o ponto pode provar ser um sistema de medidas imensas muito complexo e pluridimensional. [361]

Imaginemos um pequeno mapa em que até as maiores cidades são pontos.

Suponhamos que encontramos os meios de revelar o conteúdo desses pontos, ou de enchê-los de conteúdo. Desse modo, o que parecia um ponto manifestará uma grande quantidade de propriedades e características novas, e as extensões e medidas contidas nisso. Na cidade, vão aparecer ruas, parques, casas, pessoas. Como devem ser compreendidas as medidas dessas ruas, praças e pessoas?

Quando a cidade era um ponto para nós, elas eram menores que um ponto. Não é possível chamá-las de dimensões negativas!

Os não iniciados, na maior pane dos casos, não sabem que o conceito de "quantidade negativa" não tem definição na Matemática. Ela só tem um certo significado na Aritmética elementar, e também nas fórmulas algébricas, onde designa a operação a ser realizada, em vez da diferença nas proporções das quantidades. Na Física, a ' quantidade negativa" não significa absolutamente nada. No entanto, já nos deparamos

com quantidades negativas. Foi ao falar das dimensões dentro do átomo que eu tive que
assinalar que, embora o átomo (ou a molécula) não tenha dimensão para os sentidos
diretos, isto é, seja igual a zero, essas dimensões ou extensões dentro do átomo são
ainda menores, isto é. menores que zero.
Portanto, não precisamos de metáforas ou analogias para falar de dimensões
negativas. Estas são as dimensões dentro daquilo que parece ser um ponto material. E
isso explica exatamente por que é errado considerar materiais as pequenas partículas de
matéria, como os átomos ou os elétrons. Elas não são materiais, porque são fisicamente
negativas, isto é, menores do que o zero físico.
Reunindo tudo o que foi exposto até agora, vemos que além do período de seis
dimensões, temos dimensões imaginarias, a sétima, a oitava e assim por diante, que
continuam em direções inexistentes e diferem no grau de impossibilidade; e dimensões
negativas dentro das menores partículas que representam para nós pontos materiais.

Na nova Física, o conflito entre as velhas e as novas idéias de tempo e espaço é
especialmente assinalado em concepções referentes ao raio luminoso; mas, ao mesmo
tempo, uma compreensão correta do raio luminoso resolverá de saída todos os pontos da
questão do tempo e do espaço.
Completarei o novo modelo do Universo por uma análise de um raio luminoso, mas,
ovo Modelo do Universo

antes de começá-la, devo examinar certas propriedades ulteriores do tempo considerado
como um continuam tridimensional.
Até agora considerei o tempo como a medida do movimento. Mas o movimento em
si mesmo é a sensação de uma percepção incompleta do espaço em questão. Para um
cão, um cavalo, um gato, nossa terceira dimensão é movimento. Para nós, o movimento
começa na quarta dimensão e é uma sensação parcial desta. Mas, assim como, para os
animais, os movimentos imaginários dos objetos, que na realidade constituem sua terceira
dimensão, se incorporam a esses movimentos que são movimentos para nós, quer dizer,
na quarta dimensão, do mesmo modo, para nós, os movimentos da quarta dimensão se
incorporam aos da quinta e sexta dimensões. Partindo daí, devemos tentar estabelecer
algo que nos permitirá avaliar as propriedades da quinta e da sexta dimensões. Sua
relação com a quarta dimensão deve ser análoga à relação desta com a terceira, da
terceira com a segunda, e assim por diante. Isso quer dizer que, primeiro que tudo, a
dimensão nova, a superior, deve ser incomensurável [362] com a inferior e constituir o
infinito para ela, parecendo repetir suas características um número infinito de vezes.
Assim, se tomamos o "tempo" (que é a extensão de antes para depois) como a
quarta dimensão, o que será a quinta dimensão neste caso, isto é, o que constitui o
infinito para o tempo, o que é incomensurável com ele?
São justamente os fenômenos luminosos que nos permitem entrar em contato

imediato com os movimentos da quinta e sexta dimensões.

A linha da quarta dimensão é sempre e em toda parte uma curva fechada, embora

na escala da nossa percepção tridimensional não vejamos que essa linha é curva, nem

que ela é fechada. Essa curva fechada da quarta dimensão, ou o círculo do tempo, é a

vida ou a existência de cada objeto isolado, de cada sistema isolado, que é examinada no

tempo. Mas o círculo do tempo não se fragmenta ou desaparece. Ele continua a existir, e

juntando-se com outros círculos previamente formados, penetra na eternidade. A

eternidade é a repetição infinita do círculo completo da vida, uma repetição infinita da

existência. A eternidade é incomensurável com o tempo. A eternidade é o infinito para o

tempo.

Os quanta de luz são precisamente esses círculos da eternidade.

A terceira dimensão do tempo (a sexta dimensão do espaço) é a extensão desses

círculos eternos numa espiral ou num cilindro com uma rosca helicoidal em que cada

círculo está trancado dentro de si (e o movimento ao longo dele é eterno) e penetra

simultaneamente em outro círculo que também é eterno, e assim por diante.

Esse cilindro oco com dois tipos de rosca seria um modelo do raio luminoso — um

modelo do tempo tridimensional.

A questão seguinte é: ondeestáoelétron? O que acontece com o elétron da molécula

luminosa que emite quanta de luz? Essa é uma das questões mais difíceis para a nova

Física. Do ponto de vista do novo modelo do Universo, a resposta é clara e simples.

O elétron é transformado em quanta, torna-se um raio de luz. O ponto se transforma

numa linha, numa espiral, num cilindro oco.

Como corpos tridimensionais, os elétrons não existem para nós. A quarta dimensão

dos elétrons, isto é, sua existência (o círculo completo), também não tem nenhuma

medida para nós. Ela é pequena demais, tem uma duração curta demais, é menor que o

nosso pensamento. Não podemos saber a respeito deles, isto é, não podemos percebê-

los de maneira direta.

Só a quinta e a sexta dimensões dos elétrons têm algumas medidas em nosso

espaço-tempo. A quinta dimensão constitui a espessura do raio, e a sexta, seu

comprimento.

ovo Modelo do Universo

Portanto, na energia radiante não lidamos com os próprios elétrons, mas com suas

dimensões temporais, com os vestígios de seu movimento e existência, dos quais é tecida

a trama primária de qualquer matéria.

Agora, se aceitamos a descrição aproximada do raio luminoso como um cilindro oco

constituído de quanta estendidos junto um do outro ao longo da extensão do raio, o

quadro se torna mais claro.

Primeiro que tudo, o conflito entre a teoria dos movimentos ondulatórios e a teoria da

emissão está resolvido, e está resolvido no sentido de que ambas as teorias [363] se

revelam igualmente verdadeiras e necessárias, embora se refiram a fenômenos diferentes
ou a aspectos diferentes do mesmo tipo de fenômeno.
As vibrações ou movimentos ondulatórios, que foram considerados a causa da luz,
são movimentos ondulatórios transmitidos ao longo de raios luminosos já existentes. O
que se chama "velocidade da luz" é provavelmente a velocidade dessas vibrações
passando ao longo do raio. Isso explica por que os cálculos feitos com base na teoria de
vibrações se mostraram correios e tornaram possíveis novas descobertas. Em si mesmo,
um raio não tem nenhuma velocidade; é uma linha, uma concepção espacial, não uma
concepção temporal.
Não é necessário nenhum éter, porque as vibrações viajam através da própria luz.
Ao mesmo tempo, a luz tem "estrutura atômica", pois uma secção transversal de um feixe
de luz mostraria uma rede, através de cuja malha podem deslizar facilmente as moléculas
de gás que ele encontra.
Embora os cientistas falem dos métodos muito apurados que possuem para contar
os elétrons e medir suas velocidades, é admissível duvidar se eles querem dizer
realmente elétrons e não suas extensões ao longo da sexta dimensão, as extensões que
já adquiriram, para nós, significado espacial.
A estrutura material de um raio luminoso explica também seus possíveis desvios sob
a influência de forças que atuam sobre ele. Mas é certo que essas forças não são a
"atracão" no sentido newtoniano, embora possam ser, muito possivelmente, atracão

magnética.

Resta ainda uma questão que eu deixei sem tocar até agora. É a questão da duração da existência das pequenas partículas, moléculas, átomos e elétrons. Ela nunca recebeu um tratamento sério na Física; unidades pequenas são consideradas constantes, como a matéria e a energia, isto é, como se existissem por um tempo indefinidamente longo. Se houve, alguma vez, dúvidas sobre isso, elas não deixaram um sinal perceptível, e os físicos faiam de moléculas, átomos e elétrons, inicialmente (como já foi assinalado), como partículas de matéria, e em seguida, como partículas que existem paralelamente a nós, ocupando um certo tempo dentro do nosso tempo. Isso nunca é dito diretamente, mas sobre esse ponto nunca surgem dúvidas. E no entanto, na realidade, a existência das unidades pequenas de matéria é tão curta que é inteiramente impossível falar delas na mesma linguagem em que falamos dos corpos físicos quando são o objeto do nosso exame.

Ficou claro antes que o espaço das unidades pequenas é proporcional ao seu tamanho, e, exatamente do mesmo modo, seu tempo é proporcional ao seu tamanho.

Isso quer dizer que o seu tempo, isto é, o tempo de sua existência, é quase inexistente em comparação com o nosso.

A Física fala da observação dos elétrons e do cálculo de seu peso, velocidade, *etc.*

Mas, para nós, um elétron é apenas um fenômeno, e um fenômeno que é mais rápido que

qualquer coisa visível a nossos olhos; um átomo como um todo é talvez apenas um
ovo Modelo do Universo
fenômeno maior, porém maior na mesma escala, exatamente como há várias velocidades
instantâneas numa câmara fotográfica. Mas, tanto o átomo como o elétron, para nós, são
apenas fenômenos temporais, além do mais fenômenos "instantâneos"; eles não são
corpos, não são objetos. Alguns cientistas afirmam que conseguiram ver moléculas. Mas
eles sabem de fato durante quanto tempo, marcado pelo seu relógio, uma molécula pode
existir? Durante sua existência muito curta, uma molécula [364] de gás (que só pode ser
acessível à observação se isso for absolutamente possível) viaja através de distâncias
imensas e não aparecerá de modo algum como um ponto em movimento, seja aos
nossos olhos, seja a uma câmara fotográfica. E visto como uma linha, interceptaria
inevitavelmente outras linhas, de modo que seria dificílimo seguir uma só molécula,
mesmo pelo período de uma pequena fração de segundo; e mesmo que isso se tomasse
de algum modo possível, exigiria um aumento tal que é realmente impossível até nos
nossos dias.
Deve-se levar tudo isso em conta ao falar, por exemplo, dos fenômenos luminosos.
Muitíssimas incompreensões se desfazem imediatamente, se nos damos conta e temos
em mente com todo o cuidado, o fato de que um "elétron" existe por uma parte
incomensuravelmente pequena de um segundo, o que significa que ele nunca pode, em

qualquer condição, ser visto ou medido por nós. como somos.

É impossível, com o material científico existente, encontrar base firme para qualquer

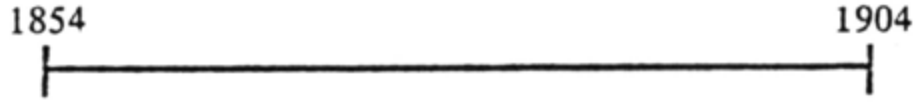
teoria referente à curta existência das pequenas unidades de matéria. Pode-se encontrar

o material para uma tal teoria na idéia do "tempo diferente em diferentes cosmos", que é

pane de uma doutrina especial do mundo, que será assunto de outro livro.

1911-1929

[365]



ovo Modelo do Universo

Capítulo XI - O Eterno Retorno e as Leis de Manu

*

Os problemas fundamentais do ser, isto é, os enigmas do nascimento e da morte, do

aparecimento e do desaparecimento, nunca abandonam o homem. Seja o que for que eie

pense a respeito, está de fato pensando nesses enigmas ou problemas. E mesmo quando

se decide a deixar de lado essas questões, na verdade se agarra a qualquer

possibilidade, até a mais remota, e tenta uma vez mais compreender alguma coisa dos

enigmas que reconheceu serem insolúveis.

Falando de modo geral, as pessoas por sua atitude em relação aos problemas da

vida e da morte, podem se dividir em duas categorias. As pessoas, na maioria, abordam

esses problemas exatamente como todos os outros, e de certa forma os resolvem por si

mesmas, seja positiva ou negativamente. Para chegar a essas conclusões, usam métodos de pensamento habituais, os mesmos métodos e as mesmas categorias de pensamento que usam para pensar nas coisas comuns que acontecem na vida. Dizem que depois da morte não haverá nada, que além do limiar da morte não há nem pode haver nenhuma existência; ou então, que haverá uma existência de alguma espécie, ou semelhante à existência terrena, ou diferente dela, e que consiste inteiramente de sofrimento, ou inteiramente de alegria.

Mas outros sabem mais do que isso. Compreendem que os problemas da vida e da morte não podem ser abordados de uma maneira comum, que é impossível pensar neles da mesma forma que as pessoas pensam sobre alguma coisa que aconteceu ontem ou que acontecerá amanhã. Mas não vão além disso. Percebem que é impossível, ou de qualquer maneira inútil, pensar nessas coisas simplesmente, mas não sabem o que significa pensar não simplesmente.

Para chegar a uma forma correta de pensar em relação a esses problemas, é necessário recordar que eles estão ligados à idéia do Tempo. Compreendemos esses problemas na medida em que compreendemos o Tempo.

Do ponto de vista comum, a vida do homem é tomada como uma linha do nascimento à morte.

Um homem nasceu, viveu cinquenta anos e morreu. Mas desconhece-se onde ele

estava antes de 1854 e onde pode estar depois de 1904. Essa é a formulação geral de
todas as questões sobre a vida e a morte.
A ciência só se ocupa com o corpo do homem, e de acordo com ela o corpo não
existe antes de ter nascido e se desintegra depois da morte. A filosofia não encara
seriamente essas questões, e as considera irrespondíveis e, conseqiientemente,
ingênuas. [366]
As doutrinas religiosas e vários sistemas pseudo-ocultistas, espiritistas e teosóficos
proclamam saber as soluções desses problemas.
Na realidade, é claro, ninguém sabe nada.
O mistério da existência antes do nascimento e depois da morte, se essa existência
existe, é o mistério do tempo. E o "tempo" guarda seus segredos melhor do que pensam
muitas pessoas. Para abordar esses mistérios é preciso, em primeiro lugar, compreender
o próprio tempo.

ANTES	AGORA	DEPOIS

ANTES	AGORA	DEPOIS
ANTES DO NASCIMENTO	VIDA	DEPOIS DA MORTE

ovo Modelo do Universo
Todas as tentativas comuns para responder às perguntas sobre "o que era antes" e
"o que será depois" baseiam-se na concepção corrente do tempo:

E a mesma fórmula aplica-se aos problemas da existência antes do nascimento e

depois da morte, onde quer que se admita essa existência, isto é, a fórmula é considerada
assim:

É precisamente aqui que está o erro fundamental. O tempo no sentido de antes,
agora, depois, é o produto da nossa vida, do nosso ser, da nossa percepção e, acima de
tudo, do nosso pensamento. Fora desta vida, fora da percepção habitual, a inter-relação
das três fases do tempo pode mudar; de qualquer modo, não temos nenhuma garantia de
que ele permanecerá o mesmo. E contudo, essa questão nunca sequer surgiu no
pensamento comum, incluindo o pensamento religioso, teosófíco e "ocultista". O "tempo"
é encarado como algo que não é objeto de discussão, como algo que nos pertence de
uma vez por todas e não pode ser tirado de nós, e que é sempre o mesmo. Aconteça o
que acontecer conosco, o "tempo" nos pertencerá sempre, e não só o "tempo", mas até a
"eternidade".
Usamos esta palavra sem compreender seu verdadeiro significado. Consideramos
que a "eternidade" é uma extensão infinita do tempo, enquanto "eternidade" significa realmente outra dimensão do tempo.
No século XIX, certas teorias orientais e pseudo-orientais começaram a penetrar no
pensamento ocidental, a idéia da "reencarnação" entre outras, isto é, a idéia do
reaparecimento periódico das mesmas almas na Terra. Essa idéia não era inteiramente
desconhecida antes, mas pertencia ao pensamento místico secreto. A popularização

dessa idéia deve-se principalmente à teosofia moderna com todas as suas ramificações.

A origem da idéia da reencamacão, como é apresentada na teosofia moderna, está
aberta à discussão. Ela foi adorada pelos teósofos, praticamente sem alteração, a partir
do culto de Krishna, que é uma religião de origem védica consideravelmente retocada
pelos reformadores. Mas mesmo o culto de Krishna não contém o "princípio democrático"
da reencamacão universal e igual, que é tão característica da teosofia moderna. No
verdadeiro culto de Krishna, só os heróis, os guias e os mestres da humanidade
reencarnam. A reencarnação para as massas, para a multidão, para os "chefes de
família" assume formas muito mais vagas. [367]
Existe na índia, lado a lado com a idéia da reencarnação, a da "transmigração das
almas", isto é, a reencarnação das almas de seres humanos em animais. A idéia da
transmigração das almas relaciona a reencarnação com a recompensa e a punição. Os
teósofos encaram a transmigração das almas como uma distorção da idéia da
reencarnação, pelas crenças populares. Mas isso não pode, de modo algum, ser
considerado como certo. E pode-se considerar que. tanto a idéia da reencarnação como a
crença na transmigração das almas originaram-se de uma fonte comum, a saber, a
doutrina da repetição de todas as coisas e do eterno retorno.
A idéia do eterno retorno das coisas e dos fenômenos, a idéia da eterna repetição
liga-se, no pensamento europeu, ao nome de Pitágoras e às vagas noções da

periodicidade do Universo, encontradas na filosofia e na cosmogonia indianas. Essa idéia
da periodicidade não pode ser clara para o pensamento europeu porque só se toma
completa e ligada com a ajuda de comentários orais que, até os nossos dias, nunca e em
nenhum lugar foram tomados públicos.

ovo Modelo do Universo

A "vida de Brahma", os "dias e noites de Brahma", a "respiração de Brahma", kaipas
e manvantaras; todas essas idéias são muito obscuras para o pensamento europeu, mas,
por seu conteúdo interior, são associadas invariavelmente às idéias pitagóricas do eterno
retorno.

O nome de Gautama, o Buda, que foi quase, se não exatamente, um
contemporâneo de Pitágoras e que também ensinava o etemo retomo, é muito raramente
mencionado em relação com essa idéia, apesar do fato de que, no ensinamento de Buda
sobre a "roda das vidas", a idéia é mais clara que em qualquer outro lugar, embora seja
obscurecida, quase até o ponto de não ser reconhecida, pelas interpretações e traduções
ineptas.

Nietzsche contribuiu bastante para a popularização da idéia do eterno retomo, mas
não acrescentou nada de novo a ela. Pelo contrário, introduziu nela várias concepções
erradas, como por exemplo o seu cálculo, que matematicamente está inteiramente errado,
da necessidade matemática da repetição de mundos idênticos do Universo. (89)

Mas embora tenha cometido erros nas tentativas de provar suas teorias, Nietzsche
percebeu emocionalmente a idéia do etemo retorno, de maneira muito forte. Ele [368]
percebeu a idéia como um poeta. E várias passagens do seu Zaratustra e de outros livros
em que ele toca nessa idéia, são talvez as melhores que ele jamais escreveu.
Mas a repetição não pode ser provada no nosso plano, isto é, no mundo
tridimensional com o tempo como quarta dimensão, não importa se o tempo é tomado
como uma quantidade real ou imaginária. A repetição exige cinco dimensões, isto é, um
"espaço-tempo-eternidade" inteiramente novo.
As idéias pitagóricas da repetição de todas as coisas foram mencionadas, entre
outros, por Eudemus, discípulo de Aristóteles. A Física de Eudemus se perdeu, e só
sabemos o que ele escreveu sobre os pitagóricos através dos comentários posteriores de
Simplicius. É muito interessante observar que, de acordo com Eudemus, os pitagóricos
distinguiam dois tipos de repetição.
Simplicius escreveu:

"Os pitagóricos diziam que as mesmas coisas se repetem muitas vezes.
"Nesse sentido, é interessante registrar as palavras de Eudemus, discípulo de
Aristóteles (no terceiro livro da Física). Diz ele: Algumas pessoas aceitam e outras negam
que o tempo se repete. A repetição é compreendida em diferentes sentidos. Um tipo de
repetição pode estar na ordem natural das coisas (
), como a repetição de verões e

invernos e outras estações, quando uma nova chega depois que a outra desapareceu; a
essa ordem de coisas pertencem os movimentos dos corpos celestes e os fenômenos
produzidos por eles, tais como os solstícios e equinócios, que são produzidos pelo
movimento do Sol.
"Mas se temos que acreditar nos pitagóricos, há um outro tipo de repetição. Isso
quer dizer que eu conversarei com vocês e sentarei exatamente desse modo e terei em

89 Nietzsche tenta provar a necessidade da repetição no espaço euclidiano e no tempo comum, isto é, unidimensional. Sua compreensão da ideia da repetição era que, em algum lugar no espaço infinito do Universo, deve-se repetir uma Terra exatamente igual a esta em que vivemos. E, além disso, as mesmas causas criarão os mesmos efeitos: e, por conseguinte, haverá uma sala, em algum lugar, exatamente como esta em que estou sentado, e nesta, um homem exatamente igual a mim, com uma caneta exatamente semelhante, escreverá o que estou escrevendo agora. Essa construção só é possível com uma compreensão ingénua do tempo.

Nietzsche prova, de modo imperfeito, a necessidade da repetição, da seguinte maneira. De acordo com ele, se tomamos um certo número de unidades e examinamos suas combinações possíveis, as que ocorreram uma vez estão fadadas a se repetir no curso do tempo. Se o número de unidades for grande, as repetições serão mais frequentes, e se for infinito, tudo está fadado a se repetir.

Isso de fato está errado, simplesmente porque Nietzsche deixa de observar que o número de combinações possíveis crescerá numa razão muito mais elevada que o número de unidades. E, conseqiientemente, o número de repetições possíveis, em lugar de aumentar, diminuirá. Desse modo,

com um número de unidades certo, nem sequer infinito, mas simplesmente grande, o número de combinações será infinito, e a probabilidade de repetição, igual a zero. Dado um número infinito de unidades, até a possibilidade de repetição está fora de questão.

ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτοῖς Ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι ὑμεῖς οἱ ἀκολουθήσαντές ν τῇ παλιγγενεσίᾳ. . .

ἐν τῇ παλιγγενεσίᾳ

παλιγγενεσία

пякибытіе

Οὕτω δὲ οἱ Πυθαγόρειοι τὰ αὐτά πως καὶ τῷ ἀριθμῷ τῷ πάλιν καὶ πάλιν ἔλεγον γίνεσθαι, οὐδὲν δὲ ἴσως χεῖρον καὶ τῆς Εὐδήμου ῥήσεως ἐκ τοῦ τρίτου τῶν Φυσικῶν τὰ ἐνταῦθα λεγόμενα παραφραζούσης ἀκούειν· "ὁ δὲ αὐτὸς χρόνος πότερον γίνεται ὥσπερ ἔνιοί φασιν ἢ οὔ, ἀπορήσειεν ἄν τις· πλεοναχῶς δὴ λεγομένου τοῦ ταὐτοῦ τῷ μὲν εἴδει φαίνεται γίνεσθαι τὸ αὐτὸ οἷον θέρος καὶ χειμὼν καὶ αἱ λοιπαὶ ὧραί τε καὶ περίοδοι, ὁμοίως δὲ καὶ αἱ κινήσεις αἱ αὐταὶ γίνονται τῷ εἴδει, τροπὰς γὰρ καὶ ἰσημερίας καὶ τὰς λοιπὰς πορείας ὁ ἥλιος ἀποτελεῖ· εἰ δέ τις πιστεύσειε τοῖς Πυθαγορείοις, ὥστε πάλιν τὰ αὐτὰ ἀριθμῷ, κἀγὼ μυθολογήσω τὸ ῥαβδίον ἔχων ὑμῖν καθημένοις οὕτω, καὶ τὰ ἄλλα πάντα ὁμοίως ἕξει, καὶ τὸν χρόνον εὔλογόν ἐστι τὸν αὐτὸν εἶναι· μιᾶς γὰρ καὶ τῆς αὐτῆς κινήσεως, ὁμοίως δὲ καὶ πολλῶν τῶν αὐτῶν τὸ πρότερον καὶ ὕστερον ἓν καὶ ταυτόν, καὶ ὁ τούτων δὴ ἀριθμός· πάντα ἄρα τὰ αὐτά, ὥστε καὶ ὁ χρόνος."

ovo Modelo do Universo

minha mão o mesmo bastão, e tudo será o mesmo que e' agora, e o tempo, como pode

ser admitido, será o mesmo. Porque se os movimentos (dos corpos celestes) e muitas

outras coisas são os mesmos, o que aconteceu antes e o que acontecerá depois são

também a mesma coisa. Isso também se aplica à repetição, que é sempre a mesma.

Tudo é igual, e portanto o tempo é igual." (90)

A passagem de Simplicius acima é particularmente interessante porque dá a chave

para a tradução de outros fragmentos pitagóricos, isto é, notas sobre Pitágoras e sua

doutrina, que foram preservados em certos autores. A base da opinião sobre Pitágoras,

que é aceita nos manuais de história da filosofia, é a idéia de que, na filosofia de

Pitágoras e em sua concepção do mundo, o lugar principal era ocupado pelo número. Na

realidade, trata-se simplesmente de uma tradução ruim. De fato, encontra-se
constantemente a palavra "número" nos fragmentos pitagóricos. Mas só a palavra; e na
maior parte dos casos ela apenas completa os verbos que não expressam a ação
repetida ou iterativa que o autor pretende descrever. Ao mesmo tempo, essa palavra é
sempre traduzida com significado independente, que deturpa inteiramente seu sentido. A
passagem anterior, de Simplicius, perde todo o significado na tradução usual. [369]
Esses dois tipos de repetição, que Eudemus chamou repetição na ordem natural das
coisas e repetição no número de existências são, naturalmente, repetição no tempo e
repetição na eternidade. Disso resulta que os pitagóricos distinguem essas duas idéias,
que são confundidas pelos budistas modernos e foram confundidas por Nietzsche.

Jesus conhecia sem dúvida a repetição e falou dela a seus discípulos. Nos
Evangelhos há muitas alusões a isso, mas a passagem mais inquestionável, que tem um
significado inteiramente definido nos textos grego, eslavo e alemão, perdeu o sentido nas
traduções para outras línguas, que tiram da tradução latina a palavra mais importante.

"Jesus lhes disse: Em verdade vos digo que, na regeneração, [...] vós, que me
havei:, seguido..." (Mateus, 19:28.)

Em grego:

Em alemão, as palavras
traduzem-se por in der Wiedergeburt.
O grego
, a palavra eslava e russa
, a alemã Wiedergeburt, só
podem ser traduzidas como existência repetida (tornar a existir) ou nascimento repetido
(tornar a nascer).
Em latim, essa palavra foi traduzida como regeneratio, que, no seu significado inicial,
correspondia a nascimento repetido. Porém, mais tarde, devido ao uso de reneratio (e
seus derivados) no sentido de renovação, a palavra perdeu o seu sentido original.
O apóstolo Paulo conheceu, sem dúvida alguma, a idéia de repetição, mas tinha

90 O texto grego:

Simplicu in Physicorum, IV, 12. Commentaria in Aristotelem Graeca (Ed. H. Dieis, 1882), Vol. 9, pág. 732.
περὶ Ἀρχῶν
ovo Modelo do Universo
uma atitude negativa em relação a ela. Essa idéia era esotérica demais para ele.

"Pois Cristo não entrou num santuário feito por mão de homem.
.....
"Nem para se oferecer muitas vezes, entra como o pontífice cada ano no santuário
em sangue alheio;
"De outra maneira, devia ter padecido muitas vezes desde a criação do mundo.
Porém agora uma só vez, na plenitude dos séculos, Ele se manifestou para destruir o

pecado pelo sacrifício de si mesmo." (Hebreus, 9:24-26.) (91)

Deve-se notar que a Epístola aos Hebreus também é atribuída a alguns outros
autores, assim como ao apóstolo Paulo, e na verdade não há informação definida sobre
esse assunto.
Orígenes (século III), no livro Dos primeiros princípios, também se refere à idéia da
repetição, mas fala sobre ela de maneira negativa.

"E agora não compreendo com que provas eles podem manter sua posição, os que
afirmam que às vezes os mundos aparecem sem serem diferentes um do outro, mas
sendo iguais em todos os sentidos. Pois se se disser que há um mundo semelhante em
todos os sentidos (ao presente), então acontecerá que Adão e Eva farão as mesmas
coisas que fizeram antes; haverá uma [370] segunda vez o mesmo dilúvio, e o mesmo
Moisés conduzirá de novo uma nação com quase seiscentos mil homens para fora do
Egito; Judas também trairá uma segunda vez o Senhor; Paulo usará uma segunda vez os
trajes daqueles que apedrejaram Estêvão; e tudo que foi feito nesta vida diz-se que se
repetirá." (92)

Ao mesmo tempo, Orígenes estava muito perto da compreensão correta da
eternidade, E é possível que ele negasse a idéia da repetição de maneira não
inteiramente sincera. É muito provável que, devido às condições da sua época, essa idéia

não pudesse ser apresentada sem ser negada.

Mas é interessante que essa idéia era conhecida nos primeiros séculos do

Cristianismo; mais tarde, no entanto, desapareceu inteiramente do "pensamento cristão".

Se tentarmos seguir a idéia do etemo retorno na literatura europeia, será preciso

citar a "fabulação" notável de R. L. Stevenson, A canção do amanhã (1895); e a história

de C. H. Hinton "Uma Comunicação Inacabada", no segundo livro de seus Romances

científicos (1898), e também uma ou duas páginas da história "Stella", do mesmo livro.

Há também dois poemas interessantes sobre o mesmo tema. Um é de Alexis Tolstoi:

(93)

Pela neve e os sulcos da estrada –

Ladeando a represa da torrente:

91 Novo Testamento, trad. do texto original grego pelo P. Dr. Frei Mateus Hoepers, O. F. M. (Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, 1956.) (N.T.) 92 Orígenes,

. Livro II, Capítulo III, traduzido para o inglês pelo Rev. Frederick Crombie (T. & T.Clark, Edimburgo, 1878), Vol.

I, pág. 84.

93 Traduzidos por Maurice Baring, em The Oxford Book of Russian Verse.

ovo Modelo do Universo

Onde as redes de pesca estão secando,

O carro sacoleja e eu medito.

Eu medito e olho para a estrada,

Para o úmido e sombrio tempo cinza,

Para a margem do lago, em declive,

E a longínqua fumaça das aldeias.

Pelo dique, com a face entristecida.
Segue um velho judeu esfarrapado.
E do lago, com um espadanar de espuma,
As águas se arremessam na represa.

Um rapazola faz soar a flauta
Que ele fabricou com um caniço.
Voam os patos selvagens assustados.
E gritam ao abandonar o lago.

Junto ao velho moinho arruinado
Na relva estão alguns trabalhadores.
Um velho pangaré numa carreta
Arrasta lentamente algumas sacas.

E eu conheço isso tudo. oh! tão bem.
Embora nunca tenha estado aqui,
O telhado distante, bem ao longe,
E o rapaz, e o bosque, e o açude, [371]

E a voz lamentosa do moinho,
E o celeiro derrubado na campina –
Eu estive aqui e já vi isso antes,
E o esqueci durante muito tempo.

Esse mesmo cavalo se arrastando,
Arrastava também os mesmos sacos;
E ao lado do moinho decadente.
Sobre a relva estavam os camponeses.

ovo Modelo do Universo
E o judeu, com sua barba, caminhava,
E a represa fazia um ruído igual.
Tudo isso já se passou bem antes,

Só não posso dizer quando é que foi.

O outro é de D. G. Rossetti.

Repentina Luz

Eu estive aqui antes.
Mas quando ou como não posso dizer:
Conheço a grama além da porta,
O doce aroma penetrante,
O som suspirante, as luzes pela praia.

Você foi minha antes -
Há quanto tempo não posso saber:
Mas quando a andorinha alçou seu voo,
E seu pescoço girou dessa maneira.
Um véu tombou - eu soube tudo de antes.

Então, agora - de novo talvez!...
Frente a meus olhos suas trancas dançam!
Não mentiremos como já mentimos?
E teremos assim, por amor do Amor,
Que dormir, acordar, sem romper jamais esta cadeia?

Há uma variante da última estrofe:

Isso foi assim antes?
E assim o voo em torvelinho do tempo
Ainda com nossas vidas não fará voltar nosso amor
Apesar da morte?
E o dia e a noite não concederão um prazer uma vez mais?

Ambos os poemas foram escritos em meados do século passado.

O poema de Tolstoi é encarado geralmente como uma simples descrição de um
estado de ânimo estranho e passageiro. Mas Tolstoi, que tinha muito interesse pela
literatura mística e estava em contato com vários círculos ocultistas existentes na Europa
ovo Modelo do Universo
na sua época, pode ter conhecido muito definidamente a idéia do eterno retomo.
O sentimento da repetição dos acontecimentos era muito forte em Lermontoff. Ele
está cheio de pressentimentos, expectativas, "memórias". Alude constantemente a essas
sensações, sobretudo na sua prosa. "O Fatalista" foi escrito praticamente sobre [372] o
tema da repetição e da lembrança do que parece ter acontecido em algum passado
desconhecido. Muitas passagens de "A Princesa" e "Bela", em particular as digressões filosóficas, dão a impressão de que o próprio Lermontoff tenta se lembrar de alguma coisa
que esqueceu.
Em geral, pensamos que conhecemos Lermontoff. Mas quem se perguntou o que
significa a passagem seguinte, de "Bela"?
"[...] Eu estava animado por me sentir tão acima do mundo. Era um sentimento
infantil, é claro, mas quando nos afastamos das condições artificiais e nos aproximamos
mais da Natureza, não podemos deixar de nos tornar crianças. Tudo que adquirimos
desaparece do nosso ser e nos tornamos uma vez mais o que fomos e o que certamente
seremos de novo algum dia."
(94)

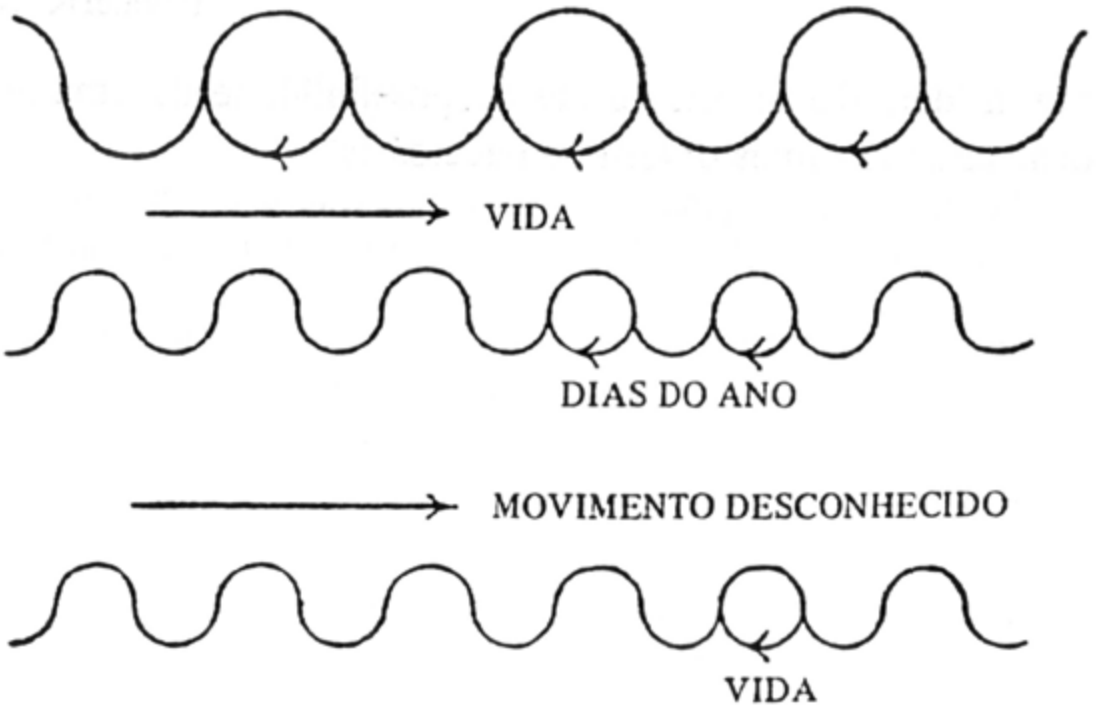
Pessoalmente, não me lembro de uma só tentativa de análise dessas palavras em
toda a literatura sobre Lermontoff. Mas a idéia da possibilidade de algum tipo de "retorno"
perturbava sem dúvida alguma Lermontoff, ora empolgando-o, ora lhe parecendo um
sonho irrealizável:

"Não seria melhor chegax ao fim da estrada da
vida esquecendo-nos de nós
E cair num sono interminável
Esperando um próximo despertar."
("Valerik".)

Atualmente, a idéia do retomo e até da possibilidade de uma lembrança semiconsciente se torna cada vez mais urgente e necessária.
Na Vida de Napoleão (1928), D. S. Merejkovsky se refere constantemente a
Napoleão na frase "ele sabia" ("se lembrava"). E posteriormente, tratando dos últimos dias
de Napoleão na Europa, "ele se esqueceu" ("ele deixou de se lembrar").
Essa lista não pretende ser completa. Quis mostrar apenas que a idéia da repetição
e da recordação do passado que não pertence à nossa época está longe de ser alheia ao
pensamento ocidental.
Mas a apreensão psicológica da idéia do eterno retomo não conduz
necessariamente a uma compreensão lógica e a uma explicação dela. Para compreendê-
la em seus diferentes aspectos é preciso voltar às idéias do Novo modelo do universo.
A idéia do tempo como a quarta dimensão não contradiz as idéias comuns da vida,

enquanto tomamos o tempo como uma linha reta. Essa idéia só traz consigo uma
sensação de maior predestinação, de maior inevitabilidade. Mas a idéia do tempo como
uma curva da quarta dimensão muda completamente nossa concepção da vida. Se
compreendemos com clareza o significado dessa curvatura e sobretudo quando
começamos a ver como a curva da quarta dimensão se transforma nas curvas da quinta e
da sexta dimensões, nossas idéias das coisas e de nós mesmos não podem continuar

94 "Um Herói do Nosso Tempo", de M. Y. Lermontoff (Philip Allan), Londres, 1928, Bela, págs. 49 e 50.



ovo Modelo do Universo
mais o que eram.
Como foi dito no capítulo anterior, de acordo com o esquema inicial das dimensões,

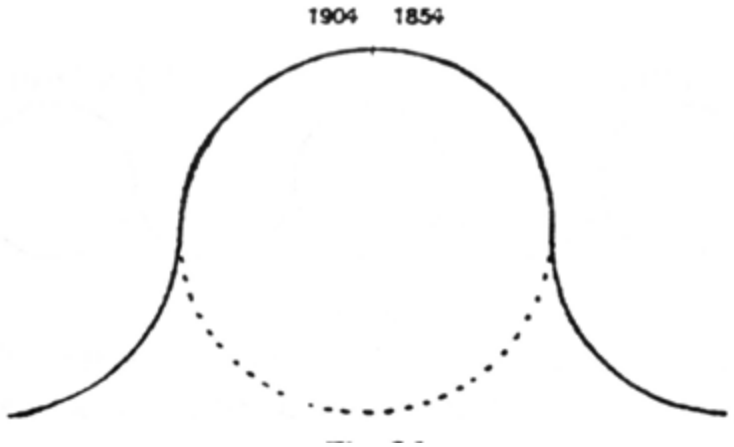
no qual estas ainda são consideradas linhas retas, a quinta dimensão é uma linha
perpendicular à da quarta e a intercepta, isto é, uma linha que atravessa cada momento
do tempo, a linha da existência infinita de um momento. [373]
Mas como se forma essa linha, de onde vem e o que resulta dela? Pode-se, até
certo ponto, compreender isso, se consideramos a vida como uma série de vibrações
ondulatórias.
Como devíamos saber do estudo das vibrações ondulatórias no mundo dos
fenômenos físicos, cada onda contém em si mesma um círculo completo, isto é, a matéria
da onda se move numa curva completa no mesmo lugar e enquanto age a força que criou
a onda.
Devíamos saber também que cada onda consiste de pequenas ondas e, por sua
vez, é um componente de uma onda maior.
Se, apenas para argumentar, tomamos os dias como as ondas menores que formam
as ondas maiores dos anos, então as ondas dos anos formarão uma grande onda da vida.
E enquanto essa onda da vida continua a rolar, as dos dias e dos anos devem girar nos
seus lugares determinados, repetindo-se seguidamente. Desse modo, a linha da quarta
dimensão, a linha da vida ou tempo, consiste de rodas dos dias que sempre se repetem,
de pequenos círculos da quinta dimensão, assim como um raio de luz consiste de quanta
de luz, cada um girando em seu lugar enquanto persiste o choque inicial que emite o raio
particular.

Fig.19

Mas, em si mesmo, um raio pode ser uma curva, uma parte componente de alguma
outra onda maior. O mesmo se aplica à linha da vida. Se a considerarmos uma grande
onda constituída de ondas dos dias e anos. teremos que admitir que a linha da vida se
move numa curva e faz uma revolução completa, voltando ao ponto de partida.

Fig. 20

E se um dia ou um ano é uma onda no movimento ondulatório de nossa vida, então
toda a nossa vida é uma onda em algum outro movimento ondulatório de que não
sabemos nada.
Como já assinalei, em nossa concepção comum a vida parece uma linha reta,
traçada entre os momentos do nascimento e da morte.
Mas se imaginarmos que a vida é uma onda, teremos esta figura: [374]



ovo Modelo do Universo

Fig. 21

O ponto da morte coincide com o ponto do nascimento.

Para aquele que acompanhou o desenvolvimento das idéias que se referem às

"dimensões do tempo", no capítulo anterior e neste, esse ponto não apresenta nenhuma

dificuldade, mas, pelo contrário, resulta naturalmente de tudo que foi dito antes. Mas, em

geral, depois desse ponto, surge uma pergunta que é mais difícil de responder, a saber,

como é conservada uma relação idêntica entre os nascimentos das diferentes pessoas,

quando sabemos que a relação entre suas mortes é totalmente diferente, isto é, não

corresponde à relação de seus nascimentos. Em resumo, o que acontecerá a um homem

que morreu antes de sua avó? Ele deve nascer imediatamente e sua mãe ainda não

nasceu. São possíveis duas respostas. Em primeiro lugar, é possível dizer que no

momento em que a alma toca o infinito, as diferentes relações de tempo se ajustam,

porque um momento da eternidade pode ter diferentes valores de tempo. E, em segundo

lugar, é possível dizer que nossas concepções comuns das "dimensões do tempo" estão

erradas. Por exemplo, para nós, o tempo pode ter duração diferente — cinco anos, dez

anos, cem anos — mas tem sempre a mesma velocidade. Mas onde estão as provas
disso? Por que não admitir que o tempo, em certos limites (por exemplo, em relação à
vida humana) tem sempre a mesma duração mas diferentes velocidade? Uma não é mais
arbitrária que a outra, mas com a admissão dessa possibilidade, a pergunta desaparece.
Em meu livro Tertum Organum apresentei o traçado da figura da quarta dimensão,
extraído de um livro de Van Manen. Essa figura consiste em dois círculos, um dentro do
outro. É a figura da vida. O círculo pequeno representa o homem; o grande, a vida do
homem. O pequeno gira dentro do grande, que primeiro se amplia, depois se torna pouco
a pouco mais estreito e traz o círculo pequeno ao mesmo ponto do qual partiu. Girando ao
longo do círculo grande, o pequeno gira continuamente sobre seu próprio eixo. Essa
rotação é a eternidade em relação ao tempo, que é movimento ao longo do círculo
grande.
Aqui encontramos novamente o que parece ser um paradoxo — a quinta dimensão
dentro da quarta; o movimento ao longo da quinta dimensão criando o movimento ao
longo da quarta. Como faremos para encontrar aqui o começo e o fim? Qual é a força
propulsora? E qual é dirigido? É o círculo pequeno que gira, impulsionado pelo choque
que o faz andar em torno do círculo grande, ou é o próprio círculo grande que é
impulsionado pela rotação dos círculos pequenos? Um impulsiona o outro. Mas em

relação à vida, tomada como o círculo grande, deve-se encontrar a eternidade, [375]
primeiro nos círculos pequenos de momentos repetidos, dias e anos, e depois na
repetição do próprio círculo grande, na repetição da vida, isto é, na repetição das ondas.

Fig. 22

ovo Modelo do Universo
Exatamente como no caso da quarta dimensão, estamos de novo diante do fato de
que uma dimensão superior está tanto acima como abaixo da dimensão inferior.

O que está em cima é como o que está embaixo.
Para nós, a quarta dimensão está no mundo dos corpos celestes e no mundo das
moléculas.
A quinta dimensão está nos momentos da vida permanecendo eternamente onde
estão, e na repetição da própria vida, como um todo.
A vida em si mesma é o tempo para o homem. Para o homem, não há nem pode
haver nenhum outro tempo fora do tempo de sua vida. O homem é sua vida. Sua vida é
seu tempo.
O modo de medir o tempo, para tudo, por meio de fenômenos tais como o
movimento aparente ou real do Sol ou da Lua, é compreensível como conveniente para
fins práticos. Mas esquece-se, em geral, que esse é apenas um tempo formal, aceito de
comum acordo. O tempo absoluto para o homem é a sua vida. Não pode haver nenhum
outro tempo fora desse.

Se eu morrer hoje, o amanhã não existirá para mim. Mas, como foi dito antes, todas
as teorias da vida futura, da existência após a morte, da reencarnação, etc., contêm um
erro evidente. São todas baseadas na compreensão habitual do tempo, isto é, na idéia de
que o amanhã existirá depois da morte. Na realidade, é justamente nisso que a vida difere
da morte. O homem morre porque seu tempo termina. Não pode haver nenhum amanhã
depois da morte. Mas todas as concepções correntes da "vida futura" exigem a existência
do "amanhã". Que vida futura pode haver, se de repente parece que não há nenhum
futuro, nenhum "amanhã", nenhum tempo, nenhum "depois"? Os espiritistas, os teósofos,
os teólogos e outros que sabem tudo sobre a vida futura, podem encontrar-se numa
situação muito curiosa se se percebe o fato de que não existe nenhum "depois".
Então, o que é possível? E o que pode ser o significado da vida como um círculo?
Eu assinalei no capítulo anterior que a curvatura real da linha do tempo implica a
presença nele de ainda outra dimensão, a saber, a quinta dimensão, ou eternidade. E se.
na compreensão corrente, a quarta dimensão é a extensão do tempo, o que pode ser a
quinta dimensão, ou a eternidade?
A eternidade só é concebível para a nossa mente de duas formas: ou na forma de
coexistência, ou de repetição. A primeira exige concepções espaciais — em algum lugar
existem coisas idênticas às daqui; pessoas idênticas, um mundo idêntico. A outra requer

concepções temporais — alguma vez tudo se repetirá, ou se repete, seja [376]
imediatamente depois de completar o ciclo particular, isto é, da vida particular, seja após
cada momento. A última, isto é, a repetição imediata de cada momento seguidas vezes,
aproxima essa idéia da idéia de coexistência. Mas, para a nossa mente, é muito mais
conveniente pensar na idéia da repetição sob a forma de repetição dos ciclos. Uma vida
termina e outra começa. A morte é na realidade uma volta ao começo.
Isso quer dizer que, se um homem nasceu em 1877 e morreu em 1912, então tendo
morrido, encontra-se novamente em 1877 e deve viver de novo exatamente a mesma
vida. Ao morrer, ao completar o círculo da vida, ele entra na mesma vida pelo outro
extremo. Ele nasce de novo na mesma cidade, na mesma rua, dos mesmos pais, no
mesmo ano e no mesmo dia. Terá os mesmos irmãos e irmãs, tios e tias, os mesmos
brinquedos, os mesmos gatinhes, os mesmos amigos, as mesmas mulheres. Cometerá
os mesmos erros, rirá, chorará, se alegrará e sofrerá do mesmo modo. E quando chegar a
hora, morrerá exatamente do mesmo modo que morreu antes, e de novo, no momento da
morte, será como se todos os relógios voltassem a 7:35 da manhã de 2 de setembro de
1877 e, a partir desse momento, começasse de novo seu movimento habitual.
ovo Modelo do Universo
A nova vida começa exatamente nas mesmas condições da anterior, e não pode

começar noutras condições. A única coisa que se pode e se deve até admitir é o fato do
fortalecimento, em cada vida, das tendências da vida anterior, daquelas tendências que
cresceram e aumentaram durante a vida, tanto as más como as boas, as que eram
manifestação de força e as que eram manifestação de fraqueza.
Há, na verdade, muito mais material psicológico do que se supõe, para a idéia do
eterno retorno. Mas a existência desse material não é compreendida inteiramente pelo
pensamento científico.
Todos conhecem a sensação, ou descrições da sensação, que às vezes as pessoas
experimentam, principalmente na infância, de que isso aconteceu antes. Os dois poemas
citados acima podiam ter sido inspirados pela mesma sensação.
Falei a respeito dela no capítulo sobre os sonhos, e assinalei ali que as explicações
comuns consideram duas das três categorias dessas sensações, mas deixam a terceira
sem explicação. Essa terceira categoria se caracteriza pelo fato de que a sensação de
que isso aconteceu antes, embora muito vívida e frequente na infância, desaparece na
idade adulta. Em alguns casos, pode-se verificar e comprovar esse tipo especial de
presciência de pessoas, coisas, lugares e acontecimentos. Os casos "fidedignos" de
clarividência, muito raros, pertencem a essa presciência.
Mas, em si mesmo, o fato dessas recordações acidentais, mesmo que sejam
realmente recordações, é pequeno demais para permitir que se construa alguma coisa

com base nele.

Um homem pode estar plenamente justificado ao perguntar: "Se esse extraordinário fenômeno da repetição de vidas existe realmente, por que não sabemos nada dele, por que não nos lembramos mais? E por que as pessoas não o compreendem há mais tempo, por que só agora nos é apresentado como uma nova descoberta?"

Todas essas perguntas são inteiramente justas; mas ao mesmo tempo não é difícil respondê-las.

No início deste livro, apresentamos a transformação de uma borboleta como um exemplo de evolução. O que é para nós particularmente característico na transformação de uma borboleta, do ponto de vista em questão, é o fato de que, ao passar para um novo nível de transformação, a "borboleta" desaparece completamente do [377] nível precedente, morre nele, deixa de existir nele, isto é, perde toda relação com a existência anterior. Se uma borboleta vê e sabe mais, ela não pode dizer as largarias nada a respeito disso. Ela já morreu como lagarta, desapareceu do mundo das lagartas.

Algo semelhante deve acontecer às pessoas a quem são revelados os mistérios do tempo e da eternidade. Hás sabem e podem falar do que sabem, mas as pessoas não as ouvirão nem compreenderão.

Por que as pessoas não chegaram há mais tempo à idéia do eterno retorno?

Mas eles chegaram a essa idéia, de fato, há muito tempo. Eu mencionei a doutrina

de Pitágoras, o Budismo, as teorias da reencarnação e da transmigração das almas que,
em suas formas modernas, são realmente apenas uma distorção da idéia do eterno
retorno. Muitas outras idéias da vida futura, várias alusões nos ensinamentos "ocultos",
por exemplo, a idéia muito estranha da possibilidade de mudar o passado, várias crenças
populares, como o culto dos ancestrais — tudo isso está relacionado com a idéia do
retorno.
É inteiramente claro que a idéia do retorno não pode ser popular em sua forma pura,
porque parece absurda do ponto de vista da lógica comum, já que não há nada
semelhante a ela no mundo das sensações "tridimensionais" ou no "tempo" geralmente
aceito. A idéia geral do tempo não deixa nenhum lugar para o retomo. Pelo contrário, de
acordo com a sabedoria comum do mundo, "nada retorna nunca". Desse modo, mesmo
ovo Modelo do Universo
naqueles ensinamentos em que originalmente a idéia do retomo indubitavelmente existia
em sua forma pura, como por exemplo no Budismo, ela foi deturpada e adaptada à
compreensão corrente do tempo. De acordo com as interpretações recentes de budistas
cultos, um homem nasce numa nova vida no momento mesmo de sua morte. Mas isso é
uma continuação no tempo. Os budistas rejeitaram a idéia absurda de um retorno ao
passado, e sua "roda das vidas" segue o calendário. Desse modo, eles tiraram
certamente toda a força da idéia, mas a tornaram aceitável pelas massas e passível de

explicação e interpretação lógica.

Ao falar da idéia do eterno retomo, é necessário compreender que ela não pode ser provada da maneira comum, isto é, pelos métodos correntes de observação e verificação.

Nós só conhecemos uma única linha do tempo, aquela em que vivemos agora. Somos seres unidimensionais em relação ao tempo; não temos qualquer conhecimento de linhas paralelas. Enquanto permanecermos em uma única linha, as hipóteses da existência de linhas paralelas não poderão ser provadas. No Tertium Organum, descrevi o que deve ser o universo de seres unidimensionais. Esses seres não conhecem nada além de sua própria linha. Se eles supusessem a existência de algo novo, algo que não sabiam antes, para eles isso teria que estar em sua própria linha, ou na frente deles ou atrás. Nossa situação em relação ao tempo é exatamente a mesma. Tudo que existe deve ocupar um certo lugar no tempo, ou diante de nós, ou atrás de nós. Não pode haver nada paralelo a nós. Isso quer dizer que não podemos provar a existência de coisa alguma paralela, enquanto permanecermos na nossa linha. Mas se tentarmos nos libertar das idéias comuns e ter em mente que a hipótese da existência possível de outras linhas de "tempo", paralelas à nossa, é mais "científica" do que a ingênua concepção unidimensional corrente do tempo, então a idéia da vida como um fenômeno que se repete mostrará ser mais fácil do que imaginamos.

As idéias correntes baseiam-se na presunção de que a vida do homem, isto é, o

conjunto do seu mundo interior, seus desejos, gostos, simpatias, tendências, hábitos,
inclinações, capacidades, talentos, vícios, surgem do nada e desaparecem no nada. [378]
Os ensinamentos cristãos falam da possibilidade de uma vida futura, isto é, da vida além
da morte, mas não falara da vida antes do nascimento. De acordo com o seu ponto de
vista, as "almas" nascem com os corpos. Na realidade, porém, é muito difícil pensar na
vida (isto é, na alma), ou no ser interior do homem, como um ser que surge do nada. E é
muito mais fácil pensar que esse ser existia anteriormente, antes do nascimento. Mas as
pessoas não sabem como começar a pensar nessa direção. As teorias teosóficas da
reencamação, que tentam estender a vida de um indivíduo ao longo da linha da vida da
Terra, não resistirão às críticas do ponto de vista de uma idéia do tempo compreendida
corretamente.
Há dúzias, talvez até centenas de várias teorias engenhosas que procuram explicar
todos os ângulos e curvas do mundo interior do homem por uma combinação de
influências hereditárias e das vozes reprimidas de instintos internos desconhecidos.
Todas essas teorias são aceitáveis, cada uma a seu modo, mas nenhuma delas explica
tudo no homem. Uma explica uma coisa melhor, outra explica melhor outra coisa. Mas
muitas, muitíssimas coisas permanecem inexplicadas. Não podia ser de outro modo, pois
as teorias da hereditariedade, mesmo de uma hereditariedade vagamente distante, as

teorias dos instintos desconhecidos, da memória inconsciente, podem explicar certos
aspectos do homem, mas não outros. E até acharmos possível reconhecer que vivemos
antes, permanecerão em nós muitas coisas que nunca poderemos compreender.
É muito difícil aceitar a idéia da repetição absoluta e inevitável de tudo. Parece-nos
que, se nos lembrássemos pelo menos de algo, poderíamos evitar algumas das coisas
mais desagradáveis. Além disso, a idéia da repetição absoluta não se harmoniza com a
idéia de tendências crescentes, que também é necessária.
Nesse sentido, deve-se reconhecer que, quanto ao caráter da repetição de suas
ovo Modelo do Universo
vidas, as pessoas se dividem em diversos tipos ou categorias.
Há pessoas de repetição absoluta, caso em que tudo, tanto o grande como o
pequeno, se transmite de uma vida a outra.
Há outras cujas vidas têm sempre o mesmo começo, mas prosseguem com ligeiras
variações, para cima e para baixo, chegando aproximadamente ao mesmo fim.
Há outras em cujo caso as vidas seguem uma tendência definidamente ascendente,
tornando-se mais ricas e mais fortes exteriormente.
Há pessoas cujas vidas, pelo contrário, apresentam uma linha descendente
claramente acentuada, que destrói pouco a pouco tudo que está vivo nelas e as reduz a
nada.
E há aquelas cuja vida contém uma linha ascendente interior, que as tira pouco a

pouco do círculo da eterna repetição e faz com que passem para outro plano de ser.

Examinemos primeiro o tipo de vida em que a repetição absoluta é inevitável.

São, primeiro que tudo, pessoas de byt, (95) de vida profundamente enraizada,

petrificada, rotineira. Suas vidas se sucedem uma à outra com a monotonia do ponteiro

[379] do relógio movendo-se no mostrador. Não pode haver em suas vidas nada

inesperado, acidental, nenhum risco. Elas nascem e morrem na mesma casa em que

seus pais e avós nasceram e morreram, e onde seus filhos e netos nascerão e morrerão.

As calamidades nacionais, as guerras, os terremotos, as pragas, às vezes varrem da face

da Terra, de um só golpe, milhares e centenas de milhares delas. Mas fora desses

acontecimentos, sua vida inteira é estritamente ordenada e organizada de acordo com um

plano. Imaginemos um mercador numa velha cidade oriental, vivendo nas condições fixas

da vida rotineiramente estabelecida, que se manteve inalterada durante séculos. Ele

vende tapetes na mesma loja em que seu pai e seu avô, e provavelmente seu bisavô,

vendiam. Sua vida inteira, do nascimento à morte, pode ser vista como num mapa. Num

certo ano, ele se casa; em outro, ele põe seu filho mais velho na loja; em outro, ganha um

processo contra seu vizinho, sempre usando os mesmos métodos óbvios; e sempre no

mesmo ano, dia e hora, ele morre, sempre da mesma causa — por ter comido pilau em

demasia.

Não pode haver nenhum acontecimento novo na vida dessas pessoas. Mas é exatamente esse caráter absoluto da repetição que cria nelas uma vaga consciência da
inevitabilidade de tudo que acontece, uma crença no destino, um fatalismo e, as vezes,
uma estranha espécie de sabedoria e calma, que se converte, em alguns casos, num tipo
de desdém irónico pelas pessoas que estão inquietas, buscando algo, esforçando-se
atrás de algo.
A outro tipo de pessoas da mesma categoria de repetição exata pertencem
personagens históricos: pessoas cujas vidas estão ligadas aos grandes ciclos da vida,
quer dizer, à vida de povos, nações, países — grandes conquistadores, reformadores,
líderes de massas, revolucionários, reis que construíram impérios, reis que destruíram
grandes impérios, os seus ou os dos inimigos, todos pertencem a essa categoria. Não
pode haver tampouco nenhuma mudança nas vidas dessas pessoas. Cada palavra que
dizem afeta o destino das nações. E elas devem conhecer perfeitamente seus papéis.
Não podem acrescentar nada delas próprias, não podem omitir nada nem modificar o
sentido do que têm que dizer.
Esse tipo é particularmente nítido se tomamos como exemplo os personagens
históricos fracos, aqueles homens que a história apresenta como intencionalmente

95 Uma palavra russa intraduzível, que significa, no seu primeiro sentido - vida tem relação às formas externas); em seu segundo sentido, como se usa na literatura - a vida em formas firmemente estabelecidas: byt dos camponeses, byt

dos mercadores, byt dos proprietários de terras; "condições byt".

A palavra byt é largamente usada em relação com o teatro - peça byt. ator byt (diferente de ator tipo), voz byt, entonações ou inflexões byt.

ovo Modelo do Universo

responsáveis pela destruição de impérios ou culturas inteiras, tais como, por exemplo,

Luís XVI ou Nicolau H.

Elas não fazem nem querem fazer nada, só desejam ser deixadas em paz, e no

entanto cada movimento, cada gesto, cada palavra sua, mesmo as que parecem ser

pronunciadas por engano, como os famosos "sonhos insensatos", (96) têm importância, e

começam ou encerram um período histórico; e todas elas, sem exceção, conduzem à

catástrofe final. Nem uma só palavra pode ser abandonada, e até os erros devem se

repetir.

"Personagens fortes" — Napoleões, Césares, Gengis Khans — não são de modo

nenhum diferentes dos personagens fracos. São peças do mesmo tabuleiro e não podem

igualmente fazer nada, não podem dizer uma palavra própria, nem acrescentar, nem

subtrair nada do que devem dizer ou fazer.

[380]

Também no caso das pessoas que constituem a multidão no palco do mundo, a

repetição é inevitável. A multidão deve saber muito bem seu papel em qualquer momento

específico. Nenhuma expressão do sentimento popular durante as manifestações

patrióticas, ou as revoluções e insurreições armadas, durante as coroações ou

sublevações seria possível se a multidão pudesse ignorar seu papel ou esquecê-lo. E
esse conhecimento só é possível através da repetição constante da mesma coisa.
Mas se passarmos para as vidas isoladas das pessoas que formam a multidão,
veremos que, com diferentes pessoas, as "tendências crescentes" produzem resultados
muito diferentes. As "tendências crescentes" podem ser de dois tipos, as que despertam a
vitalidade (embora só exteriormente), e as que a enfraquecem.
Tomemos o tipo em que a vitalidade enfraquece, aquele com a tendência crescente
para a degenerescência. Os falidos, os bêbados, os criminosos, as prostitutas, os suicidas
fazem parte dessa categoria. Com cada nova vida eles "caem" cada vez mais facilmente,
oferecem cada vez menos resistência. Sua força vital se enfraquece pouco a pouco, eles
se tornam autômatos vivos, sombras de si mesmos, com uma única tendência, um único
desejo, que constitui sua principal paixão, seu principal vício ou sua fraqueza principal. Se
sua vida está ligada à vida de outras pessoas, esse vínculo se enfraquece aos poucos e
por fim desaparece completamente. Essas pessoas saem lentamente da vida. É
exatamente o que acontece com os suicidas. Estão cercados por uma atmosfera de
estranha fatalidade, e às vezes nem mesmo vivem até o momento do suicídio, mas
começam a morrer antes e finalmente cessam de nascer.
Essa é a morte real, porque a morte existe do mesmo modo como o nascimento
existe.

As almas nascem e morrem exatamente como os corpos. O nascimento de todas as almas é o mesmo. Como acontece, talvez seja o grande mistério da vida. Mas a morte das almas pode ser diferente. A alma pode morrer num plano de ser e passar para um plano de ser mais elevado. E pode morrer completamente, reduzir-se gradualmente a nada, desaparecer, deixar de ser.

Pertencem à categoria de almas mortas as pessoas conhecidas por seu destino trágico e especialmente por seu fim trágico. É a essas pessoas que se referia o preceito notável dos Mistérios eleusinos, um preceito que nunca foi compreendido e interpretado corretamente.

A participação nos Mistérios era vedada em primeiro lugar aos criminosos, em segundo aos estrangeiros (isto é, aos bárbaros) e finalmente às pessoas em cujas vidas ocorreram grandes calamidades.

96 As palavras do imperador Nicolau II, que foram usadas por engano quando recebeu os representantes doszemstvos e das cidades, em 1895.

Esse preceito foi interpretado geralmente no sentido de que as grandes calamidades na vida das pessoas indicavam a hostilidade ou a ira dos deuses provocada por algo que elas tinham feito ou deixado de fazer. Mas, na compreensão esotérica, era sem dúvida claro que as pessoas, cujas vidas consistem numa série de catástrofes, não podiam ser admitidas à participação nos Mistérios ou à iniciação, pelo fato de que essas catástrofes

contínuas mostravam que elas estavam decaindo e não podiam ser detidas.

Em contraste flagrante com o tipo decadente ou malsucedido, mas na verdade

exatamente na mesma situação, estão as pessoas que são bem-sucedidas do ponto de

vista comum, mas bem-sucedidas através da adaptação aos aspectos mais escuros ou

mais sem sentido da vida: pessoas que reúnem rapidamente fortunas enormes,

milionários e multimilionários; políticos de sucesso em atividades oportunistas ou

decididamente [381] criminosas; "cientistas" que criam teorias falsas, que se tomam moda e

detêm o desenvolvimento do verdadeiro conhecimento; "filantropos" que defendem todas

as formas de legislação proibitiva; inventores de altos explosivos e gases venenosos;

aficcionados do esporte de todo tipo e espécie; pugilistas profissionais, campeões

mundiais, batedores de recordes, cômicos e "estrelas" de cinema; romancistas, poetas,

músicos, pintores, atores, comercialmente bem-sucedidos, mas não tendo nenhum outro

valor; fundadores de seitas e cultos loucos, e coisas assim. Em cada nova vida essas

pessoas continuam a fazer o que faziam antes, gastam cada vez menos tempo no

treinamento preparatório, dominam cada vez mais cedo a técnica dos seus negócios e a

técnica do sucesso, atingem cada vez maior celebridade ou fama. Algumas delas se

tornam "crianças prodígio" e revelam suas aptidões especiais desde cedo.

O perigo, para esse tipo de pessoas bem-sucedidas, é o seu sucesso. O sucesso as

hipnotiza, faz com que acreditem que elas próprias são a causa do seu sucesso. Faz com
que sigam a linha da menor resistência, isto é, sacrifiquem tudo ao sucesso. Por
conseguinte, nada muda em suas vidas, salvo que o sucesso é alcançado sempre mais
facilmente e sempre mais mecanicamente. Sem o formular, elas sentem que sua força
está precisamente nessa mecanicidade, e reprimem em si mesmas todos os outros
desejos, interesses e inclinações.
Os homens de verdadeira ciência, verdadeira arte. verdadeiro pensamento ou ação
diferem daqueles, principalmente porque muito raramente atingem o sucesso. Em geral,
só começam a ser reconhecidos muito depois do fim de sua vida terrena. E esse é um
fator extraordinariamente favorável do ponto de vista da repetição de suas vidas. A
decomposição interior, que quase inevitavelmente vem com o sucesso, nunca se
manifesta neles. E eles começam cada nova vida se esforçando em direção à sua meta
inatingível, cada vez com nova força, e às vezes começam e "se lembram" de maneira
assombrosamente precoce, como alguns músicos e pensadores famosos.
A evolução, isto é, o crescimento ou o desenvolvimento interior, não pode ser
acidental, nem mecânico. Os caminhos da evolução são os da Jnana-Ioga, da Raja-Ioga,
da Karma-Ioga, da Hatha-Ioga e da Bhakti-Ioga, ou o caminho mencionado antes, no
capítulo sobre a Ioga, da doutrina especial acessível apenas a poucos. As cinco logas e o

caminho da doutrina especial são os caminhos do trabalho sobre si, para as pessoas de
diferentes tipos intenores. Mas todos são igualmente difíceis, todos exigem igualmente o
homem inteiro.
As pessoas do tipo descendente estão excluídas desde o início. Para elas, nenhuma
evolução é possível, pois são incapazes de qualquer esforço prolongado e constante, ao
passo que a evolução é o resultado de um trabalho longo e persistente numa direção
definida. Exatamente na mesma situação estão as pessoas do tipo bem-sucedido. As
pessoas do tipo fracassado estão impedidas pelo seu fracasso, as do tipo bem-sucedido,
pelo seu sucesso.
Para as pessoas de byt e para os personagens históricos, a evolução só é possível
através da muito difícil e velada Karma-loga. Elas não podem fazer mudanças exteriores.
ovo Modelo do Universo
E se, por algum milagre, começam a se dar conta de sua situação, e resolvem o enigma
principal da vida, devem representar um papel, fingir que não percebem nem
compreendera nada. Além da Karma-loga, em alguns casos a Bhakti-loga é possível para
elas. A Karma-loga mostra-lhes que é possível mudar internamente sem mudar
externamente, e que só a mudança interior é importante. Esse é um caminho [382]
extremamente difícil, quase impossível, e exige uma grande soma de ajuda de alguém
que possa ajudar.

Para todas as categorias de homens, a evolução está relacionada com as
recordações. Falamos anteriormente da lembrança de um passado desconhecido. E ela
pode ser muito diferente em qualidade e ter características muito diversas. O indivíduo
que evolui se lembra, embora vagamente, de suas vidas anteriores. Mas como a evolução
significa escapar da roda da quinta dimensão e penetrar na espiral da sexta dimensão, a
recordação só tem importância quando tem um caráter ativo numa certa direção definida,
quando cria descontentamento com o que existe e um anseio por novos caminhos.
Quero dizer com isso que, por si mesma, a reminiscência não cria a evolução; pelo
contrário, ela pode ser a causa de uma escravidão ainda pior na vida, isto é, na quinta
dimensão. Nesses casos, a "recordação" toma ou as formas da "vida rotineira", ou formas
patológicas, ocultando-se por trás de um tipo ou outro de atitude emocional ou prática
para com a vida.
Às vezes, um homem começa decisivamente a pensar que sabe o que está fadado a
acontecer. Se ele é do tipo bem-sucedido, atribui isso à sua sagacidade, astúcia, clareza
mental, *etc.* Na realidade, é tudo reminiscência, embora inconsciente. Um homem
percebe que já andou por essa estrada, ele quase sabe o que estará além da próxima
curva, e naturalmente, em todos esses casos, a reminiscência produz o orgulho, a
presunção e a vaidade em lugar da insatisfação.
As pessoas de repetição absoluta, isto é, de "vida rotineira", e também os

"personagens históricos", podem ter, às vezes, uma lembrança quase consciente; esta,
porém, não as desperta, e só as sujeita cada vez mais às ninharias, coisas, costumes,
palavras, rituais, gestos, e torna ainda mais difícil para elas se manterem afastadas de si
mesmas e se contemplarem do exterior.
Um homem de negócios explica essa recordação por sua experiência, sua
capacidade de pensar rapidamente, de avaliar corretamente, por seu "faro", "instinto
comercial", "intuição". No caso de "importantes" militares, estadistas, líderes
revolucionários, navegadores que descobrem novas terras, inventores, cientistas que
criam novas teorias, escritores, músicos, artistas, ela se explica pelo "talento" ou "gênio"
ou "inspiração". Em algumas pessoas, a recordação evoca uma bravura insensata, ou um
desejo contínuo de arriscar suas vidas. Elas sentem que isso não pode acontecer com
elas, elas não podem ser mortas como as outras pessoas comuns. Muitos personagens
históricos são assim, "homens de destino".
Nas pessoas do tipo descendente, também a lembrança pode ser muito vívida, mas
só intensifica sua sensação do chão se desintegrando sob seus pés; intensifica seu
desespero e descontentamento, que se manifestam sob a forma de ódio, despeito ou
angústia impotente, em crimes ou excessos.
Desse modo, a recordação por si mesma não conduz à evolução mas a evolução,
numa certa etapa, desperta a recordação. Neste caso, porém, a lembrança não é toldada

por uma interpretação pessoal superior ou inferior, mas se torna cada vez mais
consciente.
Isso é quase tudo que se pode dizer sobre o eterno retomo, usando o material ao
alcance de todos. Resta estabelecer a relação da idéia do eterno retorno com a idéia da
ovo Modelo do Universo
"reencamação", como é tratada em algumas doutrinas. [383]
Mencionei antes que se pode encarar a idéia da reencamação como uma
deturpação da idéia do eterno retomo. E em muitos casos isso é verdadeiro, embora ao
mesmo tempo haja fundamentos para pensar que a idéia da reencarnação tem um
significado independente. Este só pode ser encontrado em certas alusões contidas em
escrituras indianas e em alguns poucos autores da literatura mística mais recente.
Mas antes de passar à origem da idéia da reencarnação ou de seu significado
independente, quero expor de forma sucinta algumas das suas interpretações mais bem
conhecidas.
Na teosofia moderna que, como já disse, de todas as doutrinas indianas está mais
próxima do culto de Krishna, o homem é considerado um ser complexo que consiste de
"sete corpos". Os corpos superiores ou mais sutis, o sétimo, o sexto e o quinto, são
apenas princípios contidos no quarto corpo. O quarto corpo do homem é imortal e pode
reencarnar. Isso quer dizer que depois da morte do corpo físico e das sucessivas "mortes"

do segundo corpo (o astral) e do terceiro (o mental), que às vezes vivem por muito tempo
depois da morte do corpo físico, o quarto, o corpo causal, reencarna num novo ser
humano, nascido depois de um lapso de tempo considerável, em condições inteiramente
diferentes e novas. De acordo com os autores teosóficos, entre uma e outra reencarnação
passam-se algumas centenas de anos, e muito frequentemente mil ou até dois mil anos.
Deve-se notar, também, que o estado dos corpos superiores, isto é, o astral, o
mental e o causal, é muito diferente nas diversas etapas da evolução humana. Num
homem que está apenas pouco desenvolvido, o corpo causal é pouco mais que um
princípio. Ele não traz consigo nenhuma recordação. Uma nova reencamação é, por
assim dizer, uma vida independente. Só nas etapas comparativamente elevadas de
desenvolvimento é que o corpo causal pode levar algumas vagas lembranças de uma
vida anterior.
A idéia da reencarnação está relacionada com a idéia do "karma". O karma é
compreendido como uma cadeia de causas e efeitos transmitida de uma vida a outra. Mas
na idéia abstrata do karma, introduz-se a idéia da punição. Desse modo, as ações de um
homem em relação a outras pessoas numa vida podem provocar ações semelhantes da
parte daquelas ou de outras pessoas em relação a ele, em outra vida; ou os mesmos
resultados podem advir de causas acidentais. Por conseguinte, a existência de aleijados

ou de pessoas que sofrem de doenças penosas e repugnantes explica-se pelas
crueldades que cometeram em suas vidas passadas. Isso parece significar que os seus
próprios sofrimentos redimem os sofrimentos causados por elas. Na realidade, na idéia do
karma, o sofrimento em si mesmo não tem nenhum poder redentor. O homem deve
apenas compreender algo a partir do sofrimento, deve mudar interiormente, e começar
então a agir de maneira diferente da anterior. Neste caso, o novo karma apagará, por
assim dizer, o velho, e os sofrimentos do homem cessarão.
Outras doutrinas que aceitam a idéia da reencamação diferem da teosofia só
formalmente, em alguns detalhes. Desse modo, as doutrinas "espiritas" europeias
reconhecem a possibilidade de uma reencamação mais rápida, não depois de centenas
ou milhares de anos, mas de uns poucos anos ou meses. O Budismo moderno, como foi
mencionado antes, reconhece a reencamação imediata depois da morte. Nesse último
caso, o princípio que reencarna (devido ao fato de que a existência da "alma" é negada
pelo Budismo) é "o último pensamento do moribundo". [384]
Em todas essas concepções da reencarnação, não parece haver a menor dúvida
quanto à correção da idéia comum do tempo. E é isso, acima de tudo, que as despoja de
toda força e importância. O tempo é encarado como se realmente existisse e fosse tal
como é concebido pelo pensamento comum. E é encarado como tal sem qualquer

restrição ou discussão. O relógio, o calendário, a história, os períodos geológicos, os
ovo Modelo do Universo
ciclos astronómicos não evocam nenhuma dúvida no pensamento comum. Mas,
infelizmente, esse "tempo fora de moda" necessita de uma retificação muito séria.
Mostrei no Tertium Organum que, em relação à idéia do tempo, os escritos orientais
foram muito mais longe que a filosofia ocidental. Os teósofos europeus gostam muito de
citar palavras da Vedanta sobre o "Eterno Agora", *etc.* Mas entre este e o calendário há
muitas etapas intermediárias, e é precisamente destas que eles não sabem nada.
Um homem morre, o ciclo de sua vida se encerra, e mesmo que a consciência ou a
alma se conserve, o tempo desaparece. Isso quer dizer que não há nenhum tempo para a
alma; a alma se encontra na eternidade. O dia seguinte após a morte, o ano seguinte e o
século seguinte não existem para a alma. Na eternidade não pode haver nenhuma
direção "antes" -> "depois"; não pode haver "antes" num lado de uma direção, e "depois"
no outro lado, mas deve haver tanto "antes" como "depois" em todos os lados. Se a alma,
isto é, a vida terminada, é atraída para algum lugar, pode ser atraída tanto para "antes"
como para "depois" ao longo de qualquer "grande linha", em cujo ponto de intersecção se
encontra. Resulta que, se a reencarnação é possível, é possível em qualquer direção da
eternidade. Imaginemos que, para o ciclo terminado da vida de um homem, a "grande

linha" é a linha da existência da Terra. Então o caminho da alma pode estar ao longo
dessa linha em ambas as direções, não necessariamente apenas numa única direção. Os
erros de nosso cálculo do tempo estão no fato de que, quando pensamos nele,
retificamos simultaneamente várias curvas: a vida do homem, as vidas dos grandes
organismos das sociedades humanas, a da humanidade inteira, a da Terra, a do Sol, e as
consideramos como linhas paralelas e, além disso, como linhas comensuráveis capazes
de ser expressas nas mesmas unidades de medida. De fato, isso é impossível, pois essas
curvas são tanto incomensuráveis como não paralelas. Só atribuímos a elas essa
qualidade paralela devido ao caráter linear do nosso pensamento e da nossa concepção
do tempo.
Embora seja difícil nos desfazermos do pensamento e das concepções lineares,
sabemos no entanto bastante para poder compreender que um único tempo, medido por
horas, dias, eras geológicas e anos-luz, não existe. E portanto só é possível falar do
tempo para um círculo terminado, quando esse círculo atinge de novo algum grande
círculo; mas não está de modo algum predeterminado onde ele atingirá, à direita ou à
esquerda, "antes" ou "depois". Não notamos o fato de que a predeterminação presumida
por nós baseia-se exclusivamente na analogia imaginária da divisão de um pequeno
círculo com as divisões de grandes círculos. E essa analogia se baseia na suposição de

que um círculo grande deve se dividir em "antes" e "depois", no ponto em que acontece
estar nele um círculo pequeno, uma "vida" ou uma "alma", como a divisão do círculo pequeno em "antes" e "depois", durante ávida do homem, com a condição de que a
direção de "antes" para "depois" deve ser a mesma em ambos os casos. É inteiramente
claro que todas essas hipóteses e analogias não têm nenhuma base, e que a direção do
movimento possível do círculo pequeno na eternidade não está de modo algum
predeterminado. [385]
É possível admitir que esse "círculo pequeno", isto é, a "alma" ou a "vida", esteja sujeito a algum tipo de influências magnéticas que podem atraí-lo para um ponto ou outro
de um ou outro círculo grande, mas essas influências devem vir de direções muito
variadas.
Pode-se não concordar com todas as deduções dos argumentos acima, mas, com
uma certa compreensão do assunto, não é mais possível discutir a impossibilidade de um
tempo não-relativo, isto é, um tempo geral considerado para tudo que existe. Em cada
caso dado, o tempo é apenas o período da existência do sujeito em questão. E mesmo
isso apenas toma impossível encarar o tempo depois da morte da mesma maneira que o
tempo antes dela.
O que significa realmente a mudança que chamamos "morte"? Como foi mostrado
ovo Modelo do Universo
antes, essa mudança indica que o tempo de determinado indivíduo termina. A morte quer
dizer que não há mais nenhum tempo. Quando o anjo do Apocalipse diz que "não haverá

mais nenhum tempo", ele fala da morte da humanidade.

Tudo isso toma absolutamente clara a impossibilidade de um tratamento elementar da questão, sem uma análise dos problemas do tempo. A reencarnação, se de fato existe, é um fenômeno muito mais complexo, para cuja compreensão deve-se ter um certo conhecimento das leis do tempo e da eternidade.

Estas são leis ilógicas. Não podem ser estudadas como as quatro regras da aritmética. Para compreendê-las, deve-se poder pensar irracionalmente e sem "fatos".

Não há nada mais enganoso do que os fatos, quando não podemos ter todos aqueles que se referem ao assunto em discussão e somos forçados a lidar com os fatos acessíveis que, em lugar de nos ajudar, apenas desvirtuam nossa visão. E como podemos saber que temos uma quantidade suficiente de fatos para julgar numa ou noutra direção, se não temos nenhum plano geral das coisas e não conhecemos nenhum sistema geral? Nossos sistemas científicos, baseados em fatos, são tão deficientes quanto os próprios fatos.

Para chegar às leis do tempo e da eternidade, devemos começar com a compreensão do estado em que não há nenhum tempo e nenhuma eternidade opostos um ao outro.

O "Eterno Agora" é o estado de Brahma, o estado em que "tudo está em toda parte e sempre", isto é, em que cada ponto do espaço está em contato com cada ponto do tempo, e que se expressa, no simbolismo, por dois triângulos que se cruzam, uma estrela de seis pontas.

Nessa combinação, o tempo é tridimensional, exatamente com o espaço.

Mas há uma grande diferença entre o tempo tridimensional de Brahma e o tempo

unidimensional do homem comum — a linha do tempo que vem de um passado

desconhecido e desaparece num futuro desconhecido. E essa diferença não é

simplesmente subjetiva. O homem é de fato um ser unidimensional em relação ao tempo.

Isso quer dizer que, deixando a linha do tempo, isto é, morrendo, o homem não se

encontra imediatamente no estado de Brahma, ou no "Eterno Agora". Deve haver muitos

estados intermediários, e são estes que devemos examinar agora.

Se tomamos como ponto de partida a proposição de que a meta da evolução da

alma humana deveser atingir o estado de Brahma, do "Eterno Agora", então a direção

do nosso pensamento se toma clara.

Desse ponto de vista, o homem, isto é, sua alma (entendendo essa palavra sem

nenhum sofisma, simplesmente no sentido do ser interior do homem, de sua existência

[386] interior, da qual seu corpo é o receptáculo temporário) é uma centelha de Brahma,

uma semente de Brahma, que, evoluindo e se desenvolvendo, pode atingir o estado de

Brahma, do mesmo modo que a semente de um carvalho, brotando e crescendo, se torna

um carvalho e produz, por sua vez, sementes semelhantes.

Mas a analogia com um carvalho, uma borboleta, ou qualquer outro ser vivo, embora

demonstrando corretamente certos aspectos da evolução humana, obscurecem outros
aspectos dela. A analogia com o carvalho, etc., não contém o "Eterno Agora". Se
quisermos introduzi-lo, devemos usar outra analogia.
Comparemos Brahma a um rio. Ele é a fonte do rio, o próprio rio e também o mar
para onde o rio corre. Uma gota d'água do rio, tendo emergido de Brahma, deseja voltar a
Brahma. Brahma é Tudo. É o rio, o mar e a fonte. Mas a volta a Brahma significa retornar
à fonte, porque, de outro modo, se a gota se satisfizesse com uma contemplação
filosófica de suas próprias possibilidades, poderia dizer a si mesma que já está em
Brahma, porque Brahma é Tudo, e uma vez estando no rio, a gota está em Brahma, e
uma vez que corre com o rio para o mar. que também é Brahma, ela chega ainda mais
ovo Modelo do Universo
perto de se fundir com Brahma. Mas, realmente, desse modo, ela pode se distanciar cada
vez mais da fonte; e Brahma é a fonte.
Para se juntar a Brahma, a gota deve voltar à fonte. Como pode ela voltar à fonte?
Somente movendo-se contra a corrente do rio, contra a corrente do tempo. "O rio" corre
na direção do tempo. Um retomo à fonte deve ser um movimento contra o tempo, não
para o futuro, mas para o passado.
A "vida" como a conhecemos, toda a vida externa e toda a vida interna de todas as
coisas vivas, tem uma direção, do passado para o futuro. E todos os exemplos de
"evolução" que podemos encontrar também se processam do passado em direção ao

futuro. É claro que isso só nos parece ser assim, e parece assim porque construímos
nossa linha reta do tempo a partir de uma porção de curvas como as vidas dos homens,
dos povos, raças, *etc.* Com esse objetivo. retificamos artificialmente essas curvas. Elas,
no entanto, só continuam retas enquanto as conservamos em nossa mente, isto é, as
vemos deliberadamente como linhas retas. Assim que relaxamos nossa atenção, que
deixamos algumas dessas linhas e passamos para outras, ou para o conjunto imaginário,
elas voltam imediatamente a ser curvas de novo e destroem, desse modo, a imagem
inteira do todo. Ao mesmo tempo, enquanto vemos apenas uma única linha do tempo,
uma única corrente, e não podemos ver as correntes paralelas e perpendiculares, não
podemos ver as correntes opostas, que devem indubitavelmente existir, porque, afinal, o
tempo considerado como uma superfície não é uma superfície plana, mas deve ser
necessariamente uma espécie de superfície esférica, na qual o começo de uma linha é
também o seu fim, e o fim é o começo.
Tomemos de novo a idéia da volta a Brahma. Brahma criou o mundo, ou o mundo
surgiu e está surgindo de Brahma. Três caminhos devem levar a Brahma: o movimento
em direção ao futuro, o movimento de retorno ao passado e o movimento num único
ponto do presente.
O que é o movimento para o futuro?
É o processo da vida, o processo da reprodução de si mesmo em outros, o processo

do crescimento e desenvolvimento dos grupos humanos e do conjunto da humanidade.

Se há evolução nesse processo, é uma questão aberta à discussão. O que é claro é a

imagem da formação, existência e morte dos grandes organismos amorfos que lutam e se

devoram mutuamente, isto é, das sociedades humanas, povos e raças. [387]

O que é o movimento num ponto, no presente?

É o movimento ao longo do círculo do eterno retomo, a repetição da vida, e o

crescimento interior da alma que se toma possível devido a essa repetição.

O que é movimento de volta ao passado?

É o caminho da reencarnação que, se é possível e existe, só existe provavelmente

na forma de reencarnação no passado.

Esse é precisamente o aspecto oculto "esotérico" da idéia da reencarnação. que

está tão completamente esquecido que mesmo alusões a ele são difíceis de encontrar.

Mas essas alusões existem. Só vou chamar a atenção para algumas expressões

significativas do Velho Testamento.

O rei Davi diz ao morrer:

"Vou peio caminho de todos os mortais." (l Reis. 2:2.)

Josué diz:

ovo Modelo do Universo

"E vede que estou a entrar no caminho de todos os mortais." (Josué, 23:14.)

Qual o significado dessas palavras, o que quer dizer "o caminho de todos os

mortais"?

O caminho de todos os mortais é o seu passado. "Vou pelo caminho dos mortais" só

pode significar uma coisa: vou para o tempo, vou para o passado.

Também há outras expressões:

"Vá Aarão reunir-se ao seu povo..." (Deus diz isso a Moisés e a Aaião no monte

Hot.) (Números, 20:24.)

"E morrerás no monte ao qual terás subido, e irás reunir-te ao teu povo: como Aarão

teu irmão morreu no monte Hor, e foi reunir-se ao seu povo." (Deus diz a Moisés.)

(Deuteronômio, 32:50.)

"E faltando-lhe as forças morreu numa ditosa velhice, e em provecta idade, e cheio

de dias: e foi unir-se ao seu povo." (Gênesis, 25:8.)

"E exausto de forças pela idade (Isaac) morreu, c foi unido ao seu povo..." (Gênesis.

35 29.)

"Eu vou unir-me ao meu povo..." (Jacó.) (Gênesis. 49:29.)

"[...] e morreu: e foi unir-se ao seu povo." (Jacó) (Gênesis. 49:32.)

"Por isso eu te farei descansar com teus pais, e serás sepultado em paz no teu

sepulcro, para que os teus olhos não vejam todos os males que hei de fazer cair sobre

este lugar." (Deus diz isso a Josias através da profetisa.) (2 Reis, 22:20.)

As palavras "reunir-se ao seu povo" têm exatamente o mesmo significado que "ir

pelo caminho de todos os mortais". E a última passagem — "Eu te farei descansar com

teus pais" — acentua inclusive o benefício resultante disso, isto é, escapar do mal do
presente. Na interpretação corrente, considera-se que essas palavras ou indicam uma
vida depois da morte, na qual o homem se junta a seus ancestrais, que foram para lá
antes dele, ou, num sentido mais materialista, um sepultamento nos túmulos da família.
Mas a primeira, isto é, a interpretação que explica essas palavras pela existência
depois da morte, não resiste à crítica, porque sabemos bem que o Judaísmo não continha
nenhuma idéia da existência depois da morte. Se tivesse havido essa idéia, teria sido
necessariamente exposta e interpretada na Bíblia. Nem a segunda explicação, isto [388] é,
o sepultamento em túmulos da família, corresponde a todas as indicações mencionadas,
pois as mesmas palavras se referem a Aarão e Moisés, que morreram e foram sepultados
no deserto.
E o que é particularmente importante, as expressões "Ir pelo caminho de todos os
mortais", "reunir-se aos seus pais" ou "juntar-se ao seu povo" nunca se referem a homens
e mulheres comuns; essas expressões só são usadas em relação a uns poucos:
patriarcas, profetas e líderes do povo. Isso indica o significado e o objetivo ocultos da
"reencarnação no passado".
Na grande corrente da vida, que flui a partir de sua fonte, deve haver
necessariamente correntes opostas e transversais, assim como numa árvore há um fluxo
de seiva das raízes para as folhas e um fluxo de seiva das folhas para as raízes. Na

grande corrente da vida, o movimento evolutivo deve ser um movimento contrário ao
processo geral de crescimento, um movimento contra a corrente, em direcão ao começo
ovo Modelo do Universo
do Tempo, que é o começo de Tudo.
Preso à sua roda de vidas que se repetem, o homem não poderia se beneficiar da
possibilidade de um movimento reverso contra o tempo, se não houvesse possibilidade de
reencarnação em outra era, outra época, próxima ou distante, mas em todo o caso numa
que esteja mais próxima do começo, isto é, no passado.
Essa é. à primeira vista, uma teoria muito estranha. A idéia de um movimento para
trás no tempo é, para nós, desconhecida e incompreensível.
Na realidade, porém, só essa idéia explica a possibilidade de "evolução"' no
verdadeiro e amplo sentido da palavra.
A evolução, isto é, o aprimoramento, deve vir do passado. Não basta evoluir no
futuro, mesmo que isso fosse possível. Não podemos deixar para trás os pecados do
nosso passado. Não devemos esquecer que nada desaparece. Tudo é eterno. Tudo que
existiu, ainda existe. A história da humanidade inteira é a "história do crime", e o material
para essa história cresce continuamente. Não podemos ir muito longe com um passado
como o nosso. O passado ainda existe, e dá e dará seus resultados, criando
continuamente novos crimes. O mal gera o mal. Para destruir a consequência do mal, é
preciso destruir sua causa. Se a causa do mal está no passado, é inútil procurá-la no

presente. E o homem deve retroceder, procurar e destruir as causas do mal. por mais
atrás que elas possam estar. É só nessa idéia que se pode encontrar uma indicação da
possibilidade de uma evolução geral. É só nessa idéia que se encontra a possibilidade de
mudar o karma da humanidade, porque mudar o karma significa mudar o passado.
A teoria teosófica é que cada homem recebe tanto mal quanto produz. Isso é o
"karma", de acordo com a concepção teosófica. Mas, dessamaneira, o mal não pode
diminuir, e deve necessariamente crescer. E a humanidade não tem nenhum direito de
sonhar com um futuro belo e brilhante enquanto arrasta um fardo de maldade e crime,
que automaticamente se renova. A idéia do que a humanidade deveria fazer com a carga
de maldade e crime que acumulou ocupou a mente de muitos pensadores. Dostoievsky
nunca pôde se libertar do horror dos sofrimentos passados das pessoas mortas e
desaparecidas há muito tempo. E, fundamentalmente, ele estava certo, sem dúvida
alguma. O mal, uma vez criado, permanece e cria novo mal.
Somente Cristo e Buda, dentre os grandes mestres da humanidade e fundadores de
religiões mais conhecidos, nunca defenderam qualquer forma de luta contra o mal por
meio de violência, isto é, por intermédio de novo mal. Mas sabemos muito bem qual foi o
resultado da pregação de amor e piedade. [389]
Se o mal pode ser extirpado e suas consequências destruídas, isso só pode

acontecer se for detido no momento em que ele começa, e sem ser por meio de outro
mal.
Todo o absurdo da luta por uma organização melhor da vida na Terra deve-se ao
fato de que as pessoas tentam lutar contra os resultados, deixando de lado as causas do
mal e criando novas causas de novo mal. Por enquanto o preceito "Não oponha o mal ao
mal" não pode produzir qualquer resultado porque as pessoas, no seu nível de
desenvolvimento, só podem estar ou indiferentes ao mal, ou lutando contra ele (ou contra
o que denominam mal) por meio de violência, isto é, por meio de outro mal. Essa luta é
sempre uma luta contra resultados. As pessoas nunca podem atingir as causas do mal. É
fácil compreender por que isso ocorre. As causas do mal não estão no presente. Estão no
passado.
Não haveria nenhuma possibilidade de pensar na evolução da humanidade, se não
existisse a possibilidade de homens que evoluem individualmente irem ao passado e lutar
contra as causas do mal presente que lá se encontram. Isso explica aonde desaparecem
aquelas pessoas que se lembraram de suas vidas passadas.
ovo Modelo do Universo
Do ponto de vista comum, isso soa como um absurdo. Mas a idéia da reencarnação
contém esse absurdo, ou essa possibilidade.
Para admitir a possibilidade da reencamação no passado, é necessário presumir a
pluralidade da existência, ou ainda da coexistência, quer dizer, é preciso supor que a vida

humana, enquanto se repete de acordo com a lei do eterno retorno num único "lugar no
tempo". E pode-se dizer, com certeza quase absoluta, que um homem, mesmo próximo
do estado de super-homem, não será consciente dessa simultaneidade de vidas e se
recordará de uma única vida ou da vida num único "lugar no tempo" como passado, e
sentirá a outra como presente.

Nas condições do espaço tridimensional e do tempo unidimensional, a pluralidade da
existência é impossível. Mas nas condições do espaço-tempo hexadimensional é
inteiramente natural, porque nele "cada ponto do tempo toca em cada ponto do espaço", e
"tudo está em toda parte e sempre". No espaço-tempo representado por dois triângulos
que se cruzam, não há nada estranho ou impossível na idéia da pluralidade da existência.

E até a aproximação dessas condições cria para um homem a possibilidade de "seguir o
caminho de todos os mortais", "reunir-se a seus pais", o que possibilita a ele influenciar seus ancestrais ou os contemporâneos deles, mudar pouco a pouco e tornar mais
favoráveis as condições de seu nascimento e cercar-se aos poucos de pessoas que
também "se lembram".

Tentemos imaginar essa situação de uma forma mais concreta. Suponhamos que
sabemos que a vida inteira de certo homem formou-se de uma certa maneira, devido a
cenas coisas que seu avô, morto antes do seu nascimento, fez ou deixou de fazer.

Imaginemos agora que o homem tenha a possibilidade de influenciar seu avô de certo

modo no momento exato, através de alguns dos seus contemporâneos, talvez
simplesmente abrindo-lhe os olhos para alguma coisa que ele não soubesse. Isso pode
mudar inteiramente as condições da vida subsequente (no tempo) desse homem,
proporcionar-lhe novas possibilidades, e assim por diante.
Suponhamos ainda que determinado homem, que tem poder verdadeiro em suas
mãos, um estadista, ou político, ou soberano reinante de alguma época passada,
manifestasse um interesse na direção do conhecimento real. Isso teria dado a
possibilidade de influenciá-lo, se houvesse um homem perto dele que pudesse fazer isso.
Suponhamos que acontecesse estar ao lado dele esse homem. Isso poderia dar
resultados [390] inesperados de um caráter muito útil, abrindo novas possibilidades para um
grande número de pessoas.
O privilégio da posição de reencarnar no passado, para o homem que se lembra do
que aprendeu na sua vida passada, explica-se pelo fato de que ele conhece os
resultados, sabe o que resultou das ações das pessoas da época na qual ele reencama.
Isso não significa, evidentemente, que tudo ou muitas coisas possam ser alteradas
por um único homem que reencarnou no passado. As possibilidades de alterar os
acontecimentos externos são muito pequenas, mas devem existir. Se em cada momento
houvesse apenas uma possibilidade (ver Capítulo X), viveríamos num mundo de absoluta
predeterminação, e nada poderia ser alterado. Mas quanto a isso, os "momentos" diferem

muitíssimo entre si. Há momentos com apenas uma única possibilidade; há outros com
várias possibilidades; e ainda outros com possibilidades numerosas e muito variadas.
Podemos compreender isso estudando nossa própria vida. Suponhamos que nela
podemos retroceder dez, quinze ou vinte anos. Há uma grande possibilidade na
suposição de que gostaríamos então de alterar muitas coisas, fazer muitas coisas de
maneira diferente, não fazer absolutamente muitas outras. Se poderíamos fazê-lo ou não,
é uma questão diferente. (97) Mas no caso da reencarnação no passado, essa questão é
muito mais simples, porque só podem reencarnar aqueles homens que já alcançaram

97 Esse assunto foi tratado pelo autor numa novela, A roda da fortuna.

grande consciência e poder.
Por esse meio, isto é, por meio da reencarnação no passado das pessoas que já
atingiram um certo grau de desenvolvimento interior, cria-se uma corrente oposta no meio
da corrente da vida. É o movimento evolutivo, que torna pouco a pouco a vida melhor e
mais nobre, e ela própria volta enriquecida à fonte da qual se originou.
Em comparação com essa idéia, a idéia da reencamação no futuro parece não só
infrutífera, mas quase uma zombaria das pobres almas que reencarnam.
Imaginem um homem que viveu na antiga Roma, um homem muito inteligente e,

para o seu tempo, culto, que reencama em nossa época, nas circunstâncias da vida
média das classes cultas da Europa. Estaria completamente deslocado nessas
circunstâncias. Teria conservado milhares de inclinações e desejos, para os quais não há
lugar na vida moderna. Estaria cheio de superstições, crenças e tendências estranhas,
beirando o crime. O que é para ele perfeitamente natural, normal e até necessário seria,
para as pessoas de sua convivência, imoral, antinatural e vicioso. O que é perfeitamente
legal e certo para ele seria, aos olhos dessas pessoas, criminoso e revoltante, e assim por
diante. A situação do pobre romano em nossa época seria muito penosa e difícil, tanto
para ele como para os que o cercassem.
Do mesmo modo, um homem da nossa época, transferido para um futuro
desconhecido e remoto, se encontraria cercado de condições inteiramente estranhas e
entre pessoas vivas, com interesses incompreensíveis para ele. Ele se sentiria
estrangeiro nessa nova vida, e necessitaria de muitas voltas da roda do eterno retorno e a
criação de um vasto karma desnecessário antes de se adaptar ao novo ambiente e às
novas formas de pensar.
Mas um homem atual, reencamado na antiga Roma, tiraria um imensa quantidade
de proveito de suas observações e comparações das vidas de duas épocas tão diferentes
entre si. E, certamente, onde quer que aparecesse, levaria consigo uma corrente [391]
civilizadora, não porque nossa época seja mais civilizada mas porque ele próprio, graças

a sua inadaptabilidade às formas de vida romanas, sentiria intensamente a barbárie da
época; ele se sentiria à parte de tudo, e não poderia participar de nenhum modo do
entusiasmo de seus novos contemporâneos.
A reencarnação no passado também está relacionada com o eterno retorno da
seguinte maneira: a reencarnação só é possível em lugares que estejam desocupados,
em "lugares vazios". Essa vaga pode ocorrer de duas maneiras.
A primeira, quando uma alma, depois de muitas vidas de luta consciente, obtém a
liberdade, deixa o círculo das vidas no "lugar do tempo" determinado e vai na direção de
sua fonte, isto é, para o passado.
A segunda, quando uma alma morre, isto é, quando depois de muitas vidas gastas
em escorregar por um plano inclinado, movendo-se ao longo de uma espiral que diminui,
com um fim cada vez mais rápido, ela deixa de nascer.
Tanto o primeiro como o segundo caso deixam lugares vazios para a reencarnação.
No primeiro caso, isto é, no da reencarnação no lugar de um homem que terminou
sua tarefa e foi para o passado, a alma recebe um papel definido e geralmente muito
complicado e difícil, que deve desempenhar através da vida, o papel de um homem que
foi embora. O homem partiu tendo se libertado interiormente, mas tendo exteriormente um
grande e variado karma. Seu lugar deve ser preenchido. O homem que partiu não pode
desaparecer da vida. Um novo ator deve personificar o antigo.

No outro caso, em que a alma nasceu no lugar de uma outra que morreu, ela
também recebe um papel muito difícil, embora aqui a dificuldade seja de um tipo
completamente diferente, e possa ter sido criada pelas qualidades pessoais do homem
que se foi ou pelas condições externas de sua vida. A diferença, em comparação com o
ovo Modelo do Universo
primeiro caso, é que a alma que encarna neste caso não deve desempenhar nenhum
papel. Ela pode criar o seu próprio karma logo desde o começo. Mas as condições do
nascimento, nesse caso, podem ser muito desfavoráveis. Muitas almas morrem só por
causa das condições penosas de seu nascimento, sem poderem suportar as
circunstâncias em que têm que viver. São os homens com uma hereditariedade carregada
e patológica, os filhos de pais viciados, criminosos ou anormais. São os homens que
nascem nas épocas de longas guerras, revoluções, invasões bárbaras, da queda de
civilizações e da destruição de nações, quando as pessoas nascem apenas para morrer
entre dezenas e centenas de milhares de outras, sempre da mesma maneira, sem
nenhuma esperança de salvação e nenhuma possibilidade de alterar o seu destino.
O nascimento em tais condições é uma prova muito difícil para a alma que
reencarna. As almas, porém, mais fortes e mais resistentes sobrepujam essas condições
e vivem nelas, criando pouco a pouco em torno de si uma espécie de ilha, para a qual
outras pessoas em perigo podem nadar.

Ao lado desses papéis, por assim dizer, naturais, há, além disso, na história, papéis criados especialmente para a reencarnação de pessoas que já atingiram um certo grau de consciência. Alguns desses papéis são conhecidos, porque pertencem a personagens históricos, por trás dos quais podemos admitir a influência de escolas esotéricas. Outros papéis desse tipo pertencem a personagens que também são, às vezes, conhecidos na história, mas que parecem exteriormente muito distantes de qualquer esoterismo. E há ainda outros papéis que pertencem a pessoas inteiramente desconhecidas, que realizaram um grande trabalho, mas não deixaram nenhum sinal visível. [392]

Quanto aos personagens que pertencem a escolas, mas parecem exteriormente não ter nenhuma relação com o esoterismo, muito pouco se pode dizer. Se tais pessoas existem, sua vida interior deve ser completamente independente da exterior. E a reencarnacão no lugar dessas pessoas só pode ser admitida para as almas que tiveram uma preparação especial para essa vida dupla. Para um homem que se desenvolveu em condições comuns, essa reencamação seria impossível.

Porém, mesmo para as pessoas especialmente preparadas para papéis difíceis, não pode haver uma reencarnacão cuja tendência predominante seja contrária ao trabalho esotérico.

Não há uma única tradição esotérica que mostre a possibilidade de uma contradição interior entre o papel exterior na vida e o trabalho interior. Isso quer dizer que um homem

que faz parte secretamente das escolas não pode agir abertamente contra elas. É ainda
menos possível que um homem que pertence a uma escola esotérica deva usar uma
máscara de pseudo-ocultismo, ou, por sua conduta, degrade a idéia das escolas. Depara—
se às vezes com tais asserções, que têm origem em pessoas que uma vez tiveram uma
relação com as escolas esotéricas, mas depois perderam, ou que fizeram das idéias
esotéricas um meio para servir aos seus objetivos pessoais.
Nunca pode acontecer de outro modo. É o maior erro pensar que o "bem" possa se
esconder sob a máscara do "mal", que a "verdade" possa se ocultar sob a máscara da "fraude". Isso é exatamente tão impossível quanto o mal consciente. O mal, pela própria
natureza, deve necessariamente ser inconsciente e cego. Portanto, uma vida que serve a
poderes inconscientes e cegos, ou que serve à fraude, ou que se baseia na fraude, não
pode ser um papel consciente.
O papel de um homem na vida, quando ele pertence a uma escola esotérica,
expressa sempre o seu ser interior, e por essa mesma razão sua vida às vezes
permanece um enigma histórico.
Esses papéis pertencem, por exemplo, a certos personagens do drama do
Evangelho. Já me referi ao drama de Cristo. Mas este não era só de Cristo. Era um drama
com grande número de dramaris personae, que representavam papéis definidos fixados
ovo Modelo do Universo
firmemente em suas mentes. O drama de Cristo, toda a história contada nos Evangelhos,

é de profundo interesse do ponto de vista do mecanismo do eterno retomo e da
reencarnacão no passado.
Do ponto de vista do eterno retomo, a primeira questão que se levanta é a seguinte:
Será possível que todas as dramatis personae do drama evangélico estejam
destinadas a representar eternamente seus papéis, dizer eternamente as mesmas
palavras, fazer eternamente a mesma coisa?
Para responder, é necessário compreender claramente que no drama do Evangelho
há dois tipos de papéis e dois tipos de atores. As mesmas palavras devem ser ditas, os
mesmos fatos devem se realizar, as mesmas cenas devem ser representadas diante dos
espectadores e da história. Mas, num único caso, os atores são sempre os mesmos, no
outro podem ser diferentes. O ator que representou Judas uma vez, representará sempre
Judas, mas o ator que uma vez representou Cristo pode, na vez seguinte, representar
algum outro papel consciente, por exemplo, o de João Batista. Os Apóstolos podem trocar
entre si os papéis. Mas pode ter havido alguns entre eles que não sabiam seus papéis
suficientemente bem, ou tentaram alterá-los, introduzir algo próprio, "melhorar" algo.
Esses terão que representar os mesmos papéis repetidas vezes, [393] até que os tenham
aprendido com perfeição, lembrando-se deles palavra por palavra. Não conhecemos seus
erros, porque os erros foram corrigidos nos Evangelhos, escritos por homens que
compreenderam o significado e o propósito do drama de Cristo. Mas a verdadeira história

podia facilmente ter diferido, em seus detalhes, da história descrita nos Evangelhos. Os

Apóstolos podem não só trocar entre si os papéis ou atuar melhor da vez seguinte, mas

podem passar-se pata papéis mais importantes, mais centrais no drama, e cada um deles

pode ter a esperança de algum dia representar Cristo.

Esses são os papéis conscientes. Os inconscientes não podem mudar. Os

sacerdotes que julgaram Jesus e incitaram o povo contra ele; todas as pessoas que

formaram a multidão que pediu sua morte; os soldados que repartiram suas roupas, etc.,

representarão seus papéis sem a menor modificação. Os papéis inconscientes do drama

do Evangelho estão fixados firmemente em sua repetição invariável. Que outra coisa pode

um homem bradar quando clamou "crucifique-o"? É absolutamente impossível para ele

bradar outra coisa ou até mesmo pensar em algo diferente. E ele continuará clamando

isso através de todos os ciclos da eternidade. O que pode fazer ou dizer Pilatos de

maneira diferente? Não pode fazer nada. Pode apenas "lavar as mãos" de novo. Todas

essas pessoas crucificaram a si mesmas, pregaram-se na cruz de Jesus, para toda a

eternidade. E nenhum poder pode arrancá-las dessa cruz.

Há um significado profundo no mito do "Judeu Errante" ou "Judeu Eterno". Ele diz e

dirá etemamenre seu "Ande mais depressa! " (98)

Não pode haver nenhum erro nos papéis inconscientes, porque cada homem

representou seu papel inconsciente pela primeira vez de acordo com o seu tipo,

educação, meio, época, obedecendo ao instinto da multidão, imitando outras pessoas,

etc. Na vez seguinte, seu papel foi repetido mecanicamente, e quanto mais o

representava, mais minuciosamente o conhecia, menos possibilidade havia de erro ou

mal-entendido. A "eterna repetição" passou a controlar o seu papel, e nenhum erro era

mais possível. O diretor do drama de Cristo podia contar com os papéis inconscientes

com tanta segurança quanto com o cenário da Judéia, os costumes, os dias de festa, *etc.*

Mas os papéis conscientes exigem preparação.

No desenvolvimento posterior ao Cristianismo, o cristianismo esotérico se tornou

uma escola para preparar atores para esse drama. O drama em si, por assim dizer, era

98 A lenda do "Judeu Errante" (ou "Judeu Eterno") se refere ao homem a cuja porta Jesus quis descansar enquanto carregava a cruz, e que lhe gritou: "Ande mais depressa!" e que foi amaldiçoado por Jesus e condenado a errar eternamente, sem nenhuma possibilidade de morrer, ou de descansar. A lenda foi conhecida na literatura desde o século XVII. Há outra versão dela que existiu no século XIII.

ovo Modelo do Universo

uma representação de teste. Tudo isso junto compunha um quadro muito interessante. O

drama como o começo, a fonte, criou a religião, e esta como o resultado, o "rio", por sua

corrente oposta alimentou a "fonte". A imagem mental de tudo isso sugeria o processo

cósmico.

A transformação do Cristianismo na Igreja, o pacto entre a Igreja e o Estado, a

deturpação e perversão da idéia original da religião do amor até decair na pregação do
Cristianismo de espada na mão, na matança dos hereges, na Inquisição, tudo isso foi o
resultado do drama do Evangelho. Esse foi o produto inevitável do trabalho de seleção e
separação, do meio das massas da humanidade comum, de pessoas aptas a apreender
[394] o trabalho esotérico. Pessoas incapazes desse trabalho também ouviram falar do
ensinamento dos Evangelhos e naturalmente tinham que se apropriar dos dogmas e
princípios delas e adaptá-los a sua própria compreensão, sua própria vida, à luta de uns
contra os outros, a seus crimes, *etc.*
Mas nada se desperdiça na economia do Esoterismo, e as formas deturpadas do
Cristianismo também têm sua importância, porque muitas pessoas só podem receber as
idéias de uma ordem superior de forma deturpada, enquanto algumas delas, tendo
recebido essas idéias de forma deturpada, podem às vezes perceber que elas estão
deturpadas, e começar a buscar a verdade e às vezes chegar à fonte original.
A crucificação de Cristo continua incessantemente. Em lugar do próprio Cristo, são
seus ensinamentos, suas idéias que são crucificados; e a multidão, que acredita em seus
líderes, grita: "Crucifique-o!"

As duas grandes religiões que surgiram uma pouco depois da outra, a saber, o
Cristianismo e o Budismo, nunca foram estudadas juntas como se completando

mutuamente; geralmente têm sido consideradas opostas em seus pontos mais
fundamentais.
A vida do príncipe Gautama. que se tornou o Buda. isto é, o Iluminado, não é um
drama no mesmo sentido da vida de Cristo, ou pelo menos dos três últimos anos da vida
de Cristo; embora no Budismo a vida de Buda tenha se tornado um mito, do qual não se
pode omitir nem um só aspecto, nem uma só palavra.
Buda viveu muito e criou uma grande ordem monástica, que depois da sua morte
estendeu sua influência longe e amplamente, e que de fato nunca deturpou a doutrina de
Buda, na medida em que a doutrina de Cristo foi distorcida por seus seguidores. É claro
que a vida de Buda também é um papel consciente, através do qual muitos atores podem
passar, e cuja representação não é certamente fácil, embora pertença aos papéis
naturais. O papel de Cristo foi criado especialmente.
O Budismo posterior, em seus círculos interiores, também é uma escola, preparando
atores para os papéis do príncipe Gautama e seus discípulos e seguidores mais
próximos. Mas naturalmente, como o Cristianismo, não é inteiramente uma escola. Assim
como no Cristianismo, nele só movimentos muito raros e velados podem estar ligados à
idéia de escola.

Quanto à questão da relação das idéias do etemo retorno e da "reencarnação no
passado" com as idéias de evolução, é interessante ver se existem teorias sociais no

Esoterismo, isto é, se as doutrinas esotéricas concebem qualquer possibilidade de uma
organização de grupos ou comunidades humanos que ajudem uma dada cultura a atingir
os maiores resultados e que ajudem, de modo geral, a evolução da humanidade.
Isso é particularmente interessante em nossos dias, em que se dá essa importância
tão grande às teorias sociais de todo tipo, e em que as especulações mais fantásticas
nesse domínio são elevadas à categoria de ciências, ou dogmatizadas diretamente como
ovo Modelo do Universo
uma espécie de religião racionalista.
Existe uma resposta a essas perguntas. A idéia esotérica da organização ideal da
humanidade é a divisão em castas, de acordo com as Leis de Manu. [395]
No código das Leis de Manu, (99) como é conhecido e chegou a nós, a divisão em
castas é colocada como a pedra angular de toda a estrutura social. E a verdadeira
essência da natureza do homem é encarada como a causa dessa divisão, sobre cuja
base o homem foi criado.

LEIS DE MANU

Capitulo /.
31. Para a prosperidade dos mundos, ele criou de sua boca, seus braços, seus
músculos e seus pés os brâmanes, os chátrias. os vaixiás e os sudras.
88. Aos brâmanes ele destinou o ensinamento do Veda e o estudo e o sacrifício para
seu próprio benefício e dos outros, dar e receber esmolas.

89. Ele ordenou aos chátrias proteger o povo, dar presentes, oferecer sacrifícios,
estudar o Veda e reprimir o apego aos prazeres sensuais.
90. Ele ordenou aos vaixiás criar os rebanhos, dar esmolas, oferecer sacrifícios,
estudar o Veda. comerciar, emprestar dinheiro e cultivar a terra.
91. O Senhor prescreveu uma única ocupação aos sudras: servir pacientemente
essas três outras castas.

E mais adiante:

98. O próprio nascimento de um brâmane é uma encarnação eterna da lei sagrada;
porque ele nasce para cumprir a lei sagrada e está identificado com Brahma.
99. Vindo ao mundo, o brâmane ocupa o lugar mais alto da Terra, como o senhor de
todos os seres criados, para a proteção dos tesouros da lei.
100. Tudo o que existe na Terra é propriedade do brâmane; devido à excelência de
sua origem, o brâmane tem, na verdade, o direito a tudo isso.
101. O brâmane só come seu próprio alimento, só usa suas próprias roupas, só dá
como esmola seu próprio património; os outros mortais só existem através da
benevolência do brâmane.
102. Para estabelecer claramente seus próprios deveres e os deveres das outras
castas, de acordo com a ordem delas, o sábio Manu, que se originou do que existe por si
mesmo, compôs esses Preceitos da lei sagrada.

103. Um brâmane judicioso deve estudá-los cuidadosamente, e deve instruir
apropriadamente seus alunos quanto a eles, mas ninguém mais deve fazer isso.
104. Um brâmane que estuda esses preceitos e cumpre fielmente os deveres neles
prescritos nunca é corrompido por pensamentos, palavras ou atos pecaminosos.
105. Ele santifica toda reunião em que pode entrar, sete ancestrais e sete
descendentes, e só ele merece possuir esta Terra inteira.

99 As citações seguintes foram traduzidas do texto russo. Leis de Manu. Tradução do sânscrito por S. D. Eimanovitch. Publicada pela Sociedade dos Orientalistas Russos, São Petersbuigo, 1913. Há uma tradução inglesa, The Collection of the Sacred Books of the East, preparada por Max Muller, traduzida por G. Buhler e publicada pela Oxford University Press em 1885.
ovo Modelo do Universo

Capitulo IX.

322. Os chátrias não prosperam sem os brâmanes, nem estes sem os chátrias; os
brâmanes e os chátrias, unidos estreitamente, prosperam neste mundo e no próximo.

Capitulo II.

135. Sabei que um brâmane de dez anos e um chátria de cem anos estão
mutuamente na relação de pai e filho; mas dos dois, o brâmane é o pai.

Capitulo IX.

329. Um vaixiá deve saber o preço relativo das pedras preciosas, pérolas, coral,
metais, roupas feitas de tecidos, perfumes e condimentos. [396]
300. Ele deve conhecer a maneira de semear, as propriedades boas e ruins do solo,
e ter um conhecimento perfeito de todas as medidas e pesos.
331. Além disso, as qualidades e defeitos da mercadoria, vantagens e desvantagens
de diferentes regiões, os lucros e perdas prováveis da mercadoria e a maneira de criar
adequadamente o gado.
332. Deve conhecer os salários adequados dos empregados, as varias línguas dos
homens, os métodos de conservar as mercadorias e as normas de compra e venda.
333. Deve fazer os maiores esforços para aumentar sua propriedade de maneira
legitima e alimentar zelosamente todos os seres criados.
335. Um sudra que é puro, obediente ás classes superiores, humilde ao falar,
despido de orgulho e sempre buscando refúgio com os brâmanes, alcança (em sua vida
futura) uma casta superior.

Capitulo X.
1. As três castas dos nascidos duas vezes, cumprindo seus deveres prescritos,
devem estudar o Veda; mas deles, só o brâmane pode explicá-lo, e não os outros dois;
essa é a regra estabelecida.
2. O brâmane deve conhecer os meios de subsistência prescritos para todos, instruir
os outros, e viver ele mesmo de acordo com a lei.

3. Devido à sua supremacia, à excelência de sua origem, à observação de certas
regras restritivas especiais e à distinção de sua iniciação, o brâmane é o senhor de todas
as castas.
5. Em todas as castas, só as crianças que nascem em ordem dircta, de esposas da
mesma casta e que se casaram virgens, devem ser consideradas como pertencentes â
mesma casta (como seus pais).
9. De um chátria e uma mulher sudra nasce um ser, chamado ugra, parecendo tanto
um chátria como um sudra, horrível em suas maneiras e sentindo prazer na crueldade.
12. De sudras com mulheres vaixiás, chátrias e brâmanes nascem um aiogava, um
chátria e um chandala, os mais baixos dos homens, filhos que devem sua origem a uma
mistura de castas.
ovo Modelo do Universo
57. Um homem de origem impura, que não pertence a nenhuma casta, varna, mas
cujo caráter é desconhecido e que, embora não ariano, parece um ariano, pode ser
reconhecido por seus atos.
58. O comportamento indigno de um ariano, a rudeza, a crueldade e a negligência
habitual dos deveres prescritos, revelam neste mundo um homem de origem impura.
61. Mas todo reino em que essas pessoas nascidas de maneira ilegítima destroem a
pureza das castas, extingue-se imediatamente junto com seus habitantes.
63. Manu declarou como a essência da lei para as quatro castas a abstenção de

ofender os outros, a veracidade, a abstenção da apropriação ilegal da propriedade dos
outros, a pureza e a moderação dos órgãos.
71. A semente lançada a um solo estéril morre nele; um campo fértil em que se
semeia uma semente que não é boa, toma-se estéril.
75. Ensinar, estudar, sacrificar-se por si, sacrificar-se pelos outros, oferecer dádivas
e recebê-las são as seis ações prescritas a um brâmane.
76. Mas das seis ações prescritas, três servem como meio de sua subsistência: o
sacrifício para os outros, o ensino e o recebimento de dádivas de homens puros.
77. Três ações que competem ao brâmane são proibidas ao chátria: ensinar,
sacrificar-se pelos outros e, terceiro, aceitar presentes.
78. Estas são igualmente proibidas ao vaixiá. como a regra estabelece; porque
Manu, o senhor das criaturas, não as prescreveu para os homens dessas duas castas.
79. Ao chátria, como meio de subsistência, está prescrito o uso da espada e da
flecha; ao vaixiá, o comércio, a criação do gado e a agricultura: mas os deveres deles são
a generosidade, o estudo do Veda e a realização de sacrifícios.
80. Entre as diferentes ocupações, a mais apropriada ao brâmane é o ensino dos
Vedas; ao chátria, a protccão do povo: e ao vaixiá, o comércio.

81. Mas se um brâmane não pode subsistir por suas ocupações especiais
mencionadas, pode viver executando os deveres de um chátria: porque este segue
imediatamente após ele.
82. Se perguntam: "Como deve ser, se ele não c capaz de se manter com nenhuma
dessas ocupações?" a resposta é: "Ele pode levar a vida de um vaixiá, emprcgando-se na
agricultura e criando gado." [397]
95. Um chátria, quando cai em desgraça, pode se manter com qualquer desses
(meios); mas não deve nunca, de maneira arrogante, levar a vida prescrita para seus
superiores.
96. Um homem de casta inferior, que por ganância vive das ocupações de uma
casta superior, deve ser privado pelo rei de suas posses e banido.
97. É melhor cumprir imperfeitamente seus próprios deveres prescritos (dharma) do
que cumprir perfeitamente o dever de outrem; porque o homem que vive de acordo com a
regra de outra casta é imediatamente excluído da sua.
98. Um vaixiá que é incapaz de subsistir pelo cumprimento de seus deveres pode
manter-se até mesmo com ocupações peculiares ao sudra, evitando, porém, ações
proibidas a ele, e deve abandoná-las quando puder fazer isso.
121. Se um sudra, não podendo subsistir servindo aos brâmanes, busca um
sustento, pode servir aos chátrias, ou pode também procurar os meios de subsistência
servindo a um vaixiá rico.

122. Mas ele, um sudra, deve servir aos brâmanes, ou por amor ao céu ou a um
objetivo duplo (esta vida e a futura); pois qualquer um que seja chamado o servo de um
ovo Modelo do Universo
brâmane atinge, por esse meio, todos os seus objetivos.
123. O serviço dos brâmanes é considerado a ocupação mais importante de um
sudra; porque qualquer coisa que ele possa fazer além disso não lhe trará nenhum fruto.
99. Mas um sudra incapaz de encontrar serviço junto aos nascidos duas vezes (os
homens das três castas) e ameaçado de perder os seus filhos e esposa pela fome..pode
manter-se por meio de trabalhos manuais.
Das regras de um Snâtaka (dono de casa):
61. Que não viva num país governado por sudras, nem habitado por homens ímpios,
nem conquistado pelos hereges, nem em que abundem os homens de castas inferiores.
79. Que não permaneça na companhia de proscritos, nem de chandalas, nem de
pucasas, nem de idiotas, nem de homens arrogantes, nem de homens de baixa classe ou
Antyâvasâyins (coveiros).

Capítulo VIII.

22. Um reino povoado principalmente por sudras, cheio de homens ímpios e privado
de habitantes duas vezes nascidos, se extinguira completamente em pouco tempo,
atacado pela fome e pela doença.
As Leis de Manu são notáveis em muitos sentidos. Contém muita coisa que as

pessoas de nossa época buscam e não podem encontrar, porque não sabem nem mesmo
como se aproximar do que desejam. Em primeiro lugar, está absolutamente fora de
dúvida que a forma na qual as Leis de Manu chegaram até nós não é a forma original.
Quase tudo dela é uma invenção "brâmine' posterior. Do texto originai das Leis de Manu
restam apenas o esqueleto e cerca de cem versos que permitem uma interpretação dupla,
e por essa razão inofensivos do ponto de vista das castas dominantes, e portanto
deixados inalterados. As passagens das Leis de Manu citadas constituem quase tudo que
restou do que pode ser considerado genuíno. O resto é uma falsificação, exceto uns
poucos versos de significado cosmológico do começo do livro, e também regras de
importância secundária que admitem diferentes interpretações.
No original, as Leis de Manu eram muito menos um código, no sentido de um código
civil ou penal, do que uma relação de leis físicas e biológicas. E o próprio Manu era
menos um "legislador" que um pesquisador das leis, ou um descobridor delas. Sua
doutrina das castas não é legislação, mas um "registro" das leis da Natureza. As leis das
castas são, para ele, as leis do Universo, da Natureza.
As definições das castas nas leis de Manu são interessantes, em primeiro lugar,
devido à exatidão com que assinalam os tipos fundamentais dos homens, e também pela
espantosa agudeza psicológica da descrição desses tipos.

Versículo 31. Capitulo I.

Para a prosperidade dos mundos ele criou de sua boca, seus braços, seus músculos
e seus pés o brâmane, o chátria, o vaixiá e o sudra. [398]
Esse versículo indica, primeiramente, que a humanidade, tal como é, foi criada para
algum propósito cósmico e desempenha um certo papel na vida dos mundos; e, em
segundo lugar, mostra uma analogia entre a humanidade e Brahma. A idéia é a mesma
contida da história bíblica da criação do homem, em que Deus criou o homem à sua
própria imagem e semelhança.
ovo Modelo do Universo
As definições das castas e de suas funções também estão cheias de significado.
O estudo do Veda e o ensinamento aos outros, a oferta de sacrifícios (oração) para
si mesmos e para os outros, o dar e receber esmolas dizem respeito aos brâmanes.
Desse modo, nenhuma luta externa, de qualquer espécie, entra nas atividades de
um brâmane. Este não deve lutar por nada que seja material. Apenas aceita o que lhe é
dado. Toda luta externa pertence aos chátrias e aos vaixiás. Mas a luta é permitida e
recomendada aos chátrias apenas para os outros, enquanto aos vaixiás é permitida para
si mesmos.
Além disso, os chátrias e os vaixiás só podem estudar o Veda, mas não devem
ensinar aos outros; podem dar, mas não aceitar esmolas; podem oferecer sacrifícios
apenas para si mesmos, mas não para os outros.
A diferença fundamental entre os chátrias e os vaixiás é que a atividade de um

chátria é para os outros: eíe deve proteger e governar o povo obedecendo apenas aos
brâmanes: enquanto a atividade para si mesmo é permitida a um vaixiá: ele pode
comerciar, emprestar dinheiro, cultivar a terra e é obrigado a obedecer aos chátrias e
brâmanes.
O único dever de um sudra é servir às três castas. Isso quer dizer que os sudras são
pessoas sem iniciativa ou com iniciativa errada, que devem obedecer à vontade dos
outros.
É inteiramente possível que houvesse uma época, provavelmente não um período
muito longo, em que a doutrina de Manu era compreendida corretamente em algum lugar,
em que a posição dominante na vida era ocupada pelos brâmanes; os chátrias obedeciam
a eles, o vaixiás, por sua vez, eram subordinados aos chátrias, e os sudras serviam às
três castas. Mas, naquela época, as castas não eram provavelmente hereditárias.
É provável que os brâmanes, que controlavam a educação, determinassem a casta
das crianças, as quais eram posteriormente criadas de acordo com suas aptidões e
inclinações naturais, quer como brâmanes, chátrias, vaixiás ou sudras. Existiu, sem
dúvida alguma, um sistema cuidadosamente elaborado de observação das crianças para
determinar sua casta, e um sistema elaborado de provas para a verificação das
observações.
Além disso, era possível a um homem ser transferido de uma casta inferior para uma
superior, como revela o versículo 335 do Capitulo IX:

Um sudra que é puro, obediente a todas as castas, humilde no falar, despido de
orgulho e sempre buscando refúgio com os brâmanes alcança (em sua vida futura) uma
casta superior.

É notável que no texto russo que possuo, bem como no inglês, essas palavras (em
sua vida futura) aparecem entre parênteses. Isso quer dizer que elas não estão no
original, isto é, no sânscrito, e foram inseridas pelos tradutores, porque na sua opinião
elas estão subentendidas nas palavras precedentes. [399]
É necessário compreender o que isso pode significar. As traduções do sânscrito, em
geral, apresentam dificuldades muito grandes, porque no sânscrito muitas coisas estão
"subentendidas". Comumente, nas traduções, as palavras subentendidas são colocadas
entre parênteses. Isso permite, naturalmente, as interpretações mais variadas. Muito
frequentemente, a idéia de uma ou outra ação, situação ou relação é considerada como
contida nas palavras que as precedem. Assim, a palavra "alcança" significa, em certos
casos, "alcança em sua vida futura". Naturalmente, porém, esses significados formais
mudaram em diferentes períodos e épocas. E seria sem dúvida errado afirmar que uma
ovo Modelo do Universo
dada palavra subentende sempre outras que deviam segui-la, mas que não estão no
texto. Nesse caso particular, as Leis de Manu são muito mais velhas do que a idéia de

que o verbo "alcançar" dá a entender "na vida futura".

Mas é justamente aí que está o mal-entendido principal. O significado das palavras

sânscritas mudou em diferentes períodos da história. A que período pertencem as "Leis

de Manu"? Se consideramos o período em que elas já existiam na forma em que as

conhecemos, esse não é o período em que elas apareceram pela primeira vez. E no

período em que elas apareceram, isto é, na época pré-histórica, a linguagem era mais

simples e todos os acréscimos posteriores aos verbos na forma de palavras

subentendidas ainda não existiam. "Alcançar" significava simplesmente "alcançar agora",

exatamente como nas línguas modernas. Portanto, o texto citado, em lugar de reforçar a

escravidão das castas, estabelece a possibilidade de elevação a uma casta superior.

Essa possibilidade existe até mesmo para um sudra. E foi apenas a interpretação

"brâmine" posterior que acrescentou as novas palavras ou o significado delas, e fez com

que esse versículo legitimasse a escravidão das castas, ao passo que, na realidade, ele

tinha um significado diretamente oposto.

Por outro lado, as Leis de Manu relativas ao casamento estão cheias de sentido

profundo e portanto foram provavelmente completamente deturpadas. Em sua doutrina

referente ao casamento, Manu fala indubitavelmente do que acontece ou pode acontecer

como resultado de uma união indevida de pessoas de castas diferentes, isto é, pessoas

que são diferentes em sua natureza interior. E enfatiza particularmente aqueles efeitos

negativos que resultam da união de homens de desenvolvimento interior mais elevado,
homens das "castas superiores", com mulheres de desenvolvimento inferior, das "castas
inferiores", ou de modo semelhante, da união de mulheres das castas mais altas com
homens das castas mais baixas. Um brâmane deve casar com uma mulher brâmane.
Esse é o princípio. Deve haver igualdade no casamento. Num casamento desigual, o
inferior leva o superior para baixo do seu próprio nível. Isso é particularmente desastroso
para as mulheres e sua posteridade.
A idéia é que o instinto sexual, tanto no homem como na mulher, e em especial na
mulher, é o instinto de seleção, o instinto de busca do melhor. Buscar o melhor é a tarefa
que a Natureza impôs ao instinto sexual. Um instinto sexual que não responde a essa
exigência não preenche sua finalidade. A degenerescência é o resultado inevitável, se em
lugar de procurar o melhor e o mais forte, o instinto sexual ou se torna indiferente ou é
atraído para o pior e o mais fraco.
Ê à mulher, devido às suas características especiais, isto é, ao seu "caráter
instintivo" e emocional, que pertence o papel fundamental na manutenção das
características superiores da raça. De seus instintos, de sua escolha, depende a proteção
da qualidade da raça. Se esses instintos atuam, a raça permanece num nível definido; se
eles não atuam, a raça inevitavelmente declina e degenera. Uma mulher que podia [400]
escolher um homem mais forte e melhor, mas se dá a um homem fraco e inferior por

algum tipo de consideração externa, ou devido a uma perversão interior ou perda de
avaliação correta de seus próprios sentimentos, comete o maior crime contra a Natureza.
A pior possibilidade é o casamento de uma mulher brâmane com um sudra. Um chandala,
o tipo mais inferior de homem, nasce dessa união.
Mas uma compreensão e uma aplicação corretas das Leis de Manu requerem um
desenvolvimento muito elevado nos homens. É inteiramente claro que a compreensão
"humana" habitual não podia deixar de estabelecer as castas hereditárias. As castas
verdadeiras alguma vez existiram? A ordem que Manu ensina alguma vez existiu? Como
podemos dizer? O verdadeiro Cristianismo existiu de fato? Compreendemos
perfeitamente bem que o "Cristianismo" histórico, ou então a maior parte dele, não passa
de uma deturpação das idéias de Cristo e dos Evangelhos. E é perfeitamente possível
que também as Leis de Manu, em sua forma verdadeira e em sua totalidade, nunca
ovo Modelo do Universo
tenham sido levadas a cabo na vida.

A divisão em castas representa uma organização social ideal de acordo com os
sistemas esotéricos. A razão disso está, naturalmente, no fato de que é uma divisão
natural. Quer as pessoas queiram ou não, quer reconheçam ou não, elas estão divididas
em quatro castas. Há os brâmanes, os chátrias, os vaixiás e os sudras. Este fato não
pode ser abolido por qualquer legislação humana, quaisquer complicações filosóficas,

pseudociências e formas de terror. E o funcionamento e desenvolvimento normal das
sociedades humanas só são possíveis se se reconhece esse fato e se age de acordo com
ele. Todas as teorias e tentativas de reformas compulsórias baseadas quer no princípio
das castas hereditárias, quer no da "igualdade", ou na supremacia do proletariado e na
luta contra as castas hereditárias são igualmente inúteis, e tudo que se assemelha a isso
só piora a situação da humanidade. E ao mesmo tempo, de fato historicamente, a
humanidade não conhece outra coisa. Só há dois caminhos para ela: ou as castas
hereditárias e o despotismo, ou a luta contra as castas hereditárias e o despotismo. Todas
as flutuações da história da humanidade ocorrem entre esses dois caminhos. O terceiro,
isto é, a divisão correta das castas, é mostrado, mas nunca a humanidade, ao que
sabemos, seguiu esse caminho, e não há base para pensar que ela algum dia se volte
para ele.
Na vida moderna não há nenhuma tendência que conduza a uma divisão correta de
castas. Não há nem mesmo qualquer idéia dessa divisão, e não pode haver tal idéia,
porque a compreensão da divisão correta de castas foi esquecida muito antes do começo
de nossa civilização.
Mas mesmo uma acidental aproximação de uma divisão correta em castas
proporciona, de imediato, um resultado que ilumina a história durante muitos séculos
depois.

Todos os períodos mais brilhantes da história, sem exceção, foram períodos em que
a ordem social se aproximou do sistema de castas, mas em que o princípio das castas
hereditárias ou já estava se enfraquecendo, ou ainda não tinha se tomado bastante firme.
Tais foram os períodos mais brilhantes da história da Grécia e de Roma. a época da
"Renascença", o século XVIII na França e o século XIX e começo do XX na Rússia. Essas
aproximações foram acidentais e imperfeitas, portanto não duraram muito e terminaram
em catástrofes; e comumente, quanto mais alto subiram, mais profunda e real foi a queda.
Depois de quedas desse tipo, as pessoas não estão inclimadas, [401] por muito tempo, a
acreditar que a época de ascensão passou e não voltará de novo, e raramente desejam
compreender que todo o mal do período anterior, isto é, a divisão entre as classes da
sociedade, foi a causa da ascensão e desenvolvimento da cultura.
É notável que uma aproximação de uma divisão em castas é quase sempre
acompanhada, na história, por um só e mesmo fenômeno, a saber, pela formação de uma
intelligentsia independente. A formação desta é o começo do agrupamento de pessoas de
castas superiores, pessoas que ainda não são conscientes de si mesmas e não se
compreendem, mas que, no entanto, agem de acordo com os princípios de sua casta
vagamente percebida. Os traços característicos da intelligentsia são sempre e em toda a
pane os mesmos. Em primeiro lugar, há um anseio ardente de atividade desinteressada,

em seguida um sentimento muito impaciente da indispensabilidade da liberdade pessoal
para todos e uma atitude muito rebelde em relação a todos e a tudo que está no caminho
da liberdade de pensamento, palavra e manifestação individual. Nas condições da vida
moderna, isto é, no meio de todos os absurdos da ordem atual das coisas, a intelligentsia
se toma naturalmente revolucionária. É muito difícil imaginar as condições em que ela
pudesse estar em paz e fosse leal ou não construísse nada fora da esfera da ciência e da
arte. Nas condições da vida moderna, a intelligentsia é um elemento destrutivo. Mas a
imprecisão de seu sentimento de casta e da sua compreensão dos objetivos e meios, dos
ovo Modelo do Universo
amigos e inimigos, cria os erros fundamentais da intelligentsia. Ela é arrastada por teorias
utópicas do bem comum e frequentemente percebe que ela própria tem que servir às
castas inferiores e ser guiada pelos desejos delas. Renunciando desse modo ao seu
direito natural, a intelligentsia cai em poder dos "que perderam a casta" e, tomando-se um
instrumento em suas mãos, começa inintencionalmente aserviraos interesses deles.
Agindo dessemodo, ela perde a razão de sua existência e as forças poderosas que ela
levantou se voltam contra ela. Foi isso exatamente que aconteceu na Rússia com as mais
trágicas consequências não só para a própria intelligentsia, mas sobretudo para o "povo",
que ela lutou para "libertar".
Esses trágicos resultados do "movimento libertador" a que a intelligentsia deu a sua

liderança, simpatia e apoio explicam-se pelo aparecimento, imediatamente depois dela,
de duas novas classes da sociedade contemporânea — a pseudo-intelligentsia e a semi-intelligentsia. Essas duas classes representam formações de pessoas que perderam a
casta e são, por assim dizer, a escória do processo de formação da intelligentsia. Como
todas as formações proscritas, a pseudo-intelligentsia e a semi-intelligentsia contêm uma
porcentagem muito grande de elementos criminosos, e em geral simpatizam com o crime,
estão interessadas nele e prontas a se tomarem elas próprias criminosas, a qualquer
momento, especialmente (a pseudo-intelligentsia) se ele não oferece muito perigo.
Mas não tendo valor de nenhuma espécie, moral ou intelectual, essas duas novas
classes são muito fones numericamente na vida moderna, e o poder, quando cai das
mãos dos governos decadentes, passa naturalmente para suas mãos (isto é, para a
pseudo-intelligentsia). A fim de conservar esse poder, elas estão dispostas a sacrificar
tudo e, antes de tudo, o próprio "povo", em cujo nome a intelligentsia levou avante sua
luta.
A intelligentsia não pode prever isso, e até mesmo não o compreende depois que já
aconteceu, porque ela não compreende a si mesma nem o seu papel e a fragilidade de
suas teorias. [402]
As teorias desempenharam e ainda desempenham um papel de importância incomum na vida da sociedade moderna. As pessoas acreditaram, e muitas acreditam até
agora, que poderão alterar e reconstruir toda a viáa da humanidade com a ajuda de

teorias ou seguindo teorias. Em nenhum momento da história as teorias desempenharam
um tal papel como na atualidade, ou, para dizer melhor, durante o período imediatamente
anterior ao atual. O pecado capital da intelligentsia é a sua fé nas teorias. A pseudo-intelligentsia, que imita exteriormente a intelligentsia, também se baseia em teorias, mas
não as idealiza; pelo contrário, introduz nelas uma grande quantidade de sofismas e
transforma-as nos meios de adaptação pessoal à vida.
Mas depositando suas esperanças, sincera ou insinceramente, nas teorias, as
pessoas não vêem nem compreendem que, no momento de sua aplicação prática, as
teorias se chocam inevitavelmente com outras teorias, e que a resistência oriunda dessas
teorias, tanto quanto a oposição natural das forças previamente criadas da inércia,
mudam inevitavelmente os resultados da introdução das teorias na vida. Em outras
palavras, elas não compreendem que as teorias aplicadas à vida dão, não os resultados
esperados, mas quase inevitavelmente o oposto. Não compreendem que a resistência
muda os resultados da aplicação das teorias, em comparação com os resultados que se
teria obtido se não tivesse havido resistência. Realmente, nenhuma teoria que se depara
com a resistência pode ser aplicada à vida em sua forma pura; deve ser adaptada às
condições existentes. E o resultado é que, mesmo que a teoria contenha em si uma certa
possibilidade de realização ou uma certa força, esta será consumida na luta contra a

resistência, e nada da teoria será deixado, exceto um vácuo, isto é, nada mais do que
palavras, nomes e slogans que encobrem fatos diametralmente opostos à própria teoria.
E isso não se deve nem ao acidente, nem ao fracasso, mas a uma lei geral, imutável e
inalterável. Ela se baseia no fato de que nenhuma teoria pode contar com o
ovo Modelo do Universo
reconhecimento geral; haverá inevitavelmente outra teoria que contradiz a primeira. E na
luta pelo reconhecimento, ambas perderão seus traços mais essenciais e se tomarão
seus próprios opostos.

Esse é o círculo vicioso em que a humanidade se move e do qual aparentemente
não pode escapar.
Ao estudar a estrutura da sociedade moderna do ponto de vista das leis de Manu,
surge naturalmente a pergunta se estas não dão nenhuma indicação prática para a
solução dos problemas que pesam sobre a humanidade contemporânea.
Mas nenhuma indicação prática dos métodos de obtenção de uma ordem de coisas
melhor pode resultar das leis de Manu.
Estas mostram apenas a completa incapacidade de todas as tentativas de
reconstruir a vida por meios violentos e a inutilidade das tentativas de agir através das
massas ou usando as massas, porque, em ambos os casos, os resultados que se obtêm
são o oposto do que se esperava.
A reorganização da sociedade de acordo com as leis de Manu, quando possível,

deve começar de cima. com os brâmanes e os chátrias. Isso necessita, de início, da
formação de bastantes grupos suficientemente fortes de brâmanes e chátrias e uma
preparação correspondente das outras castas, que deveriam ser capazes de obedecê-las
e segui-las.
Nenhuma das idéias modernas da organização ou reorganização da sociedade leva,
direta ou indiretamente, a isso. Pelo contrário, todas sem exceção conduzem na [403]
direção oposta, mantendo a mistura de castas ou criando novas divisões de castas em
bases inteiramente falsas. Isso explica a espantosa semelhança e a quase completa
identidade de resultados alcançados por teorias sociais de objetivos, princípios e slogans
diametralmente opostos. Mas, para observar essa identidade de resultados (se é possível
dar o nome de "resultados" ao que, em muitos casos, é o justo oposto do objetivo),
devemos "ter olhos para ver".
Os líderes cegos dos cegos não podem ver isso e, andando em círculo ou se
dirigindo numa direçao oposta àquela que escolheram, continuam a acreditar que vão na
direçao original.

Onde está a saída para tudo isso? E há uma saída?
Devemos reconhecer o fato de que ninguém sabe. Só há uma coisa certa, e é que
nenhum dos caminhos oferecidos à humanidade por seus amigos e benfeitores é, em
nenhum sentido, uma saída. A vida está se tomando cada vez mais intrincada e

complicada, mas, mesmo nessa confusão e complicação, ela não assume nenhuma
forma nova, mas repete interminavelmente as mesmas velhas formas.
A única solução favorável que podemos esperar redunda em que a multiplicidade
das forças negativas opostas pode levar a um resultado positivo. Essas coisas acontecem
e, na verdade, só graças a elas é que existimos nesse melhor de todos os mundos.
1912 - 1934
[404]
ovo Modelo do Universo

Capítulo XII - O Sexo e a Evolução

*

O enigma da morte está ligado ao do nascimento, o do desaparecimento ao do
aparecimento. O enigma do nascimento ou aparecimento está ligado ao do amor, ao
enigma do sexo, isto é, da divisão dos sexos e sua atração recíproca.
Um homem morre, e os momentos de sua agonia final, de seus últimos
pensamentos e percepções, suas últimas sensações e lembranças estão ligados às
sensações do amor que cria um novo nascimento. Qual deles precede e qual segue o
outro? Tudo isso deve ser simultâneo. Então a alma mergulha no sono e logo desperta no
mesmo mundo de antes, na mesma casa. com os mesmos pais.
O que ocorre no momento em que, de acordo com a velha alegoria, a serpente
morde a própria cauda, e a agonia final de uma vida entra em contato com as sensações

de amor que começam outra rida?

Na idéia da inter-relacão de amor e morte pode estar a explicação de muitos dos fenômenos incompreensíveis de nossa vida. Muitas alegorias dos ensinamentos antigos, incompreensíveis para nós, podem se referir à mesma idéia: como a relação entre a morte e a ressurreição nos Mistérios, a idéia da morte e do nascimento místicos, *etc.* Nas doutrinas e cultos antigos, as palavras "morte" e "nascimento" continham algum enigma estranho. Elas não tinham um único significado, mas vários. Às vezes, "nascimento" significava morte, outras, "morte" significava nascimento.

A idéia pode ter dois significados. O primeiro é do ponto de vista do eterno retorno: a morte, isto é, o fim de uma vida, é nascimento, o começo de outra vida. E o segundo, que é muito mais complexo, é que a morte no nosso plano de ser pode ser nascimento em algum outro plano de ser, "super-humano".

Mas aqui é preciso proceder muito cuidadosamente para evitar o entendimento "espírita" de morte como nascimento e nascimento como morte, em que a morte física é encarada como nascimento no plano "astral", no mundo dos espíritos, e a morte no mundo dos espíritos é vista como nascimento em nosso plano; embora ao mesmo tempo um "espírito" difira muito pouco de um homem, ou até não difira de modo algum em suas características interiores.

A idéia dos antigos Mistérios está certamente longe dessa idéia "bidimensional". A

essência da idéia dos Mistérios está na analogia do incompreensível novo nascimento
com as circunstâncias do nascimento físico do homem na Terra. Acentuam-se aqui,
particularmente, dois aspectos: primeiro, a passagem de alguém para uma nova vida,
simultaneamente com a morte de muitos, e segundo, a enorme diferença entre aquilo que
morre e aquilo que nasce, isto é, entre o gérmen ou a semente e o ser humano que
nasceu dela e que por sua vez é um gérmen ou uma semente de outro, de [405] um ser
superior, que difere dele tanto quanto o homem da semente. Morte é morte. Morte não é
nascimento. Mas a morte encerra a possibilidade do nascimento. Além disso, o
nascimento, ocorrendo em algum plano diferente, não pode ser visível ou compreensível
no plano em que ocorre a morte. Esse era o conteúdo dos Mistérios com respeito à morte
e ao nascimento. As pessoas, como foi assinalado antes (ver Capítulo IV), eram
encaradas como "grãos" ou "sementes", no sentido mais concreto. Toda a sua vida nada
mais era do que a vida de "sementes", isto é, uma vida que não tem nenhum significado
por si mesma e que só contém um único momento importante — o nascimento, isto é. a
morte da semente.
ovo Modelo do Universo
Esse era o segredo revelado ao iniciado. A idéia era que, tomando conhecimento
desse segredo, isto é, tendo-o compreendido e percebido plenamente, o homem não
poderia mais continuar sendo como era antes. A nova compreensão começava a aíuar

por si mesma interiormente, a dar um novo significado à vida inteira e a guiar sua própria
vida e atividades por um novo caminho.
Se pudéssemos aceitar a idéia do homem como uma semente, e obter confirmação
disso como teoria, tal coisa mudaria radicalmente todas as nossas concepções do homem
e da humanidade e explicaria imediatamente muitas coisas, sobre as quais anteriormente
conjecturávamos apenas vagamente.
A vida que conhecemos não contém em si mesma nenhum objetivo. É por essa
razão que há tanta coisa estranha, incompreensível e inexplicável nela. E na verdade, ela
não pode ser explicada por si mesma. Nem seus sofrimentos ou alegrias, nem seu
começo ou seu fim, nem suas maiores realizações significam nada. Tudo isso é, ou uma
preparação para alguma outra vida, futura, ou simplesmente nada. A vida aqui, no nosso
plano, não tem por si mesma nenhum valor, nenhum significado e nenhum fim. Ela é
curta, irreal, efémera, ilusória demais, para que se exija alguma coisa dela, se construa
alguma coisa baseada nela, se crie alguma coisa a partir dela. Todo o seu significado se
encontra numa outra vida, nova, futura, que sucede ao "nascimento".
Não parece ser esse o significado interior das doutrinas religiosas de origem
esotérica, sobretudo do Cristianismo? E não explicará isso tudo que nos surpreende de
maneira especial na vida, como incongruente e incompatível?
Se nós, a humanidade, somos apenas sementes, gérmens, não pode, nem

possivelmente poderia haver nenhum significado em nossa vida neste plano. Todo o
significado se encontra no nascimento noutra vida, uma vida futura.
Mas o "nascimento" naquele plano, isto é, no plano de um novo nível de ser
desconhecido, não é acidental nem mecânico. Esse novo nascimento não pode ser o
resultado de causas e condições exclusivamente externas, como parece ser o nascimento
no nosso plano de ser. O novo nascimento é uma questão de vontade, de desejo e
esforços do próprio grão.
Essa era a base da idéia da "iniciação", que levava ao nascimento, e também da
idéia da "salvação" e da obtenção da "vida eterna". "Vida eterna" é uma expressão que tem vários significados. E parece conter uma contradição: por um lado, a "vida eterna"
pertence não apenas a todas as pessoas, mas até a tudo que existe, enquanto por outro
lado é necessário nascer de novo para alcançá-la. Essa contradição seria inexplicável se
a diferença entre a quinta e a sexta dimensões não tivesse sido determinada previamente.
Ambas são eternidade. Mas uma é repetição inalterável, sempre com o mesmo fim, e a
outra é a fuga dessa repetição. [406]
Por conseguinte, vemos duas idéias de nascimento: o nascimento no mesmo plano,
a continuação da vida; e o nascimento em outro plano, a regeneração, a transformação, a
fuga do primeiro plano. Essa fuga pode envolver tantos fatos novos que são
completamente desconhecidos e inconcebíveis em nosso plano, que não podemos ter
nenhuma idéia clara sobre as consequências dela.

O nascimento, na acepção comum da palavra, está relacionado com o sexo, isto é,
com a divisão dos sexos e sua atração mútua, com o "amor". Essa atração mútua dos
sexos constitui uma das principais forcas motivadoras na vida. e sua intensidade e formas
de manifestação determinam quase todas as outras características e qualidades do
homem.
Geralmente, quanto mais forte um homem ou uma mulher, maior a atração que os
arrasta para o sexo oposto. Quanto mais rico intelectual e emocionalmente for o homem
ou a mulher, maior será sua compreensão e apreciação do sexo e de tudo que está
ovo Modelo do Universo
relacionado com ele. Se há exceções, são muito raras, e portanto apenas comprovam a
regra.
Mas mesmo a visão mais geral do papel do sexo na vida revela o fato de que o
objetivo original do sexo — isto é, a continuação da vida ou nascimento — se reduz e se
perde em meio do clamor, do lampejo e das chispas das emoções criadas por essa
atração e repulsão eternas dos sexos.
Do ponto de vista corrente, ao criar o amor, isto é, a divisão dos sexos e tudo que se
relaciona com isso, a Natureza só tem um objetivo — a continuação da vida. Mas mesmo
do ponto de vista comum, é perfeitamente claro, e não pode haver dúvida sobre isso, que
a Natureza criou no homem muito mais "amor" do que é realmente necessário para o
propósito da continuação da vida. Todo esse excedente de amor deve ser consumido de

algum modo. E, nas condições ordinárias, ele é consumido transformando-se em outras
emoções e tipos de energia, muitas vezes contraditórios, nocivos do ponto de vista da
evolução, patológicos, incompatíveis mutuamente e destrutivos.
Se fosse possível calcular como é pequena a proporção de energia sexual realmente
despendida para a continuação da vida. compreenderíamos o princípio básico de muitas
das ações da Natureza. Esta cria uma pressão, uma tensão imensas, para alcançar um
certo objetivo, mas, na realidade, só usa para alcançá-lo uma fração infinitesimal da
energia criada. E, no entanto, sem esse imenso influxo de forca, a meta original
provavelmente não seria alcançada, e a Natureza não poderia fazer com que as pessoas
a servissem e continuassem suas espécies para servi-la. Elas começariam a barganhar
com a Natureza, a impor condições, a exigir concessões, a pedir atenuantes; e a
Natureza teria que se submeter. A garantia contra isso é o excesso de energia que cega o
homem, toma-o escravo, força-o a servir aos propósitos da Natureza acreditando que
serve a si mesmo, a suas próprias paixões e desejos; ou, pelo contrário, faz o homem
acreditar estar servindo aos propósitos da Natureza, quando na realidade atende a suas
próprias paixões e desejos.
À parte do primeiro e óbvio propósito, a continuação da vida e a segurança dessa
continuação, o sexo serve a mais dois fins da Natureza. E a existência deles explica por

que a energia sexual é criada em quantidade muito maior do que a necessária para a
continuação da vida.
Um desses objetivos é a conservação da "raça", a preservação das espécies num
nível definido, isto é, o que habitualmente chamamos "evolução", embora esta seja [407]
comumente dotada de outras propriedades que na verdade não possui. Mas o que é
possível no sentido de "evolução" e o que realmente existe, existe às custas da energia
sexual. Se falta a energia sexual numa "raça" em particular, começa a degenerescência.
O outro objetivo da Natureza, oculto muito mais profundamente, é a evolução no
verdadeiro sentido da palavra, isto é, o desenvolvimento do homem no sentido da
aquisição por ele da consciência superior e do desabrochar de suas forças e faculdades
latentes. A explicação dessa última possibilidade, em relação com o uso da energia
sexual para esse propósito, constitui a essência e o significado de todas as doutrinas
esotéricas. Por conseguinte, o sexo contém não só dois, mas três objetivos, três
possibilidades.
Antes de passarmos ao terceiro objetivo, isto é, à possibilidade de evolução real, ou
à obtenção da consciência superior, examinaremos a segunda, ou seja, a preservação
das espécies.
Se tomamos o homem e tentamos determinar, com base em todos os nossos
conhecimentos biológicos, o que nele é a indicação da "raça", isto é, da preservação das

espécies, obteremos uma resposta exata e muito significativa.

No ser humano, tanto no homem como na mulher, há traços anatómicos e

ovo Modelo do Universo

fisiológicos definidos da "raça", e um desenvolvimento superior desses traços indica um

tipo completo, enquanto uma expressão débil ou errada deles indica decisivamente um

tipo degenerado.

Esses traços são chamados caracteres sexuais secundários.

Esse é o nome atribuído aos traços e qualidades que, embora não indispensáveis à

existência normal das funções sexuais, ou seja, todas as sensações e fenômenos

relacionados com essas funções, estão porém estreitamente relacionados com os

caracteres primários. Isso se revela no fato de que os caracteres secundários dependem

dos primários, isto é, modificam-se imediatamente, enfraquecem-se ou até desaparecem

no caso do enfraquecimento das funções diretas ou dano dos órgãos sexuais, ou seja, no

caso da mudança dos caracteres primários.

Os caracteres secundários são todos aqueles que, ao lado dos próprios órgãos

sexuais, tornam o homem e a mulher diferentes um do outro. Eles são: a diferença das

linhas do corpo (independente da estrutura anatômica do esqueleto), uma distribuição

diversa dos músculos e da gordura no corpo, a diferença de movimentos, da distribuição

do cabelo no corpo, da voz, dos instintos, sensações, gostos, temperamento, emoções,

reacão aos estímulos externos, etc.;e, além disso, uma mentalidade diferente, tudo que
constitui a psicologia feminina e a masculina.
A biologia académica não dá suficiente importância ao estudo dos caracteres
secundários, e há uma tendência a limitar a aplicação desse termo apenas às
características muito estreitamente ligadas às funções sexuais. Mas na Medicina, o
estudo dos caracteres secundários e de suas alterações serve muitas vezes como base
para a distinção correta de vários estados patológicos e para um diagnóstico preciso.
Estabeleceu-se, fora de qualquer dúvida, tanto para o homem como para a mulher, que
um enfraquecimento ou uma mudança anatômica das partes essenciais dos órgãos
sexuais, ou seu dano, leva a uma alteração completa do tipo externo e a uma mudança
nos caracteres secundários, diferentes para os homens e as mulheres, mas, em ambos
os casos, seguindo um certo sistema definido. Quer dizer, no homem, o dano a seus
órgãos sexuais e a perturbação de suas funções fazem com que ele se pareça ou com
uma criança, [408] ou com uma velha, e numa mulher, a mesma coisa faz com que ela se
pareça com um homem.
Isso possibilita a conclusão inversa, a saber, que um tipo que difere do normal, isto
é, um homem com os traços, propriedades e caracteres de uma mulher, ou uma mulher
com os traços, propriedades e caracteres de um homem, indica, em primeiro lugar,
degenerescência e, em segundo, desenvolvimento incorreto (isto é, geralmente

subdesenvolvimento) dos caracteres primários.

Assim, o desenvolvimento normal do sexo é uma condição necessária para um tipo

corretamente desenvolvido, e a abundância e a riqueza dos caracteres secundários

indicam um tipo ascendente e aperfeiçoado.

O declínio do tipo, da "raça", significa sempre o enfraquecimento e a alteração dos

caracteres secundários, isto é, o aparecimento de caracteres masculinos na mulher e de

caracteres femininos no homem. O "sexo intermediário" é o fenômeno mais característico

de degenerescência.

O desenvolvimento normal do sexo é necessário para a conservação e

aperfeiçoamento da "raça".

É perfeitamente claro o segundo objetivo da Natureza, que é alcançado nesse caso.

E é claro que o excesso de energia sexual é usado precisamente para o aperfeiçoamento

da raça.

O terceiro objetivo da Natureza ligado ao sexo, isto é, a evolução do homem para o

super-homem, difere dos dois primeiros porque exige ações conscientes do próprio

ovo Modelo do Universo

homem, e uma orientação precisa de toda a sua vida, da qual os sistemas de Ioga dão

uma idéia.

Quase todas as doutrinas ocultas que reconhecem a possibilidade da "evolução" ou

transformação do homem, vêem a base dessa transformação possível na transmutação,

ou seja, na conversão de certas matérias ou energias em matérias ou energias

completamente diferentes, neste caso, na transformação da energia sexual em energia de
uma ordem superior.
Este é o significado interior, às vezes, profundamente oculto, às vezes, quase
evidente, de muitos ensinamentos ocultos, das teorias da Alquimia, de várias formas de
misticismo, dos sistemas de Ioga e outros.
Em todas as doutrinas que admitem a possibilidade da mudança e crescimento
interior de um homem individual, isto é, a evolução não num sentido biológico ou
antropológico, mas aplicado ao indivíduo, essa evolução baseia-se sempre na
transmutação da energia sexual. A utilização dessa energia, que é consumida
improdutivamente na vida comum, cria na alma do homem a força que o conduz ao super-homem. Não há nenhuma outra força no homem que possa ocupar o lugar da energia
sexual. Todas as outras energias, o intelecto, a vontade, o sentimento, alimentam-se do
excesso de energia sexual, crescem dela e vivem por ela. O nascimento místico do
homem, de que falam muitos sistemas, baseia-se na transmutação, isto é, na
transmutação da energia sexual.
Há muitos sistemas ocultos e religiosos que não só reconhecem isso, mas tentam
dar instruções práticas de como controlar a energia sexual e como submetê-la aos
interesses da evolução interior. Essas instruções são em geral completamente fantásticas
e não podem dar nenhum resultado, porque omitem algo mais vital e necessário. Apesar

disso, o estudo dessas teorias e métodos apresenta certo interesse do ponto de vista
psicológico e histórico. [409]
Mas antes de chegar ao estudo das idéias de transmutação, tanto na sua forma
correta (oriunda das raras fontes existentes) como na sua forma errada (oriunda das
fontes muito numerosas), é necessário esclarecer certos aspectos da biologia e
funcionamento do sexo quando ele cumpre os dois primeiros desígnios da Natureza. A
saber, é preciso estabelecer se o sexo em si mesmo evolui. Podemos encontrar no
homem formas evolutivas de sexo? A evolução do sexo existe, isto é, a evolução dos
caracteres primários e das funções sexuais? E o que significa a evolução das funções
sexuais?
Se a evolução sexual existisse, deveria haver formas inferiores à que consideramos
normal, e formas superiores a ela. O que é portanto a forma inferior e o que é a forma
superior?
No momento em que nos fazemos essa pergunta, ficamos confusos e perplexos
diante das concepções comuns do darwinismo ingênuo e das teorias "evolucionistas"
correntes, que nos falam das formas "inferiores" do sexo nos organismos "inferiores", nas
plantas, etc., da propagação dos fungos e coisa parecida. Mas tudo isso está
completamente fora do âmbito da questão que colocamos para nós mesmos. Estamos
tratando apenas do homem, e devemos pensar unicamente nele.

Examinando a questão que está diante de nós, devemos tentar estabelecer o que
constitui o sexo normal no homem, e determinar as formas inferiores da vida sexual do
homem, isto é, as formas, que correspondem a um tipo degenerescente ou a um tipo
detido em seu desenvolvimento, e então determinar as formas superiores, isto é,
evoluídas, se essas formas existem.
A dificuldade de definir o sexo normal é criada primeiramente pela indeterminação
das características e propriedades do "sexo inferior", também pela ausência completa de
ovo Modelo do Universo
qualquer compreensão do que pode ser o "sexo superior" e, além disso, às vezes até pela
confusão do inferior com o superior, do degenerado com o evoluído.
Levando em consideração tudo isso, é necessário, antes de tentar definir o sexo
normal, determinar o sexo inferior, ou infra-sexo. Deve-se começar com o infra-sexo,
porque só se pode chegar a uma compreensão do supra-sexo pela eliminação de tudo
que for determinado primeiramente como infra-sexo, e em segundo lugar como sexo
normal.
É comparativamente fácil estabelecer o infra-sexo, se tomamos como sua
característica principal o desenvolvimento interrompido, ou a degenerescência que
começou ou está começando.
Mas a identificação do infra-sexo é impedida pela variedade e caráter contraditório
das formas em que ele se manifesta, e especialmente pelo fato de que algumas dessas

formas, do ponto de vista comum, parecem ser um fortalecimento e um desenvolvimento
exagerado da energia, dos desejos e sensações sexuais.
Portanto, logo desde o começo, deve-se dividir o infra-sexo em duas categorias:
degenerescência óbvia e degenerescência oculta.
Pertencem à primeira categoria as formas mais decadentes de manifestação do
sexo, tais como todas as anormalidades sexuais evidentes: isto é, o sexo
subdesenvolvido, todas as perversões, no sentido tanto dos desejos sexuais anormais
como da abstinência sexual anormal; a aversão, o medo, a indiferença ao sexo, o
interesse no seu próprio sexo, embora nos homens o último tenha um significado
completamente diferente do que tem nas mulheres, e nestas não seja necessariamente
uma indicação de infra-sexo. [410]
Pertencem à segunda categoria os casos frequentemente relacionados com a
intensidade elevada da vida sexual que, conquanto externamente pareça normal, embora
exagerada, na realidade indica também uma degenerescência interior. Trataremos mais
adiante dessa categoria.
A característica fundamental de todas as categorias de infra-sexo é a ausência de
coordenação entre a idéia do sexo e as idéias das outras funções normais do homem. O
sexo sempre leva as pessoas de infra-sexo à "tentação", ao "pecado", ao crime, à
insanidade ou à devassidão.
Para o homem ou a mulher normais o sexo não encerra nenhum perigo. Num ser

humano normal, o sexo se harmoniza com todas as outras funções, inclusive a intelectual
e a emocional, e até com o desejo do milagroso, se ele existe na alma do homem.
Nenhum dos pensamentos, emoções, aspirações do homem contraria o sexo, nem este
se opõe a eles. O sexo, interiormente, justifica-se completamente no homem normal, e
essa justificativa se baseia apenas na coordenação total do sexo com as funções
intelectual e emocional.
Mas se o homem nasceu anormal ou se torna anormal, quase sempre se desenvolve
dentro dele uma atitude negativa em relação ao sexo e a condenação deste.
As anormalidades podem ser muito diferentes. Pode haver impotência total,
incapacidade tanto para a função externa como para a sensação. Pode haver a
capacidade para a sensação relacionada com a incapacidade para a função externa, isto
é, a presença de desejos, mas a impossibilidade de satisfazê-los. Pode haver a
capacidade para a função externa relacionada com a ausência completa de sensação.
Pode haver a capacidade para a sensação, apenas na condição de funções externas
anormais. Em todos esses casos, as sensações sexuais são acompanhadas de um
sentimento de desarmonia entre o sexo e outros aspectos da vida interior, especialmente
os superiores, ou os que são considerados superiores; e como consequência surge uma
não-compreen-são do sexo, o terror e a aversão a ele.
ovo Modelo do Universo

O infra-sexo, que condena o sexo e o repele como um "delito", representa um
fenômeno muito curioso na vida e na história da humanidade.
Nesse caso, o sexo e tudo que se refira a ele é declarado pecado. A mulher é o
instrumento do demônio, o homem é o demônio, o tentador. O ideal de "pureza" é
impotência sexual, infantil, senil ou patológica, que nesse caso se manifesta em
"abstinência", tomada por um ato de vontade, ou em "falta de interesse" pelo sexo, .
explicada pela prevalência de outros interesses, "espirituais".
Nas pessoas de infra-sexo, o sexo é às vezes mais facilmente subordinado às
tendências intelectuais e emocionais (geralmente de caráter negativo) do que num
homem ou numa mulher normais. O sexo não tem nenhuma existência independente num
ser de infra-sexo, ou de qualquer modo difere muito do sexo num homem ou numa mulher
normais.
Um homem normal, portanto, parece a uma pessoa de infra-sexo como possuído de
alguma força incompreensível e hostil. E esta considera ser seu dever lutar contra essa
força nas outras pessoas, porque acredita que a venceu em si mesma.
E isso explica realmente todo o mecanismo da influência que o infra-sexo tem na
vida.
Entre as outras pessoas, as de infra-sexo parecem as mais morais. Na religião, as
mais santas. É fácil para elas serem morais e santas. É claro que se trata de pseudomoral

[411] e pseudo-santidade, mas as pessoas vivem, geralmente, com pseudovalores, e só
raríssimas desejam encontrar valores reais.
É necessário compreender que quase toda a moral que foi imposta à raça humana,
quase todas as leis que controlam a vida sexual, quase todas as restrições que dirigem a
escolha e a decisão das pessoas nesses casos, todos os tabus, todos os medos, tudo
isso originou-se do infra-sexo. Este, justamente devido à sua diversidade do sexo normal,
à sua incapacidade de se tornar normal e à sua não-compreensão do sexo normal,
começou a se considerar superior, a ditar leis a este.
Isso não quer dizer que tudo que é moral, todas as leis e restrições referentes ao
sexo estejam erradas. Mas, como sempre acontece na vida quando idéias justas se
originam de fontes erradas, ao lado do que está certo elas carregam consigo uma porção
de coisas erradas, que contrariam a essência fundamental delas, ocasionando novas
confusões e complicações.
A menos que nos coloquemos num ponto de vista mais amplo e nos dermos conta
de que de fato toda a história da humanidade nada mais é que o predomínio das formas
patológicas sobre as normais, será impossível encontrar nela um exemplo mais
surpreendente de formas patológicas legislando para formas normais. Além disso, é muito
característico que. enquanto o infra-sexo coloca continuamente sob suspeita e condena
impiedosamente o sexo normal e suas manifestações, mostra muito mais tolerância em
relação às formas pervertidas, patológicas.

Desse modo, o infra-sexo encontra sempre uma desculpa e uma justificativa para as
pessoas de "sexo intermediário" e suas tendências, assim como para várias formas
anormais de satisfação sexual. É claro que as pessoas de inclinações anormais são, por
essa mesma razão, pessoas de infra-sexo. Mas não se dão conta disso e muitas vezes
ficam indiscutivelmente orgulhosas de sua diferença das pessoas de sexo normal, que
elas consideram "grosseiras" e "animais", sem o refinamento que atribuem a si mesmas.
Há até teorias que encaram o "sexo intermediário" como o resultado da evolução.
Tudo que se disse até agora refere-se apenas a uma categoria de infra-sexo,
embora nessa categoria possam ser vistas claramente várias formas, desde a impotência
até a homossexualidade.
A outra categoria de infra-sexo não abrange quer a impotência, quer as inclinações
ovo Modelo do Universo
antinaturais. E, como foi assinalado antes, as manifestações dessa categoria, exceto as
extremas que estão no limite da insanidade patente, não são geralmente consideradas
anormais.
Os fenômenos dessa categoria podem ser divididos em dois grupos.
Pertencem ao primeiro as manifestações sexuais coloridas com o que podemos
chamar a psicologia do lupanar. E ao segundo, as caracterizadas por sua relação estreita
com as emoções opressivas e mórbidas de um caráter violento ou desanimado.

Ambos os grupos podem ser explicados pelo fato de que o sexo, e tudo que lhe diz
respeito, tem a capacidade de se ligar aos aspectos mais contraditórios do ser humano.
No primeiro grupo, o sexo está relacionado com o que existe de mais baixo no
homem. Para esse homem, o sexo está envolto numa atmosfera de imundície. Ele fala e
pensa sobre o sexo com palavras e pensamentos sujos. Ao mesmo tempo, é escravo do
sexo e se dá conta dessa escravidão, e parece a ele que todas as outras pessoas são
escravas como ele. Ele conspurca mentalmente o sexo e tudo que se relaciona [412] com
ele, inventa anedotas indecentes ou gosta de ouvi-las. Toda a sua vida está cheia de
linguagem obscena; tudo é, para ele, tão sujo quanto ele próprio. Se não degrada o sexo,
o ridiculariza, toma-o como uma piada, tenta encontrar nele algo jocoso.
Essa procura do cómico no sexo, a introdução do riso nele, dá origem a um tipo
especial de pseudo-arte, a pornografia, caracterizada precisamente pela derrisão do sexo.
Sem esta, a arte erótica, mesmo em suas formas mais extremas, pode ser
inteiramente normal e legítima, como era, por exemplo, no mundo grego e romano, na
antiga índia, na Pérsia no período de florescimento do Sufismo, *etc.* A ausência da arte
erótica, ou as suas formas inadequadas indicam, pelo contrário, o nível moral muito baixo
de uma dada cultura e a preponderância do infra-sexo.
Este, naturalmente, em todas as suas manifestações, procura confundir a arte

erótica com a pornografia. Para ele não há nenhuma diferença entre esses dois
fenômenos.
Com relação ao sexo normal, é necessário assinalar que não há nada risível nele. A
função do sexo não pode ser cómica, não pode ser objeto de gracejo. Essa é uma das
características do sexo normal.
Para continuar a enumeração dos traços da forma de infra-sexo que se caracteriza
pela psicologia do lupanar, pode-se dizer que esta é determinada pela separação do sexo
das outras funções, e pelo antagonismo dele a todas elas. Para a vida intelectual e
emocional, até simplesmente para a atividade física (no caso das pessoas dessa forma de
infra-sexo), o sexo é apenas um impedimento, um obstáculo, um desperdício de forca, de
energia. Esse desperdício de energia nas funções sexuais e a percepção dele é um dos
traços distintivos da forma de infra-sexo em questão.
No sexo normal esse desperdício não existe, uma vez que a energia é
imediatamente renovada por causa da riqueza e caráter positivo das sensações,
pensamentos e emoções ligados ao sexo.
A forma de infra-sexo em questão é frequentemente muito ativa em suas
manifestações na vida. e está muito difundida. Devido a numerosas peculiaridades da
nossa vida, sobretudo ao poder do anormal sobre o normal e do "inferior" sobre o
"superior", muitas pessoas que na verdade não pertencem ao infra-sexo só aprendem a
respeito do sexo de pessoas dessa forma de infra-sexo, em palavras e expressões que

fazem parte dela. e imediatamente recebem um choque do sexo como de uma coisa
impura. Elas têm uma repulsa à psicologia do lupanar, mas não podem se descartar da
impressão que receberam, começam a acreditar que não há nada além disso, e toda a
sua própria mentalidade em relação ao sexo se torna colorida e impregnada de
desconfiança, suspeita, medo e repugnância.
ovo Modelo do Universo
E esses medos e a repugnância por essa forma de manifestações do sexo estariam
muito bem fundados se pelo menos elas soubessem que o anormal não pode ser
considerado uma lei para o normal e que, ao evitar o anormal, é importante não sacrificar
o normal.
O sexo nessa forma está ligado estreitamente ao crime, e realmente na vida um
caráter criminoso, tendências criminosas são raramente encontrados sem ser na forma de
infra-sexo. Mesmo na psicologia científica corrente, essa forma de manifestação sexual,
desprovida de qualquer ligação com o sentimento moral, é definida como a mais baixa ou
animal. E é a predominância dela na vida que mostra, acima de tudo, o nível em que se
encontra a humanidade. [413]
No segundo gnipo de manifestações dessa categoria de infra-sexo, isto é, naquele
em que as funções sexuais não diminuíram, mas, pelo contrário, até aumentaram em
comparação com o normal, o sexo está ligado a tudo que é violento e cruel no homem.
O homem dessa forma de infra-sexo parece estar continuamente à beira de um

precipício. O sexo e todas as emoções que pertencem a ele se tornam, nesse homem,
ligados inevitavelmente à irritação, suspeita e ciúme; a qualquer momento ele pode se
encontrar completamente possuído por um sentimento de injúria, orgulho ofendido, um
sentido assustador de posse; e não há nenhuma forma de crueldade e violência de que
não seja capaz para vingar sua "honra ultrajada" ou "sentimentos feridos".
Todos os crimes passionais, sem exceção, pertencem a essa forma de infra-sexo.
No Capítulo X citamos as palavras do pró f. Chwolson, que disse que "são
necessários muitos esforços e trabalho prolongado sobre si mesmo" para nos
acostumarmos com a doutrina da relatividade. Mas é preciso um esforço mental muito
maior para não ver nada mais que o "infra-sexo" em todos os crimes e assassinatos
cometidos por ciúme, suspeita, desejo de vingança, *etc.*
Mas se fizermos esse esforço e nos dermos conta de que na figura de Otelo, por
exemplo, não há nada além de patologia, isto é, emoções anormais e pervertidas, ficarão
claras para nós as mentiras com que a humanidade viveu e vive.
A dificuldade de compreender a natureza dessa categoria particular de infra-sexo é
criada pelo embelezamento contínuo, e desejo de enobrecer e justificar todas as
manifestações de violência e emoções degeneradas ligadas ao sexo e aos crimes
passionais. Todo o poder hipnótico da arte e da literatura é dirigido para a glorificação

dessas emoções e crimes. É acima de tudo essa hipnose que impede a compreensão
correta das coisas e faz as pessoas que não pertencem absolutamente ao infra-sexo se
considerarem obrigadas a pensar, sentir e agir como as de infra-sexo.
Tudo que foi dito sobre infra-sexo pode ser resumido nas seguintes proposições:
A primeira categoria de infra-sexo, desde a impotência até as perversões, beira as
manias e fobias, isto é, as inclinações e medos patológicos; a segunda, em sua primeira
forma, animal, está mais próxima da estupidez, da ausência de sentimento moral; e em
sua segunda forma, mais violenta, assemelha-se à insanidade delirante ou à mania
homicida, e mesmo em suas manifestações mais brandas está cheia de idéias e imagens
mentais fixas, acompanhadas ou evocadas por emoções torturantes e violentas.

Até aqui falei principalmente do infra-sexo, mas me referi de passagem a certos
traços do sexo normal.
Este, sendo o oposto perfeito do infra-sexo, está, antes de tudo, ligado aos outros
aspectos da vida do homem e às suas manifestações mais elevadas. Ele não as impede
nem lhes tira energia; a energia usada no funcionamento normal do sexo é imediatamente
reposta devido à riqueza das sensações e impressões recebidas pelo intelecto, a

consciência e o sentimento. Além disso, no sexo normal não há nada que possa ser

motivo de riso, ou estar ligado a algo que possa ser negativo no homem. Pelo contrário,
ele repele, por assim dizer, tudo que é negativo, e isso apesar da intensidade muito
grande das sensações e sentimentos ligados a ele. [414]
Não quer dizer que um homem de sexo normal esteja livre de sofrimentos ou
decepções ligados à vida sexual. Longe disso, esses sofrimentos podem ser muito
intensos e agudos, mas nunca são causados pela divergência interior entre o sexo e as
outras funções, especialmente as funções intelectual ou emocional superior, como ocorre
no infra-sexo. O sexo normal é coordenado e harmonioso, mas a vida não o é; portanto, o
sexo normal pode muitas vezes acarretar muito sofrimento. Mas um homem de sexo
normal não culpa as outras pessoas pelo seu sofrimento e não tenta fazer sofrer os
outros.
No seu sentimento há uma grande compreensão da inevitabilidade e fatalidade de
tudo que se relaciona com o sexo, e é essa compreensão da inevitabilidade que o ajuda a
encontrar um caminho através do caos das emoções contraditórias.
Nas pessoas de sexo normal, a natureza contraditória e descoordenada de muitas
emoções ligadas ao sexo deve-se, muitas vezes, ao lado da influência da vida em geral e
dos vários tipos de infra-sexo, a uma causa diferente. A psicologia europeia raramente
tocou nessa causa, embora, ao mesmo tempo, ela seja perfeitamente clara à observação
cotidiana. Essa causa é a diferença entre os tipos. A ciência abordou e está abordando de

diversos ângulos a idéia da diferença dos tipos, mas os seus princípios fundamentais são
até agora desconhecidos. Até muito recentemente, admitia-se, com algumas
modificações, a antiga divisão em "quatro temperamentos". Há algum tempo, havia
diferentes "tipos de memória" estabelecidos, como a "auditiva", a "visual", a "narrativa", etc.; atualmente, há quatro tipos sanguíneos determinados; na endocrinologia há
tentativas de dividir os homens em tipos de acordo com as "fórmulas" ou "constelações"
deles, isto é, com a combinação de secreções internas que atuam neles. Mas tudo isso
está até agora muito longe do reconhecimento da diferença radical e essencial entre os
vários tipos de pessoas, e do estabelecimento real desses tipos. Somente nas doutrinas
esotéricas existe um conhecimento exato e completo dos tipos e portanto não faz parte do
âmbito do tema aqui tratado. Tudo que pode ser determinado por meio da observação
comum está restrito ao fato de que, em relação à vida sexual, tanto o homem como a
mulher estão divididos num certo número, não muito grande, de tipos fundamentais. Para
cada tipo de um dos sexos há um ou vários tipos positivos do sexo oposto, que despertam
o desejo. Em seguida, vários indiferentes, e vários decididamente negativos, isto é, que
repelem. Nesse sentido, são possíveis combinações complexas, quando, por exemplo,
certo tipo de mulher é positivo para certo tipo de homem, mas aquele tipo de homem é ou
negativo ou indiferente para aquele tipo de mulher, e vice-versa. Nesse caso, uma união

entre dois tipos combinados inadequadamente produz manifestações, tanto externas
como internas, de infra-sexo de uma das categorias enumeradas acima. Isso quer dizer
que para a manifestação normal do sexo há necessidade não só de um estado normal
tanto no homem como na mulher, mas da união de dois tipos correspondentes.
Para uma compreensão correta das teorias esotéricas referentes ao sexo, é preciso
ter pelo menos uma idéia geral do papel e da importância dos "tipos" na vida sexual.
Do ponto de vista ordinário, os homens e as mulheres são considerados muito mais
semelhantes do que são na realidade, e muito mais livres em suas decisões e escolha,
que parece ser ilimitada exceto pelas condições gerais da vida, a divisão de classes, *etc.*
Na verdade, mesmo com a ajuda dos dados psicológicos geralmente conhecidos, é
possível compreender como a divisão de tipos se manifesta na vida e como as pessoas
dependem dela. [415]
A "singularidade do amor" sempre ocupou a imaginação dos homens. Por que esse
homem ama essa mulher, e não aquela? E por que a mulher ama outro homem e não
ovo Modelo do Universo
este, etc.?

"Ein Júngling liebt ein Mãdchen,
Die hat einen Andern erwãhit;
Der Andre liebt eine Andre..."

Onde estão o fim e o começo desse curioso jogo de atrações, sentimentos,

humores, sensações, vaidades e decepções? A resposta é: unicamente na divisão de
tipos.
Para compreender o princípio dessa divisão, precisamos nos dar conta de que. para
cada homem, todas as mulheres do mundo estão divididas em várias categorias, segundo
o grau de sua influência potencial, física e emocional, sobre ele, e de maneira totalmente
independente dos gostos, simpatias e inclinações expressas por ele ou elas.
As mulheres da primeira categoria, das quais há muito poucas para cada homem,
despertam nele o máximo de sentimento, desejo, imaginação e sonho. Elas o atraem
irresistivelmente, independente de quaisquer barreiras ou obstáculos, muitas vezes para
grande surpresa dele e, no caso de reciprocidade no amor, despertam nele o máximo de
sensação. Tais mulheres continuam sempre novas e sempre desconhecidas. A
curiosidade do homem a respeito delas nunca se enfraquece, e o amor que têm por elas
nunca se toma, para eles, algo comum, possível ou explicável. Nesse amor se mantém
sempre um elemento do maravilhoso e do impossível. E não há nenhuma debilitação no
próprio sentimento do homem.
As mulheres da segunda categoria, de que há uma quantidade muito maior para um
homem, também o atraem, mas nesses casos seus sentimentos são mais facilmente
controlados pela razão ou pelas condições externas. É um amor mais sereno, mais
facilmente adaptado às formas convencionais, internas e externas, pode se transformar

com mais facilidade num sentimento de amizade ou simpatia e pode murchar e
desaparecer, mas sempre deixando atrás de si uma terna lembrança.
As mulheres da terceira categoria deixam o homem indiferente. Se são jovens e
atraentes, podem impressionar a imaginação dele, porém não diretamente, mas através
de algum outro interesse na vida, como orgulho, vaidade, razões físicas, comunhão de
interesses, simpatia, amizade. Mas, tendo vindo de fora, esse sentimento não dura muito
e se enfraquece. As sensações são débeis e sem cor. As primeiras satisfações esgotam
geralmente todo interesse. Às vezes, se as primeiras sensações forem bastante intensas,
poderão se transformar em seus opostos, antipatia, hostilidade e coisas assim.
As mulheres da quarta categoria interessam ainda menos ao homem. Elas também
podem atraí-lo em certos casos, ou ele pode se iludir e pensar que elas o atraem. Mas as
relações físicas com elas contêm um elemento trágico. O homem absolutamente não as
sente. A continuação da intimidade com elas é uma violação mecânica de si mesmo e
pode castigar fortemente os nervos, produzir impotência e vários outros fenômenos de
infra-sexo.
Naturalmente, deve-se compreender que uma mulher que, para um homem,
pertence a uma categoria, pode pertencer, para outro, a uma categoria completamente
diferente, e que o número de categorias pode ser maior ou menor para diferentes
pessoas. [416]

As mulheres estão exatameme na mesma situação; para elas também há diferentes
categorias de homens; e igualmente muito pouco depende da sua própria decisão e
escolha intelectual ou emocional. Tanto uma como outra estão preparadas para elas.
Nenhum princípio moral, nenhum modo de ver, afeição, gratidão, amizade, simpatia,
ovo Modelo do Universo
piedade, nenhuma comunhão de idéias ou interesses pode criar uma sensação quando
ela não existe; isto é, nada pode mudar coisa alguma nessa verdadeira lei férrea dos
tipos.
Na vida comum, devido às muitas influências externas que controlam as vidas das
pessoas, a lei de atração e repulsão dos tipos modifica-se parcialmente, mas apenas
numa única direção. Quer dizer que mesmo os tipos certos e correspondentes podem se
repelir mutuamente e não se sentir mutuamente sob a influência dos conflitos emocionais
e da diferença de gostos e compreensão. Mas os tipos inadequados e não
correspondentes não podem nunca ou em quaisquer circunstâncias sentir-se um ao outro.
Além disso, mesmo o elemento mais insignificante de infra-sexo, no homem ou na mulher,
arrasta suas relações, sentimentos e sensações recíprocas para uma categoria inferior,
ou ainda destrói completamente tudo que era positivo neles.
Se é de todo possível uma fuga da lei de ação dos tipos, só é possível observando
os princípios da Karma-loga e com a plena compreensão da natureza da diferença entre

os tipos. Mas isso se refere à vida daqueles que vêem ou estão começando a ver.

Na vida comum em geral, o princípio diretor é a cegueira. Mas esta é particularmente

surpreendente em relação às questões do sexo. Desse modo, na compreensão comum,

não se admite, e até se desconhece inteiramente, a idéia de que, no caso da combinação

inadequada de tipos, um deles, ou ambos, não sentirão absolutamente o outro. Além

disso, não se leva em consideração que não há nada mais doloroso e imoral do que

relações sexuais sem sensações: e também que o grau e a qualidade das sensações nas

relações sexuais são evidentemente conhecidos, mas não se considera que dependam

dos tipos. Isso não é absolutamente levado em conta, sem dúvida alguma, devido à

influência do infra-sexo na vida.

Entretanto, as pessoas percebem o perigo de uma escolha inadequada. E a intenção

de evitar as consequências dela, e confiar a escolha a alguém que saiba mais, está na

base da idéia esotérica do "sacramento do matrimônio", que deve ser realizado pelo

"iniciado".

O verdadeiro papel do "iniciado" não consistia, por certo, em realizar uma cerimônia

mecânica que permitisse as pessoas terem relações sexuais. E as pessoas vinham ao

iniciado não para essa cerimônia, mas para uma orientação, a decisão final. O iniciado

determinava seus tipos, se eles combinavam um com o outro ou não, orientavam e

decidiam se um dado casamento podia ocorrer ou não. Tal era ou pode ter sido "o

sacramento do matrimônio". Mas é claro que tudo isso foi esquecido há muito tempo,
junto com a doutrina dos tipos e com a idéia do conhecimento esotérico.
Os poetas sempre se deram conta do outro ângulo da idéia e cantaram a força
irresistível que atrai mutuamente os tipos ligados um ao outro interiormente, que nada
pode separar nem impedir que se empenhem um em direção ao outro. Quando tais tipos
se encontram, o resultado é um exemplo de amor ideal e eterno que fornece elementos
para os poetas por milhares de anos.
Essa idéia da gravitação mútua dos tipos ligados interiormente constitui o significado
interior da alegoria, do Symposium de Platão, das metades separadas que se buscam
uma à outra. [417]
Mas, na vida real, os sonhos dos poetas e filósofos muito raramente se realizam, e
nas condições da nossa vida contraditória o encontro dos tipos mais condizentes é, pelo
contrário, um acontecimento muito perigoso, por causa da acumulação de emoções
tempestuosas, e termina quase invariavelmente em tragédia, e nas metades de Platão
afastando-se de novo uma da outra.
A doutrina dos tipos é da maior importância, porque o sexo normal só pode se
manifestar corretamente, e "evoluir" num certo sentido, com uma combinação de tipos
ovo Modelo do Universo
bem sucedida. Também é necessário compreender que a divisão de tipos, em si mesma,
é o resultado da "evolução", porque entre as pessoas mais primitivas os tipos são

divididos de maneira menos acentuada e completa, de modo que o tipo nitidamente
representado é uma espécie de caráter secundário.

Devemos agora tentar estabelecer o que pode ser o sexo superior e se existem
realmente formas que possam ser consideradas como pertencentes ao supra-sexo.
Mas não é uma tarefa fácil definir o supra-sexo. Para ser mais preciso, os dados
científicos de que dispomos não contém nenhum elemento para tal definição. E para ter
os dados que tratam dessa questão é necessário voltar às doutrinas esotéricas. Tudo que
é possível fazer, usando os dados correntes e acessíveis de modo geral, é determinar o
que não é supra-sexo, porque, embora o pensamento comum não contenha as noções de
infra-sexo e supra-sexo, a noção destes está muito próxima desse pensamento e, por
assim dizer, insinua-se continuamente por trás das concepções habituais. E muito
frequentemente, ao pensar nas funções sexuais, as pessoas as dividem, por exempio, em
manifestações puramente "animais" ou "físicas", que elas consideram como infra-sexo,
por assim dizer, e manifestações "espiritualizadas", que ocupam, para elas. o lugar de
supra-sexo; ou introduzem a idéia do "amor" em oposição à "sensação sexual" ou "instinto
sexual".
Em outras palavras, as idéias de infra-sexo e supra-sexo não estão tão longe do
nosso pensamento como poderia parecer de início. De fato, as pessoas sempre usam

essas idéias quando pensam sobre o sexo, mas com muita frequência as associam a
imagens e concepções completamente erradas.
Além do que, e isso é particularmente importante, cenas formas de infra-sexo são
muitas vezes consideradas como supra-sexo. Isso acontece porque as pessoas,
percebendo vagamente a diferença nas manifestações sexuais, mas na verdade
deparando apenas com o infra-sexo ao lado do sexo normal, entenderam a
degenerescência do sexo como a evolução deste.
Nesse caso, seguiram a linha da menor resistência, submetendo-se à influência do
infra-sexo. E tendo tomado este pelo supra-sexo, começaram a encarar o sexo normal do
ponto de vista do infra-sexo, como algo anômalo, impuro, que impede a salvação ou a
libertação do homem.
Só naquelas doutrinas esotéricas que não passaram por formas eclesiásticas e
escolásticas, e foram conservadas em seu sentido puro sob as camadas dessas formas, é
que se pode encontrar os traços da doutrina sobre o sexo dignos de atenção. Para
descobri-los é necessário reexaminar o que se encontra, sobre isto, nas doutrinas de
origem esotérica que conhecemos.
Do ponto de vista dessas doutrinas, o objetivo exterior do sexo, isto é, a continuação
da vida e também o aperfeiçoamento da raça pelo desenvolvimento dos caracteres
secundários, é encarado como mecanicamente garantido, e toda a atenção dessas [418]
doutrinas se volta para o objetivo oculto, isto é, a possibilidade de um renascimento, que,

ao contrário, não está absolutamente assegurado.

Voltando à idéia de transmutação no uso intencional da energia sexual para os fins

da evolução interior, deve-se notar que todos os sistemas que reconhecem a

transmutação e o papel do sexo nela podem se dividir em duas categorias.

Pertencem à primeira os sistemas que admitem a possibilidade da transmutação da

energia sexual nas condições da vida sexual normal e do dispêndio normal dessa energia.

Pertencem à segunda os sistemas que só admitem a possibilidade de transmutação

na condição de completa abstinência sexual e ascetismo.

ovo Modelo do Universo

Concordando ou não com as proposições fundamentais da própria teoria da

transmutação, os sistemas da segunda categoria, isto é, os que admitem a possibilidade

de transmutação apenas na condição de ascetismo, nos são historicamente mais

familiares e compreensíveis.

A razão disso está no fato de que as principais religiões da humanidade culta da

época mais recente, o Budismo e o Cristianismo, sustentavam e ainda sustentam esse

ponto de vista, isto é, de que a vida sexual é um impedimento à salvação do homem, ou,

de qualquer modo, algo que só pode ser admitido como uma triste necessidade, como

uma concessão à fraqueza do homem. O Judaísmo também está mais próximo desse

ponto de vista do que do oposto, e do mesmo modo o Islamismo, que afinal nada mais é

que o Judaísmo reformado, liberto apenas de um espírito de depressão e desânimo, mas

preservando quase toda a ética do Judaísmo e uma atitude um tanto desdenhosa em
relação ao sexo.
O Budismo, em sua essência, era uma ordem monástica, e os ensinamentos de
Gautama, o Buda, aram sempre endereçados aos monges e continham a exposição dos
princípios e regras do caminho mais curto para o Nirvana, como ele o compreendia. Só
mais tarde os leigos foram admitidos no Budismo, e apenas como discípulos que se
preparavam para ser monges. Foram criadas regras especiais para eles, representando
uma disciplina monástica atenuada. São os chamados "cinco preceitos", cuja aceitação
significa a adoção do Budismo. O sexo ainda é admitido aqui. O terceiro desses preceitos
diz: "Observo o preceito de me abster do intercurso sexual ilícito." Quer dizer que ainda
há certas formas consideradas lícitas.
Mas o grau seguinte do Budismo — oito preceitos — abrange uma renúncia
completa à vida sexual.
O preceito que se refere ao sexo diz: "Observo o preceito de me abster de intercurso
sexual."
Isto é, a palavra "ilícito" é omitida, ou, em outras palavras, todas as formas de vida
sexual, anormais e normais, são encaradas como ilícitas. Aqueles que aceitaram os oito
preceitos não vivem necessariamente em mosteiros, mas vivem como monges.
Desse modo, Buda e seus discípulos mais próximos consideravam ser a completa
abstinência a primeira condição da transmutação da energia sexual, cuja idéia devia ser

clara para eles.

Nesse sentido, o Cristianismo está muito perto do Budismo, e é muito possível que esse aspecto da doutrina cristã tenha se desenvolvido sob a influência dos pregadores budistas. Assinalei no começo o papel do apóstolo Paulo e a influência do Judaísmo na criação da idéia cristã de sexo. [419]

As seguintes palavras enigmáticas de Cristo continham uma grande significação para o estabelecimento da idéia cristã de sexo:

"Porque há eunucos que assim nasceram do ventre de sua mie, e há eunucos que foram feitos pelos homens, e há eunucos que a si mesmos se fizeram tais por amor do reino dos céus. Quem puder entender que entenda." (Mateus, 19:12.)

As passagens seguintes estão geralmente ligadas a essa:

"Se, pois, teu olho direito te escandaliza, ananca-o e atira-o para longe de ti, porque melhor é para ti que pereça um de teus membros, do que teu corpo todo seja lançado no inferno. E se tua mão direita te escandaliza, corta-a e atira-a para longe de ti, porque
ovo Modelo do Universo
melhor é para ti que pereça um de teus membros, do que teu corpo seja lançado no inferno." (Mateus, 5:29, 30.)

Essas passagens juntas oferecem elementos para muitas interpretações fantásticas, a começar pela condenação da vida sexual em geral como algo impuro por natureza, e

terminando com a doutrina dos castrados e a castração fanática voluntária para a
salvação da alma.
Essas passagens do Evangelho deram um enorme impulso ao infra-sexo na idéia de
luta contra o sexo normal.
O verdadeiro significado das palavras de Cristo citadas acima não pode ser
compreendido sem uma compreensão da idéia de supra-sexo, uma vez que Cristo falou
do supra-sexo.
Mas antes de passar ao exame do que podemos saber de supra-sexo, é necessário
estabelecer uma idéia correta de outras doutrinas sobre o sexo que existem ou existiram,
ao lado do Budismo e do Cristianismo, isto é, é necessário compreender que a idéia
budista-cristã do amor e do sexo não é de modo algum a única possível ou existente.
Há outras formas de entendimento religioso do sexo, em que este, longe de ser
condenado, é pelo contrário considerado como a expressão da divindade no homem e um
objeto de veneração.
Isso é visível até nas religiões da índia moderna, com suas séries de símbolos
fálicos nos templos, com as danças cerimoniais de um caráter erótico, e com as imagens
eróticas nos templos. Eu digo até nas religiões da índia moderna porque, nesse sentido,
elas são sem dúvida alguma degenerescentes e estão perdendo terreno cada vez mais
no que diz respeito à sua deificacão do sexo. Mas não há dúvida de que, ainda muito
recentemente, vários cultos consistiam inteiramente na adoração do sexo e suas

manifestações.

Essa idéia do sexo nos é totalmente alheia, incompreensível e estranha. Para nós

ela é "paganismo". Estamos acostumados demais com a idéia judeo-cristã ou budista.

Mas as religiões da Grécia e Roma e os cultos ainda mais antigos de Creta, da Ásia

e do Egito também deificavam o sexo, e suas doutrinas esotéricas e Mistérios viam o

caminho da transmutação não na oposição ao sexo, mas através dele. É impossível dizer

qual é o mais correto. Sabemos muito pouco da transmutação, de seus resultados

possíveis. Se há pessoas que a alcançam, justamente por esse motivo, deixam quase

imediatamente o nosso campo de visão e desaparecem para nós. Mas pode-se [420] dizer,

sem qualquer hesitação, que, se a transmutação é possível, só o é para o sexo normal.

Nenhuma das formas de infra-sexo pode evoluir. Só de uma semente sadia pode brotar

um rebento viçoso. Uma semente podre por dentro morre mas não nasce. Por mais

estranha que possa parecer à primeira vista, a idéia esotérica do duplo papel do sexo, e

também a idéia da transmutação, está muito mais próxima do pensamento científico do

que se poderia supor, isto é, mais próxima do pensamento científico moderno do que,

digamos, do do século XIX.

Um novo ramo da fisiologia científica, que já está em desenvolvimento como ciência

isolada e lançando uma luz inteiramente nova sobre as outras ciências, principalmente a

Psicologia, a saber, a endocrinologia, ou o estudo das glândulas de secreção interna,
promete muito no sentido do estudo e determinação das propriedades e causas das
várias funções do homem, entre as quais as funções sexuais e sua relação com as
demais funções.
O ponto de partida da doutrina das secreções internas foi o trabalho de Claude
ovo Modelo do Universo
Bernard sobre a função glicogênica (1848-57) e a descrição de Addison, em 1849, das
cápsulas supra-renais. Isso levou às experiências de Brown-Séquard, que introduziu, em
1891, a noção de "substâncias específicas" secretadas no sangue pelos vários órgãos, e
também o conceito de correlação humoral funcional. Foram propostas duas teorias para
explicar o mecanismo da correlação. A primeira era a dos "hormônios", cuja presença foi
determinada experimentalmente em 1902. A segunda era a que relacionava as secreções
endócrinas ao sistema nervoso autônomo. Foram levadas a cabo experiências, tanto
cirúrgicas como pela injeção de extratos de glândulas, nas supra-renais, tiróide,
paratiróide e outras glândulas, embora, nos últimos trinta anos, tenha-se concentrado a
atenção mais na glândula pituitária, que foi vista como guia do sistema endócrino. A
verdade é que muitos escritores enfatizam que as secreções internas controlam a
configuração do corpo e são as ativadoras da emoção. O aspecto psicológico da
endocrinologia, do ponto de vista da formação psicológica do indivíduo, apareceu mais

tarde. Deve-se notar que. atualmente, a opinião está dividida quanto a saber se a
endocrinologia deveria incluir todas as partes do corpo, considerando que todos os órgãos
lançam substâncias químicas no sangue e na linfa, ou se só deveria incluir as glândulas
de secreção interna juntamente com certas outras glândulas de secreção tanto interna
como externa.

No que se segue, a endocrinologia é entendida como o estudo das glândulas de
secreção interna (e também das glândulas de secreção interna e externa), isto é, como
uma parte de uma ciência mais ampla, a hormonologia, que estuda as secreções internas
de todos os órgãos.

Segundo os dados da endocrinologia, todas as características e funções físicas do
homem: crescimento, nutrição, estrutura do corpo, funcionamento dos diferentes órgãos,
e também toda a vida psíquica, intelectual e emocional, toda a constituição psíquica do
homem, sua atividade, energia, força — tudo depende das propriedades e do caráter da
atividade das glândulas de secreção interna, que produzem o poder de ação para o
trabalho dos órgãos, do sistema nervoso, do cérebro, *etc.*

Todas as características externas, tudo que podemos ver no homem, sua altura, a
estrutura do esqueleto, a qualidade da pele, olhos, orelha, cabelo, voz, respiração,
maneira de pensar, velocidade de percepção, caráter, emotividade, força de vontade,
energia, atividade, iniciativa — tudo isso depende da ação das glândulas de [421] secreção

interna e, por assim dizer, reflete o estado delas. A endocrinologia deu um passo enorme
no estudo do homem, um passo cuja verdadeira importância está, até agora, longe de ser
apreciada e compreendida.
A psicologia científica, cujo desenvolvimento chegou a uma completa parada nos fins
do século XIX, e que nas primeiras décadas do século XX não produziu um único trabalho
digno de atenção, começa a adquirir uma força nova e a rever todas as suas teorias do
ponto de vista das idéias da endocrinologia.
Nas obras de endocrinologia que já apareceram, há algumas tentativas interessantes
de interpretação do destino de personagens históricos do ponto de vista do estudo de seu
tipo endocrinológico, isto é, da combinação de suas secreções internas em diferentes
períodos de suas vidas.
Como exemplo dessas tentativas, devo me reportar a dois livros do D. Berman, de
Nova Iorque.
No primeiro. The Glands Regulating Personality, o Dr. Berman, tendo indicado os
princípios do estudo endocrinológico do homem que ele segue, toma como exemplo vários
personagens históricos, em relação aos quais existem dados mais ou menos definidos. O
primeiro é Napoleão, como é conhecido por seus retratos, pelas memórias de seus
médicos, e pelos dados da autópsia de seu corpo, feita na ilha de Santa Helena. Com
base nesses dados, o Dr. Bennan apresenta, por assim dizer, uma história endocrinológica
ovo Modelo do Universo

de Napoleão, quer dizer, explica, do seu ponto de vista, sob a influência de que glândulas
de secreção interna se passaram os diferentes períodos da vida de Napoleão. Desse
modo, o Dr. Berman explica todos os fracassos das últimas campanhas de Napoleão,
terminando com a catástrofe de Waterloo, pelo enfraquecimento das secreções da
glândula pituitária, que se tornou ainda mais acentuado na ilha de Santa Helena, e mudou
completamente sua personalidade.
Posteriormente, o Dr. Berman toma como exemplo Nietzsche, Charles Darwin, Oscar
Wilde, Florence Nightingale e outros.
No segundo livro, The Personal Equation, examina tipos que resultam da
predominância de uma glândula ou de outra, e considera o homem uma marionete
controlada pelas secreções glandulares.
Os livros do Dr. Berman não podem ser chamados científicos. São mais exatamente
fantasias sobre temas endocrinológicos. Mas as fantasias dele chegam muito perto dos
fatos reais, com que a Filosofia ainda não sonhou. De um ponto de vista estritamente
científico, pode-se refutar ou considerar não provadas quase todas as conclusões
isoladas do Dr. Berman. E é inteiramente possível que cada conclusão isolada dele venha
a ser refutada, mais cedo ou mais tarde. Mas o que não será refutado, mas pelo contrário
será determinado e comprovado, são os princípios em que se baseiam seus raciocínios.
Esses princípios permanecerão e constituirão a base para uma nova compreensão do

homem, isto é, nova para o pensamento moderno, mas na verdade aproximando-se cada
vez mais do esotérico.
Em relação com o problema do infra-sexo e do supra-sexo, o que é particularmente
interessante é o significado e o papel da secreção interna das glândulas sexuais, e o efeito
dessa secreção em todas as funções do homem e também nas outras secreções.
Como foi estabelecido pela Fisiologia, antes do aparecimento da endocrinologia como
ciência separada, as glândulas sexuais são, ao mesmo tempo, de secreção externa e
interna; e a secreção interna delas é o fator principal na criação e regulação do [422]
desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários. A tal ponto isso é verdade que, no
caso de dano das glândulas sexuais ou de castração, em que a secreção interna cessa
ou é prejudicada, os caracteres secundários desaparecem ou se modificam, e o homem
se torna um tipo degenerado de infra-sexo.
Desse modo, a ciência moderna não só admite o duplo papel do sexo, mas baseia
muita coisa nele, reconhecendo na secreção interna das glândulas sexuais o faior
necessário para o funcionamento correto de todo o organismo, e na mudança ou
enfraquecimento dessa secreção, a causa do debilitamento e deterioração de todas as
outras funções.
A secreção interna das glândulas sexuais é a transmutação já reconhecida pela
ciência. A vida normal do organismo e a conservação dos caracteres secundários

dependem dessa transmutação. Cada debilitação dos caracteres secundários indica a
debilitação da transmutação; um enfraquecimento considerável ou a cessação da
transmutação produz o infra-sexo. A idéia esotérica só difere da idéia científica moderna
quando admite a possibilidade de a transmutação aumentar e chegar a um grau de
intensidade totalmente incompreensível e desconhecido, que cria um novo tipo de
homem.
Se esse novo tipo de homem pertence ao supra-sexo, nesse caso o que significa o
supra-sexo?
As tentativas do estudo endocrinológico de personagens históricos, bem como as
investigações clínicas, estabelecem muito claramente os casos do infra-sexo, sua origem,
causas e efeitos. Mas não dizem nada a respeito do supra-sexo.
Onde pois se pode procurar os dados para avaliar o supra-sexo?
ovo Modelo do Universo
No horizonte de nossa história vemos duas figuras super-humanas — Gautama
Buda e Cristo. Quer os tomemos como homens reais que de fato existiram, quer como
mitos, como criações da fantasia popular ou do pensamento esotérico, encontramos
traços comuns neles.
A história da vida de Gautama Buda nos conta que, em sua juventude, o príncipe
Gautama estava cercado por uma corte brilhante, cheia de belas jovens, que ele se casou
e teve um filho. Abandonou tudo isso quando se retirou para o deserto, e na sua vida

posterior o sexo não teve lugar. Exceto por algumas lendas apócrifas, a história não
conservou para nós nenhuma descrição de tentações ou luta relacionadas com o sexo.
Desse ponto de vista, Jesus e' ainda mais definido. Não sabemos nada de sua vida
sexual. Tanto quanto sabemos, não houve nenhuma mulher em sua vida. Mesmo na
tentação no deserto, o demônio não tenta seduzi-lo com uma mulher; mostra-lhe os reinos
do mundo em toda a sua glória, promete um milagre, mas não oferece amor.
Evidentemente, pelo traçado, pela idéia do autor que criou o drama de Cristo, este já
estava além dessas tentações e dessas possibilidades.
Podemos agora nos perguntar se Cristo e Buda não foram homens de supra-sexo.
Não há nenhuma base que nos permita classificá-los como pertencentes ao infra-sexo. E,
ao mesmo tempo, ambos diferemincontestavelmente do homem comum.
Infelizmente, não temos nenhuma informação a respeito da estrutura do corpo de
Jesus e de seus caracteres externos. Todas as representações que os primeiros séculos
nos dão dele são totalmente arbitrárias. [423]
Mas, com relação ao Buda, a situação é diferente, porque existe uma descrição
muito exata e detalhada da estrutura de seu corpo e de todos os seus traços e caracteres
externos.
Refiro-me aos chamados "trinta e dois sinais da budidade" e aos "oitenta sinais
menores".
Em relação a esses sinais, existe uma lenda que foi parcialmente adotada pelos

autores dos Evangelhos com referência a Cristo. (100)) Quando Buda nasceu, Asita, o velho
eremita, desceu do Himalaia para Kapilavastu. Quando entrou no palácio, ofereceu
sacrifício e Argha aos pés do bebé. Então Asita deu três voltas em torno da criança,
tomou-a nos braços e "leu" em seu corpo os trinta e dois sinais da budidade e os oitenta
sinais menores, que eram visíveis à sua visão interior.

Os modernos budologistas, baseados em pesquisas filológicas e históricas,
consideram os "trinta e dois sinais" uma invenção posterior. E por certo não pode haver
dúvida de que os "trinta e dois sinais" contêm muita coisa convencional, muita mitologia,
muita alegoria ingênua, e muita coisa que foi corrompida pela transmissão oral, pela
transcrição e pela tradução.

Mas, a despeito de tudo isso, seria de enorme interesse um estudo endocrinológico
dos trinta e dois sinais de Buda, e não é impossível que ele levantasse para nós o véu
que encobre o enigma do supra-sexo.

Há diversas variantes da lista dos "trinta e dois sinais da budidade", ou dos "trinta e
dois sinais de perfeição", assim como dos "oitenta sinais menores". Em todos os casos, a
tradução é muito duvidosa e há muitas interpretações diferentes dos diversos sinais. (101)

Apresentarei aqui apenas a variante aceita na literatura budista popular moderna.

Muitos "sinais" perderam completamente seu significado e importância nas transcrições,
traduções e interpretações. Mas penso que uma análise, primeiramente filológica e depois

100 Ver Capítulo IV, pág. 130.

101 The Thirty-Two Signs of Buddahood. "Jatakamala", de M. M. Higgins, Colombo (1914).

The Thirty-Two Lakshana, Suddharma Pundarika. Le Lotus de Ia Bonne Loi (págs. 553-630), Burnouf.

The Thiny-Two Signs of Perfection. Dharma Samgraha (pág. 53), Kinjiu Kasawara e Prof. Max Müller.

ovo Modelo do Universo

psicológica, das variantes mais confiáveis, pode fornecer textos cujo estudo

endocrinológico pode revelar muita coisa nova e inesperada.

OS TRINTA E DOIS SINAIS DA BUDIDADE

1. Uma cabeça e fronte bem formadas.
2. O cabelo é azul escuro e brilhante.
3. A fronte é larga e reta.
4. Tem um cabelo entre as duas sobrancelhas, voltado para a direita; ele é branco

como a neve.

5. Os cílios são semelhantes aos de um bezerro recém-nascido.
6. Tem olhos azuis escuros brilhantes.
7. Tem quarenta dentes, todos uniformes.
8. Os dentes são unidos. [424]
9. Os dentes são branco puro.
10. Sua voz é como a de Maha-Brahma.
11. Ele tem gosto requintado.
12. Sua língua é macia e longa.
13. Seus maxilares são como os de um leão.
14. Os ombros e os braços são belamente torneados.
15. Sete partes do corpo são redondas e cheias.
16. O espaço entre os ombros é bem dilatado.
17. Sua pele tem uma cor dourada.
18. Seus braços são longos, de modo que quando ele está de pé sem se curvar,

suas mãos podem tocar os joelhos.
19. A parte superior do seu corpo é como a de um leão.
20. Seu corpo é reto como o de Maha-Brahma.
21. De cada bolsa de cabelo cresce um único cabelo.
22. Esses cabelos se inclinam para a direita, no alto.
23. Os órgãos do sexo estão naturalmente ocultos.
24. As barrigas de suas pernas são cheias e roliças.
25. Suas pernas são como as de um cervo.
26. Seus dedos e artelhos são delgados e de comprimento igual.
27. Seus calcanhares são longos.
28. O dorso de seu pé é alto.
29. Os pés e mãos são delicados e longos.
30. Os dedos das mãos e dos pés estão cobertos de uma epiderme.
31. Seus pés são planos e ele fica em pé com firmeza.
32. Debaixo das solas de seus pés aparecem duas rodas brilhantes com mil raios.

ovo Modelo do Universo

Do ponto de vista das teorias endocrinológicas, que deduções se pode tirar de um
estudo dos trinta e dois sinais de budidade? E se pode tirar alguma dedução? Julgo que
este é um assunto para especialistas. Uma coisa, porém, está fora de dúvida: é que se
tomamos os trinta e dois sinais como uma descrição real de um homem vivo, seremos
forçados a dizer que tais homens não existem. Buda combina em si mesmo traços
contraditórios. Ele tem feições que parecem indicar "feminilidade", outros "infantilismo", e,
lado a lado com essas, há outras que indicam um desenvolvimento excepcionalmente
acentuado do tipo masculino. De modo geral, os caracteres secundários de Buda estão

misturados, e eles não são encontrados na vida em tais combinações. Buda é um
estranho e novo tipo de homem. E como já pode ser considerado como estabelecido que
todos os traços e caracteres externos dependem, de uma ou outra forma, do
desenvolvimento das glândulas de secreção interna, o quadro do desenvolvimento das
secreções internas de Buda deve ser algo inteiramente improvável e novo. Além disso, a
secreção interna das glândulas sexuais, em seu caso, parece não estar enfraquecida
(como devia estar, a julgar por diversos caracteres), mas. pelo contrário, intensificada a
um grau extremo.
Se isso for transmutação, se for supra-sexo, não indicará o rumo que deverá tomar o
nosso pensamento ao tentar compreender o enigma da evolução do homem? E não
significará que, no processo da evolução, a energia sexual, por assim dizer, se volta para
o interior do organismo e cria nele uma nova vida, capaz de uma regeneração sempre
nova, eterna? [425]
Se esse é o caminho da transmutação (evolução) do homem, quer dizer que o
homem é um tipo biológico estranho, cujo período sexual, o da procriação, faz parte da
fase inferior (ou média) da transformação. Se imaginarmos uma borboleta cuja função de
procriação, em lugar de pertencer a ela, pertencesse à lagarta, então a borboleta em
relação à lagarta seria supra-sexo. Quer dizer que a função de procriação, e por
conseguinte a função sexual, seria desnecessária na borboleta e cessaria de atuar. Este

seria o esquema biológico dos estágios do homem em evolução. É possível isso? É
provável? Essas perguntas não podem ser respondidas com os dados disponíveis
atualmente.
Mas a imagem psicológica de como o homem se aproxima do supra-sexo está um
pouco mais clara para nós. Há na vida emoções e sensações estranhas, inexplicáveis de
um ponto de vista comum, e no amor e em todas as sensações sexuais há uma
melancolia e uma tristeza estranhas. Quanto mais um homem sente, mais forte é nele
essa sensação de adeus, de partida.
Essa sensação de partida surge do fato de que num homem (ou mulher) de
sentimento forte, as sensações sexuais despertam alguns novos estados de consciência,
algumas novas emoções. E essas novas emoções mudam as emoções sexuais, fazem—
nas se enfraquecer e desaparecer.
Nisso está o segredo da profunda melancolia das sensações sexuais mais intensas;
há um certo sabor outonal nelas, o sabor de algo que deve passar, morrer, ceder o lugar a
outra coisa.
Essa "outra coisa" é a nova consciência, para cuja definição e descrição não há
palavras, mas de que, de tudo que conhecemos, só as sensações sexuais se aproximam.
Os estados místicos possíveis ao homem mostram uma relação muito estranha
entre as experiências místicas e as sexuais.
As sensações místicas têm, indubitável e incontestavelmente, um sabor de sexo.

Mais exatamente, de todas as experiências humanas comuns, só as sensações sexuais
se aproximam das que podemos chamar "místicas".
De tudo que conhecemos na vida, só no amor há um sabor do místico, de êxtase.
ovo Modelo do Universo
Nada mais em nossa vida nos leva tão perto do limite das possibilidades humanas, além
do qual começa o desconhecido. E nisso reside, sem dúvida, a causa principal do terrível
poder do sexo sobre as almas humanas.
Mas, ao mesmo tempo, as sensações sexuais desaparecem à luz das experiências
místicas.
As primeiras sensações das experiências místicas intensificam as sensações
sexuais, mas as ondas posteriores da luz que o homem começa a ver absorvem
completamente e fazem desaparecer aquelas pequenas chispas de sensações que antes
lhe pareciam uma chama de amor e paixão.
Em consequência, no verdadeiro misticismo não há nenhum sacrifício do
sentimento. As sensações místicas são da mesma categoria das sensações do amor, só
que infinitamente mais elevadas e mais complexas. O amor e o "sexo" nada mais são que
uma antecipação das sensações místicas. É claro que a antecipação deve desaparecer
quando chegar o que foi antecipado. Mas é igualmente claro que a luta contra a
antecipação, o sacrifício, o abandono dela não pode aproximar ou acelerar nada.
Se a luta contra o sexo normal é necessária para alcançar o supra-sexo, ou se, pelo

contrário, este pode ser alcançado nas condições de um funcionamento normal do sexo, é
um ponto sobre o qual as idéias dos sistemas esotéricos, como foi mostrado [426] antes,
diferem muito acentuadamente. E como é essencialmente impossível qualquer
contradição entre sistemas de origem esotérica, essa diferença só pode ter um único
significado. É que há tipos de pessoas para as quais só é possível alcançar o supra-sexo
através da luta contra o sexo, porque seu sexo não está suficientemente coordenado com
as outras funções e não evolui por si mesmo; e há outros tipos para os quais é possível
alcançar o supra-sexo sem a luta contra o sexo, porque este se transformou pouco a
pouco, em concordância com a transformação das outras funções.
O conhecimento comum não tem dados suficientes para determinar o curso dessa
transformação, nem a natureza essencial do supra-sexo. E somente um estudo
inteiramente novo do homem, iniciado e conduzido com a condição de que se abandonem
todas as teorias e princípios petrificados, pode descobrir os caminhos para a
compreensão da verdadeira evolução.
1912 - 1929
[427]
ovo Modelo do Universo

Leia também

O QUARTO CAMINHO

P. D. Ouspensky

O quarto caminho é o mais amplo relato, até hoje publicado, das idéias ensinadas
por P. D. Ouspensky.
Grande parte dos ensinamentos de Ouspensky não foi registrada, a não ser na
memória dos que o ouviram. Entretanto, em muitos dos grupos de Ouspensky, suas
preleções foram gravadas e, na década depois de sua morte, ocorrida em 1947, alguns
de seus discípulos estudaram a transcrição dessas gravações, das quais foram
organizadas, palavra por palavra, sínteses adequadas para publicação. O quarto caminho
é o resultado desse trabalho. (Cerca de 10000 páginas dessas transcrições encontram-se
atualmente no Departamento de Arquivos e Manuscritos da Biblioteca da Universidade de
Yale, à disposição das gerações vindouras.)
Um dos discípulos de Ouspensky, que estava presente tanto no primeiro encontro
em Londres, em novembro de 1921, como no último, em julho de 1947, disse, uns trinta
anos depois: "Esse era um método pelo qual certas verdades essenciais eram formuladas
e divulgadas, de tal modo que o seu real entendimento pudesse ser reconstituído por
outros muito mais tarde. Todos tivemos uma pequena cota nesse processo. Talvez isso
fosse tudo o que pretendêssemos: ser 'parte integrante' na construção de algo cujo futuro
e finalidade não chegaremos a ver."

Editora Pensamento
Rua Dr. Mário Vicente, 374
04270 São Paulo, SP

Livraria Pensamento
Rua Dr. Rodrigo Silva, 87
01501 São Paulo, SP
Fone 36-3722

Gráfica Pensamento
Rua Domingos Paiva, 60
03043 São Paulo, SP
[429]
ovo Modelo do Universo

O autor, P. D. Ouspensky (1878-1947), nasceu em Moscou. Seus livros Tertium Organum, escrito em 1912, e Um novo modelo do Universo, escrito em 1914, revelam sua estatura como pensador e sua grande preocupação com os problemas relacionados com a vida humana. Espírito inquieto e profundo estudioso dos sistemas filosóficos ocultos e modernos, imbuído das disciplinas e do pensamento científico do século XX, reúne qualidades excepcionais que respaldam sua autoridade para expor os transcendentes conceitos que desenvolve em sua obra.

Outras obras do autor:
FRAGMENTOS DE UM ENSINAMENTO DESCONHECIDO
PSICOLOGIA DA EVOLUÇÃO POSSÍVEL AO HOMEM
O QUARTO CAMINHO
UM NOVO MODELO DO UNIVERSO
TERTIUM ORGANUM